

MASCULINIDADES NEGRAS E MERCADO DE TRABALHO NO RIO DE JANEIRO

Isadora Sales

Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres

Lisboa, Portugal

Julho de 2020

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos sobre as Mulheres, realizada sob a orientação científica de Professora Doutora Zília Osório de Castro e Professor Doutor Daniel Matias.

DECLARAÇÃO

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

(Isadora Sales Freitas Laé)

Lisboa, de de

Dedicado à Dona Niva

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação não seria possível sem a colaboração dos dez homens que se dispuseram a me contar suas histórias, sonhos, dores, percursos e vitórias. Por isso, em primeiro lugar, gostaria de agradecer a eles – as vozes desse trabalho – pela confiança e responsabilidade que me depositaram. Me deparei com pessoas incríveis, corajosas e sensíveis que me enriqueceram para muito além da pesquisa. Muito obrigada!

Em seguida é preciso agradecer aos meus orientadores, Prof. Doutora Zília Osório de Castro e Prof. Doutor Daniel Matias. Mais do que realizar a função de bússola acadêmica, foram verdadeiros motivadores nesses tempos difíceis de pandemia. Palavras são poucas para agradecer tamanho empenho, dedicação e incentivo à minha melhor versão – modestamente, não poderia ter escolhido melhores professores para embarcar comigo nessa jornada.

Gostaria de agradecer também aos meus pais, ao meu irmão e ao meu marido, por todo apoio, confiança e amor. Vocês fizeram do percurso mais leve e me inspiram a ser uma pessoa melhor todos os dias. Obrigada!

Por último e não menos importante, meu muito obrigada ao meu grande amigo Fernando Carvalho, a grande inspiração desse trabalho.

MASCULINIDADES NEGRAS E MERCADO DE TRABALHO NO RIO DE JANEIRO

Isadora Sales

RESUMO

Assim como em outras geografias, no Brasil as pessoas negras estão mais sujeitas ao desemprego e são as que por mais tempo permanecem nessa situação. Quando possuem trabalho, geralmente ocupam os postos de menor qualidade, status e remuneração. Sendo através do trabalho que o ser humano atinge dignidade e capacidade de sustentar a si e à sua família, é primordial que atenção especial seja despendida nesta área. Além disso, o “ser provedor” é uma das principais formas de expressão de masculinidade da sociedade capitalista. Se os homens negros encontram dificuldades para atingir esse ideal de masculinidade, se faz necessário refletir sobre os impactos que tais entraves possuem na vida e nas expressões de masculinidades destes homens. Sendo assim, este trabalho tratou de investigar quais são as maiores dificuldades que os homens negros encontram no mercado de trabalho do Rio de Janeiro e de que forma eles se relacionam com o labor, assim como com o papel de provedor. Concluiu-se que nem todos os homens negros absorvem os ideais da masculinidade hegemônica patriarcal capitalista e que muitos deles estão ressignificando o que é “ser homem”.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades Negras; Mercado de Trabalho; Homens Negros; Provedor; Rio de Janeiro.

BLACK MASCULINITIES AND THE LABOUR MARKET IN RIO DE JANEIRO

Isadora Sales

ABSTRACT

In Brazil, as in many other nations, black people are more likely to be unemployed and are the ones that stay unemployed the longest. When employed, they usually hold less coveted positions, of lower status and salaries. Since it is through work that human beings achieve dignity and the capacity to sustain themselves and their families, it is crucial that special attention be given to this area. Furthermore, the "breadwinner" is one of the main forms of expressing masculinity in capitalist societies. If black men struggle to achieve this ideal of masculinity, it is necessary to reflect upon the impacts such hurdles have in the lives and expressions of masculinity of these men. With that in mind, this work attempts to investigate the main difficulties black men come across in the job market in Rio de Janeiro, as well as how they relate to labour and the role of breadwinner. We then conclude that not all black men internalize the ideals of hegemonic masculinity and that many of them reframe what it means to "be a man".

KEYWORDS: Black Masculinities; Job Market; Black Men; Breadwinner; Rio de Janeiro.

ÍNDICE

Introdução.....	1
1. Feminismos e Interseccionalidade.....	6
2. Masculinidades hegemônicas e marginalizadas	12
2.1 <i>Raça e Racismo</i>	15
2.2 <i>A construção histórica do racismo no Brasil</i>	18
3. O racismo no mercado de trabalho brasileiro	25
3.1 <i>Igualdade formal x Igualdade material</i>	29
3.2 <i>Masculinidades negras e mercado de trabalho</i>	31
4. Questões epistêmicas	35
5. Visões sobre o homem negro e o mercado de trabalho	41
5.1 <i>Estereótipos</i>	41
5.2 <i>Saiba o seu lugar – a dificuldade da ascensão social</i>	46
5.3 <i>Isso não é para mim – a internalização do discurso social</i>	48
5.4 <i>Desvantagens raciais e discriminação</i>	51
5.5 <i>Breadwinner</i>	57
5.6 <i>A relação com o trabalho</i>	61
Conclusão	70
Bibliografia	75
Anexo A – Termo de Consentimento Informado (Entrevista Semiestruturada)	84
Anexo B - Guião de Entrevista	85
Anexo C – Transcrição das Entrevistas.....	87

Introdução

No mundo ocidental, onde a maior parte do conhecimento ainda é produzido por, sobre, e para homens brancos, um curso intitulado “Estudos sobre as Mulheres” não tem como fugir do seu caráter inerentemente político. Por que, então, num local reservado para, finalmente, discutir obras e vidas de mulheres, assim como entender as opressões que sofremos e pensar em modos para desafiar o patriarcado, utilizo o espaço para falar, mais uma vez, sobre homens? Qual seria a minha intenção ao discutir os problemas do Brasil, na Europa? E mais do que isso, por que discutir sobre uma raça¹ da qual não pertenço?

Sobre estudar os homens num curso de Estudos sobre as Mulheres, concordo com Natalie Davis, que em 1976, já defendia que deveríamos nos interessar tanto pela história dos homens como das mulheres, já que estas categorias são relacionais e definidas em termos recíprocos. Continua ela: “não deveríamos tratar somente do sexo sujeitoado, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses” (Davis, 1976, p. 90). Sendo assim, estudar sobre as mulheres não pode ser reduzido a falar apenas sobre as mulheres. O que proponho nesse trabalho é a adoção de uma perspectiva macro, sobre um grupo de homens específico que compõe a delicada sinfonia social observada no Brasil – e que, obviamente, afeta, também, as mulheres.

Por outro lado, procuro demonstrar nesse trabalho como o sistema patriarcal branco, heterossexual e burguês atinge e prejudica – ainda que em níveis e de modos diferentes – não só as mulheres, mas todos aqueles que não correspondem à fórmula hegemônica. No Brasil, os homens negros representam o grupo com menor escolaridade², maior população carcerária³ e

¹ O termo “raça” é melhor abordado no capítulo 3.

² 4 em cada 10 jovens negros não terminaram o ensino médio. Folha de S. Paulo. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/09/4-em-cada-10-jovens-negros-nao-terminaram-o-ensino-medio.shtml>>.

³ Negros representam dois terços da população carcerária brasileira. R7. 2017. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/negros-representam-dois-tercos-da-populacao-carceraria-brasileira-08122017>>.

menor expectativa de vida⁴. Dentre as causas de morte dos homens negros, destacam-se os óbitos por uso excessivo de álcool e outras drogas, doenças infecciosas e parasitárias como tuberculose e HIV, e causas externas como homicídio (Batista, 2005). Até mesmo o Covid-19 escancara o abismo racial existente no país: depois de internados, negros possuem mais chance de morrer do que brancos⁵.

É comum que essa desigualdade seja colocada inteiramente na conta da herança da escravidão. Já que a população negra se encontra super-representada nas classes mais baixas, o que se diz é que estão mais expostos à pobreza, e por isso morreriam mais. É importante notar, contudo, que mesmo desconsiderando todos os fatores econômicos e sociais, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) concluiu que homens negros possuem 23,5% mais chances de serem assassinados do que os homens brancos na cidade do Rio de Janeiro⁶.

O mesmo acontece no mercado de trabalho, onde, comparados com os homens brancos e com as mulheres brancas, aos homens negros são reservados os menores salários, as piores funções e as atividades menos qualificadas⁷ - só estando em vantagem quando comparados com as mulheres negras⁸. Da mesma forma, já tendo sido consolidado o fato de que boa parte da desigualdade racial se refere à origem social dos negros, não podemos ignorar a desigualdade diretamente associada à raça, indicando práticas persistentes de discriminação racial (Rocha, 2015): mais uma vez, mesmo isolando aspectos socioeconômicos como educação e origem social, negros continuam enfrentando mais dificuldade para ascender socialmente do que brancos.

⁴ Uma chance de envelhecer – os desafios para garantir longevidade à população negra. Metrôpoles. 2019. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/materias-especiais/populacao-negra-enfrenta-desafios-para-garantir-longevidade>>.

⁵ Covid-19: Depois de internados, negros têm mais chance de morrer do que brancos. Ponte. 2020. Disponível em: <<https://ponte.org/covid-19-depois-de-internados-negros-tem-mais-chance-de-morrer-do-que-brancos/>>.

⁶ Ipea: negros têm mais chances de serem assassinados no Rio do que brancos. Agência Brasil. 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-11/ipea-negros-tem-mais-chances-de-serem-assassinados-no-rio-do-que>>.

⁷ Estudo mostra desigualdade de gênero e raça em 20 anos. Ipea. 2017. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526>.

⁸ Mulheres negras recebem menos da metade do salário dos homens brancos no Brasil. El País. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/12/politica/1573581512_623918.html>.

Com esse panorama, sustento a tese de que, num curso de Estudos sobre as Mulheres, que se propõe a criticar o patriarcado e desafiar o *status quo*, trazer debates sobre a posição do homem na sociedade – seja o hegemônico, seja o marginalizado – se faz urgente e imprescindível. Afinal, se o feminismo, como afirma hooks (2000), é um movimento para erradicar a opressão, ele também diz respeito aos homens negros.

Desta forma, importa comentar algo de uma experiência própria. Comecei a me interessar pelas questões raciais depois de chegar à Europa e começar a sofrer xenofobia dos portugueses. Eu, brasileira-lida-como-branca-no Brasil, tendo me entendido a vida inteira como universal, de repente me vi confrontada com a diferença. Quando eu abria a boca para falar, meu sotaque era percebido, e, de repente, meu corpo, que era permitido nos espaços devido ao meu tom de pele, passava a não ser mais tão bem-vindo quando percebiam que eu falava “brasileiro”. Eu era branca, mas periférica. E sendo periférica, mas branca, eu tinha para onde voltar – meus privilégios continuavam intactos no Brasil. Mas e quando se é negro?

Trazer o debate racial para Portugal, país ao qual os brasileiros costumam culpar por todas as heranças malquistas do país, também é político. Perto de completar 200 anos de independência, fica cada vez mais difícil culpar os colonizadores por todos os males que acometem o país. Entretanto, acredito não ser um gesto sem consequências o ato de debater, em plena academia portuguesa, os problemas e vivências dos descendentes dos homens levados sob correntes para o Brasil pelos “grandes conquistadores”.

Acreditar na importância do tema do meu trabalho, contudo, não fez com que tenha sido fácil escrevê-lo. Não vou mentir e dizer que não pensei em desistir. Que não me questionei. Que não me questionaram. Lembro de uma vez em que eu estava num grupo de encontro antirracista que acontecia em Lisboa, quando me perguntaram qual era o motivo de eu estar ali. Disse que eu me interessava muito pelas questões raciais e pela luta antirracista, e que além disso estava a desenvolver uma dissertação de mestrado sobre as masculinidades negras e o mercado de trabalho. Foi então que uma das integrantes do grupo disparou: “Com qual autoridade você se permite abordar este tema? E mais: por que resolveu escrever sobre ele? Por que está na moda?”

Duvidei que conseguiria escrever sobre um gênero e uma “raça” da qual não fazia parte. Me perguntei se eu estaria contribuindo para silenciar e objetificar os sujeitos que eu tinha me disposto a estudar. Se eu iria ofender alguém. Pesquisei incansavelmente sobre lugar de fala. Afinal, eu estava ou não estava autorizada a escrever uma dissertação sobre os homens negros?

Foi quando me deparei com alguns autores que acredito terem sido fundamentais para que eu decidisse prosseguir com o meu tema, dentre eles Robin Diangelo (2018) com seu importantíssimo livro *White fragility: Why it's so hard for white people to talk about racism?* e Lia Vainer Schucman (2012) e sua tese de doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. As duas autoras, brancas, refletem em suas obras sobre as consequências e privilégios de pertencerem ao grupo racial opressor, assim como os papéis que lhes cabem na luta antirracista.

Eu não compactuo com a ideia de que o antirracismo seja uma luta de pessoas negras e o feminismo uma luta de mulheres. Isso não significa, entretanto, que eu queira ser protagonista de uma luta identitária da qual não pertenço. Ou especialista. Não quero. E nem poderia. Eu *não sei* o que é sofrer racismo. Eu não deixo de receber os privilégios da branquitude porque me posiciono contra esse sistema racista. O que posso fazer, aprendi, é admitir meus privilégios de pessoa lida-enquanto-branca na sociedade brasileira, saber do lugar de onde falo e produzo conhecimento, abrir espaço para que as pessoas negras falem – e escutá-las. Neste trabalho, meu objetivo não é falar *pelos* homens negros, mas utilizar do meu privilégio de poder frequentar o espaço elitizado da academia para contribuir para que estes homens sejam ouvidos.

Investigar como as dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho afetam as masculinidades dos homens negros é o que essa pesquisa se propõe a realizar. Acredito que o meu trabalho seja inovador quando se propõe a investigar os sujeitos reais por trás dos números do racismo no mundo laboral, ouvindo seus percursos e vitórias, analisando suas expectativas, expressões e renegociações de masculinidades. Trabalhos muito pertinentes são produzidos no Brasil sobre a identidade dos homens negros (Pinho, 2004), o perfil da discriminação no mercado de trabalho (Soares, 2000) e o negro no mundo dos ricos (Rocha, 2015). Entretanto, pouco foi investigado sobre como as dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho e as expectativas do “ser provedor” afetam as masculinidades destes homens no país. Espero que esta dissertação possa contribuir nesse sentido.

Início essa dissertação tratando, no primeiro capítulo, do conceito de gênero e sua característica relacional. Esclareço que o feminismo não é um movimento anti-homem e demonstro como os homens também sofrem devido ao patriarcado. Demonstro, em seguida, a

importância do conceito de interseccionalidade para a compreensão das várias formas de subordinação atreladas à raça e ao gênero.

No segundo capítulo entro no mundo dos estudos das masculinidades, trazendo a teoria da socióloga Raewyn Connell sobre a masculinidade hegemônica; caracterizo raça e racismo e trato das construções acerca das masculinidades negras no Brasil.

No terceiro e último capítulo teórico abordo o racismo no mercado de trabalho brasileiro. Demonstro como se deu a integração do negro no mercado de trabalho pós-abolição, apresento um retrato atual do mercado sob a ótica das desigualdades raciais e exponho a diferença entre igualdade formal e igualdade material. Por último, faço a relação das masculinidades negras com o mercado de trabalho, assim como apresento os principais trabalhos que tratam do tema no país.

O quarto capítulo é destinado à metodologia utilizada neste trabalho.

Já o último capítulo apresenta as visões sobre o homem negro e o mercado de trabalho, baseadas nas entrevistas que realizei para a confecção desta dissertação.

Concluo o presente estudo com uma reflexão que, para além de abordar os avanços providenciados pelo mesmo e as suas limitações inerentes, procura veicular como a teoria feminista permite a elaboração necessária sobre como traduzir com respeito as experiências dos participantes; igualmente, lanço hipóteses para estudos futuros, numa área do conhecimento em franca, e necessária, expansão.

1. Feminismos e Interseccionalidade

A desigualdade entre homens e mulheres é uma característica comum à quase todas as sociedades, e, por muito tempo, foi assumida enquanto algo natural, que derivaria das diferenças biológicas⁹ nos corpos dos dois sexos e explicaria, por conseguinte, a dominação de um perante a submissão do outro (Beauvoir, 2015 [1949]; Connell, 2005).

O fato de as características biológicas se encontrarem no âmago da discussão sobre as diferenças entre homens e mulheres e no estabelecimento de limites e expectativas sociais e culturais tem sido, entretanto, contestado ao nível das premissas apresentadas. Além de as pesquisas serem refutadas¹⁰, e a suposta “neutralidade” dos pesquisadores questionada¹¹, este tipo de tese biológica exigiria “forte determinação biológica das diferenças de grupo em comportamentos sociais complexos” (Connell, 2005, p. 47, tradução livre). Não há evidências de forte determinação biológica neste sentido, tornando esta tese, consequentemente, insustentável.

Outras explicações foram necessárias, então, para compreender a desvantagem das mulheres na sociedade. Simone de Beauvoir (2015 [1949]) com a sua icônica frase de que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p. 13) argumentou que não eram particularidades psíquicas ou orgânicas que definiam a forma que a fêmea humana assumia no seio da sociedade, mas que o produto mulher era elaborado por um conjunto civilizatório. Como afirma Lorber (2007), “Individuals are born sexed but not gendered, and they have to be taught to be masculine or feminine” (p. 4). Desta forma, a autora argumenta que “there is no essential femaleness or

⁹ Os discursos que tentam validar esta dominação são diversos e derivam de instituições variadas: a ciência biológica, as ciências sociais, a religião e a mídia são algumas das entidades que procuram desenvolver teorias sobre as diferenças entre homens e mulheres. Destes, o discurso da biologia tende a ser o mais valorizado – pesquisas sobre as diferenças nos corpos, comportamentos, cérebros, hormônios e códigos genéticos dos dois sexos são frequentemente invocados para demonstrar como os homens são mais razoáveis, inteligentes e assertivos, enquanto as mulheres são sensíveis, emotivas e possuem um dom natural para o cuidado e para as tarefas domésticas. Como exemplos temos a teoria de que o cérebro feminino seria programado para a empatia e solidariedade, enquanto o masculino teria mais habilidade para desenvolver sistemas de carros e computadores (Baron-Cohen (2002); ou ainda, em pleno século XXI, a teoria de que os homens possuiriam cérebro maior, o que significaria que seriam mais inteligentes do que as mulheres (Linden, Dunkel e Madison, 2017)).

¹⁰ Ver, por exemplo, Rippon (2019), neurocientista, que demonstra como não há constatações conclusivas em pesquisas sobre as diferenças nos cérebros de homens e mulheres.

¹¹ Rippon (2019) aponta ainda o “neurosexismo” destas pesquisas; Connell (2005) argumenta que uma ciência produzida apenas por homens durante séculos conteria vieses tanto nas escolhas dos objetos de estudo como nas conclusões. Ver também Harding (1986).

maleness, femininity or masculinity, womanhood or manhood, but once gender is ascribed, the social order constructs and holds individuals to strongly gendered norms and expectations” (p. 5).

O conceito de gênero se torna, então, essencial para entendermos as masculinidades, feminilidades e começarmos a questionar as supostas essencialidades que daí advêm. A ideia, que foi lançada por Simone de Beauvoir em 1949 e trabalhada mais profundamente a partir dos anos 1970 nas teorias feministas ditas de “segunda vaga”, pode ser entendida como uma forma de evidenciar “a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres” (Scott, 1995, p. 75). É nesse período que a perspectiva *relacional* do gênero começa a ficar em evidência e as feministas passam a reconhecer que as pesquisas sobre as mulheres e suas respectivas opressões não podem acontecer sem levar em consideração o papel dos homens nesse processo, o que fomentou as pesquisas sobre as masculinidades, como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo.

O feminismo é assim um movimento crítico à opressão feminina e à dominação masculina, muitas vezes traduzida como dominação dos homens; contudo, deverá ser apontado como o feminismo não é um movimento anti-homem. A grande crítica do feminismo é ao sexismo, e mulheres e homens são socializados desde o nascimento para reproduzir pensamentos e atitudes sexistas. Assim, dentre muitas das definições disponíveis, o feminismo pode ser entendido como um movimento para erradicar o sexismo, a exploração sexista e a opressão (hooks, 2000).

Por isso, o feminismo diz respeito à tomada de consciência das mulheres sobre as opressões às quais vêm sendo submetidas ao longo da história - e as lutas daí decorrentes - mas é também um movimento que necessita da conscientização e participação dos homens. Como são os principais agentes desse sistema opressor, este só pode ser erradicado se os homens assumirem a sua responsabilidade. Outrossim, os motivos pelos quais eles devem aderir ao movimento feminista vai além de uma suposta “benevolência” com a causa “das mulheres”. Os homens são sim perpetradores e beneficiados desse sistema sexista, mas também sofrem de outras maneiras devido ao patriarcado (sexismo institucionalizado).

No Brasil, os homens são a esmagadora maioria das vítimas de homicídio (91, 8%)¹², dos presos (95%)¹³ e dos usuários de drogas (80%)¹⁴, além de serem os que mais se suicidam (76%)¹⁵, isso só para citar algumas estatísticas alarmantes. Na cultura patriarcal, homens também aprendem que não podem chorar nem demonstrar sentimentos, encarados como sinal de fraqueza. Devem ser fortes, viris, provedores. Há regras até sobre quais cores usar em suas vestimentas. “Menino veste azul e menina veste rosa”, disse, em pleno século XXI, a ministra Damares Alves, responsável pela cadeira da Mulher, Família e Direitos Humanos no Brasil. Como disse Saffioti (1987), à medida que o homem é aprisionado no “mundinho do macho”, paga muito caro pelo “poderzinho que tem”.

Os ônus da sociedade patriarcal, entretanto, não atingem todos os homens da mesma maneira. Como afirma hooks (2004), “In patriarchal culture, all males learn a role that restricts and confines. When race and class enter the picture, along with patriarchy, then black males endure the worst impositions of gendered masculine patriarchal identity” (p. xii). Caracterizados como exóticos, irracionais, bárbaros e incivilizados (Moura, 1977), os homens negros ainda sofrem com os legados do colonialismo e da escravidão no modo como vivenciam a sua masculinidade. Ademais, é importante notar: a maior parte das estatísticas acima expostas sobre homicídios, encarceramento, drogas e suicídio não é composta por quaisquer homens. É composta majoritariamente por homens *negros*. Por isso, é possível subscrever bell hooks (2004) quando a autora diz que:

The force that endangers black male life, is patriarchal masculinity. [...] As an advocate of feminist politics, I have consistently called attention to the

¹² Mulheres são minoria nos homicídios, mas estão mais vulneráveis em casa. Exame. 2019. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/mulheres-sao-minoria-nos-homicidios-mas-estao-mais-vulneraveis-em-casa/>>.

¹³ Número de presos no Brasil chega a 755 mil, segundo Ministério da Justiça. Jornal O Globo. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/numero-de-presos-no-brasil-chega-755-mil-segundo-ministerio-da-justica-1-24359167>>.

¹⁴ Brasil tem 370 mil usuários regulares de crack nas capitais, aponta Fiocruz. G1. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/09/brasil-tem-370-mil-usuarios-regulares-de-crack-nas-capitais-aponta-fiocruz.html>>.

¹⁵ Homens representam 76% dos suicidas do Brasil, revela relatório da OMS. Gazeta do Povo. 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/saude-e-bem-estar/homens-representam-76-dos-suicidas-do-brasil-revela-relatorio-da-oms/>>.

need for men to critique patriarchy and involve themselves in shaping feminist movement and addressing male liberation (p. xiv).

Assim como o racismo não é um problema de pessoas negras, e cada vez mais pessoas brancas estão sendo chamadas a assumir a sua responsabilidade na luta antirracista, o feminismo não pode ser visto como uma luta separatista que diz respeito somente às mulheres. Como diz o título de um livro de bell hooks publicado em 2000, o feminismo é para todo mundo. Afinal, o movimento feminista não pode ser visto como um movimento à parte: ele “será antirracista ou não será”, já dizia Angela Davis.¹⁶

Um dos principais ganhos que o conceito de gênero trouxe, como afirma Costa (1998), “foi a negação epistemológica de qualquer tipo de essência à mulher”, e, “mais que tudo, o gênero nos permitiu teorizar com mais destreza as complexas e fluídas relações e tecnologias de poder” (p. 134). Essa crítica a qualquer essencialismo feminino levou o movimento a entender que o “ser mulher” e o “ser homem” é subjetivo. Características como raça e classe influenciam nas experiências vividas pelas mulheres e pelos homens, assim como nas opressões enfrentadas. Por isso, não podemos dizer que exista, na atualidade, um só feminismo, mas vários (Negrão, 2002).

Os feminismos atuais assumem, então, uma feição “plural, transnacional, profundamente implicada nos movimentos e fluxos de pessoas e nas redes de saberes e práticas construídas como formas de resistência” (Schmidt & Macedo, 2019, p. 1), dentre eles, o feminismo negro, que, estabelecido em sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas como o Brasil, “tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades” (Carneiro, 2003, p. 2).

O feminismo negro vai na contramão da hierarquização do saber do movimento feminista. De origem predominantemente eurocêntrica, branca, heterossexual e burguesa, o movimento começou a receber críticas (hooks, 2000a; Mohanty, 2003; Shohat, 1998) por não contemplar as especificidades de outras mulheres e não levar em consideração, por exemplo, características como raça, classe e a relação colonial em suas análises. Assim, essas feministas refutaram a ideia de uma suposta neutralidade epistemológica ao mesmo tempo em que apelavam para que as vozes que foram esquecidas pelo movimento feminista hegemônico comesçassem a ser ouvidas.

¹⁶ Título de uma conferência da autora.

Nesse contexto, é extremamente importante o conceito de *interseccionalidade*, que surge como uma ferramenta de análise das condições particulares das mulheres e acolhimento das suas evidências empíricas. O conceito foi cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, mas as ideias sobre as interseções e sobreposições das opressões já vinham se desenvolvendo ao longo dos anos 1980 com as obras de Angela Davis¹⁷ e Lélia Gonzalez¹⁸. De acordo com Akotirene (2018):

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado - produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. [...] Do meu ponto de vista, é imperativo aos ativismos, incluindo o teórico, conceber a existência duma matriz colonial moderna cujas relações de poder são imbricadas em múltiplas estruturas dinâmicas, sendo todas merecedoras de atenção política (p. 14).

A interseccionalidade, então, vai considerar as epistemologias diversas, fazendo uma crítica à categoria universal de mulher, sem, entretanto, hierarquizar opressões. O conceito se apoia justamente na ideia de que é impossível entendermos os processos de dominação e de resistência das mulheres sem levarmos em consideração o modo pelo qual raça, classe e gênero se interligam e agem para que o *status quo* seja mantido.

A análise desta complexa dinâmica entre gênero, classe e raça nos faz perceber como a assunção de uma dicotomia entre homens poderosos e mulheres oprimidas é simplista e “não consegue explicar o poder das mulheres *brancas* sobre as mulheres *negras* e os homens *negros*” (Kilomba, 2019, p.55). Quando observamos os dados sobre rendimentos no mercado de trabalho no Brasil, por exemplo, percebemos que as diferenças relacionadas à raça são maiores do que as relacionadas ao sexo: as mulheres brancas possuem um rendimento médio 70% superior ao das mulheres negras e 33% superior ao dos homens negros.¹⁹

O conceito de interseccionalidade definido por Crenshaw (2005), portanto, define que “as discriminações de raça e de gênero não são fenômenos mutuamente excludentes, propõe um modelo provisório para a identificação das várias formas de subordinação que refletem os efeitos

¹⁷ Davis (1981).

¹⁸ Gonzalez In: Rios & Ratts (2016).

¹⁹ Desigualdades sociais por Cor ou Raça no Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>.

interativos das discriminações de raça e de gênero” (p. 71). Dessa forma, de acordo com Sueli Carneiro (2003), esse olhar interseccional, “ao integrar em si tanta as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres” (p. 2), promove a síntese dessas duas lutas, enegrecendo o feminismo e feminizando as propostas e reivindicações do movimento negro.

2. Masculinidades hegemônicas e marginalizadas

Os estudos “sobre os homens” são inovadores porque definem o objeto de pesquisa de forma clara. Se, portanto, anteriormente as experiências dos homens eram tomadas como genéricas e neutras, - pretendendo uma produção de conhecimento universal - a partir da década de 70 o homem passa a ser estudado não mais como uma categoria natural e balizadora, mas como uma construção social que varia culturalmente e muda no decorrer da história.

Nas décadas de 80 e 90, discussões sobre os homens e suas respectivas masculinidades²⁰, ou seja, “a place in gender relations, the practices through which men and women engage that place in gender, and the effects of these practices in bodily experience, personality and culture” (Connell, 2005, p. 71), cresceu vertiginosamente no espaço acadêmico e nos estudos feministas e/ou de gênero. Esses estudos incluíam análises sobre as relações dos homens com os locais de trabalho e as escolas (Cockburn, 1983; Heward, 1998), esportes (Messner & Sabo, 1990), violência (Kauffman, 2001) e paternidade (Olavarria, 2001).

Muitos destes estudos focavam as suas críticas no que as feministas chamam de patriarcado – o poder e o privilégio masculino que os homens detêm sobre as mulheres. Essa visão, contudo, começou a ser questionada, pois apresentava um “homem típico”, que pudesse representar todos os homens. Como Liddle (1989) coloca, esse enfoque teórico no “homem típico” leva a um “modelo de agência masculina que é, na melhor das hipóteses, uni-dimensional” (p. 762, tradução livre).

A teoria do patriarcado como sendo a causa da opressão das mulheres se apresentava como universal, “as more or less unrelieved villainy and all men as agents of the patriarchy in more or less the same degree” (Carrigan, Connell & Lee, 1987, p.140). Essa visão, entretanto, se mostrou incompleta²¹, pois não considerava aspectos como raça, classe e orientação sexual, ignorando que nem todos os homens se beneficiavam da mesma maneira do sistema patriarcal.

²⁰ Em algumas circunstâncias, pessoas com corpos femininos também podem exercer a masculinidade, assim como os corpos ditos masculinos podem incorporar feminilidades. Ver mais em: Halberstam, 1998.

²¹ O fato de a teoria ser lida como incompleta, entretanto, não a deslegitima completamente nem quer dizer que não seja útil em certas categorias de análise. Connell (2000) apresenta, por exemplo, o conceito de *dividendo patriarcal*, onde argumenta que todos os homens recebem, em maior ou menor grau, vantagens por pertencerem à classe de gênero dominante. Todavia, nem todos os homens são igualmente beneficiados e nem todas as mulheres igualmente oprimidas, como vimos anteriormente com o conceito de interseccionalidade.

Nesse contexto, surge a obra da socióloga australiana Raewyn Connell, *Masculinities*, publicada pela primeira vez em 1995. O livro, juntamente do seu inovador conceito de *masculinidade hegemônica*, potencializa²² os estudos sobre as masculinidades e propõe a existência de masculinidades, no plural, demonstrando, por exemplo, como alguns homens, mesmo pertencendo ao gênero dominante, experimentam marginalização e subjugação dentro desse sistema imperialista, supremacista branco, capitalista e patriarcal²³.

Connell (2000) vai chamar a atenção para o fato de que, dentro das relações de gênero, existem hierarquias tanto entre homens e mulheres, como entre os próprios homens. A autora vai sugerir, então, que, culturalmente, algumas formas de masculinidades são mais elevadas e valorizadas do que outras, e que esse modelo justificaria a dominação desses homens sobre as mulheres e sobre alguns dos próprios homens.

O modelo da socióloga vai incluir, basicamente, quatro categorias, que se relacionam²⁴ entre si. São elas a masculinidade hegemônica, a cúmplice, a subordinada e a marginalizada.

A masculinidade hegemônica é aquela que se apresenta como normativa, ou seja, ela “incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (Connell & Messerschmidt, 2013, p. 245). É preciso esclarecer ainda que, embora essa forma de masculinidade seja a esperada de todos os homens, poucos conseguem e viver em conformidade a estas expectativas (Messerschmidt, 2000).

Na segunda categoria, chamada masculinidade cúmplice, estão os homens que aceitam e participam do sistema da masculinidade hegemônica, mas não se enquadram no modelo de “homem ideal”, ou porque não são ricos o suficiente, ou fortes o suficiente, ou viris o suficiente,

²² É importante notar que muitas feministas negras como Michelle Wallace (1978) e bell hooks (1989) já analisavam as dificuldades que os homens negros enfrentavam para assumir o modelo ideal de masculinidade. O conceito de Connell, entretanto, nos permitiu uma análise mais completa sobre as *múltiplas formas* de masculinidade.

²³ Tradução livre da expressão que bell hooks emprega largamente no seu livro *We Real Cool: Black Men and Masculinity* (2004).

²⁴ O conceito de masculinidade também se relaciona com o de feminilidade, como numa interdependência. Afirmo Connell (2000, p. 40) que: “Masculinities and femininities are produced together in the process that constitutes a gender order”. E ainda: “We must remember that gender is relational, that women are as much involved in the formation of masculinities as men are” (Connell, 2005, p. 27).

por exemplo. Como afirma Kimmell (1998), o “homem ideal” seria branco, ocidental, de classe dominante, provedor, heterossexual, forte e viril.

A masculinidade subordinada é reservada para os homens que não cumprem com os papéis adequados ditos masculinos dentro da sociedade. Em *Masculinities* (1995), Connell diz que o exemplo mais comum desse tipo de masculinidade são os homens homossexuais, frequentemente vistos como inferiores, discriminados economicamente e sujeitos a crimes de ódio e outras violências.

As três primeiras masculinidades, hegemônica, cúmplice e subordinada, dizem respeito às relações internas à ordem de gênero. Quando aspectos como classe e raça, entretanto, entram em cena, novos relacionamentos entre as masculinidades são criados. Num contexto de supremacia branca, como é o caso do Brasil, as masculinidades negras “play symbolic roles for white gender construction” (Connell, 2005, p. 80). Isso porque, para que uma forma de masculinidade seja valorizada, é necessário que ela seja construída em oposição a outras, construídas como inferiores, deficitárias e falhas. Baldwin (1963) afirma que a masculinidade do homem branco depende da negação da masculinidade do homem negro.

É preciso notar, também, que o modelo das masculinidades de Connell (2005) é contextual, ou seja, é possível exercer a masculinidade hegemônica num momento e a subordinada e/ou marginalizada em outro, a depender da situação em questão. Por isso é importante perceber que a masculinidade marginalizada, assim como todas as outras categorias de masculinidades, não representa um caráter fixo, mas é criada devido a certas configurações de prática em arranjos societários específicos.

Outra característica significativa relacionada à masculinidade marginalizada, ainda de acordo com Connell (2005), é a necessidade de *autorização* da classe dominante para que a hegemonia possa ser exercida. Vamos utilizar o exemplo de um jogador de futebol bem-sucedido: o fato de este homem negro especificamente poder ser usado como exemplo de masculinidade hegemônica (numa forma de tokenismo) não estende a autoridade social para o resto do grupo de homens negros - a fama e o prestígio são gozados individualmente.

Vários autores (Ratele, 2013; Segal, 2007) qualificam a masculinidade negra na categoria das masculinidades subordinadas ou subalternas, incluindo autores brasileiros (Rosa, 2006; Souza, 2017) que tratam do tema. Neste trabalho, optou-se por utilizar a categoria proposta por Connell

(2005), que entende masculinidade marginalizada como algo que dependa de características que vão além da performance de gênero, como a raça.

O segundo motivo pelo qual escolho trabalhar com a categoria de marginalização é a ligação deste conceito com outro, o de privilégio – e que se revela instrumental em termos da análise elaborada neste trabalho. Assim, se marginalização descreve “the position of individuals, groups or populations outside of ‘mainstream society’, living at the margins of those in the centre of power, of cultural dominance and economical and social welfare” (Schiffer and Schatz, 2008, p. 6), privilégio pode ser entendido como: “systematically conferred advantages individuals enjoy by virtue of their membership in dominant groups with access to resources and institutional power that are beyond the common advantages of marginalised citizens” (Bailey, 1998, p. 109).

Percebemos, portanto, que a discussão sobre marginalização está relacionada, também, à falta de acesso às oportunidades socioeconômicas. No caso em estudo, é através do racismo, que nas palavras de Carlos Moore (2011), “abarca toda a sociedade e se mantém graças a diversos mecanismos de exclusão da raça subalternada, que se vê afligida com todos os índices de uma inferioridade concreta em todos os domínios” (p. 2), que, de forma sistêmica, as classes dominantes vêm marginalizando, moldando e utilizando a masculinidade negra como ideologia e instrumento de controle social desde os primeiros contatos dos europeus com os africanos, no século XVI – ainda que não sem resistência e reinvenções por parte dos homens negros.

Então, é preciso assinalar que, ao trazer a teoria da masculinidade hegemônica de Connell (2005), a intenção não é conceber os homens negros como uma categoria homogênea aprisionada numa posição subalterna, e, sim, auxiliar, através dessa lente teórica, uma melhor análise que, como sugere Ribeiro (2015), “busque a tensão entre agência e controle social, privilégio e subordinação, possibilidades e limites” (p. 69).

2.1 Raça e Racismo

Despontada no século XVIII, a noção de raça foi construída sobre as diferenças fenotípicas como a cor da pele e outras características morfológicas, e tinha como objetivo, no princípio, apenas agrupar os indivíduos com patrimônios genéticos semelhantes em categorias.

O problema foi que esta classificação acabou culminando numa teoria pseudocientífica que afirmava haver uma relação intrínseca entre cor da pele/características morfológicas e qualidades

morais, psicológicas, intelectuais e culturais e hierarquizava, numa escala de valores, as chamadas “raças” humanas (Munanga, 2004).

Determinados a encontrar correlação entre características físicas e traços psicológicos (além de provar sua superioridade) cientistas europeus começaram a dissecar o corpo do africano e a medir sua inteligência e capacidade. Essas teorias raciais afirmavam, por exemplo, que o cérebro maior do homem branco significava que ele era superior intelectualmente; já o pênis maior do negro refletia sua inferioridade intelectual e selvageria inata (Friedman, 2002).

Munanga (2004) afirma que é desta crença de que características intelectuais e morais são consequências diretas de suas características físicas e biológicas que nasce o racismo, e que, apesar de se esconder atrás da máscara científica, essas teorias raciais possuíam caráter “mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana” (p. 5).

Entretanto, o conceito de raça é ainda relevante enquanto matéria de estudo e análise, uma vez que ainda que não exista enquanto expressão biológica, muitos dos estereótipos associados a uma ou outra “raça” invadiram o imaginário coletivo e são presentes até hoje. Além disso, a raça continua a existir enquanto “expressão social e histórica, que modela o funcionamento e os modos de pensar das sociedades humanas” (Moore, 2011, p. 4).

Para complementar a análise de raça é interessante utilizar a teoria de projeção da psicanálise aplicada ao conceito de raça. De acordo com esta teoria, a desvalorização da “raça negra” seria também um mecanismo de defesa do ego do sujeito de “raça branca”, onde as partes dissociadas da psique são projetadas para o exterior, constituindo o Outro enquanto antagonista do Eu. Dessa forma, traços, impulsos ou ideias indesejáveis são atribuídos a outro e o projetor evita o que é considerado desagradável na imagem que forma de si, ou seja, permite que o sujeito ignore as próprias falhas (Pam, 2013).

Ainda nesta linha, poderemos considerar como “o fenótipo é a maneira mais direta e segura para os indivíduos traçarem uma linha divisória entre si, por ser o que expõe as diferenças visíveis a olho nu e a distância” (Moore, 2011, p. 11). Por conseguinte, é sobre o corpo negro que o sujeito branco projeta tudo aquilo que teme admitir sobre si mesmo, preservando os sentimentos bons em relação ao seu Eu e externando tudo aquilo que considera ruim no Outro. De acordo com Kilomba (2019):

No mundo conceptual *branco*, o sujeito negro é identificado como o objecto «mau», que personifica todos os aspectos que a sociedade *branca* reprimiu ou tornou tabu, ou seja, a agressividade e a sexualidade. Acabamos assim por coincidir com o que é ameaçador, perigoso, violento, vibrante, empolgante, e também o que é sujo mas desejável, e isso dá à *branquitude* a possibilidade de ela própria se perceber como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em pleno controlo e sem a ansiedade provocada pela sua historicidade (p. 35, grifos da autora).

É possível notar semelhanças do conceito de projeção da psicanálise com a teoria da masculinidade hegemônica de Connell (2005) que vimos anteriormente: o que se considera mau ou não-condizente com as características do homem hegemônico (leia-se: branco) é projetado no outro (negro). Bhabha (1994), da mesma forma, aponta para a importância da interação entre “alteridade” e “diferença” na construção dos discursos coloniais.

Como sugere Moore (2011), “a diferença surge como um fato *social* somente porque ela se remete ao relacional” (p. 14). Assim é nesse jogo de comparações, preferências e determinações que o Outro vai ser determinado, possivelmente sob uma ótica desfavorável. Ainda segundo o autor, este Outro, na pior das hipóteses, “vira um irreduzível inimigo ou de um eterno inferior, caso em que se torna objeto da exploração total, discriminação feroz e até mesmo de extermínio (quer por aniquilamento físico quer por liquidação genética por assimilação)” (Moore, 2011, p. 14) – e é exatamente isso que veremos acontecer no Brasil.

Partiremos, então, da hipótese de Moore (2011) de que o racismo, num primeiro momento, “surgiu *historicamente* como uma forma de consciência socialmente estruturante” que visava uma “identificação entre seres humanos” (p. 5). Foi depois que, de acordo com o autor, esta lógica

teria se convertido paulatinamente em um *arranjo sistêmico coerente e eficaz*, destinado a cumprir um único objetivo: estruturar o conjunto das relações sociais, políticas e interpessoais entre grupos humanos *fenotipicamente diferenciados*, mas obrigados a conviver de forma assimétrica na mesma sociedade; a saber, em situações de iniquidade em todos os aspectos. O racismo seria uma *ordem sistêmica* de grande profundidade histórica e de ampla cobertura geográfica, que se teria desenvolvido, fundamentalmente, com o objetivo de garantir a separação automática de um determinado segmento humano do usufruto de seus próprios recursos. [...] Sua função central, desde o início, seria regular os modos de acesso aos recursos da sociedade de forma *racionalmente seletiva*, de acordo com o referido “fenótipo/raça” (p. 13-14, grifos do autor).

É, portanto, do caráter *sistêmico* e *político* do racismo que não podemos nos desviar, pois é isso o que permite a dominação de um determinado grupo racial sobre outro. Nesta perspectiva, importa uma mudança das estruturas, tal não implicando a desresponsabilização individual; pelo contrário: “entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas”, pois nos faz compreender que “a mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias vazias ou o repúdio moral ao racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas” (Almeida, 2018, p. 40).

2.2 A construção histórica do racismo no Brasil

Depois de definir raça, racismo, e compreender seu caráter estrutural, é preciso especificar o sujeito do qual estamos tratando neste trabalho, principalmente numa sociedade miscigenada como a brasileira. Afinal, quem é o homem negro brasileiro?

É certo que não estamos falando de um tipo antropológico puro. Se nos Estados Unidos a regra é a de que uma única gota de sangue africano basta para ser considerado negro (*one-drop rule*), no Brasil a regra que vale é a de autodefinição, ou seja, o sujeito pode se definir como branco se a sua condição social e a sua condição fenotípica lhe conferir privilégios. Assim, de acordo com Clóvis Moura (1977), ao falarmos do negro:

não objetivamos também o *negro puro*, mas, definir uma etnia que vinda de matrizes negras, conserva a sua cor próxima a essas matrizes, e, por elementos de cultura, posição social e econômica, formam uma unidade que é tida como representativa do negro, pela sociedade *branca*. O *branco por autodefinição*, portanto, representa uma visão simbólica que as classes dominantes têm delas mesmas [...]. Escolhendo como padrão ideal para se espelhar a cor branca, em decorrência do fato de sermos um país de visão reflexa, em consequência da nossa posição estruturalmente dependente e situacionalmente periférica como nação, essas classes querem se igualar, pela cor, à dos antigos colonizadores ou à dos países que lideram atualmente o neocolonialismo, a fim de se nivelarem àqueles que nos exploraram. Desta forma, ao tempo que se afastam das classes exploradas, unem-se ideologicamente às instituições e grupos que veem como causa do nosso atraso o fato de sermos um país de maioria negra e mestiça (p. 20, grifos do autor).

Podemos constatar, então, que o negro brasileiro é um produto social. É no corpo do negro “que não passa por branco” que a raça vai ser representada e identificada. Assim, são os sujeitos

não possuintes do privilégio de se autodeclararem brancos que serão marginalizados, assassinados, encarcerados e construídos culturalmente de forma inferiorizada e desqualificada pelas elites brasileiras, que “se imaginavam brancas e inseridas no padrão de civilização europeu” (Miskolci, 2013, p. 22). Dessa forma, o branco e o negro representam apenas “os extremos de uma linha ininterrupta onde, às diferentes nuances de cor, se adscreviam resultados diversos, segundo o critério de que quanto maior a brancura, maiores as possibilidades de êxito a aceitação” (Souza, 1983, p. 22).

Com esse ponto esclarecido, veremos que os discursos e práticas racistas contra os homens e mulheres *lidos enquanto negros* será construído num processo político e histórico. Esse processo vai desembocar numa moldagem do nosso inconsciente, que, através da criação e recriação de um imaginário social vinculando características físicas a qualidades morais e intelectuais, acabou por atribuir à desigualdade social um caráter *natural*, atribuída à identidade racial dos indivíduos.

O processo histórico de naturalização do racismo implica um reconhecimento do tráfico negreiro transatlântico. Sequestrados das suas terras e embarcados à força nos porões dos navios negreiros, estima-se que 12,5 milhões de pessoas foram transportadas da África para o Novo Mundo para trabalhar nos engenhos de açúcar, lavouras de café, algodão e arroz, minas de ouro e prata, e no que mais fosse necessário para explorar as terras recém-invasidas pelos europeus do outro lado do oceano.

Quase 40% dessas pessoas escravizadas tiveram como destino o Brasil, maior território escravista do território ocidental por mais de três séculos e meio. Como resultado, o país possui atualmente a segunda maior população negra ou de origem africana no mundo, ficando abaixo apenas da Nigéria. A maior parte desses 5 milhões era composta por homens em idade produtiva, dos 15 aos 40 anos. No auge da exploração do ouro durante o século XVIII, os homens compunham incríveis 76,25% da população. Durante todo o período do tráfico, os homens negros escravizados nunca foram inferiores a 55%.²⁵

Transportados em condições tão terríveis que muitos morriam antes mesmo de completarem a travessia, a situação dos africanos não era muito melhor depois da aquisição pelos senhores de escravo. Deformações físicas eram comuns devido ao excesso de trabalho pesado e às punições e torturas frequentes às quais eram submetidos. Por isso: “desde sua chegada da África

²⁵ Dados disponíveis em <www.slavevoyages.org>.

– à meia idade ou na juventude – um escravo ao cabo de sete a oito anos estava imprestável para o trabalho, que, não era raro, ia de sol a sol, por assim dizer, sem descanso e sem suficiente alimentação” (Azevedo, 1975, p. 14).

A justificativa para o tratamento cruel e para a comercialização de africanos - de forma completamente legal - baseava-se na ideia de “superioridade” que o europeu declarava possuir perante os povos “bárbaros” da África. Durante o colonialismo e a escravidão, os africanos foram construídos como desprovidos de inteligência, de cultura e de razão. Como já abordado anteriormente neste estudo, tais teorias permitiam caracterizar os africanos enquanto seres animais, incivilizados e hiperssexuais, uma “espécie” que se encontrava entre o homem “civilizado” branco e o macaco, um “tipo inferior” de ser humano.

Como afirma Mbembe (2014), o negro era encarado como um “protótipo de uma figura pré-humana incapaz de superar a sua animalidade [...]”. Fechado nas suas sensações, tem dificuldade em quebrar a cadeia da necessidade biológica, razão pela qual não chega a moldar o seu mundo e a conceder a si mesmo uma forma verdadeiramente humana” (p. 39).

Ou seja, se eram inferiores e sub-humanos, *podiam* ser escravizados e torturados. Também eram fortes e brutos. *Aguentavam* o trabalho extenuante. Os colonizadores discursavam ainda, com o apoio da Igreja Católica, que na verdade estavam fazendo um bem para estes “africanos bárbaros, lhes dando a preciosa oportunidade, pela qual deveriam estar gratos, de terem suas almas salvas pelo batismo e aprendizado dos dogmas da Igreja” (Mbembe, 2014). Em contrapartida, apenas teriam de trabalhar forçadamente a vida inteira sob chicotes.

Dessa forma, “foram reforçando-se, um a um, os estereótipos a partir dos quais se construiria toda uma ideologia racista: os pretos eram curtos de inteligência, indolentes canibais, idólatras e supersticiosos por *natureza*” (Silva, 2002, p. 850, grifo meu). Este discurso foi essencial para validar a dominação do europeu sobre o africano. Baseando-se em características físicas e culturais, a ideia de uma inferioridade intrínseca foi desenhada, onde a possibilidade de conversão, assimilação ou aprendizado não seria possível (Schneider, 2006), uma vez que tal condição era considerada como “natural”.

Além disso, “enquanto ser animalizado, o negro dentro dessa perspectiva é associado à brutalidade, rusticidade, vigor, robustez e potência energética animal, indispensáveis para os trabalhos desenvolvidos no eito, compondo um arquétipo zoomórfico presente em vários

documentos de senhores de engenho” (Santos, 2014, p. 8). É este discurso também que vai sustentar a fixação do homem branco com a sexualidade do negro.

Diz Fanon (2008[1952]): “o branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona” (p. 147). O autor de *Pele Negra, Máscaras Brancas* afirma ainda que “o preto é fixado no genital, ou pelo menos aí foi fixado” (p. 143). Ou seja, a ideia do pênis “grande e avantajado” do negro se traduziria em potência sexual, e, ainda, em instinto animal. Nestes termos, os homens negros representariam uma ameaça ao homem branco e “ao que havia de mais valioso nesse contexto social, que é a mulher branca” (Souza, 2013, p. 37). Esses estereótipos se sustentam até hoje. Como atesta César (2019):

O homem negro, ao olhar do mundo branco, passa a ser somente um pênis, que serve para ser descartado ao bel prazer de quem não nos confere nenhuma dignidade [...]. Não somos vistos como bons pais, bons maridos, alguém para construir família e depositar confiança. O olhar do mundo sobre nós é que somos malandros e vagabundos. (p. 57).

Vincular o homem negro aos instintos permite que o branco se coloque como o racional, na eterna dicotomia da natureza versus cultura - que também é utilizada com as mulheres. Dessa maneira, os homens negros são construídos ou como submissos, sem capacidade intelectual e vontade própria, ou como irracionais, escravos dos instintos e hiperssexuais (Souza, 2009; Vigoya, 2018). Ou seja, ou são representados como efeminados e infantis (Nurse, 2004), ou racializados e sexualizados (Connell, 2005), numa forma de distingui-los da masculinidade hegemônica.

Outro ponto interessante no texto citado acima diz respeito aos homens negros não serem vistos enquanto bons pais e bons maridos. Estas crenças têm suas raízes na política de branqueamento da população que se deu após a abolição e na consequente marginalização do homem negro que daí adveio, como veremos a seguir.

À medida que a Abolição da Escravatura foi se aproximando e se tornando inevitável, o país se via dividido entre uma “minorias branca, rica e proprietária e uma maioria não-branca, pobre e não proprietária” (Azevedo, 1987, p. 36), que se traduzia em expectativas de inversão da ordem política e social e medo de vingança dos negros contra os brancos, fazendo com que a elite começasse a enxergar com ainda mais preocupação a “ameaça” do homem negro – havia o temor de que a libertação despejaria “uma horda de homens semibárbaros” (p. 68) nas ruas do país.

Além de todo o discurso colonial montado durante a escravidão a respeito da natureza dos negros, teorias raciais surgiram nessa época, “confirmando” que o negro era um ser inferior, atrasado, não-apto, bárbaro e amoral, e que, por isso, ameaçaria o desenvolvimento do Brasil. Dizia Monteiro Lobato, famoso escritor de livros infantis, em 1908: “Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança! Talvez a salvação venha de São Paulo e outras zonas que intensamente se injetam de sangue europeu.” (Lobato, citado em Skidmore, 1976, p. 199).²⁶

Para a resolução deste “problema”, políticas imigratórias foram implementadas no Brasil, com o objetivo de injetar sangue branco europeu no país, e, através da miscigenação, clarear a sociedade, salvando-a da “mancha negra” que a assolava. Em 28 de junho de 1890, ou seja, dois anos após a abolição, o Decreto nº 528 foi publicado, determinando o seguinte no Art. 1º: “É inteiramente livre a entrada, por portões da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho... *excetuados os indígenas da Ásia e da África...*” (grifo meu).²⁷ Além disso, muitas das passagens eram pagas pelo próprio governo brasileiro (Nascimento, 1976).

O resultado das políticas imigratórias foi a entrada de 3,99 milhões de europeus em trinta anos, número equivalente aos 4 milhões de africanos que foram trazidos ao longo de trezentos (Bento, 2016). Em 1911, dizia, de forma entusiasta e otimista, o diretor do Museu Nacional, João Batista Lacerda, no *I Congresso Universal de Raças*, em Londres, que até o ano de 2012 todos os vestígios de raça negra seriam eliminados da população:

[...] no Brasil já se viram filhos de métis apresentarem, na terceira geração, todos os caracteres físicos da raça branca [...]. Alguns retêm uns poucos traços da sua ascendência negra por influência do atavismo [...] mas a influência da seleção sexual [...] tende a neutralizar a do atavismo, e remover dos descendentes dos métis todos os traços da raça negra [...]. Em virtude desse processo de redução étnica, é lógico esperar que no curso de mais um século os métis tenham desaparecido do Brasil. Isso coincidirá com a extinção paralela da raça negra em nosso meio. (Skidmore, 1976, p. 83).

²⁶ É necessário, aqui, citar Abdias do Nascimento (1978): “os brancos das classes dominantes ainda têm o despudor de acusar o negro, trazido da África sob grilhões, de ser o causador do ‘problema’ racial brasileiro!” (p. 66).

²⁷ BRASIL. Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>>.

Aqui é preciso se perguntar: se o objetivo era que a sociedade fosse clareada através da miscigenação, quem seriam os agentes “miscinegadores” e quem seriam os “miscigenados”? Miskolci (2013) responde esta pergunta e diz que era o homem branco europeu que “era visto como o verdadeiro portador da branquitude e do progresso” (p. 23), ou seja, era no útero da mulher negra e mestiça que se via a possibilidade de branqueamento. Ora, se o homem branco representa o agente branqueador da nação, o homem negro, então, seria sua antítese, o agente “enegrecedor”, um impedimento ao projeto de branqueamento idealizado pela elite (Restier, 2019).

“O desejo da nação era, portanto, um projeto político autoritário conduzido por homens de elite visando criar uma população futura, branca e ‘superior’ à da época, por meio de um ideal que hoje caracterizaríamos como reprodutivo, branco e heterossexual” (Miskolci, 2013, p. 23). Vale notar, também, que a política de branqueamento no Brasil ia além da perspectiva racial, tratava-se também de um *embranquecer moral*, já que os negros eram vistos como degenerados e imorais, em contraste com a “alta consciência moral” da branquitude.

A hegemonia, então, reutiliza o discurso de que os homens negros são depravados, lascivos, libidinosos, violentos, degenerados, imorais e sem capacidade intelectual (Ianni, 1972; Souza, 2013), criando um *inimigo interno*, contra o qual a sociedade deve se defender (Stoler, 1995). Proteger a sociedade, por conseguinte:

implica que estejamos prontos para assassinar a quem a ameaça, a seus inimigos, e se entendemos a sociedade como unidade de vida, como um contínuo do vivente, então estas ameaças e inimigos são de natureza biológica (Mendieta, 2007, p. 12).

É, portanto, contra o inimigo de natureza biológica, contra a sub-raça, que o racismo de Estado vai agir, em nome de proteger a sociedade. Este racismo de Estado, nas palavras de Foucault, é “um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre os próprios elementos, sobre os próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social” (2016, p. 53).

Da mesma forma, a permanência do racismo, como reconhece Almeida (2018),

exige, em primeiro lugar, a criação e recriação de um imaginário social em que determinadas características biológicas ou práticas culturais sejam associadas à raça, e em segundo lugar, que a desigualdade social seja naturalmente atribuída à identidade racial dos indivíduos ou, de outro

modo, que a sociedade se torne indiferente ao modo com que determinados grupos raciais detêm privilégios (p. 57).

É esta normalização que vai permitir que a cada vinte e três minutos um jovem negro seja assassinado no Brasil²⁸ sem que isso cause nenhum choque; que os homens negros representem 2/3 da população carcerária masculina e isso seja visto como normal; que estejam, com as mulheres negras, compondo os piores índices de indicadores sociais do país, confinados à pobreza e às margens, e que estes sejam encarados como “seus lugares apropriados”.

As consequências deste conjunto estatal de omissão do Estado quando deveria agir e opressão quando deveria proteger e incluir, dão segmento ao projeto eugenista iniciado no século XIX, onde a pobreza, o genocídio e o encarceramento contribuem para frear o crescimento populacional negro brasileiro – tendo o homem negro como o seu principal inimigo.

²⁸ ‘A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil’ diz ONU ao lançar campanha contra violência. G1. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia.ghtml>>.

3. O racismo no mercado de trabalho brasileiro

Oficialmente, a escravidão foi abolida em 1888, mas a abolição não significou, para os negros, igualdade de direitos e oportunidades (Gomes, 2019). Não tiveram acessos a terras, bons empregos, moradias decentes, educação, assistência de saúde. Também não se notou “qualquer providência legal, com vistas à integração dos novos cidadãos” (Prudente, 1988, p. 141). Tendo em vista que o negro não dispunha de posse alguma - já que tudo o que havia produzido ao longo dos 358 anos de escravidão tinha sido apropriado pelo senhor - como esperar que ele resistisse a tais conjunturas?

Abdias do Nascimento (1978) é categórico e chama o ato “liberador” da Lei Áurea, nestas condições, de “legalizado assassinio coletivo”. O autor continua: “atirando os africanos e seus descendentes para fora da sociedade, a abolição exonerou de responsabilidades os senhores, o Estado e a Igreja. Tudo cessou, extinguiu-se todo o humanismo, qualquer gesto de solidariedade ou de justiça social: o africano e seus descendentes que sobrevivessem como pudessem” (p. 65).

Diante da inércia do poder público, sobrou aos ex-escravizados a opção de vender sua força de trabalho para tentar sobreviver. Contudo, a inserção dos negros no mercado de trabalho livre não se deu de forma fácil: as políticas imigratórias que foram implementadas para resolver o “problema negro”, como vimos anteriormente, despejou uma enxurrada de imigrantes brancos europeus no Brasil. Considerando que os imigrantes eram muitos e entendidos como mais bem-qualificados do que os negros, “o liberto saiu derrotado na competição ocupacional e econômica, passando a ser visto como vagabundo e inútil” (Azevedo, 1987, p. 24) e encarado como incapaz de “contribuir para o sistema de livre iniciativa por insuficiência intelectual, incapacidade técnica ou debilidade moral” (Silva, 2013, p. 96).

É importante notar que, de acordo com Hasenbalg (2005), os imigrantes também não possuíam qualificação profissional, mas o preconceito difundia a ideia de que o trabalhador negro tinha menor capacidade do que o branco. Cardoso (2010) afirma que o negro era visto como “preguiçoso, não confiável e privado de mentalidade moderna” (p. 62), enquanto o imigrante era apontado como “disciplinado, responsável, enérgico, inteligente, enfim, racional” (Azevedo, 1987, p. 154). Como podemos perceber, foi instituído um modelo de hierarquização racial, que encara o negro como “destituído de quase todo valor ou papel positivo” (Silva, 2013, p. 96).

A população negra, foi, então, empurrada para ocupações subalternas e desvalorizadas, concentrando-se no subemprego e na marginalidade. Só que, enquanto as mulheres negras foram trabalhar como lavadeiras, quituteiras e empregadas domésticas (num contexto de superexploração), os homens negros possuíam muito mais dificuldade para se colocar no mercado de trabalho, já que até os empregos mais baixos na escala social eram ocupados pelos imigrantes. Como afirma Elisa Nascimento (2007): “Stigmatized not only as degenerate and unqualified but also as dangerous and disorderly, black men were excluded from the new industrial labor market” (p. 53).

Bastide & Fernandes (1959) sustentam que: “O preconceito de cor, cuja função era justificar o trabalho servil do africano, vai servir agora para justificar uma sociedade de classes, mas nem por isso vão variar os estereótipos antigos; mudarão apenas de finalidade” (p. 13). O “preconceito de cor”, portanto, continua o autor, vai se tornar “um instrumento na luta econômica, a fim de permitir a dominação mais eficaz de um grupo sobre o outro” (p. 191).

Constatamos, então, que a escravidão dispunha as pessoas de forma hierárquica, e a libertação deu continuidade a este modelo, baseando-se na raça para definir a posição do indivíduo dentro da estrutura de classes. Desta forma, podemos concluir que “a transição do trabalho escravo para o trabalho livre foi feita via intervenção direta e decisiva do Estado e sob inspiração da ideologia racista que então se consolidava” (Theodoro, 2008, p. 37)

Toda esta realidade discriminatória, entretanto, é dissimulada pelo mito da “democracia racial”, onde as elites dominantes veiculam a ideia de não haver racismo no Brasil, onde as três raças convivem, supostamente, em perfeita harmonia, afinal de contas, “somos todos misturados”. Ainda de acordo com esta narrativa, todos nascem iguais em oportunidades e são “livres” para vender sua força de trabalho, visto que não há mecanismos legais que impeçam a ascensão social de ninguém.

Assim, se por um lado o racismo regula “os modos de acesso aos recursos da sociedade de maneira racialmente seletiva em função do fenótipo” e, “no interior de uma sociedade multirracial e miscigenada”, serve ao “propósito de preservar o monopólio sobre os recursos do segmento fenotípico dominante” (Moore, 2011, p. 14), por outro, se nega a si mesmo, pretendendo não existir, sob o mito da “democracia racial”.

Fica claro que este mito é extremamente útil para dificultar o enfrentamento do racismo no Brasil. Como lutar contra algo que não se sabe que existe? As estatísticas, no entanto, não deixam

dúvidas do abismo social entre negros e brancos no país - o texto de Roger Bastide e Florestan Fernandes, exposto acima e escrito há mais de 60 anos atrás, continua, infelizmente, a ilustrar a realidade racial brasileira, como veremos a seguir.

O retrato atual do mercado de trabalho brasileiro comprova que os negros continuam em larga desvantagem. Não só o ponto de partida dos afro-brasileiros é desvantajoso por conta da herança malquista do passado, como é possível perceber a discriminação racial agindo com eficiência, ainda que, por vezes, de forma sutil:

ocultado por fatores aparentemente objetivos, derivados de novas e tradicionais exigências produtivas, velhas questões permanecem: os indivíduos negros estão sujeitos mais ao desemprego, permanecem mais tempo nesta situação e, quando tem trabalho, lhe são reservados postos de trabalho de menor qualidade, status e remuneração (DIEESE, 2001, pp. 127-128).

Para comprovar isto, observaremos as estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).²⁹ Num país em que 53,2% da população se autodeclara preta ou parda³⁰ e 45,8% branca, a segregação racial do mercado de trabalho é o primeiro fato importante: o primeiro grupo representa 60,8% dos trabalhadores na Agropecuária, 62,6% na Construção Civil e 65,1% nos Serviços Domésticos – esta última sendo composta expressivamente por mulheres negras.

Os negros, portanto, continuam sendo a maioria nos trabalhos braçais, como na época da escravidão (ainda hoje persiste a ideia de que são “fortes” e “robustos”, por isso aguentam e foram *feitos* para isso). Estas atividades são, precisamente, as que possuem o menor rendimento médio do país, o que certamente contribui para formar outra estatística significativa da desigualdade: os brancos ganham, em média, 73,9% a mais do que os pretos e pardos.

²⁹ Foram utilizados os dados referentes ao ano de 2019. As estatísticas utilizadas neste capítulo podem ser conferidas em: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. (2019). *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE. e IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. (2019).

³⁰ O termo “pardo” é utilizado pelo IBGE para configurar um dos cinco grupos de “cor ou raça” que foram definidos para categorizar a população brasileira, junto com brancos, pretos, amarelos e indígenas. Pardo refere-se à miscigenação de origem preta ou indígena com qualquer outra cor e raça, e é um termo que causa bastante discordância entre os pesquisadores. Entretanto, desde o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), criado em 1996, o IBGE aglutina pretos e pardos na categoria negro. Ver em: Telles (2003).

Um dos motivos que explica este cenário se relaciona com o nível de escolaridade: entre as pessoas de 15 anos ou mais de cor branca, 4,0% são analfabetas, enquanto que entre as de cor preta ou parda a taxa é de 9,3%. Quando falamos do ensino básico, 47,4% da totalidade das pessoas pretas e pardas não o concluíram, contra 33,6% das brancas. Por outro lado, apenas 9,3% das pessoas pretas e pardas possuem ensino superior, contra 22,9% das pessoas brancas.

A diferença de escolarização explica parte do problema, mas não todo ele. Quando analisamos pessoas pretas e pardas e brancas com o mesmo grau de instrução, a desigualdade nos rendimentos segundo cor ou raça se mantém significativa. Os brancos recebem um rendimento-hora superior em todos os níveis de escolaridade, *sendo a diferença maior no nível de instrução mais elevado*: 43,2% a mais para os brancos. A taxa de desocupação é, do mesmo modo, maior para a população preta e parda quando comparada com os brancos possuintes do mesmo grau de instrução: 4,6% superior.

Depois deste panorama, não é surpresa constatar que pessoas negras também se encontrem sub-representadas em posições de liderança. O que chama a atenção é a disparidade brutal com a qual isso acontece: num país em que mais da metade das pessoas é não-branca, não chega a 5% o total de pessoas negras nos Conselhos de Administração e no Quadro Executivo das empresas – que são os níveis mais elevados do quadro de pessoal.³¹ Essa diferença vai ficando menor quando os níveis hierárquicos vão diminuindo, ou seja, quanto mais elevado o cargo, menor é a chance de uma pessoa negra conseguir alcançá-lo.

Hasenbalg (2005), baseado nas ideias de Blumer e Bowles, entende que isto acontece porque as decisões econômicas não ocorrem no que ele chama de “vácuo social”, mas numa organização social mais ampla, que por sua vez conta com uma lógica racista. Logo, de acordo com o autor, as decisões tomadas corroboram as “práticas ideológicas e políticas que regulam as relações entre grupos raciais na sociedade abrangente. [...] A raça é assim mantida como símbolo de posição subalterna na divisão hierárquica do trabalho e continua a fornecer a lógica para confinar os membros do grupo racial subordinado àquilo que o código racial da sociedade define como *seus lugares apropriados*” (p. 89-90).

³¹ Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas. Instituto Ethos. 2016. Disponível em: <<https://www.ethos.org.br/cedoc/perfil-social-racial-e-de-genero-das-500-maiores-empresas-do-brasil-e-suas-acoes-afirmativas/>>.

Dessa forma, o negro que teima em não se contentar com o “lugar apropriado” definido para ele pela sociedade, é penalizado, como vimos nas estatísticas acima, onde as maiores diferenças salariais se concentram no grupo com maior nível de educação, além de a taxa de ocupação nos postos mais altos das empresas ser a mais desigual.

3.1 Igualdade formal x Igualdade material

É através do trabalho que as pessoas são capazes de proporcionar uma vida digna para si e para seus familiares. Sendo assim, nada mais razoável que o direito ao trabalho componha uma parcela indispensável dos direitos humanos fundamentais. A Constituição brasileira de 1988 tenta assegurar esses direitos, proibindo a diferença de salários por motivo de sexo, idade, cor e estado civil, assim como “igual oportunidade para todos de serem promovidos”. Também diz repudiar o racismo, o constituindo como “crime inafiançável e imprescritível”.³²

Joaquim Barbosa (2001), ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, afirma, entretanto, que a Constituição e as leis que pretendem erradicar o racismo são falhas – situação que podemos inferir nos baseando nas estatísticas demonstradas anteriormente. Segundo ele:

Na órbita jurídica interna, além dos dispositivos constitucionais genéricos que proíbem a discriminação racial e criminalizam certos comportamentos discriminatórios, o Direito brasileiro se singulariza pela esdrúxula estratégia de pretender extinguir a discriminação racial e seus efeitos mediante leis de conteúdo criminal [...]. Ineficazes, tais leis são muitas vezes objeto de deboche por parte de alguns operadores do Direito aos quais incumbiria aplicá-las. Não se tem notícia de um único caso de cumprimento de pena por condenação criminal fundada nessas leis (pp. 12-13).

Podemos constatar que, no que diz respeito à igualdade no trabalho, as leis esbarram na dificuldade que é provar a discriminação. Uma pesquisa divulgada em 2017 pela ETNUS³³ apontou que 60% dos entrevistados afirmaram ter sofrido racismo no ambiente de trabalho, 92% acreditam que há discriminação racial na contratação de candidatos e 67% possuem a percepção

³² BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Planalto. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

³³ *Afroconsumo: Pesquisa sobre como afrodescendentes consomem o Mercado de Trabalho*. (2017). São Paulo: ETNUS Consultoria e Pesquisa.

de que já deixaram de ser contratados por serem negros. A percepção dos candidatos confere com as estatísticas, mas como evidenciar isso no tribunal?

Além disso, é importante notar que a promoção da igualdade não pode ser orquestrada apenas na proibição da exclusão de grupos desfavorecidos, visto que estas medidas, sozinhas, não resultam automaticamente em inclusão. É necessário que estratégias promocionais – também chamadas de ações afirmativas – sejam adotadas conjuntamente, onde o objetivo é alcançar mais do que a igualdade *formal*, mas também a igualdade *material*.

A igualdade formal se utiliza da máxima de que “todos são iguais perante a lei”, desconsiderando as peculiaridades de grupos menos favorecidos, o que se mostra insuficiente (Silva, 2017). Como disse Aristóteles: “devemos tratar os iguais igualmente e os desiguais desigualmente, na medida de suas desigualdades”³⁴. Somente dessa forma é possível efetivar os direitos humanos fundamentais e aumentar as oportunidades reais de indivíduos historicamente discriminados.

Um dos exemplos de ações afirmativas no Brasil é a chamada “Lei das Cotas”. Sendo a educação um dos principais meios de contribuir para a inserção no mercado de trabalho e ascensão social dos indivíduos, a Lei nº 12.711/2012 é de grande importância: garante 50% das vagas em universidades e instituições de ensino federais a alunos oriundos de escola pública, sendo 50% (dentro desses 50%) destinados a pretos, pardos e indígenas.

A Lei das Cotas é importante, contribui para universalizar o acesso à educação superior, mas, como vimos, a educação não se traduz em igualdade de oportunidades no mercado de trabalho. Homens brancos continuam a ser os preferidos tanto na inserção, quanto na promoção organizacional, ocupando quase 85% dos cargos mais altos das empresas.

Não há dúvidas sobre a necessidade da continuação e possível expansão das leis criminais antirracistas, assim como das ações afirmativas. Por outro lado, percebemos que o modo como o Estado brasileiro vem tentando diminuir a desigualdade racial tem se mostrado pouco eficaz, pois o problema maior do racismo, como vimos, se encontra no âmbito estrutural.

³⁴ Essa frase foi extraída da sua *Ética a Nicômaco*. (2003). Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret.

3.2 Masculinidades negras e mercado de trabalho

Na literatura feminista, o privilégio econômico masculino tem sido visto como a principal fonte de poder dos homens sobre as mulheres (Nurse, 2004). A noção do homem como o “provedor”, portanto, tem sido central para a ordem binária e patriarcal do gênero, sendo um dos atributos mais valorizados da masculinidade hegemônica (Roberts & Walker, 2018): é preciso ter dinheiro, status e, conseqüentemente, poder, para ser um homem admirado e respeitado, de acordo com as regras da sociedade capitalista atual. Como diz Kaufman (1997), “much of what we associate with masculinity is based on a man’s capacity to exercise power and control” (p. 63).

Este papel, contudo, vem sendo negado sistematicamente à maioria dos homens negros no Brasil, como pudemos perceber anteriormente. Nas palavras de Sueli Carneiro (1985):

Enquanto a relação convencional de dominação e subordinação social da mulher tem como complementaridade a eleição do homem como provedor, temos o homem negro castrado de tal poder enquanto escravo e posteriormente alijado do processo de industrialização nascente (p. 43).

O homem negro foi posto às margens da sociedade capitalista, discriminado no mercado de trabalho e impedido de assumir posições de poder. Além disso, o processo de acumulação de capital foi genderizado e racializado durante toda a história. São homens brancos os possuintes das maiores riquezas da humanidade – riquezas estas produzidas durante a escravidão por mulheres e homens negros, mas apropriadas pelos primeiros. Como disse Fanon (1968): “a causa é conseqüência: o indivíduo é rico porque é branco, é branco porque é rico” (p. 29). Então, argumenta Staples (1982):

While we realize the economic consequences of unemployment, the psychological ramifications can be more malevolent. In a society where work and money is the measure of the man, joblessness can destroy the male’s motivation to live. Because of the masculine mystique, losing a job can cause damage to the fragile male ego, result in suicide, homicide, psychological breakdown and family violence (p.142)

O que o autor sugere consiste em apresentar o homem negro como um ser desejante da posição do patriarca. É necessário, entretanto, se atentar para a existência de masculinidades alternativas que não se constroem necessariamente a partir da masculinidade falocêntrica. Afinal, como afirma hooks (2019), embora o “ideal patriarcal” seja a “versão mais estimada de masculinidade” (p. 172), não é a única - existem homens negros que optam por estilos de vida

alternativos, questionam o *status quo*, se esquivam da identidade patriarcal e inventam a si mesmos.

hooks (2004) sustenta, então, que “the black men who are most worried about castration and emasculation are those who have completely absorbed white-supremacist patriarchal definitions of masculinity” (p. 10). Portanto, ainda que o racismo e as desigualdades econômicas sejam problemas gravíssimos, - e que devem ser exaustivamente combatidos - não podemos nos deixar cair na armadilha de reduzir as masculinidades dos homens negros à “inabilidade de realizar o ideal falocêntrico masculino” (hooks, 2019, p. 174), como foi arquitetado pela hegemonia branca.

Sobre os estudos das masculinidades no Brasil, as pesquisas começaram a ser desenvolvidas nas décadas de 1950 e 1960, com foco no machismo e em ações individuais, o que acabou representando um problema, pois contribuiu para estereotipar a imagem do homem latino-americano (Ramírez, 2005).

Ao mesmo tempo, vários estudos sobre as relações raciais e a desigualdade socioeconômica também despontavam. No início da década de 1950, o clássico *O Negro no Rio de Janeiro*, de Costa Pinto (1952), merece destaque pelo grande primeiro esforço de quantificação da desigualdade racial. Na década de 60, pesquisadores se voltam para o sistema escravocrata, e nele, buscam explicações para as disparidades raciais. Em 1965, por exemplo, Fernandes desenvolve um estudo em que afirma que a discriminação racial seria substituída pela discriminação de classe, ou seja, que o “problema racial” seria uma herança da escravidão. Valle Silva e Hasenbalg, por outro lado, na década de 70, incorporam técnicas estatísticas de caráter explicativo na tentativa de mensurar os efeitos da discriminação racial.

Os anos 70, marcados pelos movimentos sociais, traz com ele o interesse pelo tema da identidade, a exemplo de Brandão (1977) e sua abordagem sobre o trabalhador negro do sertão e a relação com o patrão branco. Neusa Santos Souza, em 1983, escreve *Tornar-se negro*, explorando as estratégias de ascensão social do sujeito racializado em concomitância com a única possibilidade de “tornar-se gente”.

A partir da década de 80, os estudos sobre as masculinidades incorporam as contribuições do feminismo sobre a construção cultural do gênero, relações entre homens e mulheres, perspectivas de poder e sexualidade (Adrião, 2005), e tornam as pesquisas bastante heterogêneas, que abordam, dentre muitos assuntos, a existência de um duelo viril entre brancos e negros

(Restier, 2019), a hiperssexualização, autoestima e relacionamentos inter-raciais (César, 2019), além das transmasculinidades negras (Santana, 2019) e a corporeidade e saúde do homem negro (Soares & Araújo, 2019).

Osmundo Pinho, em 2014, investiga a formação das masculinidades negras dos jovens no ambiente escolar na Bahia, e chega à conclusão de que a escola falha em atingir positivamente os jovens das classes baixas e promover qualquer tipo de mobilidade social. Na mesma linha, estudos como os de Ribeiro (2006) e Rocha (2015), discorrem sobre as dificuldades da mobilidade social e o universo do negro no mundo dos ricos.

Percebemos que a realidade discriminatória é muito bem documentada e explorada, inclusive com dados oficiais divulgados trimestralmente através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), que acompanha as flutuações da força de trabalho com indicadores separados por raça e gênero. Da mesma forma, existem, como vimos, trabalhos importantíssimos no Brasil focados em diversos aspectos das vivências das masculinidades dos homens negros.

Na minha pesquisa, entretanto, não encontrei trabalhos que abordassem especificamente a relação entre mercado de trabalho e masculinidades negras como eu me propus a fazer aqui. Existem estudos como o de Bruschini (1998), que compara a participação de homens e mulheres no mercado de trabalho brasileiro, mas peca em não levar em consideração o conceito de interseccionalidade – quando a autora afirma que mulheres são discriminadas e homens privilegiados, de que mulheres e de que homens está falando? René Silva (2013), por outro lado, aborda a história dos trabalhadores negros no Brasil e a desigualdade racial, resultando em um ótimo trabalho, embora não pela ótica das masculinidades.

O trabalho que mais se aproximava do tema das masculinidades e mercado de trabalho foi o artigo de Jimenez & Lefèvre (2004) para a Universidade de São Paulo, que trata dos desafios e perspectivas sobre desemprego e masculinidade. É preciso dizer, porém, que o trabalho elaborado pelos estudiosos, além de não focar especificamente na questão dos homens negros nem no universo laboral de forma geral, acaba por reproduzir a associação do “ideal do macho” com o papel de provedor que hooks (2019) critica, quando afirma, por exemplo, que, “para os homens o desemprego, principalmente quando excede dois anos, representa uma ruptura com padrão de masculinidade tradicional, sendo um aumento de risco para o aumento do consumo de álcool, cigarro e outras drogas” (p. 230), que surgiriam como “alternativas para a retomada de um lugar

social identificado como masculino” (p. 231). Os autores afirmam ainda, baseando-se em Herd (1994) e Broman, Hamilton, Hoffman & Mavadt (1995), que o efeito seria “mais severo naqueles com menor grau de instrução e entre os *negros*” (p. 231, grifo meu), ainda que admitam que se faz necessário “elaborar novas formas de identidades” e “potencializar saberes” que permitam a reorganização das subjetividades masculinas.

Prefiro localizar esse trabalho em harmonia com as ideias de hooks (2019) e Ribeiro (2015), que clamam para que o olhar sobre as masculinidades negras não se circunscreva apenas na relação do homem negro com o Estado e nas teóricas “castrações” promovidas pelo ideal falocêntrico, mas sim, principalmente, nas *agências* dos sujeitos “múltiplos, instáveis, contraditórios, multifacetados e paradoxais” (Ribeiro, 2015, p. 71). Assim, ao mesmo tempo em utilizo arcabouços teóricos que demonstram o racismo no mercado de trabalho, procuro correlacionar com os conceitos das masculinidades hegemônicas e marginalizadas, sem, entretanto, ignorar as subversões e negociações dos homens negros no exercício das suas masculinidades.

4. Questões epistêmicas

É o homem negro, brasileiro, com graduação completa ou em curso, morador da cidade do Rio de Janeiro, quem vai discorrer sobre suas experiências e percepções sobre o mercado de trabalho carioca e sobre o modo como vivenciam suas masculinidades. Sobre o perfil definido para os entrevistados, há dois pontos a justificar: o primeiro sobre a escolha de pessoas com ensino superior ou em curso e o segundo sobre o espaço ser a cidade do Rio de Janeiro.

Como vimos nos capítulos anteriores, ao olhar para o abismo da desigualdade racial existente no mercado de trabalho brasileiro, é comum pensar que isso se deve a fatores históricos que resultam em pessoas negras tendo menor acesso à educação. Tendo demonstrado que é verdade, também já foi dito que a desigualdade educacional não explica por que as maiores discrepâncias salariais estão justamente nos níveis mais altos de escolarização. E mais: não explica por que *naturalizamos* que pessoas negras sejam a maioria nos trabalhos precários e a estranheza que sentimos quando nos deparamos com um médico negro, como se as coisas estivessem “fora de lugar”. Refletir sobre essas questões e analisar os discursos de quem, mesmo contra todas as apostas, atingiu níveis de escolarização mais altos do que “era o esperado”, é o motivo pelo qual este perfil foi anteposto.

Já a escolha da cidade do Rio de Janeiro foi estratégica e sem dúvidas influenciará no resultado desta dissertação. Num país de dimensões continentais como o Brasil, não é possível abordar o mercado de trabalho *brasileiro*. Inúmeros Brasis existem e coexistem dentro das fronteiras canarinhas. O modo como se deu a escravidão foi mais ou menos intensa nas cinco regiões do país. O processo de urbanização e industrialização, mais acelerado numas cidades do que em outras. Dito isso, há que se considerar que as experiências dos homens negros enquanto trabalhadores na cidade do Rio de Janeiro é específica e está longe de retratar o Brasil como um todo: o eixo Rio-São Paulo representa o que há de mais desenvolvido no que diz respeito ao capitalismo industrial do país. Além disso, tendo nascido, crescido e trabalhado na cidade, encontrei mais facilidade e familiaridade tanto com o mercado como para encontrar os sujeitos que foram necessários para me ajudar a produzir este trabalho.

Foi decidido que a melhor forma de ouvir estas vozes seria através da pesquisa qualitativa. Fora o fato de que não havia tempo ou recursos necessários para fazer uma pesquisa quantitativa abrangente, os números do abismo da desigualdade racial no mercado de trabalho que

provavelmente seriam expostos não causariam nenhuma surpresa – institutos muito mais bem preparados e equipados já se encarregam desse ofício todos os anos. Na pesquisa qualitativa, por outro lado, sendo a preocupação do pesquisador não com a “representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social” (Goldenberg, 2004, p. 14), foi possível investigar os agenciamentos, negociações e reinvenções das vivências das masculinidades do homem negro carioca. Entender melhor os percalços e dificuldades destes homens no mercado, juntamente das subjetividades, expectativas e masculinidades alternativas que se desenrolam é o que foi procurado alcançar com a pesquisa qualitativa.

Desta forma, foram realizadas entrevistas semiestruturadas iniciadas com uma pergunta inicial que Tom Wengraf (2001) chamou de SQUIN – *Single Question aimed at Inducing Narrative*. Seguindo o método SQUIN, o sujeito foi convidado a fazer, inicialmente, uma narrativa biográfica focada sobre a sua experiência enquanto homem negro no mercado de trabalho brasileiro. Esta narrativa foi explorada através de uma única pergunta inicial: “Como você considera a sua experiência enquanto homem negro no mercado de trabalho do Rio de Janeiro?” É importante ressaltar que este método, principiado com uma pergunta aberta, garantiu que as vozes do sujeito não fossem coagidas. Da mesma forma, o método aconselha que nenhuma intervenção seja feita por parte do pesquisador, para que o sujeito fique completamente à vontade e não sofra nenhuma influência que comprometa a sua espontaneidade. Essa postura de não-intervenção foi esclarecida ao entrevistado na própria pergunta.

De acordo com Wengraf (2001):

biographical narratives are powerfully expressive (and so symptomatic indicators) of the natures of particular persons, cultures and milieux, and they are valuable instruments for a large range of social and psychological research theory-questions because they present to the researcher embedded and tacit assumptions, meanings, reasonings and patterns of action and inaction (p. 116).

A narrativa biográfica também é de grande importância para percebermos o fenômeno do racismo, pois como afirma Kilomba (2019), este não é experienciado de forma pontual, mas contínua. Outra vantagem é que a narrativa biográfica nos permite ter acesso às experiências deste homem “pelos olhos do entrevistado” pois como Wengraf assinalou acima, apresenta o que ele valoriza, como interpreta a realidade e que significado dá ao mundo social. É isso o que constitui, como afirma Goldenberg (2004), o objeto da pesquisa sociológica.

Após esta primeira questão ampla, a entrevista prosseguiu no modelo semiestruturado, o que significa que um roteiro foi preparado com os pontos que foram julgados importantes serem abordados, mas que este roteiro era, também, flexível, como se encontra preconizado no modelo proposto por Wengraf (2001). À medida que a entrevista ia avançando, havia liberdade para fazer perguntas que não haviam sido previamente estabelecidas, assim como solicitar que um ou outro aspecto fosse mais esclarecido ou exemplificado. A entrevista semiestruturada foi escolhida justamente porque foi possível partir de questionamentos apoiados em teorias e hipóteses, que asseguravam uma certa estrutura e direcionamento, mas que também permitia autonomia para investigar conteúdos novos que surgissem e fossem julgados pertinentes para a realização da pesquisa.

Foram entrevistados dez homens negros, de diferentes classes sociais, profissões, idades, lugares, percursos e orientações sexuais. Cheguei nestes colaboradores por meio de anúncios em grupos de *WhatsApp*, indicações de amigos e indicações dos próprios colaboradores. As duas primeiras entrevistas aconteceram em Lisboa e as oito restantes no Rio de Janeiro. As sugestões de lugares dos entrevistados foram respeitadas - desde que a privacidade e confidencialidade das mesmas não fossem comprometidas. Em alguns casos, e como preconizado no modelo de Wengraf, uma segunda entrevista foi realizada, para esclarecer alguns pontos que porventura não tivessem ficado claros no primeiro encontro. O total contabilizado de horas das entrevistas foi de dezessete horas e trinta e três minutos. O panorama a seguir mostra o panorama geral dos perfis dos entrevistados:

Pseudônimo	Idade	Estado civil	Ensino Superior	Classificação socioeconômica	Orientação Sexual	Tempo de duração da entrevista 1	Tempo de duração da entrevista 2	Tempo total
Kinho	28 anos	Solteiro	Administração	Classe C	Heterossexual	1:47h	22m	2:09h
Aldemiro	28 anos	Solteiro	Direito	Classe C	Homossexual	01:39h	59m	2:38h
Maicon	25 anos	Solteiro	Engenharia Mecânica	Classe C	Heterossexual	1:31h	-	1:31h
Oswaldo	28 anos	Solteiro	Desenho Industrial	Classe C	Heterossexual	2:13h	-	2:13h
Isaque	33 anos	Casado	Engenharia Elétrica	Classe B	Heterossexual	48m	18m	1:06h
Valdo	31 anos	Solteiro	Engenharia de Produção	Classe B	Homossexual	1:22h	-	1:22h
Frederico	27 anos	Solteiro	Economia	Classe B	Heterossexual	1:47h	-	1:47h
Marcelo	36 anos	Solteiro	Engenharia Mecânica	Classe A	Heterossexual	1:22h	20m	1:42h
Nilton	25 anos	Solteiro	Relações Internacionais	Classe C	Heterossexual	43m	-	43m
Deoclides	34 anos	Casado	Publicidade	Classe C	Heterossexual	2:22h	-	2:22h
17:33h								

Além destes dados, os entrevistados foram solicitados a se definir em relação à raça e ao gênero. Todos disseram se considerar negros, do gênero masculino. Antes de iniciar a entrevista os participantes preencheram, também, um termo de consentimento, cujo modelo se encontra no Anexo A.

O guião de entrevista, que pode ser conferido no Anexo B, foi dividido basicamente em cinco categorias. O primeiro se referia aos dados sociais, o segundo chamei de “ser homem negro, ser trabalhador”, em terceiro “o papel de provedor e a família”, continuava com “masculinidades negras” e concluía com perguntas sobre o “futuro”. Os objetivos desses eixos de pesquisa foram definidos da seguinte maneira:

- I. Dados Sociais: mapear o perfil do entrevistado;
- II. Ser homem negro, ser trabalhador: examinar as dificuldades que o homem negro, devido ao racismo, enfrenta na busca pela inserção e ascensão no mercado de trabalho da cidade do Rio de Janeiro, seu percurso profissional e sua relação com o trabalho;
- III. O papel do provedor e a família: investigar as referências de masculinidade do sujeito, seu modelo de “homem ideal” e sua relação com o papel de provedor;
- IV. Masculinidades negras: analisar as dificuldades que este homem enfrenta para expressar a sua masculinidade no ambiente brasileiro;
- V. Futuro: indagar sobre o que entrevistado propõe como possíveis soluções para as questões tratadas na entrevista.

As entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos convidados, e posteriormente transcritas, podendo ser consultadas no Anexo C. Os nomes e quaisquer dados que comprometessem o anonimato dos sujeitos foram alterados.

É preciso pontuar, aqui, a delicada relação de poder que se apresentava na entrevista. Como bem pontua Bourdieu (1999), “é o pesquisador que inicia e estabelece a regra do jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos” (p. 695). Além disso, havia a questão óbvia da raça, em que eu, pesquisadora, vista como representante da branquitude, pedia aos entrevistados para me exporem dificuldades e

vulnerabilidades. Para reduzir a comunicação violenta que pode surgir nesse contexto, Bourdieu (1999) sugere “disponibilidade total em relação à pessoa interrogada e submissão à singularidade de sua história particular” (p. 695), entre outras orientações, o que foi devidamente seguido. Acredito, contudo, que as categorias “homem x mulher” que ali estavam postas também contribuíram para contrabalancear esta relação de poder. Como sublinhado nos capítulos teóricos do presente estudo, o “ser homem” é possuir poder simbólico perante uma mulher.

Para trabalhar e apresentar os dados obtidos nas entrevistas, foi escolhido o método da Análise Temática (Braun & Clarke, 2006), que consiste em identificar, analisar e relatar padrões nos dados colhidos, ajudando a organizar e descrever estes dados. Como a análise temática não está ligada a um quadro teórico preexistente, pude me valer de diversos autores para interpretar os discursos dos participantes desta pesquisa. Procurei utilizar, em sua maioria, autores e autoras negras brasileiras (Bento, 2002; Rocha, 2015; Pinho, 2004) para me auxiliar nesta interpretação, ainda que grandes nomes como o de bell hooks (2004) e Grada Kilomba (2019) não tenham sido deixados de fora, atentando-se, ainda assim, para as possíveis particularidades do homem negro brasileiro. Foram procurados então, nos relatos dos participantes, padrões e elementos homogêneos, e também não-homogêneos, mas que, ainda que subjetivos, foram entendidos como pertinentes à composição deste trabalho.

Emprego, ainda, na análise temática do discurso dos participantes, o método ‘contextualista’ do realismo crítico (Willig, 1999), onde se admite que a linguagem, por mais construtora que seja das realidades sociais, não pode ignorar as condições e limitações do mundo material. O realismo crítico, portanto, “combines constructionist and realist positions to argue that while meaning is made in interaction, non-discursive elements also impact on that meaning” (Sims-Schouten, Riley & Willig, 2007, p. 102). O que tento fazer no próximo capítulo, então, é relacionar o elemento não-discursivo “homens negros discriminados no mercado de trabalho” com o elemento discursivo “que significados estes homens dão a esta realidade material?”. Afinal, homens negros só precisam dar sentido social às dificuldades no mercado de trabalho porque a realidade material do racismo assim se apresenta. Poderíamos pensar ainda: o elemento discursivo ajuda a construir o elemento não-discursivo que é a realidade discriminatória? E mais: como o elemento discursivo da masculinidade afeta esta percepção da realidade?

Por fim, é preciso dizer que não pretendo fingir uma falsa neutralidade ou objetividade. Mesmo me esforçando para observar a realidade pelos olhos do outro, estou materialmente

localizada como uma mulher branca privilegiada – e disso não posso fugir. Como afirma Wengraf (2001), quando se assume o papel de pesquisador, “you do not leave behind your anxieties, your hopes, your blindspots, your prejudices, your class, race or gender, your location in global social structure, your age and historical positions, your emotions, your past and your sense of possible futures when you set up an interview” (p. 5). Portanto, tanto a entrevista realizada, quanto a análise e os posteriores resultados obtidos, serão influenciados pelo modo como experencio o mundo – sendo este modo bem diferente de como os homens negros o experienciam.

Como esclareceu Grada Kilomba (2019), as pessoas negras experimentam a realidade de forma diferente das brancas devido ao racismo, e por isso, os temas, paradigmas e metodologias escolhidos para interpretar a realidade também diferem. Além disso, experencio o mundo num corpo lido como feminino, que obviamente me faz enxergar a realidade de forma diferente de um corpo definido socialmente como masculino. É neste delicado entrelaçado interseccional de poder, portanto, que esse trabalho será realizado. A conclusão evidente de que minha escrita é parcial, porém, não a inviabiliza – todas são. Meu objetivo, então, é deixar claro que as conclusões futuramente apresentadas partem de uma mulher branca, latino-americana, estudante em Portugal, sobre os homens negros moradores da cidade do Rio de Janeiro, e que não pretendem de nenhum modo ser lidas enquanto verdades universais, mas como uma fração ínfima das infinitas possíveis interpretações dos fatos sociais.

5. Visões sobre o homem negro e o mercado de trabalho

5.1 Estereótipos

Os estereótipos, assim como os preconceitos, desempenham, na área do trabalho, uma importante função: manter a ideologia da classe dominante, justificando as diferenças de tratamento (Bento, 2002). A mídia contribui enormemente para a construção destes estereótipos, construindo imagens e, posteriormente, influenciando a ação da sociedade. No caso do homem negro, narrativas nacionais são inscritas em seu corpo visando controle e objetificação, contribuindo para minar sua individualidade e autodeterminação. Tais narrativas, repletas de representações sociais, foram pontuadas diversas vezes pelos entrevistados:

Pesquisadora: O que dizem sobre os homens negros na cultura brasileira?

Aldemiro: Quando escapa de ser bandido, ou pagodeiro, ou jogador de futebol, ou não faz nada... porque tem muito essa figura também do homem negro “enrolão”, sabe? Que a esposa é quem vai mantendo a casa e ele faz vários nada, como se... quando acontece uma situação dessa, o que retrata é ele fazendo vários nada, mas é um homem negro que faz diversos bicos e diversos trabalhos que se você parar pra analisar, se esse personagem é inspirado em algo real, é um cara que tá tentando muito ter um trabalho e não consegue por não ter um encaixe, seja por falta da educação básica que não foi fornecida de forma correta pelo Estado, seja por uma barreira do racismo atrapalhando que ele consiga um trabalho. Mas a figura que se imprime é do cara que não quer nada, do cara que quer só deitar e rolar, do cara que quer cantar um monte, quer fazer isso, quer fazer aquilo, que é esperto. Eu acho que é muito isso e... sempre muito viril, sempre muito sexual, sempre tem muito essa carga também de que temos que ser sexuais, temos que ser felizes, temos que entregar essa sexualidade muito forte. Acho que é isso, temos muitos estereótipos dentro de um grande estereótipo, mas é isso, é o malandro altamente sexual.

Visualizamos nessa fala diversas representações que cerceiam a identidade do homem negro. Aldemiro aponta o estereótipo do bandido, pagodeiro ou jogador de futebol. É interessante a apresentação desses três estereótipos reunidos porque escancara um fragmento importante do inconsciente coletivo brasileiro: a crença de que as únicas formas de um homem negro ascender são através da música ou do futebol, ou seja, através da sua corporeidade. Se não der certo, ele vira bandido. Ou malandro. Aldemiro denuncia que a falta de oportunidade de trabalho para o homem

negro significa falha do Estado e racismo, mas aponta que não é isso que a narrativa enfoca. É preferível disseminar a crença de que o homem negro é preguiçoso, gosta de “deitar e rolar”, é “enrolão” e emasculado pela mulher negra. Se o homem negro está desempregado ou na informalidade, portanto, a culpa é dele – e aqui caímos na velha tática de culpabilização do indivíduo para manutenção do status quo através do discurso da democracia racial.

O segundo ponto que Aldemiro toca tange à sexualidade do homem negro, novamente trazendo à tona o encarceramento desse homem no próprio corpo. Segundo hooks (2004), o Ocidente sempre foi obcecado com a sexualidade. Assim, de acordo com a teoria da projeção aplicada ao racismo discutida por Grada Kilomba (2019) e apresentada neste trabalho no ponto 4.1, tudo que era tabu e/ou reprimido pela sociedade branca foi projetado no Outro negro - algo bem exemplificado no relato de Frederico:

Frederico: Eu acho que o que dizem sobre o homem negro é que ele é da cor do pecado, que é bom de cama, que é... enfim, ou é isso, ou é o homem negro sendo... acho que são dois lados: ou é a hiperssexualização ou é a violência, o homem é o traficante, o homem que representa um risco, “a pessoa que eu tenho que segurar a minha bolsa e guardar quando ele aparecer”. Enfim, ou é a pessoa que apresenta o risco ou é o corpo que eu desejo pra me dar prazer. E aí, quer dizer, se a gente como ser humano é reduzido a isso, então a gente deixa de ser humano quase, né?

A conclusão de Frederico é particularmente apta: se o homem negro é definido intrinsecamente ou como violento ou como hiperssexual, sua humanidade é tolhida. E é justamente essa desumanização que vai legitimar práticas de subordinação e dominância física.

Deoclides: A sociedade espera as piores coisas do homem negro. A sociedade espera uma matéria no jornal, a sociedade espera que um pai de família esteja armado ali e tome 80 tiros, aqueles garotos ali da pedreira tomaram 111 tiros... a sociedade falou no ouvido daqueles policiais ali. “Ih, esses caras tão armados! Eles são pretos, eles tão armados”. Mermão, como é que dão 111 tiros num carro? Como é que dão 80 tiros num carro? É a sociedade que fala no ouvido desses caras, pô. Os caras são da segurança pública, pública é da sociedade, né? E os caras são reflexo disso. Eles vão fazer o que a sociedade tá falando no ouvido deles. E a sociedade espera isso da gente. Marginalidade, né? É isso o que a sociedade espera da gente. O negro é isso aí, o negro é o fujão, o negro é o malandro, capoeirista, né? Tudo que é do negro é ruim, cara. Tudo que parte

da gente é ruim. É a religião do negro, de matriz africana, que é do demônio. A música do negro é música de bandido. A arte do negro é vandalismo. Tudo que parte do negro é ruim.

Deoclides se refere a dois episódios marcantes ocorridos na cidade do Rio de Janeiro. No ano de 2015, cinco jovens foram alvejados por policiais com 111 tiros quando voltavam para casa enquanto comemoravam o primeiro salário de um deles. Em 2019, um pai de família foi morto a caminho de um chá de bebê. Estava com a família no carro. Na época, especulou-se que os policiais teriam atirado 80 vezes. Foi um erro: o número de tiros foram 257. A similaridade nessas histórias? A cor da pele das vítimas e a crença de que eram bandidos – além, obviamente, da quantidade inacreditável de disparos. Quais são as consequências emocionais e econômicas dessa violência? Como falar de ascensão social no mercado de trabalho quando seus amigos estão sendo mortos e a sua própria vida está em risco? Se aos homens negros são imputados o crime e a violência, a sexualidade desenfreada e os instintos incontroláveis, quais são as consequências para esses homens no mercado de trabalho? O que, afinal, é esperado desses homens?

Deoclides: A sociedade espera que o homem negro falhe. A sociedade espera que o homem negro falhe pra falar assim: “aí, não falei? Ele é assim.” Eles querem falar mal da gente. Se a gente fizer o bonitinho, pra eles não é interessante. Tem uma música do Emicida, Inácio da Catingueira, que fala assim: “se você revidar um soco com outro soco, eles só vão ver o teu soco, se você revidar um palavrão com outro palavrão, eles só vão ouvir o teu palavrão”. Eles querem que a gente se rebele, que a gente bata, que a gente xingue, que a gente faça o desaprovado, pra falar assim: “aí, não falei?”

De acordo com o participante, a sociedade brasileira cria todo o ambiente necessário para que o homem negro falhe. E aguarda. A perversidade, entretanto, vai além: independentemente do resultado, a análise já está dada. Porque se este homem corresponde às expectativas e falha, as políticas de exclusão, marginalização e violência são justificadas. Por outro lado, se contra todas as expectativas, sucede, não desonra o seu grupo racial, vira exceção. O fracasso, portanto, é atribuído de forma coletiva aos homens negros. O sucesso, por outro lado, é individual.

Frederico, o oitavo entrevistado para a minha pesquisa, traça uma carreira brilhante. Se formou numa faculdade de ponta, concluiu o mestrado e agora cursa um doutorado com bolsa integral numa das melhores universidades dos Estados Unidos. Ocupou cargos de destaque durante

essa trajetória, inclusive no governo brasileiro, desenhando políticas públicas voltadas para a educação. Frederico nos conta que, por isso, sempre foi colocado numa posição de exceção:

Frederico: Uma é sobre a reflexão que sempre faziam pra mim de que eu era um ponto fora da curva, de que eu era uma pessoa diferente das outras.

Um homem negro traçando uma carreira de sucesso como a de Frederico é um ponto fora da curva, dizem. Ora, e se é assim, o que isso diz da curva? Dizem que Frederico é uma “pessoa diferente das outras”. De quais pessoas afirmam que ele é diferente? Certamente não é dos homens brancos, que sempre ocuparam os espaços de poder. Dizem que ele é diferente de outras pessoas *como ele*. Vejamos agora um trecho da entrevista de Kinho:

Kinho: Quando percebem que eu tenho boa formação, que eu sou inteligente, que eu tenho qualificação, muita gente se surpreende. É muito comum, eu já ouvi de várias pessoas: “eu nunca vi ninguém como você”.

O que chama atenção aqui, portanto, é o que a sociedade branca estranha e o que não estranha, o que é normalizado e o que não é. A sociedade não estranha o fato de haver tão poucos homens negros com a mesma trajetória de Frederico. O que surpreende mesmo é um homem negro bem formado, inteligente e qualificado como Kinho.

Pesquisadora: Como os homens negros são representados na cultura brasileira?

Isaque: Sempre são... como posso dizer? Sempre é subclasse, né? Nunca é a classe mais rica, é sempre o escravo, o empregado, ou o motorista, ou... é. A gente precisa acordar pra isso, apesar de eu não enxergar essa diferença, existe esse lado. É evidente, fica claro até nas novelas ou é forçado nas novelas, enfim.

Isaque foi um dos entrevistados que me relatou nunca ter sofrido racismo. Conforme a entrevista foi avançando, entretanto, ele foi confrontado com reflexões que parecia ainda não ter feito. Quando perguntei como os homens negros são representados na cultura brasileira, ele se dá conta de que é sempre como “subclasse”: o escravo, o empregado ou o motorista. Aqui, cabe a

reflexão: como impacta a vida profissional do sujeito negro essas representações racistas de um homem violento, hiperssexual, malandro, bandido, escravo, empregado e motorista?

Nesse jogo de expectativas, é possível observar duas dimensões que interferem na vida profissional do homem negro: a social e a pessoal. Na dimensão social, essas representações e expectativas formam o inconsciente coletivo e interferem de forma mais prática no ambiente de trabalho, inclusive no que tange à contratação e promoção de candidatos. Já na pessoal, o homem negro internaliza todas as representações e expectativas negativas sobre si e não consegue se imaginar ocupando espaços de poder. Assim, os estereótipos raciais agem tanto como sustentáculos dos efeitos mais simbólicos e indiretos do racismo – como a limitação das aspirações pessoais – como das práticas discriminatórias racistas diretas.

É importante notar, contudo, que, sendo a raça uma categoria discursiva (Hall, 2013), ela possui, também, seus conflitos e negociações, ou seja, todo esse arcabouço cultural não é acolhido pela comunidade negra sem resistência e contranarrativas. Vejamos o que diz o participante Valdo:

Pesquisadora: O que dizem sobre os homens negros na cultura brasileira?

Valdo: Eita. É difícil essa pergunta, né? Porque a gente pensar em que cultura que você tá... assim, esse conceito de cultura é delicado porque a cultura de massa, né, o que se diz de um homem negro é a forma de como ele é retratado. Ele é retratado sempre de forma periférica, de forma marginalizada, essa é a representação, e é uma representação distorcida desse homem negro. Hoje a cultura brasileira representa o homem negro de uma forma distorcida, o pouco que a gente tem acesso na televisão, em alguns programas, ainda é muito distorcido. Uma coisa ou outra foge ao padrão. A gente vê agora algumas iniciativas pontuais de colocar o homem negro por uma outra perspectiva, principalmente contada por ele, mas numa cultura de massa que é o que a gente vê em novelas e em alguns filmes, essa cultura de massa reproduz vários preconceitos e... se for pensar nessa cultura, realmente, o homem negro tá sempre desqualificado. Se a gente pensar numa cultura negra, aí a gente ressignifica um pouco o que é ser um homem negro. Esse homem negro como símbolo de resistência, a gente tem outras referências, numa perspectiva negra, eu acho que a grande questão é essa: quem tá falando sobre o homem negro? Quem tá falando dessa população? De que forma essa população tá sendo representada? De onde vem essa cultura? É uma cultura elitizada? Que cultura é essa? Se for nessa representação, dessa “alta cultura”, normalmente é sempre uma representação que desqualifica. Quando esses referenciais culturais, essas atividades culturais, essas ações culturais, são pensadas e são desenvolvidas por pessoas negras, a perspectiva muda e tende a valorizar realmente a nossa negritude.

O que expressa o entrevistado, portanto, é que, dentro dos processos ambíguos de criação de identidades, residem vozes diversas, com narrativas que se entrecruzam, se completam e se excluem. De acordo com Valdo, ainda que a elite “sempre desqualifique” o homem negro, existe, por parte da cultura negra, uma ressignificação da identidade desse homem, o que abre novas possibilidades nas construções dos discursos raciais.

Deoclides: Tá faltando representatividade. Quando botar um negão ali (nas novelas), que é boa gente, não precisa ser bonitão não, pô. O maluco é referência como um cara que se veste bem, estudioso, nêgo vai se ver, pô. Por isso que eu digo que é legal esse bagulho de internet. Pô, tem muita gente bacana, cara. Tem esse Yuri Marçal, tem o Raymundo que é um professor de história que faz ali o Wakanda Madureira, tem o Ad Junior, tem muita gente que fala assim sobre negritude e que dá aula. Às vezes eu fico assim: “pô, esse cara esclareceu um bagulho pra mim que eu tava na maior dúvida”.

“A disputa por legitimação discursiva e pelo direito de narrar suas próprias memórias dentro do constructo identitário vai acionar a categoria discursiva de raça sob uma outra perspectiva, a da desconstrução da própria raça enquanto uma categoria fixa” (dos Santos & Falcão, 2019, p. 456). Assim sendo, ao mesmo tempo em que a mídia *mainstream*, controlada pelas elites, contribui para atualizar mitos raciais, questionamentos e desconstruções destes mesmos mitos vão sendo feitos em paralelo em redes sociais e plataformas como o *YouTube*, por exemplo. O caráter mais democrático dessas redes permite que indivíduos racializados desafiem o caráter essencializante da raça, como demonstra o participante Deoclides. A importância das narrativas e referências positivas negras, portanto, é enorme e não deve ser diminuída.

5.2 Saiba o seu lugar – a dificuldade da ascensão social

A ideologia racial estabelecida pela sociedade é obedecida na alocação dos membros raciais no interior da estrutura industrial, definindo que tipos de ocupação, cargos, promoções e posições de autoridade esses grupos raciais podem conquistar, além de estabelecer tetos de ascensão e mobilidade social (Osório, 2004). Alcançar posições superiores na cadeia hierárquica do mercado de trabalho, portanto, se mostra difícil, uma vez que isso significa reverter a lógica socialmente aceita: “branco superior x negro inferior”.

Pesquisadora: Como é ser um homem negro no mercado de trabalho brasileiro?

Kinho: A minha opinião é que é bom quando você assume posições mais... não digo menores, mas eu digo posições que não exigem tanto de você... porque se você se dedica bastante, eu vejo que você consegue subir... subir, vamos supor, de um nível médio para um nível um pouco melhor. Quando você já chega num trabalho mais intelectual, onde a presença de negros é mais difícil de acontecer, eu já sinto que é mais difícil você subir, você se desenvolver, porque você vai ter que enfrentar certos... é... preconceitos mesmo, a gente vai ter que enfrentar preconceitos, a gente vai ter que enfrentar a estranheza de ver alguém como a gente nessa posição... e aí eu acho que é mais difícil.

Neste trecho Kinho indica que não encontra dificuldades em posições que não “exigem tanto” dele, mas confirma que há resistência quando o homem negro almeja ascender hierarquicamente dentro das organizações. Além da estranheza com a qual a sociedade tem de lidar ao ver “gente como ele” em posições de poder, o entrevistado demonstra a dualidade construída entre homem negro x intelectualidade: “num trabalho mais intelectual, a presença de negros é mais difícil de acontecer”. Ele continua:

Kinho: Quanto mais alto o nível, menos negros você vai ver e mais branco você tem que ser. E isso muda tudo. Se eu tô num nível médio, o meu tom de pele é normal. Se eu tô num nível baixo, o meu tom de pele às vezes é melhor. Por exemplo, se eu tô no meio de negros, os negros vão me achar mais bonito por eu ter um tom de pele mais claro. Ou vão me rejeitar às vezes também por eu ter um tom de pele mais claro. Eu tenho muita consciência do colorismo. Mas se eu tô num nível médio eu sou normal. Se eu tô num nível alto, esquece. Aí já começam as olhadas de lado, as rejeições, os julgamentos, porque aí já não esperam muito de mim.

Aqui o entrevistado fala de colorismo, também chamado de pigmentocracia, que nada mais é que a hierarquização das diferentes tonalidades de pele existentes num país mestiçado como o Brasil. Quanto mais sinais de negritude o sujeito exhibe, portanto, mais excluído é. Por outro lado, se possui um tom de pele mais clara, tende a ser mais aceito e pode circular mais facilmente em outros espaços. Mas o entrevistado alerta: esse espaço se resume a níveis baixos. O tom de pele mais claro é tolerado até um determinado nível. Como indaga Cecília Floresta (2020): “embora de

pele mais clara, quantas de mim você viu em cargos considerados de chefia, em grandes empresas, em destaque na mídia, na política, comendo em restaurante caro?” (p. 87). De tom de pele mais clara ou mais escura, chefes negros não passam de 5% do total, como vimos na pesquisa realizada pela Ethos em 2016 e citada no ponto 5.2 desta dissertação. Como afirmado por Kinho, “quanto mais alto o nível, menos negros você vai ver e mais branco você tem que ser”.

Kinho: Do homem negro não se espera muito. Se espera que ele fique no lugar dele. No lugar que botaram pra ele. Ou no lugar que ele já nasce, alguma coisa assim...

Kinho volta a repetir nesse trecho que não se espera muito do homem negro. Essa expectativa nada mais é do que o reflexo do imaginário social criado acerca desse homem que discutimos no ponto anterior. Em seguida ele nos dá uma informação importante: “se espera que ele fique no lugar dele”. Essa frase vai de encontro com as ideias discutidas por Clóvis Moura no seu indispensável livro “O negro: de bom escravo a mau cidadão?”, de 1977. Diz Clóvis que ao negro contestador, que “não aceita mais permanecer eternamente como parte passiva no processo de transformação social e na conquista das possibilidades de conforto, ascensão social cultural e política” (p. 27) é reservado o título de mau cidadão, ilustrando a tese da acomodação das relações raciais em posições de classe. Nesta tese, discutida por vários autores (Cardoso & Ianni, 1960; Pinto, 1952, Nogueira, 1998), a ideia é que o caráter discriminatório das relações raciais encontraram na estrutura das posições de classe uma solução prática, ou seja, as distâncias físicas e sociais inerentes às diferentes classes sociais são as responsáveis por manter negros “física e socialmente afastados dos estratos sociais majoritariamente brancos” (Rocha, 2015, p. 30). Na medida em que o negro se mantém no seu “devido lugar”, portanto, as práticas de discriminação direta são menos agudas. São nas posições mais elevadas, onde a acomodação racial é desafiada e o negro teima em sair do “seu lugar” que os conflitos raciais se intensificam.

5.3 Isso não é para mim – a internalização do discurso social

A apropriação do discurso social pelo indivíduo se dá porque a identidade é uma categoria relacional que ocorre entre o “eu” e o “outro”. Assim, são pelos contrastes que passamos a distinguir o que somos e o que não somos, fazendo com que o referencial externo seja “fundamental para a elaboração da imagem individual” (Menezes, 2003, p. 100). Se por um lado,

então, o homem negro é o subordinado ou o bandido, por outro, do homem branco é esperado, de acordo com Aldemiro:

Aldemiro: (...) aquele sucesso padrão, tipo, executivo engravatado, ganhando bem, carro importado.

É importante notar como essa elaboração imagética individual distorcida começa cedo: um estudo que analisou desenhos de crianças do interior do Rio de Janeiro (Gusmão, 1993) demonstrou que as crianças já projetavam estereótipos raciais na faixa dos 7 anos de idade. Nos desenhos, os negros apareciam malvestidos, tristes e realizando atividades manuais, enquanto os brancos eram representados ao lado de carros potentes – mesmo crianças de 7 anos já perceberam a importância de um “carrão” no exercício da masculinidade hegemônica (artigo que também aparece no relato de Aldemiro acima). A internalização dessa inferioridade social advinda da ideologia racial restringe os objetivos e os desejos dos homens negros, como podemos observar no discurso de Marcelo:

Marcelo: Toda a minha concepção de vida, quando as pessoas olhavam pra mim, nitidamente elas esperavam o fracasso. (...) Então você vê que existe um teto de expectativa e assim, toda a minha base familiar, que são negros, eles mesmo acabaram vestindo isso. E eu também. Tipo, eu falei com você, eu lido com empreendedores e hoje eu vejo facilmente como eu poderia estar ocupando ali, mas eu mesmo me sabotei muitas vezes por acreditar numa questão que me impuseram, com toda construção de raça e tal, que eu não ia chegar em algum lugar. (...) Hoje em dia eu vejo perfeitamente que é uma coisa que eu tenho que trabalhar também, pra continuar assim, superando os meus limites. E eu tenho certeza que isso é uma questão de muita limitação pra muitas pessoas, muitas mesmo. Hoje os meus auxiliares, por exemplo, são pessoas que não precisam de formação e tal, e... digamos que 70% deles são negros. E se você conversar com eles, são pessoas altamente capacitadas, são pessoas que tem um bom discernimento, são pessoas que tem uma boa argumentação, e aí você não entende o porquê que não... E a oportunidade realmente não é plena, às vezes ela não é clara, mas você vê o quanto essas pessoas... essa questão de limitação imposta, o quanto elas abraçaram essa ideia e se mantiveram estagnadas no mesmo lugar, entendeu? O mais engraçado é se você perguntar: “Quem criou? Quem falou?” A coisa vem de forma tão indireta, a coisa é absorvida de forma tão involuntária, que você nem sabe. “Mas quem falou isso pra você?” Eu não sei. Nunca chegou diretamente. Então não sei até onde

tá o problema, entre social e pessoal, mas que de fato existe, existe. Uma projeção muito maior para as pessoas que tem uma condição assim de etnia branca, isso aí é perceptível.

Marcelo confirma que a depreciação da própria identidade começa precocemente ao dizer que em *toda a sua concepção de vida* percebia que a sociedade esperava que ele falhasse; diz também que percebia haver um teto de expectativa, um lugar do qual ele não conseguiria ultrapassar. O entrevistado afirma ainda que acredita ter internalizado essas crenças, assim como sua família e seus subordinados no trabalho, que, segundo ele, são funcionários capacitados, com qualidades prezadas no mundo corporativo, mas que simplesmente abraçaram a ideia racista de que certos espaços não são para eles, e por isso permanecem estagnados – porque acreditam que não vão chegar lá.

A regulação e adaptação das aspirações dos homens negros às expectativas, sanções e recompensas postuladas pela sociedade branca funciona como uma atitude de sobrevivência nas condições vigentes da sociedade brasileira atual, onde as aspirações subjetivas tendem a se ajustar às oportunidades objetivas (Hasenbalg, 2005), evitando frustração. Quantas carreiras brilhantes já não foram obstruídas porque os homens negros simplesmente não se viam ocupando certos espaços? Onde eles chegariam se conseguissem se enxergar como capazes? Refletir sobre a importância da internalização do discurso branco pelo homem negro, sem que seja escamoteada toda a carga de racismo estrutural e institucional que atravança sua ascensão, se faz urgente.

Por fim, Marcelo denuncia a genialidade do racismo: ele não tem cara nem voz. As ideias são tão entranhadas que passam a ser encaradas como senso comum. Ninguém nunca lhe disse diretamente que ele seria um fracasso – e seria mesmo preciso diante de toda as imagens, símbolos, produtos, crenças e mensagens criadas engenhosamente pela ideologia racial?

Frederico, entrevistado citado anteriormente que relatou ser considerado um ponto fora da curva, participou de um projeto na adolescência que o permitiu realizar um intercâmbio de duas semanas nos Estados Unidos. Ele me contou que a experiência “foi incrível” pois o permitiu vivenciar a cultura americana – mesmo que por pouco tempo. Mas, para ele, a importância dessa oportunidade foi além:

Frederico: Isso sem dúvida foi muito válido, mas pra mim o grande impacto do programa foi o quanto de possibilidades que se abriram na minha cabeça, de eu poder me enxergar em outros

espaços, me enxergar tendo acesso a coisas que talvez não fossem possíveis pra pessoas que vieram do contexto de onde eu vim.

O entrevistado relatou também que, em seguida, teve acesso a um economista, com quem conversou sobre a profissão. Essa conversa, nos conta Frederico, foi essencial para que ele ingressasse na graduação de ciências econômicas. Muitos dos entrevistados com os quais conversei eram os primeiros da família a fazer graduação. Frederico, então, reflete:

Frederico: Quando eu pensava nos amigos que eu conheci na infância, eu não me achava um ponto fora da curva. Eu acho que a diferença era só que eu tive a sorte de algumas pessoas terem me falado sobre as várias oportunidades e eu ter tido acesso a notícias de que essas oportunidades existem. Então... o fato de eu não acreditar que eu era um ponto fora da curva e de que tinham outros jovens que poderiam estar no exato lugar onde eu tava, me fez criar um projeto social de liderança pra jovens do ensino médio de escolas públicas. Então, ao longo da graduação, mais para os dois últimos anos, eu desenhei esse projeto, que era um projeto de impacto social com jovens que eram também de comunidades ou eram mais da zona norte do Rio e da baixada também, e foi uma grande experiência, porque realmente comprovei a tese que eu tinha de que de fato não era sobre ser um ponto fora da curva, é realmente ter acesso a oportunidades, sabe? Eram jovens brilhantes que hoje também fazem coisas incríveis, e acho que o projeto teve muito esse papel de pegar esses jovens com um incrível potencial e falar sobre essas oportunidades: “Gente, essas oportunidades aqui existem, tentem.” E aí as conexões foram feitas.

5.4 Desvantagens raciais e discriminação

A discriminação racial como critério de estratificação social eficaz foi demonstrada estatisticamente por muitos autores brasileiros (Valle e Silva, 1979; Hasenbalg, 2005; Ribeiro, 2006), fazendo cair por terra teorias como a de que o negro continuava concentrado nas posições sociais subalternas exclusivamente por conta de uma herança da escravidão. De acordo com Hasenbalg (2005), o que acontece é que os negros se veem duplamente punidos: primeiro com as limitações da sua origem social, e posteriormente pelo acúmulo de desvantagens sucessivas atribuídas exclusivamente à cor da sua pele. A punição de origem, portanto, reside na desproporção de negros nascidos em famílias de baixa posição social; as desvantagens acumuladas, por outro lado, podem ser vistas nas oportunidades desiguais de ascensão social baseadas exclusivamente

em critérios raciais, assim como nas diferenças de oportunidades educacionais e de retorno financeiro em relação aos anos de estudo. Como afirma Osório (2004): “Quando são tomados dois pais, um negro e um branco, ambos com exatamente a mesma condição social, se esta for baixa, o filho do branco terá melhores chances de ascender na estrutura social; se for elevada, o filho do negro correrá maior risco de descender na hierarquia.” (p. 21).

Quando falamos que a raça “constitui um dos eixos de um sistema multidimensional de estratificação” (Rocha, 2015, p. 41) não podemos deixar de citar as desvantagens educacionais associadas diretamente à condição racial. Fora todos os índices abissais nas diferenças de escolarização entre brancos e negros apresentadas no ponto 4.2, fatores como desempenho escolar (Chagas & França, 2010), tempo de permanência na escola (Hasenbalg, 2005) e expectativas dos professores (Feitosa dos Santos, 2014) também são afetadas pela cor da pele. Como afirma hooks (2004), “More than any other group of men in our society black males are perceived as lacking in intellectual skills” (p. 33). E há muitos outros problemas, como pontua Aldemiro:

Pesquisadora: Como você acha que é, em média, a educação pra um jovem negro no Brasil?

Aldemiro: Então... muito baixa e muito precária. Somos, na grande maioria, empurrados para a periferia, somos periféricos. Na periferia há menor qualidade de ensino. Eu tava lendo uma reportagem hoje sobre o Jacarezinho que tem o sexto pior índice de desenvolvimento do Rio de Janeiro e é onde há mais confronto. O que o Estado investe colocando policiais lá dentro, se investisse em outras coisas, talvez não estivesse com índices tão ruins, talvez não tivesse tanta violência, etc. Mas eu acho que é isso, a grande maioria de nós é empurrada para as margens, e aí, já nascendo nessa realidade, o estudo torna-se algo secundário, pois eles têm que ajudar no sustento da casa, acabam virando o provedor, e com isso não dá tempo de estudar... e isso quando conseguem viver também, né? Porque o homem negro não vive muito, o homem negro morre na mão da polícia. Então, quando conseguem viver mais, não podem estudar, porque estão tendo que sustentar a casa, porque ou o pai morreu, ou o pai é ausente... o pai ser ausente também é uma influência do racismo, é um efeito do racismo, é o efeito da mão do Estado em cima da família negra, então... tem toda essa carga e toda essa destruição que vem antes do jovem negro poder pensar em estudar.

Os entrevistados – como era previsível – divergiram em muitos pontos e concordaram em outros. A resposta sobre a educação de um jovem negro no Brasil, no entanto, foi unânime:

absolutamente todos reconheceram a sua precariedade e ineficiência. No trecho acima, contudo, Aldemiro sintetiza os principais problemas que perpassam a trajetória educacional do jovem negro no país e que vão além de um ensino precário: também se relacionam com questões como raça e periferia. O participante aborda a violência nessas áreas, o genocídio, as famílias desestruturadas, os pais mortos e/ou ausentes, e a consequente necessidade deste jovem negro trabalhar precocemente. Qual será a carga emocional de tudo isso? Como a educação seria prioridade?

Oswaldo: Se você for ver, falando assim, o branco no geral, ele vai entrar num circuito de educação que é melhor, em escolas melhores, enquanto o negro vai entrar em escolas que não vão suprir essa parada, e ele vai ter um contexto também que vai ser difícil dele se manter, ou se ele se mantém ali, vai estar sempre com a cabeça em várias outras questões, né? Você vai crescendo pensando em dificuldades que você tem e casa e pensando: “é foda”, e quanto mais você estuda mais você demora até... pra engrenar nessa parada de ganhar uma grana, né? Então assim, até que ponto você pode também terminar uma faculdade tranquilamente sem pensar que: “caraca, eu tenho que ganhar dinheiro logo, trabalhar logo, pra poder ajudar em casa”, sabe? Poder ajudar mais em casa, talvez até consiga ajudar, mas precisa ajudar mais, sabe? Tô vendo mais necessidades. Aí acho que é isso, acho que é uma educação que não funciona tão bem pro negro, porque ele entra nas escolas que não tem estruturas tão boas, e também pelo contexto pra ele se manter ali. Acho que essa é a parada.

Oswaldo nos mostra pelo menos duas facetas da trajetória educacional do homem negro – a baixa qualidade do ensino e o *trade-off* que se mostra entre estudar menos anos e ganhar dinheiro no curto prazo ou estudar mais anos e *teoricamente* aumentar a renda no longo prazo. Já foi demonstrado anteriormente as dificuldades que os negros encontram para converter anos de estudo em ganho salarial – a educação não os protege do racismo. E é claro que essa dificuldade impacta na tomada de decisão do indivíduo e até mesmo no apoio que recebe da família:

Deoclides: O meu pai, a minha avó por parte de pai, minha família por parte de pai é toda negra, né? E educação pra eles é trabalho, é suor, não tem isso de estudar. Aí eles não viam prestígio nisso. Eu falava pro meu pai: “Tô apertado pra ir pra faculdade, como é que você pode me ajudar, pai?” Ele falava: “Poxa, larga isso cara. Agora depois de velho, tu vai estudar?” Ele não via valor em educação. Não foi vendido pra ele que educação era importante, foi vendido que o importante era o dinheiro. O Mv Bill fala numa entrevista dele, que quando ele chegava com dinheiro, porque

ele guardava carro na rua, a mãe dele tinha um sorriso melhor do que quando ele chegava com uma nota azul no boletim.

Fora a óbvia necessidade financeira que é imediata, Hasenbalg (2005) argumenta que a técnica de socialização utilizada por pais não-brancos que visa ajustar as aspirações subjetivas às possibilidades objetivas procura evitar que os filhos sofram discriminação e protegê-los de frustrações futuras. Se, afinal, o pai de Deoclides não via relação entre educação e retorno financeiro, por que apoiaria o filho? E este é outro impacto subjetivo que deve ser considerado no sucesso educacional de jovens negros e seu posterior impacto profissional.

A segunda desvantagem que o homem negro acumula - e que possui consequência nas suas chances de mobilidade social - se refere às chamadas redes de relacionamento ou *networking*. Essas redes formam por si mesmas um recurso importante na busca pela ascensão social, visto que possuem informações e fluxos de influência que não conseguem ser acessados da mesma forma por todos:

Pesquisadora: O que você pensa da importância de possuir *networking*?

Aldemiro: Isso é uma das coisas mais importantes, muitas das vagas não ficam abertas para o público em geral. Na minha área mesmo, diversas pessoas foram contratadas porque foram indicação de alguém...

Pessoas negras, por estarem desproporcionalmente representadas nos status sociais mais baixos, acabam por conhecer pessoas da mesma realidade social, fazendo com que seu capital social fique restrito e dificultando o acesso a boas vagas. Para incrementar o capital social, o ingresso na graduação é significativo, mas, como nos demonstra Oswaldo, mesmo na graduação o homem negro possui suas particularidades para construir essa rede:

Oswaldo: Um cara negro, dependendo do contexto dele, não vai conseguir utilizar um tempo de lazer dentro da faculdade pra fazer essas conversas (...). Talvez ele tenha que sair fora logo porque tem que trabalhar... Difícil ter esse tempo livre, né? Acho que ele é bem importante e o negro tem menos tempo livre do que o branco, ele tem que estar sempre correndo atrás de alguma parada. E acho que esse problema é o primeiro ponto, onde o contexto já pode te tirar um pouco de acessar possibilidades, os contatos. Você tá mais longe também e tem que ir embora mais cedo... não dá.

(...) eu acho que a faculdade é um ponto importantíssimo, porque eu vejo que no mercado de trabalho, muita gente tem as pontes que foram feitas nesse momento, né? Acho que é importante, acho que o contexto rouba um pouco essa possibilidade do negro no geral, mas é importantíssimo.

Oswaldo nos traz pontos importantes – a falta de tempo livre e o fato de o negro habitar comumente a periferia são fatos objetivos que dificultam a formação dessa rede de contatos. Mas há ainda uma outra dificuldade a se transpor: uma dificuldade subjetiva, denominada, por Maria Aparecida Bento (2002), de pacto narcísico da branquitude. Na sua tese de doutoramento, Bento argumenta que aqueles entendidos como brancos na nossa sociedade formam alianças inconscientes que visam manter os próprios privilégios, fortalecendo dessa forma o “nós” e rejeitando o “eles”, como demonstra Frederico a seguir:

Frederico: O “(nome da instituição)” sempre me pareceu um lugar muito hostil, sobretudo quando a gente pensa na questão de classe. A questão de classe tá muito forte e muito evidente, mas na época nem a consciência racial... a minha compreensão de que eu era um homem negro naquele espaço, era muito nua, era muito pequena (...) eu vejo que o “(nome da instituição)” foi uma instituição muito hostil, muito, muito, muito hostil. E que em todo momento tentava de certa forma me empurrar pra fora daquele espaço.

Bento (2002) defende que o pacto narcísico da branquitude também pode ser percebido nas questões contratuais e promocionais dos candidatos, principalmente porque as avaliações são feitas de maneiras muito subjetivas, onde os processos de tomada de decisão não são nítidos e, com frequência, apoiados em valores idiossincráticos. É importante notar que a prática discriminatória nem sempre é consciente, mas o resultado é o mesmo: a reprodução de desigualdades raciais.

Pesquisadora: Você acha que há discriminação racial na contratação e na promoção de candidatos?

Aldemiro: Sim. E pode ser ou por vieses inconscientes ou pelo racismo mesmo. Tem até aquele vídeo muito famoso, né? Perguntando pra pessoas de RH, mostrando uma pessoa branca e uma pessoa negra na mesma situação e como uma enxerga aquilo... Na minha empresa, como eu falei, tinha pouquíssimos... não sei o motivo, não sei por que não eram contratados, mas não eram contratados.

No vídeo ao qual o participante se refere, são mostradas fotografias de pessoas brancas e negras, e pede-se que as pessoas pensem na profissão que lhes vem à cabeça quando olham para a fotografia. Quando um homem negro e um homem branco são mostrados ao telefone e de terno, por exemplo, as pessoas dizem que o homem branco parece ser um homem de negócios ou diretor de alguma empresa; o homem negro, por outro lado, é apontado como segurança ou motorista. Além do pacto narcísico, portanto, podemos ver o inconsciente coletivo agindo apoiado em estereótipos, o que, no fim, possui a função de manter os privilégios da branquitude para mais uma vez alimentar este pacto.

Aldemiro: Eu vi uma vez os papéis de seleção... porque o que acontece é que em uma das etapas os gerentes vão lá pra verificar, e aí os gerentes escrevem coisas, do tipo: “ah, acho que não vai se encaixar.” Acho que não vai se encaixar é algo que é muito amplo e que muitas vezes o viés inconsciente pode estar bloqueando isso.

Se o negro é o corpo e não a mente, o motorista e não o executivo, o peão e não o chefe, é fácil acreditarmos que eles “não se encaixam” em certos cargos ou tarefas. Mas o que seria, exatamente, “não se encaixar”? O que os gerentes parecem dizer é que os negros *não pertencem* a certos espaços.

Valdo: Eu fazia todas as etapas, pré-projeto, e era bem avaliado, e quando chegava na entrevista, misteriosamente eu era reprovado nas entrevistas dos programas de pós-graduação, inclusive em Portugal.

Oswaldo: Uma coisa que eu percebo até hoje é de que rola uma diferença de falar por telefone, a pessoa não tá te vendo, não sabe quem você é, é uma coisa. E às vezes no contato direto é outra, né? É uma diferença que eu sinto até hoje, é uma parada que rola.

Kinho: Normalmente eu era muito desacreditado. Sempre fui muito desacreditado. Eu tive sempre essa percepção.

Pesquisadora: Você era desacreditado pelos profissionais de RH? Ou você não acreditava em si mesmo?

Kinho: Sim, eu tinha um pouco disso, porque eu percebia isso... porque a forma como eles me puxavam nas entrevistas... eu não sei dizer, eu não sei se eu consigo pensar num exemplo, mas...

era diferente quando eu tava num processo que não era cara a cara, e quando era num processo cara a cara. No processo que não era cara a cara, eu sempre era selecionado. Pelo currículo. Porque bem ou mal, eu sempre tive uma experiência prévia antes de me formar. Eu tinha a minha qualificação. Então, isso chamava a atenção. E era uma coisa quando era virtual. Mas quando passava a ser cara a cara eu sentia diferença. Eu sentia que eu era o diferente dos outros candidatos, eu sentia que eu tinha o histórico diferente, eu tinha uma perspectiva diferente, então, eu percebia que tinham um outro olhar sobre mim.

Até 1950, a discriminação nos empregos era uma atividade explícita, onde os anúncios publicavam “não aceitar pessoas de cor”. Essa prática foi expressamente proibida, e então os empregadores passaram a exigir fotos nos currículos, para avaliar se o candidato possuía “boa aparência”. Quando isso também foi proibido, ainda sobrou a entrevista presencial. Vimos no ponto 5.3 que a discriminação no trabalho, ao mesmo tempo que é passível de punição legal, é difícil de provar. Trouxe três relatos de diferentes entrevistados e poderia trazer ainda muito mais trechos. A discriminação é sentida, é real, mas facilmente pode ser justificada com o “não se encaixa”. A culpa, então, é do *outro-estigmatizado*. A branquitude, dessa forma, se isenta e se cala, a fim de continuar se beneficiando dos privilégios raciais.

5.5 *Breadwinner*

Neste ponto procuro abordar como os entrevistados lidam com um dos principais papéis sociais estabelecidos pela masculinidade hegemônica: o de provedor. Podendo o desemprego afetar as condições materiais, psíquicas e de acesso a cidadania por um lado, por outro a função provedora se associa com a própria identidade masculina. Como vimos, ser homem, na sociedade capitalista, branca, heteronormativa e patriarcal em que vivemos, é sinônimo de possuir condições de sustentar mulher e filhos. Para observar que negociações e agências eram feitas, por parte dos entrevistados, perante essas imposições da masculinidade hegemônica, uma das perguntas que fiz foi se haveria incômodo numa relação em que a mulher recebesse um maior salário. Vejamos o que Deoclides respondeu:

Deoclides: Pô, adoraria. Adoraria. Problema nenhum. Adoraria demais. Pô, às vezes eu fico triste, sabe? Porque ela é muito vaidosa, e às vezes eu não consigo chegar na vaidade dela, saca? Poxa, eu fico arrasado, sabe? Eu fico bem triste. O meu filho jogou o telefone dela no chão, quebrou,

ela tá arrasada. E eu fico assim: “pô, eu não tenho grana pra suprir essas coisas dela”. Poxa, eu queria muito, muito, ia ser maravilhoso se ela ganhasse mais que eu. Eu não vejo problema nisso, cara.

Na fala do entrevistado podemos perceber que há o incômodo de que a esposa não consiga realizar seus desejos materiais, mas que a solução desse problema não necessariamente teria que vir dele. Pelo contrário: Deoclides afirma que ficaria feliz se a esposa ganhasse mais e pudesse satisfazer os próprios anseios. O que incomoda, então, é a falta de recursos materiais *per se*, e não o “ferimento” da masculinidade por não conseguir prover tudo o que a família deseja.

Observemos agora o relato de Valdo sobre o pai:

Valdo: Ele não... não era, eu não sentia a figura de um macho tóxico, sabe? O macho opressor dentro de casa. Eu não tinha muito essa referência. Tinha muito mais a referência de um pai mais tranquilo, que ouvia muito mais, reproduzia um pouco alguns preconceitos, algumas dimensões do machismo, que era achar que ele tinha que ser o provedor da casa, que ele tinha que garantir todas. Até certo ponto eu sentia... depois quando eu fui morar com ele, ele vivia com uma mulher branca e eu percebia que ele sentia a masculinidade dele afetada se ele não fosse o provedor da casa. Aquele homem negro que precisava em até certo ponto ser o provedor da casa, mostrar que tinha condições de garantir o sustento de toda família pra de certa forma se afirmar enquanto homem, sabe? E hoje eu vejo o quanto pra ele também deve ter sido doloroso se cobrar tanto e achar que toda essa responsabilidade era dele, quando eu não sei se era.

O entrevistado interpreta que o pai conseguiu se desvencilhar de alguns atributos da masculinidade normativa, – um pai tranquilo, que ouvia, na contramão do homem agressivo e dominante – mas não de outros: internalizou, por exemplo, que era obrigação do homem ser o provedor. No caso do homem negro, a ação provedora pode ser ainda mais valorizada, como uma “compensação” por castramentos simbólicos em outras esferas. Nessa situação específica do pai de Valdo, há ainda um fator adicional na pressão pelo papel social do *breadwinner*, que é a relação interracial com uma mulher branca – e ninguém melhor que Fanon (2008[1952]) para se aprofundar nisso. Nesse tema, por não ser o foco do trabalho, não me estenderei, mas cito um trecho do capítulo “O homem de cor e a branca”, do célebre *Pele Negra, Máscaras Brancas*: “Porém, antes de mais nada, ele quer provar aos outros que é um homem, que é um semelhante.

Mas não nos enganemos: é Jean Veneuse³⁵ quem precisa ser convencido disso” (p. 71). Provar para si mesmo que é um homem, ou seja, um semelhante ao homem branco, no caso do pai de Valdo, então, inclui não só o acesso a uma mulher branca, mas, também, o proporcionar uma vida “segura” à sua companheira – assim como seus semelhantes brancos fazem.

É importante notar, contudo, que ainda que não seja fácil se livrar das amarras da masculinidade hegemônica, o que subjaz largamente nas entrevistas é que a aceitação sem questionamento do papel de provedor pelo homem é mais facilmente observada em gerações mais velhas, como a do pai de Valdo. Por outro lado, as mudanças socioeconômicas, a participação cada vez mais crescente das mulheres no mercado de trabalho e as discussões feministas parecem estar afetando o pensamento e consequente comportamento dos homens de gerações mais recentes. A maioria dos entrevistados disse não haver problema com o fato de a mulher ganhar mais, por exemplo, e todos expressaram não concordar que ser provedor seja um papel masculino. Quando surge qualquer incômodo relacionado à não-atuação desse papel, portanto, o observado foi que os entrevistados procuram se questionar sobre os motivos do desconforto em vez de aceitarem tais normas passivamente.

Oswaldo, por exemplo, mora junto com a namorada, que no momento recebe um salário maior que o dele. O entrevistado me contou que “é muito de boa e aberto”, mas que às vezes se vê incomodado com essa situação e que “debate consigo mesmo”, se perguntando o porquê desse sentimento, buscando encontrar as origens do incômodo. O entrevistado relata:

Oswaldo: A minha cabeça pensa, tipo: “quando eu penso a coisa na teoria da parada, tranquilo, eu não tenho problema”. Mas quando a coisa se coloca na prática, a parada é tão... tão enfiada na tua cabeça e tá há tanto tempo posta ali desse jeito que é difícil se desvencilhar da parada na prática... Mas acho que é isso, a troca de ideia é fundamental. Eu acho. Porque enquanto a coisa tá só na tua cabeça ali, batendo, não muda muito. Acho que é bom quando você fala, você ouve a tua própria voz, a pessoa que tá te ouvindo também pode te dar respostas. Então todas essas paradas eu tento trocar ideia com a minha namorada, que é quem eu sempre troco essas ideias e falo o que tá rolando, ou como tô pensando, o que tá acontecendo. Pra parada não ser um incômodo ou diminuir o incômodo, ou mudar essa relação...

³⁵ Jean Veneuse é um personagem do romance *Un homme pareil aux autres*, de René Maran. De acordo com Fanon (2008[1952]): “Jean Veneuse é um preto. De origem antilhana, mora em Bordeaux há muito tempo; portanto é um europeu. Mas ele é negro, portanto é um preto.” (p. 70).

Neste trecho percebemos o processo de desconstrução dos papéis masculinos pelo qual Oswaldo passa. Como ele diz, o que torna esse processo custoso é a normatização das expectativas sociais com as quais têm de lidar e que começam cedo – mais especificamente, desde o nascimento. Por isso, nessa busca do entrevistado por um caminho próprio que permita reconstruir a sua subjetividade, Oswaldo aponta a importância do diálogo com a namorada, o que, por si só, já é uma desconstrução de papéis masculinos, visto que os homens são ensinados, também, a não falarem nem demonstrarem sentimentos, fragilidades ou fraquezas.

Outra maneira de lidar com a frustração por não atingir o “ideal masculino” do provedor é descrita por Marcelo:

Marcelo: Eu me relacionei com uma pessoa que ela tinha um salário assim, muito alto... e era engraçado, porque a gente saía para os lugares, e nesse momento eu não tava muito bem colocado no mercado e tal, e aí a gente saía, e ela tinha essa questão de “eu pago, eu pago.” E aí, naquilo é que você começa a ver o quanto internamente ainda existe algumas questões em você, porque aquilo me incomodava. E assim, mesmo que eu quisesse pagar, eu não podia. E eu me sentia incomodado com aquilo (...). Então, em algum momento, eu exerci algumas colocações, assim, que eram meio imperativas, né? Mas aí eu calhei de ter essa reflexão logo cedo, e me coloquei na questão mais de ajudar no que era possível. Então, essa pessoa tinha a condição realmente de prover umas condições que eu não tinha, eu tinha condição de prover algumas condições de trabalho manual, que me colocavam numa condição que eu me sentia útil também em ajudar. Então ali acho que foi o casamento perfeito, entendeu? Eu concentrei a minha energia primeiramente numa posição errada, porque aquilo estava me ofendendo, eu tentava suprimir aquilo, mas de alguma maneira aquilo uma hora transbordava, e foi a hora que eu vi que existia um preconceito dentro de mim. E aí, logo depois daquilo, eu identifiquei, consegui trabalhar e canalizar isso pra uma coisa que agregou bastante na relação.

Neste relato Marcelo admite que, como Oswaldo, também se incomodava com o fato de não ser o provedor na sua relação. Entretanto, ao se questionar e exercer o sentido de utilidade de maneira criativa, o entrevistado desestabilizou o modelo patriarcal em que estava inserido que iguala homem e poder, o que o permitiu produzir novas formas de vivenciar sua masculinidade. Por outro lado, quando essas ressignificações dos papéis masculinos não são feitas, os homens, presos em normas idealizadoras masculinas que não conseguem cumprir, podem acabar se

utilizando de recursos paliativos para reivindicar a sua posição de poder. Marcelo, por exemplo, dizia agir de maneira “imperativa” a fim de compensar a sua “desmoralização”. Já Maicon traz a perspectiva da sexualidade:

Maicon: Eu acho que... a masculinidade do negro na sociedade tem muito a ver com o sentido sexual da coisa, sabe? E eu acho que o homem principalmente, no geral, ele busca exercer a masculinidade dele sendo agressivo e sendo sexual o tempo todo, e a maioria sendo abusivo. Esse cara que tem três famílias lá, ele é negro, por exemplo. E as duas esposas dele são negras, tem dois filhos, um em cada família, e a outra é branca, sabe? E a forma dele exercer a masculinidade dele é assim, sendo o garanhão, que pega todo mundo, tipo, “eu sou homem porque eu tenho várias mulheres”, sabe?

O entrevistado traz a história de um segundo homem negro, seu colega de trabalho, que, segundo ele, possui “três famílias”. O que o colega de trabalho de Maicon parece fazer é afirmar, que embora não receba todas as vantagens do sistema patriarcal, possui poder em suas conquistas sexuais. A potência que falta na vivência de outras esferas da masculinidade patriarcal, portanto, é recompensada via sexualidade e ostentação de diversas famílias. Como afirma César (2019), “se qualquer homem precisa ser másculo e viril em suas relações sexuais, o homem negro precisa ser ainda mais” (p. 57). Entretanto, apesar de declarar que, para os homens negros, a única vantagem que consideram ter em relação aos brancos se encontra na questão sexual, admite que esta conduta é prejudicial e maléfica: “penso que buscar alternativas para o exercício da masculinidade é, acima de tudo, vislumbrar perspectivas positivas para criação menos caótica da construção de nossa autoestima, para construir uma noção boa do que é ser um homem negro, que não seja baseada na cultura patriarcal e eurocêntrica” (p. 73).

5.6 A relação com o trabalho

Ainda que trabalho não seja sinônimo de emprego, é comum que “trabalho” seja considerado como o desenvolvimento de “atividades desenvolvidas sob um vínculo empregatício legal que garantem os lugares de assalariados e provedor” (Jimenez & Lefèvre, 2004, p. 225). Entretanto, por mais que a maioria dos brasileiros prefira a segurança e os benefícios da carteira

assinada, apenas 30% da força total de trabalho do Brasil se encontra na formalidade³⁶, fazendo com que o vínculo empregatício seja um desejo de muitas famílias negras, como afirma Kinho:

Kinho: Eu acho que ganhar um salário, pra muitas famílias negras, é uma coisa de luxo... ter assistência médica, então! Se tiver vale alimentação, então, puta que pariu! É um luxo!

Seja o emprego que se traduz em facilidade de acesso aos benefícios da seguridade social, seja o trabalho que pode ser realizado através de “bicos” (trabalho informal), o fato é que nos dois casos a busca principal é uma só: acesso aos recursos materiais que permitam sustentar a si e à família. É preciso deixar claro que quando pergunto aos entrevistados sobre o que estar desempregado representa, portanto, me refiro à não-realização de qualquer atividade remunerada, com ou sem vínculo empregatício.

A maioria das respostas que ouvi à essa pergunta foram relacionadas ao medo, desespero e desalento. Esses homens me relataram que se encontravam numa total não-possibilidade de viverem essa situação. Deoclides, por exemplo, me disse que “não pode se dar ao luxo”. Já Aldemiro, que pediu demissão da empresa onde trabalhava para cursar um mestrado em Portugal, me contou que, por vezes, pensa que “não vai encontrar outro emprego pelo resto da vida”. Relatou também que sente mais medo de abordagem policial quando se encontra desempregado - nas batidas policiais, tão comum na vida de homens negros, a primeira coisa que se exige é a carteira de trabalho. É a máxima: “homem negro desempregado só pode ser bandido” – uma herança da “lei da vadiagem”, estabelecida no Brasil no final do século XIX com o objetivo de criminalizar pessoas negras que não conseguiam se incorporar ao mercado de trabalho.

Tendo o trabalho sido, desde a revolução industrial, “reiteradamente proclamado como a essência do homem e como o modelo do laço social”, foi também considerado, pelos discursos econômico, político e científico, como o grande integrador, dentre outras virtudes e benefícios (Silvestre & Fernandes, 2014, p. 29). Mas se o trabalho é integrador, o que acontece com homens negros que, desde a abolição, foram sistematicamente excluídos do mercado e que, ainda hoje, precisam lidar com a discriminação racial no mercado de trabalho, acrescido da crescente onda de desemprego e precarização que atingem o Brasil e o mundo?

³⁶ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2019.

Hespanha (2007) afirma que a ética do trabalho, que outrora prometia acabar com a pobreza, constitui, hoje, um poderoso mecanismo no processo de empobrecimento, marginalização e exclusão social. Mais do que o impedimento de acessar recursos materiais, portanto, a falta de trabalho se relaciona com o não-acesso ao próprio lugar social. E nisso concorda Frederico:

Frederico: Acho que o emprego tem um papel social muito importante de inclusão, acho que as pessoas pensam em políticas de inclusão como se fosse uma coisa muito distante, e eu acho que pra mim, emprego é umas melhores políticas de inclusão que a gente pode fazer. Então, estar desempregado, pra mim, é realmente a impossibilidade de conseguir se incluir na sociedade. (...) E eu acho que isso envolve a saúde mental, envolve o bem-estar, envolve a saúde física. Então acho que o desemprego é realmente talvez mais do que o não-acesso à cidadania, o não-acesso à própria existência, na sociedade que a gente vive hoje.

Dessa forma, “o trabalho passa a ser via de acesso para o lugar social, pois o sujeito só tem o reconhecimento de sua existência, caso produza. Entretanto, quando já não é mais produtivo a sua locação deixa de existir, pois não tem mais como pagar o ‘aluguel’ social” (Wickert, 1999, p. 68). Nota-se que o advento do capitalismo instituiu também, no campo ideológico, uma valorização moral da condição de trabalhador. De acordo com Lima & Borges (2002), o trabalho passou a representar um verdadeiro sentido de vida, e a impossibilidade de realizá-lo representaria, também, a “impossibilidade de expressar-se, desenvolver-se e deixar sua marca no mundo” (p. 338). Incorporar esse axioma e trazê-lo para o âmbito da masculinidade patriarcal, que afirma que “if a man is not a worker he is nothing” (hooks, 2004, p. 30), pode causar sofrimento psíquico e perda da autoestima, como afirma Marcelo:

Marcelo: Acho que isso te coloca numa situação ao âmbito que você começa a se questionar muito sobre sua capacidade, sobre realmente toda a sua posição e isso aí... acaba te afetando mentalmente naquela questão existencial. Será que realmente eu sou uma pessoa capacitada? Eu consigo ajudar alguém? Eu consigo produzir alguma coisa? Então tudo o que você concebeu acaba sendo colocado em xeque.

Por um lado, temos o trabalho caracterizado como “rico de sentido individual e social” e como “o meio de produção da vida de cada um”, sendo o responsável por criar “sentidos

existenciais” e contribuir “na estruturação da personalidade e da identidade” (Borges & Tamayo, 2001, p. 13). Nessa perspectiva expressiva, ou seja, da realização de si (Silvestre & Fernandes, 2014), se encontra a fala de Marcelo, que reclama de uma “ausência de sentido”, seguida do questionamento da própria utilidade: “eu consigo produzir alguma coisa?”. Por outro lado, há a perspectiva instrumental, ou seja, a ideia de que o trabalho é apenas um instrumento para a vida, já que, dadas as condições de realização nas sociedades contemporâneas, é verdade que, pelo menos para um grande número de pessoas, “ele não permite a manifestação das suas faculdades, a sua forma e ritmo de funcionamento, ou os seus interesses e valores, enfim, a expressão de si” (Silvestre & Fernandes, 2014, p. 35). E trabalhos interessantes, desafiantes e que permitem desenvolvimento pessoal também são delimitados pela raça, de acordo com Deoclides:

Deoclides: Trabalho de negro geralmente é braçal né, cara. Mas isso aí é reflexo da escravidão, né? Trabalho de negro geralmente é braçal, porque o branco não queria pegar peso na época dos engenhos, não queria pegar peso, não queria carregar nada. Ele tinha um negro pra fazer aquilo pra ele, e isso foi... tá se espelhando nos dias de hoje. O trabalho do negro é o braçal mesmo, carregar peso, é construção, é servir... é servir o branco, né? Mudaram pouquíssimas coisas, hoje tem a escravidão moderna, né? Antigamente o negro trabalhava em troca de moradia e comida. Hoje é a mesma coisa. Hoje o negro trabalha em troca de moradia e comida, porque moradia é o aluguel dele, e a compra do mês toma o dinheiro dele todo. O cara ganha mil reais aí, o cara paga aí, sei lá, numa casa, 500 reais, o resto é comida, luz, essas paradas. É a escravidão moderna, só mudou a chibata, porque antigamente o cara apanhava explicitamente no tronco, e hoje em dia o cara apanha lá na salinha do chefe, da direção. Toma um tapa sem mão que a gente chama, o cara fica submetido àquilo ali porque tem uma família que depende dele, e se o cara não quiser, é mandado embora, né, e no outro dia tem outro negro lá pra ocupar o lugar dele.

Ainda na perspectiva instrumental, observemos esse trecho da entrevista de Maicon:

Maicon: Eu tenho vários questionamentos sociais, sabe? A gente vive pra trabalhar ou a gente trabalha pra viver? É complicado, porque se você não trabalhar você não vive, a não ser que você venha de uma família rica, você não vive. Se você trabalhar a chance de você viver é pouca também, tipo, eu trabalho de segunda a sábado, acordo 3 horas da manhã, 3 e meia da manhã...

Nos excertos acima observamos as dimensões de sobrevivência *versus* satisfação pessoal apresentadas pelos entrevistados. Assim, se por um lado é óbvio que o homem negro necessita do trabalho para assegurar o próprio sustento, por outro, a sobrerrepresentação em trabalhos pesados, com baixos salários e escassez de tempo livre faz com que a satisfação experimentada no mundo laboral seja reduzida, fazendo com que Maicon tenha a sensação, por exemplo, de que “vive para trabalhar”. Deoclides ainda traz a perspectiva de o negro ocupar funções sem qualificação e, por isso, ser facilmente substituível. Além disso, o participante parece perceber um tipo de “duelo viril”, que também é apontado por hooks (2004), onde “To a black man, work means putting yourself directly under a white man on a job and having to do what he says” (p. 23). Na fala de Deoclides, ele compara o trabalho moderno com escravidão, onde “só mudou a chibata”, mas o homem negro tem de permanecer por necessidade.

Dessa forma, para muitos dos entrevistados, o trabalho não ocupa a única ou mesmo mais importante fonte de satisfação:

Pesquisadora: Quando você pensa no homem que você quer ser no futuro, nas características que você precisa pra ser feliz... tá incluído ser bem-sucedido profissionalmente?

Oswaldo: Olha, isso tá incluído, mas isso não é a base pra mim, eu acho que pra que você consiga ter sua sensibilidade, ter teus sonhos vivos na tua cabeça, ter essa capacidade de rir das coisas, de chorar das coisas, por motivos bons ou ruins é... eu acho que isso não é o trabalho, sabe? (...) Acho que isso não é a parada mais determinante, acho que tem outros pontos na vida que são mais importantes, a família, os teus amigos, como você se relaciona com as pessoas, acho isso mais importante do que trabalho em si. E o trabalho também tem a relação com as pessoas, também tem tudo isso, né? Então essa relação também é importante, né? Mas é isso, acho que o trabalho em si tá incluído, acho que isso tá posto também pela sociedade, tá ali no combo do plano pra vida. Mas eu não coloco isso como a coisa mais importante não, eu quero estar feliz, e a minha felicidade não está ligada diretamente a isso, eu tenho outros fatores. Tá no pacote, mas não é o primeiro item.

Percebemos que o participante não coloca o trabalho como centro da sua vida, nem como fonte suprema de felicidade e realização. É claro que o trabalho “continua sendo uma fonte importante de normatividade e uma experiência central de socialização” Bajoit & Franssen (1997, p.79) - o que é admitido por Oswaldo quando ele diz que “o trabalho também tem a relação com

as pessoas” e que “essa relação é importante”. Entretanto, o entrevistado afirma dar mais valor a outras esferas da vida, como a relação com a família e os amigos, aos próprios sonhos, à sua sensibilidade e à capacidade de “rir e chorar das coisas”.

Por outro lado, ainda que para muitos o trabalho não seja “central”, parece difícil, para alguns participantes, se livrar de certas amarras sociais:

Maicon: O sujeito com 25 anos de idade tem que ser o cara, tem que estar no topo, estar voando, só que nem todo mundo é assim. Cada um tem o seu tempo, e as oportunidades aparecem pra cada um no seu tempo, sabe? Na sociedade capitalista, o sucesso tá atrelado com o sucesso financeiro, com o sucesso profissional. A felicidade tá atrelada a isso, quando não necessariamente é. Eu penso assim, mas inevitavelmente eu busco o sucesso profissional, mesmo falando... é um pouco da pressão que eu sofro, sabe? Porque a minha família espera muito de mim, a minha família me considera super inteligente, quando eu não me considero. Minha família acha que sou super capaz em todas as coisas, mas eu não me considero assim. Falo nem por falsa modéstia, só que eu não me considero, o máximo que eu sou é esforçado, sabe? Mesmo assim nem sempre, sou preguiçoso também. Entende? E é isso, tem toda essa pressão, e aí me formei e vai fazer um ano que me formei, não consegui emprego na minha área, e isso é horrível porque eu já tinha que estar começando a voar... e não tô, e isso é ruim. Vira e mexe fico triste por causa disso, mas não deveria. Então ultimamente tenho... tenho me sentido um pouquinho melhor quanto a isso de estar sendo devagar, mas...no ano de 2020, eu não posso me dar ao luxo de ficar parado profissionalmente, eu vou ter que estudar, nem que eu faça alguma pós. Só que pra fazer pós eu preciso de dinheiro porque... provavelmente... já estão fazendo corte na faculdade pública, não sei se vai ter bolsa, então vou ter que pagar e não sei se vai ter dinheiro pra pagar. Então é o desafio que eu estou tendo, pra mim, 2020 é isso.

Aqui Maicon reflete sobre a pressão que enfrenta, quer da família, quer da sociedade como um todo, para suceder profissionalmente. Diz não concordar que a felicidade deva estar atrelada ao sucesso financeiro, mas, invariavelmente, acaba por ser afetado pelas exigências sociais e sofrendo por não estar “voando” profissionalmente na velocidade que gostaria (ou que a sociedade afirma que ele deveria). Nesse trecho cabe também a reflexão do porquê ele achar que é menos inteligente do que a família acredita que é: seria a internalização do discurso social que inferioriza homens negros ou ele é só sincero e realista? Por outro lado, gostaria de chamar a atenção para outro aspecto: Maicon diz que em 2020 não pode “se dar ao luxo de ficar parado

profissionalmente”, que precisa estudar, ou pelo menos fazer uma pós-graduação. Será que isso é o que ele realmente quer ou só estaria atendendo às expectativas sociais? Quando o entrevistado diz ser “preguiçoso”, será que é porque acha que não está fazendo tudo o que poderia para atingir o sucesso profissional? Como poderia ser preguiçoso alguém que acorda três e meia da manhã para trabalhar, seis dias por semana?

Pesquisadora: E como é a sua relação com o trabalho? Se é importante... o que você pensa dessa relação? O que significa o trabalho pra você?

Aldemiro: Eu gosto muito de trabalhar. (sorri). Eu gosto mesmo, alguns amigos até zoam que eu defendo empresa, não sei o quê... porque eu gosto de trabalhar, eu gostava do meu trabalho. Tinha semanas que eu trabalhava durante 80h porque eu gostava do que eu estava fazendo. E eu acho importante. Eu acho que eu estar trabalhando é importante também pra que outros jovens negros, pessoas mais novas que eu, vejam que é possível. Eu não cheguei a lugar ainda, mas eu já cheguei muito mais longe do que a maior parte dos meus. Então, eu acho muito importante isso de dar o meu melhor. Busco sempre me destacar, busco crescer. Quando eu entrei pra essa área, inclusive, um pouco depois entrou um rapaz da mesma idade que eu, pro mesmo cargo que eu... só que ele era branco, de classe média super alta, morava no Alto Leblon, que é a parte rica do bairro rico. E enfim, fez... não sei se foi PUC ou Ibmecc, mas fez... e aí já tinha feito alguma coisa no exterior, já veio, tipo, dentro daquele pacotinho: branco, hétero, classe média alta, tudo certinho, montado. E aí eu lembro que a primeira coisa que eu pensei foi: “putz, vai demorar a minha ascensão aqui, porque se eu for ficar disputando com ele... ele está passos à frente e ainda tem todo um privilégio ao redor.” Mas eu acabei usando isso como um combustível, e aí que eu me matei de trabalhar. Eu trabalhava muito mais do que ele... mas consegui ser promovido antes, consegui destaque, etc., mas às custas de muito suor. E eu achei importante, pra mim foi uma vitória. Ter sido promovido antes foi tipo: “cara, mesmo com as limitações, eu consegui. Eu cheguei.” E eu acho que é isso.

Nesse trecho podemos avaliar a perspectiva de Aldemiro sobre enxergar o trabalho para além da perspectiva individual, mas também como vetor de exemplo para outros jovens negros. O participante acha importante “se destacar, dar o seu melhor”, quase como se quisesse desanuviar a identidade do seu grupo racial e compor representatividade de homens negros de sucesso. Quando entrou, para a equipe de trabalho do participante, um colega de trabalho branco, rico e com experiência no exterior que foi lido, por Aldemiro, como “ameaça” à sua ascensão, ele tratou

de utilizar suas “limitações” como motivação para trabalhar ainda mais – e aqui vemos uma significação diferente dada ao trabalho.

Para terminar, deixo alguns trechos das respostas que obtive quando perguntei se, afinal, para os entrevistados, o sucesso profissional representava um valor integrante de uma “masculinidade ideal”:

Kinho: Olha, não deixa de ser um exemplo. Eu acho que profissionalmente, bem-sucedido, ver negros ocupando posições superiores de comando, é sim, um bom exemplo, de masculinidade, de negro, de pessoa a seguir.

Aldemiro: Caraca, eu vou fazer terapia hein. Eu acho que... não sei. Sim e não... eu via o meu pai como alguém bem-sucedido e como eu disse que ele é um exemplo, isso pode sim bater... mas não sei, eu vejo outros tios não tão bem-sucedidos, da parte da minha mãe por exemplo, não tão bem-sucedidos profissionalmente mas que são excelentes pais, são carinhosos, são afetuosos, preocupados, cumprem o papel que deveriam estar cumprindo, então, não necessariamente, mas sim em alguma parte, e aí o sim é algo que deve ser desconstruído porque eu acho que vem junto com a ideia de que o homem deve ser provedor e que deve isso e que aquilo... e que não.

Isaque: Acho que na verdade ser bem-sucedido é ser feliz, né? Ser feliz com o que faz. Eu me acho bem-sucedido, não me acho rico. Meu carro é 2009, tô satisfeito com ele, ele anda. Conservei bem pra chegar nesse ponto. Gostaria de trocar sim, mas não acho que é a minha prioridade hoje. Teria grana pra trocar? Teria, mas não vejo por esse lado. Acho que ser bem-sucedido é você fazer o que você quer, na hora que você quer, tipo: “vamos fazer uma viagem?” Vamos hoje, vamos agora. Mas não necessariamente ser rico: “ah, vou esbanjar.” E acima de tudo, estar feliz no seu ambiente de trabalho, com a tua família, entendeu? Acho que ser bem-sucedido é isso.

Valdo: Então, a masculinidade não tem, pra mim, relação com essa questão profissional direto. Pra mim, o referencial de masculinidade é o homem desconstruído, é o homem que consegue entender as dimensões do machismo e procura não reproduzir esses comportamentos, consegue entender o quanto o machismo também afeta ele, enquanto homem, o quanto ele também é cobrado e as relações dele com todas as outras pessoas. As minhas relações, por exemplo, com todas as outras pessoas. Pra mim o ideal de masculinidade é esse macho desconstruído. Não sendo

heteronormativo, que consegue entender com profundidade o que a sociedade criou como ideal para o homem, e desconstruir tudo isso, né?

Nilton: Sim. Com certeza. Mesmo que a gente tente lutar contra, tem certas coisas que a gente já não... são coisas que estão na nossa cabeça há muito tempo. Então, é muito difícil pra mim pensar no exemplo de alguém muito bem-sucedido e que isso não envolva uma parte profissional.

Deoclides: Não, não. Lógico que não. Vai muito além disso (...). Não tem nada a ver a condição, a grana do cara, pro cara ser referência de qualquer outra coisa. Você pode ter uma referência de um cara que tem uma vida financeira muito boa e pode ter referência de um cara que tenha... pra tem um equilíbrio também, às vezes você vai focar num cara, você vai ter como herói um cara que emergiu financeiramente, e por trás do cara tem um monte de falcatrua que ninguém sabe, né? E do outro lado você vai ter um cara que não teve uma história financeira tão boa, mas o cara se manteve equilibrado ali, foi humano esse tempo todo, enquanto o outro lá que fez dinheiro, pisou na cabeça de um monte de gente. É bom ter sempre esse equilíbrio e seguir.

Esses trechos demonstram, uma vez mais, as ideias que hooks (2019) vem sustentando: não há uma única masculinidade relativa ao homem negro, assim como não são todos os homens negros que incorporam os ideais da masculinidade hegemônica ou são “castrados” por ela. Esta noção, afirma a autora, é uma representação rasa e unidimensional, que não abrange as complexidades e subjetividades do homem negro. Dessa forma, o que propus nesse trabalho foi exercitar um novo olhar sobre as masculinidades negras, que, ao mesmo tempo em que não ignora a análise do racismo e os discursos da hegemonia branca, visa a descolonização dos corpos negros, ao propor a existência de uma “constituição, socialização, mudanças e sociabilidades vividas por homens negros fora do status da marginalização, da subordinação e do não-poder, escritos por eles próprios” (Ribeiro, 2015, p. 70).

Conclusão

Gostaria de iniciar esse capítulo final destacando quão desafiante foi a realização desse trabalho, de maneira que eu não poderia prever quando decidi por este “tema”. O meu “tema” eram pessoas reais, com dores, problemas, alternativas, conquistas, negociações e reinvenções reais. Tendo eu consultado um número considerável de livros dos principais pensadores sobre a temática racial e imaginado que compreendia conceitos e teorias, me vi absolutamente sensibilizada ao ouvir as histórias dos meus entrevistados, como nenhum outro livro tinha sido capaz de fazer. A última entrevista foi especialmente emocionante, e acredito que valha a pena citá-la aqui. A pergunta era se o participante, que aqui chamo de Deoclides, teria alguma recomendação para mim enquanto pesquisadora, no que ele respondeu:

Deoclides: Quando tu tiver oportunidade de falar no meio dessa tua galera aí, que não deve ser a mesma galera que a minha, tu fala. ‘Pô, não, não é assim não, isso aqui que a gente tá vivendo não é a realidade de muita gente não.’ Saca? (...). Quando tu tiver a oportunidade de falar, fala, mesmo que não seja a tua realidade. Mas seja empática. Muita gente que sofre pra caraca pra botar um rango na mesa. E mesmo assim não coloca. Tu tá estudando fora, né? Tem gente que quer colocar o filho pra estudar mas a creche tá em greve porque o tráfico não deixou ter aula, a polícia invadiu... entendeu? Você tá tendo uma oportunidade maravilhosa, que talvez muitas crianças não vão ter. Mas quando tu tiver oportunidade de falar tu fala, pô. Fala, fala, fala, fala. Se não, vai passar batido. Onde tu tiver, não vai ter esse assunto. Eles vão achar que a realidade é essa. Mas não é essa. É a tua realidade. Quando tu puder botar o pé da galera no chão, tu fala, pô. Tu fala.

Deoclides me fez esse pedido muito emocionado, enquanto apontava meu privilégio e a responsabilidade que o acompanha. Eu estudo fora, “tô tendo uma oportunidade maravilhosa”. Eu reconheço. Quantos conterrâneos meus possuem a oportunidade de fazer um mestrado na Europa? Se as universidades portuguesas recebem uma enxurrada de estudantes brasileiros, é só porque temos uma população vinte vezes maior. E ainda assim: quantos dos brasileiros estudantes são negros?

Meu entrevistado me pede para ter empatia, “para falar no meio da minha galera”, que ele acredita não ser a mesma que a dele. Deoclides me vê como uma integrante da branquitude que pode servir de porta-voz da realidade negra no meio dos brancos. E foi isso que tentei fazer nessa dissertação. Além disso procurei estar atenta, durante todo o trabalho, sobre as questões raciais e de gênero que se entrelaçavam. Pude observar, na prática, o conceito de interseccionalidade, que ficou muito claro na última pergunta que fiz aos meus entrevistados: “afinal, como se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca?”. As respostas que recebi foram positivas. Os participantes disseram se sentir confortáveis, ainda que apontassem que eu não podia entender completamente certas coisas devido ao privilégio racial que me acompanha. Perguntei, então, o que aconteceria se o entrevistador fosse um homem branco – e percebi a dinâmica mudar. Vários deles disseram que não se sentiriam à vontade, e outros tantos afirmaram que simplesmente não aceitariam participar da entrevista.

O que acho interessante destacar foi como os emaranhados das relações raciais e de gênero apareceram nas respostas dos entrevistados. Um deles disse que “o homem branco é o principal inimigo, a principal ameaça e o principal concorrente”, e não a mulher branca. Outro afirmou que “um homem se sente mais à vontade para se abrir com outra mulher”. Além disso há a questão apresentada por Valdo, um participante, que sendo professor e pesquisador, disse se preocupar em não querer ser objeto de estudo do “pesquisador-explorador” – preocupação que parece diminuir frente a uma pesquisadora. Afinal, culturalmente, o papel de explorador é relegado ao homem. Por último, a leitura do entrevistado que de início confessou que me achava “patricinha”, mas que no final da conversa afirmou que não me via mais como uma mulher branca. Os estereótipos que esse participante provavelmente possuía da categoria “mulher branca” não batiam com a pessoa que estava na sua frente – e então a raça atribuída a mim foi deslocada no seu imaginário. Sendo a raça, portanto, flutuante e discursiva, mas, ainda assim, constituinte, volto a afirmar que é da perspectiva de uma mulher branca latino-americana que tento responder as questões no decorrer deste trabalho.

Começando pela importância do movimento feminista e apresentando a perspectiva do conceito interseccional, procurei discutir a complexa dinâmica entre gênero, classe e raça, que interferem no modo como “os diferentes sujeitos vivenciam as maneiras pelas quais seus corpos são racializados e masculinizados durante os processos de socialização e de constituição política do Eu” (Ribeiro, 2015, p. 52). Ao apresentar a teoria da masculinidade hegemônica de Connell (2005), reconheci sua importância e utilidade para observar os fatos e dinâmicas sociais, com o

cuidado de não aprisionar os homens negros numa categoria dicotômica que ignora as potencialidades que estes homens possuem para serem subversivos e existirem fora da lógica falocêntrica que os marginaliza. Reconhecer que existe vida fora do status da marginalização, entretanto, não faz com que o racismo seja menos grave, e, por isso, expus um breve panorama histórico da inserção do negro no mercado de trabalho com o objetivo de entender como o racismo foi sendo construído e reconstruído, a fim de garantir a manutenção dos privilégios da branquitude. Por último, exibi algumas visões sobre o homem negro e o mercado de trabalho, baseando-me nas ricas entrevistas que conduzi nos últimos meses.

Vimos que os estereótipos e estigmas atribuídos aos homens negros continuam agindo para justificar a discriminação racial no mercado de trabalho, definindo que cargos e posições esses homens devem ocupar, como já vinha sendo demonstrado por Osório (2004), Nogueira (1998), Cardoso & Ianni (1960) e Pinto (1952). Além disso, percebemos que esse referencial externo, fundamental para a elaboração da autoimagem (Menezes, 2003), se internalizado, pode fazer com que até mesmo os objetivos e desejos dos homens negros sejam regulados para se adaptar às expectativas, sanções e recompensas determinadas pela sociedade branca, em acordo com o que foi proposto por Hasenbalg (2005).

Em seguida discutimos as desvantagens raciais que o homem negro acumula (Hasenbalg, 2005), relacionadas à educação e à rede de relacionamentos (*networking*), que também interferem diretamente no seu sucesso no mercado de trabalho. Nesta dissertação, o pensamento de Hasenbalg (2005) é complementado com a teoria do “pacto narcísico da branquitude”, de Bento (2002), onde práticas discriminatórias potencializam as desvantagens raciais. Além disso, novos pontos foram levantados: qual seria o papel da violência e do genocídio na carreira profissional dos homens negros?

Finalmente, investigando o papel do provedor e a relação com o trabalho, ficou claro, como já afirmava hooks (2019) que não são todos os homens negros que absorvem a concepção patriarcal, hegemônica e capitalista que iguala o trabalho à felicidade e realização. Existem ressignificações nas vivências das masculinidades dos homens negros, além da rejeição de que o trabalho assuma a centralidade de suas vida. Em contrapartida, percebi aspectos como sensibilidade e relações com amigos e familiares sendo valorizados.

Uma das explicações para os resultados obtidos nessa dissertação podem ser as conclusões de Michèle Lamont em *The dignity of working men* (2000), que deduz que “black workers are less

prompt to assess moral worth in terms of wealth and social status in part because their own battles with racism teach them that the most deserving do not always get their just rewards” (p. 242).

hooks (2004) chama a atenção, entretanto, para o fato de que, ainda que rejeitar a concepção hegemônica seja um gesto positivo, é preciso que esta rejeição seja acompanhada de uma alternativa construtiva – de acordo com a autora, o tempo desempregado pode ser utilizado para desenvolver a criatividade, investir em autoconhecimento e repensar a perspectiva materialista que diz que “você é o que pode comprar”, por exemplo.

É claro que a necessidade material continuará existindo. Por mais desconstruído que um homem negro seja perante valores hegemônicos e patriarcais sobre trabalho e dinheiro, sua sobrevivência material ainda terá que ser assegurada. O que hooks (2004) defende, porém, é que “Black male material survival will be ensured only as they turn away from fantasies of wealth and the notion that money will solve all problems and make everything better, and turn toward the reality of sharing resources, reconceptualizing work, and using leisure for the practice of self-actualization” (p. 32).

É preciso dizer que eu gostaria de ter abordado muitos outros pontos e ter me aprofundado em outros tantos. As entrevistas foram riquíssimas, e, infelizmente, uma dissertação de mestrado não possui dimensão suficiente para que tudo material que colhi fosse abordado. Espero poder publicar estes conteúdos em forma de artigo um dia, além de apresentar em colóquios e conferências.

Durante a escrita deste trabalho, uma pandemia atingiu o globo. Escrevi a maior parte desta dissertação do Brasil, num momento caótico em que as desigualdades do país ficaram ainda mais escancaradas. O país, que atualmente³⁷ conta com quase 13 milhões de desempregados, deve atingir índices ainda mais alarmantes com a crise do Corona Vírus. Os mais atingidos serão, obviamente, os mais vulneráveis, dentre eles, homens negros. Como afirma Almeida (2018), “no contexto da crise, o racismo é um elemento de racionalidade, de *normalidade* e que se apresenta como modo de integração possível de uma sociedade em que os conflitos tornam-se cada vez mais agudos” (p. 162, grifo do autor).

Tendo isso em vista, acredito que, para o futuro, uma pesquisa com homens negros durante e pós Corona Vírus seria importantíssima, com foco em descobrir as mudanças e os desafios

³⁷ Números colhidos no final de maio de 2020.

enfrentados por esses homens num contexto de crise sem precedentes. Fora o mercado de trabalho, a crise do Covid-19 pode incentivar mudanças em paradigmas em diversos âmbitos sociais, inclusive das masculinidades, que acredito valerem a pena ser investigados.

Além disso, essa dissertação abordou apenas o universo do Rio de Janeiro e de homens com graduação. Comparar os valores relacionados à masculinidade em outros Brasis ou ainda de homens cariocas sem graduação também pode ajudar a complementar os estudos sobre as masculinidades negras no país. Outrossim, estudos explorando a riqueza de controvérsias e divergências entre as próprias masculinidades negras seria de grande valia para que sigamos mapeando as diversas possibilidades de vivências, resistências e enfrentamentos do *status quo*.

Para o doutoramento que pretendo dar seguimento, tenho intenção de continuar pesquisando as relações que se dão no ambiente de trabalho, mas dessa vez da perspectiva da branquitude – e comparar com os resultados obtidos nessa pesquisa. O que gostaria de perceber é se as dificuldades aqui apresentadas por homens negros são percebidas pelos brancos, além de investigar se há alguma diferença na relação com o trabalho e no papel do provedor entre homens negros e brancos.

Por fim, espero que esse trabalho tenha contribuído para auxiliar na construção de um melhor entendimento, tanto no Brasil, quanto em Portugal, sobre os sofrimentos e dificuldades que o racismo provoca na vida dos homens negros, mas também sobre a pluralidade, complexidade, multiplicidade e criatividade experienciadas nas masculinidades destes homens.

Bibliografia

- Adrião, K. G. (2005). *Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo*. Cadernos de Gênero e Tecnologia/Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, 9-17.
- Akotirene, C. (2018). *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento.
- Almeida, S. (2018). *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento.
- Azevedo, C. M. (1987). *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Azevedo, T. (1975). *Democracia Racial: ideologia e realidade*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bailey, A. (1998). *Privilege*. Journal of Social Philosophy, 29 (3): 104–19.
- Bajoit, G. & Franssen, A. (1997). *O trabalho, busca de sentido*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 5.
- Baldwin, J. (1963). *Fire next time*. Boston: Dial.
- Barbosa, J. (2001). *Ação afirmativa & princípio constitucional da igualdade: o Direito como instrumento de transformação social*. Rio de Janeiro: Renovar.
- Baron-Cohen, S. (2002). *The extreme male brain theory of autism*. Trends in cognitive sciences, 6(6), 248-254.
- Bastide, R. & Fernandes, F. (1959). *Branços e Negros em São Paulo*. São Paulo: Cia Editora Nacional.
- Batista, L. E. (2005). *Masculinidade, raça/cor e saúde*. Ciência & Saúde Coletiva, 10, 71-80.
- Beauvoir, S. (2015 [1949]). *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Millet. Lisboa: Quetzal Editores, 1v.
- Bento, M. (2002). *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. Dissertação de doutorado, Universidade de São Paulo.
- Bento, M. (2016). Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Carone, I., Bento, M. (orgs). Petrópolis: Editora Vozes. Arquivo Kindle.
- Bhabha, H. (1994). *The Location of Culture*. London: Routledge.

- Borges, L. O. & Tamayo, A. (2001). *A estrutura cognitiva do significado do trabalho*. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, 1 (2), 11- 44.
- Bourdieu, P. (1999). Compreender. In P. Bourdieu (Org.). *A miséria do mundo*. (pp. 693-713). Petrópolis: Vozes.
- Brandão, C. R. (1977). *Peões, pretos e congos*. Brasília: Editora UnB.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). *Using thematic analysis in psychology*. Qualitative Research in Psychology, 3(2), 77-101.
- Bruschini, C. (1998). *Trabalho feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação*. In XXI International Congress, Latin American Studies Association, Chicago (pp. 24-26).
- Cardoso, A. (2010). *A construção da sociedade do trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Cardoso, F. H. & Ianni, O. (1960). *Cor e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Coleção Brasileira, v. 307).
- Carneiro, S. (1995). *Gênero Raça e Ascensão Social*. Revista Estudos Feministas, 3(2), 544.
- Carneiro, S. (2003). *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 49, 49-58.
- Carneiro, S. (1985). *Mulher negra: Mulher negra; política governamental e a mulher*. São Paulo: Nobel.
- Carrigan, T., R. W. Connell, & J. Lee. (1987). *Hard and Heavy: Toward a New Sociology of Masculinity*. In Beyond Patriarchy, edited by M. Kaufman. New York: Oxford University Press.
- César, C. (2019). Hipersexualização, autoestima e relacionamento inter-racial. In: *Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades*. Restier, H. Souza, R. (Orgs). Ciclo Contínuo Editorial: São Paulo.
- Chagas, L. C., & França, D. X. (2010). *Racismo, preconceito e trajetória escolar de crianças negras e brancas: a realidade de sergipe*. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade.
- Cockburn, C. (1983). *Brothers: Male Dominance and Technological Change*. London: Pluto Press.

Connell, R. W. & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. In: *Estudos Feministas*, 21 (1): 424.

Connell, R. W. (2000). *The Men and the Boys*. Cambridge: Polity Press.

Connell, R. W. (2005). *Masculinities*. (2ª ed.). Cambridge: Polity Press.

Costa, C. (1998). *O tráfico do gênero*. Cadernos Pagu, Florianópolis, v. 11, p. 127-140.

Crenshaw, K. (1989). *Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*. u. Chi. Legal f., 139.

Crenshaw, K. (2005). *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Revista Estudos Feministas, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 171–188.

Davis, A. (1981). *Women, Race and Class*. New York: Random House.

Davis, N. (1976). *Women's history in transition: the European case*. Feminist Studies, n. 1, p. 83-10.

DiAngelo, R. (2018). *White fragility: Why it's so hard for white people to talk about racism*. Boston: Beacon Press.

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. (2001). *A situação do trabalho no Brasil*. São Paulo.

dos Santos, K. J. F. P., & Falcão, C. C. (2019). *Que Negros E Negras São Esses (as) Do Youtube? Pensando a negritude e as formas de identidade a partir das narrativas exemplares*. Revista ECO-Pós, 22(1), 452-473.

Fanon, F. (1968). *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Fanon, F. (2008[1952]). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.

Feitosa dos Santos, C. (2014). *Escola e preconceito: Relações raciais na ótica dos professores*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Sergipe.

Fernandes, F. (1965). *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Floresta, C. (2020). Apontamentos da sapatão escurinha à branquitude que se toque. In: Oliveira, B., Peres, J. Garzaro, L. & Breda, T. (Orgs). *De bala em prosa: vozes da resistência ao genocídio negro*. Editora Elefante.

Foucault, M. (2016). *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.

- Friedman, D. (2002). *A Mind of Its Own: a cultural history of the penis*. New York: The Free Press. Arquivo Kindle.
- Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record. 8 ed.
- Gomes, L. (2019). *Escravidão, Volume I: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. Rio de Janeiro: Globo Livros.
- Halberstam, J. (1998). *Female masculinity*. Durham, NC and London: Duke University.
- Hall, S. (2013). *Raça, o significante flutuante*. ZCultural, Ano VIII, 02. Trad. Liv Sovik.
- Harding, S. G. (1986). *The science question in feminism*. Cornell University Press.
- Hasenbalg, C. (2005). *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Tradução de Patrick Burglin. (2ª ed.). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Hespanha, Pedro (Org.) (2007), *É o (des)emprego fonte de pobreza? O impacto do desemprego e do mau emprego na pobreza e exclusão social no distrito de Coimbra*. Coimbra, REAPN.
- Heward, C. (1998). *Making a Men of Him: Parents and their Sons' Education at an English Public School 1929-50*. London: Routledge.
- hooks, b. (2000). *Feminism is for everybody: passionate politics*. Cambridge: South End Press.
- hooks, b. (2000a). *Feminist Theory: From margin to center*. Londres: Pluto Press.
- hooks, b. (2004). *We Real Cool: Black Men and Masculinity*. New York: Routledge.
- hooks, b. (2019). *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante.
- Ianni, O. (1972). *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Jimenez, L., & Lefèvre, F. (2004). *Desafios e Perspectivas: desemprego e masculinidade*. Interação em Psicologia, 8(2).
- Kauffman, M. (2001). The White Ribbon campaign: involving men and boys in ending global violence against women. In: *A Man's World? Changing Men's Practices in a Globalized World*. ed. Pease, Bob and Pringle, Keith. London: Zed Books, 38-51.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Lisboa: Orfeu Negro.

- Kimmel, M. S. (1998). *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre: Instituto de Pós-Graduação de Antropologia Social da UFRS, a. 4, n. 9, p.103-117.
- Lamont, M. (2000). *The dignity of working men*. New York: Russel Sage Foundation.
- Liddle, A. M. (1989). *Feminist Contributions to an Understanding of Violence against Women: Three Steps Forward, Two Steps Back*. Canadian Review of Sociology and Anthropology 26, no. 5: 759–75.
- Lima, M. E. A. & Borges, A. F. (2002). Impactos psicossociais do desemprego de longa duração. In I. B. Goulart (Org.). *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lorber, J. (2007). *“Night to his day”: The social construction of gender*. In P. S. Rothenberg (Ed.), Race, class, and gender in the United States. New York: Worth.
- Mbembe, A. (2014). *Crítica da Razão Negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona.
- Mendieta, E. (2007). *“Hacer vivir y dejar morir”: Foucault y la genealogía del racismo*. Tábula Rasa, Bogotá, n. 6, p. 138-152.
- Menezes, W. (2003). *O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola*. Cadernos de estudos sociais, 19(1).
- Messerschmidt, J. W. (2000). *Nine Lives: Adolescent Masculinities, the Body, and Violence*. Boulder, CO: Westview.
- Messner, M. & Sabo, D. (1990). *Sport, Men and the Gender Order: Critical Feminist Perspectives*. Champaign, IL: Human Kinetics Books.
- Miskolci, R. (2013). *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: FAPESP.
- Mohanty, C. T. (2003). *Feminism without borders: Decolonizing theory, practicing solidarity*. London: Duke University Press.
- Moore, C. (2011). *A Humanidade contra si mesma na busca da sustentabilidade integral: Diversidade, Diferença e Desigualdade no Jogo Social*. Artigo apresentado no “II Fórum Internacional Afro-colombiano”.
- Moura, C. (1977). *O Negro: de bom escravo a mau cidadão?* Rio de Janeiro: Editora Conquista.
- Munanga, K. (2004). *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. In: A. A. P. Brandão. (Org.). Cadernos Penesb. Niterói: EdUFF.

- Nascimento, A. (1976). Depoimento. Em: *Memórias do Exílio*. Eds. Cavalcanti, P. & Ramos, J. Lisboa: Arcádia.
- Nascimento, A. (1978). *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Nascimento, E. L. (2007). *The sorcery of color: identity, race, and gender in Brazil*. Philadelphia: Temple University Press.
- Negrão, T. (2002). Feminismo no plural. Em M. Tiburi, M. M. Menezes & E. Eggert (Orgs.), *As mulheres e a filosofia*. (pp. 271-280). São Leopoldo: UNISINOS.
- Nogueira, O. (1998). *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*. São Paulo: Edusp.
- Nurse, K. (2004). Masculinities in transition: Gender and the Global Problematique. In: Reddock, R. (Org). *Interrogating Caribbean Masculinities: Theoretical and Empirical Analyses*. Jamaica: The University of the West Indies Press.
- Olavarria, J. (2001). *Y Todos Querian Ser (Buenos) Padres: Varones de Santiago de Chile em conflicto*. Santiago: FLACSO-Chile.
- Osório, R. (2004). *A mobilidade social dos negros brasileiros*. Projeto BRA/01/013, “Combate ao racismo e superação das desigualdades raciais”, conduzido na Diretoria de Estudos Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).
- Pam, M.S. (2013). "PROJECTION," in *Psychology Dictionary*. Disponível em: <<https://psychologydictionary.org/projection/>>. Acesso em: 07/06/2019.
- Pinho, O. (2004). *Qual é a identidade do homem negro?* Democracia viva, 22, 64-69.
- Pinho, O. (2005). *Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafirmação em Salvador*. Revista Estudos Feministas, vol. 13, núm. 1, pp. 127-145. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, Brasil.
- Pinho, O. (2014). *Tiroteio: Subjetificação de Gênero e Violência de Estado no Brasil*. Conferência apresentada à Escola de Estudos de Gênero, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá.
- Pinto, C. (1952). *O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Prudente, E. A. de J. (1988). *O negro na ordem jurídica brasileira*. Revista Da Faculdade De Direito, Universidade De São Paulo, 83, 135-149. p. 141.
- Ramírez, J. (2005). *Madeiras entreveradas. Masculinidad, violencia y poder*. Plaza y Valdés/UdeG, Guadalajara.

Ratele, K. (2013). *Subordinate black South African men without fear*. Cahiers d'études africaines, 53(209-210), 247-268.

Restier, H. (2019). O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço. In: *Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades*. Restier, H. Souza, R. (Orgs). Ciclo Contínuo Editorial: São Paulo.

Ribeiro, A. (2015). *Homens Negros, Negro Homem: sob a perspectiva do feminismo negro*. Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, ano 2, v. 2.

Ribeiro, C. A. C. (2006). *Classe, raça e mobilidade social no Brasil*. Dados, 49(4), 833-873.

Rippon, G. (2019). *The Gendered Brain: The new neuroscience that shatters the myth of the female brain*. Random House.

Rios, F., & Ratts, A. (2016). *A perspectiva interseccional da Lélia Gonzalez. Pensadores negros-pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: MC& G Editorial. Belo Horizonte: Editora Fino Traço.

Rocha, E. (2015). *O negro no mundo dos ricos: Um estudo sobre a disparidade racial de riqueza no Brasil com os dados do Censo Demográfico de 2010*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

Rosa, W. (2006). *Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma "democracia racial"*. Trabalho apresentado no ST, 18.

Saffioti, H. (1987). *O poder do macho*. São Paulo: Moderna.

Santana, B. (2019). Pensando as transmasculinidades negras. In: *Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades*. Restier, H. Souza, R. (Orgs). Ciclo Contínuo Editorial: São Paulo.

Santos, D. (2014). *Ogô: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica*. Universitas Humanas, v. 11, n. 1.

Schiffer, K. & Schatz, E. (2008). *Marginalization, Social Inclusion and Health*. Amsterdam: Foundation Regenboog AMOC & Correlation Network.

Schmidt, S. & Macedo, A. (2019). *Feminismos Transnacionais: saberes e estéticas pós/descoloniais*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 1.

Schneider, A. (2006). Mistificações da Ciência. *História Viva: Temas Brasileiros - Presença Negra*. Edição Especial Temática. No. 3, São Paulo.

- Schucman, L. V. (2012). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Dissertação de doutorado, Universidade de São Paulo.
- Scott, J. (1995). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n 2.
- Segal, L. (2007). *Slow motion: Changing masculinities, changing men*. New York: Palgrave Macmillan.
- Shohat, E. (1998). *Talking Visions: Multicultural Feminism in Transnational Age*. New York: New Museum of Contemporary Art.
- Silva, A. (2002). *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Silva, C. (2017). *Igualdade formal x igualdade material: a busca pela efetivação da isonomia*. Conteúdo Jurídico, Brasília - DF.
- Silva, R. (2013). *História dos trabalhadores negros no Brasil e desigualdade racial*. Universitas JUS, v. 24, n. 3.
- Silvestre, A. & Fernandes, L. (2014). *Trabalho e processos de marginalização social no século XXI*. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXVII, pág. 27-44.
- Sims-Schouten, W., Riley, S. C., & Willig, C. (2007). *Critical realism in discourse analysis: A presentation of a systematic method of analysis using women's talk of motherhood, childcare and female employment as an example*. Theory & Psychology, 17(1), 101-124.
- Skidmore, T. (1976). *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Soares, S. S. D. (2000). *O perfil da discriminação no mercado de trabalho: homens negros, mulheres brancas e mulheres negras*. Texto para discussão n769. Brasília: Ipea.
- Soares, T. & Araújo, D. (2019). Homem negro, corporeidade e saúde: perspectivas históricas e sociológicas. In: *Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades*. Restier, H. Souza, R. (Orgs). Ciclo Contínuo Editorial: São Paulo.
- Souza, H. (2017). *Lá vem o Negão: discursos e estereótipos sexuais sobre os homens negros*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, Florianópolis.
- Souza, N. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Souza, R. (2009). *As representações do homem negro e suas consequências*. Revista Fórum Identidades. Ano 3, Volume 6.

Souza, R. (2013). *Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do ocidente*. Antropolítica, Niterói, n. 34, p. 35-52.

Theodoro, M. (2008). A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. In: *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*. Theodoro, M. (org). Jaccoud, L., Osório, R., Soares, S. Brasília: Ipea.

Valle e Silva, N. (1979). *As duas faces da mobilidade*. Revista Dados, n. 21, Rio de Janeiro.

Linden, D., Dunkel, C. S., & Madison, G. (2017). *Sex differences in brain size and general intelligence (g)*. Intelligence, 63, 78-88.

Vigoya, M. (2018). *Les couleurs de la masculinité: Expériences intersectionnelles et pratiques de pouvoir em Amérique latine*. Paris: La Découverte.

Wengraf, T. (2001). *Qualitative Research Interviewing: Biographic Narrative and Semi-Structured Methods*. London: Sage.

Wickert, L. F. (1999). *O adoecer psíquico do desempregado*. Psicologia: Ciência e Profissão, 19 (1), 66-75.

Willig, C. (1999). Beyond appearances: A critical realist approach to social constructionism. In D. J. Nightingale & J. Cromby (Eds.). *Social constructionist psychology: A critical analysis of theory and practice*. (pp. 37-51). Buckingham, UK: Open University Press.

Anexo A – Termo de Consentimento Informado (Entrevista Semiestruturada)

Eu, Isadora Sales, aluna da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Faculdade Nova de Lisboa, orientada pelo Professora Doutora Zília Osório de Castro (Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Faculdade Nova de Lisboa) em conjunto com o Professor Doutor Daniel Matias (Investigador Integrado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Faculdade Nova de Lisboa), gostaria de convidá-lo a participar da pesquisa “Masculinidades Negras e Mercado de Trabalho no Rio de Janeiro”, no âmbito da dissertação de mestrado em Estudos sobre as Mulheres, que tem por objetivo compreender melhor as ideias de homens negros brasileiros acerca de gênero, masculinidades e mercado de trabalho.

Solicito, por meio deste documento, o seu consentimento em participar dessa pesquisa por meio de uma entrevista semiestruturada.

Os dados serão coletados através de gravação em áudio. São assegurados o anonimato do entrevistado e o sigilo das informações coletadas. Sua participação é voluntária e é garantida a liberdade da retirada do consentimento sem que esta atitude traga qualquer prejuízo. Não há qualquer benefício direto ou indireto pela sua colaboração, além da sua contribuição para a investigação nos estudos de gênero e das masculinidades.

A sua participação colaborará para a investigação na área de gênero e das masculinidades, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela sua colaboração.

Desde já agradeço a sua contribuição e, caso tenha alguma dúvida, estarei disponível para esclarecimentos no e-mail isadora.ssf@gmail.com.

Declaro que, após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

Data ____/____/____

Nome e assinatura do participante

Isadora Sales - FCSH

Anexo B - Guião de Entrevista

I. Dados Sociais

1. Idade:
2. Escolaridade:
3. Profissão:
4. Estado civil:
5. Religião:
6. Bairro onde mora:
7. Renda: ____ Até 1 Salário Mínimo
____ De 01 a 03 Salários Mínimos
____ De 03 a 05 Salários Mínimos
____ De 05 a 15 Salários Mínimos
____ Mais de 15 Salários Mínimos
8. Como se identifica em relação à sexualidade?
9. Como se identifica em relação à raça?
10. Como se identifica em relação ao gênero?

II. Ser homem negro, ser trabalhador

11. Gostaria que me falasse de como considera ser a sua experiência enquanto homem negro no mercado de trabalho brasileiro. Irei ouvir a sua história, não o interrompendo.
12. Já sofreu alguma discriminação por ser negro?
13. Você acha que as pessoas acreditam que existe racismo no Brasil?
14. Como é a sua relação com o trabalho? Ele é importante para você?
15. Com que idade começou a trabalhar?
16. Sua família precisava da sua ajuda para manter a casa?
17. Como é, em média, a educação para um jovem negro no Brasil? Como foi o seu caminho para chegar até à universidade?
18. O que acha do sistema de cotas? O que isso representou na vida de jovens negros?
19. Já precisou conciliar trabalho e estudos? Se sim, como foi/é essa jornada?
20. Trabalha? Se sim, como conseguiu este trabalho?
21. Já foi promovido ou acha que tem chances de ser?
22. Como é o ambiente organizacional?
23. O que pensa da importância de possuir networking?
24. Já sofreu discriminação no ambiente de trabalho?
25. Acha que há divisão racial do trabalho? Há trabalhos de branco e trabalhos de negro?
26. Qual era a proporção de pessoas negras na gerência das empresas que trabalhou?

27. Acha que há discriminação racial na contratação de candidatos? E na promoção?
28. O que representa estar desempregado para você?

III. O papel de provedor e a família

29. Quem é/foi sua maior referência de masculinidade?
30. Quais características um exemplo de homem ideal deve possuir? Acha que um exemplo ideal de masculinidade é um homem bem sucedido?
31. Como foi sua relação com o seu pai? Ele trabalhava? Qual a escolaridade?
32. Quando criança, quem era o provedor na sua família?
33. Acha que cabe ao homem o papel de provedor?
34. Se o papel de provedor é negado, que outras formas você acha que o homem negro encontra para exercer sua masculinidade?
35. É casado e tem filhos? Se não, tem esse desejo?
36. Acha que o desemprego influencia na vontade de se casar e formar uma família?
37. É um problema se a sua companheira ganhar mais que você?
38. Acha que famílias negras, no geral, possuem mais equidade entre os gêneros que as famílias brancas? Por quê?

IV. Masculinidades negras

39. Você acha que tem alguma diferença entre o que é esperado socialmente de um homem branco e de um homem negro?
40. É fácil ser um homem negro?
41. O que dizem sobre homens negros na cultura brasileira?
42. Você acha que existe algum tipo de diagnóstico prescritivo de como os homens negros devem se comportar? Você acha que atende a essas normas? Em quais sentidos?
43. Acha que essas regras sobre o que é ser homem são nocivas? Por quê?

V. Futuro

44. Como está a discussão sobre racismo, masculinidades negras e feminismo no Brasil?
45. Acha que o feminismo e/ou o feminismo negro são importantes? Por quê?
46. Qual a sua relação com a branquitude?
47. Quais caminhos enxerga para resolver os problemas dos quais tratamos nesta conversa?
48. Como se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca? Acha que seria diferente, melhor ou pior se fosse entrevistado por um homem negro? Se sentiria mais à vontade? E se fosse por um homem branco? Alguma recomendação para a pesquisadora?

Anexo C – Transcrição das Entrevistas

TRANSCRIÇÃO PRIMEIRA ENTREVISTA

Entrevistado 1: Kinho, 28 anos, Ensino Superior Completo, Administrador de Empresas, Solteiro, Católico, Classe C, Heterossexual, Negro, Gênero Masculino.

P - Pesquisadora

E1 - Entrevistado 1

P – Como é ser um homem negro no mercado de trabalho brasileiro?

E1 - Cara, eu não... eu não sei bem como é que é, porque existem questões e questões... eu já tive experiências boas e ruins trabalhando e considerando o fato de eu ser negro. A minha opinião é que é bom quando você assume posições mais... não digo menores, mas eu digo posições que não exigem tanto de você... porque se você se dedica bastante, eu vejo que você consegue subir... subir, vamos supor, de um nível médio para um nível um pouco melhor. Quando você já chega num trabalho mais intelectual onde a presença de negros é mais difícil de acontecer, eu já sinto que é mais difícil você subir, você se desenvolver, porque você vai ter que enfrentar certos... é... preconceitos mesmo, a gente vai ter que enfrentar preconceitos, a gente vai ter que enfrentar a estranheza de ver alguém como a gente nessa posição... e aí eu acho que é mais difícil. Por que eu estou falando isso? Porque eu tenho amigos negros e as minhas experiências me mostram isso. Deixa eu ver se eu consigo exemplificar com as minhas experiências... quando eu estava trabalhando talvez como estagiário, ou talvez como um contratado de nível médio, eu conseguia rapidamente ter um resultado satisfatório e um crescimento de carreira... mas crescimento para posições médias... por exemplo, quando eu era estagiário facilmente eu era chamado, convidado, para ser assistente, nos estágios que eu tive sempre quiseram me contratar pra eu continuar, mas como assistente, apesar de eu estar preparado para subir como analista, eles queriam me contratar pelo jeito mais barato... eu tive três experiências assim... que foi uma na agência de publicidade que eu tava, foi na “(nome da empresa)” ... e foi em “(país europeu)”. A ideia era muito de me contratar para ser um assistente. Só que eu sempre me julguei com capacidade demais de assumir uma posição maior. E nisso eu tenho que aguardar ou que esperar ou desenrolar... que quando eu assumi uma posição de analista, eu demonstrei que eu tinha capacidade pra subir mais e ali... porque aí de analista a gente já tá falando ou de um analista sênior ou um cargo de gerência, seja o que for... ali eu já senti mais barreiras. Porque eu já tava lidando com um pessoal bastante qualificado, mas além de ser qualificado, eu também já tava lidando com questões sociais que estavam pesando, entende?

P - Então você acha que dependendo do nível de qualificação é mais difícil ou menos difícil ascender?

E1 - Isso.

P - A segunda pergunta é se você já sofreu alguma discriminação por ser negro?

E1 - Já... com certeza já. Eu não sei se eu sou lesado ou se eu demoro a perceber, mas com certeza já. Não me vem nenhum à cabeça, porque quando essas situações acontecem, eu nunca acho que

é diretamente contra mim e eu nunca acho que é diretamente contra eu ser negro... eu sempre acho que ou é uma confusão, ou é o quê? Eu não sei, eu não consigo sentir isso na pele... eu nunca acho que é pelo fato de eu ser negro, mas com certeza já... na minha cabeça agora eu não sei o que eu posso dizer. Ah, não! Já, já, já, já! Tem uma muito forte, quer que eu conte?

P - Sim, por favor.

E1 - Eu tava saindo da faculdade, eu tava indo pra casa tarde, era por volta de umas dez horas da noite e eu tava no ponto de ônibus ali perto da Lapa, perto da Praça Tiradentes, que é onde era o ponto final do meu ônibus. E eu tava sozinho, já era umas dez horas da noite, dez e pouca... não tinha ninguém no ponto comigo. Tinham só umas pessoas no ponto do lado, mas onde eu tava não tinha muita gente não. Acho que só tinha eu pelo que eu me lembre. E aí, ali perto tem um quartel do BOPE... não sei porque, tava passando um carro do BOPE, o carro do BOPE parou, apontou uma arma gigante na minha cara e pediu pra eu virar. E ele só falou: “vira! Vira! Vira! Vira!” E eu fiquei sem reação num primeiro momento... porque eu não tava entendendo nada, né? O cara tava apontando a arma pra minha cara... e não era uma pistola, era um bagulho grande igual um rifle, eu não sei que merda era aquela, eu só sei que eu fiquei... eu olhei aquilo eu fiquei... (som de medo e surpresa) eu fiquei com aquela cara de pateta, todo assustado... e o cara falou: “vira! Vira!” E eu não virei de primeira e o cara ficou apontando ainda mais pra minha cara e eu fiquei me cagando todo, e eu virei. Nisso ele pegou a minha carteira, mexeu, eu não sei no que ele mexeu, mas na minha carteira tinha cartão de crédito, do banco, tinha... nem sei se tinha dinheiro. Mas tinha a minha carteirinha da faculdade. Eu acho que foi a minha carteirinha da faculdade que me salvou, ou que me livrou dele não me revistar ou dele não me parar, entendeu? Porque eu sempre andei com a minha carteirinha da faculdade... depois desse dia então, aí que eu andava mesmo... e eu acho que foi isso que me livrou. Porque pelo que eu entendi ele achou que eu tava fazendo alguma coisa, que eu era alguma coisa... ele se achou no direito de apontar uma arma pra minha cara e o único fato que eu posso dizer ali pro cara me parar é o fato de eu ser negro. Porque eu não fiz nada, eu tava no ponto de ônibus igual qualquer outra pessoa, esperando o ônibus... eu tava parado no ponto de ônibus. Eu não estava correndo, eu não tava nada. E aí, depois eu também parei pra pensar porque ele me parou... a única coisa que eu penso ali é pelo fato de eu ser negro e pelo fato de eu estar usando um boné. O que não quer dizer nada, o que não dá motivo nenhum, que não me coloca em situação de suspeita. Porque se eu fosse um branco de boné, muito provavelmente eu não seria parado. Agora, um negro de boné remete à pivete, remete a qualquer coisa... eu acho que esse foi o maior ataque pelo fato de ser negro que eu já sofri na vida. Aí depois o cara devolveu minha carteira e foi embora. Não pediu desculpas nem nada. Eu acho que o que me salvou ali foi a minha carteirinha da faculdade... porque ele viu ali, estudante e tal, administração... então eu acho que foi isso daí que me salvou, que fez ele identificar logo na cara que eu não era uma pessoa errada ou qualquer coisa assim. Eu me lembro que eu fiquei assustado e me senti estranho porque eu pensei: por que o cara me parou? Depois eu fiquei assim: todo mundo vai achar que eu roubei, todo mundo vai achar que eu fiz alguma merda e eu não fiz nada! Aí eu fiquei incomodado.

P - Você acha que os brasileiros acreditam que existe racismo no Brasil?

E1 - Depende, quem sofre racismo eu acho que acredita sim... (risos). Quem não sofre pensa que racismo é só quando acontece aquele tipo de ofensa direta: “Preto! Macaco! Cabelo duro!” Pensa que racismo é isso. Mas isso daí é a manifestação mais sincera até do racismo... porque a pior é

aquela manifestação que a gente não vê, que a gente não consegue perceber, que exclui, que discrimina, sem declarar nada.

P - Como é a sua relação com o trabalho? Trabalhar é importante para você?

E1 - Sim, com certeza. Trabalho é a única forma que eu tenho de me sustentar, é a única forma que eu tenho pra poder manter a minha vida. E eu sou workaholic pra caralho, eu trabalho pra caralho, eu gosto de trabalhar, eu sempre coloquei o trabalho em primeiro lugar... então, pra mim, é muito importante, sim.

P - Você começou a trabalhar com quantos anos?

E1 - Com 15, 16...

P - Você começou a trabalhar com o quê?

E1 - Com 15, 16 anos... eu acho que eu já comecei a fazer os eventos que tinham na minha escola... eu fiz curso técnico de publicidade, eu passei pra uma escola da rede “(escola estadual do Rio de Janeiro)”, e lá eu comecei a fazer pequenos estágios, pequenos eventos, que tinham a ver com o meu curso. E aí eu sempre ganhava um dinheirinho aqui, um dinheirinho ali... alguma coisa assim. Antes disso eu acho que eu trabalhei sempre por meio da escola, quando eu tinha algum trabalho extra, alguma coisa assim, eu pegava..., mas nada fixo. Agora trabalhar fixo mesmo eu acho que foi com os meus 17 anos. Quando eu entrei numa agência de publicidade e lá eu trabalhava de segunda à sexta, depois da escola. Eu pegava duas horas e teoricamente era pra eu ir até às seis, mas eu sempre ia até às oito, nove, dez horas. E eu acho que esse foi o meu primeiro emprego fixo, com 17.

P - Por que você trabalhava mais do que era previsto?

E1 - Demanda do trabalho, um pouco de exploração também, porque eu fui contratado para ser estagiário de direção de arte, que acaba fazendo a arte gráfica ali pra algumas peças de publicidade da agência. Só que chegando lá eu comecei a lidar com atendimento, eu respondia cliente via e-mail, eu tratava de muitos outros assuntos, lidava com fornecedores... uma das últimas coisas que eu fazia era trabalhar com direção de arte. Então, eu fui contratado teoricamente por causa do portfólio de material que eu tinha produzido, mas chegando lá eu fui colocado em outras funções. Além de ter que cuidar de arte, o que no meu volume de trabalho era o menor que eu tinha que fazer, eu precisei trabalhar com atendimento e com produção gráfica. A gente fazia ali um serviço muito intenso com gráficas, fornecedores e tudo mais e eu tinha que estar negociando com eles o tempo todo, tinha que estar pesquisando preço, tinha que buscar, cuidar da entrega, mandar pro cliente, era uma responsabilidade muito grande porque eu era só um estagiário, né? Teoricamente eu não poderia fazer nada disso sem supervisão, sem autorização, eu não poderia comandar nada, e eu comandava. Basicamente era o seguinte: era eu e o dono da agência que trabalhava lá. O dono da agência tava de manhã, à tarde ele dava aula, de vez em quando ele aparecia lá. E eu entrava duas horas e ficava atendendo todos os clientes dele, eu fazia tudo, tomava conta da agência mesmo.

P - Você acha que é uma prática comum as pessoas serem contratadas pra uma coisa e acabarem fazendo outra?

E1 - Ah, com certeza! Acho que todos os meus empregos foram assim. Eu sempre fui contratado pra uma coisa e depois fui jogado em outras, normalmente acumulando atividades... e nesse da

agência, especificamente... eu até posso contar um caso curioso, que eu acho que a agência perdeu um cliente por causa do lugar que eu assumi. Eu tratava com o cliente via e-mail, o cliente nunca me via, e eu sempre respondia em tempo e tudo o mais... e aí um dia o meu chefe, dono da agência, pediu pra eu entregar um material pra esse cliente, era um restaurante. E aí eu fui lá levar o material, porque era pra avaliação, eu tinha impresso o material, eu tinha feito a apresentação física, com a capa, tudo direitinho. E aí eu fui lá levar porque o meu chefe não queria arcar com moto táxi nem nada pra levar lá, porque era perto, era no Centro a agência, então era tudo ali... era só eu ir lá entregar. Fui lá, quando eu cheguei lá, eu cheguei num horário acho que de expediente, o dono do restaurante tava ali correndo, acho que era horário de almoço, eu cheguei e falei: “eu vim aqui entregar um material para o senhor e tal, da agência”... e aí ele: “tá, tá bom.” E aí eu falei: “você não vai querer ver? Não vai querer questionar alguma coisa da arte?” Porque eu que tinha feito a arte, eu que preparei o material de apresentação e eu queria saber qual seria a reação do cliente. E aí eu perguntei: “o senhor não vai querer saber? Não vai querer mudar alguma coisa?” Porque eu já tinha mudado muita coisa via internet, então na hora da apresentação final eu queria saber: tá ok? Tá tudo certo? E aí ele falou: “ah, eu vou olhar e qualquer coisa eu falo com o F.” E eu falei: “olha, eu sou o F.” Um moleque de 17 anos... (risos), magrinho... depois disso eu sei que o dono do restaurante falou que não ia querer mais a peça, mando um e-mail falando: “olha, a gente não vai querer continuar mais com a peça”, aí depois meu chefe foi lá perguntar e aí ele descobriu que o cliente deu pro sobrinho fazer... (risos).

P - Você acha que foi pelo fato de você ser jovem que não passou confiança?

E1 - Imagino que sim. Ser jovem... 17 anos! Como assim eu tô contratando uma agência e é um moleque de 17 anos que tá fazendo isso? E eu sempre aparentei ser mais novo do que sou, né? Então o cara deve ter pensado: esse daí tem 15, 14 anos... tá fazendo o que aqui? E eu lembro que ainda fui com o uniforme da escola... (risos). O que eu podia fazer? Era depois da escola! Não podia fazer nada! (risos).

P - Mas você acha que não tinha a ver com o fato de você ser negro? Era só pelo fato de você ser jovem?

E1 - Não sei... não sei... naquela época eu achei que era por ser jovem, que pra mim já era justificativa demais.

P - Sua família precisava da sua ajuda para manter a casa? Precisava do dinheiro que você recebia dos seus trabalhos?

E1 - Não, graças a Deus não... a gente tinha uma base muito boa, minha avó era aposentada, tinha a pensão do meu avô, a minha mãe recebia aluguel de casa, trabalhava também, então a gente não precisava... eu acho que até ano retrasado a gente não precisava da minha ajuda.

P - E agora precisa?

E1 - Agora sim, agora a minha avó faleceu, então boa parte da nossa renda se foi... agora sou eu e minha mãe e eu penso mais em ajudá-la.

P - Como você acha que é em média a educação de um jovem negro no Brasil?

E1 - A educação do jovem negro na minha opinião, acho que é só aquilo que o governo fornece, só aquilo que é público. Educação pública, colégio público... faculdade pública do Brasil, do Rio, não é pra pobre, é pra rico. Porque é muito competitivo, tem muita competição... só entra quem

tem tempo de estudar e quem tem boa educação, quem veio de boas escolas... então eu acho que até o ensino médio o negro tá garantido. Garantido entre aspas, né? Se ele tiver condição de se manter estudando... se ele não precisar trabalhar desde cedo... ou se ele tiver saúde mental e saúde física pra trabalhar de manhã e estudar à noite, aquele rolé complicado mesmo... Eu acho que o negro consegue se garantir até o ensino médio. Mas faculdade... só consegue fazer faculdade se tiver ajuda de família, se tiver ajuda de família pra alguma coisa. Por si só eu acho muito difícil o negro conseguir fazer uma boa faculdade.

P - Como foi o seu caminho pra chegar até a universidade?

E1 - Olha, foi bem difícil, porque eu não tava preparado pro vestibular. Eu vim de escola pública, escola técnica e estadual e eu estudei num período que tinha muitas greves... o meu ensino técnico foi garantido porque foi uma coisa da “(nome da escola)”, que tinha fundos pra manter o curso técnico, eu acredito que tenha até hoje. Agora, o meu ensino médio, que era já sob responsabilidade do governo do Estado, não foi nem um pouco útil para a minha formação e preparação pro vestibular. Eu lembro, por exemplo... na verdade, eu não me lembro de ter tido aula de matemática direito. Eu tive alguns meses, com alguns professores e trocava... e eu lembro de uma coisa muito engraçada. No meu primeiro ano do ensino médio eu tinha muitas disciplinas com o nome do professor designado como “carência”. E a gente, que chegou lá naquela escola, normalmente veio de escola municipal, a gente nunca tinha passado por uma greve tão forte. A gente nunca ficou sem aula, a gente nunca ficou sem professor. E aí eu lembro que quando a gente chegou, a gente pensava que “carência” era o nome da professora... (risos). E a gente tinha lá: história, geografia, português e matemática: carência. A gente ficava: caraca, essa professora é muito foda! Dá aula de 4 disciplinas! (risos). Dá aula da porra toda e a gente nunca viu ela! Quem é ela? (risos). Depois eu acho que de 1 mês, maior tempão depois é que a gente foi se ligar: carência é porque não tem professor.

P - E eram 4 ou 5 disciplinas sem professor?

E1 - Ah, teve ano que sim... olha, eu só me lembro de ter tido 2 professores de matemática em 3 anos de ensino médio. E eu lembro que no primeiro ano eu tive e o professor era muito ruim, não tava nem aí pra nada. Eu não aprendi nada e passei de ano. E no segundo ano eu lembro só de uma professora e eu acho que ela não deu aula direito. E no terceiro ano eu acho que eu não tive professor. Eu não lembro direito, mas eu sei que a gente tinha professor, assim, de vez em quando... os professores muitas vezes não tavam dando aula... não tavam nem aí. E eu sinceramente não sei como é que eu passei de ano... e aí eu só fui sentir a diferença disso tudo na hora de fazer o vestibular. Eu não fazia ideia do que era função, conjunto, nossa, foi foda pra eu aprender depois. Depois que eu terminei o colégio, eu fiz vestibular... na verdade eu nem sabia o que era vestibular quando eu terminei o colégio. Eu fiz porque tinham alguns amigos meus fazendo. E aí eu só fiz o Enem na época. Fiz sem preparo, sem saber o que era a prova, só sabia que era uma prova longa. E aí eu lembro direitinho... o Enem naquela época ainda era de 63 questões, eram 5 horas de prova, eu acho que eu demorei 3h na redação, porque eu queria fazer a redação perfeita, porque era a única coisa que eu me garantia. E depois eu não tive tempo de terminar a prova. Acho que eu só fiz 17 questões no restante de tempo, eu não tinha preparo... e tirei uma nota regular ainda. Tirei acho que um 7... 6,5, 7... por aí. E aí depois disso eu não tentei nenhuma faculdade e aí eu comecei a me preparar pro ano seguinte, que era o ano de 2009. E aí eu fiz prova, fiz um simulado pra um cursinho pré-vestibular... aí eu consegui uma bolsa parcial, então eu pagava barato. Minha mãe me ajudava a pagar e aí eu comecei a estudar no pré-vestibular. Aí eu fiz a prova do Enem e depois

do Enem eu consegui a bolsa no “(nome da faculdade)” pelo Prouni. Consegui sem esperar porque ninguém se candidatou pro “(nome da faculdade)” naquela época. Acho que o “(nome da faculdade)” não era reconhecido pela grande galera... porque a gente tinha outras faculdades particulares na época com notas de corte bem maiores do que a do “(nome da faculdade)” ... e faculdades como Castelo Branco, Estácio... e aí eu consegui entrar. Porque eu não tinha ido tão bem no Enem. Eu tinha tirado 600 e alguma coisa... e aí eu consegui entrar. Só que eu não tava preparado pro “(nome da faculdade)”, eu não sabia matemática. Eu tinha estudado meio ano no pré-vestibular e eu não sabia matemática direito. Foi aí que eu tentei correr atrás pra manter a bolsa, mas eu reprovei 2 disciplinas e perdi a bolsa. E aí eu até poderia continuar mas como eu não sabia, como eu não tinha planejado ir pro “(nome da faculdade)”, como eu não tinha ainda estudado e me preparado pro vestibular, e como eu ainda não tinha noção do que era uma faculdade de elite, eu deixei pra lá e falei: vou fazer vestibular de novo. Porque eu queria ir pra UFRJ ou pra FGV, o “(nome da faculdade)” não estava nos meus planos. Só que quando eu entrei no “(nome da faculdade)” eu vi que essa era a faculdade que eu queria, eu vi a dificuldade que era o curso, e o nível dos alunos, percebi que era uma faculdade muito exclusiva, comecei a perceber o posicionamento do “(nome da faculdade)” entre as faculdades particulares do Brasil e do Rio e eu vi que eu poderia aprender mais e me desenvolver mais e ter uma formação mais exclusiva, até. E aí, eu comecei o pré-vestibular de novo, consegui uma bolsa melhor ainda, não pagava quase nada lá. E fiquei estudando meio ano. Nesse meio ano eu estudava muita matemática. Muita. Eu lembro que eu comprei aquele livro de matemática, “Fundamentos Elementares da Matemática”, quase que toda a coleção, uns 11 livros, e engoli aqueles livros, e foi aí que eu comecei a aprender função, conjunto, trigonometria, e tudo isso que me preparou pro vestibular. E aí eu fiz a prova de novo e consegui outra bolsa no “(nome da faculdade)” e entrei com uma segunda bolsa. E desde então eu segui na faculdade.

P - Você já precisou conciliar trabalho e estudo?

E1 - Sempre.

P - Como foi isso?

E1 - Foi normal... acho que sempre estudei e trabalhei. Acho que a única vez que eu não estudei e trabalhei foi talvez no primeiro semestre do “(nome da faculdade)” ... eu acho. Porque eu acho que eu fiquei pouco tempo sem trabalhar, porque eu lembro que logo que eu entrei no “(nome da faculdade)” eu comecei a fazer festa. Então eu estudava durante a semana e fazia festa nos finais de semana. Então, eu sempre trabalhei. E aí, quando eu comecei a procurar estágio, eu demorei muito pra conseguir... então eu tava me mantendo sempre fazendo festa nos fins de semana. E aí eu ganhava um dinheiro que me ajudava a me manter na faculdade e eu acho que eu nunca deixei de trabalhar. Até quando eu fui pra “(cidade europeia)”, eu nunca deixei de trabalhar e estudar.

P - Para você, qual é a importância de possuir *networking*?

E1 - Tudo. *Networking* eu acho que foi o que me deu oportunidades de trabalho, *networking* foi... acho que foi a melhor forma de eu conseguir trabalho. Foi a melhor forma de eu conseguir as oportunidades pra tudo. Na faculdade mesmo, pra eu conseguir livro, algum documento, pra eu conseguir me inscrever pra alguma coisa, era *networking*... porque eu conhecia todo mundo lá do “(nome da faculdade)”, falava com todo mundo, com os funcionários todos. E acho que é o que muda o negócio. Porque se eu for por mim mesmo, é muito difícil. Foram poucas grandes oportunidades que eu tive na vida que foram por mim mesmo. No sentido de chegar lá e me

apresentar. Foram poucas as vezes que eu consegui... não digo poucas porque eu também corri muito atrás de muita coisa, mas eu acho que emprego... é uma mistura dos dois, porque eu sempre corri muito atrás, eu sempre fui lá perguntar tudo. Mas eu sempre tive que fazer um meio campo, eu sempre tive que ir lá, perguntar, me apresentar, e depois conversar com uma pessoa, e com outra e essa pessoa me indicar, me indicar o melhor caminho. Eu sempre tive que chegar, e eu não podia chegar só com a minha cara e o meu currículo, eu tinha que chegar e eu tinha que agradar todo mundo e fazer uso disso pra chegar nos lugares. Eu acho que sempre foi assim. *Networking* pra mim muda tudo. Tanto que eu cultivo muito os meus contatos, eu converso com muita gente, eu tô sempre falando com todo mundo. E isso é muito bom pra mim e eu acho que é um caminho que talvez seja um dos meus diferenciais, fazer *networking*.

P - Trabalha atualmente? Como conseguiu esse emprego?

E1 - Eu tô trabalhando em “(cidade irlandesa)”, num hotel. Eu tô trabalhando em “(cidade irlandesa)” porque eu tô estudando, tô estudando inglês. E eu consegui esse trabalho porque eu fui procurar de hotel em hotel, de hostel em hostel, eu joguei no Google e eu vi os hostels e hotéis que tinham, porque eu queria trabalhar na indústria de hospitalidade pra eu ter contato com o cliente e aproveitar esse contato pra melhorar meu inglês e nesse emprego que eu consegui, eu bati na porta de uma das redes do hotel pra entregar currículo e perguntar se tavam precisando de alguém e tal... e aí eu tive a sorte de encontrar uma das proprietárias dos hotéis, do grupo... no hotel. Eu tava falando com a recepcionista e ela tava do meu lado... e aí eu tive a sorte de encontrar ela e ela me falou que tava precisando de alguém pra trabalhar em uma das redes, que era pra trabalhar como *linning porter*, que é um cargo de operação mesmo. Eu tenho que basicamente, no hotel, cuidar das roupas de cama, cuidar da limpeza do hotel, e ela falou que queria uma pessoa pra trabalhar lá, numa das redes, num dos hotéis, e ela me chamou no dia seguinte pra fazer uma entrevista. A gente combinou o horário, aí a gente conversou e ela me contratou.

P - Você acha que tem chances de ser promovido?

E1 - Nesse emprego eu acho difícil... Acho difícil porque eu acho que lá tem uma seleção muito forte de acordo com as nacionalidades. Por exemplo, pros cargos mais operacionais, como *house keeper* ou *linning porter*, ou cargos que não exigem um trabalho mais intelectual, só tem brasileiros, africanos e romenos. Pra cargos que você tem que lidar diretamente com o cliente, que exija aí uma habilidade maior de comunicação, de relacionamento, só tem croatas. E os croatas que estão lá é porque a dona do hotel também é croata, então eu acho que ela contrata somente croatas pra ficar na recepção ou em cargos de atendimento, e outras nacionalidades pra cargos mais operacionais. Eu acho que eu não tenho chance de ser promovido lá não... porque eu já reparei que cargos de maior responsabilidade, digamos, é pra quem a dona tem uma afinidade... seja na língua, seja na cultura, alguma coisa assim... porque tem uma menina lá que tem o mesmo nível de inglês que eu e ela tá na recepção. Mas ela é croata, eu não.

P - E por que você resolveu ir pra Irlanda?

E1 - Pra estudar inglês, porque na minha profissão, inglês é fundamental e eu sempre via isso como uma falha, o fato de eu não ter um bom nível de inglês.

P - E isso se traduzia em dificuldades no mercado de trabalho do Brasil?

E1 - Sim, sem dúvidas. Apesar de eu ter capacidade, eu jamais me veria numa posição de gerência ou numa posição mais renomada, com um salário melhor, com desafios melhores, eu jamais me

veria numa posição dessas sem inglês. Apesar de que tinha muita gente que assumia essa posição sem inglês....

P - Havia então pessoas que assumiam posições de liderança sem falar inglês?

E1 - Sim. A maioria dos meus líderes não tinha inglês.

P - E por que você acha que você não conseguiria ascender sem inglês?

E1 - Olha, eu não sei dizer muito bem, mas... meu último trabalho no Brasil... os meus líderes não falavam inglês, a maioria das funções no Brasil não precisa de inglês. Eu ainda vejo assim... depende muito da atividade de negócio que a empresa tem, depende dos relacionamentos que ela tem... dentro de uma empresa brasileira, você com certeza vai ter áreas que vão precisar de inglês... mas você vai ter boa parte de áreas que não vão precisar de inglês, porque o relacionamento é somente interno. E eu trabalhei numa multinacional onde um monte de pessoas não falava inglês, um monte... e algumas diziam que falavam inglês, mas não falavam... eu falava inglês melhor do que elas... e olha que eu não falava inglês, hein? E outras... deixa eu ver, a minha última empresa era uma empresa que exigia muito, muita formação dos contratados..., mas os meus líderes não tinham inglês, não tinham. Acho que 1 ou 2, no máximo... só a alta cúpula tinha inglês bom. Meu líder direto não tinha inglês bom... e tava lá.

P - E por que você acha que essas pessoas subiam sem inglês?

E1 - Era relacionamento... sobe quem tem relacionamento. Quem tem um aspecto confiável... quem tem uma suposta credibilidade... porque tinha gente que subia lá sem preparo, tinha gente que subia sem resultado, tinha gente que subia porque agradava o líder. Era basicamente isso, quem agrada o líder maior, vai com ele. Quem não agrada, não vai.

P - O que representa estar desempregado pra você? O desemprego, de uma forma geral?

E1 - O desemprego? Cara, pra mim significa desespero. Porque se eu não tiver empregado, se eu não tiver de onde tirar eu não sei... não tenho outras fontes de renda, não tenho nada que possa me segurar num momento de desemprego. Então, é um desespero... e eu acabo pegando qualquer emprego, e eu acabo fazendo qualquer trabalho... e me viro.

P - Você já passou por essa situação?

E1 - Já... já, quando a minha avó morreu... a gente se viu de um dia pro outro sem a mesma renda, eu lembro que o pagamento da minha avó... ela morreu num dia e no outro dia já não tinha mais. E todo o dinheiro que a gente tinha, a gente gastou muito, com hospital, médico, com enterro, com um monte de coisa. E a gente tava sem um puto no bolso, sem dinheiro mesmo. E eu me vi numa situação que eu estava à beira do desespero, sem saber o que fazer. Eu não tinha de onde tirar dinheiro. E aí eu tava começando a pegar qualquer tipo de trabalho, que aí foi quando eu consegui meu último emprego... que eu sempre falei: ah, se eu não conseguir nada melhor eu vou pra esse, eu vou me candidatar pra esse. E na altura que eu tava, eu tava rezando pra me chamarem pra esse. E aí me chamaram, e aí eu comecei a trabalhar nele, nesse emprego.

P - Qual era o emprego?

E1 - Eu trabalhava como analista financeiro na “(nome da empresa)”. Pra quem é do mercado, essa empresa sempre foi conhecida como a empresa que pega qualquer um. Qualquer estudante universitário, qualquer louco, qualquer louco entre aspas, porque eles selecionam bastante, tá? Mas

é uma empresa que todo mundo já passou por lá. E todo mundo passou por lá, não é num bom sentido, é no mau sentido. Porque muita gente passou, não gostou, não ficou, muita gente foi demitida, muita gente foi demitida sem motivo. É uma empresa com uma rotatividade absurda... um lugar muito estranho de se trabalhar. E aí eu já sabia disso tudo, porque eu tinha muitos amigos lá. E eu falei: cara, se eu não conseguir nenhum *trainee*, se eu não conseguir nenhuma coisa boa, eu vou pra lá. E aí na época que eu tava fazendo *trainee*, que eu tava fazendo um monte de coisas, foi a época que a minha avó morreu... e aí eu não tinha cabeça pra continuar em nada, eu desisti de um monte de *trainees* que eu tinha passado, que eu tava indo bem. E aí no fim de 2, 3 meses depois que a minha avó se foi, eu tava já me candidatando pra “(nome da empresa)”, e aí me chamaram do nada. No nível que eu tava de desespero eu falei: cara, é isso aí. É isso aí mesmo, e eu fui.

P - Quem é ou foi a sua maior referência de masculinidade?

E1 - De masculinidade? (segundos de hesitação). Talvez meus tios, irmãos da minha avó... provedores da família, sempre ajudaram todo mundo... foram os que construíram mais riqueza e mostram uma linha de caminho pra eu seguir. Todo mundo muito honesto, todo mundo muito cheio de honra, cheio de orgulho... por isso que eu também sou um pouco orgulhoso... e eles sempre me mostraram um caminho muito bom a seguir. Mas meus tios moram todos em outra cidade, em São Fidélis, que é a terra da minha família. E aí eu não tive tanta a presença deles, mas quando eu tinha eles eram... olha... grandes exemplos pra mim.

P - Como foi a sua relação com o seu pai?

E1 - Eu não tive muita relação com o meu pai, porque meu pai não me criou. Ele teve uma convivência comigo até os meus 4 anos, mas mesmo assim não era uma convivência diária. Depois eu via meu pai acho que uma vez por ano ou uma vez a cada 3 anos, 2 anos... sei lá, eu sei que eu acho que eu não vejo o meu pai desde os meus 14, 15, 16 anos. Tem mais de 10 anos eu acho... Eu acho que tem mais de 10 anos que eu não vejo o meu pai.

P - Vocês se falam?

E1 - Não. Não tenho contato.

P - Ele sumiu?

E1 - É... sumiu. Pra mim ele tá no mesmo lugar que sempre esteve, porque ele nunca foi presente.

P - E ele trabalhava?

E1 - Sim, sempre trabalhou, Ele tem negócio, é casado, ele tem 3 filhos. E eu acho que os últimos anos eu falei mais com a minha irmã do que com ele. É, com certeza, porque eu conheci a minha irmã com 17... e aí depois a gente se fala, mensagem de aniversário a gente troca, de Natal... essas coisas, a gente troca. Mas só isso também, eu não tenho convivência com ela nem com os outros irmãos.

P - Você não tem contato com a família do seu pai, então?

E1 - Não.

P - Qual era a escolaridade dele?

E1 - Não sei, mas eu sei que ele tem nível técnico. Deve ter ensino médio técnico... porque ele trabalha com refrigeração, ele tem uma loja que conserta aparelhos de geladeira, essas coisas... e ele tem nível técnico, provavelmente deve ter nível médio também.

P - Quando você era criança, quem era o provedor na sua família?

E1 - Minha mãe e minha avó. Sempre.

P - Você acha que cabe ao homem o papel de provedor?

E1 - Não. Não. Lá em casa era a minha mãe e a minha avó.

P - Você não acha então que é o homem que tem que bancar a casa?

E1 - Não, eu acho que deve bancar a casa sim, assim como as mulheres, que deve se preocupar sim com a família, mas não por ser homem, mas porque tem que se preocupar com a família mesmo. Mas lá em casa quem bancava tudo sempre era a minha mãe e a minha avó. Meu tio, teve um tempo que morou com a gente e meu tio não bancava nada. Quem bancava sempre foi a minha mãe e a minha avó.

P - E se o papel de provedor é negado ao homem, se ele tá desempregado, ou se ele encontra dificuldades pra entrar no mercado, que outras formas você acha que esse homem negro encontra para exercer a sua masculinidade, o seu papel de homem?

E1 - Bico. Ele tem que fazer bico. Por exemplo, lá em casa chegou uma altura que eu não aguentava mais ser bancado pela minha mãe e pela minha avó. Apesar de que elas bancavam contas, mas eu não pedia mais dinheiro pra sair. Então eu me senti na obrigação de fazer bicos. E aí, nisso, eu comecei a trabalhar com festas, por exemplo. Eventos... comecei a lidar mais com isso... pra ganhar um dinheiro aqui... qualquer 100 reais, 200 reais, 300 reais que entrasse já era o dinheiro que eu tinha pra comprar as minhas coisas, se eu tiver que ajudar em casa, ajudar... por aí. Então eu acho que homens acabam por fazerem bicos com qualquer coisa.

P - Você tem o desejo de casar e ter filhos?

E1 - Sim, tenho.

P - E você acha que o desemprego influencia na vontade de se casar e formar uma família?

E1 - Com certeza. Eu só penso em casar quando eu tiver estável financeiramente.

P - É um problema se a companheira que você arranjar, por exemplo, ganhar mais que você?

E1 - Não.

P - Você acha que as famílias negras, no geral, possuem mais equidade entre homens e mulheres do que as famílias brancas?

E1 - Talvez... eu não sei porque eu não tenho experiência com família negra porque a minha família toda é branca, só eu que sou negro, porque o meu pai é negro. Mas eu acho que talvez sim, porque a mulher negra sempre trabalha. É muito difícil ver uma mulher negra que é só dona de casa. Não que ser dona de casa não seja um trabalho, mas tô falando de trabalho remunerado. É muito difícil ver uma mulher negra que não tenha trabalho remunerado. A não ser que o marido dela seja um funcionário público ou uma coisa muito estável que consiga bancar a casa toda e todas as despesas. Fora isso, a mulher negra tá sempre fazendo um doce, um bolo, faxina, trabalhando com qualquer

coisa pra ajudar a sustentar a casa porque normalmente o homem negro ganha um salário (mínimo). Um salário no Brasil não sustenta ninguém, não sustenta uma família.

P - E você acha que o fato de a mulher negra trabalhar mais do que a branca se traduza em equidade dentro de casa? Por exemplo, em tarefas domésticas, em tomada de decisão...

E1 - Não sei. Acho que não é o suficiente pra tornar todos os campos, os diferentes campos de uma família, iguais. Eu acho que é complicado, mas eu acho que a mulher negra tem bastante voz. Porque ela precisa ser forte em diversos sentidos. E eu acho que ela tem mais atitude do que uma mulher branca. Eu tenho essa impressão. Por necessidade, não por escolha.

P - Você acha que tem alguma diferença entre o que é esperado socialmente de um homem branco e de um homem negro?

E1 - Ah, sim. Sim, sim, sim. Sem dúvida nenhuma. Do homem negro não se espera muito. Se espera que ele fique no lugar dele. No lugar que botaram pra ele. Ou no lugar que ele já nasce, alguma coisa assim... O homem branco, não. O homem branco... na verdade, eu acho que o que se esperam dele não é muito, porque o destino dele muitas vezes já tá bem traçado. Ou ele segue a coisa que o pai faz, ou ele segue a coisa que o pai tem... ou ele vai se formar, ter uma boa formação, ter um bom emprego... isso já é esperado. Pro homem negro, não. Na verdade, os dois tem coisas a esperar. Se esperam coisas dos dois. Só que do branco espera-se coisas boas, coisas como um bom emprego, uma boa educação, uma boa família, coisas positivas. Do negro, já se espera coisas mais... positivas, porém não com o mesmo valor... que é trabalhar... pra caralho, trabalhar muito, trabalhar em empregos ok, que ganhe pelo menos um salário (mínimo)... e eu acho que ganhar um salário, pra muitas famílias negras é uma coisa de luxo... ter assistência médica, então! Se tiver vale alimentação, então, puta que pariu! É um luxo! E se espera que o homem negro consiga isso. E se o homem negro tem isso ele já tá no caminho bom. Se o homem negro não tem isso, a probabilidade dele se bandear pro crime ou pra alguma coisa ruim é muito grande, por necessidade. Então eu acho que o que se espera de um homem negro é muito por aí. Tanto que quando percebem que eu fiz “(nome da faculdade)”, ou percebem que eu tenho boa formação, que eu sou inteligente, que eu tenho qualificação, muita gente se surpreende. É muito comum, eu já ouvi de várias pessoas: eu nunca vi ninguém como você. Não se espera muito de mim. Eu já ouvi meu tio, um dos meus tios, falarem que não imaginavam onde eu iria chegar. Mas eu não sei se era pelo fato de eu ser negro... eu acho que não. Eu acho que era pelo fato da minha mãe ter tido um relacionamento extraconjugal, essas coisas... aí, tipo, a minha família é muito certinha, minha família é racista também... minha avó era racista pra caralho... e muita gente crucificou a minha mãe de tudo quanto é forma... acho que até falaram pra minha mãe abortar. Coisa que a minha família abomina. Abomina de maneira hipócrita, porque a maioria é religiosa, mas ao mesmo tempo cogitaram isso porque a minha mãe ia ter um filho de um homem casado e negro. Então o que se espera de um homem negro não é muito. E o que se espera de um homem branco já é muito. E é um muito, muito mais alcançável pra ele. É um muito que pra brancos é básico. Por exemplo, ter bom emprego, ter boa educação e ter boa família, pra mim isso deveria ser pra todo mundo, mas pra mim... pra mim eu não sei, mas pra um negro de forma geral eu acho que isso é muito... muitas vezes é impossível de chegar. Ter um bom emprego, de gerente, ou um emprego que você ganhe acima de 3, 4 mil reais, mais uma boa família, mais poder prover pra família boas escolas, boa casa, e tudo mais... pra mim... pra mim não é tão estranho, mas pro negro eu acho que isso daí é o paraíso. É um paraíso. E aí a gente entra em outras questões, os problemas de branco não são os mesmos problemas de negro.

P - Quais são os problemas de branco e os de negro?

E1 - Cara, eu acho que o que preocupa um branco é se o professor vai pegar leve na faculdade ou não, se... na verdade eu nem sei o que é um problema de branco direito..., mas... se o carro dele é do ano ou não... se ele vai ter que trocar de carro... se o chefe dele vai dar o aumento no fim do ano ou não... são problemas mais supérfluos... enquanto os problemas de negro são: como conseguir dinheiro pra poder ir pra faculdade? Como conseguir dinheiro pra poder pagar passagem? Como conseguir dinheiro pra trazer o frango pro almoço e o jantar de amanhã? Como comprar a carne da semana? São problemas mais básicos de vida... são quase que problemas fisiológicos, por assim dizer. São problemas de cunho básico pra sobrevivência... comida, transporte, locomoção, né? Saúde... O problema: ah, se eu ficar doente, fudeu! Eu não tenho hospital particular, vou ter que ir num público, vou perder um dia de trabalho, dois dias... e eu tenho que rezar pra ter o remédio na farmácia do hospital público pra poder pegar. Enquanto um branco não se preocupa com isso, ele tá doente, ele liga pra clínica dele, agenda um pronto-atendimento e vai... é atendido no mesmo dia, com o melhor médico, em poucas horas... enfim, os problemas são totalmente diferentes.

P - Com base nisso, você acha que é fácil ser um homem negro?

E1 - Não. Não, e eu só fui perceber isso depois da faculdade. Antes eu não tinha noção do que era ser negro, porque a minha família é branca, nunca me ensinou nada a respeito. E eu nunca me vi como negro, negro excluído... eu sempre me vi como mulato, que era o que a minha família me falava. E mulato, na minha concepção, no que eu tinha aprendido, no que eu tinha percebido, não era negro, mulato é um moreninho claro, e isso muda tudo. E de fato muda, porque eu nunca fui rejeitado pela minha cor diretamente como um negro azul, de tom mais escuro... dificilmente me olham de lado, dificilmente me excluem pela minha cor. Me toleram. Não esperam muito de mim, mas me toleram. É totalmente diferente de um tom mais escuro.

P - E por que não é fácil? Por que você só foi aprender isso depois da faculdade?

E1 - Eu só fui aprender depois da faculdade porque eu comecei a alcançar um nível que eu não tinha alcançado antes, que era concorrer, competir por trabalhos com brancos, ricos. E aí eu percebi que aquele lugar ali sim, me rejeitava, que aquele lugar sim via diferença no meu tom de pele e no meu cabelo e de onde eu venho e isso tudo impactava. Era meio que quanto mais alto o nível, menos negros você vai ver e mais branco você tem que ser. E isso muda tudo. Se eu tô num nível médio, o meu tom de pele é normal. Se eu tô num nível baixo, o meu tom de pele às vezes é melhor. Por exemplo, se eu tô no meio de negros, os negros vão me achar mais bonito por eu ter um tom de pele mais claro. Ou vão me rejeitar às vezes também por eu ter um tom de pele mais claro. Eu tenho muita consciência do colorismo. Mas se eu tô num nível médio eu sou normal. Se eu tô num nível alto, esquece. Aí já começam as olhadas de lado, as rejeições, os julgamentos, porque aí já não esperam muito de mim. E aí muitas vezes eu tenho que dar carteirada, eu tenho que mostrar, eu tenho que dar uma: “oh, você não tá lidando com qualquer um não, eu também sou preparado que nem você!” Eu tenho que dar um chega pra lá às vezes. E eu aprendi isso com amigos meus que passaram por isso.

P - Você não tinha ideia antes?

E1 - Não, eu não fazia a mais puta ideia. Até porque quando eu entrei no “(nome da faculdade)”, eu entrei e não reparei que eu era o único negro. Eu só fui reparar quando uma professora apontou

pra mim de sociologia... eu lembro o nome dela até hoje, e ela fez questão de dizer no meio da turma a seguinte frase: “com exceção de você, não tem negros na turma.” E ela apontou pra mim. Eu até fiquei: ela tá falando comigo? Eu demorei a cair a ficha até... Aí, depois de um minuto que ela me falou, eu olhei pros lados, e eu olhei, e eu olhei... e eu fiquei: caraca, é mesmo! Não tem ninguém preto aqui, só eu! Caralho! Aí eu comecei a reparar, só tinham judeus, ou só tinha aquela cara tradicional da Zona Sul do Rio de Janeiro, com aquele bronze de praia, ou só tinham japoneses, orientais, de maneira geral. E eu ficava: caraca, mano! E depois eu comecei a andar pela faculdade e comecei a ficar reparando nisso. E realmente, você contava na mão os negros que tinham. Na primeira vez que eu entrei no “(nome da faculdade)”, eu era o único da turma, eu acho que só tinha mais um em uma outra turma de Administração, pelo que eu me lembre. E eu lembro que eu vi um dos negros que mais se destacaram no “(nome da faculdade)”, que é o “(nome do aluno)”. Eu lembro que eu o vi em Economia, e era o único. E depois eu comecei a reparar que tinham mais orientais no “(nome da faculdade)” do que negros, e a gente tá falando de Rio de Janeiro, uma capital negra.

P - Na sua opinião, o que dizem sobre os homens negros na cultura brasileira?

E1 - Olha, eu não sei se eu tenho uma posição muito definida pra isso não... quando eu não tenho uma experiência ou uma visão muito bem definida eu tomo cuidado. Então, eu posso dizer aquilo que eu escuto, ainda não é bem a minha opinião, mas é o que eu escuto e eu acredito que seja verdade, sim... porque eu não tenho exemplos pra contradizer essas opiniões. Mas eu acredito que o homem negro, na cultura brasileira, é subjugado, porque o negro tá sempre ocupando papéis menores. Eu não tenho exemplos de negros ocupando papéis maiores pra dizer que isso é mentira. Então eu acredito sim que seja verdade que o negro sempre é visto num papel menor. Tanto no trabalho, quanto no relacionamento amoroso, quanto nos estudos, na sociedade de uma maneira geral. Eu sempre vejo negros em posições menores. Eu não vejo representatividade em posições maiores.

P - Você acha que existe algum tipo de diagnóstico prescritivo de como os homens negros devem se comportar?

E1 - Sim. Ih, com certeza! Isso eu posso dizer que eu fui ensinado. Não pela minha mãe, porque a minha mãe nunca me falou nada disso não. Mas pela rua mesmo... sempre fui ensinado: não anda de boné, não anda de boné virado pra trás, não anda descalço na rua, se for nos lugares, vai arrumado, não anda de chinelo, não vai pra certos lugares de chinelo, não usa bermuda tactel, dependendo lá da localidade no Rio de Janeiro que você é... antigamente, hoje em dia eu não sei como é mais, mas antigamente você não poderia usar determinadas marcas de roupa, porque algumas marcas eram símbolos de facções criminosas e isso daí é uma realidade da periferia do Rio de Janeiro, lugar de preto e pobre. Então, na periferia do Rio de Janeiro a gente tinha muitas rivalidades criminosas, sabe? Uma facção de um lado e outra facção de outro, isso é uma realidade típica da periferia do Rio de Janeiro, isso não tinha no asfalto, como chamam, ou na Zona Sul do Rio de Janeiro. Na Zona Sul você poderia fazer o que você quisesse, que ninguém ia te matar porque você tá usando uma bermuda de uma marca tal... diferente da periferia. Então, existe sim um código, uma conduta pra você estar nos lugares, sim. Eu conversava muito com uma amiga sobre isso, ela me dizia: “quando a gente tá em alguns ambientes, a gente pode ficar à vontade, a gente pode ser aquilo que a família negra é: simples, barulhenta, divertida, seja o que for. Quando você vai pra um lugar de alta sociedade, com uma galera mais endinheirada, você precisa mudar.” Você muda questão de aparência, você muda questão de linguajar e tudo mais... normal. Normal,

isso daí é conduta dos níveis sociais. Só que para o negro, é preciso ter um outro aspecto do que um branco. Se a gente tá falando de uma alta sociedade, um branco pode simplesmente entrar num restaurante de chinelo, bermuda e boné. Simples. Negro, jamais. Jamais. Se o negro entra de bermuda, chinelo e boné, ele é malvisto. Pra um negro entrar num restaurante bacana, mais caro, ele precisa estar bem vestido. Ou bem vestido, com roupa elegante, ou muito descolado. Muito diferente, pra dar um aspecto artista. Se ele for entrar com a mesma roupa simples do branco, dá ruim. É muito difícil você ver um negro de chinelo, bermuda e camiseta simples num ambiente caro.

P - E você acha que atende a essas normas?

E1 - Às vezes sim e às vezes não. Ultimamente não, porque eu não tenho paciência mais pra isso. Mas teve uma época que eu já me preocupei muito com roupa, com moda, eu tinha muita roupa diferente, porque eu já fazia mais a linha diferente, já que eu não tinha dinheiro pra comprar roupa cara. Hoje em dia eu tô cagando, mas mesmo assim às vezes eu me pego pensando em qual roupa eu vou... quando eu tô com tempo e disposição, e eu tenho roupa pra me preocupar, eu faço, eu me preocupo sim. O negócio é que se você é um negro que se veste mal num ambiente caro, você vai ser visto de uma maneira ruim. E se você também se veste bem num lugar pobre, você também vai ser visto de uma maneira ruim. Se você bota um tênis colorido ou uma parada diferente, pra dizer que tá na moda, muitos já taxam de veadado, ou já taxam de maluco, ou já taxam de brega, porra... muita merda. Então, assim, são mundos completamente diferentes... que o negro precisa sempre se adaptar. Coisa que o branco, muitas vezes, não tem. Visualmente, que eu falo. Fora linguajar, fora conhecimento, tem muita coisa que é preciso mudar, pro negro se adaptar... coisa que o branco, eu já não vejo tanto assim. Óbvio que o branco também precisa se adaptar, mas... o branco é bem aceito, o negro não.

P - Como você acha que está a discussão sobre racismo, masculinidades negras e feminismo no Brasil?

E1 - Quente. Todo mundo tá falando disso. Isso tá incomodando... os negros que estão vindo agora tão se aceitando muito mais... é muito comum você ir nas escolas públicas e ver as meninas de *black*, os meninos de *black*... o mercado tá se voltando pra esse público, já entendeu que esse público domina, é a maioria... então, as coisas estão mudando, sim. Eu acho que nesse quesito, sim. Eu acho que tá incomodando também. Incomoda muito. Eu lembro que no meu trabalho tinham 2, 3 pessoas que incomodavam muito pelo fato de serem negras. Incomodavam muito, muito mesmo. As pessoas ficavam desconcertadas quando falavam qualquer coisa perto delas. E dava pra ver que isso era um incômodo.

P - Eles incomodavam por serem negros?

E1 - Sim. Por exemplo, teve uma menina... ela não era de religião afrodescendente, não era nada disso, mas ela sempre se posicionava mostrando que era negra sim e que defendia a sua ancestralidade. E tinha orgulho, até. E eu peguei o caso de uma menina... a líder dela até, nesse caso, que era minha líder também... começou a falar mal de macumba. Começou a falar: “ai, é isso, é aquilo... é coisa feia.” Mas ela jogava um tarôzinho lá, também. Jogava uns búzios de vez em quando, pra ver o futuro... que ela chegou a comentar..., mas ela falou mal de macumba... mas falou mal num sentido pejorativo, até. E aí essa outra menina deu uma aula pra ela, deu uma aula, desconstruiu tudo que ela falou. E ela ficou super incomodada com isso. Se fosse em outros tempos, talvez essa menina não falasse nada, por medo de perder o emprego, porque ela questionou

a líder dela... por medo de perder o emprego, por medo de ser malvista... porque todo mundo ia ver ela defendendo macumba, como assim? Então isso daí, pra mim, é uma prova clara de que o movimento negro, feminista e até dos homens, tá mudando. Eu acho que as mulheres estão muito mais à frente do que os homens. Muito mais, anos luz.

P - Na discussão?

E1 - Sim, sem dúvidas. Porque eu acho que o primeiro ato de mudança é a questão estética. E as mulheres sofrem muito mais do que os homens, principalmente com relação à cabelo. E as mulheres tem os calos muito mais feridos do que os dos homens. Então, elas estavam muito mais incomodadas... estão muito mais incomodadas do que os homens. E por causa disso, elas se manifestam mais.

P - Você acha que o feminismo e/ou o feminismo negro são importantes?

E1 - Sim, com certeza. Com certeza, tá vindo aí uma geração muito mais confiante, uma geração muito mais ciente da sua ancestralidade... é uma coisa que tem a ver com identidade. Quando você tem uma identidade resolvida, você consegue se entender melhor, se conhecer melhor, saber do que é capaz, do que não é, e parar de receber ordens. Você começa a ter autoestima, você começa a tomar suas próprias decisões, a seguir seu próprio caminho... ser mais feliz conscientemente. Um exemplo bem claro disso é quando as mulheres negras resolveram parar de passar química no cabelo. Antes elas passavam, chegavam a queimar o couro cabeludo, chegavam a ter um cabelo muito curto, muito feio, que elas não se sentiam felizes... e viravam reféns de cremes e mais cremes, e salões e mais salões... era muito dinheiro pra um cabelo que não era delas naturalmente. Com o resgate de identidade de mulher negra, de mulher crespa, com a confiança de assumir a sua negritude, o seu cabelo, elas começaram a se posicionar de outra maneira. Eu vejo isso com meninas negras que eu conheci na infância, tímidas, e hoje são outras pessoas, completamente diferentes. Eram meninas que não falavam, tinham medo, não se posicionavam, só seguiam o que falavam pra elas, muitas tinham a autoestima na lama, porque eram chamadas de macacas pra baixo. E hoje em dia elas são verdadeiras rainhas, empoderadas, gritam, falam alto, se manifestam, militam... são pessoas muito mais confiantes.

P - Qual é a sua relação com a branquitude?

E1 - Pergunta difícil. Não sei se eu sei responder isso muito bem, mas eu vou pegar a minha última experiência no trabalho, porque foi quando essa questão de branco e negro mais me incomodou. Eu cresci sem ver diferença, tá? Entre brancos e negros. Porque, como eu disse, a minha família é branca. Minhas primas são brancas. Então, eu nunca tive discussão entre negros e brancos em casa. E isso internamente ainda existe em mim. Apesar de eu ser mais consciente, internamente ainda existe em mim... eu não vejo diferença. Eu vejo todo mundo como igual, só que eu precisei começar a perceber diferença porque eu tava vendo que eu tava sendo tratado diferente. E eu precisava me entender no meio pra saber como agir... porque não adiantava eu entrar na roda de branco, sem saber que sou negro, porque eu não ia saber jogar. Porque eu sou diferente. E eu tenho que entender essas diferenças pra jogar com isso. Na minha última experiência de trabalho, eu recebi uma proposta muito boa de trabalho, e... não foi bem a última, né... foi a última de carteira assinada, digamos assim... que foi na “(nome da empresa)”, eu era analista financeiro, eu fui contratado por uma das áreas mais complexas do setor de vendas, misturado com o setor técnico da área financeira, fazia parte dos dois setores... e era um setor muito visado, porque representava 70% do lucro da empresa, então eles contratavam pessoas muito qualificadas, pessoas muito boas

com números... e eu caí lá, porque eu fiz uma entrevista muito boa, fui testado, e eu caí num setor que eu dominei de certa forma, porque era uma área que eu tive formação, eu entendia, eu sabia muito de vendas, e eu me destaquei. E eu me destaquei a um ponto que eu via todo mundo me seguindo, me agradecendo, me respeitando, e eu vi que eu tava incomodando muita gente também. E quem eram essas pessoas que se incomodavam comigo? Brancos. Líderes. Que não estavam acostumados com negros no mesmo patamar que eles, ou até mais, porque eu tava muito acima ali de muita gente. E não era só eu não, depois entraram mais negros, e eles começaram a mudar a visão, e começavam a colocar mais negros, e esses negros que vinham, vinham com tudo. E eu tenho duas histórias pra te contar, muito fortes. A primeira que eu vou contar é da minha amiga. Eu posso até contar três, se isso enriquecer a conversa..., mas a primeira que eu vou contar é da minha amiga, que é mais recente, e essa me doeu muito. Na verdade, eu tenho quatro histórias pra contar... (risos). Mas vou começar com essa dessa minha amiga, que é muito forte, pra você ver o ambiente que eu tava, tá? E porque eu comecei a ter essa questão do negro e do branco. Minha amiga tava trabalhando lá durante um ano e pouco, ela saiu agora porque ela conseguiu um emprego na área dela. Ela é engenheira eletricista formada pela UERJ, excelente formação, excelente pessoa. E ela conseguiu um emprego na “(nome da empresa)”, num dos campos de pesquisa da “(nome da empresa)”, alguma coisa bem legal, eu não sei muito bem porque é técnico... e quando ela foi lá na empresa pra pegar os documentos, assinar décimo terceiro, ou do contrato, alguma merda lá que ela foi assinar, pegar carteira, essas coisas, ela encontrou o líder que a gente tinha, que era o líder da operação toda, era o líder da área... ele era engenheiro também, engenheiro químico. Eles tinham formações parecidas e eles tinham amigos em comum nesse lugar que ela foi trabalhar. E aí, ele chegou e encontrou com ela, e aí ele perguntou: “e aí, “(nome da amiga)”, como é que você tá? Eu vi que você tá trabalhando lá no campo da “(nome da empresa)”, né? Eu tenho um monte de amigos trabalhando lá. Você trabalha lá com o quê? Você conseguiu um estágio lá? Você tá como assistente?” Aí ela: “não, eu sou contratada como engenheira.” Aí ele ficou assim: “ah... que legal!” E isso na frente de umas meninas novas. Aí ela falou: “e quem é que você conhece lá?” E ele: “ah, meu amigo fulano de tal.” Aí ela não comentou nada, mas depois ela comentou comigo, e eu falei: “se eu fosse você eu comentava com ele na frente de todo mundo e deixava ele mal...” mas esses amigos dele são subordinados dela. Então, tipo assim, ele subjugou muito ela, e ela tava numa posição acima dos amigos dele. E isso daí era claramente a maneira como eles viam os negros... essa é uma história recente. A outra história é de um outro amigo lá, o “(nome do amigo)”. Eu, “(nome da amiga)” e “(nome do amigo)” éramos os únicos negros de lá, numa operação de 50 pessoas. O “(nome do amigo)” era uma das pessoas mais experientes, mais qualificadas que tavam lá, que tinham mais conhecimento e ele se dava bem com todo mundo. Ele entrou num processo pra ser líder, e ele foi muito bem. Ele foi líder da minha operação quando eu tava trabalhando lá e o resultado dele foi ótimo... e ele não foi aprovado depois do fim do teste. E depois botaram uma outra menina branca, ruiva, no mesmo processo. Ela foi aprovada. E ela foi líder da minha mesa, da mesma forma. Ela foi bem, mas o “(nome do amigo)” foi melhor. Ele vendeu mais. E ele se dava bem com todo mundo. Essa menina não se dava bem com todo mundo. Metade da minha operação não gostava dela, porque ela tinha um perfil puxa-saco do líder. E ela foi selecionada pra ser a líder. E o “(nome do amigo)” não foi. E todo mundo se questionou. A operação parou até, pra ter uma reunião, pra tentar entender isso. E a justificativa foi que o “(nome do amigo)” não foi escolhido porque ele era amigo de todo mundo. A gente até entende, mas no teste que fizeram com ele, ele soube se posicionar, todo mundo respeitou ele... e pra ser um líder, eu acredito que a pessoa tem que ter confiança no líder. Ou seja, o “(nome do amigo)” tinha todas as qualificações, e a menina subiu engolida, subiu à força, ninguém queria ser

da operação dela, tiveram que trocar a operação, mudaram todo mundo da operação, pra ela poder assumir. E aí a gente viu um estresse na operação por causa dessa escolha. E aí a gente entendeu: olha, o “(nome do amigo)” não subiu por qual motivo, se ele teve um resultado melhor do que o dela? É por que ele é amigo da galera? Sério? Um líder não tem que ter a confiança dos subordinados? Enfim... isso daí, pra gente, foi uma posição clara de racismo. Preteriram ele em troca da menina. E a menina, depois a gente foi descobrir, ela era namorada do melhor amigo do líder. Então, assim, é muita coisa envolvida, que mexeu muito com a gente... E a outra história, pra tu ver o caso lá, como eles viam os negros... eles fizeram um material, uma campanha de comunicação, que eles decidiram categorizar os funcionários, de acordo com perfis. Isso daí é um caso que poderia... eu acho que só não gerou um processo brutal na empresa, porque o líder do setor pediu desculpas pra todo mundo numa reunião exclusiva. Eles fizeram categorias de funcionários, e eles colocaram 3 ou 4 perfis. Um perfil empreendedor, um perfil... não vou lembrar... e um outro perfil lá. O perfil empreendedor eu lembro porque eu me enquadrava nesse perfil, mas... o perfil empreendedor era o quê? Era o aluno que pensava sempre além, que gostava muito de trabalhar, de fazer mais do que o acordado, fazia mais do que devia, e normalmente vinham de faculdades como Ibmecc, PUC e FGV. E era esse o texto, tá? E tinha o funcionário... eu não vou lembrar, mas era o funcionário tipo peão, era o funcionário guerreiro, acho que era um termo assim... que era aquele funcionário que não deixa escapar nenhum cliente, que sempre tá atendendo o cliente durante todo o tempo, que sempre vai estar ali pra ocupar a posição, e que normalmente vem de universidades como Veiga e Estácio. E qual era o grande problema? A foto que botaram. A foto do aluno empreendedor era um moleque loiro, do olho claro, e a foto do funcionário guerreiro era um negro. Isso caiu como uma bomba na operação. As pessoas brancas acharam a ideia maravilhosa, mas os negros se incomodaram muito. E isso gerou um bafafá... que uma das meninas, essa minha amiga que é mais envolvida com a militância negra, chegou e falou: esse texto é uma ofensa absurda porque tá me dizendo que eu, aluna Estácio, negra, nunca vou poder ser a funcionária empreendedora... isso daí é de uma agressão terrível, tá me colocando um limite terrível. Eu vou ser sempre encarada como uma funcionária guerreira e nunca como a empreendedora, e isso tá muito errado, porque eu sou empreendedora. E ela de fato é empreendedora, ela é blogueira, ela tem um negócio próprio, ela tem um blog de mãe, ela é supercult, a mãe nada convencional no Instagram, ela é maravilhosa, super questionadora, super intelectual, capaz de muita coisa. E aquilo ali, dentro do ambiente de trabalho dela, estavam ali dizendo pra ela que ela ia ser aquela sempre pra tapar o buraco do cliente, e aguentar o cliente. Então, assim, essa era a visão da empresa. E a quarta experiência, que é a minha. Eu sempre tive um perfil muito de fazer e acontecer, e de correr atrás, de nunca me contentar com pouco, sempre querer fazer mais e mais e melhor. E eu tava trabalhando demais lá. Eu tava me dedicando mais do que era permitido. Eu dormia 2, 3 vezes por semana no trabalho pra fazer entrega de trabalhos além dos trabalhos que eu deveria fazer. E eu estava muito por dentro do meu trabalho. Eu estava muito qualificado pro meu trabalho. Eu sabia mais do que muita gente. E todo mundo começou a me perguntar muita coisa, a operação começou a parar pra me perguntar as coisas, F., como você faz isso? Que argumento é esse? Como que você argumentou com o cliente assim? E lá eram clientes muito difíceis de lidar, porque eram empresários. Eu tinha que negociar com empresários. Então a gente falava muito de número, e de taxa, a gente falava muito de fluxo de caixa, e a galera não entendia disso. Eu entendia. Então, a galera ficava: F., como é que você tem esse argumento? Como é que você sabe? Me ensina. Caraca, a gente tem que aprender isso... e tal. E aí eu cheguei e falei pra minha líder: olha, a gente precisa conversar sobre isso com todo mundo, muita gente tá aqui e não sabe... e a gente precisa encontrar um caminho, e eu me disponho a ajudar, não tem

problema nenhum pra mim. Porque eu gosto, eu aprendo com isso. A minha líder: tá bom, pode ficar tranquilo, a gente vai combinar isso. O que ela fez? Ela foi pra outros líderes... porque quem veio me pedir ajuda não foi da minha operação, foi da operação do lado, de vendas, eles vieram me pedir ajuda com vendas. E a minha líder foi na operação do lado e falou pros líderes: olha, gente, não procura o F. mais, porque o F. não pode ser parado na operação, ele precisa estar só na operação, não pode parar pra ajudar ninguém. Depois disso, eu comecei a perceber que ninguém tava me procurando mais, e uns 3 dias depois, 4 dias ou 1 semana, eu não lembro bem, uma das meninas da operação veio falar comigo: F., olha, eu queria que você me ajudasse, mas eu não posso te pedir porque a tua líder pediu pra minha líder não deixar a gente te pedir ajuda. E eu fiquei: “o quê?! Ela me falou justamente o contrário!” E aí eu comecei a perceber como as coisas estavam sendo jogadas ali. Ela não queria que eu me destacasse mais do que ela. Eu comecei a apresentar outras coisas por fora dela, e aí eu comecei a apresentar projetos pros líderes, e aí eu comecei a ver líder me boicotando. Líder me questionando. Líder me dizendo que o meu projeto não iria pra frente. E eu insistia, eu passava por cima, e dava certo, todo mundo se interessava. E aí eu comecei a ver algumas pessoas se colocando contra mim. E isso nunca foi um empecilho pra mim. Eu passo por cima. Eu tenho duas escolhas: ou baixar a bola, ou passar por cima. E passar por cima no bom sentido. Não é desrespeitando. Passar por cima continuando, trabalhando mais, ficando depois do horário, que era o que eu estava fazendo. E aí eu via motivos bobos pra me passarem a perna, até o ponto em que conseguiram... fizeram uma jogada lá em que me liberaram de um dia de trabalho, e eu já tinha combinado isso, eu tava pagando hora pra ser liberado num dia, que era um mês depois do que eu tinha avisado, e aí dois dias antes do dia que eu não podia trabalhar porque eu tinha um evento pra ir, me falaram que não iriam me liberar, sendo que eu já tinha compensado as horas pra ser liberado. E me falaram: olha, não vou poder te liberar. E eu falei: eu já combinei, eu já dei minhas horas, eu já trabalhei, já tô trabalhando adiantado... E eles: ah, eu não vou poder te liberar, mas eu vou ver. Nisso do “vou ver”, não me falaram mais nada, no dia do evento que eu tinha pra ir, eu fui pro evento, eu não fui trabalhar, e aí, por causa disso, me demitiram. E me demitiram com o seguinte argumento: “F., a gente te demitiu porque você não tem cultura de trabalho, porque você faltou um dia”. E eu: o quê?! Eu falei um dia de trabalho, que eu tinha combinado, e que eu tinha as horas já feitas pra faltar. O que eu percebi aí? Tavam esperando um furo pra poder me demitir. E isso foi arquitetado pela minha líder, porque a RH me demitiu chorando. E depois ela me contou, que me demitiu porque foi pedido pela “(nome da chefe)”, e ela tinha poder pra isso, o líder dela autorizou, que era outro que eu também tava ali competindo. E aí, eu comecei a ver... bom, na alta cúpula lá do time, não tem um negro. E eles tavam vendo um negro, ali, se posicionando pra assumir uma posição, porque era isso que eu tava assumindo. Eu tava fazendo o trabalho deles. E eu vi que eu tava incomodando porque eles viram que eu tava preparado, que eu tinha muitas sugestões, e eu via eles me cercando, e eu ia perguntar muito pras pessoas como funcionava tal setor, como funcionava aquilo e aquilo outro... e eu tava interagindo com sócios, e eu via eles me cercando. Eles me parando pra perguntar: “o que você foi falar com o sócio?”. E todos eram brancos. E aí eu comecei a perceber, essa questão incomoda. Eu incomodo. Se eu fosse branco e ruivo como a outra menina, de repente eu seria apoiado pelo líder, como a minha líder foi. Mas não, eu não fui apoiado. Eu fui barrado. Fui barrado de N maneiras. E aí eu comecei a ver que essa questão branca e negra lá nessa empresa, era muito séria. E isso foi manifestado pelas minhas experiências e pelas experiências dos meus amigos, e até pelo e-mail de comunicação que eles mandaram. Eles colocaram o negro na posição de peão, enquanto o branco é o que pensa além, o inteligente, o intelectual. Então essa foi a minha experiência, onde eu comecei a ver que brancos e negros são diferentes, e que eu preciso me precaver disso.

P - Quais caminhos você enxerga para resolver os problemas dos quais tratamos nesta conversa?

E1 - Eu acho que isso vai ser muito difícil de resolver, essa questão do negro e branco. Eu acho que a forma pra se resolver, é dando oportunidade pra negros, e os negros precisam estar preparados. E é isso que eu estou buscando: estar preparado. É inglês, é formação, é experiência, eu acho que são os 3 pontos hoje no Brasil, que a gente precisa ter, pra gente não estar desqualificado pra um cargo. E não é só inglês, são idiomas, né? Idiomas, experiência e formação eu acho que é o caminho pros negros se prepararem pra assumirem cargos maiores, porque uma das desculpas que se usa é que os negros não estão preparados pra assumirem posições de destaque, o que é uma grande mentira. E as empresas poderiam ajudar aqueles que não estão preparados. Porque isso entra dentro do campo de responsabilidade social, do campo de diversidade cultural dentro das organizações. E as empresas ajudam brancos, por que não ajudam negros? Ajudam brancos, dando formação pra eles, dando os melhores MBAs, coisas que eles poderiam conseguir por eles mesmos. Agora, por que não dão um curso de idiomas pra um negro? Porque não dão cursos de MBAs pra um negro? Eu acho que isso faz parte das responsabilidades das empresas, das organizações, e eu acho que o negro tem que correr atrás nesse sentido, pra ele não deixar darem como desculpa, a falta de preparo. Que é comum... que é comum acontecer, e que também é a realidade da maioria dos negros. Existem eventos como o Empodera que eu já fui, acho que 80% ou 90% não tem idioma. Tem faculdade, mas não tem idioma. Porque a faculdade foi uma coisa recente conquistada pelo negro. E agora é idioma. E depois a gente tá falando de um MBA, de pós-graduação... então eu acho que o que o negro tem que estar, é preparado, e as empresas tem que ter consciência de promover a inclusão do negro, assim como de mulheres, assim como de deficientes, promover a diversidade, porque esse é sem dúvida o caminho do futuro. E quando a gente quiser falar de diferencial competitivo, a gente vai ter que apostar em diversidade. Isso já tá mais do que testado e aprovado, que as melhores soluções e as melhores empresas são aquelas que apoiam a diversidade cultural.

SEGUNDA PARTE

P – Você me fala na primeira entrevista que foi difícil conseguir estágio. Eu gostaria de saber por que foi difícil.

E1 - Cara, eu... até hoje eu não sei. Mas o que me dá a entender é que é o que eu tinha de diferente dos outros candidatos. Eu entendi que talvez o motivo seja esse. Eu reparei que eu era o único negro do grupo de candidatos, normalmente. Porque eu chegava a ir pra final em todas... um episódio, que pra mim, foi o mais declarado, foi quando eu me candidatei pra uma vaga pra uma vaga de estágio na “(nome da empresa)”, e tinha uma empresa de recrutamento fazendo a seleção. E essa vaga era pra uma vaga de Planejamento se eu não me engano, e você tinha que ter experiência e ainda tinha que ter conhecimento de Excel. Eu lembro que tinha 3 pessoas na final, eu e mais 2 meninas. Só eu de negro. As 2 meninas não tinham tanta experiência quanto eu, e ambas não sabiam Excel. Eram alunas de Administração, uma do CEFET e a outra da UNIRIO, mas elas não tinham conhecimento de Excel, elas até falaram lá: “ah, eu sei um pouco, mas não sei a nível avançado.” E eu já na época sabia, eu tive aula na faculdade de VBA, eu já sabia fazer programação com VBA, eu tinha conhecimento, domínio do Excel, então ficou claro que eu tava ali mais qualificado do que elas. E até elas estavam já na expectativa de que eu pegasse a vaga. Só que eu não peguei. Não sei quem pegou, mas eu não peguei. Então, eu não sei, sinceramente, o que pode ter acontecido. E aí, a única explicação que eu tive, foi o fato de eu ser negro. Isso foi

falado pra mim, na verdade. Eu não percebi por mim mesmo. Uma amiga minha, a “(nome da amiga)”, ela chegou e falou pra mim: “você tá passando por aquilo que eu passei. E é o fato de ser negro. Os negros não ocupam esses espaços, então não esperam que você ocupe esses espaços.” E aí, eu só vim conseguir uma vaga de estágio quando eu fui indicado, e aí já foi uma coisa diferente, porque eu já fui direcionado pra vaga, eu acredito que eu tenha queimado algumas etapas, porque eu já fui direto pra entrevista com o gestor. E aí, na época, a gestora gostou de mim, e foi uma grande chefe, uma grande mestra que eu tive na minha vida, a gente fez um bom trabalho juntos. E aí, foi a experiência que eu tive. Agora, por mim mesmo, eu não lembro. Acho que foram poucos os casos em que eu consegui um processo por mim mesmo. Normalmente eu era muito desacreditado. Sempre fui muito desacreditado. Eu tive sempre essa percepção.

P – Você era desacreditado pelos profissionais de RH? Ou você não acreditava em si mesmo?

E1 - Sim, eu tinha um pouco disso, porque eu percebia isso... porque a forma como eles me puxavam nas entrevistas... eu não sei dizer, eu não sei se eu consigo pensar num exemplo, mas... era diferente quando eu tava num processo que não era cara a cara, e quando era num processo cara a cara. No processo que não era cara a cara, eu sempre era selecionado. Pelo currículo. Porque bem ou mal, eu sempre tive uma experiência prévia antes de me formar. Eu tinha a minha qualificação. Então, isso chamava a atenção. E era uma coisa quando era virtual. Mas quando passava a ser cara a cara eu sentia diferença. Eu sentia que eu era o diferente dos outros candidatos, eu sentia que eu tinha o histórico diferente, eu tinha uma perspectiva diferente, então, eu percebia que eu tinha um outro olhar sobre mim. E aí, eu sentia muitas vezes necessidade, e eu acho que isso me abria muitas portas também, de ter que me mostrar mais do que eu era. Entendeu? Não mais do que eu era, mas eu tinha que me mostrar mais, eu tinha que me valer mais, eu tinha que me provar mais, eu tinha que... a gente tem uma expressão, que a gente usa: “meter o pé na porta.” (risos). Então, muitas vezes eu tive que colocar em prática. Uma vez, em “(cidade portuguesa)”, uma amiga minha portuguesa falou: “eu nunca conheci um brasileiro que nem o F.” Em Portugal eu também passei um pouco por isso. No início, muita gente não acreditava em mim, eu tive que provar que eu era capaz de fazer o trabalho. Eu tive que mostrar o porquê do porque que eu queria... então, assim, eu sempre me senti muito nessa posição, de que eu tinha que provar pra todo mundo que eu era capaz. Nunca... era difícil alguém chegar pra mim e botar crédito em mim sem me ouvir pelo menos, sabe?

P – Entendi. E nas empresas que você trabalhou qual era a proporção de pessoas negras em cargos de gerência, de diretoria...?

E1 - Olha, vamos lá... nas minhas 3 últimas experiências... vamos começar do um estágio. No meu estágio tinha negros... homens?

P – Pode ser mulher também se tiver.

E1 - Homens eu não via. No meu estágio eu não via. Mulheres... tinha 1 no RH, e ela não era a diretora do RH, ela era um braço do RH, que cuidava mais de processos operacionais. As gerentes de RH eram loiras, brancas, e ela era como se fosse a operacional do RH. Mas ela era uma pessoa muito bem vista na empresa, mas ela era tipo a do DP (Departamento Pessoal). Quem fazia as diretrizes da empresa era as brancas, as loiras. E no meu projeto tinha uma mulher negra, é uma grande amiga minha até hoje... e ela não chegou à posição de gerente. Ela era uma coordenadora, mas ela fazia a função de gerente. Ela era a responsável por muita coisa, ela era muito sobrecarregada... e tinha um gerente homem, esse gerente saiu e, assim, a única pessoa qualificada

pra assumir a posição dele era a “(nome da mulher)”, porque ela tinha um conhecimento técnico e as habilidades gerencias pra ser gerente. Sem falar de questões éticas. Ela era uma pessoa muito qualificada, ela era a mais qualificada do projeto, ela tem um mestrado na Suécia, fala inglês, espanhol, francês, português, experiência internacional, trabalhou na ONU. Ela era muito bem qualificada pra posição, mas quem pegou a vaga foi um outro homem, branco. E não tinha nem 10% da qualificação dela, tanto que ele ficou como gerente, mas quem era a responsável por toda a gestão do projeto, custo, até a proposta comercial era ela. Ele basicamente se resumia ao conhecimento técnico que era da questão ambiental, ele era um estudioso da área, e ele se resumia a isso. Mas ela era a gerente do projeto, ela fazia a gestão. Então, tipo assim, isso foi no meu estágio. No meu trabalho em Portugal, pelo fato de eu estar fora do país, praticamente não tinha negros. De vez em quando aparecia um negro de ascendência africana, mas não ficava, eu não via muita interação, eu não via as pessoas serem muito receptivas, aí a gente já tá falando de outra cultura, é outra questão. Mas no meu último trabalho no Rio de Janeiro eu trabalhei num setor que era um setor mais visado, porque era um setor que representava a maior parte dos lucros da empresa, e lá foi um dos piores lugares que eu vi, que eu já experimentei o racismo, pode-se dizer, dentro de uma organização. Porque lá é uma empresa muito jovem, e é uma empresa jovem... é uma empresa jovem, mas, tipo assim, muito jovem da classe média alta do Rio de Janeiro. Então, é um grupo de pessoas muito elitistas, pode-se dizer, e, assim, fora da realidade do Rio de Janeiro, vive aquele mundo perfeito da Zona Sul, Niterói, e não entende o que é o subúrbio do Rio de Janeiro. É gente que nunca atravessou pro outro lado do túnel. Então a gente tinha que lidar com as questões mais absurdas. Então, eu lembro que eu fui selecionado, depois eu fui apresentado ao time. Quando eu falei que eu morei em Portugal e estudei em Coimbra, todo mundo fez assim: oh! (som de espanto). “Você morou em Portugal?!” Aquela admiração. Até então, normal. Mas eu acho que se eu fosse um branco do mesmo clube deles, eles iriam falar: “caramba, que legal.” Mas não, foi uma admiração, isso daí espantou. Outra coisa que espantou: o fato de eu ter me formado no “(nome da faculdade)”. As pessoas não esperavam que eu fosse do “(nome da faculdade, uma das melhores e mais caras faculdades do Rio de Janeiro)”. Outros fatos: lá eu tive que mostrar muito o meu trabalho pra poder chegar na posição que eu cheguei. E depois que eu consegui chegar num certo prestígio, de outras pessoas virem me perguntar como que eu fazia o meu trabalho, de receber projetos à parte, porque eu tinha capacidade de desenvolver esse trabalho, eu comecei a reparar que eu tava sendo boicotado em alguns pontos, e eu reparei que era uma coisa de tipo: “não aceito o F. ser melhor do que eu. Não quero ver o F. numa posição melhor do que eu.” E não era só comigo, era com os meus outros colegas. A quantidade de negros que tinha lá, na minha equipe, que era uma das mais visadas, era 4, 5, num grupo de 50. Na equipe de vendas, isso daí era uma outra área da empresa que eu fiquei horrorizado. Na equipe de vendas, tinha área de vendas interna e externa. As internas, eu acho que só tinha 2, 3 em 80. E todos lá tinham o mesmo perfil de classe média alta do Rio de Janeiro. Todos. E tinha 1, 2, 3 negros, por aí. E eu tinha um amigo que trabalhava lá, trabalha ainda. E a equipe externa... essa é a mais pavorosa. Eu fui num evento, que eu encontrei os vendedores externos, de vendas diretas, e na Zona Sul e na Barra não tinha negros. Não tinha negros, não tinha negros. E aí, quando eu entrei lá, eu queria trabalhar na equipe de vendas externas e eu não fui selecionado, então, o que aconteceu, depois foram me explicar que era pelo fato de eu ser negro. Um pessoal fez uma análise lá, uma análise por fora, não era nada oficial não, constatou que só tinha negros no subúrbio e baixada, não tinha negros vendendo na Zona Sul ou na Zona Oeste/Barra. E aí a gente reparou que era escrachada a situação. E um episódio recente que aconteceu lá, que ficou até passível de denúncia, foi o seguinte: eles encaminharam um e-mail vindo do RH com uma campanha de perfis de venda. Tinha o perfil

vendedor com espírito empreendedor, tinha lá o perfil guerreiro, que era o operário do dia a dia, alguma coisa assim, e tinha um outro perfil lá que eu não me lembro. Mas o perfil empreendedor era um aluno que vem de faculdades como Ibmecc, FGV e PUC, ele pensa pra frente, quer sempre pensar em inovação, quer sempre fazer o negócio pra frente, e não sei o quê. E tinha uma foto dele, de um exemplo, era uma pessoa branca. E tinha o perfil guerreiro, operário, que já era o responsável por sustentar a empresa todo dia, é aquele que sempre cumpre o horário, que bate a meta, que dá o sangue e tá preparado pra sempre estar de prontidão pro cliente. E falava o seguinte: “esse aqui é o aluno que vem da Veiga de Almeida, que vem da Estácio.” De faculdades medianas. E tinha a foto de uma pessoa negra lá. Quando isso caiu no e-mail, o grupo negro que tem lá na equipe, no time, ficou horrorizado. Gerou um burburinho tão grande, gerou uma manifestação, que o responsável da área teve que pedir desculpas pra toda a operação de mais de 100 pessoas. Então, tipo assim, foi um episódio lamentável e isso representou como eles não tinham noção de como eles eram racistas e desrespeitosos com negros, e por aí vai. Então, assim, se a gente tiver falando em quantidade, os meus últimos trabalhos, além de ter uma quantidade muito pequena de negros representando ali a profissão, eram áreas que constantemente o negro sofria pra se manter na profissão. Ou ele tinha gente querendo derrubar ele, porque não aceitava ele ser igual ou melhor, ou então você tava num ambiente super hostil, com pessoas o tempo todo te dizendo qual é o seu lugar, ou qual é o lugar que você deve assumir, e que jamais é o lugar deles, o melhor lugar ou o que tem mais possibilidades, entende? Então, é um ambiente muito hostil.

P – E no ambiente de diretoria não tinha pessoas negras?

E1 - Não, nunca vi. Nunca vi.

P – Você acha que tem empregos de brancos e empregos de negros? Que há uma divisão racial do trabalho?

E1 - Eu não concordo, mas eu acho que tem sim. Eu acho que tem. Tem certas áreas que você vê de cara que a maior parte é negra, normalmente são trabalhos serviços, de estar sempre servindo alguém. E empregos de branco são empregos que normalmente... não sei se eu posso dizer isso, mas que exigem uma formação, uma preparação, um nível intelectual, que meio que se espera que seja branco. É uma coisa que eu tava pensando outro dia, sobre as minhas experiências hoje morando em “(cidade irlandesa)”. Eu sempre lutei tanto pra não fazer aquilo que se esperava de mim, que era o quê: ah, terminou o colégio, vai pro trabalho, qualquer merda, ganhar um salário e segue a vida. Eu sempre lutei tanto pra conseguir coisas melhores e tudo mais, né? Mas no fim das contas, rodei, rodei, rodei e em “(cidade irlandesa)” eu tô fazendo um trabalho de merda. (risos). Tô fazendo um trabalho que não exige qualificação e tudo mais. Mas pra um branco, normalmente ele cresce na vida dele sem ter que se preocupar com o que esperam dele. Ele não precisa se preocupar com que tipo de trabalho ele vai conseguir, como que ele vai fazer pra fugir da realidade dele, ou como que ele vai fazer pra conseguir aquela faculdade que ele jamais pensaria que iria conseguir. Ele não tem que se preocupar com isso porque ele já tem uma expectativa muito boa, principalmente se ele vem de uma classe média, já tá naturalizado que ele vai terminar a escola e vai pra faculdade, vai seguir uma carreira, que pode ser a dos pais ou pode ser uma diferente, uma melhor, ele vai ter todo um apoio, todo mundo espera dele, então, assim, a conversa dele é pensar em cursinho: “ah, acabei a escola, vou fazer um cursinho, vou começar a faculdade.” Tipo, até os 25 anos, a vida dele tá muito tranquila, bem organizada. Pro negro, isso não existe. Se ele conseguir terminar a escola, dê graças a Deus. É essa a diferença, entendeu? Porque você vê até na reação das famílias... quando uma família negra vê: “ah, meu filho terminou a escola.” É uma grande

honra. É uma festa, é um momento especial. E pra uma família branca, tipo, não é nada. Não é nada. Então, assim, são essas as relações que a gente vê. E a gente vê na divisão de trabalho mesmo. Você vê negros sempre ali, em postos de trabalho serviçais, e brancos, é mais comum você ver em posições diferentes, em posições melhores, em posições de comando, e por aí vai.

P – Você acha que um exemplo ideal de masculinidade é um homem bem-sucedido?

E1 - Não sei. Bem-sucedido em que sentido? Financeiro?

P – É... profissionalmente.

E1 - Olha, não deixa de ser um exemplo. Eu acho que profissionalmente, bem-sucedido, ver negros ocupando posições superiores de comando, é sim, um bom exemplo, de masculinidade, de negro, de pessoa a seguir. Por exemplo, eu tenho a “(nome da amiga)” como uma grande referência. Ela é uma mulher negra, que tem uma história muito parecida com a minha. Ela me inspira muito porque ela saiu... apesar de ela ter tido uma vida boa, razoável, que eu também tive, a gente nunca passou necessidade, a gente sempre teve uma estrutura familiar, a gente sempre teve uma média de renda que bancasse tudo que a gente precisasse... mas ela saiu do que era esperado dela. Que talvez seria ali ser uma funcionária pública, ou uma trabalhadora assalariada, no máximo conseguir uma coisa de gerente de loja, alguma coisa assim. Ela saiu totalmente disso. Ela desenvolveu o inglês dela, ela fez faculdade federal, ela foi fazer mestrado na Suécia, ela se envolve com pessoas de fora do país, ela foi trabalhar com a ONU, ela foi fazer trabalhos internacionais. Então, tipo assim, ela saiu totalmente da zona de conforto dela, em busca de um patamar melhor. Quando a gente trabalhava juntos, ela era sem dúvidas nenhuma, uma das pessoas mais qualificadas do projeto, respeitadíssima, tanto que ela foi trabalhar numa outra agência internacional bombadíssima, ela tava fazendo um trabalho brilhante, e hoje tá trabalhando na Suécia, num instituto de pesquisa da Universidade de Estocolmo. Então, tipo assim, ela é uma pessoa que eu olho e eu vejo um grande exemplo, como pessoa negra, como pessoa suburbana do Rio de Janeiro. Agora, como homem, não tenho. Mas eu acredito que sim, ser bem-sucedido profissionalmente é uma forma de exemplo de masculinidade negra, de pessoa, se você tiver uma pessoa que você se identifique nesse quesito de raça e profissão, sem dúvida nenhuma é um exemplo.

P – E quando você pensa num exemplo de homem ideal, que você gostaria de ser, quais características você admira num homem?

E1 - Acho que a primeira é ética, sem dúvida nenhuma. E eu acho que eu posso dizer que eu aprendi isso muito com a “(amiga citada logo anteriormente)”. Com a “(nome da amiga)” e com a “(nome da amiga)”. Eu aprendi com mulheres isso: ética profissional. Porque a ética profissional vai muito mais além de agir corretamente. É uma maneira de inspirar. Porque quando você trabalha com pessoas que são corretas, mas corretas mesmo, não são corretas só em questões políticas, mas corretas na vida como um todo, uma pessoa preocupada em como não ofender o próximo. Uma pessoa preocupada em como respeitar o trabalho do outro, não fazer algo que assedie a posição da outra, ou que deixe a outra pessoa desconfortável, isso daí é inspirador. Elas me ensinaram muito em questões assim. E aí, uma qualidade é ser ético profissional. A outra que eu acho que me inspira e que me chama muito a atenção é cumprir as metas, é cumprir o que tem que fazer. Isso pra mim é muito importante, porque isso daí é uma forma de medir o seu resultado. E eu acho que a princípio é isso: ser ético profissionalmente, atingir resultados e com certeza ser empático, saber respeitar os outros, saber lidar com os outros. Eu acho que esses são os 3 pontos que eu tento seguir na minha carreira e eu acho que isso é uma base bem boa pra servir de inspiração e exemplo.

P – E fora a carreira, tem alguma outra característica que você pense quando você pensa num homem que deseja se tornar?

E1 - Ah, inteligência... ser inteligente, ser uma pessoa... aí vem a empatia, de respeitar o próximo. Eu admiro muito as pessoas que respeitam as outras. E generosidade, sem dúvida nenhuma, é uma virtude que eu aprecio muito, mexe muito comigo. A princípio, isso. É porque isso é muito difícil, né? A gente não tem uma listinha do que admirar nos outros. A gente conhece as pessoas, e entre os defeitos e as qualidades, a gente acaba admirando. Inclusive a gente até admira defeitos, né?

P – E o que você acha do sistema de cotas e o que acha que isso representou na vida dos jovens negros?

E1 - Eu acho um sistema necessário, e isso representou sem dúvida nenhuma uma oportunidade de muitos mudarem de vida, e muitos mostrarem o seu valor, mostrarem a sua capacidade. E isso daí é um sistema que funciona, não existe isso de diminuir a qualidade do ensino, muito pelo contrário, traz uma diversidade de pensamento e uma mudança na força de trabalho que é necessária pra criar novas soluções, pra criar novos mercados, criar novos produtos. Esses dias mesmo eu tava vendo uns artigos, eu tava vendo uns amigos... eles tão produzindo tanto, tão fazendo tantos trabalhos, que se não fossem eles, não seriam feitos. Seriam trabalhos que não seriam feitos. E são pobres, negros, que acessaram o sistema de cotas, e tão aí fazendo coisas diferentes, entende? Coisas diferentes que tão desenvolvendo um novo mercado. E aí você começa a olhar as indústrias. Normalmente o negro se destaca muito na indústria cultural e de esporte, né? Mas se você for olhar, por exemplo, a indústria fonográfica do Brasil, ela teve um boom muito grande e a base dela é de pessoas negras, artistas negros. Então isso daí mostra que quando o negro consegue acessar certos conteúdos, ele traz uma nova roupagem, um novo conteúdo, uma nova visão, sem dúvida nenhuma benéfica pro mercado.

P – Na entrevista anterior você disse que o negro tem que estar preparado. Porque eu te perguntei como você achava que a gente ia mudar essa situação e você disse que o negro tem que estar preparado. E aí, na realidade do negro brasileiro, quão difícil você acha que é se preparar e qual você acha que é o papel do Estado nessa equação?

E1 - É difícil pro negro se preparar porque ele não tem exemplos. Ele não tem referências de como se preparar, então ele não sabe o caminho a seguir. Até chegar nesse ponto de saber pra onde ir, isso demora muito, perde-se muito tempo, às vezes ele pode estar fora do mercado por causa disso, e isso é um problema. Então, por isso que é muito bom ter referências negras, de pessoas ensinando o caminho das pedras. Então, assim, eu posso dizer que se preparar é muito difícil, e exige um autoconhecimento muito grande, exige saber os pontos fracos e fortes do seu potencial, e você precisa pensar muito em como conseguir o conhecimento e a preparação necessária. Hoje em dia, eu acho que ter acesso a esse conhecimento é muito fácil, porque você tem a internet disponibilizando aí milhões de coisas, milhões de possibilidades, você tem acesso a vídeos, você aprende o que você quiser de casa hoje em dia. Então eu acho que adquirir conhecimento é muito fácil. Agora, é muito difícil conseguir colocar em prática, porque normalmente viver uma experiência exige dinheiro, exige estrutura, exige tempo, exige muita coisa que pro negro que tá no rolé todo dia de trabalhar e se fuder, e trabalho servil, e servir e não sei o quê, ele não vai conseguir. Ganhando um salário, ele não vai conseguir. Ele precisa de ajuda, ele precisa da família, ele precisa de muita gente por trás podendo ali alimentar esse sonho dele de conseguir alguma

coisa diferente, entende? Sozinho, por si só, é muito difícil. Muito difícil. E qual que era a outra pergunta?

P – O papel do Estado. Qual que você acha que é o papel do Estado nessa equação.

E1 - Cara, eu acho que o papel do Estado é sim de incentivar esse público ter acesso a tudo. Que seja fornecer uma bolsa, ou que seja fornecer uma instituição que coloque negros em contato com... ou negros ou a população mais pobre que tem essa dificuldade, em contato com outros conhecimentos. E eu acho que isso daí é muito aplaudido no mundo inteiro, porque você vê grandes nações fazendo projetos internacionais, de crianças escrevendo cartas pra outras crianças de outros países. Você vê instituições... por exemplo, o Consulado Britânico, ele faz muita atividade, em diversos países, promovendo a cultura deles, a cultura britânica, com acesso a inglês e tudo mais, em diversos países. O Brasil tem um monte de atividade no Consulado Britânico. E o governo poderia fazer coisas mais... ou talvez menos excluídas do que já é, entende? Fazer aquilo ganhar uma proporção maior. Você tem a Embaixada Americana que faz também uma divulgação incrível com a cultura americana pelo mundo, a Embaixada Espanhola. Então, assim, você pode ter um trabalho internacional entre diferentes nações pra promover essa galera. Você pode também pensar em como ajudá-los a acessar a faculdade, o ensino superior, com muitos cursos pré-vestibulares gratuitos, e por aí vai. Ou seja, eu acho que existem meios que o governo pode sim fomentar um desenvolvimento melhor pra esse público. Então eu acho que é fundamental o papel do governo, porque se você for parar pra ver, todo mundo paga imposto, né? E a proporção do imposto do pobre, que paga o mesmo imposto que o rico da Zona Sul ou de qualquer outro lugar do Brasil. Ele paga até mais, porque vamos supor, ele tem um salário mínimo, que seja 20% do salário dele é imposto, 30% do salário dele é imposto, e ele paga o mesmo imposto na comida que o rico, que é 1% do salário dele, entende? Então, assim, eu acho que é uma obrigação do governo.

P – Beleza. E a última pergunta é: como você se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca e se você acha que seria diferente, melhor ou pior, se fosse entrevistado por um homem negro, se você se sentiria mais à vontade, e se você tem alguma recomendação para mim.

E1 - Hmm... não me senti estranho porque eu sou uma pessoa aberta e falo, não tenho muita dificuldade para falar, principalmente desse tipo de questão. Óbvio que toca em alguns pontos muito sensíveis, que mexem com a gente, mas eu consigo falar. Mas eu acho que você, como mulher branca, não tem a sensibilidade de uma pessoa negra pra saber tocar em questões negras. Você tenta, você consegue fazer muito bem, você aborda questões muito boas, mas talvez você... eu sinto que você não compartilha das mesmas questões que eu, e eu não sei até que ponto você tem a capacidade de se colocar no meu lugar. Eu acho que essa é uma dúvida que eu fico. Eu posso saber depois no seu trabalho, mas é uma coisa que eu fico: “não sei se ela entende essa dor em mim como eu sinto, ou se ela releva muita coisa.” Porém, eu não consigo determinar isso porque a forma como você me perguntou foi muito... não digo fria, porque não é fria a palavra, mas eu vi que você tentou ser imparcial, então, não influenciar a minha resposta e nem dar muita opinião, só coletar. Então, nisso daí eu não posso afirmar nada, mas eu sinto que em muitas questões você não tem a capacidade de se colocar no lugar nem entender a dor, e talvez cavar mais. Eu acho que tem certas perguntas que você pode cavar mais pra descobrir mais coisas, entende? Mas eu não sei se é isso que você quer também.

P – E você acha que você se sentiria mais à vontade sendo entrevistado por um homem negro, por exemplo?

E1 - Não. Não sei na verdade. Depende da posição. Depende do tipo de conversa. Se fosse um bate-papo, onde eu falo e ele fala, talvez eu me sentiria mais à vontade, porque ele entenderia o que eu passo e eu ia entender o que ele passa, então isso daí tornaria a conversa mais aberta. Se fosse uma entrevista, onde ele pergunta e eu respondo, pra mim eu acho que não faria muita diferença não.

P – E se fosse por um homem branco?

E1 - Cara, se fosse um homem branco, não sei... se fosse um homem branco talvez eu não me abria de tal forma, como me abri, entendeu? Porque eu sentiria que eu estaria falando com um concorrente meu. Ou com uma pessoa que poderia roubar uma vaga minha, ou me sentiria como demonstrando o meu ponto fraco pro meu principal inimigo, porque eu acredito que o meu maior concorrente é o homem branco. Em vários sentidos, emprego, vida pessoal, vida... de tudo, tudo, tudo, tudo. É o cara principal que vai me acusar, é o principal que vai me apontar... ou seja, é a pessoa que eu menos posso confiar, que mais me ameaça, que mais me faz sentir ameaçado, posso dizer. Então, talvez... certamente eu não me abria da mesma forma. Eu não falaria o que eu falei. Talvez, tentaria mostrar um pouquinho das injustiças sociais, mas não sei se ele entenderia... se ele se abrisse e se demonstrasse alguma empatia, talvez eu colocaria alguns exemplos meus, mas não falaria tudo. Provavelmente eu não falaria tudo.

Agradecimentos.

TRANSCRIÇÃO SEGUNDA ENTREVISTA

Entrevistado 2: Aldemiro, 28 anos, Ensino Superior Completo, Mestrando, Advogado, atuava como Consultor Tributário, Solteiro, Simpatizante de religiões de matriz africana, Classe C, Homossexual, Negro, Gênero Masculino, ex-morador da Glória (RJ), agora mora em Lisboa.

P - Pesquisadora

E2 - Entrevistado 2

P - Como é ser um homem negro no mercado de trabalho brasileiro?

E2 - Cara, então, eu acho que eu acabei vivendo numa espécie de bolha de... é estranho usar privilégio quando se fala de homem negro, né? Mas eu acho que de um determinado privilégio no meu último trabalho... e de certa forma desde que eu entrei pro Direito eu não encontrei dificuldade para conseguir estágio e depois o trabalho, mas eu sei que isso foi, assim... uma série de sortes sucessivas que eu passei. E talvez também porque eu fiz escolhas bem pensadas pra chegar até onde eu estava... então... você quer que eu fale?

P – Sim, se você puder descrever um pouco mais...

E2 – Então, eu comecei fazendo um estágio voluntário. Eu fui pra Defensoria Pública me oferecer pra trabalhar gratuitamente... e me dediquei, e consegui a simpatia do defensor onde eu trabalhava e consegui uma carta de recomendação, e aí eu comecei a procurar um estágio remunerado. Fui pro meu primeiro estágio remunerado, e lá eu também encontrei uma equipe muito boa, em que eu não sofri nenhum tipo de atrito ou situação de racismo. E... até que eu cansei da matéria que tratávamos lá, e resolvi sair de lá, fiquei um mês fora e aí resolvi buscar novamente. O meu currículo foi enviado de um escritório pra onde eu tinha realmente enviado, pra um segundo escritório, como recomendação. Porque quando eu enviei, já tinham contratado um estagiário pra lá, mas como eu tinha carta de recomendação e etc., enviaram pra um outro escritório, que fez contato comigo. Nesse escritório, foi uma coisa muito legal pra mim, porque quem me entrevistou foi uma advogada negra. O que eu achei sensacional, porque era um escritório grande... um escritório *boutique*, né? Três andares, espelhado, secretárias e tudo mais que se espera de um grande escritório... e uma advogada negra me entrevistando. E aí eu fui aprovado pra esse escritório, e passei algum tempo lá. Nesse escritório, eu não percebi discriminação... eu, perceber. Só que após a minha saída de lá, essa advogada que me entrevistou, ela me contou as coisas que ela bloqueava pra que eu não soubesse, sabe? Ela já sofreu muito ao entrar nesse escritório, porque até então ela era a única pessoa negra do escritório, entre os advogados. No *BackOffice* tinha pessoas negras, em funções administrativas... e aí ela começou a falar que quando ela me selecionou, primeiro só vendo a minha redação e tudo que ela falou da entrevista, tava tudo ótimo... e aí depois, no meu primeiro dia, os advogados foram perguntar pra ela porque mesmo que eu havia sido escolhido... e sempre tinha algum incômodo deles com relação a isso mas que ela nunca deixou passar, porque ela era muito ativa dentro do escritório e etc. Saindo de lá eu fiz o processo de *trainee* pro meu último emprego. Eu fui aprovado com muita rapidez também, o que eu achei muito legal... o processo pra mim durou um mês, só. Os processos de *trainees* nós sabemos que pode durar seis, sete meses, então, foi muito rápido. E aí dentro dessa última empresa que eu acho que foi a maior bolha pra mim. Porque primeiro eu tive que fazer uma rotação por diversas áreas, até ir pra minha, que era de impostos internacionais. E a minha área era majoritariamente branca, obviamente. O andar onde eu trabalhava tinha 205 pessoas, 2 pessoas negras.

P – Você uma delas?

E2 – Eu sendo uma delas. E aí a minha área era formada basicamente por mulheres de classe média alta e o meu chefe, um homem branco também, de classe média alta. Só que sempre me deram voz, assim... de início eu era muito mais calado lá, porque também, eu tenho isso... eu entro, primeiro eu vou conhecer o lugar... eu não sei como eu desenvolvi isso mas eu busco primeiro sempre observar, pra ver o que eu posso falar, se eu devo falar, se vale a pena lutar ou se é melhor eu só sair. Então, lá, eu primeiro observei durante um tempo. Passei quase que seis meses praticamente sem falar, só buscando saber quem eram as pessoas e como elas pensavam, pra saber se ali eu poderia me posicionar. A partir do momento que eu vi que eram pessoas com a mentalidade... que se espera de qualquer pessoa do século XXI, eu comecei a poder realmente me posicionar mais e eu fui criando um respeito em torno de mim. Um, pela competência de trabalho e dois, pelos meus posicionamentos. Então, eu acho que isso acabou criando uma bolha, porque eu sei que em outras partes da empresa, pessoas sofriam homofobia... eu não posso nem dizer que pessoas sofriam racismo, porque não tinha outras pessoas negras sequer para poder me contar que sofriam racismo, então o racismo era antes, era no *step* antes, era na entrada, ali, dentro do processo, então... mas eu sei que outras áreas eram mais preconceituosas num contexto geral. Mas aí foi isso... dentro da minha área eu consegui criar essa bolha ali em torno de mim. E a área mudou, mudaram as pessoas, e todo mundo que entrava novo já entrava sabendo que eu era alguém que deveria ser respeitado etc., então... uma certa bolha. Mas dentro da própria empresa eu mesmo reclamava sobre essa questão de não ter outras pessoas negras, que isso deveria ser mudado. Por exemplo, existem comitês dentro de empresas, né? Tipo comitê LGBT, comitê de mulheres... não existia sequer um comitê de negros porque não tinha funcionários suficiente pra formar o comitê. Isso, pensando num nível Brasil, pra comitê. Agora, quando eu saí, que estavam começando a pensar a fazer uma seleção direcionada... eu lembro até de discussões com o RH, porque a empresa dava essa abertura pra gente... de eu falar, reclamar de não terem outras pessoas negras e o RH me responder: “ah, mas a gente não deixa de contratar ninguém por isso, talvez as pessoas negras que não se inscrevam pra cá.” Eu falei: “olha, procurando emprego nós estamos, alguma coisa tá acontecendo nesse meio do caminho.” E eu sei que a seleção passa por partes onde os vieses inconscientes podem acabar bloqueando isso. Eu vi uma vez os papéis de seleção... porque o que acontece é que em uma das etapas os gerentes vão lá pra verificar, e aí os gerentes escrevem coisas, do tipo: “ah, acho que não vai se encaixar.” Acho que não vai se encaixar é algo que é muito amplo e que muitas vezes o viés inconsciente pode estar bloqueando isso..., mas, enfim... tive conversas com o RH e hoje a empresa pensa em mudar e tentar fazer algo direcionado pra uma contratação de diversidade, e aumentar isso lá dentro. O meu ex-chefe é uma das pessoas que mais dá apoio em relação a isso, e eu acho muito bom, porque ele fala e ele defende pra outros sócios e pro RH, pra outras pessoas, que devem ser contratadas as pessoas de diversidade pra melhorar o ambiente, porque diversidade traz diversidade de ideias e de pensamentos e de formas de fazer, que melhoram a empresa como um todo. Acho que é isso... não lembro qual era a pergunta, mas espero ter respondido... (risos).

P – (risos). Foi ótimo. A segunda pergunta é se você já sofreu alguma discriminação por ser negro.

E2 – Dentro do mercado de trabalho?

P – Pode ser de forma geral, dentro ou fora...

E2 – De maneira geral, sim. Perseguições em loja, não ser atendido, ser mal atendido... eu lembro que a primeira vez que eu percebi, eu devia ter 14 anos... eu tava no shopping com a minha mãe e

aí eu fui comprar um perfume. Olha só que bobagem, né? Tipo, comprar um perfume... e eu gostava muito de um perfume x, que era relativamente caro, mas eu sou de uma família que tem... classe média brasileira, né? Classe média envergonhada brasileira, mas enfim... posso comprar o meu perfume sem problemas. E aí entrei na loja enquanto a minha mãe tava do lado de fora, tomando um café e aí ela falou: “ah, vai lá! Você tem o seu dinheiro, passa o cartão, faz o que você quiser e compra.” Não era pra ser uma questão. E aí entrei, e fui olhar e vi o que eu gostava, vi o preço, tava vendo uns outros, pra ver se eu iria querer mais alguma coisa, uma vendedora veio, se aproximou, perguntou o que eu queria, e eu falei, que estava vendo aquele perfume, e que tava pensando... e ela foi e tirou o perfume da prateleira e levou pra dentro do... tipo, o único, assim... um, se eu fosse fazer alguma coisa, ela tirar um dos perfumes não faria nem sentido, né? Mas ela foi e tirou o perfume e levou pra parte de dentro e me deixou falando sozinho. E eu fiquei muito... “ué? Eu falei que ia comprar e ela tirou daqui e levou...” e aí, realmente, eu não tinha ainda entendido o que poderia ter acontecido, eu saí e falei: “mãe, que estranho... eu tava lá, vendo o perfume, a vendedora veio, tirou o perfume de perto de mim e nunca mais apareceu...” Aí a minha mãe, tipo: “oi? Com você?” E aí ela entrou, tivemos um pequeno atrito dentro da loja, né? O famoso barraco. Compramos o perfume, com outra vendedora, fazendo todo aquele escândalo, etc... mas essa foi a primeira vez que eu percebi.

P – E quando a vendedora foi contestada, ela falou alguma coisa?

E2 - Não, ela disse que tava fazendo algo com o perfume... sabe quando a pessoa não consegue nem sequer concluir uma frase porque ela sabe que não tem como concluir? “Não, eu peguei o perfume porque...” E aí a minha mãe: “olha, eu não quero saber, nunca mais faça isso com o meu filho, ou com pessoa nenhuma.” E todo o escândalo e etc. Mas aí depois disso, aquelas coisas básicas de seguranças de loja, de mercados... e isso acaba desenvolvendo... o que acontece, eu não tinha medo, receio, né, de fazer as coisas, até que isso aconteceu. Depois eu fui ficando cada vez mais atento a toda e qualquer coisa. E aí já aconteceu de entrar em livrarias, né... numa grande livraria, que tem no Brasil, a S. (nome da livraria), e eu escutar o segurança falando... e eu todo arrumadinho, porque eu ando assim, eu ia assim pra faculdade, então eu todo bonitinho, de mochilinha, e aí o segurança: “elemento suspeito entrando de mochila, ficar atento”. E eu: “porra, suspeito? Eu vim todo bonitinho, eu tô de gravatinha!” Eu tava de gravatinha, eu era o maior *nerdzinho*... e eu: “caraca, que merda!” Enfim, isso vai criando coisas. E... porteiros e... ah, isso antes dessa primeira vez que eu contei tinha uma coisa que acontecia, mas isso era com a família toda, né... quando o meu pai se aposentou, nós nos mudamos pra um outro condomínio. Meu pai era militar da aeronáutica, então nós morávamos num condomínio de oficiais da aeronáutica, e com a aposentadoria dele, né, com a reserva, nós fomos pra um outro condomínio, não de oficiais e nós éramos... tinha duas famílias negras no prédio... era um prédio de 17 andares, uns 4 apartamentos por andar, com duas famílias negras, ali em Jacarepaguá. E aí a minha mãe conta... depois, né, eu fui aprendendo... na época eu não observava porque eu era muito novo, mas sempre havia conflitos... a portaria era 24h, tinha diversos porteiros diferentes, então, alguns, no início, não nos conheciam... então, era barragem sempre, era aquela coisa de não abrir o portão, não entender como que a gente tava entrando pela garagem, e coisas assim, mas... e comigo depois, também, mas depois de adulto já. Teve uma outra vez que eu também fiquei muito... eu acho que eu já tava mais calejado e quem ficou mais chateada foi a mãe da minha amiga, até mais do que eu. Estávamos indo pra uma festa de formatura e tinha sido aniversário dessa amiga, nós tínhamos combinado e enfim... comprei flores pra ela. E aí eu fui, vestido para uma formatura (ênfase), e com flores e aí eu falei: “ah, tô indo no apartamento da L. (nome da amiga).” E aí o porteiro: “tá

bom.” E aí ele ligou e falou: “olha, chegou a entrega.” E aí de lá de cima a mãe dela atendeu e falou: “não, não tô esperando entrega.” E aí o porteiro: “não tem ninguém te esperando não.” Aí eu: “claro que tem, a L. tá em casa, fala que eu cheguei.” E aí ele de lá: “olha, a entrega tá falando que é pra aí mesmo, são flores.” E aí nisso eu mandei mensagem pra L., falei: “você não tá em casa?” e aí ela: “tô, a minha mãe foi atender o interfone.” E aí nisso ela falou com a mãe e a mãe tipo: “oi?” E aí pegou e mandou abrir e começou todo um barraco no condomínio e etc., mas, assim... foi outro momento em que eu fiquei absolutamente... sabe? E isso dá uma coisa... a mãe dela ficou mais chateada ainda... ela ainda se sentiu culpada por dizer que não estava esperando nada, e eu, tipo: “não, o porteiro disse que era uma entrega, você realmente não estava esperando.” Mas isso vai travando... já... abordagem policial... já aconteceu, mas aconteceu uma única vez, porque também eu tenho uma coisa de... coisa que eu acho que todo homem negro sabe que é sair com seus documentos... saber onde andar, como andar, o que falar... e aí, na minha formatura do ensino médio, eu que tava organizando a festa, fui, aluguei salão, fui fazer decoração... então, eu tava correndo no dia, todo desesperado e tal... e aí a festa ia ser em Maria da Graça e na época eu morava em Bangu. E aí, eu peguei um táxi de lá pra ir pra Bangu de volta, porque eu tava com pressa, e queria ir, e ainda ia ser uma festa à fantasia, então eu tava tipo... e aí nisso tava eu e um primo meu. A polícia parou o táxi, falou que tava buscando elementos suspeitos, e que nós parecíamos e que não sei o quê... e eu tava com 17 anos... e aí o policial começou a me perguntar várias coisas e tal, e eu fui respondendo friamente... e aí eu lembro de um dos policiais perguntando pro motorista: “você tava levando eles pra onde?” e aí ele: “pra Bangu.” E aí o policial: “porra, uma corrida longa dessas, você acha que eles vão ter dinheiro pra pagar?” Aí eu de lá já fiquei: “cara, como assim você acha que eles vão ter dinheiro pra pagar?” E aí o motorista mesmo respondeu: “olha, eles pararam o meu carro e disseram o destino. Se eles vão ter dinheiro pra pagar eu vou ver no final, eu espero que sim, porque esse é o meu trabalho.” E aí eles ficaram perguntando, ficaram repetindo as mesmas perguntas, as mesmas coisas, olhando com desconfiança... perguntaram a rua onde eu morava, um deles falou que conhecia a rua, que ia verificar se eu era de lá mesmo, mas... enfim. Só isso. A abordagem terminou aí, eu voltei pro táxi um pouco chateado, abalado, mas... segui a vida. No mais... acho que as situações foram essas. E acho que no mercado de trabalho eu nunca soube... e é isso. Mas fora isso... e aí, novamente, o meu chefe tinha também tudo isso... eu usava *dreads* e tal... e meu chefe sempre me levava pras reuniões... eu acho que ele também fez um diferencial muito grande, sabe? Porque eu sempre estava do lado dele em reuniões... quando eu fiz *dread*, pra ele, foi a coisa mais legal do mundo... eu usava uns acessórios nos *dreads*, e ele: “nossa, vocês têm que ver, meu *sênior* usa joias” e não sei o quê... e ele fazia uma redoma também, de proteção, ao meu redor... eu acho que ele fez um diferencial muito grande, outros chefes, eu acho que não me levariam pra reuniões junto, não me levariam pra outros lugares. Hoje eu tô com o cabelo cortado porque eu vim pra cá. Eu sei que eu vou procurar emprego e que é melhor não ter os *dreads*. Então, já foi um passo antes... já foi uma preocupação anterior.

P – E foi uma coisa que você pensou lá no Brasil por achar que iria dificultar a sua busca?

E2 - Eu cortei quando cheguei aqui. Eu quis chegar aqui de *dreads*, mas, passei 3 dias, cortei. Sim, porque eu acho que iria dificultar, porque aparência importa muito e *dreadlocks* nunca foram aceitos no meio corporativo.

P – Certo. E você acha que as pessoas acreditam que existe racismo no Brasil?

E2 - (risos). Essa pergunta aí... depende das pessoas, mas eu acho que a maioria ainda vive naquele mito de democracia racial brasileira, que no Brasil todo mundo é mestiço, que no Brasil isso, que no Brasil aquilo, quando na realidade, não. Mas eu acredito que a maior parte dos brasileiros acha que não existe. Já me perguntaram se eu acho que está melhorando essa questão, se eu acho que as pessoas estão se conscientizando mais e etc. Eu de verdade, não sei, porque nós já tivemos outro movimento racial bem forte no Brasil na década de 70... eu sou muito ruim com datas, mas na época de Abdias do Nascimento, que foi um movimento muito forte e que de repente foi apagado, assim. E aí agora voltou e reacendeu e tal... tá a mesma coisa de novo mas eu não sei se tá melhor ou pior porque nós já tivemos isso e... não sei.

P – Entendi. E como é a sua relação com o trabalho? Se é importante... o que você pensa dessa relação? O que significa o trabalho pra você?

E2 - Eu gosto muito de trabalhar. (sorri). Eu gosto mesmo, alguns amigos até zoam que eu defendo empresa, não sei o quê... porque eu gosto de trabalhar, eu gostava do meu trabalho. Tinha semanas que eu trabalhava durante 80h porque eu gostava do que eu estava fazendo. E eu acho importante. Eu acho que eu estar trabalhando é importante também pra que outros jovens negros, pessoas mais novas que eu, vejam que é possível. Eu não cheguei a lugar ainda, mas eu já cheguei muito mais longe do que a maior parte dos meus. Então, eu acho muito importante isso de dar o meu melhor. Busco sempre me destacar, busco crescer. Quando eu entrei pra essa área, inclusive, um pouco depois entrou um rapaz da mesma idade que eu, pro mesmo cargo que eu... só que ele era branco, de classe média super alta, morava no Alto Leblon, que é a parte rica do bairro rico. E enfim, fez... não sei se foi PUC ou Ibmecc, mas fez... e aí já tinha feito alguma coisa no exterior, já veio, tipo, dentro daquele pacotinho: branco, hétero, classe média alta, tudo certinho, montado. E aí eu lembro que a primeira coisa que eu pensei foi: “putz, vai demorar a minha ascensão aqui, porque se eu for ficar disputando com ele... ele está passos a frente e ainda tem todo um privilégio ao redor.” Mas eu acabei usando isso como um combustível, e aí que eu me matei de trabalhar. Eu trabalhava muito mais do que ele... mas consegui ser promovido antes, consegui destaque, etc., mas às custas de muito suor. E eu achei importante pra mim, foi uma vitória. Ter sido promovido antes foi tipo: “cara, mesmo com as limitações, eu consegui. Eu cheguei.” E eu acho que é isso.

P – E por que você fala que ele estava passos à frente?

E2 - Ah, porque ele já tinha feito uma pós e ele já tinha morado no exterior. E eu tava ainda graduando. Então, ele já estava graduado, com a pós e experiência de exterior. Então, era mais isso... e todo o privilégio ao redor de ser uma pessoa rica e etc., mas, novamente, a bolha da minha área acabava limando isso e no final o meu chefe observava única e exclusivamente a entrega que a gente fazia, e com isso eu conseguia me garantir, eu conseguia ficar a par e superar depois, mas não sei se em outra área teria sido igual, porque eu sei que em outras áreas, e aí não pra negros, mas pra LGBTQs, por exemplo, pessoas medíocres subiam antes que profissionais LGBTQs e do que mulheres. Mas pra negro, novamente, não tinha nem com quem comparar, então não tinha como saber.

P – Certo. E com que idade você começou a trabalhar?

E2 - Trabalho ou estágio?

P – Pode ser estágio... a sua primeira experiência profissional de todas.

E2 - O voluntário foi com 23.

P – E a sua família precisava da sua ajuda pra manter a casa?

E2 - Não. Nessa época eu já morava sozinho, né... sustentado pela minha mãe numa república né, mas sozinho.

P – Na Glória?

E2 - Não, eu tava morando em Copacabana, numa república, e aí depois que eu consegui o meu emprego que eu aluguei o meu apartamento na Glória e passei a me bancar.

P – E a sua família continua morando em Jacarepaguá?

E2 - Não, a minha mãe mora em Bangu agora. Depois que o meu pai faleceu, saímos de lá, minha mãe resolveu morar mais perto da família dela, pra ficar mais próxima, ter apoio e etc., e aí a família da minha mãe é de Bangu.

P – Certo. E como você acha que é, em média, a educação pra um jovem negro no Brasil?

E2 - Você diz até onde ele chega ou a qualidade da educação que é oferecida a ele?

P – Acho que você pode englobar as duas coisas.

E2 - Então... muito baixa e muito precária. Somos, na grande maioria, empurrados para a periferia, somos periféricos. Na periferia há menor qualidade de ensino. Eu tava lendo uma reportagem hoje sobre o Jacarezinho que tem o sexto pior índice de desenvolvimento do Rio de Janeiro e é onde há mais confronto. O que o Estado investe colocando policiais lá dentro, se investisse em outras coisas, talvez não estivesse com índices tão ruins, talvez não tivesse tanta violência, etc. Mas eu acho que é isso, a grande maioria de nós é empurrada para as margens, e aí, já nascendo nessa realidade, o estudo torna-se algo secundário, pois eles têm que ajudar no sustento da casa, acabam virando o provedor, e com isso, não dá tempo de estudar... e isso quando conseguem viver também, né? Porque o homem negro não vive muito, o homem negro morre na mão da polícia. Então, quando conseguem viver mais, não podem estudar, porque estão tendo que sustentar a casa, porque ou o pai morreu, ou o pai é ausente... o pai ser ausente também é uma influência do racismo, é um efeito do racismo, é o efeito da mão do Estado em cima da família negra, então... tem toda essa carga e toda essa destruição que vem antes do jovem negro poder pensar em estudar. Eu tô dentro dessa bolha do privilégio, e isso, de certa forma até afetou a minha percepção de racismo, como eu falei... porque durante muito tempo, eu de certa forma acreditei em meritocracia. Não na meritocracia absoluta, eu sabia que havia impeditivos, sendo um profissional negro, mas eu achava que dava pra contornar, porque o meu pai, e a família do meu pai... até o meu pai falecer... na verdade até hoje... a família do meu pai é a família principal. Apesar de termos ido morar com a família da minha mãe, ainda assim, o núcleo onde eu me mantinha, era a família do meu pai. E foi uma família que deu muito certo. Meu avô nasceu na década de 1910, e aí, ele deu muita sorte, porque ele também estudou, mas aquela coisa básica, eu acho que ele fez até... sei lá, o primeiro grau completo, até a oitava série, não sei como chamava na época. Mas sabia ler, sabia escrever, sabia tudo que naquela época já era algo além. E aí ele foi, ele lutou na guerra, na Segunda Guerra Mundial, voltou da Segunda Guerra Mundial, casou e começou a construir família. Ele deu sorte, é só o que eu posso dizer, porque ele acabou virando o motorista do Ministro do Exército e aí a nossa família se deu origem morando em Copacabana, morando numa vila militar em Copacabana, tipo, fora de periferia, fora de tudo isso. E a minha avó tinha um pensamento muito à esquerda, apesar de o meu avô ser militar e trabalhar pro Ministro do Exército, a minha avó tinha um

pensamento de esquerda... enfim, e sempre teve isso de que os filhos deveriam estudar. Então, eles tiveram 6 filhos e os 6 filhos fizeram universidade federal. Meu pai aos 16 anos começou a trabalhar, foi pra aeronáutica, aos 18 era sargento, então ele teve isso... e logo após ele fez Direito, então a família teve uma base muito forte. E aí, acaba gerando distorções, porque eu acreditava que, bom, se a minha família na década de 50, meu pai nasceu em 1950, ele conseguiu fazer faculdade, por que hoje não daria? Eu tinha muito esse pensamento, então, por uma parte, isso me influenciou a fazer faculdade, isso nunca foi uma questão, vou fazer uma pós-graduação, devo fazer algum mestrado, porque é só um caminho natural, então, eu nunca precisei idealizar fazer uma faculdade, eu nunca precisei achar que aquilo era um sonho, pra mim era só um caminho: depois do primeiro grau vem o segundo, depois do segundo grau, vem o terceiro grau, e depois o que eu quiser fazer a mais. Por outro lado, por muito tempo, eu acreditei que era só isso que era necessário, até começar a enxergar... eu não lembro exatamente quando foi o meu *click*, o que foi o meu *click*, mas chegou o momento que eu tive o *click* e eu vi que não, que a minha família era uma das poucas. Eu acho que foi no momento que eu comecei a olhar ao redor, e eu vi que nas salas de aula, era sempre eu e mais um, eu e mais dois... em geral era eu e uma menina negra, parece que era isso... (risos). Colocavam um menino e uma menina pra representar a diversidade da sala (risos). E aí foi isso... depois eu percebi. Mas isso acabou que tomou um tempo até eu ter esse *click*, até então eu era um pouco alienado, talvez, com relação a questões de raça.

P – E como foi o seu caminho pra chegar até a universidade? Você disse que foi uma coisa natural...

E2 - O único drama que eu tive foi que eu não queria qualquer universidade... bom, primeiro eu tive a dúvida entre fazer Economia e Direito, resolvi fazer Direito. Eu tinha perdido o meu pai há pouco tempo, tinha 3 anos que eu tinha perdido o meu pai, e o meu pai tinha feito Direito, então tinha toda aquela emoção em torno disso, escolhi o Direito, que foi uma escolha boa também, não digo que não foi acertada, porque apesar de eu estar fazendo Economia hoje, o Direito foi muito bom pra mim. Mas, como o meu pai tinha feito Uerj, eu botei na cabeça que era Uerj, tipo: “ah, vai fazer prova da UFRJ?” Não. “Ah, vai fazer...?” Não, vou fazer Uerj. E isso me causou um estresse muito grande. Foi uma questão totalmente desligada da questão de raça, mas foi uma questão mesmo... interna. Sei lá, quase que de saúde mental. Eu comecei a idealizar tanto que eu tinha que fazer Uerj, que eu lembro que pra fazer a segunda fase, eu prestei duas vezes só... e numa das vezes, eu sentei, peguei a prova, e eu não conseguia nem abrir a prova. Eu fiquei olhando pra prova e comecei a tremer... e eu não consegui, eu realmente não consegui. E aí eu achei a Cândido Mendes, comecei a pesquisar, vi que tinha muita história ali, que era uma das faculdades de Direito mais antigas do Brasil, vi que foi o próprio Cândido Mendes que revolucionou o modo como o Direito era ensinado no Brasil... e eu pensei: “ah, tô indo pra uma faculdade legal, não tô indo pra onde o meu pai fez, mas tem muita história aqui dentro.” E aí eu fui pra Cândido Mendes.

P – O que você acha do sistema de cotas? E o que isso representou na vida de jovens negros?

E2 - Nossa, isso, uma vez... e aí, novamente, da bolha que acabou se formando... eu lembro de uma vez que eu tava na casa do meu padrinho, que também é irmão do meu pai... e eu não lembro muito bem como chegamos nessa discussão, mas estávamos falando sobre cotas e eu comecei a falar: “não, porque não precisa, que não sei o quê, porque olha a nossa família, porque todo mundo fez, e ninguém nunca teve cota, o que vocês tão pensando? que não sei o quê...” Inclusive eu não usei cotas na Uerj, porque eu achava que não precisava. Enfim, e toda uma discussão e o meu tio virou e falou: “meu sobrinho, eu não sabia que você tinha esse pensamento. Senta que eu vou te explicar.” E aí ele me deu toda uma aula do porquê da necessidade e etc., e aí começou a mudar

toda a minha cabeça, e a minha cabeça foi sendo construída. Porque é muito difícil, a gente não aprende sobre racismo na escola, não se aprende as consequências disso... muitas vezes acha-se que racismo é apenas olhar pra alguém e xingar, é falar: “ah, não gosto de você porque você é negro.” E não todos os vieses inconscientes que trazem junto disso, ou todas as limitações que são impostas pela sociedade junto a isso, ou todo o não ter pelos quais os meus antepassados passaram, e que trazem tudo o que está agora. Então, aprendi com meu tio e sim, hoje eu sou absolutamente a favor. Acho que tem que ter. Eu tô lendo um livro sobre isso, sobre a eficiência da política de cotas em diversos países do mundo. Comecei a ler há pouco tempo, então eu ainda não sei a conclusão, se foi eficiente em algum lugar... mas eu acho que ela é necessária. Sim, tem que melhorar o ensino na base, também, obviamente, mas as cotas no ensino superior são extremamente necessárias, e acho que deveria ter mais. Acho que já tem agora pra concursos públicos, né? E acho que, agora, de certa forma, você tem cotas dentro de empresas, né, entre aspas, porque agora a diversidade é mais cobrada, então tenta-se, mas dentro do mercado de trabalho deve ser algo que deve ser vigiado, também, pra não haver criação de totens, né? Que é aquele... pega, contrata uma pessoa negra, que é a que vai aparecer sempre, e aí vão achar que aquela empresa é diversa. Tem uma amiga minha que trabalha na B. (nome de empresa brasileira). E pelo que você vê na propaganda, a empresa é super diversidade, é super legal e não sei o quê... e a minha aminha é uma mulher negra, passou pro processo de *trainee* lá e foi morar no sul do país... e ela não conseguiu. Depois de 1 ano ela precisou sair porque ela sofreu tanto, foi tanta coisa, tanto racismo em cima dela, que ela saiu. Ela ganhava um ótimo salário, era um ótimo emprego, com ótimas oportunidades, mas não deu. Então eu acho que tem que ser vigiado também, pra não ter a criação de totens, e nem pra acontecer algo que depois vai ser prejudicial pra saúde do profissional que tá ali naquela empresa. Tem de haver treinamento, uma porção de coisas. E pra não haver também manipulação de números, como acontece com profissionais de PcD (Pessoas com Deficiência), por exemplo. Existem leis pra cotas de profissionais de PcD, tem que haver um determinado número. Só que, eu sei de empresas, por exemplo, que tem um monte de PcD, mas só no *BackOffice*. Tem um monte de PcD que leva envelope de um lado pro outro, não faz o trabalho... o *core business* da empresa não é feito por nenhum PcD. Então, tá tendo realmente essa inclusão? Ou as pessoas só querem o número? Porque no final é: “ah, 20% dos nossos profissionais são PcD.” Tá... mas eles estão realmente fazendo o que a empresa faz? Os seus consumidores estão vendo isso? Estão podendo reconhecer o seu trabalho ou são só números? Mas, enfim... é necessário e deve ser expandido.

P – E o que você acha que isso representou na vida dos jovens negros?

E2 - Cara, essa pergunta... essa parte é a mais difícil, porque... eu já li, mas muito brevemente, então eu não posso falar com certeza, mas nós... um dos vieses inconscientes que pessoas negras acabam sofrendo é de não adequação, ou achar que não se encaixa em exatas, né? Em disciplinas de matérias exatas: em física, em matemática, essas coisas. Então o que acontece é que... e é um tema que eu quero estudar mais pra poder falar com propriedade... mas, enfim, o que acontece é que a maior parte dos cotistas não está indo... as cotas não estão sendo preenchidas em todos os cursos. Estão indo todos para os cursos das áreas de humanas. Que é super necessário, eu sou de humanas, então... humanas é necessário, mas eu gostaria que isso fosse ampliado, porque, por exemplo, CEOs de empresa dificilmente são formados em áreas de humanas, eles são engenheiros. E se os vieses inconscientes nos fazem não escolher engenharia por acharmos que matemática é algo muito afastado, muito difícil pra gente, algo tem que ser feito. Porra, matemática é egípcia, matemática é da gente! É nossa! Mas vieses nos fazem crer que nós não somos bons nisso. Então,

por acharmos que não somos bons nisso, não procuramos. Então, as cotas estão funcionando em parte. Tá tendo mais acesso ao ensino superior, mas estão todos indo por um mesmo caminho. E aí, passa por uma reforma lá embaixo, né? do ensino. E aí a forma como seria feito eu realmente não tenho ideia, mas eu acho que Paulo Freire falava de tipos de inteligência... talvez uma reforma de ensino tão profunda, a ponto de verificar o tipo de inteligência de cada uma das crianças e tentar direcionar pra estudos sobre isso... mas, enfim, aqui eu já tô divagando muito... eu acho que as cotas estão sendo eficientes, mas eu gostaria de ver mais pessoas negras em cursos de exatas, ou de biológicas também. Eu quero mais médicos negros, eu quero... mas, é isso, tá sendo eficiente, mas eu gostaria de ver a gente indo mais para as exatas pra que a gente possa ocupar cargos em empresas e ter mais CEOs. Eu não quero que tenha só a Rachel Maia (mulher negra, CEO da Lacoste no Brasil), eu quero que tenha milhares, eu quero que seja normal. Eu não quero que seja, tipo: “olha, vejam a CEO da Pandora! É uma mulher negra! Olha, que legal! Bota na capa de uma revista!” Não, eu quero que seja tipo: “ah, tá. Uma CEO negra, outra CEO negra, uma CEO branca, uma CEO asiática...” e foi, e ficou diverso, e ficou natural, e não é um problema. Esse é o meu sonho utópico.

P – Entendi. Você já precisou conciliar trabalho e estudo?

E2 - Precisar, não. Mas sim, conciliei. Mas, novamente... como eu falei, eu comecei a fazer estágio, o estágio era necessário dentro da faculdade de Direito... você até pode concluir o curso sem fazer estágio, mas dentro do mercado de trabalho de Direito, e aí, independente de raça ou gênero, se você não faz um estágio, dificilmente você consegue entrar pra um escritório depois disso. Não que seja descolado a vida forense, a vida dentro de um escritório, de tribunais, com o que você aprende dentro da faculdade. Dá pra você ser um bom advogado se você não fizer estágio, mas o que é acontece é que muita coisa acaba te pegando de surpresa. Por exemplo, por ter feito estágio, eu fiz a minha prova da OAB, eu tava no sétimo período, fiz a primeira fase, depois no oitavo, eu fiz a segunda fase e passei, tendo feito a prova uma única vez. E só com as coisas que eu já tinha assimilado por conta do estágio. Uma outra amiga, que não fazia estágio, mas que era a aluna mais aplicada, mais CDF, não passou. Ela precisou fazer, e depois fez mais uma vez, e só na terceira vez ela foi. Porque a gente vai aprendendo tanta coisa no estágio, que facilita, sabe? Então... eu decidi fazer o estágio e depois do estágio eu fiz essa prova pra trainee e passei pro trainee. Primeiro, o estágio era necessário porque eu já tinha esse pensamento de ter uma carreira posterior. E depois, quando eu passei pro trainee, era uma oportunidade que eu falei: “ok, vai ser um trabalho, 8h, vai ser uma rotina mais puxada...” mudei pro horário da noite, porque eu fazia faculdade de manhã... mas foi pensando em carreira, não por necessidade financeira. Então... precisei? Não. Mas fiz. E eu acho que isso muda muito a percepção. Porque quando você precisa, você vai pra qualquer emprego e aceita mais coisas. Eu fui pra essa empresa porque eu queria aquilo e mais, a área que eu fiquei no final que foi a de Impostos Internacionais, quando eu fui pra lá, sequer havia trainee, o histórico da área era o de não contratar trainee. E eu só fiquei na empresa porque eu consegui ser contratado como trainee para aquela área. Se não fosse pra Impostos Internacionais, eu teria saído. Então eu acho que eu não precisar, me dá essa diferença.

P – O que você pensa da importância de possuir *networking*?

E2 - Isso é uma das coisas mais importantes, muitas das vagas não ficam abertas para o público em geral. Na minha área mesmo, diversas pessoas foram contratadas porque foram indicação de alguém... não é necessariamente algo ruim. Porque existem duas formas de indicação. A indicação de “ah, é filha do fulano” e a indicação de “conheço, porque já trabalhei junto”. Na minha área,

novamente uma bolha, tá? Mas na minha área, todas as pessoas que entraram foi porque alguém já trabalhou junto e atesta a qualidade daquele trabalho. Conheço pessoas da empresa que estavam lá porque eram sobrinhas de um sócio, porque conheciam alguém, porque eram filhas do diretor de uma empresa que contratava a gente... acontece, sim. Isso é o *networking* ruim. Mas o *networking* bom é você conhecer outros profissionais que atestem a sua qualidade, isso é muito bom. Pro mestrado, uma das coisas que eu trouxe foi isso: cartas de recomendação de pessoas que trabalharam comigo e que atestavam a minha qualidade. Então, é bom. *Networking* é bom, é necessário... profissionais negros tem pouquíssimo. E aí, passa por uma série de coisas. Na minha área, abriu vaga pra assessor, eu tava precisando de um assessor, era alguém pra trabalhar pra mim. E eu poderia indicar quem eu quisesse. E eu parei pra pensar, e eu não consegui pensar em nenhum profissional negro. Porque na minha sala de aula, éramos dois. Olha, dificilmente eu consigo dizer que eu era sozinho, mas também nunca digo que eu era um grupo. Tipo... éramos dois. E a segunda pessoa era um rapaz que era um pouco mais velho, que tava lá numa luta um pouco maior pra pagar a mensalidade, e ele já tinha o próprio emprego... e só. E eu não conhecia mais ninguém. E aí, dentro da minha área, tem um recorte maior, porque você precisa ter fluência em inglês, e é pra trabalhar com tributário... dentro dos recortes que iam acontecendo, eu não conhecia nenhum profissional negro pra poder indicar. E por que acontece isso? Vem, novamente, lá de trás, porque os homens negros, as pessoas negras, homens e mulheres... as mulheres chegam um pouco mais porque as mulheres... e aí é foda falar isso porque mulher sofre pra caralho, mas quem morre na mão da polícia é o homem. Então... pelo amor de Deus, eu não tô dizendo que não tem sofrimento, tá? Mas o homem negro morre antes de chegar na faculdade. A mulher chega e é massacrada pelo sistema. Então, os dois sofrem muito. Mas o homem negro não chega. Enfim... pessoas negras dificilmente chegam até a faculdade... e aí, tem que chegar até a faculdade, tem que ter o interesse pelo tributário, e o tributário é a parte matemática do Direito... e aí, como eu falei anteriormente, tem o viés inconsciente que nos afasta de coisas que tenham contas porque, não sei... alguém inventou. Igual quando inventaram que pessoas negras não sabiam nadar, e isso criou um trauma muito grande nos Estados Unidos. Essa coisa de que pessoas negras não sabem ou não podem nadar, ou não nadam bem... e muitas pessoas negras lá não sabem nadar porque criaram essa limitação. E lá, inclusive, era proibido. Negros não podiam entrar para a Marinha, porque negros não nadavam. Mas, enfim... e aí, tem esse viés inconsciente e etc. E aí, falarem inglês... porra, aí... você quer que o jovem negro tenha estudado, tenha chegado até a faculdade e que a família ainda tenha pago o curso de inglês? E aí, vão criando coisas que vão afastando, então, o *networking* é mais difícil para a pessoa negra porque nós não estamos no mercado de trabalho. Então, nós não nos conhecemos. Então, é mais complicado. O *networking* é algo essencial, mas que não abarca profissionais negros, e aí, acaba não tendo muita efetividade pra gente. Hoje eu tento mais... eu comecei a buscar mais pessoas negras no LinkedIn, por exemplo, eu vejo uma pessoa negra, eu já vou adicionando, eu vou vendo a rede, pra tentar montar uma coisa... por exemplo, se eu souber de uma vaga, falar primeiro com eles. E aí eu tento, eu tenho já alguns grupos de pessoas negras, onde eu falo: “olha, fiquei sabendo disso”. E vejo eles falando também... tento mandar pra algum amigo meu. Eu acho muito válido. Só assim... Quer dizer, só assim, não. Mas assim é uma das formas de nos introduzir no mercado. Se não, é muito mais difícil. O caminho é muito mais árduo.

P – Você acha que há divisão racial do trabalho? Há trabalhos de brancos e trabalhos de negros?
E2 - Nossa... (hesitação). Declaradamente? O que a sociedade vê como trabalho de pessoas negras, são os trabalhos de base, mais braçais, trabalhos de limpeza... e uma coisa que eu li também é que pessoas negras estão nos trabalhos de base, estão na limpeza, mas, por exemplo, num restaurante

chique, mais caro, as pessoas negras estão lá, mas só dentro dos banheiros limpando, ou dentro da cozinha. Mas nem pra atender no salão são colocadas. No salão, quem vai atender, quem vai interagir com o cliente, já é uma pessoa branca. Então, acaba havendo sim uma divisão. E aí, as mulheres negras, no Brasil, são jogadas pra serem empregadas domésticas, faxineiras e arrumadeiras e tudo isso que remonta à escravidão. O homem negro também... eu vejo muito menos no mercado de trabalho, porque a gente tá aí, apagado e sendo apagado..., mas o homem negro está também nas profissões de base. E, novamente, quando analisamos os cargos superiores, não chegamos até lá, então, sequer dá pra ter essa divisão, porque não estamos presentes. E aí podemos ligar com o que eu disse anteriormente, dos vieses, que não vamos para as profissões de exatas... Eu vejo muito o mercado de trabalho corporativo, tá? Porque é de onde eu venho, então, eu sempre vou ter o pensamento pra esse lado quando falar de mercado. Então, não fazemos exatas e não chegamos aos cargos de gerência, alta gerência ou diretoria. Como não buscamos essas profissões... não é que não buscamos, mas como somos influenciados a não buscar essas profissões, não chegamos até lá. Então, sequer dá pra dizer que haja um recorte lá em cima, porque não tem como recortar o que não existe. Acho que é isso... então, sim, há uma divisão feita. Somos empurrados pra trabalhos de base devido ao racismo, e na parte de cima não dá pra saber se haveria ou não uma divisão porque sequer chegamos até lá. Então, sim... também é uma outra divisão, né? Porque se nós não chegamos até lá, se os poucos que existem não são promovidos é porque já há um corte ali.

P – Qual era a proporção de pessoas negras nas gerências dos lugares onde você trabalhou? Você me contou que tinha aquela advogada...

E2 - É... defensoria pública não conta, porque não era cargo de gestão, mas os dois defensores eram brancos. Não vi nenhum defensor público negro. O primeiro escritório que eu fui só tinha advogados brancos. No segundo tinha essa advogada negra, só que ela era advogada contratada. E aí, isso é até engraçado, esse caso dela específico... porque esse escritório, era um escritório *boutique*, era um escritório com muito dinheiro e poucos funcionários. Tinha 8 advogados, eu acho, e eles eram sócios também, todos eles tinham background. Um, por exemplo, virou sócio porque levou a rede de hotéis da família, o outro era sobrinho de não sei quem, o outro era herdeiro de uma construtora... era gente assim, nesse nível que às vezes eu ficava até: “caraca! Eu não sabia que eu podia conhecer essa gente rica desse jeito.” Enfim, só gente muito rica e com muito *background* financeiro. Então, pra ser sócio lá, pra ser advogado lá, você tinha que ser filho de alguém, se não, não rolava. Só que, aí, veio essa advogada, a A. (nome da advogada), que é um dos amores da minha vida, por tudo que ela representa. Ela é da baixada fluminense, ela fez Direito na Unirio, ela passou com média 10, o C.R. (Coeficiente de Rendimento) dela era 10, eu nunca vi uma pessoa com o C.R. 10... ela era a pessoa que comia todas as matérias, era isso... a OAB dela parece também que foi ou 9.9 ou 10, uma parada assim... ela era a pessoa bizarra. E aí ela foi fazer esse estágio. Na época que ela era estagiária, ela conta que tinha mais uma menina negra. Só que ela... além de tudo, ela sabia o quanto ela era boa. Porque ela era um pouquinho mais velha, ela já tinha feito uma outra faculdade, ela fez Enfermagem, conseguiu um emprego federal, como enfermeira, então ela já ganhava bem. É o que eu falei, que às vezes, quando você não precisa, fica mais fácil. Então, ela já ganhava bem como enfermeira, e aí, ela resolveu fazer Direito, que era uma vontade dela. A paixão dela era o direito. Então, ela foi pra esse escritório. E ela conseguia conciliar, porque como era Enfermagem, ela conseguia conciliar plantões no horário X, enfim... conciliou tudo. Então, ela tinha o dinheiro dela, ela não precisava daquele estágio. Ela estava no estágio pra aprender. Então, ela era mais abusada. Abusada entre aspas, né? Ela respondia à altura

quando era questionada. Ela me contou de um caso que ela sofreu... ela usava o cabelo alisado. A outra estagiária, não. A outra estagiária usava creme no cabelo, etc., aquela coisa, porque a mulher negra sofre uma pressão que hoje ela está conseguindo sair disso, mas naquela época, ou usava aquele cabelo alisado, ou o cabelo cheio de creme pra controlar o volume. E uma advogada chamou a A. até a sala dela e falou: “olha, você não pode dar um toque pra ela, sobre como cuidar do cabelo?” E a A. disse que respondeu: “Por que? Você viu algum problema no cabelo dela? Se você quiser, você a chama até aqui e fala você que você acha que ela deve alisar o cabelo e você destila o seu racismo em cima dela. Um, não entendo porque você acha que nós somos amigas, você acha que as únicas duas pessoas negras que tem aqui dentro tem que ser amigas imediatamente? E dois, não entendo a intimidade que você acha que tem comigo pra achar que eu vou levar o seu racismo até ela.” A A. era essa pessoa. Só que ela era muito boa. E assim, muito, muito boa mesmo. Então, quando ela se formou e seria a época de sair, porque eles não iriam contratar, ela não ia virar sócia, porque ela não ia ter dinheiro pra fazer um aporte de capital pra virar sócia. Só se ela vendesse todos os bens, de todas as gerações dela... (risos). Só que tinha um segundo diferencial nesse escritório, que era a doutora L. (nome da advogada), que era uma advogada lá, uma senhorinha de quase 80 anos, que foi a primeira mulher chefe de um escritório de Direito Tributário no Brasil. Então, era uma mulher no comando daquele escritório, era uma mulher de quase 80 anos. Isso eu acho que trazia uma coisa positiva pro escritório, apesar de todo o racismo branco envolvido. Só que a doutora L. sabia da importância da A., que ela era importante pros casos mesmo... não foi porque ela era muito boazinha, não foi porque ela gostava da A., ou porque ela queria diversidade. Foi porque a A. escrevia muito bem e a A. vencia, e a A. trazia dinheiro que ia pro bolso da doutora L., não era pro bolso da A. Então, a doutora L. bateu o pé e falou: “olha, sócia ela obviamente não vai ser, mas nós vamos contratar essa menina.” E aí foi criado o cargo de advogado contratado pra ela. Não existia no escritório até ela... Nossa, isso tudo é pra responder da gerência, né? Mas, enfim... no segundo escritório tinha a A., mas ela era advogada contratada, não era cargo de gerência. Apesar de ela ser advogada igual a todos os outros, ela não era sócia, ela recebia salário. E aí, na empresa... tem uma questão. Na minha área não tinha nenhum gerente negro. Dentro da empresa toda, eu falei que éramos 2 pessoas negras, né? Mas talvez fôssemos 3. Porque tem um gerente *sênior* lá, que é um cargo de gerência até mais alto, quase sócio, que eu (ênfase) o leio como negro. Mas eu não sei se ele se identifica como negro e como a maior parte da sociedade o lê... é questão de colorismo, ele tem a pele clara e etc., e tem um comportamento que nunca deu pra saber se ele se identificava como negro. Ele nunca foi junto da causa, nunca falou nada, então, eu nunca soube. Já até vieram me perguntar. O que é também uma coisa que às vezes as pessoas brancas acham que eu sou o *dedômetro*: “mas, F., vem cá, o fulano é negro?” Eu fico: “cara, vai perguntar pra ele!” Mas, enfim... ele eu não sei se ele se considerava. E ele era um cara que... talvez fosse até um cuidado dele, porque ele também é gay. E ele nunca se posicionou como nenhuma das duas formas. Pode: um, ele não querer ser usado como totem, porque, senão, a empresa poderia pegar e jogar ele como: “olha, temos alguém aqui que é quase sócio, e olha aqui, negro e gay.” Mas talvez, seja também por ele não querer se posicionar, então, eu realmente não sei. Mas dentro do universo da empresa, no meu andar, 205 pessoas, duas pessoas negras que sabiam que eram negras, e uma que eu não sei, e esse que eu não sei, tava numa gerência.

P – Você acha que há discriminação racial na contratação e na promoção de candidatos?

E2 - Sim. E pode ser ou por vieses inconscientes ou pelo racismo mesmo. Tem até aquele vídeo muito famoso, né? Perguntando pra pessoas de RH, mostrando uma pessoa branca e uma pessoa

negra na mesma situação e como cada um enxerga aquilo... Na minha empresa, como eu falei, tinha pouquíssimos... não sei o motivo, não sei por que não eram contratados, mas não eram contratados. E... eu subi muito rápido, a minha carreira foi acelerada, estaria sendo acelerada ainda, mas... dentro da minha bolha. E isso é uma certeza que eu tenho, que os meus pares têm, que todo mundo da minha área tem, e todo mundo do meu andar tem. Todo mundo sabe que o meu chefe era um chefe que não tinha nenhum tipo de preconceito... aliás, minto. Não é que ele não tinha nenhum tipo de preconceito, é que ele olhava o trabalho acima de tudo e ele tentava se despir de preconceitos. Porque tivemos alguns embates... já tive embates com ele, e ele passou também a vigiar o que as outras pessoas falavam, e ele falava pra mim também: “olha, F., se você verificar que alguém tá tendo qualquer tipo de discriminação, você fala comigo.” Então, ele tentava. E ele disse que ele aprendeu isso por experiência própria. Ele conta que foi trabalhar numa empresa nos Estados Unidos, e que quando chegou lá, eles estavam buscando uma pessoa com as competências específicas X, Y e Z, e que o escritório já estava buscando há um ano e meio e não achava ninguém. E aí, acharam uma mulher, que estava grávida, estava no sexto ou sétimo mês de gestação, e contrataram. E aí ele conta, que ele imediatamente perguntou: “gente, por que vocês contrataram essa mulher? Ela vai entrar, e depois já vai sair, e vai ser o maior gasto pra empresa esse tempo todo... vocês são loucos? Vocês são burros?” E que a resposta que ele recebeu foi tipo: “gasto nada, é um investimento. Nós estamos buscando alguém com esse perfil há um ano e meio. Ela preenche o perfil, ela tem a competência absoluta, então, ela vai ser contratada, vai ficar de licença sim, o tempo que ela quiser, se ela precisar de mais um tempo, a gente dá mais um tempo. E ela vai voltar e vai preencher a vaga, e ela é o que a gente precisa.” E aí ele falou que isso foi... não sei, às vezes tem pequenos tapas na cara que a gente leva e que mudam muito a nossa percepção. E ele diz que isso mudou muito a percepção dele. Que isso foi tipo: “ok, então a competência vem antes de qualquer outra coisa. Se a pessoa entrega, tá bom.” E quando eu fui contratado por ele, eu lembro que a única coisa que ele falou foi que eu não tinha exame de proficiência de língua estrangeira. E aí ele falou: “olha, eu não sei como é o seu inglês, não tá aqui dito qual é o seu inglês. Mas eu já vi a sua competência, pelo que eu vi do seu inglês, é bom. Eu só peço isso, que você se aprimore e me entregue sempre o melhor. Se você me entregar sempre o melhor, pra mim não tem problema nenhum.” E eu sempre demonstrei a proficiência que era necessária e etc., então, enfim, com ele tinha esse diferencial. Mas com ele. E aí, enfim..., mas os números mostram, né? Não é crível dizer que numa empresa com 200 funcionários... isso num dos andares, tá? Porque eram 4 andares, com mais de 200 funcionários cada um... mas num andar com 205 funcionários, só ter 2 ou 3 pessoas negras... só 2 ou 3 se interessaram pra uma vaga? Não é crível. Em algum ponto isso tá sendo cortado. E aí, pra subida... eu subi, o outro rapaz negro, ele subiu no mesmo ano que eu. Entretanto, ele subiu com uma disparidade salarial tão alta que ele pediu demissão. Pra você ter uma ideia, eu estava ganhando o dobro dele quando eu fui promovido.

P – E por que você acha que isso aconteceu?

E2 - Cara... é muito difícil, porque as políticas salariais são um pouco obscuras, o que eu acho muito errado. Eu sempre falei pra todo mundo dentro da empresa o meu salário e quanto que foi de promoção... “ah, eu tive 40,37% de aumento. Foi 40,37%, não foi 36, nem 38!” Porque eu acho importante, se todo mundo comunicasse o seu salário... que é o que acontece muito, por exemplo, as mulheres ganham muito menos. Se você for obrigado a abrir o seu salário, vai ser possível comparar. Porque se você faz as mesmas coisas que aquela pessoa e você ganha menos, então, tá tendo um problema. Enfim... mas aí, quando ele foi promovido, ele era de uma outra área, o que também pode variar o salário, embora todo mundo ganhe mais ou menos a mesma média. E aí ele

foi promovido com um salário muito, muito mais baixo, e ele já era pra ter sido promovido no ano anterior, mas aí foi promovido no mesmo ano que eu, com o salário baixo, e aí ele acabou pedindo demissão. Então, eu falo até que a diversidade acabou, porque ele saiu, depois eu saí, e ele era gay também... então... gays eu acho que éramos 4, negros 2 ou 3, a depender. Então, nós acabamos com a diversidade quando nós saímos da empresa. Agora os indicadores zeraram... (risos). Mas não sei o que levou a isso... já ouvi pessoas reclamando do inglês dele... mas não sei julgar. Não sei dizer... é uma área complicada. Eu consigo muito mais ver outros indicadores lá do que o de raça. Mulheres, por exemplo, são maioria na primeira etapa. E aí, conforme vai subindo o cargo, vai diminuindo o número de mulheres, até a alta gerência, que só tem homem. Então... e somente homens brancos, héteros. Então, a possibilidade de ter algum viés que impeça a promoção ali, é muito grande. E, por outro lado, eu acho que a chamada discriminação positiva deveria ser aplicada, que é o que já tá acontecendo em algumas empresas. A A. (nome da empresa), por exemplo, faz discriminação positiva pra contratação. A A. busca profissionais com formação X, Y, Z e que estejam dentro do espectro de diversidade. O que, às vezes, acaba prejudicando pessoas negras, porque quando a contratação é feita só por diversidade como um todo, quem acaba sendo contratado é o branco da diversidade. Eu li em algum lugar que quando começou essa questão de contratação de diversidade, etc., o que as empresas conservadoras começaram a fazer pra dizer que tinha diversidade, foi contratar mulheres, brancas, de classe média alta. Tá tendo diversidade? Sim, estão contratando mulheres, o que é muito bom. Mas só estão contratando mulheres brancas de classe média alta. Ou seja, eles pegam a escala de poder social e contratam somente quem está imediatamente abaixo do homem branco. O que é uma discussão muito grande, que eu já tive até com uma amiga feminista, se a mulher branca tá abaixo do homem branco, ou se abaixo do homem branco está o homem negro, e depois a mulher branca. Mas, enfim... discussões ideológicas à parte... depende de como você vai olhar essa discussão, mas dentro do mercado de trabalho talvez... e aí depois ela trouxe também outros argumentos..., mas enfim, o que eu li foi que a contratação era feita mais pra esse nicho: as mulheres brancas de classe média alta. Então, enfim... mas a discriminação positiva, a contratação enviesada pra diversidade, eu acho positiva. E algumas empresas já estão recortando cada vez mais. Estão utilizando o máximo de recorte pra tentar incluir todo mundo, o que é muito bom. Mas, assim, há dificuldade na movimentação, dentro do mercado de trabalho. Não acredito que as pessoas negras sejam promovidas, porque eu não vejo. E aí, eu tenho experiência não só com a minha empresa, mas com os meus clientes, onde eu via gerentes e diretores, e eu acho que eu nunca encontrei nenhum cliente negro. Eu nunca vi.

P - Eu queria te perguntar duas coisas. A primeira é sobre os embates que você já teve com o seu chefe. Você teria algum exemplo que pudesse me contar?

E2 – É porque uma vez eu tive uma briga com ele que foi assim... um assunto político. Eleições de 2018. Não é que ele tenha... como falar? Nossa área era de Impostos Internacionais. Então, a depender de como anda a economia do país, nós temos mais ou menos trabalho, porque nós ajudamos empresas a entrarem no país, e ajudamos empresas a saírem do Brasil. Então, dependendo de como o país estiver, tem empresas querendo tirar o dinheiro do Brasil, porque não tá confiando, e tem empresas querendo entrar, querendo investir. E aí, todo esse mito de que o Paulo Guedes (Ministro da Economia do Brasil) ia fazer e ia acontecer, que o dólar ia ficar 2 reais... eu tô pagando 5 reais nessa cotação! Porque nem pra isso eles serviram... (risos). E aí, meu chefe, um dia... tava toda a equipe na mesma sala, a gente tava falando de alguma coisa... e aí ele vira e fala: “não, tudo bem, mas o que você tem que parar e pensar também é no bem que isso vai fazer pra economia, e que isso vai trazer trabalho pra gente...” De certa forma, ele tava querendo me

mostrar o lado bom da coisa, porque ele já vinha falando que ia ter todo esse crescimento, que ia ter abertura de mercado, que ele queria que eu estivesse ao lado dele nessas visitas aos clientes, que a gente ia ter que começar a viajar o mundo buscando clientes e etc., e que ia ser um aquecimento muito grande... Ele tava tentando trazer um contraponto. Mas, aí ele começou: “ah, porque vindo o Paulo Guedes, vai ser algo muito bom e vai melhorar a economia. Melhorando a economia, vai melhorar pra todo mundo...”. Aí eu falei: “cara, não fala isso, não vai melhorar pra todo mundo, não existe isso.” Só que, os ânimos estavam muito exaltados na época das eleições, e nesse momento eu levantei, e eu comecei a falar: “cara, você vive dentro do seu privilégio de homem, branco, hétero, classe média alta. Você não pode dizer que vai melhorar pra mim, nunca melhorou pra mim, não importa, a economia pode estar lá em cima, que enquanto a sociedade for racista, for homofóbica, não vai melhorar. E ainda mais com um governo que apoia esse tipo de coisa.” E aí, um amigo meu tinha passado por uma situação muito... até estranha, por dizer, de homofobia, que foi assim, ele entrou no ônibus, e o cara falou: “vai aproveitando, que daqui a pouco, quando o Bolsonaro for eleito, eu vou te meter a porrada quando você entrar aqui de novo.” Tipo, é uma parada muito bizarro porque... quando ele for eleito, eu vou te bater? Óbvio que não é uma influência direta do presidente, mas demonstra como as ideias homofóbicas dele e todo o discurso dele, acaba, de certa forma, validando tudo isso. Então, tinha acontecido isso... e... eu não posso dizer que ia piorar pra pessoas negras, porque jovens negros morrem desde sempre, negros sempre morreram na mão da polícia, e nenhum governo nunca fez nada pra melhorar isso. A realidade nua e crua é essa. Nem esquerda, nem direita, nem PSOL, nem PSL, ninguém nunca parou pra realmente olhar a vida da pessoa negra. O PSOL faz toda aquela coisa pra atrair nossos votos, mas efetivo, efetivo? De verdade eu não sinto. Mas, enfim... talvez a vida do negro fosse piorar mais ainda, mas nunca foi boa. Mas aí, eu comecei... Eu comecei a falar... só que eu comecei a botar pra fora tudo. E aí, todas as pessoas pararam, as pessoas viraram pro computador, ninguém digitava, era todo mundo com a mão em cima do teclado, e olhando pra frente. E eu: “então, você fica quieto! Não adianta a economia estar boa se eu vou morrer pela polícia achando que eu não posso entrar no mercado, achando que eu não posso isso e blábláblá...” E aí, eu fui falando, e desciam lágrimas, porque é uma coisa muito emocional, apesar de eu não estar necessariamente emocionado, a minha voz não estava embargada, eu continuava firme, mas lágrimas descendo... E aí, o meu chefe pediu desculpas, saiu da sala e depois ele me mandou um Skype, falando várias coisas, pedindo desculpas, dizendo que não era aquilo, enfim... e aí, desse dia em diante, política virou um assunto meio que tabu ali dentro. Enfim, essa foi a discussão mais forte. De resto, eram discussões meio que em grupo, sabe? Às vezes com questões de machismo que aconteciam... como eu falei, eu comecei a levantar a minha voz. E aí, tinha uma assessora minha, que era muito ligada nisso, mas ela nem sempre falava. Às vezes, estava tendo uma reunião, alguém fazia um comentário, e ela falava: “isso é machismo.” E ela me mandava um Skype, falando: “não tô aguentando ouvir isso.” E eu falava: “você tá falando merda aí.” E o meu chefe: “gente, o F. tá certo.” Mas fora isso, ele dava muito apoio. Meu primeiro embate com o RH foi assim: a gente fazia reuniões com a área e com o RH, pra falar sobre a empresa, sobre promoções, sobre métricas, sobre uma série de coisas. E aí, uma vez, o assunto foi diversidade. E eu falei: “ah, gente! Pelo amor de Deus! Vocês não vão falar de diversidade nessa empresa, né?” Aí o RH: “como assim?” E eu: “não tem negro, não tem homossexual, mulher é só na base! Como é que vocês querem falar de diversidade?” Aí eu comecei a falar, falar, falar, e muito mais enviesado pra questão do negro, porque, tipo, tem uma mulher sócia. Mas tem uma mulher sócia. Tem um sócio que é gay. Mas tem um sócio que é gay. Mas negro, não tem nenhum sócio negro, nenhum gerente sênior, talvez um, negro, nenhum gerente, então, tipo? Aí eu falei, falei, falei, falei e o RH escutou. Uns dias

depois, a gente tava tendo uma reunião, o RH veio falar comigo, o meu chefe tava na sala, e aí eu comecei a falar tudo que eu achava pro RH. E o meu chefe deu apoio, sabe? E ele era sócio. Ele virou pro RH e falou: “olha, tudo que o F. falou está absolutamente correto. Eu acho que aqui nós devemos mudar sim a forma de contratação, porque se aqui não está tendo funcionários negros, tem algum problema na contratação. Eu acho que a diversidade só nos faz crescer, só nos melhora. Eu vejo aqui na minha equipe, por ser uma equipe mais diversa, o quanto nós somos melhores...” E ele deu todo o apoio, que eu e a M. (colega de equipe) ficamos tipo: “esse aí é o nosso chefe! Aprendam aí!”

P - E por que você saiu da empresa? Pra fazer o mestrado? A situação lá tava boa? Você acha que tinha chances de crescimento?

E2 – Então... sair foi uma das coisas mais difíceis que eu fiz. Eu tinha a vontade de estudar no exterior, de ter uma experiência internacional, era algo que eu já tinha. Lembra que eu falei que devido à minha criação, eu nunca vi muita limitação pra algumas coisas? Então, eu tinha essa vontade, mas era uma das pequenas coisas que eu tinha uma limitação, porque... mas não de raça, mas, eu não sei... eu achava que estudar no exterior fosse algo absurdamente caro e absolutamente inatingível. E aí, eu acabava não fazendo nada. Eu nunca saí do país, porque eu queria sair do país, meus amigos não tinham dinheiro... Eu tinha dinheiro, mas aí eu não vou pagar o de todo mundo. O do meu melhor amigo, tá... eu posso pagar, mas aí eu vou gastar mais, e aí eu posso ficar puto, porque vou chegar lá, não vou conseguir fazer tudo que eu quero, porque tô pagando por dois... Enfim, eu começava a teorizar diversas coisas e nunca fiz nada. E isso acabou virando uma pequena frustração, né? Eu ficava tipo: “porra, eu tenho dinheiro pra sair do país, eu não saio do país...” Enfim, tinha isso, lá dentro, na cabeça, guardado numa caixinha. Em determinado momento, na caminhada, na jornada dentro dessa empresa, entrou uma menina, C., minha amiga, que tinha acabado de voltar de um mestrado aqui na Europa. E aí, ela começou a me contar do mestrado dela, um mestrado de Direito e Economia, que é de uma parceria que tem, ela fez em 3 universidades diferentes, em 3 países diferentes. Só isso, eu já fiquei: “What? Você gastou uma fortuna, garota! Você faliu a sua família!” E ela: “não, que isso! Eu sou da Zona Norte!” E aí ela começou a me falar, e começou a falar dos gastos, e como ela fez... e isso reacendeu uma chama, sabe? Eu fiquei: “porra, dá.” Só que, aí, eu tava indo bem na carreira... lá eles têm algumas métricas pra avaliar os funcionários, e aí existem algumas comparações que eles fazem, por exemplo, quando você tá no nível de Consultor 1, te comparam com todos os Consultores da região, tipo, do Brasil e de alguns países da América do Sul. E aí, eu tava sofrendo um destaque, tipo, eu ganhava nessa comparação, eu tinha sido eleito o melhor Consultor 1 da América Latina. E eu, tipo: “pô, vou ficar aqui mais um pouquinho. Peraí, que tá indo bem.” E aí, fui promovido a Consultor 2, novamente com diferenciação. E aí, em vez de ir pra Consultor 3, eu fui promovido pra Consultor Sênior. E sempre com a diferenciação, e com muito destaque dentro da área e dentre os sócios também, porque eu acabei me especializando em uma matéria do trabalho e... enfim, virei o melhor do Brasil ali nesse quesito. E aí, outros sócios me buscavam pra isso... nossa, tinha época que eu era disputado, assim... do meu chefe me proibir de atender o telefone, de verificar e-mail de outros sócios, porque eu tinha que fazer primeiro o dos nossos clientes. Só que eu gostava muito, eu atendia e falava: “olha, eu vou fazer depois do expediente, tá?” (risos). E eu fazia porque era... eu juro pra você que eu gostava de fazer. Eu ficava 3h da manhã, eu: “caralho! Fechou! É isso!” Enfim, loucuras à parte... (risos), eu tava indo muito bem. Só que a chama que a C. acendeu ficou. Ela ficou pouco tempo na empresa, depois casou, foi pra Polônia..., mas a chama tinha reacendido. E aí, eu comecei: “não, então... tenho que ir, tenho que ir, tenho que ir.” Mas aí, uma

série de coisas aconteceu no final do ano passado, nada no trabalho, mas, enfim... as eleições me afetaram muito. De verdade, as eleições afetaram a minha relação com as pessoas, a minha relação com o brasileiro como um todo foi afetada, porque eu enquanto homem negro e gay, eu não conseguia aceitar muitas coisas. Eu desfiz amizades, toda aquela questão... e olha que eu não fiz amizades com quem votou nele, eu desfiz amizades com quem não votou, porque isso, pra mim, já tava sendo o limite, sabe? Uma amiga não foi votar e ainda fez vídeozinho indo almoçar, eu fiquei muito puto. Parei de falar real com ela, ela era minha amiga há, sei lá... 6 anos. Eu falei: “cara, não dá mais. Você, realmente, não é a pessoa que eu conheci.” Mas, enfim... muitas coisas foram acontecendo, e aí eu fiz 28 anos, e aí veio a crise dos 28, porque 28 é quase 30, e eu comecei a pensar, tipo: “cara, tá esse governo assumindo, eu vou fazer 30 anos e ainda não fiz...” E aí eu tava fazendo uma pós-graduação em Análise Financeira, eu tipo: “tá, mas eu quero fazer um mestrado, e se eu for fazer um mestrado no exterior? E se?” E aí eu pesquisei, achei o mestrado, e falei: “tá, então eu vou.” E aí, o governo atual ganhou, e aí, uma série de coisas... E aí eu decidi. Mas, assim, eu tinha sido promovido em outubro, tava tendo essas conversas com o meu chefe, ele já tava pensando na minha promoção a gerente, eu já tava formando uma carteira de clientes... e aí, só pra você ter uma noção de como eu saí num momento bom: em geral, as pessoas viram gerentes e aí, então, começam a formar suas carteiras, começam a ter que buscar clientes, porque passam a ter uma meta financeira, você tem que entregar X. Eu tinha acabado de ser promovido a Consultor Sênior e meu chefe já estava montando a minha carteira, eu já tinha os meus clientes, eu já tinha uma carteira suficiente pra bater a primeira meta de gerente. E eram clientes, meus, meus e acabou. A minha relação... e isso foi algo que talvez tenha acelerado muito a minha carreira também, a minha relação sempre foi eu e esse chefe direto. Eu pulava todo mundo, todas as outras pessoas que tinham entre eu e ele, hierarquicamente, a gente sempre pulou. Então, eu tinha a minha carteira, que eram clientes que só eu atendia, que eram clientes que ligavam diretamente pra mim, clientes que confiavam diretamente em mim e essa possibilidade... possibilidade não, né, já era uma realidade, ele já estava pensando na minha próxima promoção, enfim... Só que eu vi que era o meu momento, eu já estava com quase 30 anos, eu queria fazer alguma coisa, eu queria sair, precisava arejar a minha cabeça de Brasil. E isso, até mesmo por questões raciais também, porque é algo que afeta muito. Determinadas notícias, determinadas coisas, te afetam de tal forma, que sua vida fica mais difícil, sabe? Eu vendo essas notícias de jovens sendo mortos em mercado, por causa de guarda-chuva, ou em cima da laje, são coisas que vão afetando, porque você vai pensando no que você pode fazer ou no que você deveria ter feito, ou talvez em como nada possa ser feito. E são coisas que vão te enchendo de uma dor tão grande, que eu precisava arejar. Eu vim pra cá muito também pra arejar, e por um tempo eu pensei que isso poderia ser um egoísmo, mas não. É um autocuidado que eu estou tendo comigo, porque eu não posso ajudar ninguém se eu chegar num ponto em que eu não estiver bem. E aí, com medo desse *burnout*, com medo de continuar no Brasil, e várias coisas... eu resolvi pedir a minha demissão. Mas foi, tipo, superdifícil. Quando eu falei pro meu chefe, ele ficou sem falar, tipo, foi bizarro. A primeira coisa que ele falou foi: “só posso te apoiar, porque com o mestrado você vai melhorar, você vai ser cada vez melhor. E a sua vaga tá aqui.” Só que depois disso ele não conseguiu mais falar. Meu chefe é um cara que almoça em 20 minutos, nesse dia ele saiu e ficou 2h no almoço. Ele voltou meio tipo: “vou embora daqui a pouco, gente.” Acabou o dia ali, naquele momento. Enfim, mais uma pessoa saindo e etc. Mas foi isso. Eu tava num momento muito bom, talvez outras pessoas não dessem esse passo que eu dei. Pedir demissão quando você tem uma promoção a vista, quando você tá bem, mas era o meu momento de vir e de ter essa vivência, de ter essa experiência, fazer essa tentativa. E vim.

*Depois da entrevista acabar, conversávamos sobre transportes públicos e suas diferenças entre Brasil e Portugal e pedi licença para gravar quando o entrevistado falou sobre isso:

E2 – No Rio de Janeiro eu não andava de ônibus por medo. Um, da violência urbana e dois, no caso da violência, no caso de um assalto, eu ser perseguido pela polícia, eu ser um dos suspeitos da polícia, e eu acabar indo preso ou atingido, ou qualquer outra coisa. Eu não conseguia, 90% do meu transporte era feito de Uber porque eu tinha medo. E aí, o Uber, eu pedia de dentro de casa também, pro Uber me ver saindo do prédio, pra ter certeza, porque eu já ouvi um Uber dizendo isso: “ah, eu vi que você tava saindo do prédio, então foi tranquilo parar.” E eu fiquei: “ué, se eu pedisse da rua você já não ia parar?” Enfim... e aqui (em Portugal) tá sendo bem libertador, eu andei de ônibus! Foi bem legal. E é bizarro, né? Eu ter que usar uma coisa mais cara só porque eu tenho medo de acontecer alguma coisa.

SEGUNDA PARTE

P – O que representa estar desempregado, pra você?

E2 – Nossa. É uma situação que eu não gosto.

P – Por que você não gosta?

E2 – Não gosto, e que de certa forma me provoca medo, assim, uma sensação de que talvez não consiga outro emprego o resto da minha vida. Eu sei que não é algo real, mas é algo que passa pela minha cabeça e... não sei, é diferente, sabe? Eu penso em diversas coisas, sei lá, pego uma questão de uma abordagem policial no momento que eu não tenho emprego... eu acho que fica, entre aspas, mais coisas contra mim. Acho que o perseguido que fazem fica até pior quando não se tem emprego, o que na verdade não deveria influenciar em nada, mas, enfim, eu acho que causa um pouco desse medo também. É isso, estar desempregado, um pouco de medo... ver a poupança se esvaindo em euros, indo embora, mas é mais o medo e um pouco de ansiedade e preocupação com o futuro. Mas ao mesmo tempo eu sei que tô construindo alguma coisa, então são dois lados meus que ficam se equilibrando, sabe? Um conversa com o outro e diz que ok, tá tudo bem, pois você não tá desempregado porque tá desempregado, você tá desempregado porque você fez essa escolha e você está traçando um caminho, então segue. Nossa, quase uma terapia.

P – Pois é. Beleza, agora é um outro grupo de perguntas. Quem é ou foi a sua maior referência de masculinidade?

E2 – Acho que meu pai, talvez. Mas é porque falar de masculinidade... acho que às vezes o primeiro pensamento que me vem é aquela masculinidade ruim, tóxica, e isso eu não tive. O meu pai era um cara extremamente sensacional, carinhoso comigo, com a minha mãe, com os amigos... preocupado, enfim, um ponto fora da curva. Aliás, acho que os homens da família do meu pai, todos são assim, um ponto fora da curva, e depois dele os meus tios etc., e eu acho que isso volta pra um texto que eu li da hooks sobre afetividade negra que fala muito disso de... eu acho que falei disso da outra vez também, mas que fala do afeto e de como nós transmitimos afeto e como isso foi um pouco roubado da gente. E a minha família reconstruiu isso de certa forma, em alguns pontos e em alguns aspectos. Então os homens da minha família são muito amorosos, então é uma masculinidade boa, só uma referência do que fazer sem toda carga negativa do que vem junto disso, sem o machismo que vem junto da masculinidade, só a parte boa, carinho, proteção e como levar uma família.

P – E quais características você acha que um exemplo de homem ideal deve possuir?

E2 – Não sei, ser carinhoso, compreensivo, parte de mim quer falar que proteja os outros, mas não é proteger porque é homem, deve proteger como todas as pessoas devem se proteger, se olhar e se cuidar. Isso. De resto todas as pessoas devem ser, é só... deixa a galera se amar, ame e vamos viver em paz, eu acho que o que deve nortear todas as pessoas do mundo é amor e paz e vamos seguir. E pra homem também, ser carinhoso, ser atencioso, cumprir o seu papel na ajuda de acabar com o machismo, de tentar acabar com o machismo vendo uma situação errada. Falar e se posicionar, assim como qualquer outra pessoa que esteja num grupo de privilégio em relação a uma minoria deve sempre se posicionar, então o homem deve sempre se posicionar ao ver algum ato de machismo, é isso.

P - Você acha que o exemplo ideal de masculinidade é também um homem bem-sucedido profissionalmente? Inclui ser bem-sucedido?

E2 – Caraca, eu vou fazer terapia hein. Eu acho que... não sei. Sim e não... eu via o meu pai como alguém bem-sucedido e como eu disse que ele é um exemplo, isso pode sim bater... mas não sei, eu vejo outros tios não tão bem-sucedidos, da parte da minha mãe por exemplo, não tão bem-sucedidos profissionalmente mas que são excelentes pais, são carinhosos, são afetuosos, preocupados, cumprem o papel que deveriam estar cumprindo, então, não necessariamente, mas sim em alguma parte, e aí o sim é algo que deve ser desconstruído porque eu acho que vem junto com a ideia de que o homem deve ser provedor e que deve isso e que aquilo... e que não.

P – E como que foi a sua relação com o seu pai?

E2 – Ah, foi sensacional, incrível. O meu pai era... porque assim, de verdade, todo mundo que conheceu o meu pai diz que ele era um homem assim, muito fora da curva, ele era muito amável, ele se preocupava com os problemas do mundo, que é uma coisa engraçada de dizer. A minha mãe dizia que às vezes ele sofria, às vezes ele chorava ao pensar que ele não tinha solução para as dores do mundo. Ele, quando via uma criança assim sem um amparo, uma mãe sem amparo, uma família com algum problema, ele verdadeiramente sofria, era muito comum do meu pai ver uma mãe passando com uma criança e sentindo que aquela mãe estava em alguma dificuldade, era procurar um mercado, entrar, comprar alguma coisa, entregar pra aquela mãe e só falar: “olha, eu acho que vai te fazer bem e segue.” E meu pai tinha muito isso, e pra mim então, o meu pai... nossa, ele... não sei como explicar. Tem uma frase que a minha mãe sempre fala, que ele falou pra ela, que é assim, uma briga de casal etc., minha mãe virou e falou: “ah, eu acho que você não me ama.” E ele respondeu só assim: “como eu poderia não te amar, se eu dei pra você a melhor e maior coisa da minha vida que é o meu filho?” Esse que é o meu pai, sabe? Então a nossa relação era essa, e foi incrível com tudo o que tivemos.

P – E ele trabalhava né, na aeronáutica. Qual era o cargo?

E2 – Ele era oficial, tenente... não sei.

P – Ele fez direito né?

E2 – Fez direito.

P – Tinha graduação. E quando criança ou enfim, depois de adulto também, quem era o provedor na sua família? Era o seu pai?

E2 – O meu pai.

P – E a sua mãe trabalhava?

E2 – Minha mãe trabalhava, só que ela deixou de trabalhar mais ou menos na época que meu pai foi pra reserva, porque eu sou filho de pais velhos. Então eu tinha 6 anos quando meu pai se aposentou. Eu tenho pouquíssimas coisas... eu lembro de ter ido no trabalho dele algumas poucas vezes, tenho umas lembranças, tipo assim, da sala dele tal..., mas foi muito pouco tempo dele trabalhando, e minha mãe parou de trabalhar um tempo depois. Aliás eu não sei se foi depois ou antes, mas foi... foi tudo um pouco meio que junto. Minha mãe já trabalhava meio expediente, o trabalho dela era só até meio dia, então eu sempre tive os pais em casa. Eu não sei o que eles faziam, mas sempre um dos dois estava em casa, eles deram um jeito, tipo, o meu pai entrava mais tarde pra dar tempo da minha mãe chegar, mas mesmo assim a minha mãe era um pouco... é um pouco preocupada demais. Então, tipo, ela não confiava em nenhuma babá, então contratava-se uma babá, ela pedia pra vizinha ir lá em casa no meio da manhã tipo: “ah, 10 horas da manhã você pode bater lá na porta e ver se ela está batendo no meu filho?” E as vizinhas tinham que ir... só que mesmo assim a minha mãe não confiava, então às vezes... ela já saía cedo do trabalho, e por vezes ela saía mais cedo ainda pra ir em casa olhar o que estava acontecendo. Tipo, ela chegava: “cheguei!”, em outro horário, de surpresa, e sempre estava tudo bem, graças a Deus nunca nenhuma babá me fez nada. Mas... enfim, qualquer coisa que as babás falassem ou fizessem já era motivo pra ela achar que deveria trocar porque poderia afetar a minha educação, sabe? Tipo, eu lembro de uma babá que foi trocada, porque sei lá, o meu pai acendeu uma vela de 7 dias e ela falou que aquilo era errado. Ela falou pra mim “ah, isso é macumba”, ou alguma coisa assim, “não pode”, e eu falei: “mãe, o que é macumba? Por que ela falou isso?”. Aí a minha mãe: “o quê? Ah não, sinto muito, mas você não pode mais trabalhar conosco porque uma pessoa que tem preconceito desse tipo não vai poder criar o meu filho. O meu filho vai crescer ouvindo isso? Não, não, não.” É assim. Enfim, em algum momento os dois se aposentaram. Qual era a pergunta?

P – Quem era o provedor.

E2 – Isso. Aí os dois se aposentaram, mas a minha mãe parou de trabalhar porque quis, assim que meu pai... outra coisa que ele dava muito apoio. Porque em geral mulher de militar não trabalha, esposa de militar não trabalha, sei lá porque, mas não trabalha. Mesmo que o militar não viaje muito pelo país, elas são donas de casa em geral, e a minha mãe, o meu pai estimulava. Ele falava: “olha, o seu salário não vai fazer diferença, o seu salário é pra você, pra você comprar coisa pro “(nome do entrevistado)” ou pra o que você quiser, eu contrato uma babá, eu pago a babá, não há problema, e você vai pra rua porque eu sei que você fica muito melhor na rua lidando com gente, trabalhando, você estudou pra isso, você faça isso e é isso.” E ele dava essa força, mas ao mesmo tempo quando ela disse que queria ficar em casa, ele falou: “se você quiser ficar em casa eu posso também continuar pagando uma babá, uma empregada pra ajudar porque você não...” Eu corto aqui a cena, hoje eu vejo como algo ruim pagar uma empregada, ter uma empregada em casa não é algo necessário, mas naquela época essa desconstrução o meu pai não tinha, a gente tinha empregada que dormia em casa, ok, mas em contraponto ele sempre estimulava todas a estudar, tipo, nenhuma empregada ficou muito tempo, ia ele, estimulava a estudar e elas saíam pra seguir a vida, mas enfim... a minha mãe foi ficar em casa também. Então o provedor sempre o meu pai, a fonte de 99% dos recursos de casa era do meu pai, minha mãe às vezes voltava a trabalhar, fazia *freelance*, fazia alguma coisa, porque ela é fisioterapeuta, então podia fazer atendimento particular, ela ia, fazia, mas sempre ele. Aliás, continua sendo ele, tipo, ele hoje é o provedor da minha mãe

ainda que não esteja mais aqui. Provém dele a maior parte dos recursos dela. Ela é aposentada, mas a aposentadoria dela perto da que ela recebe dele...

P – E você acha que cresceu achando que cabia ao homem o papel de provedor ou não?

E2 – Não. Mas justamente por essa coisa do meu pai de que quer trabalhar, trabalha e... e sempre foi muito assim, eu não sei, dei sorte, que eu sei que 99% das outras pessoas crescem nesse gabarito de família. Se bem que num recorte de famílias negras dentro da realidade do Brasil, muitos filhos são criados sem o pai, então vem a mãe como provedora. O que acaba fazendo com que eles comecem a trabalhar pra tentar ajudar etc., mas é isso.

P – E se o papel de provedor é negado pro homem, se ele não consegue emprego, enfim, que outras formas você acha que o homem negro encontra pra exercer a sua masculinidade?

E2 – Nossa, essa pergunta é complicada pra mim porque eu tenho um exemplo disso na família mesmo do meu pai, eu tenho um tio que durante um tempo ele ficou sem emprego, não sei exatamente o que aconteceu, ele ia muito bem ganhava bem etc., era bem sucedido, mas em determinado momento ele ficou sem emprego e quem provia era a esposa dele, e assim, eu sempre achei lindo porque meio que foi “troca de papel”. Ele cuidava da casa, ele cuidava muito bem da casa e a comida do meu tio era tipo a melhor comida que você vai comer na sua vida, e eu ia pra casa dele e ele brincava com a gente. Então eu não cheguei a ver problemas nisso dessa troca, e não acho que ele deixou de exercer a masculinidade dele em momento algum, ele continuou sendo o meu tio etc., e a família dele não desmoronou, não houve problema nenhum. Depois ele voltou a trabalhar, e ele ainda de vez em quando tem uns altos e baixos, mas sem problemas com relação a isso, na minha visão.

P – Você pensa em casar e ter filhos?

E2 – Eu acho que eu tenho opiniões bem conflitantes com relação a casamento. Por vezes eu vejo o casamento como uma instituição ocidental branca que criou isso pra controle etc. e blábláblá, mas por outro lado eu sou um homem negro, mas sou um homem negro ocidental que cresceu vendo filmes e vendo essas coisas e achando que casamento é muito bonito, e vi o casamento dos meus pais que eu sempre achei muito bonito etc., então... casaria, teria filhos sim, teria um legado. Não sei quando porque por vezes eu acho criança lindo, por vezes eu acho criança muito chato. Eu acho que todo mundo deve passar por isso, minha mãe deve ter me achado muito chato muitas vezes, mas não é uma possibilidade que eu isole absolutamente, mas é algo que eu teria que fazer uma boa terapia pra saber se eu realmente quero ou se é uma influência social.

P – Você acha que o desemprego influencia na vontade de casar e formar uma família?

E2 – Sim. O casamento ainda é uma instituição e não um contrato, e com esse contrato vem algumas responsabilidades, você passa a manter a casa junto com alguém, mas você também tem deveres dentro dessa casa, e desempregado fica complicado. Mas não por ser homem, só porque é 50/50 então... É porque no meu caso é homem/homem, então...

P – Você acha que as famílias negras no geral possuem mais equidade entre gêneros do que as famílias brancas?

E2 – Somos muito matriarcais, então... ao mesmo tempo fomos infectados pelo machismo. Não sei... Nas nossas famílias é muito comum: só a mãe quem manda, só a mãe que decide, só mãe quem sabe e a voz final é da mulher e não é aquela voz final de mulher de piadinhas de...eu só faço

com autorização da minha esposa. Não, é tipo a mãe é quem manda, acho que falei também da minha avó por parte de pai que ela... era ela casada com um militar, casada com alguém que era ligado ao exército, e botou o nome do filho de “(nome do pai do entrevistado)” em homenagem ao “(político comunista brasileiro)” porque ela achou que deveria e é isso, o filho é dela e pronto. Então... somos matriarcais, a coisa gira muito em torno da mãe, dessa figura forte porque... aliás forte não é a palavra certa, porque nós não devemos descrever mulheres negras como fortes porque isso tira delas a possibilidade de não serem. Mas é isso, acho que gira muito em torno da mulher, acaba tendo um equilíbrio. Eu não sei como é dentro de famílias brancas pra poder te dizer exatamente se é muito mais equilibrado, nunca fui de uma família branca, mas eu vejo muito equilíbrio, muito... o homem tem o seu poder, mas a mulher tem o seu poder também e muitas vezes um pouco mais do que do homem dentro da instituição familiar. Então sim, talvez seja um pouco mais equilibrado.

P – Você acha que tem alguma diferença entre o que é esperado socialmente de um homem branco e de um homem negro?

E2 – Cara, essa pergunta é complicada. Vou pensar um pouco. Eu não sei. Espera-se do homem branco aquele sucesso padrão, tipo, executivo engravatado, ganhando bem, carro importado. Do homem negro eu não sei se é esperado isso, tirando toda carga de racismo que não se espera que ele chegue nesses cargos porque não nos veem nesses cargos, acho que é esperado muito mais essa coisa de família. Ter a família, ser um bom pai de família. Eu não sei, talvez isso.

P - Você acha que do homem negro é esperado ser um bom pai de família?

E2 – Eu acho que sim, terei que dar uma boa refletida sobre isso, o que é esperado de mim. Não sei. Até porque, como te falei, os meus pais nunca cobraram nada, nunca exigiram que eu fosse isso ou aquilo. A exigência da minha mãe principalmente sempre foi de que eu fosse feliz, só. E do meu pai também, tipo, só isso que ele pedia também, só isso que ele queria: eu sendo feliz, não importa o caminho, eles estariam felizes desde que o caminho correto, né? Que também é o que vai levar a felicidade, então no final das contas é isso. Acho que é isso... pode botar suspira (risos).

P – A outra pergunta é se é fácil ser um homem negro.

E2 – Não.

P – Por quê?

E2 – Nossa, eu quis sem bem dramático: “não”. Por quê? Primeiro nós temos que sobreviver, nós temos que enfrentar coisas. Assim como a mulher negra, nós também temos que aprender a ser bonitos, a nos ver bonitos. A gente também enfrenta a lista dos mais bonitos da sala da escola e você nunca, nunca, nunca vai aparecer nelas, pelo menos na minha experiência de escolas majoritariamente brancas e... depois disso você vai enfrentar a vida, vai enfrentar o mercado, vai enfrentar lugares que não foram feitos pra você, lugares... em que não querem que você se sinta encaixado, mas eu não vou dizer que não é, que eu não me encaixo, porque novamente, eu sou um homem negro nascido no ocidente. Eu sou ocidental também, ainda que a minha ancestralidade não seja, eu já tô aqui há muito tempo pra aceitar também esse discurso de que aqui não é a minha terra e que eu tenho que mirar e voltar, porque até mesmo muitas vezes acontece de pessoas negras voltarem pra África e lá também não se sentirem em casa, porque é uma cultura absolutamente diferente da que fomos criados. Então, sim, eu tô no meu lugar, eu tenho meu direito de estar, mas a maioria das pessoas acredita que não, então é outra coisa a enfrentar. E enquanto homem negro

gay ainda vem uma série de estereótipos junto também, porque a dificuldade de achar parceiro, achar alguém, os estigmas que enfrentamos, a fetichização que sofremos quando você não entrega, quando você não tem a aparência que se espera, você não é alto, forte, viril, você deixa de estar dentro do quadro do fetiche, e o homem negro dentro da comunidade LGBT, quando não tá no quadro do fetiche, ele é sozinho, ele é o engraçado. Isso é algo que você pode ver até em representações da mídia. O homem negro gay ele ou é aquele cara forte que vai pegar e vai fazer, ou o gay afeminado engraçado, solteiro pra sempre, recluso à solidão. Então são muitos desafios, muitos. Fora o desafio que o homem negro enfrenta de ter que procurar uma terapia, né? Porque ... essa parte foi... (risos).

P – Beleza. O que dizem... você já tocou um pouco nesse assunto na pergunta anterior, mas... o que dizem sobre homens negros na cultura brasileira? Seja na mídia, nos livros...

E2 – Isso né, quando escapa de ser bandido, ou pagodeiro, ou jogador de futebol, ou não faz nada... porque tem muito essa figura também do homem negro “enrolão”, sabe? Que a esposa é quem vai mantendo a casa e ele faz vários nada, como se... quando acontece uma situação dessa, o que retrata ele... faz vários nada, mas é um homem negro que faz diversos bicos e diversos trabalhos que se você parar pra analisar, se esse personagem é inspirado em algo real, é um cara que tá tentando muito ter um trabalho e não consegue por não ter um encaixe, seja por falta da educação básica que não foi fornecida de forma correta pelo Estado, seja por uma barreira do racismo atrapalhando que ele consiga um trabalho. Então... mas a figura que se imprime é do cara que não quer nada, do cara que quer só deitar e rolar, do cara que quer cantar um monte, quer fazer isso, quer fazer aquilo, que é esperto. Eu acho que é muito isso e... sempre muito viril, sempre muito sexual, sempre tem muito essa carga também de que temos que ser sexuais, temos que ser felizes, temos que entregar essa sexualidade muito forte. Acho que é isso, temos muitos estereótipos dentro de um grande estereótipo, mas é isso, é o malandro altamente sexual e é isso. E como falei anteriormente na parte LGBT, ou é um virilzão de 1,90 metro de 0% de gordura corporal, ou o engraçado abandonado, sem meio-termo, sem a possibilidade de felicidade no meio disso. Sendo que a felicidade é negada também para o virilzão 0%, porque ele é apenas um objeto sexual naquele momento. Ele não é usado para ser apresentado a família, ele é às sombras e isso é horrível.

P -Você acha que existe algum tipo de diagnóstico prescritivo de como os homens negros devem se comportar?

E2 – Acho que é um pouco da pergunta anterior, tipo, nossos comportamentos são aprendidos por repetição ou por influência, ou vendo em casa, ou o que você vê na mídia, ou uma mistura dos dois e como algumas horas na outra entrevista eu falei, tipo... o Estado nos mata, muitos crescemos sem a figura paterna, então o que resta é a mídia, e a mídia traz sempre essa coisa do bandido, o enrolão, o jogador ou pagodeiro. Então sim, tem uma prescrição do que você pode ser, são esses estereótipos, a não ser que tenha muita sorte de ter um pai incrível como eu tive, eu ganhei na loteria. É isso.

P - E você acha que essas regras são nocivas?

E2 – Absolutamente. Qualquer coisa que te limite a um quadrado é nocivo. Eu acho que nós como seres humanos não devemos ser limitados, nós não devemos achar que podemos ir até a A ou B, devemos ter ética com essência dos nossos atos, saber que não devemos prejudicar outros, mas nunca tendo um limite de você pode ser isso ou pode ser aquilo. Você pode ser quem você quiser desde que você faça por onde, e isso não é um discurso de meritocracia (risos).

P – Como você acha que está a discussão sobre racismo, masculinidades negras e feminismo no Brasil?

E2 – Acadêmica. Porque eu vou dizer que discuto muito sobre isso, você vai dizer que discute muito sobre isso, todos os nossos amigos vão dizer que discutem muito sobre isso, mas todos nós discutimos muito sobre isso em ambientes acadêmicos. Então, o percentual da população brasileira como um todo, sem recorte de raça, que chegue a um nível superior já é muito pequena. Se você pegar e recortar ainda negros, é menor ainda, então se a gente tá discutindo isso dentro de ambientes acadêmicos, estamos discutindo pra uma nata, um nicho tão pequeno que eu não vou pegar aqui e dizer que é uma discussão que está avançada, porque se eu for na periferia essa discussão não chegou lá. A discussão que tem lá é qual o trabalho de amanhã pra continuar, pra seguir, sabe? Eu acho que agora o que tá chegando a periferia é: “ok, vou tentar fazer o meu filho chegar numa faculdade”, mas o que acontece na faculdade, o que é uma faculdade, eles ainda não sabem. Então, os debates acadêmicos, os debates que temos sobre racismo, sobre machismo, sobre masculinidade, são muito reclusos a gente ainda. Isso eu me culpo também, eu não vou a lugares pra discutir sobre isso e, mais do que discutir, propor e demonstrar, né? Porque às vezes também, o que acontece? Das vezes onde há essa discussão quando alguém se propõe a ir algum lugar pra levar esses pontos, vai de forma acadêmica, então pega uma série de pessoas que mal tem o segundo grau, entra com discurso numa discussão acadêmica: “porque o filósofo tal fala isso, porque não sei o quê, porque é uma corrente.” Que as pessoas vão ficar ali e falar: “uhum, deve estar certo porque alguém... cheio de título tá me falando isso”, mas... não sei se consegue atingir ali o cerne da coisa, sabe? Mas também, talvez eu esteja também um pouco desiludido.

P – E você acha que o feminismo e/ou o feminismo negro são importantes?

E2 – Absolutamente. Os dois, e eu acho que são dois. Não cabe a mim aqui fazer pontuações sobre um ou outro, crítica sobre um ou outro, mas acho que são dois. Acho que... para as minas negras tem que chegar esse conhecimento cada vez mais e aí novamente como isso vai chegar? E a profundidade do debate eu também acho muito importante porque as vezes o debate é... eu vejo isso, tá se tornando raso, sabe? Ele parece estar profundo, mas no final, eu não sei, às vezes parece que somos um monte de pessoas discutindo, tentando ter uma razão e tentando ter a resposta mais bonita e que no final a gente não tá fazendo nada, sabe? A gente tá discutindo porque isso não pode, aquilo não pode, morte ao homem branco, mas muitos não falam ou não explicam ou talvez não saibam que... morte ao homem branco não é morte ao indivíduo, morte ao homem branco é morte a essa construção social que foi feita sobre o que deve ser o homem branco e como ele aprisiona todo o restante por ele ser o mais rico de toda essa estrutura. Acaba que hoje eu acho que em grande parte só vê isso, sabe? Tipo, morte ao homem branco é não escutar qualquer coisa, não. É morte à instituição, morte é fogo nas instituições que promovem isso, não nos indivíduos, os indivíduos são apenas afetados por isso também, e é uma coisa muito louca, porque quem promove é afetado também. O homem que se comporta de maneira machista, ele é afetado pelo machismo de certo grau também. Ele também sofre com isso, não tanto quanto a mulher obviamente. Entende? Vê o meu discurso, já é o medo de, tipo, parecer que eu tô falando alguma coisa que... não, só tô dizendo que o homem sofre com isso também, não é que sofra mais, é que ele é atingido. Ele é quem? Ele é culpado por isso e ele é atingido por isso, então... nós precisamos de um pouco mais de profundidade no debate, um pouco mais de honestidade, um pouco menos de crista, tipo, de eu vou estar certo e você vai estar errado. Isso é o certo, isso é o errado. E sei lá, tentar chegar na... paz mundial, né, Miss Universo (risos)... mas não sei, eu tô desiludido um pouco com tudo

isso que não sei, parece que a gente só quer... parece que deixamos de querer acabar com esse sistema pra provocar algo muito bom pra querer ser os mais certos, sabe? Tipo, deixou de ser o homem branco o mais certo de tudo, isso não é um discurso de “as minorias querem dominar o mundo”, não é a ditadura do “gayzismo feminazi” gente, pelo amor de Deus, mas entende o que eu tô dizendo? Tipo, eu sou muito... conciliador, diplomático, apesar de ter terminado amizades nas últimas eleições. Eu tento ver pontos e contrapontos, e no final o que eu acredito é: “vamos ser felizes, deixem as pessoas serem felizes”, sabe? Então... a pergunta é sobre feminismo e feminismo negro, absolutamente importante, porque é um dos caminhos pra construir essa felicidade, é fazer as pessoas entenderem, mas aí é isso também, fazer as pessoas entenderem que somos iguais e que assim que devemos nos tratar. Eu estava vendo outro dia alguém... um *tuíte* falando, tipo, que nós começamos a discussão de lugar de fala por exemplo, que é importantíssimo. Quem tem que falar é quem sofre aquilo. Mas isso acabou que começou a criar ciclos que, tipo, às vezes eu me pego debatendo racismo num ambiente totalmente negro onde todas as pessoas concordam que existe racismo, onde todas as pessoas concordam que aquilo é errado, onde todas as pessoas concordam que tudo tem que acabar e aí tem 10 pessoas fazendo discursos que no final são o mesmo discurso e que todos estão aplaudindo, que todo mundo tá falando muito bem e aí vamos acabar aí, sabe? Não é que o branco deve chegar e dizer o que é o racismo, mas deve realmente estar junto porque ele é parte do problema. Se eu só discutir com os negros o que tá acontecendo porque sempre que algum outro vai falar, e eu falar: “ah, você não tem direito de fala, cala a boca”. Eu não sou intransigente a esse ponto, sabe? Eu acho que o lugar de fala tem que ser respeitado quando eu estou falando uma coisa, eu tô falando que eu sofri racismo aqui e aí alguém que nunca sofreu racismo não sabe o que é isso vem e diz que não, mas fora isso eu acho que o debate deve ser amplo, o debate deve ser universal porque sem a universalidade no debate não há solução. E eu ainda tô respondendo sobre feminismo, né? E é isso então.

P – É, você tá respondendo um pouco da próxima pergunta, mas... das outras duas perguntas na verdade, mas então você vai poder falar melhor. A próxima é: qual a sua relação com a branquitude?

E2 – É boa, eu cresci em ambientes brancos, na vila militar onde morávamos tinha o meu pai, tinha duas famílias negras, a minha e a do tio “(nome do tio)”... deixa eu ver... e nas escolas sempre também aquilo, faculdade, trabalho, meus amigos... majoritariamente brancos. Tenho uma boa relação e aí tenho recorte de... há pouco tempo, como falei que comecei a discutir mais a questão de raça, comecei a pensar mais raça, e a minha melhor amiga é negra há muito tempo, não foi depois que eu comecei a discutir raça. Mas assim, era eu e ela também só, sabe? Mas a relação é isso, boa, sou um cara conciliador, não é um cara conciliador de deputado do Bolsonaro. É um cara conciliador tipo: eu acho que quem é parte do problema tem que ser parte da solução. Nunca vamos chegar à solução se eu só debater entre os meus, nunca vamos chegar às soluções se debatermos academicamente, certo? Se eu restringir isso a um ambiente onde tá todo mundo concordando, e não der a chance também do outro falar, claro, com ressalvas, mas escutar o contraponto do outro. Porque escutar não é aceitar e dizer que aquilo é verdade, escutar é saber o que tá se passando, porque às vezes quando você escuta o argumento do outro, é que você consegue também elaborar seus pontos pra mostrar pra ele o seu lado, e às vezes você consegue *convencê-lo* daquilo, sabe? Se você não sabe o que o outro tá pensando, como você quer entrar na cabeça dele e convencer que a atitude dele tá sendo errada? Não tem como, é impossível. As pessoas não são programadas pra... isso aqui não é, sei lá, não vão botar uma tela na sua cara e passar várias coisas pra você aprender. Não é programação cerebral, é vida, é ponto e contraponto, e assim que chega a algum

lugar. Enfim, a relação com a branquitude é boa. Meu primeiro namorado foi branco. Eu falei que a minha mãe ficou mais assustada com isso do que com o fato de eu ser gay (risos)?

P – Não (risos).

E2 – Gente, eu queria ter gravado esse momento.

P – Ela ficou assustada por seu namorado ser branco?

E2 – Gente, eu não sabia, tipo... eram tantos sentimentos passando ao mesmo tempo, que eu não consegui ter uma reação na hora. Porque assim, eu não saí do armário, acho que isso eu falei já. Eu não saí do armário, eu não fiz um *statement*: “oi família, vou reunir aqui para vocês para dizer que eu sou gay”, porque ninguém diz: “oi família, vou reunir vocês pra dizer que sou hétero.” Eu não tenho que fazer isso. Eu dentro da minha realidade, porque acredito também que para algumas pessoas, para algumas famílias, isso se encaixa melhor, mas eu dentro da minha realidade, dentro do que eu penso, dentro de como eu fui criado, nunca achei que isso fosse necessário. Claro que eu tinha um pouco de medo também, porque meio que passa por todas as pessoas gays esse medo. Mas enfim, eu li um texto no New York Times sobre isso de... que nos Estados Unidos tem o *National Coming Out Day* e aí era um texto falando que esse *National Coming Out Day* acho que é da década de 70, a mesma época do *Stonewall*, que foi um dia que instituíram para as pessoas saírem do armário. É tipo o dia pra dar força pra todo mundo se assumir e falar para as famílias etc., e era um dia muito importante lá e que as pessoas realmente se assumiam e etc., e esse texto dizia assim: “nós estamos na América (Estados Unidos da América) do século XXI, as pessoas já sabem ou deveriam saber que ser LGBT é uma coisa interna de qualquer pessoa, não é uma condição, não é algo, e você não precisa assumir isso porque ninguém assume ser heterossexual.” E o texto é: “devemos acabar com o dia de sair do armário porque você deve ter a sua vida como os héteros fazem, em determinado momento chega com alguém em casa e fala: essa aqui é a minha namorada ou meu namorado”. É isso que vai acontecer, o LGBT vai chegar e: “olha, essa aqui é minha namorada, ou meu namorado.” E com a minha mãe foi isso, eu... novamente, tinha um pouquinho do medo, mas eu tinha essa visão de que, quando eu tivesse namorando, falar: “olha, é o meu namorado”, e é isso. Não fui apresentar os peguetes porque também: “oi mãe, tô pegando esse e agora esse”. Não cabe, e acho que heterossexuais fazem a mesma coisa. Não precisa mostrar um monte... E aí eu tava dando uma festa de aniversário pra minha melhor amiga na minha casa, e aí foi num final de semana que a minha mãe tinha combinado de ir me visitar também. Acabou que calhou de estar todo mundo junto, a minha casa tava uma bagunça, uma zona, 300 pessoas, 300 é hipérbole...tipo, o salão de festas do prédio cheio e não sei o quê, e o meu namorado foi e aí a minha mãe tava lá em cima, ela falou que tava com dor de cabeça e não sei o quê, ela mal sabia ainda de nada. Só que aí os meus amigos gostam muito da minha mãe e todo mundo: “cadê a tia?” e não sei o quê... eu falei: “pronto, vou subir e aproveitar e já vou falar logo, apresentar o meu namorado” e é isso. Subimos: “e aí você não vai descer?” “Ah, tô com dor de cabeça, filho.” “Mãe, muitas pessoas querem te ver, você vai ser a mal-educada que vai ficar dentro de casa?” Aí a minha mãe: “nossa, não fala assim comigo”. Falei: “tá, vamos embora?” Ela: “tá, deixa eu me arrumar”. Minha mãe sempre gostou de estar bonita, arrumada... e aí entramos no elevador e um detalhe importante, que no elevador, eu morava no 13º andar e aí tinha mais uns andares de garagem, era tipo, no total dava 17, era 1 minuto descendo de elevador, então era um tempo, assim... que pra algumas conversas mais tensas era... e eu entrei no elevador e, tipo, quando o elevador fechou eu falei: “essa é a hora”. “Mãe, você vai descer, é aniversário da “(nome da amiga)”, tá? Pra não confundir as amigas que estão fazendo aniversário... você vai conhecer o meu namorado “(nome

do namorado)”. E é isso, tá tendo festa, tem karaokê, você aproveita.” Aí a minha mãe: “seu namorado?” Falei: “É, “(nome do namorado)”. “Você é gay, meu filho?” Falei: “mãe, pelo amor de Deus, no último carnaval você fez um shortinho dourado de dois palmos pra mim, um palmo né? Você me respeita.” E ela: “eu sempre achei que você fosse fashion”. Eu falei: “ah mãe, pelo amor de Deus, que fashion, garota? Presta atenção”. Aí ela: “tá bom, meu filho, mas ele não é branco, é?” Aí eu: “É.” Ela: “aí filho, você tá namorando branco?” Eu: “por quê?” Ela: “tá, como eu chamo ele?” Eu: “(nome do namorado)”. Começou a me dar um desespero, eu achei que, sei lá, ela fosse dar um grito na minha cara e falar: “para esse elevador”. Aí saímos do elevador e ela: “quem é?” Falei: “é aquele ali”. E aí tipo, fui pra perto dos meus amigos, comecei a chorar de tipo, não sabia o que estava acontecendo, e eu disse pra eles: “falei pra minha mãe que sou gay.” E eles: “e aí qual foi a reação dela?” Nisso, eles viraram e tava a minha mãe: “ah, me chama de sogra” e não sei o quê, “eu te chamo de genro”. E eu: “gente, peraí, vamos com calma, não era esse o esperado...” (risos). E é branco... enfim... E aí depois ela subiu. Ela teve o momento dela de digerir tudo, mas ela foi muito tranquila.

P – Principalmente a branquitude, né?

E2 – E ela há pouco tempo me perguntou isso também, porque minha mãe também tá começando nesse debate, assim, mais aprofundado dessas coisas, ela tá fazendo agora. Ela está estudando história e não sei o quê, tá lendo, e eu estava falando com ela sobre feminismo negro e da solidão da mulher negra e de dificuldades e não sei o que e blábláblá e de interesse do homem negro etc. e em algum momento resvalou também na parte da solidão do homem gay negro e não sei o quê, ela: “é, mas eu nunca te vi namorando um negro né, meu filho?” Aí eu: “mas já aconteceu sim, tá. Você que não viu.” Ela: “pois eu não vi.” Eu: “garota, você ainda tá com isso na cabeça? Que é isso cara?” Mas enfim, essa é a minha mãe. Ela é ótima.

P – Beleza, tá acabando. Só tem mais duas perguntas. A penúltima é: quais caminhos você enxerga pra resolver os problemas dos quais tratamos nesta conversa?

E2 – Como isso tudo vai ser resolvido? Assim: um dia o Trump vai xingar o cara da Coréia do Norte, os dois vão apertar o botão vermelho, as bombas atômicas do mundo vão explodir, a Rússia vai ficar puta da vida e vai resolver explodir também e acabou a humanidade e é isso, acabou o preconceito.

P – (risos). Fora isso.

E2 – Fora o caminho ideal? Aliás o ideal seria se essas bombas só matassem as pessoas mesmo, deixa o resto, deixa a natureza. Ó que lindo que ia ficar! Mas ok, o caminho passa pela educação, porque a educação salva, passa pelo debate honesto, passa por entender seus privilégios, saber o momento de abrir mão dele, saber que abrir mão de privilégios não significa deixar de ter coisas, só significa você tentar construir um mundo justo e... novamente amor e respeito pelas pessoas, por todo mundo. Se todo mundo se respeitar e se amar, eu acho que 99% já vai... todo mundo botar na cabeça que pessoas são pessoas e que devem ser respeitadas e amadas só por isso, carinho salva, carinho é um remédio melhor do que muita medicina. Um abraço produz tanta coisa boa, um afago, um carinho é tão bom que se a gente passasse a dar mais carinho, a olhar no olho e ter mais empatia, não só empatia, e aí é um texto que eu estou devendo a leitura, na verdade um texto que é retirado de um livro que eu estou devendo a leitura de ambos mas ok, que é assim, esse texto diz que só a empatia não basta, porque pela empatia que é você se colocar no lugar do outro, você... andar uma milha nos sapatos do outro e ver tudo que aconteceu na vida daquela pessoa, o que levou aquela

pessoa até aquele momento com esse pensamento você consegue justificar toda e qualquer ação, ainda que seja uma ação ruim, porque você vai estar vendo pela perspectiva daquela pessoa e levando tudo até ali. Ele diz que nós devemos analisar as ações com empatia, mas também com consciência. Sabe, devemos saber o que levou aquela pessoa até ali e saber se aquela ação é justa em alguns casos, né? E é isso, você aprender a analisar as questões por um prisma ético, saber o que levou até ali e como aquilo deve ser tratado, sabe? Tipo, o que te levou até aqui foi uma situação A ou B, e por isso uma sanção C deve ou não ser aplicada, ou por isso um caminho D deve ser seguido, e isso não é só se colocar no lugar do outro e ver que ele está certo. É ver e analisar com simpatia aquele caso, sabe? Mais ou menos isso. Acho que é isso, só...é que no final cai também pelo amor quando você tem uma visão amorosa pelas pessoas, você não vê as pessoas só como números ou como coisas porque... isso é uma coisa que o ser humano consegue fazer e que desperta o pior dele. Tem um experimento que foi feito, acho que em Stanford, nossa, eu tô muito chato pra caralho, e é a mesma pessoa que começou falando “o debate é muito acadêmico”, dois tapas na minha cara. Mas enfim, tem um experimento de Stanford, porque eu falei isso que não podemos nos ver como números, que pegaram estudantes e o experimento era pra ver realmente essa coisa interna do homem de como... do homem pessoa né, de como ele trata o semelhante quando ele deixa de ver a pessoa como um ser humano. E eles simularam uma prisão e aí foi feito um sorteio absolutamente aleatório, alguns estudantes viraram os guardas e outros viraram os prisioneiros. Os prisioneiros deixaram de ter nomes, eram números, e os guardas eram só senhor oficial, alguma coisa assim, e foi um experimento que tipo, saiu do controle, as pessoas se agrediram, quase se mataram, porque os guardas começaram a ver os prisioneiros como prisioneiros, eram apenas um número, começaram a bater neles e os prisioneiros começaram a brigar entre si e tipo, não era uma situação onde... ninguém tinha cometido nenhum crime, eram estudantes de Stanford, tipo tiveram o melhor que a sociedade pode dar porque pra você entrar numa Ivy League, porra... e eles chegaram nesse nível. Por quê? Porque eles deixaram de se ver como pessoas, sabe? Então exercer o amor, exercer a simpatia, ver as pessoas como pessoas e entender quem são ajuda muito. A gente sai desse estado primitivo e evolui, a gente faz o que deveria ter feito há muito tempo. Final de 2019, quase 2020, último trimestre de 2019 e ainda não tem um robô limpando isso aqui, a gente tá debatendo outras coisas. Debatendo o direito das mulheres, debatendo os direitos LGBT, cara... com amor isso teria sido resolvido há muito tempo.

P – Certo. A última pergunta agora. Como se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca? Se você acha que seria diferente, melhor ou pior se fosse entrevistado por um homem negro, por exemplo. Se você se sentiria mais à vontade. E se você tem alguma recomendação para a pesquisadora.

E2 – Achei que você fosse falar por uma mulher negra. Aí eu ia falar: Então, se fosse a Oprah me entrevistando, realmente. Olha eu gosto muito de você, mas infelizmente é isso (risos). Foi uma surpresa quando vi que você era branca, não vou mentir. Foi tipo, o “(nome do amigo)” me falou que tinha uma pessoa fazendo a pesquisa sobre Homens Negros no Mercado de Trabalho, eu falei: “legal, vou conhecer uma mina negra estudando aqui, vou chegar e já vai ser aquela conexão, aquele abraço”. Mas assim, como eu falei, parte do problema tem que ser parte da solução, que bom que tem uma pessoa branca disposta a estudar um pouco disso e ver o que acontece, porque se só eu debater com os meus... se o meu debate com os meus é de que os seus, que na verdade somos todos nós, mas enfim... se o meu debate com os meus é que os seus não estão nos vendo corretamente, que os seus não estão prestando atenção, que os seus não estão fazendo isso ou aquilo, e eu não pego e falo, viro pra vocês e: “oi, então, nós estamos aqui também, nós

desempenhamos função tão bem quanto qualquer outro, vamos?” Nada vai acontecer, sabe? Então é muito bom que pessoas brancas estejam... eu tenho uma amiga branca que ela faz... estuda filosofia africana e eu acho muito legal. Ela é a única branca da sala, mas é muito legal porque ela leva diversos debates pro meio dela, sabe? Para os amigos dela, e tem coisa que ela traz pra mim que eu não conhecia. Enfim, isso gera conhecimento, isso agrega, isso é bom. Eu acho que só... junta, só faz bem, então gostei. Se fosse um homem negro seria tão legal quanto, mas talvez corresse o risco... até mesmo... e aí vem uma parte de racismo acadêmico, um homem negro apresentando um trabalho sobre homens negros no mercado de trabalho e dizendo que há um problema para ser resolvido, a banca branca vai ver como um homem negro reclamando da vida. E as bancas são majoritariamente brancas, né? Então, uma banca branca vendo uma mulher branca falando sobre homens negros, talvez preste até mais atenção e leve uma sementinha do debate pra dentro daqueles que talvez nunca tenham pensado nisso e cria ali uma coisa que vai reverberar e continuar. Então pode ser algo muito bom sim, então gostei bastante.

P - E se tem alguma recomendação pra mim?

E2 – Não.

P – Ok (risos).

E2 – Foi legal. Foi bom.

P – Beleza. Obrigada.

E2 – Foi isso? Falei rápido dessa vez. A recomendação é mandar alguns entrevistados ficarem quietos sabe? Às vezes o cara fala muito. Ele começa a falar e não para. Pode tipo: “ei, tá bom, já respondeu”.

P – (risos). Imagina, foi ótimo.

Agradecimentos.

TRANSCRIÇÃO TERCEIRA ENTREVISTA

Entrevistado 3: Maicon, 25 anos, Graduação Completa em Engenharia Mecânica, Auxiliar Financeiro, Solteiro, Cristão*, Classe D, Heterossexual, Negro, Gênero Masculino.

P - Pesquisadora

E3 - Entrevistado 3

*Quando perguntado sobre a religião, o entrevistado explicou o porquê de ser cristão. De acordo com ele:

E3 - Quando me perguntam eu falo que sou cristão, né? Mas é algo que eu acho que tem um pouco a ver com ser negro ser cristão, sabe? Outro dia eu tava vendo um filme na Netflix, ele conta sobre um príncipe africano que sofreu abuso na igreja e tem uma cena que mostra o policial entrevistando um padre negro. E aí eu conversei com uma amiga minha e falei: “cara, não deveria existir padre negro.” E tipo, eu fui criado no candomblé... minha mãe, na real. Eu nunca fui muito religioso. E ficava nesse meio de candomblé e igreja, igreja evangélica. E hoje em dia minha mãe é missionária da igreja evangélica. Ela me pressiona muito pra ir pra igreja, sabe? Tem aquela questão da culpa evangélica. A igreja teve uma função social muito importante na minha vida durante um período. E tem essa questão, porque historicamente a igreja não é um lugar para negros. Isso é meio difícil pra mim, me identificar com a doutrina, com a ideologia que Cristo pregou. É meio difícil eu estar ali. Então hoje eu não frequento lugar nenhum. Eu fico bem comigo em casa, basicamente. É uma questão muito complicada, eu acho.

P - E você conversa sobre esse tipo de coisa com a sua mãe ou é uma coisa mais sua?

E3 - Eu não posso conversar sobre essas coisas com a minha mãe. É muito complicado... cara, eu amo a minha mãe, minha mãe é maravilhosa, é um amor de pessoa, amorzão mesmo. Tipo, se ela te conheceu hoje, amanhã você é filha dela, sabe? Trata todo mundo muito bem. Só que tem essa questão da religião, que ela é muito... ela se dedica 100% pra isso, ela se achou ali. Cara, antes da minha mãe estar na igreja, ela era passista de escola de samba. Ela era do candomblé, era uma pessoa muito diferente do que é hoje. E ela teve uma transformação ali também.

P: E aconteceu alguma coisa para ocasionar essa transformação?

E3 - Ah, aconteceu... é porque a gente sempre foi uma família classe média. Isso lá atrás. E ela perdeu o emprego, se separou do meu ex-padrasto, e aí a gente tava numa crise financeira bizarra. Eu tinha 14, 13 anos... por aí, mais ou menos. E até então eu tava acostumado com uma realidade diferente, eu estudava no “(nome do colégio particular)”, é caro pra caramba. Então, eu tava acostumado a estudar sempre em colégio particular, sabe? Eu tinha certos privilégios que meus amigos não tinham, apesar de morar em “(nome do bairro periférico)”. Eu conhecia várias pessoas que entraram no tráfico depois, vários amigos que hoje estão presos ou morreram. Vários... infelizmente. Poucos conseguiram não entrar pra esse lado, poucos conseguiram sobreviver. E a maioria dos que sobreviveram são brancos. A maior coincidência, né? Infelizmente. E aí teve esse problema financeiro na nossa família, e a gente passou muita dificuldade. E aí a igreja foi de uma ajuda muito grande, de eles irem lá e fazerem compras pra gente, pagar luz... coisas inimagináveis. E eu tenho esse sentimento de gratidão... Eu já fui muito militante, sabe? Quando eu era mais novo. Já fui do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado), já fui do PSOL (Partido

Socialismo e Liberdade), hoje eu tô mais ou menos. Só que assim, a realidade é outra do que estão acostumados os militantes de esquerda, ainda mais na bolha que as pessoas vivem. Hoje a esquerda tá muito mais na universidade pública, a esquerda tá na classe média alta, onde ela não era pra estar, sabe? É o que eu falo, toda essa questão do Bolsonaro, a igreja por trás dele, a própria igreja evangélica que a esquerda adora bater... só que, cara, ninguém faz a função social que a igreja faz. O pastor vai na boca de fumo e salva alguém que está prestes a ser morto. Ele faz as coisas que o Freixo (famoso político brasileiro de esquerda) não faz. E é isso que importa para as pessoas. Infelizmente, é tudo muito bonito, vale a pena lutar por isso, eu pelo menos acho, só que a realidade é muito cruel. E é isso que fode, sabe? Esse que é o problema todo. E ali, pra mim, a gente passou por todo esse problema, até a gente ir se adaptando a toda a nova realidade de vida... e aí, eu estudava lá em “(nome do bairro periférico)”, no “(nome do colégio particular)”, e no ano seguinte eu comecei a estudar aqui no Rio, num colégio público. E, cara, tinha uns amigos meus que vendiam laranja antes da escola pra poder sobreviver. Era uma outra realidade... ter saído de uma escola de onde as pessoas iam de carro todo dia, todo mundo tinha carro novo, pra ir pra uma escola onde um colega meu de classe tinha que vender coisas pra ajudar em casa. E ter operação da polícia e parar a aula, sabe? Então foi um choque de realidade que eu acho que foi necessário pra minha vida, pra construir meu caráter. E é isso, dali eu consegui ir pro “(nome do colégio federal)”, porque na escola que eu estudava tinha um convênio, e quem tinha nota boa conseguia ir... é meio esquisito, porque é um sistema meritocrata e não tinha que ser meritocrata, né? Você tem que ter nota boa pra ir, ok..., mas a realidade é que nem todo mundo vai conseguir estudar. Então você acaba mantendo o padrão. As pessoas que estão relativamente ali no topo vão continuar no topo. O meu amigo que vendia laranja não ia conseguir tirar nota boa o suficiente pra poder ir pro “(nome do colégio federal)”. Eu conseguiria, sabe? Por mais que eu tivesse toda a dificuldade, era uma outra realidade, ainda assim. Então é isso, eu acho que esse choque foi muito importante pra mim... e eu até esqueci qual era a sua pergunta.

P - Era sobre religião, pra você me contar um pouco como que a sua mãe se converteu.

Entrevistado: É isso, e hoje a minha mãe é muito agarrada à igreja. Ela fala exatamente isso: “você não vai? Esqueceu de tudo que aconteceu com a gente? Tudo que fizeram pela gente?” E eu falo: “não, mãe. Não vou. Desculpa, mas não vou.” E é isso, sabe?”

P - Como é ser um homem negro no mercado de trabalho brasileiro?

E3 – É difícil pra caramba. Porque assim, eu já fui estagiário da “(nome da empresa)”, de engenharia. E cara, lá só tinham 2 estagiários negros, era eu e mais um, e tipo, um ambiente com 20 estagiários e tinha também esse choque de realidade grande lá porque tinha estagiário que ia de BMW pro trabalho, sabe? E a gente tinha que ir de ônibus, morando em “(nome do bairro periférico)” e tipo... é complicado, porque eu nunca pude deixar o meu cabelo grande, tinha um rapaz que trabalhava comigo e era negro também, que ele era técnico de segurança do trabalho e ele era uma das pessoas que reclamava quando eu tava com o cabelo grande: “Corta essa porra. Corta esse cabelo que tá ridículo.” Então eu cortava, porque sempre gostei de ter o cabelo baixo mesmo, mas mesmo assim acho desnecessário, sabe? Achava que ele era uma pessoa que não era identificada com a sua cor. É muito complicado porque todo mundo espera outra coisa de você, sabe? Apesar de eu ser muito grato pelos chefes que eu tive, coincidentemente todos eles entendem muito bem essas questões. Assim, é muito peculiar a minha situação ali... quando eu comecei eu trabalhava na qualidade, e tinha uma chefe que era a “(nome da chefe)”, que ela passou muita dificuldade, veio de “(nome do bairro periférico)” também, ela passou pelo “(nome do colégio

federal)”, sabe? Tem as raízes parecidas com a minha... ela não é negra, é igual a você, é branca, tipo morena. E só que assim, ela é lésbica, sabe? Só que na época lá você não necessariamente pra ocupar os cargos, você precisava ter um diploma, vamos dizer assim. Ela ocupava uma posição muito alta que era de RP, e sem estar formada como engenheira, era como técnica, ela tava se formando ainda. Porque tipo assim, a maturidade dela era algo muito superior das outras pessoas, sabe? Ela tava num nível muito diferente. E isso causava muitas vezes inveja nas pessoas e além do machismo que ficar muito mais aflorado, sabe? Tinha eu, a minha líder e a minha chefe, e tipo, tinha vários outros engenheiros formados que estavam abaixo dela, sabe? Por mais que fosse em outro setor, estavam abaixo dela e isso causava muitos problemas. Ela é uma pessoa que fazia muito por nós que estávamos na equipe dela, mas quem tava fora tipo, nem aí, sabe? Fazia o que era necessário pela gente... e tipo, as pessoas não gostavam dela e eu sentia muito machismo ali, muito, muito. Todo mundo sabia devidamente que ela era lésbica, mas ninguém chegava e falava na cara dela algo do tipo, mas falava por trás. A gente saía pra beber em “(nome do bairro na Zona Sul)”, nego só bebia, ficava bêbado só um pouquinho e começavam as piadinhas sem graça. Tipo tinha uma amiga minha, que era a “(nome da amiga)” que era muito amiga da “(nome da chefe)” e ficava muitas vezes ouvindo piadinha sem graça pra cacete, sabe? Mas infelizmente a gente tava num ambiente corporativo em que a maioria era homem. Eu tive um chefe, o meu segundo chefe, que falou “Pra gente crescer aqui dentro da “(nome da empresa)” tem que ser homem, tem que ser baiano e tem que ter parente aqui dentro também. Eu, o máximo que consigo chegar aqui é subir umas duas posições, talvez o meu filho possa ser alguém grande aqui dentro, mas fora isso amigo, se tu for fora desses três aqui (parâmetros) ou pelo menos dois, tu tá ferrado e não vai crescer aqui não.” E era isso, um ciclo vicioso... lá tinha... em mais de 70% dos cargos altos homens baianos. O que menos tinha era carioca, por incrível que pareça, os cariocas eram estagiários e... é isso, ela foi muito generosa comigo, ela me ajudou muito, muito, de uma forma que eu não posso retribuir. E depois eu fui pro meu outro chefe que foi o “(nome do chefe)”, quando eu trabalhei na produção, que era também um cara super incrível, ele é uma pessoa que vem de uma renda um pouquinho maior, o pai dele tem um cargo alto no exército, ganha bem. Só que ele sofreu uma covardia da empresa em uma situação, ele era branco também, só que ele entendia as coisas que eu passava. Eu liguei pra ele e falei: “Pô, hoje não vou poder trabalhar porque tá tendo tal coisa aqui em casa.” Cara, tipo... o meu vizinho, a polícia federal parou o meu vizinho, sabe? E olha que eu não morava em comunidade, nem nada do tipo, só que ele tava envolvido com roubo de carga, tipo carro forte, um negócio muito bizarro. Cara, você nunca vai imaginar, você tá saindo pra trabalhar e a polícia federal: “Você pode ajudar a gente?” Porque tem que ter uma testemunha pra quando eles vão fazer vistoria na casa da pessoa. “Não amigo, eu tenho que ir pro trabalho.” Meu amigo tava me olhando e ele falou: “Não, ele vai pro trabalho atrasado.” E cara, eu falei isso pro meu chefe e tipo, é bizarro, sabe? Primeiro dia de trabalho e acontece um negócio desse. E tipo, é isso, sabe? E eu tive essa sorte, mas nem todos tiveram, infelizmente as pessoas estão mais preocupadas com o delas do que com o dos outros e isso acho que atrapalha, o egoísmo, sabe? Que nem eu te falei cara, reciprocidade é tudo. Na minha vida foi assim, as pessoas me ajudaram sem eu fazer nada por elas, por que eu não vou ajudar as pessoas sem esperar nada? Acho que a vida tem que ser assim. A sociedade só vai melhorar eu acho, quando a gente começar a pensar assim. A sociedade é viver em grupo, né? E viver em grupo tem a ver com isso. Te respondi?

P – Beleza. Sim. E você já sofreu alguma discriminação por ser negro?

E3 – Ah, muitas vezes.

P – Pode contar?

E3 – Uma vez eu... eu odeio um lugar chamado “(nome de bairro de classe alta)”, e a minha irmã trabalha lá.

P – Você odeia?

E3 – Eu odeio. Porque é um lugar que eu não me sinto bem, só tem branco e quem é preto lá é empregado. E cara, uma vez eu fui lá e tinha uma senhorinha andando na mesma calçada que eu, só que eu tava bem arrumado, trabalhava de camisa social, apesar de ser do estágio. E tipo, a senhorinha atravessou a rua quando ela me viu e passou por mim e deu a volta... caralho, que escrota. Uma vez eu fui visitar a ex-namorada quando ela trabalhava em “(nome do bairro de classe alta)” e que eu fui pedir uma informação pra uma menina que tava passando lá também: “Você sabe onde fica tal escola?” Cara, ela tomou um susto quando me viu. Então são coisas muito sutis, sabe? Que acaba incomodando muito. Esses lugares são muito... é muito assim, é muita gente branca, com renda alta e que tem negros como os empregados. E no trabalho, as pessoas muitas vezes demoram pra confiar em você. É porque eu particularmente sou uma pessoa que lida muito bem com as pessoas, eu sou uma pessoa que no trabalho sou muito querido, então é isso, eu me dou bem, faço a política da boa vizinhança, então inevitavelmente eu sofro bem menos na relação com os outros, sabe? Mas tipo, é porque o racismo... uma vez escrevi um artigo ajudando uma amiga minha que tinha que fazer um trabalho pra faculdade, escrever um artigo a partir de um livro de uma pessoa negra que falava que o racismo na Bahia não existe porque os negros lá conseguiram cargos de poder. Sabe, você vai olhando ali e vê que não é bem assim, é um racismo velado, sabe? Que é o que prevalece no Brasil, ninguém vai falar pra você... vai te xingar de macaco ou coisa do tipo, é muito difícil, mas as pessoas são sem perceber, sabe? Vão ter atos racistas e não vão ter consciência que são racistas nem que os atos delas são racistas. E é o que o livro falava basicamente. Beleza, as pessoas chegaram no poder porque não tinham opção, não foi porque aqui é uma sociedade igualitária racialmente, não foi por causa disso, não tinha opção, tinha que ser e... e ali eu escrevi um pouco sobre o racismo velado que existe no Brasil. E é muito isso o dia a dia, sabe? Lá no trabalho, por exemplo... eu trabalho muito com dinheiro, então, cara, hoje eu fui ao banco fazer um depósito e o segurança ficou atrás de mim o tempo todo, ficou me encarando. Eu fui lá pegar um cheque devolvido com o gerente do banco que é meu colega também e o segurança me perseguindo, sabe? E eu ache desnecessário, e esse cara aí é negro também. Tipo, o negro tá sendo racista, mas sem perceber. Se você vai num supermercado aqui, os que tem catraca, principalmente, o segurança vai te seguir, cara. Isso é normal. E é uma merda porque você não pode falar nada que vai ficar errado. Quando na real não está. Ontem eu tava conversando com uma amiga minha, professora de inglês. Ela é branca, loira e mora em “(nome do bairro de classe alta)”, e tipo, tem a renda razoável, sabe? E ela tava fazendo uma crítica sobre o filme do Coringa e eu tava um pouquinho discordando dela e dando um exemplo sobre o racismo e tal. E eu falei: “Pra mim, hoje, se eu falar que fogo nos racistas, é fogo nos racistas, porque eu não aguento mais, sabe? Ninguém aguenta mais.” E conversando com um amigo que militou muitas vezes comigo no PSCU também, que ele é gay. Ele falou: “Pô, acho que a gente chegou num momento hoje onde as pessoas que sofrem muito preconceito estão cansadas de passar a mão, cansadas de sofrer caladas. É fogo mesmo!” Não tem mais tempo pra ficar educando, sabe? Eu não sei se essa é a abordagem correta, eu acho que eu nunca vou descobrir. Claro que se você quiser conversar qualquer coisa sobre o assunto, claro que eu vou conversar contigo, mas minha primeira abordagem hoje pra algumas pessoas é um pouquinho agressiva, sabe? É muito complicado... você

tem que ter paciência pra você educar a pessoa... é o certo, mas ninguém tem saco mais pra isso, entende, Isadora?

P – E você acha... tem um pouco a ver com o que você falou, essa terceira pergunta. Você acha que as pessoas acreditam que existe racismo no Brasil?

E3 – As pessoas não acreditam que existe racismo no Brasil. É porque é isso, você tem que estourar a bolha. Se você olhar no meu Facebook, claro que as pessoas vão falar que existe racismo no Brasil, mas se você estourar a bolha e for lá no meu trabalho, as pessoas vão falar que não existe racismo no Brasil. Você vai na “(nome da empresa)” e vê esse choque de realidade, você tem pessoas de várias camadas sociais ali, e cara, ali você vê que a realidade é diferente. As pessoas falam coisas diferentes, tipo lá no meu trabalho hoje. Cara, lá é uma firma... lá é um lugar muito peculiar, lá você trata cliente xingando ele. Tem uma certa intimidade diferente, sabe? As pessoas te tratam de forma mais sincera mesmo. Hoje mandei até um áudio pra um rapaz que eu trabalho com ele, ele me mandou um áudio de manhã e não me xingou. Eu falei: “Porra, tá chateado comigo, cara?” Lá é diferente, sabe? E lá eu não tenho nada que reclamar das pessoas que trabalham comigo, são tudo gente fina, coração bom, honestos. Acima de tudo honestos. Lá é muito fácil roubar, muito fácil de ser ladrão, tem muito dinheiro, as pessoas sonégam muito imposto, então é super fácil de roubar, tanto pro vendedor como pro comprador. As pessoas que trabalham são muito honestas, só que votaram no Bolsonaro, sabe? E por mais que elas tenham... o pensamento um pouquinho progressivo, só que votou nele por causa da sua realidade, você precisa de emprego, você precisa de dinheiro, e se você fala que essas pessoas são racistas, elas falam que não, e várias vezes elas são racistas, sabe? Eu tenho um pouquinho mais de paciência porque é meu trabalho, mas às vezes eu fico puto. Tinha um rapazinho lá, um cara que vendia... ele faz intermédio entre transportador e a gente, ele ganha por fora e tem o rapaz que trabalho comigo, ele é tipo... branco e mora na “(bairro de classe alta)”, sabe? Esse rapaz que faz o intermédio ele é negro e meio coroinha, gente fina, uma figura, é uma pessoa peculiar, você brinca com ele pra caramba, é diferente, só que assim... só um pouquinho pra você entender a realidade da outra pessoa. Lá são dois, tem o “(nome da pessoa 1)” e o “(nome da pessoa 2)”. O “(nome da pessoa 1)” é uma pessoa um pouquinho mais... que trabalhou mais pra chegar onde tá. O “(nome da pessoa 2)” nem tanto, sabe? E tem esse rapaz que é o “(nome da pessoa 3)”... e é óbvio que ele vai fazer isso, ele manda o preço do transporte pra mais alto porque é onde ele tira o dinheiro dele, sabe? Tipo o “(nome da pessoa 2)” não entende isso, sabe? Por várias vezes trata esse rapaz de forma racista sem perceber, não xingando ele de macaco, mas sendo racista mesmo... lá no Facebook dele, vendo a irmã desse cara aqui, vendo que ela era uma negra ou seja, sendo escroto: “Ai caralho, que mulher feia, parece um cachorro.” Sem respeito pra caralho e achando que tava sendo engraçado. O “(nome da pessoa 1)” é uma pessoa que vai rir da piada, só que ele vai entender, tipo, porque é o dinheiro dele, é o ganha pão dele, tem que jogar pra cima mesmo, sendo amigo da gente ou não, sabe? Então, tem esses exemplos e eles doem em você. Mas eles vão achar que não existe racismo, que é uma coisa normal. Tem isso, depende muito de pra quem você vai perguntar, se perguntar pra mim vou falar que sim, se perguntar pra um desses dois aqui, vão falar que não.

P – E como é a sua relação com trabalho? Ele é importante pra você?

E3 – É um dos motivos que me fez continuar na “(nome da empresa)” por mais tempo, sabe? Lá como estagiário eu ganhava R\$1.590, e depois eu ganhei R\$1.700 e tinha os outros benefícios ainda. Era um salário bom pra época, como estagiário então... ninguém paga isso. E é o que eu falava pro outro estagiário negro: “A gente tá aqui hoje, trabalha pra caramba...” – entrava lá 7

horas da manhã e saía de lá... não tinha hora pra sair, várias vezes saía de lá meia noite – “a gente não tem escolha cara.” Eu trabalhava com engenharia civil e eu sou engenheiro mecânico e eu não tinha escolha, tinha que ficar. Ganhava bem, relativamente bem, trabalhava pra caramba, tava numa grande empresa, eu não podia simplesmente pedir pra ir embora, sabe? E eu tinha uma relação muito peculiar com o meu chefe na época, a gente era muito amigo. E era um pouquinho diferente dos outros chefes, teve um dia que os outros estagiários fizeram um motim lá porque eles não queriam trabalhar tanto como trabalhavam. E tipo, o gerente geral da obra falou: “Vou mandar todo mundo embora se amanhã continuar isso aí.” E o “(nome do chefe)” falou isso pra gente e a gente não participou né, era eu e mais uns estagiários, e a gente não participou desse motim. Então a gente tinha essa relação peculiar. E era assim com algumas outras pessoas que sabem o valor do dinheiro e é isso, é necessário o trabalho. Hoje eu trabalho num lugar que eu não me sinto confortável, eu não faço o que eu estudei, eu não faço o que eu gosto. Eu preciso estar lá porque eu preciso de dinheiro, é só eu e minha mãe, desde sempre foi assim, então eu tenho que ajudar em casa.

P – E com que idade você começou a trabalhar?

E3 – Aí é o meu privilégio, comecei a trabalhar com... acho que foi com 20 anos. É, 20 anos, quando a gente teve essa crise em casa, mas mesmo assim mesmo tendo essa crise financeira, a gente teve um certo privilégio de tipo, não preciso parar de estudar pra trabalhar, eu vou começar a trabalhar depois que terminar os meus estudos. Depois que eu terminei o técnico em mecânica que eu comecei a trabalhar, e a maioria não teve esse privilégio.

P – E como é em média a educação para um jovem negro no Brasil?

E3 – É difícil. É que estatisticamente falando, eu não posso te dizer agora, né? Mas, na faculdade... eu fiz faculdade particular. E na faculdade particular, graças ao FIES (Financiamento Estudantil) principalmente, o que mais tinha eram pessoas negras e pessoas de classe média baixa, como não deveria ser... O ensino no Brasil é elitizado, o ensino público no Brasil principalmente... o ensino público de qualidade. Porque o ensino público de baixa qualidade não é elitizado. Um exemplo foi quando eu mudei da escola particular pra escola pública, e depois pra universidade privada. Mas tipo, eu sempre frequentei muito o ambiente da universidade pública, até hoje eu frequento. Então eu sei um pouquinho dos dois lados do negócio, e é isso, é elitizado pra caramba. Pra um negro chegar lá é muito difícil, tem que fazer, tem que ser... quando você é negro você aprende que você precisa dar 10 vezes mais pra chegar perto de onde você deveria chegar e é complicado.

P – E como foi o seu caminho pra chegar até a universidade?

E3 – Eu fiz o “(nome do colégio federal)” e aí me formei, e eu queria começar a faculdade logo, só que eu fiz um erro de escolha aí. Mas eu não julgo como erro de escolha, mas eu poderia ter escolhido uma universidade pública na época, só que eu queria muito continuar no “(nome do colégio federal)”, fazer engenharia mecânica lá, e aí eu apostei todas as minhas fichas lá, achei que ia passar na reclassificação, mas não passei e... se eu tivesse tentado passar pra “(nome de universidade pública)” por exemplo, que a nota de corte é bem menor, talvez eu teria conseguido, mas eu não me arrependo disso não. Tem uma amiga minha que estudou comigo, ela tá mais de 7 anos pra se formar, e tem a questão da greve, em janeiro vai entrar em greve de novo, então assim... eu não posso fazer isso, porque tem a questão do financeiro também. Ou seja, a gente trabalha cedo pra render cedo, isso é uma escolha que eu tive que fazer na época: vou fazer uma faculdade particular que eu me formo mais cedo, não vou ter muita dificuldade mesmo, pra mim todo período

foi tranquilo... Eu tive a dificuldade de relacionar o estágio com a faculdade porque num momento da vida eu vi que precisava escolher entre ser um bom aluno ou um bom profissional, eu vi isso na prática lá na “(nome da empresa)”. E eu escolhi ser um bom estagiário porque eu precisava da renda. E aí comecei a faltar, perder aula, perder um monte de coisa, porque eu precisava estar ali. Reprovi uns dois períodos, que eu tive que correr atrás pra recuperar depois. Porque é isso, num momento você chega e abandona: “Não, não vou mais pra faculdade porque não tem como. Faltei tanto que não fazia sentido ir.” E... Qual foi a sua pergunta?

P – Como foi o seu caminho pra chegar até a universidade.

E3 – Então aí... na época eu escolhi a universidade privada.

P – O que você acha do sistema de cotas?

E3 – Necessário né, mas não é o ideal. Mas é o necessário, eu acho. Porque você precisa de algumas coisas pra nivelar a distinção racial, toda a dívida passada. São muitos anos de escravidão, são muitas gerações prejudicadas, sabe? Inevitavelmente você precisa nivelar isso de alguma forma. Não é o ideal, é uma medida paliativa que não vai solucionar o problema, mas vai ajudar um pouco. O problema é que a gente não tá fazendo nada pra solucionar o problema, né? A gente tá piorando só. Mas ainda sim é uma medida boa e necessária.

P – Você já foi promovido nessa empresa que você trabalha ou em alguma outra anterior?

E3 – Não. É porque eu tive três empregos basicamente. Eu trabalhei como... não, foram quatro empregos, mas vamos lá... minha trajetória profissional é curta. Antes de começar a trabalhar na “(nome da empresa)”, eu trabalhei como atendente de *call center*, fiquei um mês só, um mês e meio, e aí fui pra “(nome da empresa)” logo no início da faculdade. Eu tive sorte de começar a fazer estágio logo no início da faculdade no primeiro período, e aí fiquei lá um ano e meio. E nesse estágio eu fui promovido, entre aspas, não efetivamente, mas eu ganhei um aumento de salário. E aí depois eu saí do estágio por opção própria. Por mais que eu precisasse muito do dinheiro, eu não me sentia bem. Cara, lá eu tinha que fazer muitas coisas que não eram lícitas algumas vezes, sabe? E era complicado lidar com a consciência, passar por cima de uns valores meus, por exemplo, e acima disso tudo eu tava trabalhando num lugar que era tóxico, muito estressante, eu trabalhava além do horário e... era engenharia civil principalmente, não era engenharia mecânica. E eu num momento parei pra pensar: “Cara, essa não é a vida que eu quero pra mim não.” Trabalhar de sete à meia noite, ter que trabalhar final de semana, feriado, carnaval por exemplo, perdi dois carnavais. Trabalhei todos os dias. E como eu era muito amigo do meu chefe eu falei: “Pô, preciso da tua ajuda aí. Vou conversar com você como amigo. Eu não sei o que eu faço, se eu saio hoje ou se eu fico. Preciso da renda mas preciso me conhecer um pouquinho melhor.” Naquela época eu tava começando a aprender sobre o autoconhecimento. Ele falou: “Vamos fazer o seguinte então, eu não quero te perder, mas sei que é necessário pra você se conhecer também. Você fica aí até você arrumar alguma coisa.” E fui ficando assim, só que eu não conseguia arrumar nada e depois ele teve que sair porque ele teve uns problemas lá e... aí eu saí do estágio e comecei a correr atrás da faculdade, eu também precisava me formar cedo. Mas aí eu comecei a pensar se era necessário eu me formar cedo porque tipo... a crise tava começando a aumentar... só que enfim, eu corri atrás das coisas, e eu comecei a militar lá na faculdade mesmo, tinha muita coisa errada lá, muita coisa errada. E aí eu comecei a trabalhar num escritório com um colega da família, que era... eu tipo, ajudava ele de maneira geral, algumas coisas relacionadas à nota fiscal, coisas assim. Mas não era

de carteira assinada. Aí eu fiquei um tempo lá, depois saí, fiquei desempregado um bom tempo, só voltei a arrumar emprego agora nesse ano. Então não tive tempo de promoção ainda.

P – E como é o ambiente organizacional dessa empresa que você trabalha?

E3 – É isso que eu te falei, bagunçado. Hoje que estão tentando organizar, hoje. Mas são 30 anos de empresa que são desorganizados pra caralho. Hoje por exemplo a menina responsável pelo RH de São Paulo me mandou uma mensagem falando pra eu auxiliar o pessoal abrir conta num lugar específico, porque até então o pagamento era feito só na mão, sabe? Ninguém tinha Rio Card nem nada do tipo, por exemplo. Agora que começaram a colocar essas coisas, sabe, padronizar...

P – E o que você acha da importância de possuir *networking*?

E3 – Ah, essencial. Hoje eu tô num ambiente que eu considero o melhor pra fazer *networking* atualmente pra um jovem, que é na “(nome da fundação)”. Hoje eu sou voluntário lá, porque é a questão do autoconhecimento que eu te falei, eu sou muito grato à fundação e às pessoas que estão na fundação hoje, apesar de ter umas ideias diferentes deles, eu sou muito grato, e hoje eu sou voluntário lá. E acho que ali é essencial pra *networking*. Tem muitas pessoas boas, boa vontade pra ajudar o próximo, é um povo... como posso te falar? Mas são pessoas muito parecidas ali, um ambiente muito parecido. Eu acho que você acaba se condicionando de forma inevitável porque as pessoas procuram os cursos que formam... Você sabe como funciona o sistema organizacional da fundação?

P – Não.

E3 – Porque a fundação tem três pilares, né? O da “(nome da pessoa)” que é o que lidera lá, que é onde eles financiam as pessoas pra estudar lá fora. Tem um que eles não te financiam, mas te ajudam a conseguir bolsa. E tem os cursos e o núcleo na prática, que várias pessoas oferecem e um deles é de autoconhecimento que eu fiz, e tem muitos outros também que acho que são essenciais pra você se conhecer, saber e lidar consigo mesmo.

P – Você acha que te ajudou bastante?

E3 – Ah, em muita coisa. Eu vou te explicar porque esse curso me ajudou e tem um pouco a ver com a questão de trabalho também. Eu fiz esse curso e entrei pra rede, onde tem todas as pessoas que fizeram o curso e que participam de alguma forma da fundação, sabe? É uma pequena sociedade basicamente, e ali eu consegui conhecer muita gente, em agosto fui pra São Paulo participar do encontro e aí conheci muita gente fina, toda galera do país, conheci o Paulo Lemann, conheci o Bernardinho, por exemplo. Então são pessoas que tem muito a ensinar. Por mais que você não concorde com muitas coisas, politicamente falando, mas acho que... parto do princípio que se for algo bom vale a pena ouvir e depois você julga se é certo ou não. E eu conheci a fundação procurando emprego, eu tava fazendo vários processos de *trainee*, mas só que assim, a faculdade te prepara e não te prepara pro mercado de trabalho. A faculdade inevitavelmente, ainda mais se for particular, ela tá preocupada em te jogar pro mercado de trabalho, não tá preocupada em formar pesquisadores, por exemplo. Se você consegue ser pesquisador, se você quer, se você quer, então vai procurar isso. Agora, se você tá na faculdade só pra se formar, você tá sendo formada pra trabalhar. Só que eles formam você pra ser um engenheiro por exemplo, eu fui formado pra ser um engenheiro, não fui formado pra ser um gestor, pra ser um... pra trabalhar com outras coisas, sabe? Nem fui formado pra saber o que eu quero. Enfim, eu me formei, e antes de me formar até, eu comecei prestar processo pra *trainee*, e aí eu encontrei um pouquinho do choque de realidade mais

uma vez, sabe? Acho que foi o terceiro choque de realidade da minha vida. Porque as pessoas que participam do processo seletivo pra *trainee* estão num topo inimaginável. Eu me formei e tava aqui embaixo e tem pessoas muito acima de mim em vários aspectos: experiência, vivência e muitas outras coisas, sabe? Até em pensamento, maturidade. E um dos processos foi muito peculiar, foi da “(nome da empresa)”. Essa empresa é uma das parceiras da fundação, e ali, fazendo o processo, eles fazem umas perguntas que você não sabe responder. Por exemplo: “Qual o seu propósito de vida? Qual o seu propósito de vida, Isadora?” Não é fácil, porque são perguntas que te fazem refletir, e tipo... deixei em branco e não passei porque eu não sabia responder aquilo ali. E aí eles oferecem um curso sobre o processo seletivo da fundação mesmo, e aí eu comecei a conhecer sobre o curso. Eles cobram os cursos mas também dão bolsa e através da bolsa eu consegui fazer o curso de autoconhecimento e aí aprendi muita coisa sobre mim, sabe? Comecei a ter técnicas, ferramentas pra poder me questionar e me conhecer um pouquinho melhor e aí... me conectando um pouco com a minha trajetória de vida por exemplo, que eu consegui conhecer um pouquinho mais o meu propósito: por que eu tava lá? Por que eu escolhi engenharia mecânica? Até então eu tava prestando processos seletivos avulsos, sabe? Qualquer processo... Sendo que lá atrás, eu comecei a fazer engenharia mecânica porque eu sonhava em ser um engenheiro de Fórmula 1, sabe? Então eu comecei a me reconectar um pouquinho com os meus valores, com as coisas que eu valorizo e... qual foi a outra pergunta mesmo?

P – Eu perguntei da importância de possuir *networking*.

E3 – E aí tipo, é isso sabe? Ele te dá um... você conhece as pessoas de qualquer lugar do Brasil e do Rio de Janeiro também, pessoas boas.

P – E você já sofreu alguma discriminação no ambiente de trabalho?

E3 – Já. Aquela questão do negro falar que eu tenho que cortar o meu cabelo é uma discriminação chata, sabe? E velada. As que eu sofro no trabalho, é tudo velada. Inevitavelmente eu tenho tamanho, então as pessoas evitam mexer comigo. Mas eu não mato nem uma barata, sabe? Eu não sou capaz de fazer mal a ninguém, mas inevitavelmente as pessoas têm medo de tamanho, então não vão me xingar diretamente, mas vão fazer o racismo do dia a dia sem perceber. Tipo lá na própria empresa tem pessoas super gente boas, de coração bom, só que eles têm o racismo deles no dia a dia e isso é chato.

P – E você acha que há divisão racial no trabalho? Trabalho de branco e trabalho de negro?

E3 – Ah, com certeza. Eu tava lendo uma matéria ontem eu acho, 75% dos brancos ganham mais do que os negros, sabe? É muito bizarro. É isso, hoje em dia, um pouquinho com o avanço das coisas, os negros estão tentando criar a sua própria rede de negros, sabe? Eu participo de uns grupos desses, que é pra um ajudar o outro. A gente só vai chegar se se ajudar, sabe? É isso, tem pouca referência de... e referência pra tudo, tanto pessoalmente falando, quanto profissionalmente. Tipo, eu quero ser igual aquela pessoa, né? Uma das coisas que me ensinaram aqui por exemplo, na fundação, pra fazer *networking* é bom a gente se identificar com alguém. Eu quero chegar em qual lugar? Eu quero chegar aqui. Quem que tá ali hoje? Essa pessoa é a minha referência, sabe? E é isso, quais são as referências que eu tenho de negro hoje? É difícil, entendeu? Por isso eu acho complicado que a gente viva num lugar sem ter referência, sabe? Eu graças a Deus tive algumas referências na minha vida mas não foram referências corporativas, foram referências que tem mais a ver com... de luta, tipo assim, a minha mãe por exemplo, a minha mãe me criou desde garoto sozinha, uma mulher guerreira pra caralho, apesar de todas as dificuldades ela me criou muito bem.

É uma referência pra mim, sabe? Inevitavelmente até um desenho é uma referência importante, eu acho que é isso. A sua pergunta foi sobre o quê?

P – Foi sobre divisão racial.

E3 – Então... tem, inevitavelmente.

P – E qual era ou é a proporção de pessoas negras nas gerências das empresas ou nas diretorias das empresas que você trabalhou?

E3 – Ah, pouquíssimas. Na minha empresa mesmo não tem nenhum negro na gerência, nenhum, e nem na diretoria. Na “(nome da empresa)” até tinha, mas eram poucos também, quase nenhum. Tipo assim, vamos supor... é que a “(nome da empresa)” tem vários segmentos e eu trabalhava no segmento das realizações imobiliárias aí tinha o “(nome)” que é o presidente, branco. Abaixo dele você tinha o “(nome)”, branco. Aí abaixo tinha o diretor regional que era o “(nome)”, branco também, aí abaixo dele você tinha 3 diretores, os 3 brancos. Seis cargos de topo hierárquico brancos. E abaixo do “(nome do diretor)” tinha o primeiro negro, que era o “(nome)”. E é isso, as pessoas têm na cabeça que todo preto é parecido, e logo de cara falaram que eu era filho do “(nome do funcionário negro)”, por exemplo. Ele usava óculos também, era negro, alto, então filho do “(nome do funcionário negro)”. Ele é preto, preto é tudo igual, então foda-se. Já tinha poucos negros né, o negro você tem como referência, aí você logo assimila um negro ao outro, entendeu?

P – E você acha que há discriminação racial na contratação de candidatos?

E3 – É porque é isso, você tem um pré-conceito, você tem o racismo velado, o preconceito velado, enraizado na sociedade, na nossa cultura, inevitavelmente você cria barreiras na tua cabeça que dali...você vai olhar pra pessoa e vai ter vários pensamentos dela sem ao menos conhecer, sabe? Lá no curso de autoconhecimento a gente tem... uma das coisas que a gente faz ali é sobre... dizer qual a primeira impressão que você tem da outra pessoa, sabe? E é isso, no processo seletivo tem muito da primeira impressão que você tem da pessoa, o processo seletivo é só isso, tem que ter a primeira impressão boa, e a maioria das pessoas que trabalham nesse ambiente corporativo só com pessoa branca todo dia, vai ter uma primeira impressão da pessoa branca diferente da primeira impressão da pessoa negra. Isso é inevitável, não é à toa isso ser refletido nos estagiários por exemplo, que participaram do processo seletivo. A maioria é branco e poucos negros... só que é isso, os mais que trabalhavam lá eram... vinham de uma renda menor e a maioria desses eram negros, 2 negros, eu e mais um, mais um outro que morava também lá em “(nome do bairro periférico)”, mais um outro, que era branco, mas eram os que mais trabalhavam porque eram os que mais precisavam, sabe? Não que isso seja uma coisa tipo, necessária, “eu tenho que contratar alguém que é pobre e vai trabalhar mais.” Não necessariamente, tem que contratar o que você acha melhor pra você, sem querer ser meritocrata, mas o que você julga melhor. Só que inevitavelmente na prática era isso que acontecia, sabe?

P – O que representa estar desempregado, pra você?

E3 – É horrível. Horrível. É bom que você não faz nada, fica relaxando todo dia, mas você precisa de dinheiro pra viver. Eu tenho vários questionamentos sociais, sabe? A gente vive pra trabalhar ou a gente trabalha pra viver? E é complicado, porque se você não trabalhar você não vive também, a não ser que você venha de uma família rica, você não vive. Se você trabalhar a chance de você viver é pouca também, tipo, eu trabalho de segunda a sábado, acordo 3 horas da manhã, 3 e meia da manhã, saio um pouquinho mais cedo, eu ia pra casa agora ter aula de inglês. Hoje não, minto

eu ia pra casa fazer algum serviço que tem lá e tipo... ficar 2 horas pra fazer alguma coisa, tipo estudar e depois ia dormir. Sabe, você tem 1 mês de férias pra viver, então é isso, sabe. Você precisa do trabalho inevitavelmente.

P – E quem é ou foi a sua maior referência de masculinidade?

E3 – Então, é difícil, né? Porque eu não tive pai, o meu pai é branco, mas ele desde cedo ele se separou da minha mãe, enfim, e nunca me reconheceu. Então tipo, a minha referência como homem foram sempre meus tios, meu padrinho e meus dois tios. Só que tipo, um é branco, o outro é negro, e o outro também é negro, mas mora longe de mim. Então eu nunca tive uma referência de masculinidade, a minha mãe foi a minha referência de masculinidade. E eu acho que me ajudou um pouco a ser menos machista, porque inevitavelmente eu também sou machista, por mais que eu tente me reeducar todo dia, aprender a não ser, né? Só que a gente é ensinado todo dia pela televisão a ser preconceituoso de alguma forma, né? E tipo, vivendo com a minha mãe e às vezes com a minha avó, aprendi um pouquinho sobre o valor dessas coisas. Lá em casa, por exemplo, a minha avó desde sempre, ela... botava todo mundo pra trabalhar, trabalhar em casa, fazer serviço em casa, tipo varrer, lavar banheiro, fazer comida, essas coisas todas. E a minha avó faleceu cedo, tipo quando eu tinha 10 anos, assim, ela já tinha falecido. Então a minha mãe na época era muito de ir pra rua, pro pagode, essas coisas todas, e eu nunca fui muito fã, naquela época principalmente. E eu aprendi muito cedo a cuidar de mim mesmo, sabe? Ela deixava o básico pra eu sobreviver. Não que eu a achava culpada não, mas beleza, eu sobrevivi. Então é isso, eu nunca tive referência de masculinidade não, eu tive só referência de pessoa mesmo, acho que a gente vai aprendendo com a vida, mas na TV, por exemplo, a minha referência negra foi o Kobe Bryant, é um jogador de basquete. Você conhece?

P – Não.

E3 – É jogador de basquete, eu chorei e tudo quando ele se aposentou... porque assim, nunca fui... eu sempre amei esportes, sabe? Desde pequenininho, quando passava na Band o basquete, eu sempre via esse cara. E... sempre via e falava que queria ser igual a ele porque sempre achei ele muito foda, sabe? Comecei a gostar de basquete por causa dele, comecei a ver, torcer pro time dele. Só que teve um problema na vida dele que foi de abuso sexual, e eu comecei e me fazer essas perguntas e pra outras pessoas: você separa a arte do artista, por exemplo? Porque tem vários exemplos de artistas que foram completamente escrotos, que tem polêmicas... O Picasso por exemplo, e muitos outros, né? Um artista renomado pra caramba e que a vida pessoal dele foi bem conturbada, bem polêmica, bem preconceituosa de maneira geral. E tipo o Kobe não foi diferente sabe? E eu fui descobrir isso depois de velho, que ele teve esse problema... e eu acho ele um cara muito concentrado, ao extremo. Eu acho engraçado, eu gosto muito de neurociência por causa disso, pra estudar um pouco isso, a concentração da pessoa vai te levar além de muitas coisas, sabe? O poder de concentração. Tem até um Ted Talk que fala sobre concentração, e eu acho excelente. É muito bizarro como essas pessoas conseguem levar a concentração ao extremo, esse cara é um caso desse. E ele usa dois números na vida dele, é o 8 e o 24. Ele usa o 8 quando ele começa a carreira até seus 20 e poucos anos, quando ele começa a ter vários problemas na sua vida pessoal, teve esse e outros problemas, ele brigou com a dupla dele e enfim, ele resolve mudar de número tipo, amadureceu como pessoa. Aí você repara que entra muito mais a parte mental na parada. E cara, é surreal, sabe? Se eu fosse fazer neurociência ou psicologia como pretendo ter a oportunidade de estudar eu faria. Eu estudaria neurociências de forma geral, eu acho fantástico como as pessoas conseguem ser fortes só no trabalho do poder da concentração, sabe? Eu sou... eu

sou um pouco desligado às vezes, quando eu me concentro em alguma coisa eu desligo do mundo... E esse cara me ajudou muito na minha infância, sabe? É alguém que você pode ir lá e pode sonhar, você pode se espelhar. É o seu herói, sabe? Você olha pra Liga da justiça e vê o único... o Lanterna Verde que é o único negro, sabe? Você: “Ah, quero ser igual a ele.” É necessário, sabe? Você olha pra Liga da Justiça e não tem uma menina negra, uma heroína negra. Você tinha esporadicamente em alguns episódios, isso é ruim pra criança que cresce vendo TV, a menina que cresce vendo TV. Mas como homem eu tive, sabe? Eu tive a minha mãe, que me inspirou muito e me inspira até hoje, mas esse cara foi muito importante pra minha autoestima quando moleque. Comecei a cortar o cabelo igual ao dele, sabe? Lembra na época em 2002 que o Ronaldo fez aquele cabelo Cascão? Todo mundo queria... então é isso, essa referência de você querer ser igual aquela pessoa.

P – Falando em Ronaldo, o que você acha da posição dele?

E3 – Achei decepcionante, né? Mas é isso, às vezes é inevitável porque... quando você cresce tipo... ainda mais jogador de futebol, porque jogador de futebol, o futebol é o reflexo da sociedade. O futebol é o reflexo daquilo ali, é uma pessoa que não teve estudo, não teve a mínima consciência de classe, não tem a mínima consciência racial da parada, ele ganha muito dinheiro de forma rápida, você precisa sustentar tanta gente, sabe? Jogador precisa ajudar tantas pessoas, sustenta primo de terceiro grau e tipo... recebe dinheiro, acessa um mundo novo. Tem o nosso mundo e o mundo das pessoas bilionárias, né? Que é um outro mundo, tipo é inevitável ele se tornar essa pessoa, o Ronaldo. São poucos os que tem consciência daquilo ali. São poucos, infelizmente.

P – Você considera o Ronaldo negro?

E3 – Ele é negro cara, mas acho que isso tem que vir mais dele. O Neymar, se você for falar com ele, vai falar que é branco, sabe? Mas aí tem a questão de como você se considera negro, né, porque o Ronaldo não é um negro retinto, mas tipo... acho que o que faz você ser negro, além da melanina, são as raízes, sua ancestralidade, quem são seus pais, quem você é, o que você passou. Eu acho que... tem umas pessoas que pra saber se você é negro, perguntam se a pessoa sofreu racismo, só que... não é tão simples assim. Entendeu? Porque... a pessoa negra pode ser racista também porque é... é isso, a sociedade brasileira tem tantos problemas, sabe? Tantos problemas relacionados à questão do eugenismo. O Vargas foi um eugenista filho da puta, por exemplo, fez várias políticas pra tornar a sociedade branca. E muita gente, muitos trabalhadores, acham que ele foi um Deus, e é foda. Você parte do princípio que as pessoas são preconceituosas por natureza, e graças a Deus, com os acontecimentos que aconteceram na minha vida, eu pude enxergar um pouquinho diferente as coisas e me reeducar aos poucos, sabe? Mas é isso, o Ronaldo não é diferente, exceção são os que não são... o Igor Juliano do Fluminense, ele é exceção, sabe? A regra é todo mundo ser Ronaldo, eu não culpo, é foda. Você ter o estalo que bate e enxergar as coisas de forma diferente, você ter empatia, enxergar a sociedade de forma diferente é difícil, sabe? No curso autoconhecimento, lá eles fazem isso, só que com você. As pessoas não conseguem enxergar a sociedade de fora dela e o curso de autoconhecimento faz você enxergar fora de você, sabe? Então, acho que é importante a gente ter esse momento que a gente sai da gente e se enxerga, e isso serve pra toda sociedade.

P – Quais características que um homem ideal deve possuir na sua opinião?

E3 – Ah, eu acho difícil falar sobre isso sem ser machista, sabe? Porque eu acho que todo humano deve possuir as características básicas, só que todo mundo tem sua peculiaridade, não tem como ser igual. Eu acho que... todo mundo hoje, no mercado de trabalho hoje, todo mundo quer ser

diferente, todo mundo quer ter o diferencial, e acaba todo mundo sendo igual. Tem um artigo muito bom que eu esqueci do autor agora, mas ele fala sobre isso: tá todo mundo querendo ser diferente, sabe? Como eu fui lendo sobre processos seletivos e coisas do tipo assim, que fala que você tem que ter um diferencial, tem... e todo mundo quer ser diferente e todo mundo acaba sendo igual porque todo mundo busca a mesma coisa, sabe? O que faz a diferença é a gente buscar coisas diferentes, aprender coisas diferentes. E é isso. Qual foi a sua pergunta mesmo?

P – Quais as características um homem ideal deve possuir?

E3 – Eu não acho, eu acho que tipo... o ser humano ideal tem que saber ouvir e ter empatia, só. Aí é o começo de tudo. O homem ideal tem que ter empatia e a mulher ideal também tem que ter empatia. E empatia por todo mundo, empatia dentro de casa com a sua mãe, empatia com... seu parceiro, seu companheiro, empatia com a pessoa que você nunca viu na tua vida. Acho que empatia é a característica que todo mundo tinha que ter, sabe? É o que falta.

P – E tem alguma coisa dentro desse mundo de homem ideal que esteja ligado com o sucesso profissional, com o sucesso financeiro?

E3 – Ah, mas é nítido, você chega... é um dos problemas que eu tive, sabe? O sujeito com 25 anos de idade tem que ser o cara, tem que estar no topo, estar voando, só que nem todo mundo é assim. Cada um tem o seu tempo, e as oportunidades aparecem pra cada um no seu tempo, sabe? Na sociedade capitalista, o sucesso tá atrelado com o sucesso financeiro, com o sucesso profissional. A felicidade tá atrelada a isso, quando não necessariamente é. Eu penso assim, mas inevitavelmente eu busco o sucesso profissional, mesmo falando... é um pouco da pressão que eu sofro, sabe? Porque a minha família espera muito de mim, a minha família me considera super inteligente, quando eu não me considero. Minha família acha que sou super capaz em todas as coisas, mas eu não me considero assim. Falo nem por falsa modéstia, só que eu não me considero, o máximo que eu sou é esforçado, sabe? Mesmo assim nem sempre, sou preguiçoso também. Entende? E é isso, tem toda essa pressão, e aí me formei e vai fazer um ano que me formei, não consegui emprego na minha área, e isso é horrível porque eu já tinha que estar começando a voar... e não tô, e isso é ruim. Vira e mexe fico triste por causa disso, mas não deveria. Então ultimamente tenho... tenho me sentido um pouquinho melhor quanto a isso de estar sendo devagar, mas...no ano de 2020, eu não posso me dar ao luxo de ficar parado profissionalmente, eu vou ter que estudar, nem que eu faça alguma pós. Só que pra fazer pós eu preciso de dinheiro porque... provavelmente... já estão fazendo corte na faculdade pública, não sei se vai ter bolsa, então vou ter que pagar e não sei se vai ter dinheiro pra pagar. Então é o desafio que eu estou tendo, pra mim, 2020 é isso.

P - E quando criança você me contou que quem era o provedor na sua família era a sua mãe, né? E você acha que cabe ao homem o papel de provedor?

E3 – Não... o homem não faz mais o papel de provedor não, inevitavelmente. Só em casa de famílias muito tradicionais, que são completamente complicados, é que o homem vai fazer o papel de provedor, mas no geral, quem faz o papel de provedor mesmo é a mulher. Ainda mais se for uma família machista pra caralho, aí eu acho difícil. Lá no trabalho então, o que você mais vê isso, beleza lá tem muita gente que... é o homem que faz o papel de provedor, que a mulher não trabalha, mas tipo assim, abusa muito, sabe? Tinha um lá que trabalha comigo que tem duas famílias, sabe? É ridículo. E tá atrás da terceira família agora. E beleza, ele provém, dá o dinheiro que precisa dar, ele ganha 3 mil reais e consegue sustentar 2 famílias e mais uma quase. Beleza, ele faz o papel de provedor querendo ou não, porque as esposas dele não trabalham. Mas acho que na prática mesmo

não é isso que mais acontece não, sabe? Até porque, é o que eu te falei, ainda mais no Brasil, que a maioria das mães criam seus filhos sozinhas, a imensa maioria.

P – Se o homem não consegue exercer sua masculinidade com o trabalho, sendo provedor, que outras formas você acha que ele encontra pra exercer a masculinidade?

E3 – Fazendo isso aí, buscando outras famílias. Basicamente isso. Eu acho que... a masculinidade do negro na sociedade tem muito a ver com o sentido sexual da coisa, sabe? E eu acho que o homem principalmente, no geral, ele busca exercer a masculinidade dele sendo agressivo e sendo sexual o tempo todo, e a maioria sendo abusivo. Esse cara que tem 3 famílias lá, ele é negro, por exemplo. E as duas esposas dele são negras, tem dois filhos, um em cada família, e a outra é branca, sabe? E a forma dele exercer a masculinidade dele é assim, sendo o garanhão, que pega todo mundo, tipo, “eu sou homem porque eu tenho várias mulheres”, sabe? É gritante, a maioria das cafeteiras lá são mulheres, só tem cafeteira mulher lá, e tem muitas que são jovens, bonitas e tal e... elas abusam um pouco disso porque sabem que tem um monte de bobão lá que vai querer dar em cima delas, que vai comprar mais, sabe? É a forma que ele tá exercendo a masculinidade dele ali, gastando dinheiro e dando em cima da mulher dos outros. Sendo o bonitão mesmo tendo esposa em casa. Acho que é isso.

P – E você tem vontade de casar e ter filhos?

E3 – Tenho. Eu tava conversando com uma amiga minha sobre isso esses dias, eu acho que por eu não ter tido pai, acho que uma das coisas que eu mais quero é ser pai. Eu já fui pai só que a minha ex perdeu o meu filho, só que ela já tinha 2 filhos, e o filho mais novo dela era muito parecido comigo também, era negro, tinha 2 anos, e por o pai dele ser muito ausente, com uns 3 meses ele já me chamava de pai. É isso, acho que as pessoas não sabem o que tão perdendo não sendo pai, eu acho que é algo tão bom, mas que infelizmente tem muita gente que não pensa assim, né?

P – Você acha que o desemprego influencia na vontade de casar e formar uma família?

E3 – Não. As pessoas casam e formam uma família desempregados. Eu ia fazer isso na minha época. Tava apaixonado e falei: “vou fazer”. Não deu certo, ok, cada um pro seu lado, mas pô... é porque assim, essa pergunta tem a ver com educação financeira, sabe? Acho que a gente não tem educação financeira, eu comecei a me educar financeiramente no início do ano, que eu comecei a ler sobre isso, tentar tipo... fazer o meu dinheiro render mais, porque a gente não tem educação financeira. No Brasil não tem educação financeira, ninguém é ensinado a isso, a não ser que você queira por vontade própria. Então você não vai deixar de casar com alguém se você não tiver dinheiro, você vai fazer e não tem problema.

P – E... é um problema se você tiver uma companheira que ganhe mais do que você?

E3 – Não, não. Nenhum problema, adoraria.

P – E você acha que as famílias negras no geral elas tem mais equidade entre homem e mulher do que as famílias brancas?

E3 – Então, mas aí depende, né? No sentido geral, talvez sim. É porque vamos supor, a família negra, ela precisa ter um pouquinho mais de consciência. No geral, as famílias negras tem um pouco mais de consciência, por causa da questão racial, de se reconhecer como negro e tal, então tem um pouquinho mais de consciência sobre esses aspectos, sabe? Então a tendência é que sim,

seja uma família um pouquinho mais progressista né, vamos dizer assim. Mas no geral não é uma regra.

P – Você acha que existe alguma diferença entre o que é esperado socialmente de um homem branco e de um homem negro?

E3 – Ah, com certeza. Assim, na minha família as pessoas sempre esperam muito de mim, sabe? Eu tive muita dificuldade pra estudar, hoje mesmo, mas minha mãe e meus parentes no geral sempre esperavam muito de mim, e era muito chato, sabe? Só que... no geral as pessoas sempre esperam mais do branco, o negro não tá nem aí. E é isso, a gente tá acostumado com os brancos no poder, então você espera mais que um branco vá mais longe do que um negro. Até porque negro tem que lutar por sobrevivência, dependendo, no geral, você... pode ser baleado pela polícia por engano. Então é isso, a expectativa de um homem negro é muito menor do que do homem branco.

P – E você acha que é fácil ser um homem negro?

E3 – Não, acho que não. Acho que ser negro é muito complicado, seja homem ou mulher. Ser negro é muito complicado, mas... não é fácil não, é difícil pra caralho. Por isso que eu acho que pra tornar tudo mais fácil a gente tem que se ajudar, sabe? E se não for assim, você tá ferrado. Não sobrevive não... sabe um exemplo muito bom que eu tive esses dias, por exemplo? Foi... constantemente as pessoas na sociedade, elas transformam a vítima no culpado, mesmo sem saber, e às vezes até conscientemente, e é isso, é um problema porque a maioria das vítimas são negras, então você tem um outro problema aí... até não sendo vítima você pode ser o culpado, então... é difícil. Quando eu tinha 10 anos de idade fui parado pela polícia na porta da minha casa, morava num prédio, fechado, num condomínio fechado, e a polícia achou que eu tivesse carregando droga, com 10 anos de idade. Eu tava vindo da casa do meu tio, e entrando na porta da minha casa e tipo é isso, não é fácil, é difícil.

P – O que você escuta dizendo sobre os homens negros na cultura brasileira?

E3 – Cara, tipo... aí entra um pouquinho do aspecto do objeto sexual da coisa, né? Do homem negro ser visto como... o negro tem a sexualização da cor, do pecado, essas coisas assim. A cultura brasileira é isso, não é à toa que aquela novela fez sucesso pra caramba, né? “Da cor do pecado”. Isso é um problema, a cultura brasileira nem sempre retrata muito bem. Hoje estamos tendo uns avanços, pouquinhos, na discussão, mas a cultura brasileira é extremamente preconceituosa. Monteiro Lobato era um tremendo filho da puta, sabe? E... fez sucesso pra caramba com isso, em qualquer outro lugar que tenha a consciência mínima das questões raciais e questões de classe, esse cara não faria sucesso. Eu acho que é isso sabe? É uma cultura muito preconceituosa. Em 2019 tem pessoas fazendo passeata nazista, sabe? As pessoas estão doentes, nossa sociedade tá doente, e tá doente há muito tempo já, sabe? E eu acho que a tendência é piorar. Uma vez eu escrevi sobre... a gente tá vivendo um momento de mudança no aspecto social, eu diria. A gente tá vivendo um momento de pós modernidade, né? A era da liquidez das coisas mesmo, as pessoas não se importam mais com muitas das coisas, e eu acho que a culpa disso é um pouco da internet e do turbilhão de informações. A gente não consegue digerir as coisas sabe, Isadora? Tipo assim, hoje aconteceu uma tragédia e amanhã vai acontecer outra, sabe? E você não tá nem digerindo essa tragédia que aconteceu ontem ainda, e é toda hora isso. Ontem caiu um prédio, anteontem teve a poluição lá do óleo, e a gente tá esquecendo que há pouco tempo tiveram outros grandes acidentes, tipo de Mariana e vários outros, isso pegando coisas grandes, você pode pegar exemplos pequenos também. Há pouco tempo o policial matou o rapaz na Ponte Rio-Niterói e ninguém fala

mais nisso, sabe? A gente não discute a causa, a gente quer eliminar aquilo lá o mais rápido possível, mas a gente não pergunta o porquê daquilo acontecer e porque ser cíclico... Por que toda hora tem um negro que sequestra um ônibus e faz todo mundo de refém? Não é a primeira vez, não é a última, não vai ser a segunda... deve ser a quinta vez isso acontece desde os anos 2000, por exemplo, e assim fica cara, essas coisas são cíclicas, e vão acontecer sempre... eu fugi da tua pergunta, né? Toda hora eu tô fugindo da tua pergunta...

P – Não, não, é sobre isso mesmo. Acho que tá ótimo e... é muito interessante que eu faço uma pergunta e você aborda outros pontos que eu não pensei no questionário, e que é super bom pra refletir. Tá ótimo. Como você acha que tá a discussão sobre racismo, masculinidades negras e feminismo no Brasil?

E3 – Acho que tá evoluindo, mas cara, é complicado porque dentro do próprio... do feminismo ou do próprio grupo negro, assim, tem vários rachas, sabe? Eu acho necessária isso, eu entendo, sei lá, no grupo negro, um exemplo, a gente discute muito sobre relacionamentos inter-raciais sabe? Eu entendo essa discussão, beleza, acho necessária, mas necessário não agora, sabe? Porque é foda como é que você... decide isso? É o que eu tô falando, não acho que é certo ou errado, mas acho que hoje a gente tá muito preocupado em sobreviver. Tem que sobreviver todos os dias da nossa vida, e a gente começar a discutir sobre... a gente se dar ao luxo de discutir sobre relacionamentos inter-raciais, eu acho complicado. Eu só acho válido porque tipo, a gente tem que se valorizar, entendo que essa discussão é uma discussão necessária, porque tipo... a minha ex que eu quase casei era branca, e tinha coisas que ela não entendia e é isso, e a gente... enfim, tem vários aspectos que são importantes discutir o porquê e o não-porquê do casamento inter-racial, mas sabe, acho que hoje a gente tem que se preocupar em sobreviver, tem várias discussões que eu acho que são supérfluas, são luxo, porque a realidade é muito mais cruel, entende? E eu acho que a questão do feminismo, por exemplo, os grupos discutem feminismo branco e feminismo negro porque é isso, são coisas diferentes e... aí eu não tenho nem propriedade em falar sobre o assunto, são mais os relatos das pessoas que eu ouço que sofreram racismo dentro do feminismo, e é aquele racismo velado, e que é inevitável no dia a dia, o que fica muito mais difícil combater, porque não se combate dando um soco na cara da pessoa. Você combate inevitavelmente educando, e por mais que eu não tenha mais paciência pra isso, esse aí é um dos últimos remédios, é acusar, tipo: “você é racista, tá errado, tem que fazer diferente.” Acho que um exemplo bom disso... inevitavelmente vai ter esse lado hostil às vezes, sabe? Porque tá todo mundo cansado, mas tipo, no carnaval eu tava saindo com um amigo meu que ele é gay, e do meu lado tinha dois meninos que começaram a se beijar, e na frente deles tinha uma menina que tava meio que protegendo... aí sem querer eu esbarrei nelas e tipo, eu olhei. E essa menina achou que eu tava sendo um hétero babaca que tava tipo... fazendo o que não devia, sabe? Meu amigo: “Não, não, tranquilo, foi sem querer.” Porque é isso, as pessoas vão ser hostis porque elas estão cansadas disso, né? E isso aí é tipo... no debate do racismo, debate do machismo, debate do feminismo, no debate da homofobia... porque é isso a gente... as minorias têm que sobreviver, e às vezes discutir coisas que são necessárias não faz você sobreviver, sabe?

P – Qual a sua relação com a branquitude?

E3 – Hoje em dia eu sou racista reverso. É foda, cara. Tenho até amigos brancos, sabe. (risos). Você é uma ótima pessoa, mas... Eu tento... é porque eu sou muito amigo de todo mundo, eu falo isso brincando, mas sou muito amigo de todo mundo. Eu tento... o que eu faço hoje pra poder alimentar a sociedade negra, nesse sentido, é consumir mais coisas de pessoas negras, por exemplo,

mas... não tem como brigar com a branquitude, porque a branquitude é o racismo. É o racismo velado e aí a gente tem que, aos poucos, educar isso.

P – E quais caminhos que você enxerga pra resolver os problemas que a gente tratou nessa discussão?

E3 – Um caminho que eu enxergo é tacando fogo nisso aqui, né? Mas um caminho, cara, o caminho é conversar, é discutir. Uma discussão que eu tava tendo com a minha professora de inglês ontem, sobre o filme do Coringa, é que eu acho que... Você já viu o filme do Coringa?

P – Não, ainda não. Tô doida pra ver. Mas pode falar.

E3 – É que eu acho que é um filme muito pesado, sabe? É um filme que o Coringa... eu quando vi o filme achei que... eu não achei que era um filme do Coringa por exemplo, você não se sente vendo... eu não me senti vendo um filme do Coringa, era um filme muito bom, mas que não era do Coringa, é um filme que fala todos aspectos da sociedade. Só que eu acho que é um filme muito nocivo para as pessoas, sabe? Fala que um psicopata tipo... só que é isso, acho que é necessário. Você mostrar aquilo dali... aquilo dali é o que tá acontecendo, sabe? Tipo e o que a gente vai fazer, sabe? Mas que... eu acho que ela subestimou um pouquinho o poder do filme pra isso, sabe? A gente teve um exemplo muito claro do Tropa de Elite que mostra tipo... as organizações da milícia no Brasil, e continuou na pior então, não necessariamente, um filme que tá denunciando uma parada vai te... fazer mudar a sociedade... mas desde que aquilo ali alimente a discussão, eu acho válido. Combate-se os problemas discutindo, conversando, acusando e é isso.

P – A última pergunta agora é sobre mim. Como você se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca? Se você acha que seria diferente, melhor ou pior se fosse entrevistado por um homem negro, se você se sentiria mais à vontade? E se fosse um homem branco? E se você tem alguma recomendação pra mim, enquanto pesquisadora.

E3 – Foi super tranquilo. Não sei se eu faria alguma mudança. Porque você foi super tranquila, você fez perguntas, me deu liberdade. Acho que você é uma ótima entrevistadora.

P – Obrigada.

E3 – Não me deixou desconfortável. Agora, se fosse um homem branco me entrevistando... eu acho que obviamente, a abordagem do entrevistador é importante. Você estabeleceu uma abordagem muito boa desde quando começamos a conversar, ajudou um pouquinho também que o rapaz que perguntou, que disse que você tava precisando de ajuda, foi da fundação. Ele falou: “Minha amiga tá precisando de ajuda.” Eu falei: “Pô, posso ajudar. Por que não, né?” E isso torna mais fácil, se fosse ao contrário, se fosse um homem eu acho que... não sei cara, acho que ficaria um pouco mais difícil. Acho que dependeria muito mais da abordagem do que de qualquer outra coisa... porque é aquele negócio, o machismo tá aí também né, inevitavelmente, e um homem sente mais seguro pra se abrir pra uma outra mulher do que com outro homem. O machismo está nos dois lados, tanto pro homem quanto pra mulher e não deveria ser assim. Lá no grupo a gente tava discutindo sobre... postaram lá uma parada de banheiro pra mulher chorar. Tipo uma firma abriu um banheiro para as mulheres chorarem, eu acho... é complicado isso aí, eu acho que a gente tem que chorar, é importante chorar, mas a gente não pode romantizar isso também não, e a gente não pode vincular o choro com sofrimento, somente. O choro é uma forma de expressão, né. E não é

um banheiro para chorar, é um banheiro para as mulheres chorarem. Então você tem todo esse aspecto, sabe? Que é complicado, que é errado. É isso, eu acho que se fosse um homem branco eu veria ele com alguns pré conceitos na minha cabeça, entendeu?

P – Entendi. Você tem alguma recomendação pra mim? Seja de pesquisa, de coisas que você acha que eu deveria mudar ou inserir? Alguma coisa nesse sentido?

E3 – Cara, eu acho que... pesquisa assim? É porque eu te conheço pouco... Cara, eu posso te mandar umas bibliografias que eu acho boas, mas no geral você é muito boa nisso aí que você faz.

*Quando estávamos nos despedindo, o entrevistado lembrou de um caso que tinha acontecido na universidade dele. Pedi licença para gravar:

E3 – Eu fiz o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e o meu orientador sempre... Ele é uma ótima pessoa em relação a... ele é muito bom naquilo que faz, sabe? Só que ele é arrogante pra caralho às vezes, ele se acha bom demais pra aquilo ali, e ele é meio grosso. Lá na faculdade eu nunca tive um orientador tão presente como na maioria das universidades, tá ali, vira teu amigo se bobear. Não, ele não é, ele é uma pessoa que você vai lá, ele te dá dicas técnicas basicamente e é isso, às vezes ele te ajuda bem, mas em geral é meio afastado. E no ultimo TCC ele ficou muito afastado de mim, porque eu não tinha tempo pra encontrar com ele, às vezes eu ia lá pra perguntar uma coisa ou outra... e aí eu levei pra ele o meu TCC uns 4 dias antes de eu apresentar e... todos os meus amigos, e a maioria deles branco, tiveram os seus elogios e tal, e aí beleza, deixei meu TCC com ele, quando fui buscar meu TCC, ele falou: “Cara, isso daqui tá muito bom pra ter sido você que fez”. O quê? Eu não briguei com ele, até porque ele precisava me avaliar ainda, mas porra, deu vontade de brigar com ele, eu me fudi com aquilo dali, sabe? Eu fiquei malzão no início, porque é um negócio complicado, ainda mais porque a gente não está acostumado a ser pesquisador, a pesquisar, elaborar essas coisas. Então você não sabe o que escrever, não sabe nem o que vai falar, e então é difícil, você perde um tempão escrevendo, pesquisando e olhando. E ele falou: “Tá muito bom pra ter sido você.” Tipo assim, beleza, tá ótimo, mas não precisava ser esse babaca todo e tipo, o único que ele falou isso foi pra mim, sabe? Coincidentemente eu sou negro, para os meus amigos que são brancos, ele não falou isso. Ele elogiou quando o trabalho tava bom, quando tinha que falar que o trabalho tava ruim ele falou, mas não falou que esse trabalho tava bom demais pra ser você quem fez, sabe? Eu nunca dei motivo pra ele, nunca fui um aluno ruim. Pelo contrário, sempre fui um bom aluno, sempre tirei notas altas com ele. E eu fiquei chateado pra caralho, e ele não me deu uma boa nota na minha apresentação. Ele falou que meu TCC tava muito bom e não deu uma boa nota e... eu passei no TCC raspando, tipo 6,5 e o mesmo filho da puta que me dá essa nota, me falou que meu TCC tava muito bom. Então tipo é isso, sabe? É foda, o meio acadêmico é muito preconceituoso ainda, tem poucos negros. Anteontem eu li uma parada, tipo, quantos professores negros você teve na sua vida? E dá pra contar nos dedos, né? Quantos você teve, por exemplo?

P – Acho que um e era cubano.

E3 – É isso. Eu tive um... na minha escola eu tive dois e era muito... e aí é bizarro, né? E é isso, no meio acadêmico tá cheio de... esquerdo macho né, esquerdistas, mas tudo branco, sabe? E é complicado, é tudo branco elitista e... lá na faculdade tinha mais negros que uma universidade pública, apesar de que eram poucos ainda assim, e... cargo de coordenação por exemplo, não tinha

nenhum, reitoria então nem se fala, cargo administrativo nenhum... mas todo mundo lá é gente boa. Depois fiquei amigo do reitor e tudo mais, só que é isso, é um sistema que não permite que negro chegue lá... quer que o negro fique fazendo só o básico e se você não lutar com todo mundo, você não vai chegar lá. Acho que é isso.

Agradecimentos.

TRANSCRIÇÃO QUARTA ENTREVISTA

Entrevistado 4: Oswaldo, 28 anos, cursando Desenho Industrial, Designer e Editor de Vídeos, Solteiro, Não tem religião, morador de Santa Teresa, Classe C, Heterossexual, Negro, Gênero Masculino.

P - Pesquisadora

E4 - Entrevistado 4

P – A primeira pergunta é bem aberta, eu queria saber mais sobre a sua história enquanto homem negro trabalhador no Rio de Janeiro e enfim, você me conta o que você quiser, e eu não vou te interromper.

E4 – Tá. Cara, eu acho que... isso muda com o tempo, de você se perceber dentro da sociedade, não é uma coisa que pra mim, desde sempre, “ah, eu sou negro”. Eu não tive isso desde criança ou alguma coisa assim. Acho que foi mais uma parada quando eu comecei a me deslocar mais pela cidade, começar a perceber algumas coisas acontecerem. Quando eu fui pro segundo grau, até então só tinha estudado no meu bairro mesmo, onde eu morava, que era “(nome do bairro periférico)”, onde meus pais moram ainda. Então eu circulava menos, né? Era uma circulação menor, andava mais quando ia na casa de algum parente, alguma coisa assim. E aí depois eu comecei a circular sozinho, né? Quando eu fui estudar em “(nome de outro bairro, ainda periférico, mas mais central)”, e aí tinha amigos do Rio de Janeiro todo misturado, porque foi pelo concurso e tal, então eu comecei a perceber mais coisas assim, mais olhares, ou quando eu andava nos lugares, a desconfiança que as pessoas tinham e... percebendo isso, né? E acho que um outro passo foi quando eu saí do segundo grau e fui pra “(nome da faculdade privada)” pra poder fazer desenho industrial lá também, eu fiz lá primeiro. E aí foi outro choque também de você entender tipo “caraca, mas... existe um universo aqui, uma galera que vive um universo que eu não faço ideia que ele existe, que acessam outros lugares, que viajam pra outros países e conhecem outros países melhor do que a própria cidade.” Alguns lugares da cidade, né? Pelo menos assim, do lugar de onde eu vim, as pessoas não conheciam, que era dentro da mesma cidade onde elas moravam, mas elas conheciam muito bem a cidade de um outro país muito melhor, alguns lugares. E eu ficava espantado tipo, pô a galera troca uma ideia e conhece uma rua lá em Paris num lugar específico em Paris. Pô, isso é muito louco, eu conheço essas coisas em Madureira, se a gente for trocar uma ideia, tranquilo, conheço. E assim, foi um choque né, você vai entendendo as paradas e se situando mesmo na sociedade. Pô, não tem essa coisa do pardo ou do moreno, sabe? Isso... meio que pra mim meio que não faz muito sentido, né? E... você vê que tem uma separação e aí não tem essa de ser mais negro ou menos negro, mais retinto ou menos retinto pelo termo que é usado mesmo, né? Tá tudo ali, você vai sofrer aquelas paradas, aquelas questões ali vão te atingir. E acho que foi um processo assim de entender que “ah, eu sou negro”. E acho que é isso, acho que essa é a questão principal, pela pergunta que você fez eu pensei em falar disso, nesse processo de entender que eu era negro, de que num primeiro momento falar que eu sou moreno ou qualquer coisa do tipo. E tinha também uma questão do cabelo, eu tinha o meu cabelo raspado desde sempre, acho que até 2011, que era o ano que eu tava já na faculdade, e aí deixei o cabelo crescer e isso também muda umas coisas da relação, parece que você se torna um pouco mais negro ou um pouco mais alvo, um pouco mais... é... alvo mesmo de algumas questões, de algumas críticas, de coisas que te acontecem... ou você se torna um pouco mais suspeito pra algumas coisas, tem umas questões assim, sabe? Ou então você tá em dois lugares, né? Ou você é uma pessoa suspeita ou você é o...

“ah, você deve cantar alguma coisa”, ou fazer alguma coisa... tem sempre esses lugares assim, você nunca tá muito livre. Seja a mudança que você faça, você nunca tá muito livre pra ser o que você quiser ou sonhar muito, entendeu? Então sempre parece que estão querendo te colocar num lugar, sabe? Você é isso, ou aquilo, ou aquilo outro. Acho que é isso.

P – E a sua relação no mercado de trabalho, sua história no mercado de trabalho?

E4 – Então, quando fiz o segundo grau, tinha uma agência dentro da própria escola, uma agência de modelo, e a gente fazia prova, era uma parada disputada, assim, tinha 4 turmas que disputavam, as do segundo e as do terceiro ano, né, as vagas, e era formado como uma agência mesmo, de publicidade, todos os cargos, e a gente entrava e tinha os professores coordenando... acho que essa foi a minha primeira experiência... é, foi. Foi quando eu comecei a usar uns programas mais específicos e tal, pra fazer arte gráfica, E aí eu fiz a prova, de primeira não... fiquei quase, assim, fiquei naquela lista de espera. E depois pro meio do ano rolou, entrei, foi a minha primeira experiência de trabalho. Mas foi uma parada tranquila, assim, era... era uma parada que eu sentia muito mais igual... tinha uma divisão maior também de brancos, negros. Não era uma coisa gritante, do tipo “sou o único negro”, ou tem eu e mais um aqui. Era uma parada mais igualada até porque era uma escola pública também, tinha todas essas questões, então, tranquilo. Depois eu fui trabalhar numa agência mesmo de publicidade, cheguei a trabalhar numa gráfica também e numa agência de publicidade ali numa época próxima. De primeira assim também não tive, até porque eu tava num processo também de entender essas questões, eu tinha ali 16, 17 anos e tava num processo de entender questões e nessa agência que eu trabalhei, não era uma agência tão grande. Então assim, não tinha tantas pessoas também, era uma parada tranquila, de primeira não tinha nada, e eu não tinha uma relação muito grande com o cliente, era muito online as paradas. Eu fazia as artes, mandava, esperava a aprovação, fechava, não tinha muito contato também, assim. Era uma parada mais eu ali no escritório fazendo a arte na minha, então não tive tantas questões, muita coisa eu falava por telefone, isso é uma parada também, né? Isso eu percebo até hoje... dando um salto e depois eu volto aqui. Mas uma coisa que eu percebo até hoje é de que rola uma diferença de falar por telefone, a pessoa não tá te vendo, não sabe quem você é, é uma coisa. E às vezes no contato direto é outra, né? É uma diferença que eu sinto até hoje, é uma parada que rola. Mas aí, voltando, foi isso. E aí depois como eu entrei na faculdade e tinha horário integral, eu fiquei um tempo sem trabalhar em empresa, trabalhando por mim mesmo como *freelancer*, conseguia ter os meus clientes, fazer uns trabalhos. Fiquei um tempo nessa, depois voltei a trabalhar, depois de uns... não sei um bom tempo aí, acho que em 2009 foi o momento que eu parei de trabalhar. 2006, 2007, foi quando comecei, e trabalhei direto até 2009, depois eu parei nesse esquema de fazer a faculdade e depois acho que em 2013 foi quando eu voltei a trabalhar numa empresa, que é até a empresa que eu faço alguns trabalhos hoje, mas numa pegada de *freela*, não vou até lá, faço em casa mesmo e... era uma parada de barco, assim... e às vezes rolava uma situação ou outra, mas também era uma questão, assim... até esse ponto era uma questão que eu não ficava tão assim, ficava lá no meu escritório também, fazendo as minhas paradas e tal, e uma vez ou outra que tinha contato e tal. Mas nessa empresa eu era o único negro que estava ali no escritório sentadinho no ar condicionado fazendo as paradas, os outros estava no... sei lá, na mecânica da parada, trocando peça de jet-ski, porque era uma empresa que vende barcos, jet-ski, lanchas, umas paradas assim, e aí eu era o único negro que tava tipo no andar de cima, que eram os escritórios e onde tinha o ar condicionado e eu sentadinho lá, a galera outra tava numa parada mais braçal, sabe? E aí era uma parada assim, e rolava até uma parada deles me zoarem “Pô, tu fica lá na boa no ar condicionado” e tal não sei o quê... “mas também tu estudou”. Ficavam nessa zoação de trocar ideia mesmo e tal,

mas era uma parada, era um momento do tipo “eu sou o único negro que tá numa parada, num outro espaço trabalhando”, enquanto os caras estão numa parada mais braçal, na limpeza ou coisas assim, sabe? E aí foi esse tempo, depois eu fui reduzindo também porque eu trabalhava no Recreio, tava estudando na Gávea e morando em Marechal, então era tudo muito distante. Eu conversei também e falei: “Pô tá muito desgastante, tá complicado”, era uma questão também, porque às vezes... um chefe, a galera mora muito pertinho ali e você dá volta ao mundo pra chegar num lugar, chega cansado, e às vezes pô, dá uma atrasada, e é cobrado pra caramba, tem várias questões assim, né? Que envolve não só o momento que você tá ali, mas todo esse momento pré e pós, que eu saía tipo, cansadaço do Recreio e tal, pra Marechal, era tempo de chegar, dormir, acordar, ir pra aula e fazer todo esse circuito de novo. Aí conversei e tal, consegui negociar, eu ficava indo 2 ou 3 vezes na semana, e depois fui negociando e tipo, não ia mais e fazia tudo à distância mesmo. E aí foi o momento que eu fiquei trabalhando só de casa, até que ano passado eu comecei a trabalhar na empresa que eu tô hoje, que é uma produtora, mas também foi um tempo aí, alguns anos que eu fiquei trabalhando só por conta própria, assim, só em casa, fazendo as paradas à minha maneira. E acho que isso também, assim, pensando hoje e vendo e tal, de novo tô trabalhando em empresa e de novo tendo esse convívio eu acho que de certa forma sim, o *freela* é bom, tem as suas paradas, mas tem o seu lado instável que é complexo, que às vezes tem mês que dá uma grana maneira tem o outro mês que não vale tanto mas aí você vai ali equilibrando. Mas eu acho que de alguma forma também é um... era um escudo pra mim pra não ter que me desgastar em tudo isso, sabe? Tem algumas situações que são desgastantes mesmo que você “porra!”, sabe? Eu sou capaz de fazer tanto quanto outra pessoa e a outra pessoa tá sendo mais valorizada ou tipo... tem uma pessoa ganhando o dobro do que eu tô ganhando e eu sei fazer o mesmo que ela, e ela às vezes não tá fazendo o negócio direito e eu tô aqui tapando buraco e os erros dela e porra, você fica ali nessa de ser valorizado mesmo, né? E eu acho a coisa mais importante quando se trabalha é que, porra, cara, que seja valorizado o que eu tô fazendo. É parte da troca que tem naquele ambiente é você ser valorizado e aí... em momentos onde você vê que não tá rolando essa valorização você fica meio assim, é chato, prefiro estar no meu espaço fazendo as coisas do meu jeito, que rende uma grana também, eu consigo fazer as coisas, pagar as minhas contas, fazer as coisas que eu quero fazer, então eu acho que assim, a parada do *freela* também em tanto tempo, e em espaços tão grandes, talvez tenha sido a forma que eu mesmo encontrei pra tipo, não ter que lidar com isso, sabe? Mas acho que a última mudança que também me impulsionou pra que eu voltasse a trabalhar em empresa é que rolou uma indicação também que deu certo ali, tudo no momento que eu tinha me mudado, saído da casa dos meus pais, e aí precisava de uma estabilidade maior também de grana, né? Pra pagar conta, assumir umas paradas. Eu moro junto com a minha namorada que divide as paradas todas, então assim, precisava de uma constância certinha, mais certinha de grana, e aí foi o que também me fez voltar a trabalhar em empresa e tudo mais, por uma questão mais estável mesmo. Mas é isso, a relação que eu percebo atual, é essa parada de cargos, sabe? Que a galera vem e às vezes pega aquele atalho, usando assim, tipo, tem muita gente que é o amigo do cara que tá trabalhando, ou o parente, ou o não sei quem, e tipo, se você vai ver o trabalho no dia a dia, a pessoa não consegue suprir o que a função pede, enquanto você tá numa função abaixo e consegue suprir e às vezes até fazer o trabalho que a pessoa não fez, sabe? E acho que esse é o momento, pelo menos agora, que eu tô pra... assim, é uma produtora e tá passando por um momento complicado por causa da ANCINE (Agência Nacional de Cinema) diretamente porque é de onde vem boa parte da verba que faz os projetos andarem, então tá num momento complicado por isso, uma coisa incerta. Até o final do ano eu vou ficar lá, pro final do ano eu ainda vou conversar e entender que aí vão vir novos projetos e tem uma perspectiva de liberar grana da

ANCINE e tudo mais. Mas é uma parada que eu tô no momento do tipo “pô, não... preciso de uma conversa”. Se for pra renovar pro ano que vem vai ser numa conversa onde eu coloque as coisas na mesa, as coisas estão dadas desta forma, o processo não tá bom, deu muitos problemas com outras pessoas que vem antes de mim, porque eu trabalho com finalização, né? Então, assim, as coisas vão passando pela mão de várias pessoas e aí quando chega pra mim tem vários erros desse processo, sabe? E aí o que eu entendo e o que eu vejo é tipo, eu quero ter uma possibilidade maior de administrar essas paradas, porque eu sei que eu consigo entender quais são os pontos onde dá pra melhorar e não dar problema no final... e gasta muito tempo e tudo mais e isso, pra empresa, é uma parada ruim mesmo. E eu vejo que eu consigo suprir esses buracos que estão ali no meio, consigo fazer a parada numa boa, então assim, o momento que eu tô é de ter essa troca de ideia por uma valorização. Conseguir fazer a parada, mas também ter uma valorização salarial e tudo mais. E que se não for dessa forma, ou se não for tipo o mínimo negociado ali, não faz tanto sentido pra mim, continuar, entendeu? Balanceando grana, balanceando o que tem pra fazer, que às vezes é mais do que deveria ser. Acho que é isso, tô nesse momento onde tem um acúmulo muito grande de função e um salário que não bate com isso, e assumindo coisas de outras pessoas sabe? Que estão ganhando mais e que são todas elas brancas nesse processo inteiro. Eu não conheço todo mundo do processo, mas... boa parte. Quem eu conheço, não tem nenhuma pessoa negra no processo envolvido. Mas acho que é isso, no processo atual é isso, entendeu? Eu vejo que rola uma parada, onde eu trabalho muito, várias paradas, consertando erro de outras pessoas e ganhando um dinheiro que não bate com isso. E tipo, em todo momento, então é isso, se for pra ficar, que seja conversando e se entendendo e tendo valorização e reconhecimento das paradas que eu tô fazendo mesmo, né? E acho que é isso, acho que o momento atual é esse, sabe? Onde eu me sinto não tão valorizado e que acho que uma conversa pra tipo, sigo numa parada onde eu vou estar mais feliz com aquilo ou então se não for, não faz mais sentido pra mim e eu tenho os meus projetos e minhas paradas por fora onde eu consigo dar o meu jeito, sabe? E é isso. Uma outra parada, eu acho que se encaixa aí também e eu não sei se cheguei a falar, que eu tenho um selo musical. Não sei se eu já falei. Era uma produtora inicialmente em 2011, na verdade desde 2009 de um amigo, em 2011 eu comecei a fazer a parada com ele, a gente começou a... aconteceu mesmo a parada, a gente conseguiu formatar e começar a trabalhar. A gente começou fazendo produção musical, fazendo produção audiovisual, envolveu fotografia também, ensaio fotográfico, mas a gente chegou num momento também que percebeu que era muita coisa pra pouca gente fazendo. Eram 4 pessoas, cada uma assumiu uma frente, só que tava muito pesado e a gente entendeu que era melhor ir mais pela parte musical, que é onde a coisa começou mesmo, e ele é músico e produtor, a gente seguiu nisso, a gente hoje em dia trabalha com distribuição musical e também com produção. Então assim, tem artistas que a gente só distribui pra Spotify e todas essas outras plataformas, e tem artistas que a gente produz e distribui, e assim, é uma parada que a gente acredita bastante, não é uma parada que paga as nossas contas todas, tem uma parte da renda ali nossa que vem disso e... hoje em dia a gente não precisa mais tirar dinheiro do bolso pra que a parada aconteça. Mas que foi uma parada também, pra essa parte musical, a gente tem ali 90% dos artistas que estão no selo, são 90% de artistas negros e a maior parte, todo mundo né, a galera independente que a gente viu que tem um trabalho bom com uma qualidade maneira mas que pra acessar as grandes distribuidoras é uma parada muito difícil, né? Então como o “(nome do amigo/parceiro)” trabalha dentro de uma empresa que tem essa distribuição, ele foi quem começou com a ideia toda, ele trabalha dentro de uma empresa e entende como as paradas funcionam, né? Como a coisa acontece. Então, a gente consegue trazer pra nossa empresa e tipo democratizar um pouco a parada de trazer artistas que a gente conhece e estão mais próximos e que a gente sabe do potencial da galera, e conseguir fazer

com que eles acessem as paradas, sabe? Conseguir botar no Spotify, conseguir botar pra tocar num Deezer, conseguir que toque numa *playlist* tal, fazer as indicações, fazer os trâmites ali, o jogo todo desse algoritmo louco também dessas paradas. E é uma parada que é maneiro, a gente consegue fazer projetos, se a gente fizer um projeto, a gente tem grana pra fazer isso, e chamar, e montar uma equipe, e pagar todo mundo, é uma parada que tá ali, o dinheiro que tá ali dentro consegue fazer a parada, se a gente fizer qualquer coisa, a gente consegue pagar, consegue tirar uma grana pra gente. É uma parada, entendeu? É um outro caminho também além de tudo isso, todo mundo que trabalha, hoje são 4 pessoas diretamente trabalhando também, mudaram as 4 pessoas, eu e o “(nome do parceiro/amigo já citado)” estamos ainda e 2 pessoas saíram e 2 entraram. E todo mundo trabalha em outras paradas também, cada um tem o seu emprego por fora pra pagar conta porque é isso, mas a gente tá feliz assim, num momento legal, assim, de fazer as paradas, tem um projeto já certo que a gente tá produzindo e é um outro caminho também, além de *freela*, que todo mundo faz seu *freela*, trabalha numa empresa e ainda tem essa parada, sabe? Então, assim, acho que são meios também que a gente vai encontrando pra criar um outro caminho, que não... que a gente não precise ficar inteiramente refém do mercado que tá posto e estabelecido de uma forma que não nos favorece, que tem essas relações de poder mesmo, que fica complicado, né? E toda ideia que eu troco também, acho que é mais um último ponto disso, acho que toda ideia que eu troco com o “(nome do amigo/parceiro)”, com a “(nome)”, que é a minha namorada, que trabalha como pesquisadora de imagem na “(nome da empresa)”, a gente troca... quando a gente para pra trocar ideia, a nossa parada é tipo: “cara, tô trabalhando e tal, tá rolando, mas é foda, é pesado, e queria ter uma parada minha”, sabe? Formatar uma parada minha, fazer e cair dentro. E assim tenho sentido que é um pouco da galera mesmo, acho que esse pode ser um próximo passo também, que tem um passo que a gente entra pra universidade com um pouco mais de facilidade, pelo PROUNI (Programa Universidade para Todos), como você entrou, como o “(nome do nosso amigo em comum)”, como eu e... tem esse passo onde a gente entra ali, se especializa e consegue furar uma barreira pra poder entrar nas empresas, com mais especialização, e aí tem o momento que a gente consegue, entrar entende como a parada funciona, e vê o negócio acontecendo e vê onde tá bom, onde não tá, os prós e contras da parada, e acho que ainda vai ter o próximo passo que acho que é mais pra frente da gente conseguir mudar umas paradas também, fazer as nossas empresas e funcionar um pouco de outro jeito, dar uma puxada pra isso. Não sei, eu acho isso, pelo menos pelas ideias que eu troco e pelas paradas que eu fico pensando sobre isso, acho que pode ser um próximo passo pra gente ter um pouco mais de empresas feitas pela gente mesmo. Acho que é isso.

P – Beleza. A segunda pergunta é se você já sofreu alguma discriminação por ser negro?

E4 – Sim. Acho que a primeira que eu percebi pelo menos, foi no mercado, até que aqui perto, a gente tá bem perto até, às vezes eu vou ali. Na época eu morava longe, mas agora eu moro muito perto, passo ali e lembro dessa parada, mas não por uma parada de “ai, meu Deus, acabou o meu dia”, mas no dia sim. Depois você só lembra, né? Mas eu fazia um curso de inglês aqui perto, na época que eu estudava na “(nome da universidade privada)”, aí rolou uma bolsa no curso de inglês aqui perto, aí eu fazia aqui, e um dia eu saí, tava indo pra casa e falei: “Pô, vai ser um tempo ainda pra chegar em casa, vou comprar uma parada pra comer” e sei lá, comprei um biscoito no mercado que tinha, e aí entrei ali. Aí eu tava andando assim meio que procurando né, onde ficava que tipo, é um mercado grande pra cacete e eu não sei onde fica, fui lá dar aquela procurada e tal, e aí chegou um momento que eu percebi que tipo, eu tava numa seção, e tava o segurança na outra ponta, e aí eu voltei e “ah não, acho que é aqui”, e tava o segurança perto. Eu falei: “caraca, eu não acredito”,

fiquei meio bolado assim, e falei: “não vou comprar mais o biscoito aqui não, mas eu quero entender se é isso mesmo”. Aí eu “pô, vou pra outro ponto agora, distante, pra ver se é isso”. Fui pra um outro ponto e o cara tava lá, e eu fiquei, tipo: “caraca, é isso mesmo”. E tipo, foi a primeira vez que me dei conta de alguma parada assim, e eu fiquei, tipo, “caraca, que merda, só vim aqui comprar uma parada e o cara tá achando que eu vou roubar, alguma coisa assim? Ah, não vou não, eu vou embora”. Fiquei puto assim e fui embora também sem comprar nada, aí fui embora pra casa meio bolado com isso, assim, mas acho que isso foi uma primeira vez. Depois as coisas se sucedem, depois que você vê a parada e entende né, você começa a ver mais, o teu filtro ali no olhar muda, né? Mas acho que é isso, é só a primeira e depois vem outras aí. Você tá andando na rua e uma senhora tá com a bolsa e puxa a bolsa com medo. Acho que é muito essa parada... e acho muito louco que às vezes, sei lá, as vezes eu tô só com o pensamento numa coisa muito louca, tô sonhando com qualquer coisa, sabe? Como qualquer outra pessoa pode sonhar com qualquer coisa, ou pensando qualquer besteira, e a pessoa passa do seu lado achando que você vai roubar, tipo... você se assusta, sabe? Eu acho que tem uma parada do... cara, esqueci o nome agora do escritor... é um escritor bem jovem, ele lançou um livro que tem uma parada de sol... não sei, alguma coisa ligada a sol assim, uma capa laranjona, fez bastante sucesso, tipo tá na frente de qualquer livraria assim, e tem uns contos e tem um conto onde ele fala de uma parada que aconteceu com ele, do susto que ele levou pelo susto que a pessoa levou com ele e isso rola, sabe? É uma parada que quando eu vi ele falando, eu me identifiquei com a parada. Falei: “cara, que louco.” Porque é isso, às vezes você tá na rua tão... sabe, tão longe daquilo, tão distante de qualquer coisa... e a pessoa se assusta contigo, você se assusta, porque ela se assustou, e você fica: “caraca, que doideira, sabe?” e aquilo te puxa pra uma realidade, te traz pra um outro pensamento, sabe? Eu tava num pensamento tranqüilão, muito leve, muito tranqüilo, e a pessoa te puxa pra uma parada, onde ela te colocou num lugar, ela suspeitou de você e você fica depois bolado por isso, sabe? Mas acho que é isso. Sim, e são muitas, muitas histórias.

P – Já teve algum tipo de abordagem policial?

E4 – Já teve em ônibus. É uma parada que não é tão comum assim, tenho amigos e uma galera que eu conheço que é muito mais. Fala assim: “Sempre. Sou sempre parado.” Isso até que não, sabe? Bota aí... 2 vezes na vida, mas nada tranqüilo também, de os caras chegarem dentro do ônibus e falar: “Tem droga aí?” Você fica até meio assim “pô, mas?” ... eu tava com mochila e tal, olhou dentro da mochila e não sei o quê. E ainda fiquei bolado sabe, fiquei com medo dessa vez, que eu estava em São Cristóvão, no Largo do Pedregulho, não sei se é um lugar que você conhece.

P – É perto da minha casa até.

E4 – Ah sim, tava ali, era um dia à noite, tava voltando pra casa no ônibus que vai direto pra “(nome do bairro periférico)”, tava com a mochila assim, no colo, e os caras entraram por aquela porta de trás e tipo, só tinha eu no ônibus, uma pessoa lá perto da roleta, e eu e os caras, assim, eu tava perto da porta de trás, e os caras entraram já perguntando, eu pensei: “caraca!”, fiquei meio bolado mesmo. Pô, você vê mil histórias, sabe? Dos caras que colocam droga na tua bolsa, ou que inventam uma história, que os caras podiam me tirar do ônibus e me levar, sempre foi uma parada que eu tive medo, assim. Mas foi isso, perguntaram, olharam, não tinha nada, e foram embora. Mas não é uma coisa muito recorrente pra mim. Acho que uma outra vez, talvez eu nem lembrasse disso, mas lembro porque teve uma parada parecida agora há pouco tempo, foi quando no início da produtora, a gente fez um curta-metragem, e aí, no primeiro dia, era uma parada que eu ia filmar toda noite. E aí a gente saiu num dia, meio que laboratório assim, sabe? “Vamos dar uma olhada

na rua, vamos fazer uns registros, filmar, tirar umas fotos, pra poder ver as imagens, cenas mesmo, pra ter como referência”. E aí a gente foi pra um viaduto aqui em Laranjeiras, e a gente tava filmando, e ele é cercado de vários prédios assim, e aí alguém que estava numa dessas varandas de um prédio ligou pra polícia, chamou a polícia pra ver o que estava acontecendo, porque tinha uns 3 moleques no viaduto e tal, uma movimentação estranha. E aí veio uma viatura da polícia, parou, falou que tinham chamado pra gente, queriam saber o que era que a gente tava fazendo. A gente falou: “Não, estamos filmando e fotografando aqui pra um filme que estamos fazendo.” Os caras ficaram meio assim, sabe? Tipo... meio que como se você não pudesse fazer isso, tipo não é essa a cara que tem quem faz isso, sabe? Sei lá... mas foi isso, de abordagem foram essas, mas eu lembrei disso porque há pouco tempo tinha um garoto que tava tirando foto em algum lugar com a câmera dele, e aí alguém vendo assim, tipo da varanda, fotografou e chamou a polícia, aí botou na internet e fez toda uma parada, sabe? Como uma movimentação suspeita. E era só um cara tirando foto, um cara negro, jovem, tirando foto na rua. É por isso que eu lembrei dessa história, e tipo, é isso.

P – E você acha que no Brasil, as pessoas acreditam que existe racismo? As pessoas brasileiras, no caso.

E4 – Cara, elas acreditam. Elas não admitem que é com elas, que são elas que... mesmo que elas sejam racistas, elas não vão admitir, mas acho que sim, né? Tá na cara aí, de todo mundo, não dá pra dizer que não. Mas é isso, é o país que admite que tem racismo mas ninguém admite que é racista, e a conta não fecha.

P – E como que é a sua relação com o trabalho? Você acha importante?

E4 – Cara, é complicada essa pergunta, eu acho importante. É importante pela organização que tá imposta ali, que tem que trabalhar e tudo, né? Mas eu não sei, vou entrar num questionamento muito grande se eu falar que não, né? E vou pra um outro caminho... mas sim, é importante, dentro da forma que a gente vive, dentro do que tá posto, é sim importante.

P – Com que idade você começou a trabalhar?

E4 – Com 16.

P – E a sua família precisava da sua ajuda pra manter a casa?

E4 – Cara, eu acho que eu sempre ajudei, eu sempre ajudei. Até hoje, mesmo não morando lá, eu ajudo. Acho que sim, sempre ajudei, é. Não que fosse uma cobrança da minha mãe desde o começo, ela sempre foi tranquila também pra que... “Ah, faz as tuas paradas ou banca alguma coisa que seja importante pra você”. Mas sempre ajudei, e sempre precisou também, né? É isso.

P – Como que é em média a educação pra um jovem negro no Brasil?

E4 – Como que é em média? Mas aí até que nível que ele chega ou... mais uma parada tipo um contexto? Não sei.

P – Acho que é mais aberto assim, de... o que você pensa quando pergunto isso?

E4 – É porque eu acho que é assim, a parte mais complexa é como se dá essa parada de educação e contexto também, né? Acho que tudo tem contexto, quando você perguntou de trabalho, eu fui falando de relações dentro, mas depois pensei também: “pô, tem uma relação complexa que é o quanto você se desloca pra chegar no teu trabalho”, que pro negro, normalmente, isso vai ser um

caminho maior, percursos maiores, percursos mais desgastantes. Vai pegar trem lotado, metrô, o que quer que seja. Eu acho que tudo pro negro vai envolver contexto também quando a gente for falar de qualquer coisa. E acho que assim, tem um lado onde a educação não é tão boa, né? De dar uma base maneira e tal, mas tem também a parte onde você precisa em alguns casos, você precisa do básico: você precisa comer, você precisa de dinheiro, você precisa fazer as coisas, você precisa trabalhar mais cedo, e então a educação precisa ficar em segundo plano, porque você precisa comer, porque você precisa pagar conta, porque você precisa de coisas básicas. Então assim, a educação em si não é tão boa, mas tem um contexto também, que pode fazer com que você se afaste de seguir um caminho mais próspero pela educação ou que você consiga estudar mais, sabe? A minha mãe, por exemplo, começou a trabalhar com 11 ou 12 anos, como empregada, fazendo faxina em casa de... sei lá, na zona sul. E morando em Nilópolis. Às vezes eu troco umas ideias com ela e falo: “caraca, isso é muito absurdo, isso é muito louco”. E aí, como que nesse contexto você vai concluir um segundo grau que seja, sabe? Ela não estudou tanto. É uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço, mas tipo, não estudou tanto. Fez até, sei lá, a quarta ou quinta série do que é hoje. A gente troca várias ideias, troca ideias sobre tudo, fala sobre tudo, ela tá sempre atendida nas paradas, ligada, inteligente pra caramba, eu acho, e de saber como lidar com a vida, de como levar as paradas. Me criou, criou meus irmãos, tem toda uma parada assim, admiro bastante, mas tipo, essa educação formal que te leva pra um emprego tal, te faz entrar na empresa tal, sem que você seja a pessoa do trabalho braçal, é uma outra parada, sabe? Onde vira essa chave. Então acho que é complicado por isso, né? Você... se você for ver, falando assim, o branco no geral, o negro no geral, colocando mais no geralzão mesmo, ele vai entrar num circuito de educação que é melhor, em escolas melhores, enquanto o negro vai entrar em escolas que não vão suprir essa parada, e ele vai ter um contexto também que vai ser difícil dele se manter, ou se ele se mantém ali, vai estar sempre com a cabeça em várias outras questões, né? Você vai crescendo pensando em dificuldades que você tem e casa e pensando: “é foda”, e quanto mais você estuda mais você demora até... pra engrenar nessa parada de ganhar uma grana, né? Então assim, até que ponto você pode também terminar uma faculdade tranquilamente sem pensar que: “caraca, eu tenho que ganhar dinheiro logo, trabalhar logo, pra poder ajudar em casa”, sabe? Poder ajudar mais em casa, talvez até consiga ajudar, mas precisa ajudar mais, sabe? Tô vendo mais necessidades. Aí acho que é isso, acho que é uma educação que não funciona tão bem pro negro, porque ele entra nas escolas que não tem uma estrutura tão boa, e também pelo contexto pra ele se manter ali. Acho que essa é a parada.

P – E como que foi o seu caminho pra chegar até à universidade?

E4 – Olha, eu fiz... comecei a estudar, eu morava em Nilópolis na real, quando entrei na escola. Fiz a parte menorzinha ali em Nilópolis, depois a gente se mudou pra Marechal e foi muita dificuldade pra que eu trocasse de escola e não perdesse o ano por um negócio de data de aniversário e tal, mas minha mãe foi lá, correu atrás pra caramba. Falou: “Não, vamos conseguir.” Rodou várias escolas... aí eu morava em Marechal e estudava em Deodoro, era um chão assim. Mas ela falou: “Não, por mais que seja sacrificante pra levar, pra buscar... você vai estudar, é prioridade. Não vai perder um ano.” E aí foi essa parada, estudei lá esse ano, depois comecei a estudar em Marechal direto, tipo da primeira série até a oitava série, eu troquei de escola, mas tive assim uma parada que foi boa, de estudar em boas escolas também, sabe? Que tinham bons professores, que era uma galera que vinha mesmo, que fazia, não... não pelo... não era uma parada também uma configuração boa, assim. Eu comecei estudar em escola pública na alfabetização, essa coisa de Jardim I e Jardim II, acho que nem existia público na época, eu acho. Mas eu tive

bons professores, e não por uma parada de “ah, do governo”, sabe? A escola era pública mas não era uma questão do prefeito ou de quem quer que seja, sabe? Eram professores, os professores que faziam a parada diferente do que tava programado, sabe? Tive uma professora de alfabetização que ela falou: “eu recebo um programa tal da prefeitura, mas se eu seguir isso aqui os alunos vão aprender muito pouco pra passar de ano, então assim, eu vou puxando mais dos alunos pra que eles cheguem num ponto onde ele tá batendo junto com todo mundo”, sabe? Com quem tá fora da escola pública também. Um aluno de escola particular aprende de tal forma, então vambora e que ele se iguale as paradas, né? Acho que eu tive essa sorte também, de encontrar bons professores que fizeram mais que do que a política pública colocou ali, sabe? E acho que isso foi... no tempo todo que eu tive na escola pública, aconteceu isso. Tive bons professores, tive professor que dava aula de matemática e dava aula no Pentágono (escola privada de alto nível no Rio) também, que dava aula em bons colégios, assim, e que deixavam a parada num nível maneiro, sabe? E eu sempre fui também meio CDFzão, assim, de dar uma estudada a mais, ser um dos melhores alunos, sempre tive essa parada também por uma exigência forte da minha mãe de tipo: “a média pode ser a que for na escola mas pra mim a média é 8” e sabe, fazer essa pressão, de que tem que estudar, tem que mandar bem, é a tua parada, é o teu futuro, e isso também me fez ter um caminho bom, né? Aliado a essa coisa de bons professores que puxavam pra além do que tava posto ali. E aí fui pra “(nome do colégio estadual)”, foi onde eu conheci o “(nome do nosso amigo em comum)”, fiz um segundo grau era técnico e médio junto, tudo ao mesmo tempo, a parte do médio, que era umas matérias que você tinha que aprender pra fazer um bom vestibular era fraco na escola, mas a parte do técnico e as pessoas que eu conheci, era uma parada muito boa. Então, isso me incentivava estar lá, tipo, quero ir pra escola, é maneiro, você aprende, conhece o Rio todo porque tem gente de tudo quanto é lugar, isso é uma experiência maneira também, de você circular e tal, nos lugares. A parte do técnico foi muito boa porque antecipava uma faculdade né, e me fez também ter uma noção do que eu queria fazer na faculdade, que era pelo menos trabalhar com criação ou aquela área, não necessariamente sabendo, porque eu entrei sem saber o que era publicidade, mas vi que tinha uma parte criativa e achei maneiro, e aí isso incentivou também, porque eu tava numa escola de segundo grau, mas estudando uma profissão e gostando nela. Estudando uma parada que eu tava curtindo. Mas a parte do médio, onde era matemática, português, isso não era tão forte, a gente aprendia bem mais ou menos, faltava professor às vezes. Teve um ano que a gente passou metade do ano ou mais sem professor de uma matéria e aí teve que fazer no outro, duas paradas juntas. Tinha umas histórias assim, uma greve ali e outra aqui às vezes, porque a escola era estadual, mas foi, sabe? Tinha uma parada maneira, de você estar aprendendo uma profissão, tinha uma parada maneira da galera que você conhecia, que era boa, e então isso também incentivava. E depois pra faculdade, foi uma parada de seguir mais ou menos na área que eu tava ali, consegui entrar na “(nome da faculdade privada)” com essa parada da cota, foi pelo PROUNI, que obviamente, porra, dá uma ajuda ali pra você entrar, porque a nota era lá no alto e tipo, foda de entrar, difícil né? E o médio não foi tão bom também pra te dar essa base, e eu acho que aí que é importante essa parada, né? Onde a política pública funciona também, porque é o que eu falei, o contexto é foda, a base não é tão boa do teu ensino. Então assim, difícil né, o cara que tá lá pagando 3 mil por mês, estudando numa escola absurda e sabe, tendo um conteúdo foda lá, certinho, e você com professor faltando, não sei o que lá, fazendo física I e II ao mesmo tempo com mais outras matérias, com mais todo o teu contexto de vida, preocupado com a tua casa, com a tuas paradas. Acho que isso faz a coisa nivelar um pouco melhor, né? E sim, ajudou esse acesso, obviamente, pra eu conseguir chegar na faculdade. Mas chegando tem toda uma outra parada também, toda uma outra questão um contexto de onde você vem, e tipo, como é complexo, como que é o outro mundo, né? Você

tem uma aula onde é você e mais um outro cara negro. E teve isso também, eu entrei e tinha pouquíssimas pessoas negras, e eu entrei fazendo design de moda, aí era uma parada muito mais pomposa assim, sabe? A galera ia, tinha umas minas que iam com umas roupas que pareciam que estavam saindo de um desfile, sabe? E eu ficava assim: “cara que doideira! A pessoa só veio assistir uma aula!”. Louco, né? Mas é isso, lembro que tinha pouquíssimas pessoas negras. Eu lembro que tinha uma pessoa negra além de mim, que depois também tava trocando uma idéia com alguém e falaram: “Pô, tu viu o neto do Gilberto Gil? Ele tá estudando com a gente.” Falei: “caraca, o único cara negro que eu achei, tipo, o cara é próximo de mim, deve ser bolsista também, e o cara é neto do Gilberto Gil, que doideira”. Mas assim, são essas questões, né? Um outro lugar, um outro mundo, é uma outra ideia que se troca, e era muito louco também, nesse tempo de faculdade, o trajeto, mais uma vez o trajeto que eu fazia. Eu pegava um ônibus que pegava a Suburbana (nome de uma avenida do subúrbio carioca) inteira, sabe? Era o caminho mais barato pra ir com dois ônibus. Aí pegava um trajeto que fazia a cidade inteira, antes de ter UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) ali no Jacaré, então ficava a maior galera na rua e você ia passando, tipo, sempre gostei muito de olhar as paradas pela janela do ônibus, meio que televisão, sabe? Ficava curtindo, ouvindo uma música às vezes, ou não também, mas assistindo ali a parada, e aí você ia vendo todo um trajeto, como que a coisa ia mudando, o lugar ia mudando até chegar o momento em que você atravessa o túnel e sai na Lagoa e tipo: “caraca, eu tô em outro lugar, agora”. Ou no momento que você volta, cansadão, no final do dia, você tá ali, entra no túnel e sai e vem uma outra realidade, passa pelo Jacaré, passa não sei aonde, não sei aonde e cara, que doideira, sabe? É toda essa divisão, né? Mas acho que foi isso, o trajeto é esse aí. Se eu tiver me estendendo muito você fala porque eu tô falando pra caramba.

P – Não, imagina pode falar. Adoro. Você falou um pouco sobre, mas me fala um pouco mais especificamente do que você acha do sistema de cotas e o que você acha que isso representou na vida de jovens negros.

E4 – Cara, eu acho bom, acho importante que tenha, até pelo que eu já falei antes, pelo contexto, como que a coisa se equilibra, né? E não é uma parada que começou quando eu nasci, ou quando meu pai nasceu, ou quando meu avô nasceu, é uma parada que tá posta muito antes, um desequilíbrio muito grande, então, assim, é isso é alguma coisa. Não acho negativo, não vejo como uma parada negativa, vejo como uma parada positiva porque pode impulsionar que essas pessoas entrem, que essas pessoas no mercado de trabalho possam viver uma outra coisa que não só o trabalho braçal ou aquele trabalho que você... se essa pessoa não tá rendendo, eu tiro e coloco outra e ela faz isso, onde você possa exercer outras coisas, onde você possa sonhar mesmo. Eu acho que isso impulsiona o sonho das pessoas negras que estão ali sempre como se o destino delas fosse sempre estar naquele lugar, de não poder sonhar mais do que aquilo. Acho que isso dá um furo nessa parada, pode dar um furo naquela realidade e a pessoa começa a andar um pouco mais, acho que isso é importante. Acho que isso é a coisa mais importante, né? Você não perder a tua capacidade de sonhar. É isso, acho importante por esse ponto, acho que... que não tem que ser uma parada pra vida toda, sabe? Da mesma forma que o Brasil, a primeira forma, o primeiro jeito que era essa terra não era com gente escravizando ninguém, sabe? Eram pessoas livres, fazendo umas coisas da forma que tava ali acontecendo, não acho que a gente tem que ficar a vida toda nessa parada de cota, só que ela se faz necessária pelo momento e por todo histórico, mas é um sonho ver a parada mais igual, mais equilibrada. Mas acho que ela se faz necessária enquanto tá tudo desequilibrado, mas é isso, não sei se eu consigo ver, não sei quanto tempo vai levar, não sei quanto

tempo vai durar para as coisas ficarem mais iguais e a gente não precisar da cota. Que é isso, no fundo, no fundo, eu queria que ela nem existisse, sabe? Mas ela se faz necessária. É isso.

P – O que você pensa da importância de possuir *networking*?

E4 – Cara, é bem importante, né? Bem importante. E acho que mais uma vez vai entrar contexto na parada. Pra faculdade, as faculdades são um ponto interessante pra isso. Acho que pra mim foi importante desde o segundo grau, que era o lugar onde a gente já tava ali visando o que a gente ia ser da vida, sabe? O que a gente ia fazer, porque a gente já tava num primeiro passo ali de pensar: “o que eu vou fazer pra minha vida toda? Com o que eu vou ganhar dinheiro?” Acho que nesse momento é maneiro, até hoje de vez em quando eu trabalho com pessoas que eu conheci lá, às vezes rola um *freela*, às vezes rola uma parada. Acho que esse contato foi um primeiro contato interessante, e na faculdade também é importante, né? Eu acho que é o momento de você começar ali naqueles primeiros contatos, às vezes você pode conhecer alguém que conhece alguém e a parada vai e flui, sabe? Num contato desses de faculdade. Mas acho que o contexto entra de novo, porque de novo, assim, um cara negro dependendo do contexto dele, ele não vai conseguir utilizar um tempo de lazer dentro da faculdade pra fazer essas conversas, pra onde a coisa se expande sabe, pra esse contato. Talvez ele tenha que sair fora logo porque tem que trabalhar ou tem que fazer alguma coisa. Difícil ter esse tempo livre, né? Acho que ele é bem importante e que o negro tem menos tempo livre do que o branco, ele tem que estar sempre correndo atrás de alguma parada. E acho que esse problema é o primeiro ponto, onde o contexto já pode te tirar um pouco de acessar possibilidades, os contatos, acho que pode ser uma parada. Você tá mais longe também e tem que ir embora mais cedo... não dá. Se a aula for à noite, você estuda à noite por exemplo. Eu não... não estudei direto à noite em nenhum momento, mas pensando quem estuda à noite, pensar que você trabalhou, foi estudar à noite, e a galera, sei lá, vai tomar uma cerveja depois, e você teria como tomar uma cerveja, pra dar uma esticada, mas tipo, tem que ir embora, sabe? Não vou ter esse tempo de chegar em sei lá aonde, tenho que pegar o ônibus tal, eu tenho que pegar o último trem, e não vai dar pra eu dar essa marolada, ficar um tempo, curtir, trocar uma ideia. Acho que nisso você já perde um pouco, né? Mas que é importante, é importante pra caramba, acho que isso vai gerando outras coisas, e no momento que você vai trocando ideia, vão se abrindo possibilidades, e você vai falando das coisas que você faz e vai rolando essa troca. Eu acho que é isso, eu acho que a faculdade é um ponto importantíssimo pra essa parada, porque eu vejo que tanto no mercado de trabalho, muita gente tem as pontes que foram feitas nesse momento, né? Muitas pontes, assim, você tem que indicar uma pessoa e já lembra de alguém daquela época, ou quem ainda é amigo, ou lógico, você vê que são pessoas que trabalham junto são de uma parada que se estabeleceu ali na faculdade. Acho que é importante, acho que o contexto rouba um pouco essa possibilidade do negro no geral, mas é importantíssimo. Eu, por minha conta, tento ter sempre assim... hoje em dia eu tô mais perto, tô num circuito um pouco mais fechado, de conseguir ir nas paradas, às vezes rola uma pré-estreia, e eu consigo ir. Ou às vezes rola uma parada, e eu consigo estar na parada porque tá tudo aqui perto, mas é uma parada meio inimaginável de acontecer enquanto eu morava em Marechal, tipo, eu não vou me despencar depois de um dia cansativo pra ir na cinemateca do MAM ver um filme porque vai ter tal galera lá, sabe? Eu não vou conseguir fazer essa social, não vai dar. E hoje em dia, por estar numa parada mais fechadinha, mais perto, eu já tô perto de onde acontecem as paradas, flui mais fácil essa questão de território e circulação, acho que isso afeta o tempo todo.

P – E... você já sofreu discriminação no ambiente de trabalho? Discriminação racial.

E4 – Deixa eu pensar aqui. Olha, não sei, porque rola umas paradas meio sutis assim, que você fica até em dúvida se é ou se não é, sabe? De você estar trabalhando às vezes com o cara que é o diretor do filme tal, e aí o cara não te responde muito bem ou não te trata tão bem, e você fica na dúvida se é por conta do cargo ou se isso pode ter uma questão. Tem questões meio sutis assim, sabe que você fica meio na dúvida. Então não sei dizer como sim ou como não, essa eu não sei dizer sim ou não.

P – Você acha que há divisão racial do trabalho? Trabalhos de branco e trabalhos de negros.

E4 – Olha, cara, aberto assim, é foda responder, é complicado. Mas isso você pergunta o quê? Posto pela sociedade?

P – É, posto pela sociedade.

E4 – Cara, é complicado, mas meio que sim, né? Acho que meio que sim, acho que de novo coisas sutis também. Eu acho que é mais tranquilo, as pessoas pensam assim, pelo menos dentro do universo que eu trabalho que “ah, é mais de boa eu consertar um erro de alguém ali”, sabe? E não pedir diretamente pra pessoa consertar. “Dá uma acertada nisso aí, dá uma limpada na cagada que alguém fez aqui na parada”, sabe? Do que pedir diretamente, isso acontece algumas vezes tipo “é só pedir pra pessoa fazer o negócio” e tipo, “não, faz aí você mesmo, segue”. Então assim, acho que de alguma forma mais escancarada ou mais sutil isso rola né, isso rola. Acho que a coisa da limpeza mesmo, dos ambientes, dos lugares, de tudo, não sei, acho que tá muito ligado a isso... ficar meio na mão de você limpar ou acertar coisas ou fazer coisas que a pessoa fez e soltou, sabe? Seja de jogar papel no chão ou não finalizar direito um arquivo e passar pra outro, acho que isso joga uma carga a mais ali não por você estar em tal cargo, mas acho que quando você é negro, isso potencializa. Mas é isso, talvez eu nunca tenha pensado sobre isso também.

P – E qual é a proporção de pessoas negras na gerência ou nas diretorias das empresas que você trabalhou?

E4 – Onde eu trabalho... trabalhei... vou juntar todas logo aqui de uma vez. Cara, acho que zero.

P – E a proporção geral na empresa como um todo, nos níveis hierárquicos mais baixos existia? Ou não?

E4 – Sim, é.

P – Era minoria, era maioria?

E4 – Minoria de negros, minoria. Sempre. Sempre.

P – E você acha que há discriminação racial na contratação de candidatos?

E4 – Acho que sim. Acho que sim. É o que eu te falei, eu não fui tanto assim, eu tive um bom tempo trabalhando por mim mesmo, não fiquei tanto também numa parada de mega ultra vários concursos seletivos, não fiquei. E por mim mesmo não tenho como dizer, mas sim, existe, óbvio. A gente sabe que acontece. Pessoas capacitadas, pessoas que podem ocupar tranquilamente o cargo que eu ocupo. Isso rola.

P – E o que representa estar desempregado pra você?

E4 – Complexo, isso né? É porque assim, eu nunca me vi desempregado, então é meio difícil pensar isso. Assim, desempregado numa parte formal, não ter carteira assinada sim, né? Se for é

só isso, tive carteira assinada bem no começo e não mais, depois *freela*, ou MEI (Microempreendedor Individual), ou qualquer coisa assim. Mas depois que eu comecei a trabalhar, até o momento atual, eu não parei de trabalhar, sabe? Por conta própria ou não, ou trabalhando numa empresa. Então, sei lá, acho que nunca refleti muito sobre isso ou sobre o que é isso, sabe? Pra sociedade é um fracasso, uma parada muito ruim, é muito chato, só que assim, tem como fazer outras paradas, mas eu acho que na formalidade sim, dá pra dizer que o tempo que eu não trabalhava pra ninguém eu tava desempregado, mas na minha cabeça eu gerava renda, fazia a parada, pagava as minhas contas, então não sei se eu tenho uma parada formatada pra dizer sobre o que eu acho ou o que eu penso. Não sei. E também dentro do jogo, é muito louco, né?, mas dentro do jogo do mundo vai ter isso sempre, faz parte da engrenagem rodando que tenha gente desempregada, então sei lá, é muito louco. Você fez qual curso?

P – Administração.

E4 – Administração. É, então, eu agora tô fazendo uma matéria de economia aplicada à engenharia, porque o meu curso tá dentro da engenharia, e aí, sei lá, tenho estudado essa parada de desemprego, é um dos temas que abordo que tá lá dentro da parada, sabe? Pra que tudo aquilo funcione tem que ter aquela galera ali. Então sei lá, é muito louco eu formar uma opinião no meio disso tudo, viver isso tudo. Tem uma parada também, eu tô aprendendo coisas novas assim, eu tô achando bem maneiro estudar economia, é uma parada que eu nunca tinha estudado. Tô achando bem maneiro porque dá um geralzão assim, né? Outra visão de sociedade e tudo mais. E é isso, a parada tá ali, ela tem que estar ali estabelecida, sei lá, é muito difícil pra que eu forme a parada que botaram aí, tem que estar ali, é muito difícil que eu forme alguma coisa, eu acho.

P – Entendi. Quem foi ou é a sua maior referência de masculinidade?

E4 – Olha... é bom que tem umas questões que eu nunca pensei, eu acho.

P – Que bom.

E4 – Isso é bom. Isso é bom. Cara, a maior referência... vamos lá. Acho que de cara assim penso o pai né, meu pai é vivo e tal, convivo com ele. Não sei se eu diria outro... mas também por outro lado, eu tenho outras paradas, outros pontos, que por conhecer bem ele, ter convivido bem, eu já não acho tão boas. E até por outro lado, por ser filho dele, em algumas coisas eu também sou parecido, né? Então fico meio assim, eu não sei se eu gosto muito disso como um referencial, né? Porque se fosse o maior referencial, pô a minha mãe é o maior referencial, eu já até falei disso. Agora, pensando numa figura masculina, não sei te dizer uma. Diria pai por maior convívio e por ter coisas que sim, você se espelha, ele me passou várias paradas, várias questões sobre vida, sobre levar a vida, jogo aberto sobre como levar as paradas. Acho que isso é importante, pelo menos é a figura masculina que mais se dedicou a me passar coisas e isso é importante. Talvez hoje, pensando de cara, assim, é isso, talvez pensando mais um tempo e alguns dias aí pra frente eu lembre de uma outra figura. Acho que tem figuras que se destacam muito, você vai vendo outras coisas, vai pensando... sei lá, tem pessoas mais famosas, que você acompanha mais e admira mais o trabalho, ou algum cara, sei lá, eu ouço muito música e tem várias pessoas e vários caras que eu acho maneiro, e alguns que eu acompanho um pouco mais e sei que o cara tem uma relação com filho ali e tal, com a família... e talvez seja uma coisa interessante, sabe? Sei lá, um Will Smith da vida, que é um cara que é referência pelos trabalhos que faz, e que tem uma relação de família, tem os dois filhos também que fazem umas paradas, tem a mulher dele, tem feito uma parada em Youtube agora que ele coloca como... como coisas mesmo de convívio deles e tal, coisas do tipo. Mas não

sei né, até onde isso é mais profundo também, é uma coisa muito rasa pelo que eu consigo ver, mas também pode ser uma referência, né? Mas é uma que eu lembrei aqui.

P – Quais características um exemplo de homem ideal deve possuir? Quando você pensa num homem ideal assim, o que ele tem? O que ele é?

E4 – Cara, eu acho... eu já falei de sonhar né, acho que isso é importante. Acho que tem que ter sensibilidade, e acho que sonhar tá diretamente ligado a isso, né? Sonhos são paradas mais sensíveis que a gente tem que ter... acho que pra viver mesmo, não consigo viver sem pensar em coisas que eu quero almejar, sem pensar na minha felicidade. Eu acho que coisas mais importantes, pra eu também não estender muito a parada senão eu vou ficar aqui muito tempo pensando sobre coisas, mas eu acho que é muito importante que tenha a capacidade de sorrir e de chorar. Acho que isso pra mim resume bem e acho que sensibilidade bate nos dois lados da parada, entendeu? Você não viver com a cara fechada, você não ser muito duro, pra viver. Acho que quando você tem capacidade de rir e de chorar você já tá bem, sabe? A tua sensibilidade podendo bater nas duas pontas dessa parada, acho que é isso. Outro ponto que é importante é rir de si mesmo também, acho que esse é bom, porque... eu tava trocando essa ideia há pouco tempo com a minha namorada, até. Que a gente enquanto humano tem várias falhas e vários erros e nada é perfeito, acho que é até difícil essa coisa do ideal ali, não vai rolar. E acho que por isso, justamente por isso, de a gente não conseguir ser tão... certinho ou perfeito, a gente tem nossas falhas, a gente tem que conseguir ter essa capacidade de rir de si mesmo quando a gente for idiota ou quando for babaca, ou tiver algum pensamento do tipo: “caraca, que viagem o que eu tô pensando, ou o que eu tô fazendo, ou o que eu tô dizendo”, e aí você ter essa capacidade de entender isso e de rir de si mesmo, sabe? De rir, tipo: “cara, como eu fui idiota, ou como eu tô sendo idiota”, e conseguir seguir, melhorando com essas paradas. Então acho que é isso, acho que é importante rir, chorar e rir de si mesmo. Ser sensível acho que é a palavra.

P – E tem alguma coisa quando você pensa num homem que você quer ser e tal, que esbarre com ser bem sucedido profissionalmente? Tá incluído nessas características?

E4 – Peraí, alguma coisa... que eu almejo pro futuro que esbarre...

P – Quando você pensa assim, o homem que você quer ser no futuro, o homem ideal por exemplo, você tá num patamar e você quer alcançar o homem ideal, pra você, né, as características que você quer desenvolver, ou que você precisa disso e disso pra ser feliz... Tá incluso ser bem sucedido profissionalmente?

E4 – Olha, isso tá incluído, mas isso não é a base pra mim, eu acho que pra que você consiga ter sua sensibilidade, ter teus sonhos vivos na tua cabeça, ter essa capacidade de rir das coisas, de chorar das coisas, por motivos bons ou ruins é... eu acho que isso não é o trabalho, sabe? Como você tá colocado ali no mercado de trabalho. Acho que isso não é a parada mais determinante, acho que tem outros pontos na vida que são mais importantes, a família, os teus amigos, como você se relaciona com as pessoas, acho isso mais importante do que trabalho em si. E o trabalho também tem a relação com as pessoas, também tem tudo isso, né? Então essa relação também é importante, né? Mas é isso, acho que o trabalho em si tá incluído, acho que isso tá posto também pela sociedade, tá ali no combo do plano pra vida. Mas eu não coloco isso como a coisa mais importante não, eu quero estar feliz, e a minha felicidade não está ligada diretamente a isso, eu tenho outros fatores. Tá no pacote, mas não é o primeiro item.

P – Como foi a sua relação com o seu pai?

E4 – Boa. Acho que ele em certo ponto tem essa parada de ser mais fechado. Troca ideias, troca ideias abertas, francas, mas é muito fechado nessa questão do rir e chorar que eu falei, né? Ri com mais facilidade e chora com mais dificuldade, e então guarda muitas paradas pra ele, mas acho que é isso. E é assim, é uma parada... eu acho que é importante no lugar que ele tá e que ele ocupa dentro da coisa da família, a minha mãe como dona de casa e ele como a pessoa que trabalha e que sustenta a família, tipo, pô, isso tem um peso enorme, né? No momento onde você consegue fechar as contas é uma parada, um alívio, mas no momento que as contas não fecham é foda, sabe? E você tá correndo pra trabalhar, e você tá com outras paradas, e sempre se desdobrando em mil, assim, pra fazer... e também fazendo outras paradas por fora do trabalho de *freelancer*, porra é um peso gigante. Hoje, porra, tomo conta da minha casa, pago as minhas contas da casa, mas a conta fecha, sabe, eu fico tranquilo, mas fico imaginando: cara, e se não fechar? Tendo filho? É um peso, né, e aí você, porra, tem que se abrir, tem que soltar pra uma parada, e às vezes as coisas acabam ficando numa parada de ficar mais agressivo, mas não se abre sabe? A válvula de escape acaba sendo outra quando podia ser só tipo: “vamos trocar uma ideia”, chora se quiser chorar, vamos nos ajudar. Mas, no geral, é uma boa a relação, sempre trocando ideia sobre coisas mais diretonas da vida, assim, sempre dando muito conselho pra mim. Mas eu sinto que é importante que o filho também dê conselho pro pai, e aí esse momento que não rola tanto. Rola agora. Depois que eu saí de casa acho que rola um pouco mais porque não sei se muda um pouco essa relação de “ah, você tá tomando conta da tua casa agora”, tipo, como se hierarquicamente você tivesse dado um passo e agora te ouço um pouco mais, sabe? Mas é isso, sempre gostei de conversar, sempre gostei de ter essa troca de ideia, de falar, de tentar abrir um pouco mais, de sensibilizar um pouco mais, mas ele é mais fechadão assim.

P – E ele era o provedor na sua família? Como você falou, sua mãe era dona de casa e ele provedor?

E4 – Sim. Com a ajuda dentro do possível minha e dos meus irmãos ali, mas é isso.

P – E você acha que cabe ao homem o papel de provedor?

E4 – Não. Acho que é o acordo de cada lugar, né? De cada relação.

P – Se o homem não consegue estar nesse papel de provedor ou não está conseguindo nem dividir as contas, se esse papel é negado pela sociedade, como você acha que ele faz pra exercer a masculinidade dele?

E4 – Não sei. Louco né? Cara, então, já que o papo é esse eu vou falar de uma parada que eu vivo e aí eu posso chegar e... hoje em dia, assim, eu e a minha namorada, a gente mora junto tem um ano, um ano e pouquinho. A gente tá junto há 7 anos, e a gente sempre teve essa coisa de ser muito *freelancer* por muito tempo. Aí hoje em dia ela trabalha com essa parada de pesquisa de imagem na “(nome da empresa)”, eu trabalho na produtora com finalização, e ela ganha mais que eu. E isso é uma parada, uma questão que tá sendo muito debatida, muito falada, então, assim, é uma parada que a tua cabeça já tá mais pensando sobre, né? É louco, eu sou muito de boa, muito aberto, troco ideia, tranquilo, mas assim, a parada é tão colocada na tua cabeça que tem que ser de tal forma, que tem que ser de tal jeito, que o homem tem que fazer a parada, que por mais que eu seja muito de boa, às vezes, eu, sei lá, a parada te dá um incômodo e você não sabe por que você tem o incômodo, e é só porque a parada tá posta. E tipo, porra, de boa sabe, eu sou tranquilo com isso, mas tipo a parada vem, fica um negócio assim, meio que: “caraca, sei lá, é estranho e não sei o quê, mas não é assim”, sabe? Ou qualquer coisa. E é meio louco, né? Porque você fica debatendo

contigo mesmo, tipo, “mas caralho, de onde vem isso?”, sabe? Por que vem isso? Por que impuseram isso? Mas é isso, é muito louco, né? Essas relações e como a coisa é criada, como a coisa é colocada na tua cabeça desde sempre... eu acho que isso funciona... e aí isso me faz, quando eu penso nessas paradas, e até quando eu penso sobre o machismo, sobre o racismo, quando rolam umas paradas assim eu tento me colocar também no outro lado da parada, né. Do meu lado quanto ao machismo, essas paradas que estão na sociedade. Quando eu penso... caralho, mas que porra. Sabe, eu sou tranquilo. A minha cabeça pensa, tipo: “quando eu penso a coisa na teoria da parada, tranquilo, eu não tenho problema”. Mas quando a coisa se coloca na prática, a parada é tão... tão enfiada na tua cabeça e tá há tanto tempo posta ali desse jeito que é difícil se desvencilhar da parada na prática, vem umas paradas assim que você fica incomodado, você sente o incômodo por certas coisas, né? Mas acho que é isso, a troca de ideia é fundamental. Eu acho. Porque enquanto a coisa tá só na tua cabeça ali, batendo, não muda muito. Acho que é bom quando você fala, você ouve a tua própria voz, a pessoa que tá te ouvindo também pode te dar respostas. Então todas essas paradas eu tento trocar ideia com a minha namorada, que é quem eu sempre troco essas ideias e falo o que tá rolando, ou como tô pensando, o que tá acontecendo. Pra parada não ser um incômodo ou diminuir o incômodo, ou mudar essa relação. Mas como isso se exerce em masculinidade eu não sei cara, é difícil pensar sobre, né? Pensar exatamente o quê. Mas eu lembro de rolar muito, assim, quando a gente começou, e eu não tinha muito na casa dos meus pais a coisa de fazer as coisas de casa, uma parte porque eu tava muito fora de casa estudando e trabalhando, ou quando eu tava em casa também, às vezes tava trabalhando em casa, outra parte também por na minha criação a minha mãe deixar as minhas irmãs mais nessa parte de fazer as coisas de casa. E eu e meu irmão, depois o meu irmão já não estava mais morando com a gente, mas eu fazia parte das coisas, mas uma parte menor, não tinha uma exigência tão grande. E aí penso que não é uma questão dela, antes dela a coisa tava posta e ela só deu uma sequência pra aquilo, mas pra mim era cômodo também estar como estava, e deixava rolar. Só que assim, tendo agora a minha casa, a minha namorada falou: “Cara, vamos dividir as paradas.” E no começo foi foda, tipo, de começar a fazer e estar no ritmo de dividir onde a coisa era dividida mesmo, 50/50, até que chegou o momento, e tipo, hoje a gente tá num momento onde eu faço mais paradas de casa porque ela trabalha mais tempo, fica mais tempo fora de casa, ela trabalha longe, trabalha em “(nome do bairro)”, então, tipo, além das 9 horas que ela fica lá, tem mais 4 horas ali. Varia de 2 a 4 horas dependendo de como ela fizer o trajeto. Mas se ela for de transporte público leva 2, se ela pegar Uber é 1, então tem uma variação que pode ter ali... mas basicamente, sei lá, 3 mais 9, 12 horas que ela fica fora de casa. Então, eu tô pertinho, trabalho mais perto, então acaba que eu faço mais pra ela, faço comida, lavar a casa, arrumar as paradas. Então, sei lá, no começo eu podia ter uma coisa mais conflituosa, não sei, é porque é muito difícil dizer onde exerce a masculinidade exatamente. Mas dentro do meu trajeto foi isso, começou, a gente tinha muita dificuldade em fazer as paradas, de ter uma regra pra fazer o negócio, deixando as coisas pra lá, ou fazendo pela metade, até a gente conseguir e ir se acertando. E agora é uma parada do tipo: tem que fazer, tem que ter a comida, vai ter que fazer. Eu consegui ir me acertando, sabe? Tipo: tem que fazer, botar a roupa pra lavar, tem que fazer não sei o quê, tem que lavar o banheiro, tem isso, tem que aquilo. E já tá lá, no cronograma que eu faço, essas coisas estão lá, fazem parte. E pô, tem dia tal que vou fazer o feijão que vai ficar lá pra semana, tal coisa e tal, organização, né? Mas acho que é isso, assim... e eu acho que isso se dá muito pela conversa, né? E pela abertura que se tem também, porque você pode não se abrir pra isso, e acho que... quando você perguntou de poder não ser o homem o provedor, eu acho que isso tá muito do acordo. Eu conheço vários acordos da minha família ou que estão próximos a mim onde o homem não faz a parada em casa, ele vai, trabalha, chega e não

faz, e a mulher por mais que saia, trabalha, faz as coisas. E aí é isso, a coisa fica posta daquele jeito, mas por mais que esteja posta daquele jeito e esteja rolando ali, você vê quando você vai trocar uma ideia, que seja meu irmão, uma tia minha, você vê, que porra, ela tá sobrecarregada com o bagulho, ela não tá satisfeita com a parada. Ela fala: “Pô, ele não faz nada, é foda.” Você sabe que é assim, que tá rolando uma sobrecarga pra mulher, e então, sei lá, acho que troca de ideia é uma parada, sabe? Acho que é um caminho e acho que ser sensível nesse sentido também de entender: “cara, eu tô com uma pessoa dividindo uma casa, então estamos dividindo tudo, dividindo tudo que tem pra fazer”. Não só, tipo, ah, que eu tenha dinheiro e a pessoa faça as coisas da casa. Dá um trabalho do caralho cuidar da casa. Tenho visto cada vez mais quanto dá trabalho, entendendo cada vez mais quanto que dá trabalho. Então, sei lá, essa parada é muito complexa, mas não sei exatamente onde se exerce a masculinidade. Não sei exatamente colocar isso em pontos, assim.

P – Mas acho que foi ótima a resposta. Você tem vontade de ter filhos?

E4 – Sim.

P – E você acha que o desemprego influencia na vontade de se casar e formar uma família?

E4 – Não sei, porque eu vejo muito duas cabeças que rolam, pelo menos no lugar de onde eu venho, sabe? Que é... o caminho que eu escolhi, pelo menos, que é um caminho onde se estuda mais, se leva um tempo maior ali pra você começar a engrenar numa parada de trabalho, e aí você consegue ter um ganho maior mensal, porque você conseguiu estudar mais e teve um outro acesso no mercado de trabalho. E eu vejo uma outra galera que estudou comigo, que tá ali, mora no mesmo bairro onde eu morava, tá ali, faz as suas paradas, tem seu carro, tem sua moto, eu não tenho carro e não tenho moto. Tá ali, não estudou tanto, mas tá trabalhando, conseguiu trabalhar, conseguiu fazer as suas paradas. Vive ali num mundo mais fechado, tem filho, às vezes mais de um filho até, e não sei, tem a mesma idade, mas escolheu um outro caminho, né? Onde foi logo ganhar dinheiro, talvez por isso conseguiu fazer as coisas mais rápido, já tem filho e tal. E o outro caminho que eu segui e demorou mais, aí tá rolando agora com esse processo de ganhar uma grana e depois você pensa em filho, sabe? Você tem tanta parada aí pra alcançar ainda que você quer fazer, que você dá mais um tempo até ter filho, né? Então, não sei, eu vejo muito esses dois caminhos, assim, quando eu vou onde eu moro, quando vou em Nilópolis, que é onde a minha avó morava e eu convivi bastante tempo também. Eu vejo muito que tem essa parada, meio que... quem foi ali até o segundo grau mais ou menos e já trabalhou logo e ficou de vez, que só trabalhou, e uma galera que foi estudar mais e como o teu caminho dá uma mudada, né? Até pra essa questão de ter filho, de casar, e tal... mas eu acho que assim, pro perfil que eu tô falando que eu segui, eu acho que sim, ele influencia bastante. Talvez pra uma outra mentalidade, eu acho que não. Eu vejo na minha família, eu vejo primos, vejo pessoas, amigos de infância e tal, que não, não foi uma parada determinante, sabe? Mesmo com desemprego. Um desempregado e o outro mesmo não tendo trabalho fixo e tal, que casaram e tiveram filhos e estão vivendo, e sei lá, é isso, cada um à sua maneira também. E eu troco ideia, e a pessoa tá felizona, sabe? E não sei, às vezes fico até trocando ideia com a minha namorada tipo, caraca, a gente complexifica várias paradas assim, e pô, maior caminho e tal, pra fazer as paradas, e às vezes sei lá, a galera não meteu as caras em estudar muito, mas tá de boa, tem suas paradas, tem seu filho, tá com a sua família formada e tal, e a gente tá aqui dando uma segurada em algumas coisas coisas pra poder cair dentro em estudar, trabalhar e viajar, assim. Mas é isso, são caminhos, né?

P – Isso você já falou, já explicou bastante que... se é um problema se a sua companheira ganha mais do que você.

E4 – Sim, já falei. Na teoria menos problema do que na prática. Na prática rola um incômodo, mas conversa-se pra ficar tudo bem.

P – Você acha que famílias negras no geral possuem mais equidade entre os gêneros do que as famílias brancas?

E4 – Famílias negras... mas como assim? Em ganhos, como?

P – Mais sobre as relações de poder.

E4 – Em famílias negras mais do que em famílias brancas? Cara, eu não sei, eu conheço muito mais família negra do que branca pra poder dizer, conhecer mesmo, né? Então é difícil, eu acho que tem um desequilíbrio muito grande da família negra, talvez maior. Eu não posso dizer com toda a certeza do mundo, mas eu acredito que talvez maior, até porque a família negra tem que fazer as próprias coisas em casa, né? Não vai ter empregada pra fazer, então assim, tem que botar a mão e fazer. Então acho que talvez quando tem que ir lá botar a mão e fazer, vai cair mais pra mulher fazer, e por todo desequilíbrio também ali, de como essas famílias se formam mesmo, a gente não tem grana, a coisa se forma mais desequilibrada mesmo, enquanto família. Acho que de ter uma parada de machismo também, que isso aí vai pra um lado, vai pro outro, mas acho que isso se complexifica mais na família negra. E acho também que tem outro ponto de famílias brancas conseguirem com mais facilidade que uma pessoa faça por ela coisas de casa e tal, consiga contratar uma pessoa pra fazer, pra limpar a casa, ter uma pessoa sempre fazendo as coisas. Então ela precisa menos fazer as coisas. Que eu acho que é o lugar onde se dá mais essa questão aí, pelo menos assim, numa relação familiar, eu acho. Então acho que, talvez, a coisa possa gritar mais na família negra, por todo esse desequilíbrio, né? E acho que rola muito também na família negra, dependendo da família que for ali, de a mãe ter que sair, ser essa pessoa que faz a faxina, ou a limpeza lá na casa da família branca, enquanto, sei lá, a filha que ela tem aqui que toma conta das paradas. Meio que herda essa questão de fazer as coisas da casa, enquanto o pai ou o outro filho sabe, os outros homens que têm na casa, não pegam tanto essa parada. Cai muito, assim, pra uma outra mulher, a responsa. Acho que é isso, acho que isso ajuda a desequilibrar mais a coisa da família negra, não por ela em si, mas mais uma vez por contexto, né?

P – Você acha que tem alguma diferença entre o que é esperado socialmente de um homem branco e de um homem negro?

E4 – Sim. Acho que sim e aí o esperado é geralção?

P – É, geral.

E4 – Cara, acho que sim. E é a parada que eu falei também, de quererem te colocar com mais facilidade dentro de alguma gaveta ou de prateleira, ou sei lá, qualquer um desses exemplos possíveis, né? “Não, é isso aqui”, ou você muda um pouco, “ah não, é isso aqui”, sabe? Acho que tem uma parada que é louca também... quando você vem do subúrbio ou vem da favela, e aí você tem ali um modo de vida, e as coisas que você faz, com quem você convive, os lugares que você frequenta. E aí você se desloca pra estudar. Você vai se deslocando, deslocando e ficando cada vez mais distante, convivendo cada vez menos... aquele lugar que você vivia muito nele, você vai pra dormir, você acorda ali e depois você volta pra dormir, você vai se distanciando disso com o tempo, e aí você começa a frequentar outros lugares, e conviver com outras pessoas e tudo mais. E aí

assim, você, lá naquele lugar, enquanto negro que é minoria daquele lugar, sei lá, o ponto de socializar com as pessoas da “(universidade privada)”, por exemplo, lá você é minoria das pessoas que vem dessa realidade, então você é meio que um estranho naquele lugar, né? E aí, quando você volta pro teu lugar, depois de conviver um tempo ali, que você vai trocar uma ideia com as pessoas dali, você também já não é aquele mesmo que tava ali no começo. Então daqui a pouco você é meio que um estranho desse lugar também, né? E aí você começa a virar o mais negro da roda dos brancos e o mais branco da roda dos negros, sabe? E aí, sei lá, tem uns deslocamentos também sobre o que pensam de você, né? Você se sente meio... não tô confortável aqui e nem lá e tipo, aqui tu é playboy e lá tu é o negro... o pretinho da galera, sabe? É meio louco isso também, e acho que tudo isso tá aí nesse bolo, porque é como as pessoas te veem, mas acho que é isso, acho que o negro tem menos possibilidades, sabe? As pessoas têm um repertório menor pra te colocar nas caixas, pro negro. E pro branco acho que essa caixa é maior, ou são mais caixas, mais lugares que você pode estar quando a pessoa olha pra você. E pro negro é tipo mais determinada, tipo, é isso ou é isso, sabe? O teu bem sucedido é isso aqui e o teu mal sucedido é isso e acabou. Acho que é isso, você tem um pouco mais de liberdade pra ser mesmo, só pra ser, não tô nem falando de almejar, ou de sonhar, ou de qualquer coisa, só da impressão que as pessoas têm, do que elas acham que você é. Eu acho que é mais restrito pro negro. E é pesado isso pra caramba, né? Porque como as pessoas te olham, como elas te interpretam, é uma parada pesada né, quando isso é muito negativo, sabe? Quando isso vem com um olhar que pensa sobre uma parada ruim sobre você. Acho que tem isso também, as pessoas pensam mais coisas ruins do negro do que do branco. Talvez nessa parte do ruim tenha mais caixas pro negro e menos pro branco e na parte boa tem mais caixas pro branco e menos para os negros. Acho que pode rolar essa inversão também, as pessoas têm as possibilidades maiores pro negro quando é uma parada ruim.

P – O que dizem sobre homens negros na cultura brasileira?

E4 – Cultura brasileira. Eu sempre fico na dúvida se eu vou pensando pelo geral ou se eu fecho numa parada. É porque eu penso logo em, sei lá, música, por exemplo. Ah, não sei, acho que o exótico é uma primeira palavra, mas ela pode se desdobrar em outras também, né? Porque acho que a coisa tá muito ligada a essa coisa do exótico, quando pensa... acho que quando pensa a cultura brasileira, você vai falar fora do país sobre o Brasil, e você pensa: “Brasil”, você vai pensar coisas que são dos negros, né? Na base são os negros que mais fazem, que expandem essa coisa pro mundo. Você pensa em futebol, e aí você vai ver os jogadores, eles são a maioria negros, os mais bem-sucedidos os melhores lá, negros. Se você pensar música, você pensa samba, negros e de novo, a parada veio dos negros e o corpo em si, né? Como o corpo faz a parada, como o ritmo daquela pessoa faz aquilo, tanto no futebol, porque tem uma coisa do drible e da ginga, no samba, porque tem o sambar e tem o batucar, tem que fazer ritmo. Acho que ritmo é sempre a parada, mas ao invés de se colocar essa coisa como uma parada muito maneira, muito boa, muito inteligente, como uma inteligência que tá muito além do que tá dentro de uma universidade, sabe, acho que é isso, são vários tipos de inteligência possíveis, né? Quando vejo a minha mãe, que eu falo, “cara, inteligente”, eu não tô falando que ela fez doutorado, acho que ela viveu, e tem toda uma forma de pensar a vida que é inteligentíssima, tá aí, sobreviveu a todas paradas, criou quem tinha que criar e vive hoje numa boa. Mas acho que é isso, não se coloca toda essa inteligência do negro da forma que deveria, sabe? É como se fosse só corpo, suor, uma parada muito mais casual. Não se coloca como uma inteligência e se exalta isso como inteligência. O que eu acho que é uma inteligência enorme, o cara fazer o drible que, sei lá, um Garrincha faz, sabe? Não tem, você pode ir na Europa que for, você pode pesquisar, você pode olhar gente jogando bola na Itália, na Alemanha, na França

ou em qualquer lugar da Europa, e ninguém vai fazer aquilo daquele jeito com aquela inteligência corporal que se faz. Ninguém vai fazer o que se faz no samba ou... sambar daquela forma, ou fazer, criar os ritmos de batuque, toda parada de percussão que existe, isso é do negro, sabe? Tá ali com ele, vem com ele, sabe? E eu acho ruim porque é como se essa inteligência corporal não fosse exaltada da forma que deveria, por mais que ela seja o que carrega o Brasil pro mundo. Então acho que é isso, o negro na cultura é visto muito como corpo e pouco como cérebro, inteligência. É como se ele não tivesse essa inteligência, sendo que isso também é inteligência né, de uma outra maneira, que eu acho que o sistema geralzão não consegue compreender ou não quer compreender mesmo, pra não dar essa moral também. “Não vamos dar essa moral toda para os caras que a gente tem que se manter eles no lugar deles e a gente tem que se manter aqui no nosso poder, né?” Mas acho que é isso, é visto como um corpo. Como... é como corpo, como exótico, como uma outra coisa, ou como uma casualidade sabe, como se o samba fosse feito casualmente, um drible é casual, tudo é muito casual, e nada é pensado, nada vem mesmo de uma inteligência. A gente vê que o... o samba por mais que seja valorizado hoje, eu tô falando isso tudo também, mas eu tô pensando... que é quem tá sempre puxando essas paradas de futebol e samba, vem sempre a figura de homens negros na cabeça, por isso que tô usando isso. Mas... é como se...perdi aqui onde eu tava. Mas é isso, visto como corpo, e não como cérebro sabe? Como se fosse casual.

P – E você acha que é fácil ser um homem negro?

E4 – Não. Não é. Não é porque a gente é ensinado a não demonstrar sentimento, a ter que correr atrás de grana... acho que é isso. Ser meio que exótico sempre também, quando você vai pra um outro lugar que não é onde a maioria é negra, acho que é difícil por isso. A sociedade te junta em alguns fatores ali que te desumanizam. Acho que isso que é o mais complicado, você ser menos humano ali pra tuas paradas, você não pode chorar, você tem que ser bom pra caralho se você for fazer uma coisa, você tem que bancar a casa, aí você soma esses fatores e porra, vai dar uma pessoa infeliz, né? Viver desse jeito, você vai ser infeliz. Por isso que acho é importante você conversar, mostrar teus sentimentos, mesmo que não seja pra todo mundo, sabe? Mas para as pessoas que você considera importantes, ou que você acha que quando você se abre ela pode te jogar pra cima e não pra baixo, acho que é aí que você tem que entender, mas não é fácil. Não é fácil, o que tá posto pra que você faça, resulta numa pessoa infeliz. Acho que é isso.

P – E como você acha que tá a discussão sobre racismo, masculinidades negras e feminismo aqui no Brasil?

E4 – Complexo todas elas, porque tem, sei lá, tem a internet no meio disso, né? Que é muito boa por acelerar algumas coisas e trazer a parada pra ser falada, mas, não sei, também acho que chega num ponto onde as coisas se perdem, ou as coisas ficam rasas, ou também as pessoas não conseguem ouvir as outras e trocar sem uma discussão maior, sem uma briga, sabe? Ou então entre esses três papos aí, que eles estão ali né, flutuando, e eles podem se cruzar em momentos e uma coisa que se falou e cruzou um pouco no outro, a pessoa já vem e corta, e acabou o assunto, sabe? Acho bom estar sendo falado, tem que falar. Mas acho ruim como essas falas têm sido conduzidas pelas pessoas. Eu não dou opinião abertamente em rede social sobre nenhum desses assuntos, não falo mais nada. Falava, já falei, já me estressei, já cheguei num ponto de achar que cara, porra, não tá sendo produtivo da forma que tá mesmo eu tentando ser o mais... sabe, tô tentando te entender, vamos trocar uma ideia, mas... acho muito difícil, assim, tento... basicamente, na internet, não falo mais abertamente, publicamente, sobre nada que eu não goste. Vou falar sobre as coisas que eu gosto, sabe? As músicas que eu ouço são 90% de pessoas negras, se eu gosto muito da parada,

lançou uma parada que eu gosto? Porra, eu vou divulgar isso, vou falar disso, é isso. Se tá rolando uma parada muito foda e fala sobre o negro e traz isso como assunto, eu vou divulgar. Se tem uma parada de porra, de um grupo de mulheres foda assim, que eu conheço, que a galera manda super bem, porra, vou indicar, vou falar, jogar na internet. Falar: “cara, assiste porque tá rolando uma parada foda.” Eu acho que essas coisas que fazem mesmo, né? Eu acho que o que tá sendo feito é mais importante do que o que tá sendo falado, apesar de eu achar importante porque você tá falando, tá trazendo ali o assunto, é importante. Mas eu tenho achado muito mais importante o fazer do que o falar das coisas, sabe? E aí eu prefiro... se eu for falar, falar de coisas boas e das que eu gosto, sabe? Isso não abre nenhuma parada pra alguém vir e entrar num debate. Não, só tô falando disso, eu gosto disso, sabe? Ô tá rolando essa parada, sabe? E as coisas que eu faço também, as coisas que a gente faz no selo, eu tenho um trabalho de artes visuais com a minha namorada também, a gente fala de amor e fala de outra coisa, fala dos nossos sonhos. Fala às vezes também de umas coisas assim, é porque a gente usa como tema base dos trabalhos que a gente faz, amor e luta. Acho que isso é uma parada que eu nem falei antes porque lembrei agora e assim, em parte a gente fala sobre amor e em parte a gente fala sobre luta e são as coisas que atravessam a gente, é racismo e tudo mais... mas que é importante falar no nosso ponto de vista, de coisas que a gente... da forma que a gente acha importante. E amor da nossa relação mesmo, das coisas que a gente vive, que a gente convive, sei lá, tem um trabalho que a gente tá fazendo por exemplo agora, a gente tem vários sinais espalhados pelo corpo que são espalhados e em pontos iguais, assim, e que a gente viu que tem vários, a gente tá fazendo um trabalho sobre isso. Por exemplo, a gente tá fazendo uma constelação dos sinais que a gente tem no corpo e é uma parada como eles são em pontos parecidos, né? É um exemplo. E esse é só amor, a gente tá falando só disso, da nossa relação. Por outro lado, a gente tem outro projeto que fala sobre... que o tema dele é “ferrugem” e que a gente quer falar sobre o racismo atuando sobre o corpo das pessoas, e como a ferrugem atua sobre os objetos, e como que isso é parecido. A gente quer usar cor e a textura da ferrugem sobre corpos e sobre pele, e como isso funciona. Assim, são dois estudos em paralelo, um vai falar sobre o amor e um que vai falar sobre luta né, e como essa parada do racismo acontece. Então assim, eu tenho preferido fazer as coisas ou falar de quem tá fazendo e me inspira, mais do que “ah, vamos debater agora”. Aconteceu um bagulho ali, eu vou correr agora pra debater ou eu vou divulgar. Sabe, não consigo, acho que quando joga uma parada que é pesada, ela traz um contexto todo pesado, você vai ficar falando sobre aquilo, ou se alguém vem e é contra também acha que não, que é um exagero seu, e você traz toda uma parada e eu não sei, viver já é muito pesado, né? Essa coisa ser homem negro é uma parada que tem a suas complexidades, né? Então... sabe, se eu puder levantar um assunto, não vai ser um assunto que me bota pra baixo, que ele vai trazer toda uma carga junto com ele. Então eu prefiro falar das coisas boas. Minha avó falava uma parada que eu aplico assim pra essa parada, apesar de ser bem pesada, né, eu acho. Mas ela falava: “De triste, já basta a vida.” E é foda, tem um certo simbolismo, tipo a vida é foda mesmo, tem várias paradas complexas, então, assim, não quero falar disso agora, agora quero falar das paradas que eu gosto, das que me inspiram, das que me fazem sonhar, das que impulsionam pra que eu possa fazer as coisas, sabe? Eu quero falar dessas, mas... é isso.

P – A próxima pergunta é: qual a sua relação com a branquitude?

E4 – Cara... complexo, né? É isso, eu tenho vários amigos negros que fazem cinema também, trabalham com cinema independente, troco uma ideia, a maior parte dos meus amigos são negros, e que estão fazendo também e sonhando com as paradas. Assim, uma história de vida parecida, né? A gente troca uma ideia, né? Porra, branco, né, os brancos são foda... E, porra, é sempre

complicado, e às vezes vem alguém trocar uma ideia, fazer um trabalho, e aí porra, já vira uma relação toda estranha, ou a pessoa já sai falando as coisas e achando super maneiro, super de boa, e não tá nada de boa pra você... é meio complicado, né? E o trabalho que é foda, que é a maioria da galera que fica assim “nossa, essa pessoa tá viajando, falando uns bagulhos que, caralho...” nada com nada, sabe? É uma relação meio louca por isso, porque acho que falta uma certa noção de onde você tá, de se localizar na parada. Acho que é uma coisa que volta, né, falei várias vezes de circulação ou do quanto você circula nos lugares, do quanto você anda, de ter uma época da minha vida que eu saía de Marechal, ia pra Gávea, ia pro Recreio, voltava pra Marechal, acho que... eu fiz o segundo grau, onde eu rodava vários lugares, e você também tá nesse lugar de tenho que correr atrás, né? Os meus sonhos são maiores do que o lugar que eu vivo ou de onde eu tô, você tem que ir lá buscar a parada mesmo, então assim, isso te faz conhecer o lugar que você vive e o lugar daquela outra realidade. Então assim, acho que isso já faz, de cara, o negro ter mais noção da vida, né? É um dos pontos, você conhece o teu lugar ali, onde tá a galera mais desfavorecida e você conhece o lugar dos favorecidos, e você entende as relações, enquanto tem uma galera favorecida e branca na sua maioria, porque é assim mesmo, que só conhece aquilo ali, não conhece o restante, não circula nos lugares. Então assim, acho que é isso o que causa mais incômodo é a pessoa não entender onde ela tá, não entender que dentro da cidade onde ela vive tem um abismo ali, você vai estar falando coisas que pra você está super de boa, mas que pro outro não tá. Seja sobre costumes ou seja sobre atitudes, ou qualquer coisa, acho que essa falta de entender, né? Quando você é obrigado a andar por todos os lugares você tem um pouco mais dessa noção. Por um lado, isso é bom, né, também, assim, algum lado bom tinha que ter também, né? Acho que sei lá, quando você vai fazer um filme, ou escrever um livro, ou fazer uma coisa, você consegue trazer pontos de vista que não estão ali na cara de todo mundo, o cartão postal não dá conta do que é a realidade da coisa e você tem esse ponto de vista dali, você vive aquilo. E de certa forma, isso tá sendo trazido, tá sendo de alguma forma valorizado, e tudo bem que quem tá lá em cima ganhando a grana não é o negro em cima dessas produções, não é. Mas de certa forma isso tá aí, sendo colocado e sendo posto em telas, ou folhas, ou onde quer que seja. E assim, ninguém melhor do que porra, você, né? Que conhece aquilo, você conseguindo juntar os dois lugares né, de ter uma formação, de estar no lugar, de ter o *networking*, de ter tudo isso junto, não é fácil também. Você consegue acessar aquele lugar e tipo: “não, pô, que isso? Essa história eu que vou contar, pô! Tá maluco? Tu nunca foi lá pra contar essa história, eu conto”. Sabe? É isso.

P – E quais caminhos você enxerga pra resolver os problemas dos quais tratamos nesta conversa?

E4 – Cara, eu acho que o caminho é fazer... assim, você tem a parada que você acredita, né? Você faz mais do que fala, gasta teu tempo mais no mundo real do que ficar ali comentando sobre tudo, ninguém precisa ser especialista de tudo, ninguém precisa saber tudo. É bom que você tem uma noção do que tá acontecendo, mas que porra, você consiga focar numa parada que te deixa, que feliz te impulsiona, que faz você viver bem. E conseguir ao máximo trazer os pontos que você considera importantes, né? Que reverbere pro mundo. Acho que isso é importante, o fazer é muito importante pra luta. Mais do que falar, mais do que se posicionar, eu acho que fazer é a parada, e tentando juntar esses pontos, de não perder a capacidade de sonhar, se mantendo sensível para as coisas e... fazendo o que tu acredita, acho que isso é importante. E tendo pessoas que você ama por perto, acho isso bem importante também, isso fortalece bastante.

P – A última pergunta é sobre mim: Como você se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca? Se você acha que seria diferente, por exemplo, se eu fosse uma mulher negra ou um

homem negro, ou se fosse um homem branco. Se você se sentiria mais ou menos à vontade dentro dessas situações e se você tem alguma recomendação pra mim.

E4 – Tá. Cara, tem um incômodo de cara, né? Você fica meio bolado, assim, tipo: “a mina é branca e tal, como eu vou fazer?” Mas o “(nome do nosso amigo em comum)” já veio e falou: “não, porra, e tal, ela veio do subúrbio também, que nem a gente. Vambora!” E assim, eu sou super aberto a isso, por mais que tenha essa relação tipo: “ah, é foda, os caras sempre falam merda”. Mas super de boa, assim, tipo, se eu vejo que tem uma boa intenção e real em fazer a parada, vambora, sabe? Tamo junto pra fazer com que a parada aconteça, e a parada vai pro mundo, né, a parada para vai reverberar, você tá fazendo o que você acredita e... acho que isso é importante, né? Que isso seja dito, que isso esteja por aí, pra mais pessoas terem acesso, e leiam e vejam essas coisas. É esse primeiro incômodo de cara, mas acho que... de boa, super à vontade, assim, tranquilo. Talvez com uma pessoa negra, você fosse falar talvez de outros pontos, onde você falasse de tal coisa e a pessoa entendesse exatamente o que você tá falando ali, tipo, ela viveu também aquilo. Então, assim, é isso, vai ter essa identificação em alguns pontos mesmo, maior. A gente vai conseguir identificações quando a gente fala de subúrbio, de deslocamentos, acho que você tem isso também, passou por isso. Então, assim, tem pontos que eu vou falar, que você vai se ver neles, tem pontos que eu vou falar que você não vai se ver neles, e aí, se é uma pessoa negra, uma mulher negra, ela vai se encontrar em outros pontos também, um pouco mais, e aí um homem negro ia ter mais uma parada, mais uma carga, a mesma carga de pontos onde ele ia bater ali. Mas acho que é isso.

P – E se fosse um homem branco? Você se sentiria mais ou menos à vontade do que com uma mulher negra ou com uma mulher branca, por exemplo?

E4 – Menos à vontade. Eu acho que um homem branco também tá menos... ele não tem muito ponto também pra eu ver que a gente pelo menos tem uma conversa ali. Eu, quando sofro racismo, eu tento entender cada vez mais como uma mulher sofre o machismo, como um gay sofre homofobia, porque acho que é isso, né? Como você vai vendo que as outras pessoas sofrem coisas, não exatamente da mesma maneira que você, mas o julgamento das outras batem nela. Como a outra pensa, ou como a outra age, ou como a outra pessoa te olha, e porra, é foda. O olhar da pessoa pode te deixar mal pra caralho, e eu me coloco no lugar, né? E aí, o homem branco não tem muito esse lugar pra você colocar, fica mais distante a nossa conversa. Em que ponto ele vai se ver quando eu falar das coisas? Vão ser menos pontos sensíveis ali, de troca de ideia. Acho que é isso, não me sentiria tão... me sentiria menos confortável, certamente.

P – E você tem alguma recomendação pra mim? Seja com relação a entrevista, estudo, postura... alguma coisa que...

E4 – Acho que não, acho que não teve nenhum ponto. Se eu lembrar depois, eu te falo.

P – Ah, beleza.

E4 – Mas eu acho que não assim, de cara não.

Agradecimentos.

TRANSCRIÇÃO QUINTA ENTREVISTA

Entrevistado 5: Isaque, 33 anos, Mestrado Completo em Engenharia Elétrica – Ênfase em Eletrônica, Petroleiro, Casado, Católico (não praticante), Classe B, Heterossexual, Negro, Gênero Masculino.

P - Pesquisadora

E5 - Entrevistado 5

P - Como é ser um homem negro no mercado de trabalho brasileiro?

E5 - Então, nesse aspecto eu acho que eu não vou ajudar muito, porque assim, eu passei num concurso assim que eu saí do ensino médio, entendeu? E desde então eu tô lá. Então assim, a condição do concurso na época era igual pra todo mundo, branco ou preto, homem ou mulher e lá dentro a princípio eu não vejo essa diferenciação entre homem e mulher, todo mundo, que é na “(empresa estatal)”, né? Então, a princípio pra entrar era igual. Agora que tem... como que se fala? Cotas. Mas até então a condição foi igual pra eu entrar.

P - E você concorda com as cotas?

E5 - Então, eu concordo em parte. Eu sei que tem que dar... porque assim, ano passado eu fiz três concursos. Um pra “(empresa pública)” pra engenheiro, um pra “(empresa pública)” como engenheiro e um pra “(órgão público)” como engenheiro e foi a primeira vez que eu vi esse lance de cota lá. Eu, particularmente, eu não preferi cota, entendeu? Mas quando eu tava lá na prova eu olhei a minha volta e comecei a perceber e comecei a ver que realmente não tinha muito negro lá, a maioria... era eu e mais um na maioria das vezes. Às vezes eu era o único também. Aí eu: “ué, tem alguma coisa esquisita, alguma coisa estranha, alguma coisa errada”.

P - E por que em parte? O ponto da cota...

E5 – Não, porque assim, tem negro que nasce e cresce numa família bem estruturada com grana, entendeu? Que a princípio não teve problemas da maioria dos negros no país, entendeu? Então assim, eu vou falar até o meu caso, eu nasci numa família de classe média, não era rica, mas eu sou o segundo de três filhos, o meu irmão mais velho é branco e minha irmã mais nova é branca. Eu sou o único pretinho lá de casa. E assim, o tratamento foi igual pra todos lá em casa. Na verdade eu acho que eu fui mais bajulado porque a minha mãe é pretinha, entendeu? Então eu sempre fui o xodó dela, mas assim, a condição dos três sempre foi igual tanto de educação quanto de tratamento entre nós mesmos lá. Em relação à educação que nós três tivemos, na verdade eu me interessei, tipo, pra fazer prova pro colégio naval que era pra entrar no ensino médio. Então eu na oitava série: “ah, quero estudar num colégio melhor.” Meu pai bancou um colégio melhor, mas porque eu pedi, eu que corri atrás. Então a princípio eu tive até uma educação melhor que os meus irmãos. Meu irmão fez uma faculdade particular perto de casa, minha irmã também, eu que passei pra “(nome da faculdade pública)” sem cota e sem nada. Então assim, no meu mundinho lá de casa a condição sempre foi igual, com exceção do que eu corri atrás e assim, eu acho eu acredito que eu tive um passo mais largo que os meus irmãos brancos. Então assim, se eu fizesse o mesmo concurso que o meu irmão hoje, que cresceu junto comigo porque eu teria... não é privilégio..., mas por que eu teria essa reserva de vagas pra mim e não pra ele? A gente cresceu na mesma família, na mesma estrutura, com a mesma educação. Então eu sei que tem gente que precisa que a condição não é igual pra todo mundo, a oportunidade não é igual pra todo mundo, mas me

colocando no meu lugar com os meus irmãos, tem vezes que eu não acho justo, entendeu? Sei lá, é meio complicado. Na verdade, eu nunca parei pra pensar assim, mas de fato eu não acho que seja: “ah, vamos liberar pra todo mundo!” Mas tem que corrigir alguma coisa. Mas também não adianta corrigir só a educação básica, e a galera que já passou por isso? Eu acho que tem que estruturar melhor isso. Não sei como, mas eu acho.

P – E fora a sua experiência pessoal no mercado, porque você passou pra concurso, certo? Mas como você acha que é a vida de um homem negro no mercado de trabalho do Rio de Janeiro? Os amigos que você tem contam alguma história? Você tem alguma ideia de como é se fosse, por exemplo, numa empresa privada?

E5 – Eu não sei como seria. De fato, eu não sei como seria... eu nunca percebi, não sei se houve, mas nunca percebi racismo na minha parte, com a minha pessoa, eu nunca percebi. Talvez porque... sei lá, do jeito que a minha família é estruturada, talvez eu nunca prestei atenção nisso porque eu nunca tive problema com isso, entendeu? Então, talvez teve e eu não percebi. Porque assim, eu me cobro muito, como eu te falei eu corri atrás pra estudar num colégio melhor, então assim, às vezes eu penso assim: “eu não consegui porque foi falha minha”, não necessariamente por causa da minha cor, entendeu? Acho que é isso. Mas de fato, desculpa, eu não sei dizer exatamente, mas acredito que não seja fácil.

P – E como que funciona na pré-promoção na “(empresa pública que o entrevistado trabalha)”?

E5 – Na “(nome da empresa)” é assim, a cada ano é separado uma verba pra cada gerência. Então, vamos dizer, lá pra minha gerência hoje foi reservado uma grana que dá pra promover 50% das pessoas da gerência, então se tem 10, 5 levam e 5 não levam. Mas desses 10 também, alguns podem... como se diz? São eletivos ou não. Se bateu a meta. Se não bateu a meta então... imaginamos que só 7 bateram a meta então só esses 7 são eletivos. E também eu sempre tive sorte nisso, é sorte/correr atrás e competência. Recentemente conversei com um amigo aqui da “(nome da faculdade)” que também trabalha na “(nome da empresa pública)” e ele falou que nunca ganhou nível, mas eu sei também que isso depende da gerência. Assim como pra estudar aqui. Eu sempre estudei e trabalhei, mas eu conseguia sair meio dia pra vir estudar, voltava às três da tarde, ficava até seis ou oito da noite, enfim..., mas eu tinha amigos que não conseguiam nem fazer isso, entendeu? Porque depende da gerência. Mas na minha gerência eu sempre tive bom desempenho em ganhar nível. Um exemplo foi em 2014 que eu fiz um projeto que foi destaque lá, depois até te explico melhor, e eu ganhei três níveis de uma vez só, onde cada pessoa concorre a um. Concorre a cada ano um, eu consegui três por conta do projeto que eu fiz e tudo mais, foi destaque toda a unidade, entendeu? Então assim, eu até falei com ele, em 5 anos eu ganhei 8 níveis e a galera concorre a um por ano. Então até que eu tenho me saído bem. Não tenho visto problema nisso não.

P – E você já sofreu alguma discriminação por ser negro?

E5 – Não que eu tenha percebido.

P – Mesmo fora do ambiente de trabalho?

E5 – Não. Bom, talvez na balada, alguma menina, mas aí também não posso... eu não posso botar a culpa só nisso.

P – Alguma abordagem policial?

E5 - Não, não. Assim, em blitz né. Mas normal, não é sempre, entendeu? Acendo a luz do carro, mão no volante, abaixo o vidro, às vezes paro, às vezes não paro. Nunca tive problema não. O único problema que eu tive pra ser sincero foi assim: eu sai do carro, parei numa blitz, já saí puxando a carteira, é um movimento suspeito né? Aí o cara até falou: “ó, cuidado com isso, não faz isso, tá maluco?” Então de fato eu nunca tive problema não.

P - Você acha que os brasileiros acreditam que existe racismo no Brasil?

E5 – Então, acho que não. A maioria não. Na verdade acho que hoje em dia depende de que lado a pessoa tá. Eu tenho um grupo, do pessoal da minha vila, todo mundo cresceu comigo e posso te dizer que assim, eu sou mais sucedido do que todos do grupo e eles tem preconceito em relação a isso. Eles não enxergam racismo, entendeu? Falei dessa situação do concurso, porque eu tenho outro amigo que também é pretinho que nem eu e ele quer entrar na briga e a galera quer bater boca, eu não quero bater boca com ninguém e quando ele levanta algumas situações o pessoal fala: “ah, mas não pode ser assim, não é assim.” Mas não tá no lugar do outro, então não enxerga o racismo, entendeu? “Ah, mas e o cara branco que é pobre? Por que ele não pode ter cota?” Levantam essas discussões. E eu falo: “Cara, mas tá bom, por que tem um monte de branco na sala fazendo prova e eu era o único preto? Você acha que não tem nada errado?” Aí vem com um papo que eu acho que diverge, entendeu? Então a maioria não deve enxergar, porque não se coloca no lugar da pessoa.

P - E como é a sua relação com o trabalho? É importante pra você?

E5 – Pra mim é. Porque assim, é a fonte de renda, digamos assim, e eu gosto do meu trabalho. Eu diria até que eu pagaria pra trabalhar lá, se eu pudesse, né? Porque eu sempre tô em contato com inovação, que é o que eu gosto, eu tenho equipamento de ponta pra testar, pra trabalhar, pra criar, pra desenvolver, eu trabalho no Centro de Pesquisas da “(nome da empresa pública)” e minha função lá é dar solução tecnológica para os pesquisadores lá de dentro. Então eu tenho contato com oceanografia, com biologia, com o cara do poço de petróleo, com energia solar, com o pessoal de energia. Então assim, eu vejo várias disciplinas com a eletrônica, automação, dando solução, então eu acho meu trabalho fantástico, ainda como técnico e sendo engenheiro... claro que se eu puder ser engenheiro e dobrar meu salário seria melhor, mas assim, eu tô muito satisfeito. Eu tenho satisfação de ir pro meu trabalho, acho que é por isso que eu tenho esse desempenho, porque eu realmente gosto do que eu faço, me sinto privilegiado, me sinto um cara de sorte.

P – E você tentou fazer a prova pra engenheiro e vem tentando, é isso?

E5 – Eu fiz duas vezes depois que eu me formei. A primeira vez de 20 fiquei em 26, eram 20 vagas e na última eu nem lembro.

P – Mas você vem tentando?

E5 – Isso aí. E até prestei pra “(nome de empresa pública)” agora. Tô esperando chamar, tô no cadastro de reserva, mas também nem sei se eu vou. Porque tá pra vender, tá essa confusão de privatização, e eu não concordo com a privatização. Acho que são empresas estratégicas pro nosso país e não devem ser entregues assim, mas tenho tentado sim.

P – Com que idade você começou a trabalhar?

E5 – Com 19 anos.

P – E a sua família precisava da sua ajuda pra manter a casa?

E5 – Não.

P – Como você acha que é em média a educação pra um jovem negro no Brasil?

E5 – Muito complicado, muito difícil. Muito difícil mesmo. Bom, a maioria eu acredito que não tem acesso a escola particular, tem que ficar na escola pública, que não tem a atenção devida, pelo menos aqui no Rio de Janeiro e tem que... só tem acesso a aquilo ali, é professor que tá mal humorado porque não recebe salário em dia, não recebe o salário adequado, estressado por causa do trânsito infernal do Rio, fugir de tiroteio, entendeu? E o aluno abalado com tudo isso também. Infelizmente acho que não tem um bom futuro ainda, infelizmente.

P – Como foi o seu caminho até chegar a universidade? Você falou que seu pai pagou uma escola melhor...

E5 – É, então, na verdade eu sempre estudei em colégio particular, eu e meus irmãos até a oitava série. Com o sonho de colégio naval e tudo mais, eu fui pra um colégio melhor preparatório pra isso e tal, e não passei no colégio naval que eu queria. Mas ainda sim eu lembro uma noite, eu morava em vila. E a vila inteira foi pra festa de 15 anos da menina da rua e eu fiquei em casa estudando, sozinho. Todo mundo foi, os meus pais foram, eu fiquei em casa e ali teve uma hora que pô, 14 anos, eu comecei a chorar e falei: “meu Deus, isso aqui tem que valer a pena um dia.” Então eu carrego isso comigo, e, assim, eu não passei pro colégio naval, mas eu fiquei preparado pra outras escolas. Não passei no colégio naval e fui pra “(nome da escola)”, aí eu ia pra “(nome do bairro)”, uma hora de ônibus. Chegava lá, não tinha aula, era assembleia, greve, não tinha professor. No primeiro período não tinha aula de eletricidade que é a primeira matéria na eletrônica, aí não conformado eu pensei: “putz se eu não tive o básico no primeiro semestre, vai prorrogar um semestre. Pra prorrogar um semestre eu vou logo pra uma escola melhor.” Aí eu tentei o “(nome do colégio)”. Tentei o colégio naval e o “(nome do colégio público federal)”. Aí não passei de novo no colégio naval e fui pro “(nome do colégio público federal)”. Aí lá eu conheci pessoas, novas experiências e tudo mais, sempre me dediquei. Tanto que eu... eu não tive tempo de estudar por fora pra universidade, eu consegui passar pra “(nome de faculdade pública)” e pra “(nome de faculdade pública)”, mas como eu queria trabalhar aí eu preferi vir pra cá porque eu conseguia estudar e trabalhar. Na “(nome de faculdade pública)” já era mais difícil. Mas só um parêntese aí também, no meu estágio, eu consegui fazer dois estágios. Eu fazia um lá na “(nome da empresa pública)” e um na “(nome da empresa privada)”. Então eram 10 horas de estágio por dia.

P – Mais a faculdade, né?

E5 – Então, é, porque assim, eu comecei em janeiro na “(nome da empresa pública)”, em março eu comecei na “(nome da empresa privada)” e em agosto começou a faculdade. E aí, eu fiquei nesses três ao mesmo tempo, porque a faculdade era à noite, ainda bem. E teve uma hora que tive que abandonar um dos dois, ou a “(empresa pública)” ou a “(empresa privada)”. Na “(empresa privada)” eu ganhava 3 vezes mais do que na “(empresa pública)”, no estágio. Só que aí eu pensei: “Putz, depois acaba a “(empresa privada)” e eu vou ficar sem nada”. O meu raciocínio na época foi: “eu vou fazer o que eu gosto”. Que era isso, sempre foi nesse mesmo setor de soluções, e na “(empresa privada)”, era manutenção de áudio, sempre consertar a mesma caixa de som, microfone, essas coisas. Então eu pensei: “putz, eu vou continuar onde eu gosto, e se eu ganho 4X, eu vou ganhar X.” Esse era o meu pensamento na época. Aí acabou que na última semana eu fui

almoçar, um almoço de despedida, com um camarada lá, mais velho, sempre me enturmei com os mais velhos, né? pra aprender mais. E ele pediu o meu currículo: “ah, vou dar esse currículo para os meus amigos que trabalham em outras empresas.” Aí a ficha dele caiu e ele falou: “mas por que você não trabalha aqui?” Eu falei: “é o meu sonho”. E ele falou: “não, o nosso chefe tá achando que você quer estudar.” Eu: “não, a minha faculdade é à noite, eu quero muito.”. E foi onde, na última semana, que caiu a ficha pra eles. Porque eu era estagiário, novinho, tímido, não tinha essa coisa de ficar... quero ficar aqui. Porque não era o histórico do pessoal ficar lá. Tanto que, antes de mim, eu fiz estágio de técnico, um cara fez estágio de engenharia e não se saiu bem e não ficou. Eu pensei: “pô, eles não vão me querer, se o engenheiro não ficou...” E eu consegui ficar. E sempre foi assim, trabalhando e estudando no mestrado também, e, assim, se eu não correr atrás ninguém vai correr atrás por mim, é assim que eu penso.

P – A próxima pergunta é se você acha que há divisão racial do trabalho. Se há trabalhos de brancos e trabalhos de negros?

E5 – Bom, no meu caso lá eu não vejo isso no meu setor. Na verdade, assim, realmente eu comecei a perceber essas coisas recentemente, e realmente a maioria é branco, sem sombra de dúvida. Na minha sala, no meu setor tem 12 pessoas, só tem eu e mais 1, mas não vejo diferença nesse aspecto. Por desempenho, eu acho que eu tenho mais privilégio do que algumas... às vezes como sair pra faculdade, entendeu? Às vezes eu tinha que estudar, eu me recolhia ou meu chefe me cobria em relação a isso. Mas ainda pensando lá no meu trabalho, a maioria do setor da limpeza são negros ou negras, a maioria, então... esse subtrabalhos, digamos assim, é preenchido por negros, a maioria. Não é exclusividade, tem alguns brancos, mas a maioria são negros, a maioria.

P – Quem é ou foi a sua maior referência de masculinidade?

E5 – Eu nunca pensei nisso. Meu pai. Talvez, meu pai.

P – Você tinha uma boa relação com ele?

E5 – Sim, sim. Na verdade, era uma relação de: “oi pai, não sei o quê...” Aquele abraço, nunca foi de beijos, né? Mas também nunca tive problemas em relação a isso não. Sempre me senti à vontade com meu pai, nunca tive problema com isso não.

P - E quando você pensa num homem ideal por exemplo, quais características esse homem deve possuir?

E5 – Bom, primeiro tem que respeitar qualquer um, homem, mulher, branco ou negro. E respeitar, tratar bem as pessoas, que seria respeitar. Sempre vai nesse lado de respeitar, ser cordial, é isso que eu penso. Assim como pra homem ou pra mulher, qualquer pessoa.

P – Ser bem-sucedido está dentro desse ideal de masculinidade? Financeiramente, no caso.

E5 – Acho que na verdade ser bem-sucedido é ser feliz, né? Ser feliz com o que faz. Eu me acho bem sucedido, não me acho rico. Meu carro é 2009, tô satisfeito com ele, ele anda. Conservei bem pra chegar nesse ponto. Gostaria de trocar sim, mas não acho que é a minha prioridade hoje. Teria grana pra trocar? Teria, mas não vejo por esse lado. Acho que ser bem-sucedido é você fazer o que você quer, na hora que você quer, tipo: “vamos fazer uma viagem?” Vamos hoje, vamos agora. Mas não necessariamente ser rico: “ah, vou esbanjar.” E acima de tudo, estar feliz no seu ambiente de trabalho, com a tua família, entendeu? Acho que ser bem-sucedido é isso.

P - E seu pai trabalhava? Trabalhava com o quê?

E5 – Trabalhava também. Ele também trabalhou na “(empresa pública onde o entrevistado trabalha)”, ele era da parte administrativa e ele se aposentou muito cedo, com 48 anos. Na verdade, seria o ideal pra todo mundo, né? Com 48 anos ele se aposentou.

P - E qual era a escolaridade dele?

E5 – Ensino médio.

P – Quando criança, quem era o provedor na sua família?

E5 – Meu pai.

P – Sua mãe não trabalhava?

E5 – Não. Minha mãe trabalhava antes, e aí largou pra cuidar da gente.

P – E você acha que cabe ao homem o papel de provedor?

E5 – Não. Inclusive eu gostaria de ficar em casa e a minha mulher... (risos). Brincadeira. Não, eu não acho isso e hoje em dia também não... na verdade, o meu caso é o seguinte: eu casei ano passado, esse ano fiz 10 anos de namoro. Então eu casei com 9 anos de namoro, com 2 anos de namoro ela já queria casar e eu falei pra ela: “eu acho que não é bom a gente casar assim, eu acho que você precisa se sustentar pra depois você casar. Porque amanhã eu não quero ficar gordão na frente da televisão vendo Faustão, todo escroto, digamos assim, e você estar ali comigo só porque você não tem dinheiro pra se bancar.” Que era o caso da mãe dela, da minha mãe e tudo mais. Eu falei: “não quero isso pra você, quero que você seja feliz do meu lado, não quero que seja obrigada a ficar do meu lado.” Falava isso pra ela e falava isso pra minha irmã também e hoje ela se banca, graças a Deus. Ela se formou em arquitetura e tudo mais, hoje ela se banca. Então assim, ela ajuda na despesa de casa e acho que todas deveriam fazer isso pra não depender de homem, ninguém jogar na cara de ninguém e ter a independência dela. “Quero sair fora, não te aguento mais e vou embora, entendeu? Não quero você.”

P – Se o papel de provedor é negado, que outras formas você acha que o homem negro encontra pra exercer sua masculinidade?

E5 – Eita. Você me pegou, hein.

P – Se não quiser responder, não...

E5 – É, na verdade eu não tô sabendo responder. Porque assim, tem o papel de homem em casa para os filhos, referência de homem. Mas hoje em dia a estrutura familiar tá tão mudada, não sei nem se essa resposta caberia, entendeu? É, eu não sei dizer.

P – Beleza. Você tem vontade de ter filhos?

E5 – Tenho. Por mim eu teria 3, como somos eu e os meus irmãos.

P – Você acha que o desemprego influencia na vontade de casar e formar uma família?

E5 – Eu acho que sim porque isso faz muita diferença. Como eu te falei, a gente... prorroguei meu casamento por causa disso, eu gostaria que ela tivesse satisfeita, com a independência dela, pra gente se casar. Assim como pra ter filho agora... a gente tem um ano de casado, a gente já tá começando a pensar em ter filho, então, claro que isso pesa, ela não tá tão segura no trabalho dela.

Ela mesmo, agora que a mentalidade dela veio junto com a minha de tipo, se bancar né, ela tem esse medo. Um dia ela até chegou a falar assim pra mim: “ué, mas se tu me abandonar? A mãe que sempre fica com o filho. Eu vou ficar com uma pensãozinha que você vai dar, não sei o quê...”. Então, assim, isso faz diferença, eu acredito que faça diferença sim.

P - E o que estar desempregado representa pra você?

E5 – Eu não faço ideia, deve ser uma coisa muito ruim, depressiva, entendeu? Eu não me vejo desempregado e não desejo isso pra ninguém. E hoje são 12 milhões de brasileiros, é muita gente. Eu tenho um amigo, esse cara que falou: “ah, você não quer ficar aqui?” Ele era contratado lá e... o contrato acabou, não renovou, e ele tá 3 anos desempregado, já tem seus 50, quase 60 anos, faltava uns 5 ou 7 anos pra se aposentar... e não consegue se recolocar no mercado. Ele se casou com 50 e tantos anos, conheceu uma professora, que tinha duas matrículas no estado e ela que tá bancando. É claro que tinha uma reserva, né? Só que 3 anos morando no Recreio uma hora acaba, né? Então... quando eu visito ele a esposa dele fala: “ah, que bom que você veio, porque ele tá muito triste.” Deve ser muito ruim.

P – E é um problema se por exemplo, a sua esposa ganhar mais que você?

E5 – Nenhum. Pelo contrário, eu quero até que ela ganhe muito mais do que eu. Não tenho problema nenhum com isso. É, porque isso aí tem... eu tenho duas grandes amigas no “(nome do colégio)”, uma virou sargento da aeronáutica e a outra foi pra Macaé, indústria de petróleo e tudo mais, as duas ganhavam super bem e elas sentiam que os caras não ficavam com elas porque tinham mais grana do que eles, entendeu? Que bobeira gente, a vida é tão bela, pode aproveitar tanta coisa. Mas enfim...

P – A sua esposa é negra?

E5 – Não, ela é loira dos olhos verdes.

P – E você tem algum contato com famílias que sejam completamente negras?

E5 – Tenho. Minha família, meus tios, eles são negros. Meu tio, minha tia, minha prima.

P – Família por parte da sua mãe?

E5 – Isso... minha afilhada que nasceu.

P - E você acha que as famílias negras no geral possuem mais equidade entre os gêneros do as famílias brancas?

E5 – Vamos lá, devagar. Tem mais equidade?

P – É, entre homem e mulher. Você acha que tem mais igualdade do que as famílias brancas?

E5 – Vamos devagar. Pergunta de novo.

P – Se você acha que as famílias negras no geral têm mais equidade entre gêneros ou seja, mulheres e homens são mais iguais dentro de casa por exemplo. Se os homens negros são menos machistas com as mulheres negras do que homens brancos com as mulheres brancas ou se é a mesma coisa.

E5 – Agora tu me pegou, hein. Bom, o que eu acho, né? Não sei, não tenho nenhum exemplo, eu acho talvez que tenha a maior diferença entre brancos, entendeu? Porque a princípio, assim, eu tô vendo pelo lado dos meus tios, eles têm subempregos também, a minha tia é cuidadora de carro,

toma conta de carro. O meu tio era motorista de caminhão, só que agora tá encostado pelo INSS, não tá enxergando direito, minha tia que tá bancando tudo. Então, assim, o salário, acredito que era mais ou menos igual, e o que eu tenho visto lá na galera do setor da limpeza, a galera... tem casais lá de pessoal de limpeza e então ganha a mesma coisa. Eu acredito que tem a maior divergência entre os brancos, salário entre eles lá, eu acredito que deve ter mais esse lance de: “ah, eu não quero mulher que ganha mais do que eu.” Eu acho que deve ter mais problema em relação a isso entre os brancos.

P – Só uma coisa que eu esqueci de perguntar. Qual é a proporção de pessoas negras na empresa que você trabalha? São poucas né, que você me disse.

E5 – É, que eu tenho visto é bem menor.

P – Qual uma proporção que você chutaria?

E5 – Bom, vamos lá... tem o geral, todo mundo contratado, e tem só o concursado. Entre os concursados a maioria é branca sem dúvida. Eu diria que 90 ou 95%. Agora englobando contratados...

P – Que aí já entra serviço de limpeza.

E5 – Também né, além de escritório, de fazer projeto e de trabalhar igualmente, já aumenta um pouco. Bom, vamos lá, vamos tentar botar em números aí. Tirando o pessoal da limpeza deveria ter assim 30% negros e 70% brancos. Agora, englobando o pessoal da limpeza, talvez uns 40%.

P – E na gerência?

E5 – Olha na gerência tem eu e mais um... eu e mais de uns 12.

P – E o pessoal que é diretor e tal? Os cargos mais altos.

E5 – Aí... acho que 100% (branco), eu não teria exatidão, mas acredito que seja 100%.

P - Você acha que tem discriminação na promoção?

E5 – Eu não senti ainda. Se tem eu não percebi. No meu caso, olhando pro meu umbigo, não percebi.

P – Beleza. Você acha que tem alguma diferença entre o que é esperado socialmente de um homem branco e de um homem negro?

E5 – Esperado socialmente?

P – É, quando a sociedade olha pra um homem branco e quando olha pra um homem negro a sociedade espera a mesma coisa, ou espera coisas diferentes?

E5 – Tu me pegou de novo. Então, eu não consigo perceber essas coisas porque eu não tenho esse problema, eu não sinto esse problema. Então, assim, eu não penso muito nessa diferenciação de cor, a verdade é essa. Eu penso nessas situações onde tá englobada ali na prova, que tem cota enfim... se a galera espera... não sei. Pode pular?

P – Sim, sim, de boa. Como você acha que tá a discussão sobre racismo, sobre masculinidade negras e feminismo no Brasil? Você tem acompanhado alguma coisa, sabe como tá?

E5 – Então, eu acompanhei alguma coisa via redes sociais. Mais sobre feminismo, né. E sei lá, às vezes eu também discordo de algumas coisas, às vezes concordo. Mas acho que o pessoal quer exagerar, que nem assim, com a Dilma presidente, a presidente da Petrobrás virou uma mulher, a Graça Foster, e assim, eu percebi isso, foi claro, uma movimentação pra ter mulheres com cargos de alta gestão. Sim, eu acho válido, claro, a igualdade tem que ser pra todos lá, a oportunidade tem que ser igual pra todos. Só que eu percebi um exagero e percebi que até que em alguns lugares não... assim, não tinha a competência devida pra aquele cargo, entendeu? Porque não se saiu bem, as coisas deram errado, entendeu? Então, assim, claro que a condição tem que ser igual, mas eu percebi um exagero, uma forçação de barra que eu não sei medir até quanto prejudicou, mas eu percebia que algumas áreas foram prejudicadas por conta disso, entendeu? Mas é claro que pra mim, eu quero que a mulherada domine o mundo, não tenho nenhum problema quanto a isso, mas exagerar nesse lado acho que não é legal: “ah hoje só mulher vai ser gerente.” Não porque tá roubando o meu lugar, eu não tenho medo disso, isso não é problema pra mim. E não tô dizendo que eu não vou perder pra mulher. Talvez eu perca, que eu vejo que as mulheres são muito mais disciplinadas pra estudar, são muito mais inteligentes, inclusive, tem muito mais mulheres hoje em ensino superior do que homem, mas tem que ver até quando forçar esses cargos seria... se vale à pena, entendeu? Até mesmo pra empresa, né? Mas enfim...

P –Entendi. E a sua relação com a branquitude, como é?

E5 – É aquilo que eu te falei, eu não tenho problema com ninguém, entendeu? Eu não vejo cor, vejo pessoa, vejo caráter, é o primeiro ponto. Não vejo problema nenhum com cor. Se eu tiver que namorar uma negra eu vou namorar, já namorei, não tenho problema nenhum com isso.

P – Isso tem um pouco a ver com o que eu já perguntei antes, mas o que dizem sobre homens negros na cultura brasileira? Em novela, em livros.

E5 – Sempre são... como posso dizer? Sempre é subclasse né? Nunca é a classe mais rica, é sempre o escravo, o empregado ou o motorista ou... é. A gente precisa acordar pra isso, apesar de eu não enxergar essa diferença, existe esse lado. É evidente, fica claro até nas novelas ou é forçado nas novelas, enfim.

SEGUNDA PARTE

P - É fácil ser um homem negro?

E5 – Andei refletindo mais... e fiquei mais atento depois que conversamos... De fato, não é fácil ser homem negro no Brasil... por tudo aquilo que a gente conversou e tudo aquilo que você levantou também. É o negro que é sempre o suspeito, é o negro que é sempre parado na blitz, que é parado dentro do ônibus... o ônibus lotado e o negro é o único que é revistado. Ah! E eu comentei com a minha esposa, né, sobre a nossa entrevista, aí conversei com ela e tudo mais, e ela: “e aquela sua situação no bar?” A situação no bar foi a seguinte... foi aquilo que eu te falei, né? Que se eu sofri racismo alguma vez que eu não percebi. E esse é mais um fato que eu não percebi, mas que de fato aconteceu. Não sei também se é por ser preto, mas enfim... a minha esposa morava num prédio, que embaixo tinha um bar. Então, eu sempre parava de carro ali. Eu sempre parava ali. E uma vez, à noite, eu desci pra buscar ela com o celular na mão. O dono do bar, que é pão-duro, não tem nenhuma segurança, não tem nada, ele simplesmente saiu correndo, caiu no chão inclusive, no meio da rua. Eu não entendi nada, meu colega também, que estava dentro do carro, não entendeu nada. Depois que eu fui saber que ele achou que eu ia assaltar o bar, com o celular

na mão, entendeu? Assim... a princípio eu não liguei, né? Porque, assim, ele que é o idiota, né? Mas depois eu vi que era uma situação complicada, né? Vai que uma vez alguém tá armado? E ele acha que eu vou fazer alguma coisa e faz alguma coisa comigo? Né? É uma situação complicada. Agora, mais uma situação... foi ontem... eu tava vendo o Facebook ou o Instagram, não sei, e tinha uma pergunta que dizia assim: “se o racismo acabasse hoje, o que você faria?” Aí tinha várias respostas, né? E o pessoal dizia assim: “ah, eu andava com o celular na mão, pra provar que eu posso ter um celular”; “eu andava com mochila dentro do supermercado”; “eu usaria o capuz do casaco”. Várias pessoas, homens e mulheres discutindo esse tipo de situação.

P - Você acha que existe algum tipo de diagnóstico prescritivo de como os homens negros devem se comportar? Você acha que atende a essas normas? Em quais sentidos?

E5 – Eu acho que não. Eu acho que não tem que ter nenhum tipo de comportamento não. Mas assim... os problemas são os outros, né? O lance é como a comunidade nos enxerga. Então... eu vou te dar um exemplo do que eu vi, eu vivenciei isso muito de perto. Foi o seguinte: Bonsucesso, Zona Norte do Rio, eu tava numa pista de mão única, mas que tinha espaço pra dois carros. Eu parei no sinal, dirigindo, voltando do trabalho. Eu tava do lado mais à esquerda, e do lado direito tinha uma moto, e logo atrás duas motos. Um, que era de um entregador, e mais pro outro lado tinha dois meninos, e atrás um ônibus. Os dois de capacete, os dois negros. Um desceu da moto e começou a ter um comportamento de mexer na cintura, entendeu? Eu diria até que era meio suspeito. Inclusive eu já fiquei assustado e fiquei alerta. Eu fiquei alerta. Pensei: “putz! Mais um assalto que vai acontecer”. Mas, realmente... o modo que ele se comportava era de alguém que ia assaltar, entendeu? Mas o que eu quero dizer com isso? Ah, sim! E nessa, o menino desceu da garupa. O carona desceu da garupa, entendeu? Então, ele desceu da garupa, sinal fechado, e começou a se movimentar estranhamente, do lado da moto, e com um casaco grandão, e de capacete, e depois eu percebi que a moto deles deu algum problema, e eles foram levando a moto pro lado, pro cantinho da calçada, beleza... parou, o trânsito seguiu. Nessa que eu vi que eles tavam com problema na moto, a moto que tava mais próxima de mim, que era de um entregador, quando ele também percebeu que era um problema na moto deles, o cara começou a guardar a arma no bolso. Ou seja, até ele achou que ia ter algum assalto, alguma coisa assim. Por quê? Dois meninos negros, na moto, com garupa, é um comportamento suspeito. Ou seja, tem algum comportamento que deve seguir? Não. Não tem. Não tem que ser assim. Eu não deveria suspeitar dos meninos. Muito menos o cara do meu lado que chegou a puxar uma arma. Mas assim, eu evitaria esse tipo de comportamento. Eu, se tivesse na garupa de um rapaz, eu não faria o movimento que ele fez. Por questão de sobrevivência, entendeu? Isso foi na mesma semana que aconteceu um sequestro de ônibus na ponte. Que: “ah, tinha que matar o menino, não tinha que matar, matou, não matou”. Enfim, eu acho que no Rio de Janeiro, todo mundo tá com medo. É assalto o tempo todo, entendeu? Então eu acho, que assim: “ah, o cara quis aparecer”, sei lá o que ele quis fazer, era maluco ou não, ele tava botando em risco botar fogo num ônibus e as pessoas estão com medo. Então, esse tipo de coisa não dá mais pra acontecer, entendeu? É o que eu acho. Por questão de sobrevivência. O cara não deveria agir daquela forma. Ou seja, eu não faria, porque eu sei que eu tô no risco. Enfim, essa é a minha resposta: não acredito que tem que seguir um comportamento, mas eu evitaria alguns tipos de comportamento, porque eu sei que a cidade tá assustada, e até um entregador tá andando armado. Então, eu não pagaria pra ver.

P - Quais caminhos enxerga para resolver os problemas dos quais tratamos na conversa anterior?

E5 – De fato, eu não consigo enxergar um caminho, não. Não só pra isso, como pra outras coisas também. Porque, assim... são pessoas, né? Como é que você vai mudar o pensamento de uma pessoa? Uma não, né? Várias. Que nem aquele lance de estupro. A mulherada, teve uma época aí que tava usando umas frases, umas roupas, dizendo: “ah, meu corpo, minhas regras”; “ah, eu uso a roupa que eu quiser”. Enfim, legal falar isso. Concordo. Isso não tem nem o que discutir. Mas assim... o cara que é estuprador, o cara é filho da puta, pronto e acabou. Não vai ser a camisa que tá escrito alguma coisa, ou o que a mulher tá dizendo que vai impedir do cara fazer alguma coisa, entendeu? E a mesma coisa o racismo. Eu acho que por mais que as pessoas falem alguma coisa, “ah, que na TV apareçam mais negros”; “ah, que a jornalista do horário nobre é negra”, não vai mudar. O pessoal só vai falar: “ah, essa neguinha”. Entendeu? Que é o que eu escuto. Que nem no feriado agora em novembro, da consciência negra e tal, o cara do meu trabalho, branco, claro, falou: “ah, é o feriado mais idiota que eu já vi”. É... idiota pra ele, né? Mas enfim... então, essa coisa de negro, essa coisa de mulher ser estuprada e tudo mais... essa discussão de cotas que sempre rola no meu grupinho de amigos, que eu encontrei esse final de semana e acabou rolando esse assunto de novo, pelo que eu vejo não vai mudar. Porque o que eu vejo é o seguinte, é uma frase que eu já usei uma vez: “não adianta eu discutir sobre TPM se eu não tenho TPM”, entendeu? Então o cara não é capaz de se colocar no lugar do outro, não sente e vai dar que palpite? “Ah, é o feriado mais escroto que eu conheço”. Claro, a família é toda branca, não tem problema nenhum, sempre estudou nas melhores escolas, entendeu? É claro que vai falar isso. Então, assim, infelizmente, eu não consigo enxergar um caminho pra mudar a consciência das pessoas. Infelizmente.

P – A última pergunta é sobre mim. Como você se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca? E se você acha que seria diferente, melhor ou pior se fosse entrevistado por um homem negro? Se você se sentiria mais à vontade ou não e se você tem alguma recomendação pra mim.

E5 – Bom, eu me senti à vontade, na verdade foi um prazer tentar ajudar. Não sei se ajudou na sua linha de pesquisa porque eu sei que entre os negros eu sou um pouco mais privilegiado, entendeu? Na verdade, eu... assim, que nem assim, o Rio de Janeiro é violento, mas eu nunca fui assaltado. Se eu não visse televisão eu nunca ia saber que o Rio é violento, entendeu? Da mesma maneira, eu nunca tive problema ou eu nunca enxerguei um problema e se não fosse manifestações, o pessoal falando, eu também não enxergaria... ou pelas novelas. Bom, entre homem e mulher falando, eu fico muito mais à vontade conversando com mulher do que com homem. Agora, sobre cor, eu acho interessante uma mulher branca se preocupar com isso, mas também não vejo problema. Acho interessante se colocar no lugar do outro, é o exercício que eu tenho tentado sempre, me colocar no lugar do outro. Porque é bem isso, acho que tudo na vida depende de que lado você tá, que nem o meu irmão, ele sabe que eu trabalho na “(nome da empresa)” e tem um movimento forte pra ser vendida e ele fala: “eu quero que venda a “(empresa)” pra você aprender a trabalhar. Pra você ver o que é trabalhar.” Ou seja, ele não tá no mesmo lado que eu de trabalho, se ele tivesse lá, vivenciando lá, talvez a resposta dele não seria mesma, talvez se eu tivesse no lugar dele, talvez pensaria como ele. Então acho que depende do lado que você tá, e você, mesmo do seu lado, quis procurar, se colocar no lugar do outro, fazer uma pesquisa, então acho interessante. Espero que tenha ajudado apesar de não saber responder algumas perguntas.

P – Foi ótimo. Muito obrigada. E você tem alguma recomendação pra mim?

E5 – Recomendação? Talvez fazer essa pesquisa com brancos também. Tá fazendo?

P – Eu penso isso pro doutorado na verdade.

E5 – Porque... assim, claro, eu tô no meu lado e mesmo assim, às vezes eu não enxergo, mas o branco quando ele não é afetado ele não enxerga. Quer ver um exemplo? Que eu ri e tipo, eu não gosto de me meter em confusão, discussão, enfim, mas o meu chefe, ele é engenheiro último nível, não tem mais pra onde crescer, deve ganhar mais de 20 salários... enfim, e as filhas dele sempre estudaram em bons colégios, talvez os melhores e agora tem o ENEM aí e tal... concurso Pedro II, de colégio assim. E entra as cotas pra índio, pra não sei o quê, ou seja tomaram 20%. Ou seja, elas só concorrem a 80% e ele achou ruim, ele falou assim: “pô, não tem mais? Só tem 80%?” Ou seja, o pessoal às vezes tá concorrendo só a 20%, entendeu? E eles não enxergam. Por quê? Depende do lado que ele tá. Então ele enxerga que tá tirando o espaço dele, mas na verdade já tiraram o espaço do negro há muito tempo e agora tão dando 20%, entendeu? Eu acho que é isso, tentar ver o lado branco da história também, ver o que eles acham.

P – Você diz que se sente mais à vontade conversando com mulher do que com homem. Como você se sentiria se o entrevistador fosse um homem branco?

E5 – A princípio não me sentiria tão confortável, caso não apresentasse uma boa justificativa ou interesse..., mas ainda assim... se tratando de uma pesquisa séria, e vinculada a uma instituição de ensino... faria numa boa sem problemas.

Agradecimentos.

TRANSCRIÇÃO SEXTA ENTREVISTA

Entrevistado 6: Valdo, 31 anos, Pós-Graduado, Cursando mestrado, Professor de ensino básico técnico e tecnológico (comparado a professor do ensino superior), Solteiro, Sem religião, Classe B, Homossexual, Nova Iguaçu, Negro, Gênero Masculino. renda de 5 a 15.

P – Pesquisadora

E6 – Entrevistado 6

P – Como você considera a sua experiência enquanto homem negro no mercado de trabalho do Rio de Janeiro? Eu vou ouvir sua história sem interrupções.

E6 – Beleza. Então, eu morava numa cidade litorânea do estado do Rio de Janeiro, isso no meu ensino médio. E concluindo o ensino médio, eu comecei uma graduação em Ciências Biológicas na mesma cidade, que é Angra dos Reis, eu tive a oportunidade de sair de Ciências Biológicas e ir com uma bolsa do ProUni numa universidade privada na Baixada Fluminense fazer engenharia de produção, isso em 2006, no segundo semestre de 2006. Aí comecei uma graduação em engenharia de produção, logo no início eu só estudava, tive a oportunidade de só estudar durante um ano e meio, mas aí por questões sócioeconômicas eu comecei a precisar trabalhar, e por falta um pouco de orientação, e talvez de... não sei, de referências mesmo dentro da própria família e de... eu fui a primeira pessoa da minha família a fazer o ensino superior, a começar o ensino superior, de um núcleo familiar bem próximo entre mãe, pai e irmãos, e depois de um ano e meio eu fui procurar emprego, o meu primeiro emprego. Na verdade, eu deveria estar procurando um estágio, né? Mas eu não tinha noção e tava lá procurando emprego, e consegui um emprego na mesma cidade como operador de telemarketing, numa empresa de crédito consignado. Aí trabalhei durante 4 meses como operador. Eu... na verdade, assim, aquele desespero de você querer o primeiro emprego, a primeira oportunidade que aparecer e você encontrar. Os caminhos pra eu procurar emprego foi o SINE (Sistema Nacional de Emprego). Eu fui procurar essa instituição, e no primeiro dia que eu fui procurar eles me deram o encaminhamento pra essa empresa, onde eu consegui meu primeiro emprego. Nesse primeiro emprego eu fiquei 4 meses como operador de telemarketing, passei por todo treinamento, eu ia falar sobre o processo seletivo, mas... o processo seletivo, ele foi composto por algumas etapas: entrevista, alguns testes de conhecimentos básicos, e nisso eu razoavelmente fui bem. Nesse período, eu me entendia enquanto homem negro, mas não tinha uma ideia, não conseguia fazer uma análise, uma leitura do que era o racismo institucional, o racismo estrutural dentro dessa empresa e durante esse processo seletivo. Hoje eu ainda tenho um pouco de dificuldade de conseguir fazer esse tipo de análise pra essa minha primeira experiência profissional. Como de início eu já procurei essa empresa, e consegui ser contratado na primeira empresa, por mais que fosse um subemprego até certo ponto, eu não consigo muito bem hoje fazer essa análise, se durante esse processo seletivo eu percebi, se senti de alguma forma algumas das formas do racismo. Eu fiquei 4 meses como operador de telemarketing, depois eu fiquei como atendente nessa empresa de crédito e um ano depois eu me tornei gerente. Aí eu fiquei nessa empresa durante 5 anos como gerente comercial. E como gerente comercial eu fiquei responsável por algumas unidades durante algum tempo, e era um trabalho bem esgotante, em que eu trabalhava 44 horas por semana, a responsabilidade era bem significativa e a minha remuneração era muito ruim. Durante esse período eu conciliava trabalho e estudo, e até certo ponto eu me acomodei um pouco, porque no período em que eu estava concluindo a minha graduação, eu ainda

estava nessa empresa, num cargo de gerência, que era o maior cargo da empresa, depois só a diretoria, e eu senti que eu... tava numa situação razoavelmente confortável, não ganhava mal mas também não ganhava como eu acho que deveria ganhar na minha profissão. Eu terminei a graduação em 2010, e nesse período que eu terminei a graduação eu não tinha feito nenhum estágio, só tinha experiência profissional nessa empresa. Eu me sentia muito esgotado profissionalmente, achando... os meus pares, eles não tinham a mesma formação que eu, e eu não via muito pra onde ir, de crescimento dentro daquela empresa, e eu procurei outras formas de me inserir no mercado de trabalho. Aí comecei a participar de alguns processos seletivos para empresas maiores, como trainee, não passei nos processos seletivos, aí depois eu vou detalhar um pouco as análises que eu fiz na época, e tentei também alguns concursos públicos, isso em 2011, 2012, foi um período que eu tava me preparando e me dedicando a concursos públicos. Nesse meio tempo, eu também tentei alguns processos seletivos para mestrados, e aí foi onde eu comecei a me entender mais como homem negro no mercado de trabalho, porque durante esses processos seletivos para os programas de pós-graduação, eu fazia todas as etapas, pré-projeto, e era bem avaliado, e quando chegava na entrevista, misteriosamente eu era reprovado nas entrevistas dos programas de pós graduação, inclusive em Portugal. Isso foram 2 experiências que eu tive, de fazer todo o processo seletivo, ficar bem colocado nos processos seletivos, quando chegava na entrevista, por algum motivo, um professor branco, um entrevistador branco, me reprovava no processo seletivo. Eu ficava me perguntando: “o que eu falei de demais? Nossa, o que uma entrevista pode comprometer todo o trabalho que eu tive de fazer uma prova, de elaborar todo um projeto de pesquisa que foi bem avaliado, e chegar numa entrevista, dentro de toda subjetividade que as entrevistas possuem, eu sou reprovado sempre nessas etapas?” Dando sequência a essas minhas experiências profissionais, eu não consegui entrar nesses 2 programas de mestrado, curiosamente num terceiro programa de mestrado que eu tentei... que não tinha a etapa de entrevista, eu fui aprovado, pra Universidade Técnica de Lisboa. Então foi mais um... um sinalizador, foi mais um sintoma de que tinha alguma coisa errada nessas entrevistas. E nesse terceiro processo seletivo eu fui aprovado pra fazer um mestrado em Lisboa, no ISEG, que é o mestrado em Gestão Inovação e Tecnologia, não sei se era exatamente isso... nesse período eu estava ainda nessa empresa, tentando esse processo seletivo, e decidi largar tudo e ir pra Portugal, achando que seria o sonho europeu, de ir pra Europa estudar. Eu larguei a empresa, fui pra Europa e deu tudo errado, porque eu tinha um companheiro já há 3 anos e ele não foi liberado pra poder ir me acompanhar em Portugal, e no momento, por questões afetivas, eu decidi ficar no Brasil e passei 7 meses desempregado. Nesses 7 meses, eu fiz vários processos seletivos em que, curiosamente, eu também era reprovado nas entrevistas, mesmo considerando a minha experiência profissional em cargo de gerência, que era bem atípico dentro dos outros perfis, dos concorrentes dos processos seletivos, ainda assim, eu não conseguia seguir adiante depois das entrevistas. Foi quando eu fiz um processo seletivo pra uma corretora de valores, e nessa corretora de valores passei por algumas etapas também, como prova de conhecimentos específicos, habilidades específicas também e entrevista. Nessa entrevista, aparentemente, eu... aí vem a subjetividade, eu não senti nenhum tipo de discriminação em relação à cor, mas até certo ponto senti discriminação em relação à orientação sexual, acho que a leitura social que fizeram de mim naquela experiência, percebiam a minha orientação sexual e por conta disso eu percebi algumas brincadeiras, algumas coisas que eu falei: “Mas então, eu não dei essa liberdade”. E as pessoas estavam brincando com relação a algumas coisas, com a minha sexualidade, que eu não entendia o porquê. Enfim, entrando nessa empresa, eu fiquei pouco tempo, fiquei quase um ano nessa empresa, e acho que de 100 pessoas, 4 ou 5 eram pessoas negras. Nessa época eu já tinha a percepção de como as

interseccionalidades agiam ali. De existia ali uma elite, inclusive foi uma das coisas que motivou a minha saída desse lugar. Existia ali, em sua grande maioria, pessoas privilegiadas, não tinha nenhuma pessoa em cargo de chefia, negra. Não tinha nenhum negro, nenhum homem, muito menos uma mulher negra em cargo de chefia, todos eram cargos operacionais, os mais básicos. Eu entrei no cargo mais básico possível, nele fiquei 4 meses, até que me convidaram pra atuar numa outra área, que é dentro dessa corretora de valores, me convidaram pra atuar numa área de aluguel de ações, em que o gestor dessa área, que era uma pessoa que tinha um cargo um pouco maior do que o meu, tinha acabado de sair, o convite foi pra ocupar temporariamente essa área, e criou uma expectativa que eu conseguiria, né, pelo menos uma melhoria do cargo que eu ocupava. Não se concretizou, eu fazia exatamente a mesma função que o gestor, a pessoa que tinha o cargo um pouquinho melhor realizava e, no entanto, eu não tinha a mesma remuneração e o mesmo reconhecimento. Eu me senti desprestigiado em alguns momentos. O sentimento... o sentimento de um trabalhador, um homem negro, no mercado de trabalho é de que você sempre precisa fazer muito mais pra ser reconhecido. Hoje eu tenho clareza de que... eu tenho que criar uma outra rede, outras relações, que eu não tenho que fazer o dobro pra conseguir esse reconhecimento, mas na época o sentimento que eu tinha, era que eu tinha que fazer o dobro pra conseguir esse reconhecimento. Isso já me percebendo enquanto um dos poucos homens negro nesse local de privilégio... privilégio até certo ponto, porque algumas posições eu não alcançava, e dessa sensação, e do esgotamento emocional também, de que eu tinha que me esforçar muito mais pra mostrar o quanto eu era bom e o quanto eu deveria ser reconhecido. Hoje já sei que isso não funciona e que eu não faria a mesma coisa, não agiria da mesma forma. Nesse período, eu vi algumas pessoas, que entraram na mesma época que eu, alcançando alguns outros cargos. Não tinham os mesmos indicadores, eu tinha bons indicadores na época, e as pessoas que não tinham os mesmos indicadores ocupavam outros cargos, ou iam pra outras áreas que permitiam um crescimento maior, e eu continuava desempenhando uma função sem ter o reconhecimento. Aí eu pedi pra sair dessa área e voltar pra que eu estava anteriormente, já que é pra eu trabalhar num cargo e ter muito mais trabalho sem ter a remuneração, é melhor eu voltar pra o que eu fazia antes, né? E nessa época eu perguntei, questionei se eu voltaria pra essa área com o mesmo salário. E falaram: “Sim, você vai voltar com o mesmo salário”. Aí eu falei: “Mas, estranho né? Porque eu tô desempenhando uma função...” - nessa época me colocaram pra fazer temporariamente o serviço de supervisão dessa área de captação de cliente, e ainda assim sem nenhum tipo de reconhecimento de remuneração. As análises que eu fiz dessa experiência... assim, eu pedi transferência, dentro do mesmo grupo empresarial, pedi pra sair dessa corretora e ir pra um banco. Emocionalmente, eu ficava muito desgastado, porque eu via pessoas que tinham muitos recursos, e que até certo ponto... não é exatamente a ideia de brincar com os recursos, mas muitas pessoas muito abastadas, e eu vivia um conflito pessoal que era de voltar pra uma região, na época eu vivia na Baixada Fluminense, e o olhar que eu tinha para aquela população me desgastava muito, porque eu via muitos trabalhadores passando muito sufoco, pessoas em situações de muito desprivilégio social, e eu ficava vendo esses contrastes, quando eu tava num ambiente em que as pessoas tinham muitos recursos, e voltava pra um ambiente em que as pessoas não tinham tantos recursos assim e eu ficava bem mexido com essas realidades. Ao mesmo tempo, eu percebi as questões de raça que permeavam essas diferenças também, dentro de transporte público, a sua maioria eram pessoas negras, dentro da empresa em que eu trabalhava não, não eram pessoas negras. Eu pedi pra sair depois, disso eu fui pra um banco de financiamentos, pleiteando uma vaga de gerente, e... mesmo tendo uma experiência anterior como gerente comercial, eu não consegui a vaga de gerente, me convidaram como assistente. A justificativa na época era porque eu não tinha um automóvel, mas

enfim, não sei se foi só isso. Depois disso eu passei 2 anos nessa empresa, experiências com o cliente, eu tive muitas experiências ruins, não chegou a ter nenhum tipo de racismo explícito, mas de forma implícita: pedir para não ser atendido por mim, ou um cliente interno ou cliente externo, eu já tive algumas experiências, assim, de discretamente falar: “Não, eu gostaria de ser atendido por outra pessoa.” Aí, por preconceitos diversos, inclusive relacionados à raça, essas foram experiências assim bem desagradáveis, que não tinha uma justificativa clara do porquê não queriam ser atendidos por mim. Implicitamente estava claro de que ou era por causa da minha orientação sexual, ou era por conta da questão de raça mesmo, então o racismo tá por todas as partes, né? Depois disso eu... ainda no banco, eu me preparei para um concurso público, concurso público pra dar aula no “(nome da instituição)”, que é uma instituição de ensino básico técnico e tecnológico, de educação profissional, e depois disso eu fui aprovado no concurso, passei por todas as etapas, não tinha entrevista, e no “(nome da instituição)” foi onde eu consegui fazer algumas reflexões mais profundas relacionadas à minha condição enquanto homem negro no mercado de trabalho, e de como racismo estrutural né, que está na base da sociedade, ele mexe com a gente emocionalmente, como ele também conduz essa nossa trajetória profissional. Nesse período eu fiz algumas pesquisas, consegui levantar alguns dados e a gente vê que a maior parte da população negra, dos homens negros, eles não ocupam cargos de chefia. Aí eu comecei a entender essa dificuldade, né? A partir desses dados, um dos dados que eu levantei, acho que só 5% dos cargos de chefia, dos executivos das grandes empresas brasileiras, são ocupados por pessoas negras... e o quanto não depende só da gente se esforçar pra alcançar pra ocupar esses cargos. Normalmente, durante a minha trajetória profissional, eu sempre ouvi um discurso muito ligado à meritocracia, e de que eu tinha que estudar, que eu tinha que me esforçar, que eu tinha que me dedicar pra alcançar algumas posições, e eu percebi o quanto chega um ponto que não adianta você estudar mais, não desqualificando a formação, mas assim, por mais que eu estude, vai ter uma barreira racial que não vai deixar que eu ocupe alguns cargos, isso por conta do racismo que está nas estruturas mesmo, que tá institucionalizado em algumas empresas. Aí no “(nome da instituição)” eu me aproximei mais das questões étnico-raciais, hoje eu coordeno um grupo de estudos afro-brasileiros e indígenas, onde eu me entendi mais profundamente enquanto homem negro, onde eu me entendi enquanto vítima desse racismo também, e hoje eu trabalho pra fazer o enfrentamento em todas essas... não basta a gente entender só o que é racismo, a gente precisa ser antirracista, o meu trabalho hoje vem nesse sentido de... eu dou todas as minhas aulas, eu procuro trabalhar, trazer referências de autores, de pessoas negras, de dar visibilidade às pessoas negras, porque a gente tem uma formação muito eurocêntrica, então eu faço hoje as minhas aulas, eu procuro ter o cuidado de trazer autores negros, de trazer referências, os exemplos, eu dou aula de empreendedorismo, os exemplos que eu trago de empreendedores, eu procuro trazer empreendedores negros, justamente pra essas pessoas que estão passando uma formação comigo e em sua grande maioria são pessoas negras, que elas consigam se reconhecer nesses lugares também, e consigam entender de que forma o racismo vai influenciar nessa trajetória profissional delas. Acho que é isso por enquanto. Você vai ter muita coisa pra transcrever. (risos).

P – Mas não tem problema não, foi bem interessante. A segunda pergunta você já citou algumas situações no banco onde você trabalhava de situações de discriminação, gostaria de saber... a pergunta é se você já sofreu alguma discriminação por ser negro. Eu já vi que sim e queria que você falasse um pouco mais sobre alguma situação específica ou que te marcou mais, que me contasse alguns episódios. Pode ser mercado de trabalho ou fora, alguma coisa que tenha te marcado mais.

E6 – É, hoje... no mercado de trabalho nunca teve nenhuma situação explícita em que as pessoas externalizassem, oralizassem, algum tipo de discriminação. Eu já percebi de forma velada que as pessoas pediram: “Ah, você pode substituir o meu assessor? Você pode substituir aquele assistente comercial?” E sem nenhuma justificativa cabível, né? Isso em relação ao mercado de trabalho. Eu percebo também, de forma muito sutil, como o meu discurso em alguns casos é desqualificado. Mesmo na academia. A gente vive hoje em alguns ambientes acadêmicos em que sua grande maioria é composto por homens brancos, bem eurocêntrico, com a visão bem do colonizador, de professores que... eu dou aula na baixada fluminense hoje, numa instituição que tá se consolidando na baixada fluminense. De 30 professores, somos 4 professores negros, e durante os debates, durante as construções acadêmicas, pedagógicas, eu sinto uma desqualificação até certo ponto da minha fala, mesmo eu tendo vínculo com o território. Vou ser mais específico em como essa fala é desqualificada. Durante as reuniões, em que a grande maioria das pessoas que estão nessas reuniões são brancas, a fala das pessoas brancas não são interrompidas, a minha fala sempre é interrompida. Aí obvio que tem outros fatores, outros aspectos, eu não posso ser leviano de falar que não existem outras coisas, mas um dos fatores é achar que a fala de um homem negro pode ser interrompida em vários momentos. Isso me incomoda bastante e eu acho que tem sim uma relação com a questão racial. E diferenças fora do ambiente profissional, tem muitas. Desde as mais tradicionais de você ser seguido por um segurança no shopping center ou dentro de uma loja... hoje, como eu consigo fazer essas leituras, procuro entender que o problema não tá em mim, mas é algo que me causa sofrimento porque agora eu consigo perceber: “nossa, entrei naquela loja e a pessoa me seguiu” ou “entrei naquela loja e não fui atendido”, ou “essa pessoa não vai comprar”. E às vezes dá vontade de falar: “Não, eu posso comprar, eu posso comprar o que eu quiser dentro dessa loja.” Mas a gente... eu me sinto desqualificado em alguns momentos assim, de ser seguido por segurança, de não ter o atendimento que eu achava que deveria ter e tem sim um preconceito relacionado à raça. Eu tenho uma experiencia bem pontual pra te passar que aconteceu... eu morei bastante tempo na Tijuca, que é um bairro da zona norte do Rio de Janeiro, das pessoas que na sua grande maioria se acham pertencentes da zona sul, tem o sentimento de pertencer à zona sul e não são da zona sul e... eu era uma das poucas pessoas negras do meu prédio, isso comigo e com meus amigos, quando eu recebia amigos negros, os meus amigos eram convidados a irem pelo elevador de serviço. Se eu não me engano, eu acho que eu era a única pessoa negra do meu prédio, isso também pra mim era um sinalizador racial, e eu tive uma experiencia pontual de estar procurando algum objeto pra comprar no bairro, e em um único dia, 5 pessoas, em 5 lojas diferentes, perguntaram se eu trabalhava na loja como atendente. Eu tô até querendo escrever uma crônica pra contar essa experiencia, mas tem muito de como a sociedade faz a leitura do lugar que você deve ocupar nela. O lugar que um homem negro como eu deveria ocupar é como atendente de uma loja e não como comprador, isso tá tão impregnado na cabeça das pessoas que eu falei: “Não é possível.” Eu tava procurando um objeto, entrei numa loja e me perguntaram se eu era atendente, entrei em outra loja e perguntaram se eu era atendente. Como as pessoas reproduzem esse preconceito relacionado ao lugar que um homem negro deve ocupar num mercado de trabalho. Esse dia pra mim foi bem difícil, eu falei: “Não, eu não acredito.” A primeira pessoa eu falei tudo bem, vou responder pra ela que não, não trabalho, na quinta pessoa eu já tava esgotado, falando: “Minha senhora, não, eu não trabalho aqui. A senhora é super preconceituosa.” Com indignação no coração, sabe? Essa foi uma experiencia bem desagradável que eu tive assim.

P – Imagino. E você acha que os brasileiros de uma forma geral acreditam que existe racismo no Brasil?

E6 – A gente vive o mito da democracia racial, né? Isso foi construído historicamente por políticas de embranquecimento após o período abolicionista, da pseudo abolição. E essas políticas de embranquecimento colocaram no imaginário social que o racismo não existe, uma negação do racismo, de que somos todos iguais, temos todos as mesmas condições de trabalho, de formação. O que é uma inverdade, então eu não acredito que em sua grande maioria a população brasileira saiba a dimensão que tem o racismo não.

P – E como que é a sua relação com o trabalho? É importante pra você trabalhar?

E6 – Então, eu entendo o conceito de trabalho como uma categoria um pouquinho mais ampla do que só o emprego, pra mim o trabalho é visto, tem um... eu estudei um tempo atrás sobre a categoria trabalho até para as minhas pesquisas, e eu entendo trabalho como o que permite a sua própria existência, o meio pelo qual você produz a sua própria existência. Então hoje o trabalho pra mim é uma forma de mostrar que o homem negro pode sim ocupar os espaços de poder, homem negro é uma... até certo ponto, eu vejo o meu trabalho hoje como uma militância. Uma militância acadêmica, uma militância física, o meu corpo tá militando, só o fato de eu estar na academia, discutindo, produzindo conhecimento... Que o meu trabalho hoje é esse, acadêmico, pra mim já é uma forma de militância também. Eu vou ser mais objetivo agora, tá Isadora? (risos).

P – Ah, imagina. Não seja objetivo não. (risos). E com que idade você começou a trabalhar?

E6 – Então, comecei a trabalhar com 19 anos, foi bem precoce. Hoje, se eu conseguisse fazer uma avaliação... é porque depois que as coisas passam a avaliação é muito mais simples, né? Mas hoje, se eu conseguisse fazer uma avaliação de se eu começaria a trabalhar tão cedo, eu certamente não. Se eu pudesse só estudar durante o meu período de graduação eu só estudaria. Eu senti que perdi parte do que eu poderia dedicar à minha formação, trabalhando. Então... foi bem precoce pra mim.

P – E a sua família precisava da sua ajuda pra manter a casa?

E6 – Olha, eu com 19 anos... assim que eu comecei a trabalhar, eu fui morar sozinho, então... até certo ponto, logo no início, não. Depois de algum tempo, eu comecei a ter uma remuneração um pouco melhor e aí sim, eu ajudava. Eu não morava com a minha família, mas eu ajudava pontualmente. Hoje a realidade é completamente diferente, hoje eu sou um pouco... vou usar um termo: arrimo de família. Sempre que alguém precisa de alguma coisa, a referência é o “(nome do entrevistado)”, então vamos lá no “(nome do entrevistado)”, que o “(nome do entrevistado)” pode ajudar. É um pouco assim. Na época não tinha essa necessidade não, eu mais recebia ajuda assim que eu comecei a trabalhar.

P – E como você acha que é em média a educação pra um jovem negro no Brasil?

E6 – Nossa, essa pergunta é terrível. Eu vejo com tristeza a educação dos jovens negros, sabe? Que em sua grande maioria, os jovens negros estão nas periferias, em que a educação chega também com muitos déficits e por fatores diversos, desde falta de compromisso público até à violência de onde essas pessoas vivem, que impossibilita de elas terem a formação. Eu vejo com preocupação e com tristeza a educação dos jovens negros, porque por mais que eu ainda tenha uma pontinha de esperança com alguns programas específicos e com algumas discussões que vêm avançando, talvez eu esteja muito preso ao meu mundinho acadêmico e procuro não me afastar da realidade social e não romantizar e achar que tá tudo perfeito, sabe? Eu acho que tá muito distante do ideal, essa formação dos jovens negros. E uma formação que valorize principalmente a identidade deles, pra eles se reconhecerem enquanto pessoas negras. Eu acho que essa educação

precisaria ser uma formação mais integral, do ponto de vista de não só formar pra que eles ocupem só um emprego, que busquem um emprego, mas que essas pessoas se entendam enquanto pessoas negras, pra que elas se enxerguem em alguns outros lugares, fora daqueles em que a sociedade empurra elas para ocuparem... eu fico bem desgastado. Eu acho que eu trabalho com educação, mas eu acho que tem muita coisa pra ser feito ainda, pra educação dos jovens negros.

P – E o que você acha do sistema de cotas?

E6 – Necessário. Muito necessário. O sistema de cotas é uma das políticas de reparação, eu acho que é uma política que democratizou sim o acesso das pessoas negras nas universidades, hoje a gente consegue ver em alguns níveis também, ele democratizou o acesso na graduação, mas a gente ainda precisa democratizar muito mais o acesso na pós-graduação, e pra mim a política de cotas precisa ser ampliada para o mercado de trabalho, na verdade. E eu penso em políticas de reparação não somente como cotas, né? Porque normalmente, quando a gente vai discutir academicamente as relações étnico-raciais, sempre a temática das cotas entra, eu acho que ela já tá até certo ponto consolidada e ela precisa ser expandida. A gente precisa falar de reparação, se for o caso, financeira mesmo, pelo período da escravidão. Esse país viveu mais de 300 anos de escravidão, e a gente não pode negar o quanto isso influencia os lugares que a população negra ocupa hoje. Então assim, a cota é super necessária, acho que a gente precisa defender pra que, nesse momento político que a gente vive, não perder essa conquista do movimento negro. Porque ela foi conquistada com muita luta do movimento negro, e na verdade eu acho que a gente precisa lutar pra ampliar, basicamente é isso.

P – Acho que você já falou sobre isso, mas só pra ficar um pouco mais claro... Qual era a proporção de pessoas negras nas gerências das empresas que você trabalhou?

E6 – Tá. Eu posso ser mais específico, né? Eu trabalhei em 3 empresas, na verdade 4 empresas, durante a minha trajetória profissional. Na primeira empresa onde eu fiquei 5 anos, eu não tinha... na verdade de 15 pessoas, só 2 pessoas eram gerentes negros, isso porque era o maior cargo, era empresa de pequeno porte, acho que tinha em média 100 funcionários. 15 desses funcionários eram gerentes, 2 eram pessoas negras, isso eu e mais uma pessoa. Quando eu passei pra uma empresa já de grande porte, aí sim eu percebi o quanto as pessoas negras não ocupavam esses espaços. Eu trabalhei em um banco de financiamentos, nesse banco de financiamentos não tinha nenhuma pessoa negra em cargo de gestão. Eu trabalhei na corretora de valores, que também não tinha, até onde eu me lembre, nenhuma pessoa negra em cargos de gestão. Gestão eu digo, desde a gerência, desde a supervisão, até os cargos de diretoria, que dirá nos conselhos. Acho que no conselho dessa empresa onde eu trabalhava nenhuma pessoa, nenhum dos conselheiros eram negros, mulheres negras, então... muito menos. E hoje na instituição onde eu trabalho, que é uma instituição de ensino técnico e superior, tem algumas pessoas negras, mas ainda também é muito pequeno o número, acho que... diretores das instituições das unidades onde eu trabalho, nenhum, nenhuma pessoa. Acho que reproduz um pouco dos dados. Tem um estudo bem interessante, do Instituto Ethos, ele fala um pouco isso né, de como os cargos de aprendizes, na grande maioria são compostos por pessoas negras, e os cargos de gerência e chefia são ocupadas por pessoas brancas, principalmente homens brancos, então não foge à regra.

P – E você acha que há divisão racial do trabalho? Que há trabalho de brancos e trabalho de negros?

E6 – Definitivamente, né? A gente... se a gente for olhar algumas categorias de trabalho, a gente vê que em sua grande maioria são compostas por pessoas negras, por homens negros. Cargos como

segurança, sem desqualificar essas funções, mas é o lugar que eles devem ocupar, né? Segurança, auxiliar de serviços gerais, são cargos que são em sua maioria ocupados por pessoas negras e você vê que tem outros cargos que não. Acho que tem uma relação muito grande com a leitura de que os trabalhos manuais, trabalhos que teoricamente não demandam capital intelectual, eles são trabalhos para pessoas negras, e o trabalho intelectual, em geral, a sociedade acho que entende que não é lugar pra pessoas negras, a gente vê a reprodução de vários preconceitos dentro das empresas, entre os produtos... isso, ele... se externaliza dessa forma também. Não sei se respondi.

P – Respondeu sim. E como que é agora, no seu trabalho, pra ser promovido? É alguma prova ou indicação?

E6 – Não, no meu trabalho hoje pra ser promovido, tem vários graus, assim, eu posso me candidatar ao cargo de direção. Acho que agora, daqui a 2 anos eu vou poder me candidatar ao cargo de direção do campus onde eu dou aula. Aí seria por eleição, mas existem vários outros cargos que são ocupados por indicação. Esses cargos de indicação, é muito curioso como a gente é empurrado pra desempenhar algumas funções. Por exemplo, o professor negro, hoje eu não tenho um cargo dentro da instituição, mas eu sou coordenador de um núcleo, que é o Núcleo Afro-Brasileiro e Indígenas, e eu fui indicado pra coordenar esse grupo porque eu sou um homem negro. Então assim, é porque eu sou negro que eu tenho que cuidar das questões étnico-raciais, eu não posso falar sobre outras temáticas, muito engraçado isso... Eu sou negro, mas eu quero falar de tecnologia, de empreendedorismo, gestão de negócios... então parece... eu posso me candidatar a alguns cargos, mas na grande maioria da estrutura de gestão da instituição, são cargos de indicação. Então vai das relações e até certo ponto tem sim o racismo institucional, ele permeia também essas nomeações.

P – E você acha que você tem chance de ser promovido?

E6 – Então, se pensar em promoção... a gente na carreira de magistério superior, a nossa promoção é automática, existe um plano de carreira. Então eu acho que esse é um dos ganhos do trabalhador que evita essa subjetividade e o racismo estrutural de impedir a promoção e o crescimento dentro de uma determinada carreira. Então, a minha carreira hoje, a minha progressão, a minha promoção, não depende da indicação de um gestor. Passa pela avaliação dele, mas em geral essas avaliações não impedem essa progressão, essa promoção. Eu acho que esse é um dos mecanismos de garantir que o racismo não se implante de alguma forma. Se pensar em ser nomeado pra algum cargo ou ganhar uma eleição pra diretor, eu vejo com potencial por um motivo, acho que 70% dos alunos, pensando em um dos segmentos da instituição onde eu trabalho, 70% dos alunos, o que é atípico, é composto por pessoas pertencentes à população negra. Eles se identificam enquanto pertencentes à população negra. Então, se eu olhar por essa dimensão, eu vejo com chances das pessoas me entenderem enquanto um possível representante delas, um lugar que eu posso ocupar. Mas em outras situações eu acho que não, se eu tivesse numa outra unidade, em que a sua grande maioria é composta por pessoas brancas, eu acho que eu não teria chances de ganhar uma eleição. Hoje na instituição são pouquíssimas pessoas... na verdade não existem diretores de campus, negros, não tem.

P – E o que representa estar desempregado pra você?

E6 – É bem profundo esse negócio. É super análise. O que é estar desempregado? É desalento... me pensando enquanto desempregado, se eu estivesse desempregado, acho que seria um sofrimento mesmo, representaria pra mim um sofrimento... eu realmente não vou saber explicar

isso, porque eu acho que é tão profundo o desemprego, e a gente vive um momento em que o desemprego se amplia de forma tão voraz, e afeta principalmente as pessoas mais pobres, que são pessoas negras, que eu acho que é um desespero até certo ponto. Representaria um certo desespero, sabe? Principalmente de ver que nenhuma política pública consistente de emprego hoje tá sendo desenvolvida no país, acho que o meu maior desespero é pensar no desemprego hoje é pensar em desalento, não ter um poder público que tá preocupado com políticas consistentes pra emprego, sabe? É isso.

P – Beleza. Agora é um outro bloco, sobre masculinidades. Quem é ou foi a sua maior referência de masculinidade?

E6 – Eita. Então, eu vou ter que dar uma volta pra te responder isso. Eu sou o único homem de uma família de muitas mulheres. Eu sou filho de uma mãe, inclusive é interessante essa parte por questões raciais, eu sou filho de uma mãe branca, loira, com um pai negro. E meus pais se separaram quando eu era muito novo, eu tinha 4 anos, e eu perdi um pouco durante a minha infância, essa referência de masculinidade. As referências de masculinidade que eu tive foram todas construídas ou por contatos externos, ou pela televisão, aquilo que eu recebia, as informações do que era masculino, vinham de forma externa e não de dentro da minha família, porque a minha família é composta por uma mãe, era uma família matriarcal, e muitas irmãs, eu tenho 6 irmãs, e eu era o bendito fruto. Então, a minha referência, a minha construção, foi pouco masculinizada. Mas tem referências masculinas sim, depois de um certo tempo eu fui morar com meu pai, fui morar com meu pai com 14 anos, foi quando a minha referência do que era masculinidade foi sendo um pouquinho mais consolidada com a figura paterna, porque antes eu não tinha essa figura dentro do meu ambiente, era tudo muito externo e foi isso. Depois com 14 anos, foi quando eu tive essa referência de masculinidade. E... meu pai não era uma figura muito autoritária, não era uma figura... não era não, não é, o meu pai tá vivo. Ele era uma figura... que mesmo que reproduzisse, hoje eu consigo fazer essa leitura, que mesmo que ele reproduzisse algumas dimensões do machismo, mas... ele não... o que eu gostaria de falar? Ele não... não era, eu não sentia a figura de um macho tóxico, sabe? O macho opressor dentro de casa, não tinha muito essa referência, tinha muito mais a referência de um pai mais tranquilo, que ouvia muito mais, reproduzia um pouco alguns preconceitos, algumas dimensões do machismo, que era achar que ele tinha que ser o provedor da casa, que ele tinha que garantir todas. Até certo ponto eu sentia... depois quando eu fui morar com ele, ele vivia com uma mulher branca e eu percebia que ele sentia a masculinidade dele afetada se ele não fosse o provedor da casa. Aquele homem negro que precisava em até certo ponto ser o provedor da casa, mostrar que tinha condições de garantir o sustento de toda família pra de certa forma se afirmar enquanto homem, sabe? E hoje eu vejo o quanto pra ele também deve ter sido doloroso se cobrar tanto e achar que toda essa responsabilidade era dele, quando eu não sei se era. Respondi, Isadora? Porque eu tô com medo de não responder.

P – Não, respondeu, claro, respondeu. E como que era a sua relação com ele?

E6 – Era conflituosa, porque como eu passei boa parte da infância sem... passei 6 anos da minha infância sem ver meu pai, no máximo falava com ele por telefone e assim que eu fui viver com ele, e acho que ele me percebendo também como um homem gay, aí os conflitos foram bem profundos, sabe? Por mais que queira entender e queira se aproximar, não tinha sido construído um afeto. Tinha uma relação de pai e filho, mas uma relação de maior proximidade com o meu pai, eu não consegui construir durante a minha infância, então ele pegou um período bem difícil da minha adolescência em que eu já me achava super independente, já tava super bem resolvido

com a minha sexualidade e tudo mais, e que ele não participou, então eu tinha muitos conflitos com ele, sabe? E também as relações com a minha madrasta foram muito difíceis, porque eu representava pra ela a figura da minha mãe, então acabava que por conta dos conflitos com a minha madrasta, meu pai ficava numa situação super difícil de “ou eu apoio o meu filho ou apoio a minha esposa”, e o desfecho disso foi a separação deles. Dois anos depois que eu fui morar com o meu pai, eles se separaram. Tenso. Não sinto como minha responsabilidade não, sabe?

P – E ele trabalhava?

E6 – Trabalhava. Meu pai foi militar durante 30 anos, no período em que eu morei com ele, ele ainda tava na ativa, e eu acho que esse trabalho também tem um pouco a ver com o lugar do homem negro na sociedade, que foi o caminho que ele encontrou pra ocupar alguns espaços, alguns espaços de poder e foi por meio do militarismo. Nunca vi meu pai muito como aquele militar fechadão, mas ele trabalhava... meu pai trabalhou na marinha durante 30 anos, e acho que foi o espaço que ele conseguiu encontrar pra ocupar um cargo de maior prestígio na sociedade.

P – E qual era a escolaridade dele?

E6 – Meu pai... ensino médio completo, depois eu acredito que ele fez um ensino técnico também. É isso.

P – E quando criança, quem era o provedor na sua família?

E6 – Então, o provedor sempre foi o meu pai até certo ponto, o provedor principal, que mesmo ele se separando da minha mãe, ele ainda, de alguma forma, tinha a responsabilidade financeira e curioso isso, porque o afeto não foi criado, mas a responsabilidade financeira parecia que substituíra o afeto, sabe? O fato dele pagar uma pensão alimentícia ou suprir algumas outras necessidades não eximiam ele dessa construção de afeto... mas a gente não construiu esse afeto realmente. Mas ele trabalhava... na verdade, assim, a minha mãe ajudava na renda, mas era muito mais sem ter um... uma total responsabilidade com o sustento da família, a principal renda era realmente do meu pai.

P – E se o papel de provedor é negado ao homem negro por exemplo, que outras formas você acha que ele encontra pra exercer a masculinidade dele?

E6 – Então, difícil, né? Esse papel de provedor, porque eu vejo... a leitura que eu faço do homem negro, e as várias formas de afirmação em geral, porque historicamente o homem negro casava com uma mulher branca pra se afirmar também socialmente. Em geral querendo ser o provedor, mas também se ele não fosse o provedor, é bem difícil essa afirmação. Eu acho que não sendo o provedor... é bem o conflito que o meu pai viveu durante muito tempo, essa cobrança que ele teve de ter que ser sempre o provedor, porque não sendo o provedor ele se sentia desprestigiado socialmente... inclusive de ele achar que não poderia se relacionar se ele não conseguisse prover o sustento. Então pra tentar ser mais objetivo, acho que esse lugar do homem negro sem ser o provedor causa sofrimento e uma sensação de incapacidade, de frustração enquanto homem, de mexer um pouco com essa masculinidade. Isso no lugar do meu pai. No meu lugar eu acho que a minha leitura é diferente, eu fico mais tranquilo se eu não for o provedor, sem problema nenhum.

P – E por que você acha que a sua leitura é diferente?

E6 – A minha leitura é diferente porque eu vivo... primeiro por não viver um relacionamento heterossexual que traz essa responsabilidade pro homem, né? O homem é cobrado a ser o provedor da família, então, a minha relação homossexual é um pouco diferente, em que eu acho que a gente

procura equilibrar bastante as coisas, mas tem algumas dimensões disso, eu procuro sempre garantir a minha independência, a minha não dependência financeira de outra pessoa, o que não quer dizer que eu tenha que ser o principal provedor da família.

P – E você tem vontade de ter filhos?

E6 – Que difícil isso! Tô aqui na crise dos 30 anos e a pessoa me pergunta se eu quero ter filhos. (risos). Não. Não quero ter filhos. Assim, já tem muita criança no mundo, né? Mas não é só por isso, eu acredito que é uma responsabilidade né, talvez... não sei, é uma mega responsabilidade você formar um outro ser humano, você tentar de alguma forma... acho que nunca é possível, mas você prover tudo que um ser humano... a formação de um ser humano necessita, né? Não só as questões financeiras, mas em relação a referenciais mesmo, a trabalhar uma formação humanizada com uma criança, acho isso tão profundo e não me vejo nessa figura muito, não. No futuro, quem sabe? Acho que nada tá fechado, acho que no futuro eu possa pensar sim em ter filhos. Eu tenho um companheiro e esse meu companheiro tem um filho, então, até certo ponto, nós já temos um filho. Ele tem um filho adolescente que tá com 14 anos agora, ele não vive com a gente, mas em algumas experiências ele vem ficar com a gente, mas eu não vejo... acho que não me vejo como um pai agora não.

P – E você acha que o desemprego influencia na vontade de se casar e formar uma família?

E6 – Totalmente, porque as pessoas se cobram, existem algumas etapas que as pessoas querem cumprir socialmente. É de conseguir um emprego, pra depois casar, e depois que tiver estabilizado com casa e carro, aí você pensa em ter filhos, e todas essas cobranças, esse mundo ideal que as pessoas criam, que a sociedade criou. E o desemprego acho que vai influenciar sim nessa decisão de... aí depende do que as pessoas entendem como casamento, né? Mas vamos colocar o casamento como oficializar e morar junto com uma outra pessoa, eu acho que o desemprego atrapalha muito essa decisão. As pessoas não se sentem seguras de... ir viver junto, começar uma vida com outra pessoa, sem ter uma estabilidade financeira. Essa dimensão financeira ela tem... um peso nessa tomada de decisão. Você falou sobre emprego, mas tem os filhos também, é isso? Ou só emprego?

P – É, de se casar e formar uma família, no sentido de ter filho.

E6 – É porque o meu conceito de família não é com filhos, mas eu acho que sim, influencia demais as pessoas... o desemprego impossibilita as pessoas de assumirem algumas responsabilidades, e uma delas é de entrar numa relação em que você não pode dividir ou contribuir de alguma forma, financeiramente falando, isso vai atrapalhar pra caramba.

P – Quais características um exemplo de homem ideal pra você, deve possuir? Características que você admira num homem ou que você deseja ter ou que você valoriza.

E6 – Meu Deus! Que pergunta difícil também. Acho que assim, a principal característica pra um homem e pra todo ser humano é que essa pessoa seja humanizada, que ela tenha empatia, eu procuro evitar um pouco homens que são heteronormativos, que mesmo nos relacionamentos homossexuais muitos são heteronormativos, então, pra mim, ser uma pessoa humanizada que tenha um olhar pro outro, um olhar que coloca as pessoas na frente ao invés de dimensões financeiras e tudo mais, é bem significativo. O que mais em um homem, gente? É importante pra mim. Tem mais coisas, só não tô lembrando agora. Por enquanto é isso.

P – E você acha que um exemplo ideal masculinidade é um homem bem-sucedido?

E6 – Definitivamente, não. Pra mim um homem... qual o termo que você usou, Isadora?

P – Um homem bem-sucedido.

E6 – Profissionalmente pra mim não, pra se considerar bem-sucedido não é esse o parâmetro financeiro, eu acho que... eu me perdi um pouco na pergunta. Repete pra mim a pergunta, Isadora?

P – Se você acha que um exemplo ideal de masculinidade é um homem bem-sucedido profissionalmente.

E6 – Então, a masculinidade não tem, pra mim, relação com essa questão profissional direto. Pra mim, o referencial de masculinidade é o homem desconstruído, é o homem que consegue entender as dimensões do machismo e procura não reproduzir esses comportamentos, consegue entender o quanto o machismo também afeta ele, enquanto homem, o quanto ele também é cobrado e as relações dele com todas as outras pessoas. As minhas relações, por exemplo, com todas as outras pessoas. Pra mim o ideal de masculinidade é esse macho desconstruído. Não sendo heteronormativo, que consegue entender com profundidade o que a sociedade criou como ideal para o homem, e desconstruir tudo isso, né?

P – Quando você falou da referência de masculinidade, você falou que vinha muita influência de fora, da TV. Tinha alguma referência negra? Quando você era criança, de TV ou alguma pessoa que você se inspirasse? Ou próximo a você.

E6 – Não. Não tinha uma referência de masculinidade negra. A minha família por parte de mãe é uma família branca, e todas as minhas referências de tios e mesmo as externas, na televisão tinha pouquíssimos referenciais negros, até hoje, a gente ainda não consegue se ver na televisão. A minha família, por ser uma família branca e uma família que nega também... aí é uma coisa bem mais profunda, mas é uma família que nega a negritude que existe dentro dessa própria família. A minha mãe, por exemplo, na minha infância falava: “você não são negros, o seu pai é negro, mas você não são.” Entendo que ela falava pra de alguma forma tentar amenizar o sofrimento, ela entendia o sofrimento que uma pessoa negra passava na sociedade, mas era uma negação, e isso foi muito ruim pra mim, e sem ter outras referências. Referências de homens negros eu só fui ter depois de muito tempo, talvez na adolescência, com algumas referências musicais talvez, que eu consegui ter contato com alguns artistas negros e... Lionel Richie e outras pessoas que eu comecei a entender que: “olha, tem outras referências de homens negros”, que eram pouquíssimos. As que eu tinha de homens negros, eram todas reproduzindo os padrões da sociedade, aqueles lugares que os homens negros ocupam, sempre aqueles lugares de desprestígio.

P – Você acha que as famílias negras no geral possuem mais equidade entre os gêneros do que as famílias brancas?

E6 – Equidade entre os gêneros, sem dúvida. Eu acredito que as famílias negras conseguem, espero, em sua grande maioria fazer as análises de como as questões estão inter-relacionadas de gênero e de raça, e como tem dores muito parecidas, eu acho que as pessoas conseguem se reconhecer nessas dores e de alguma forma desconstruir um pouco esses padrões que existem em uma sociedade embranquecida, que é do homem provedor e a mulher desprestigiada também. Eu acho que numa relação, numa família negra, tende a ser menor, sim.

P – E você acha que tem alguma diferença entre o que é esperado socialmente de um homem branco e de um homem negro?

E6 – Total. Socialmente é esperado de um homem branco que... primeiro que ele é menos cobrado do que um homem negro. O homem branco tem um espaço de privilégio, onde as oportunidades são maiores, e as oportunidades pra um homem negro são muito menores do que pra um homem branco. Então, o homem negro vai ter que se esforçar muito mais, ele vai ser empurrado pra ocupar algumas posições também, que é o que eu já falei algumas vezes. Ah, o que é esperado de um homem negro? É que ele reproduza o padrão, que ocupe lugares de trabalhos menos intelectuais, acho que a gente precisa... é muito importante a formação desse homem negro, pra que ele entenda, que não reproduza esses padrões, não responsabilizando ele. Eu acho que é uma conscientização de toda sociedade, mas passando pela conscientização desse homem negro, ele precisa se entender enquanto homem negro pra entender o racismo que ele sofre. Eu falo isso por mim também, e de fazer o enfrentamento ao que a sociedade espera de mim. A sociedade espera de mim, um homem negro, que deveria ser atendente de uma loja e não, eu quero ser um homem negro que produz conhecimento e que trabalha com a formação de outras pessoas, é muito mais nesse sentido. Eu acho que a sociedade diz muito do lugar que você deve ocupar, mas que a gente precisa formar essa sociedade pra desconstruir esses padrões.

P – E você... dentro de tudo que você falou, você acha que é fácil ser um homem negro?

E6 – Não é fácil ser um homem negro. A gente... ser um homem negro é você sofrer racismo o tempo todo, em todos os lugares, é você... não sei, assim, pra mim é muito profundo você... ser um homem negro é difícil, sabe? Nessa sociedade que a gente vive é muito difícil ser um homem negro. Ser um homem negro é ser aquele homem que vai ser abordado numa blitz policial, por mais que você esteja dirigindo o seu carro, você vai ser o ladrão, entendeu? Você vai ser visto socialmente como ladrão, se você tá correndo na rua, você vai ser também visto como ladrão, é você estar passando na rua as pessoas se assustarem com você e atravessarem a rua com medo de serem assaltadas. Então, o homem negro sofre muito, o tempo todo com o racismo, é muito profundo, e a gente... eu acho que a gente precisa que o homem negro tenha... a gente tem que cuidar da nossa saúde mental, sabe? Pra lidar com tudo isso. Acho que é sofrimento ser homem negro, passa por sofrimento, mas que a gente precisa buscar caminhos de cuidar da nossa saúde mental, e encontrar um limite pra que esse sofrimento não afete nosso desempenho enquanto ser humano, e que a gente consiga manter a nossa integridade mental pra conseguir tocar os nossos projetos... e é isso.

P – E o que dizem sobre homens negros na cultura brasileira?

E6 – Eita. É difícil essa pergunta, né? Porque a gente pensar em que cultura que você tá... assim, esse conceito de cultura é delicado porque a cultura de massa, né, o que se diz de um homem negro é a forma de como ele é retratado. Ele é retratado sempre de forma periférica, de forma marginalizada, essa é a representação, e é uma representação distorcida desse homem negro. Hoje a cultura brasileira representa o homem negro de uma forma distorcida, o pouco que a gente tem acesso na televisão, em alguns programas, ainda é muito distorcido. Uma coisa ou outra foge ao padrão. A gente vê agora algumas iniciativas pontuais de colocar o homem negro por uma outra perspectiva, principalmente contada por ele, mas numa cultura de massa que é o que a gente vê em novelas e em alguns filmes, essa cultura de massa reproduz vários preconceitos e... se for pensar nessa cultura, realmente, o homem negro tá sempre desqualificado. Se a gente pensar numa cultura negra, aí a gente ressignifica um pouco o que é ser um homem negro. Esse homem negro como símbolo de resistência, a gente tem outras referências, numa perspectiva negra, eu acho que a grande questão é essa: quem tá falando sobre o homem negro? Quem tá falando dessa população?

De que forma essa população tá sendo representada? De onde vem essa cultura? É uma cultura elitizada? Que cultura é essa? Se for nessa representação, dessa “alta cultura”, normalmente é sempre uma representação que desqualifica. Quando esses referenciais culturais, essas atividades culturais, essas ações culturais, são pensadas e são desenvolvidas por pessoas negras, a perspectiva muda e tende a valorizar realmente a nossa negritude.

P – E como você acha que tá a discussão sobre racismo, masculinidades negras e feminismo no Brasil?

E6 – Engatinhando. Se a gente pensar, a gente avançou um pouco. Desde 2003 surgiu a lei 10.639, que ela trouxe a obrigatoriedade do ensino e da cultura das questões afro-brasileiras e indígenas nas escolas, mas que ainda é tudo muito discutido na sociedade de forma muito rasa, em que o entendimento do que é o racismo sem entender a profundidade do racismo, de que o racismo é só quando um jogador de futebol é ofendido, chamado de macaco. As pessoas ainda acham que o racismo está presente só no externalizar, a leitura que a sociedade faz hoje do racismo é essa, de que precisa ser oralizado pra que seja considerado racismo, e não entendem a profundidade do racismo e a dimensão histórica mesmo. A gente vive num país que passou por mais de 300 anos de escravidão, passou por vários processos de políticas institucionalizadas de embranquecimento da população, passou por políticas que pregavam o mito da democracia racial, e que distorceram esse conceito de racismo na sociedade. Em relação à masculinidade, eu vejo um movimento, vejo com otimismo o movimento de questionar o machismo, de como o machismo causa sofrimento, principalmente para as mulheres, mas também para os homens, e de repensar essa masculinidade, de quanto ela é tóxica realmente para as relações, e eu vejo essa discussão avançando, talvez pelo meio em que eu esteja. A última dimensão, você falou do racismo...

P – Masculinidades negras e feminismo.

E6 – O feminismo, eu vejo várias dimensões dele, a gente tem uma... a gente vive um momento polarizado do nosso país... primeiro que o feminismo, não existe um feminismo, são vários feminismos, né? Inclusive existem feministas radicais... e, talvez eu possa, pela proximidade com algumas pesquisadoras, falar um pouco mais do feminismo negro e entender essas dimensões da interseccionalidade e de como a mulher negra sofre ainda mais, ela é a base da sociedade brasileira, mas ela sempre tá também num lugar de desprestígio, né? De ter os menores salários no mercado de trabalho, eu acho que essa discussão do feminismo tá avançando na academia, mas que a gente precisa de movimentos de popularização e de... porque a academia tá discutindo tanto o racismo, quanto as masculinidades e o feminismo, a gente precisa... assim, não querendo... desqualificar a população, mas a gente precisa descomplicar um pouco essas discussões, a gente precisa popularizar um pouco mais essas discussões, né? Ela não tem que estar no âmbito só acadêmico, a discussão sobre esses conceitos, ela precisa estar nas ruas, ela precisa estar nas casas, precisa estar sendo discutida de forma descomplicada, mas também com profundidade e eu vejo que ela... essas discussões avançam, mas ainda não ganham as bases, sabe? Ela ainda não tá sendo discutida nas bases, falta muito movimento de base. Quem tá na academia, tá muito ali no Olimpo, discutindo teoricamente. Falta chegar nas discussões populares, eu sinto ainda essa falta.

P – E qual é a sua relação com a branquitude?

E6 – Difícil. Meu marido é branco, eu tô palmitando (risos). Eu vivo um conflito hoje, porque eu pertença a alguns grupos e alguns coletivos negros e... que bom que eu passei por esse processo de identificação, por mais que a minha formação acadêmica, ela não... a minha formação na

graduação não promoveu essa identificação, eu não tive nenhuma discussão que me aproximasse dessa identidade negra, eu só fui ter essa aproximação realmente agora, depois que eu fiz o concurso, e eu vou participando de alguns coletivos a partir do momento que eu comecei a coordenar um núcleo de estudos afro-brasileiros, e eu participo de alguns coletivos e existem alguns no curso bem radicais. Por exemplo, tem eventos que eu vou e que brancos não são permitidos a entrar. Aí o meu marido não pode ir comigo e eu não vou no evento, e é difícil. Eu tenho uma família branca até certo ponto também, a família da minha mãe, e eu procuro dialogar com essa branquitude sabe? E fazer com que eles entendam esse lugar de privilégio, de como uma pessoa branca tem mais privilégios do que uma pessoa negra, e é essa a minha relação hoje, é de diálogo.

P – E quais caminhos você enxerga pra resolver os problemas que a gente tratou nessa conversa?

E6 – Eu... acredito, agora pela minha experiência profissional, que o caminho é por meio da educação, mas quando a gente fala da educação é muito genérico, né? Porque existem vários modelos e várias formas de entender o que é essa educação, né? Eu acho que a gente precisa falar de uma educação não tecnicista, de uma educação humanizada, de que independente do curso, da formação que as pessoas tenham, ter uma educação que discuta essas temáticas em sala de aula, com nível de profundidade adequado, acho que a gente precisa de referenciais negros também, a população brasileira é composta por 54% de pessoas negras, mas nas escolas a gente ainda tem uma educação eurocêntrica, então é tentar desconstruir tudo isso, assim, a história que a gente estuda é uma história embranquecida. A gente precisa desconstruir, vamos conhecer a história do nosso lugar, a história da população negra, quais referenciais negros que a gente vai construir com o tempo, que serão apresentados na escola, a gente precisa de mais profundidade nisso, sabe? E pra que, de fato, por meio da educação, as pessoas consigam entender essa identidade negra, consigam se entender enquanto homens negros também e o quanto eles reproduzem ou não o machismo, né? Acho que a gente falou bastante isso, eu vejo o caminho da educação como o mais promissor, sabe? Uma educação humanizada e antirracista, principalmente.

P – Agora a ultima pergunta é: Como você se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca? Se você acha que seria diferente se você fosse entrevistado por um homem negro, se seria melhor ou pior. E se fosse por um homem branco? E se você tem alguma recomendação pra mim, enquanto pesquisadora.

E6 – Ai... a sua pergunta é bem delicada, né?

P – Por isso que é a última, pra você ficar à vontade... (risos).

E6 – Eu pensei bastante sobre isso, acho que quando você me fez o convite eu falei: “poxa, uma mulher branca tá pesquisando sobre homens negros”. Aí refleti sobre a questão do lugar de fala e o lugar de fala tá sendo um lugar de fala de um homem negro, né? Quem tá sendo entrevistado é um homem negro, a perspectiva é de uma mulher branca. E eu não me sinto incomodado de dar uma entrevista pra falar sobre a minha masculinidade, sobre as minhas relações com questão de raça, de cor, não me sinto incomodado, mas até certo ponto me causa uma preocupação de qual vai ser a perspectiva da discussão. E acho que é importante deixar clara essa perspectiva de uma mulher branca desenvolvendo uma pesquisa sobre homens negros e... só vendo o resultado. Mas não me sinto desconfortável, quando tiver o resultado pronto, eu acho que... aí vou conseguir fazer uma avaliação melhor. Talvez se fosse com homem negro eu ficasse mais confortável, por criar uma identificação visual mesmo com um outro homem negro e outras questões pudessem surgir

talvez, por essa identificação durante a entrevista. Pra um homem branco, provavelmente eu não daria a entrevista, mas não sei, também depende das relações. Dependeria também em que dimensão ele tá fazendo essa pesquisa, em que programa, teria outras dimensões que eu teria que avaliar, tá bom? Eu não sei, foram essas... eu ia falar mais alguma coisa, mas eu esqueci.

P – E por que você não daria pra um homem branco, por exemplo?

E6 – O motivo de eu não dar a entrevista pra um homem branco é um pouco de me sentir mais um pouco... não sei, na figura do pesquisador-explorador, sabe? Eu ainda tenho um pouco de cuidado com essa questão de me sentir objeto de pesquisa de um homem branco explorador, e eu vejo um pouco isso na academia, do quanto a periferia... e aí, pra além das questões raciais, também as questões raciais, mas de quanto marginalizada, a periferia é utilizada como objeto de exploração, também pra pesquisa e... eu sinto que teria alguns receios. Talvez podem ser alguns preconceitos que possam ser desconstruídos, com diálogos acho que talvez possa ser desconstruído, mas num primeiro momento eu teria um receio de: “olha, estou sendo objeto de pesquisa de um homem branco explorador”.

P – E você tem alguma recomendação pra mim enquanto pesquisadora? Alguma coisa que você acha que poderia melhor ou abordar de outra forma? Ou até no desenvolvimento da pesquisa?

E6 – Assim, agora eu não consigo pensar muito com clareza, talvez... como eu já respondi muita coisa, tô até um pouco confuso, mas talvez se você me mandar o questionário, eu consiga te dar uma devolutiva nesse sentido tá, Isadora? De pensar se teve alguma pergunta que... eu não sei, se poderia explorar outra coisa ou... que eu me senti desconfortável, acho que não teve nenhuma pergunta que eu me senti desconfortável, não. Mas se você quiser me mandar o questionário, talvez eu possa contribuir. Queria te parabenizar pela pesquisa, desejar sorte nessa construção. De fato, quando você comentou qual era a temática eu fiquei pensativo de: “nossa, mas é uma mulher branca pesquisando sobre homens negros”. Mas eu acho que é muito isso, do lugar que você tá falando, de construir a pesquisa, a gente pode falar, pode fazer sim essa discussão, mas tendo essa cautela do lugar, pra nunca se colocar. Tem a questão da dor, né? Você não passou pelas dores que uma mulher negra passou, então é uma questão nova também essa do lugar de fala, né? É uma questão recente, tá super na moda. Eu não sou tão radical com ela não, sabe? Mas a questão do homem branco, tem muito a visão do colonizador sabe? A figura do colonizador, sabe? A figura do colonizador e... o homem branco tá lá, produzindo conhecimento e acho que é essa a preocupação. Eu ainda tenho muito o que me aprofundar em algumas temáticas, eu acho que a minha reflexão ainda tá bem no início, como eu te disse, eu já me entendia como um homem negro mas algumas discussões eu só vi, só me aproximei depois que eu entrei pro núcleo, depois que eu comecei a fazer algumas leituras, e eu acho que eu preciso de mais profundidade em algumas temáticas. Eu entendo agora as dimensões do racismo, entendo a importância de uma educação para as relações étnico-raciais que também não é uma educação só pra população negra, é uma educação que tem que permear esses conflitos que existem né, a branquitude e a negritude, mas ainda tô muito distante do que eu gostaria, sabe? Da profundidade que eu gostaria. E o pior de tudo ainda, pra mim, é ver a minha formação de graduação esvaziada dessa discussão. Beleza, eu fiz engenharia, mas na engenharia eu poderia ter visto que os irmãos Rebouças eram negros, não tinha nenhum referencial de homem negro engenheiro e essa ausência que a gente... eu ainda fico assim: “Nossa, que bom que eu consegui fazer essa reflexão”, porque quantas pessoas não conseguem, né? Entender o quanto o racismo causa sofrimento, e quanto ele permeia as nossas relações.

Parabéns pela caminha aí acadêmica, espero que dê tudo certo. Cuidado com esse negócio de lugar de fala que vai pegar, tá? Eu acho que vai dar pano pra manga bastante isso daí.

Agradecimentos.

TRANSCRIÇÃO SÉTIMA ENTREVISTA

Entrevistado 7: Frederico, 27 anos, Cursando Doutorado, Economista, Solteiro, Sem religião, Classe B, Heterossexual, Negro, Gênero Masculino.

P - Pesquisadora

E7 - Entrevistado 7

P – A primeira pergunta é bem aberta, eu queria saber mais sobre a sua história enquanto homem negro trabalhador no Rio de Janeiro. Você me conta o que você quiser, e eu não vou te interromper.

E7 – Tá bom. Bom, então eu vou começar bem do começo. Eu sou nascido e criado na zona norte do Rio, num bairro chamado “(nome do bairro periférico)”. Os meus pais na verdade são da Bahia, minha mãe era de Salvador e o meu pai é de uma cidadezinha que chama “(nome da cidade)”, no sul da Bahia. Enfim, eu sou o mais novo de 4 irmãos, então é uma família em que a ideia de masculinidade sempre foi montada por múltiplas referências, que era a referência dos meus irmãos, a referência do meu pai, mas eu tive pouca referência, eu acho que sempre, e talvez seja uma característica também que eu atribuo à experiência negra, vamos dizer assim, às famílias negras, é que normalmente a mulher é um elo muito forte, e quando eu penso em pessoas fortes na minha família, eu penso nas mulheres. Então, acho que o fato de eu ter crescido nesse ambiente matriarcal também, não-patriarcal, me moldou muito como pessoa, porque eu acho que a relação que eu tive com essas pessoas sempre foi de muita admiração e de... quando penso em liderança, eu penso em mulheres negras, então não sei, acho que isso foi uma coisa que me influenciou muito. Mas enfim, sou nascido e criado em “(nome do bairro periférico)”, e aí no início do ensino fundamental eu estudava numa escolinha particular de bairro, então a minha mãe era empregada doméstica e fazia salgadinho pra fora, e o meu pai foi um pouquinho de tudo, auxiliar mecânico, servente, um pouquinho de tudo. E eles conseguiram pagar uma escola de bairro pra mim e foi bem importante, porque acho que essa escola de bairro, de certa forma, me deu uma base pra depois ir tentar o ensino médio numa escola pública boa. Quando eu terminei o ensino fundamental, eu fui estudar no “(nome do colégio público federal)”, que também era técnico, onde eu fazia técnico em edificações. Então a minha experiência no ensino médio foi uma experiência um pouco diferente, vamos dizer assim, da média, porque eu estudei numa escola que era muito diferente da escola que os meus amigos que cresceram comigo tiveram acesso. Porque era uma escola muito focada no que eu vou fazer, qual é o meu próximo passo, o que vou fazer no ensino superior, ou talvez a própria ideia de ir pro ensino superior, que sempre esteve posto assim, durante o ensino médio. E eu acho que isso foi uma super oportunidade de me colocar de certa forma pensando nessas possibilidades, e aí eu acho que o grande divisor de águas na minha trajetória foi no final do ensino médio eu participar de um programa que chama “Jovens Embaixadores”, que é um programa da embaixada americana, é um intercâmbio cultural pra jovens que estão no ensino médio de escolas públicas e que tem alguma espécie de trabalho voluntário que eles já fazem por pelo menos um ano. E eu trabalhava desde os 15 ou 14 anos como professor voluntário num projeto social que chamava “Jovem Nota 10”, que era um projeto da Igreja Universal. Eu nunca tive muito relação com a instituição Igreja Universal, minha mãe era católica, mas a minha família como boa família baiana sempre teve um pé no candomblé, então eu era um pouquinho de tudo, e nunca tive contato do ponto de vista religioso com a Universal, mas eu gostava muito de dar aula. Então comecei dando aula no pré-vestibular comunitário e depois fui dar aula de inglês, fiquei alguns anos trabalhando lá. Então, primeiro, o Jovens Embaixadores foi possível em função dessa participação

também nesse projeto, e foi pra mim um divisor de águas assim, menos pela experiência... a experiência foi incrível, ir para os Estados Unidos por 2 semanas, e ter experiência com a cultura americana, com a família americana, a gente ficava uma semana com uma família americana e uma semana com o restante dos participantes. Foi muito, isso sem dúvida foi muito válido, mas pra mim o grande impacto do programa foi o quanto de possibilidades que se abriram na minha cabeça, de eu poder me enxergar em outros espaços, me enxergar tendo acesso a coisas que talvez não fossem possíveis pra pessoas que vieram do contexto de onde eu vim. Então eu volto do programa de Jovens Embaixadores que aconteceu no início do ano, assim, eu terminei o terceiro ano em 2008, e aí no início de 2009 eu participei do programa Jovens Embaixadores em janeiro. E aí, quando eu voltei do programa, eu voltei com a notícia de que eu tinha passado no vestibular pra matemática na UFRJ e pra engenharia na UERJ, na época a minha cabeça era fazer engenharia porque eu tinha feito técnico em edificações, então fazia sentido. Só que eu voltei do programa muito com a cabeça de que: “putz, eu quero fazer alguma coisa que tenha um contato com mudar a vida das pessoas e tenha alguma coisa mais de ciência social também”, enfim, não fazia muito sentido eu ficar na engenharia. Então eu fiz um semestre dessas duas loucuras assim, de matemática e engenharia, e aí, no meio do ano, na época, eu conheci uma pessoa que tava fazendo uma tese de mestrado, e olha como são os acasos assim, né? Uma pessoa que tava fazendo uma tese de mestrado sobre a escola onde eu estudava no ensino médio, ela me entrevistou, e aí calhou que o marido dela trabalhava no IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). E aí ela falou assim: “Olha, já que você tá com essa dúvida e tá pensando em alguma coisa que faça mais sentido, que tenha mais contato, que seja uma ciência social etc., você já pensou em fazer economia?” Eu falei: “Nossa, nem sei o que é isso.” E aí ela falou: “Ah, vai lá conversar com o meu marido, porque ele trabalha na IPEA e tal.” Então fui lá conversar com ele, ele era professor do “(nome da instituição que posteriormente o entrevistado se graduou)”, me falou sobre economia e enfim, o que ele me descreveu eu achei super legal, e aí conheci um outro amigo que trabalhava com ele, que foi na verdade um professor que ficou comigo do começo da minha graduação até o final. E aí, no final das contas, eu saí daquela conversa com ele querendo fazer economia, mas aí tinha que fazer vestibular de novo, enfim, toda aquela coisa, mas tinha a nota do Prouni e a nota do Enem, né? E eu consegui usar a nota do Enem pra estudar no “(nome da instituição)”, e eu não tinha a menor noção de onde eu tava me metendo, não tinha a noção das pessoas que estudavam lá, não tinha a noção, enfim, de que classe social elas vinham, o quão difícil era, não tinha nenhuma dessas noções, eu nem sabia que essa faculdade existia uma semana antes de me inscrever, e nem que economia existia. Mas fez sentido pra mim, e aí eu fui fazer economia no “(nome da instituição)”, eu acho que nessa minha trajetória, até o final da faculdade, todo esse período pra mim, o “(nome da instituição)” sempre me pareceu um lugar muito hostil, sobretudo quando a gente pensa na questão de classe. A questão de classe tá muito forte e muito evidente, mas na época nem a consciência racial... a minha compreensão de que eu era um homem negro naquele espaço, era muito nua, era muito pequena, e a minha métrica era uma métrica muito... sei lá, eu era muito nerd, a minha métrica era conseguir notas boas, conseguir me dar bem nas provas e o pessoal fazia, sei lá... tinha choppada, tinha viagens pra não sei quais lugares, ou almoços, e, sei lá, nos restaurantes mais caros ali do centro, e eu não tinha nada disso, se eu fosse no almoço com eles eu comeria uma semana pra passar fome nas outras três. Então eu não tinha acesso a essas coisas, eu lembro de comer com aquelas pessoas que ficavam trabalhando no corredor... a gente almoçava junto ou tinha um restaurante super barato ali no centro que a gente ia buscar, mas isso de certa forma não me tocava como algo: “Putz, tô perdendo alguma coisa aqui dessa experiência.” Porque pra mim, eu não via tanto peso naquilo, eu acho que isso, junto com a ideia de eu não ter uma consciência

racial muito forte, acho que foram grandes privilégios de conseguir sobreviver ao “(nome da instituição)”. Porque hoje quando eu penso atrás, tendo uma consciência racial muito maior e tendo uma compreensão do que significava estar naquele espaço vindo de onde eu vinha, eu vejo que o “(nome da instituição)” foi uma instituição muito hostil, muito, muito, muito hostil. E que em todo momento tentava de certa forma me empurrar pra fora daquele espaço. Tinham vários mecanismos garantindo que eu não ia ficar ali até o final, então... hoje eu tenho essa visão de que eu sobrevivi ao “(nome da instituição)” por um privilégio de ser pouco consciente em relação a essas coisas. Mas eu termino o “(nome da instituição)” com... é exatamente ele que me traz uma chave diferente, porque eu fiz intercâmbio, eu tive bolsa pra estudar nos Estados Unidos, ao longo do “(nome da instituição)” eu fiz estágio no mercado financeiro e depois fui fazer estágio também no BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento), eu tive acesso a várias oportunidades e... eu acho que tem duas coisas dessa trajetória que foram muito importantes e dizem muito sobre onde eu tô hoje. Uma é sobre a reflexão que sempre faziam pra mim de que eu era um ponto fora da curva, de que eu era uma pessoa diferente das outras, e quando eu pensava nos amigos que eu conheci na infância lá em “(nome do bairro periférico)”, eu não me achava um ponto fora da curva, eu acho que a diferença era só que eu tive a sorte de algumas pessoas terem me falado sobre as várias oportunidades e eu ter tido acesso a notícias, de que essas oportunidades existem. Então... o fato de eu não acreditar que eu era um ponto fora da curva e de que tinham outros jovens que poderiam estar no exato lugar onde eu tava, me fez criar um projeto social que era o LDA, Líderes Do Amanhã, que era um projeto social de liderança pra jovens do ensino médio de escolas públicas. Então, ao longo do “(nome da instituição)”, mais para os dois últimos anos, eu desenhei esse projeto, que era um projeto de impacto social com jovens que eram também de comunidades ou eram mais da zona norte do Rio e da baixada também, e foi uma grande experiência, porque realmente comprovei a tese que eu tinha de que de fato não era sobre ser um ponto fora da curva, é realmente ter acesso a oportunidades, sabe? Eram jovens brilhantes que hoje também fazem coisas incríveis e acho que o projeto teve muito esse papel de pegar esses jovens com um incrível potencial e falar sobre essas oportunidades: “Gente, essas oportunidades aqui existem, tentem.” E aí as conexões foram feitas. Tanto que uma das jovens participou dos Jovens Embaixadores depois, uma das jovens participou de um outro programa de intercâmbio que também era da embaixada, mas pro pessoal da graduação, enfim, o LDA pra mim foi um grande marco da minha experiência na graduação. E aí um outro ponto que eu ia falar também, é que eu termino o “(nome da instituição)”, na minha formatura, e eu olho ao redor naquela cerimônia (de formatura), e só tinha dois pontos negros, que era a minha família e a família de um outro amigo. E aí eu falei: “Gente, não tem negros no ‘(nome da instituição)’.” É louco isso, né? Porque foi no final da graduação isso... ficou como uma coisa que eu prestei atenção. E aí, à medida que isso aconteceu, eu terminei a graduação falando assim: “Cara, eu não quero trabalhar no mercado financeiro, eu não quero trabalhar com nada que... com essas opções que estão postas aqui, de ir pro setor privado e etc. Acho que eu quero ir tentar o mestrado.” Mas eu também não queria um mestrado em economia, porque eu achava economia muito chato, de matemática, enfim, eu queria uma coisa que me desse uma realidade maior do mundo. E eu fiquei um ano trabalhando com aquele professor que eu conheci lá no começo, trabalhando com pesquisa com ele, e ao longo desse ano eu li muitos livros que falavam sobre a questão racial. E aí eu falei: “Bom, é isso que eu quero. Eu quero estudar a questão racial e eu quero tentar a academia. Quero seguir na academia, quero fazer doutorado.” E aí, a ideia de fazer doutorado fora começou a ganhar mais corpo, e eu descobri esse programa de mestrado acadêmico da “(nome da instituição)”, que era um programa de mestrado acadêmico em ciência política e fui fazer esse mestrado, foi uma experiência incrível. Eu fiz uma dissertação

sobre a questão de representatividade racial na política brasileira a nível federal, super aprendi com o processo e super tive a certeza de que dar o passo pra ir pro doutorado logo após o mestrado ainda não era o que eu queria. Então eu fui trabalhar com o governo, então, entre o mestrado e o doutorado eu trabalhei por meio de uma organização, que chama “(nome da organização)”. Eu trabalhei no governo estadual do Pará, na secretaria estadual de educação do Pará, e trabalhei em Brasília, no Banco Mundial, apoiando o Ministério da Educação no desenho da reforma do ensino médio, de como a gente conseguia apoiar as secretarias estaduais pra executarem essa transição do ensino médio, tanto as discussões até a execução mesmo do novo ensino médio. E isso foi muito legal pra eu ter uma visão de política pública, e uma visão de Brasil, e também de conhecer um outro Brasil, quando eu fui pro Pará viver uma outra realidade, do ponto de vista pessoal também, e aí, depois desse período no banco, eu falei: “Bom, acho que agora é a hora de voltar pra academia.” E aí eu tentei o doutorado nos Estados Unidos, eu lembro que consegui uma bolsa que chama “Oportunidades Acadêmicas”, que financia o processo de candidatura pra um programa de pós-graduação nos Estados Unidos, e eu consegui essa bolsa. E aí fui fazer um doutorado na “(nome da universidade americana)”, onde eu estudo. Bom, a agenda de pesquisa que eu tenho é política racial na América Latina, como vem se estabelecendo nos últimos 20, 30 anos. Mas, enfim, esse é um panorama da minha história. Agora a questão das masculinidades negras, que eu acho que também é um ponto central dessa minha experiência, é que eu acho que pra mim foi muito de reconhecer... acho que eu me reconheci como alguém que vive uma experiência específica de uma masculinidade negra há pouco tempo, talvez tenha uns dois anos, quando eu comecei a refletir mais sobre o que significa ser homem, e como que isso, pra mim, na minha história sempre foi muito sufocante. Eu acho que tem um padrão que é criado do que significa ser homem, e ser masculino, em todas essas fases que eu caminhei, e que eu acho que nunca de fato correspondi. Porque eu sempre fui super socialmente estranho, nunca fui muito inserido no que estava acontecendo com a galera, sempre fui péssimo nos esportes, sempre fui muito nerd, eu lembro que no ensino médio, o pessoal saía para as festas, pra todo mundo ficar com todo mundo e eu... nossa, aquilo realmente não fazia nenhum sentido comigo, e no “(nome da instituição onde se graduou)” muito menos, porque eu me conectava zero com as pessoas, então a ideia de ir numa choppada do “(nome da instituição)” nunca passou pela minha cabeça. E agora, nos últimos anos, eu penso muito nessa masculinidade em oposição à questão da mulher negra também. E aí de pensar que ainda que no começo eu visse raça como uma coisa que me coloca na margem, uma forma em função dessa condição social que a gente tem, ainda nesse lugar eu tenho privilégio por ser um homem negro, e é quase uma dualidade, né? Porque eu tenho privilégio, mas também tenho questões específicas. Por exemplo, nos Estados Unidos, já aconteceu de eu ter experiências com a polícia que eu nunca tive no Brasil. E o fato de as pessoas, talvez, olharem pra mim aqui, e não necessariamente me identificarem como um negro estrangeiro, de acharem que sou mais um negro daqui é... me proporciona também, às vezes, caminhar nesse espaço, e viver experiências como negros americanos, homens negros americanos. Então acho que nos últimos anos foram de pensar negritude, mas pensar a questão de masculinidade negra em oposição à questão da mulher negra, pensar em como que isso molda a minha experiência quase que a todo momento... enfim, falei muito. Eu gosto um pouco de falar.

P – Abordou pontos interessantes e em relação a mercado de trabalho: Como é ser um homem negro no mercado de trabalho do Rio de Janeiro?

E7 – Eu acho que... a minha relação com o mercado de trabalho é um pouco estranha, porque como eu trabalhei num banco de investimentos, trabalhei no BNDES, então foram quase dois anos no banco de investimentos, quase dois anos no BNDES, depois fui direto trabalhar como assistente

de pesquisa no IPEA, e depois eu fui... aí depois veio o mestrado, mas aí não é mais no Rio. Acho que em todas essas experiências, eu fui mais sufocado pela minha identidade como negro do que pela minha identidade como homem, e isso, enfim, talvez seja resultado da minha visão de mundo naquela época em que eu pensava bem menos em questões de gênero, assim, mas eu acho que como eu era normalmente o único negro em quase todos esses espaços que eu caminhava, isso também era uma coisa muito sufocante, como se eu tivesse sendo forçado a ocupar esse espaço, como se eu tivesse sendo forçado a falar sobre isso, como se eu tivesse sendo forçado a, de certa forma, representar todos os negros naquele espaço, e isso pra mim é bem sufocante, bem... enfim, é como se a gente, no momento em que eu quebrava a barreira de poder ter acesso e oportunidade no mercado de trabalho, não estavam postas por pessoas que se parecem comigo ou que tinham vindo do mesmo contexto que eu vim, no momento em que eu conseguia quebrar essa barreira, eu lidava com uma série de problemas que eram tão nocivos pra mim quanto... sei lá, talvez, digamos, que eu enfrentaria fora daquele espaço, sabe? Então é assim, eu entro num lugar de privilégio, mas eu entro também tendo que lidar com a experiência de ser o único negro, de ter que ter experiência de racismo de ter que lidar com a surpresa de todo mundo. “Nossa, você tá aqui? Você é formado aonde? “(nome da instituição)”? Ahh, mas formado em quê? Economia?” Sabe, essas surpresas assim, que dizem muito mais sobre a expectativa que as pessoas tinham de quando elas me viam, ou aquela coisa, talvez da forma como eu falava também, que não se esperava que eu falasse de uma determinada forma. Enfim, todos esses estereótipos que essas pessoas têm acesso, eles eram de certa forma quebrados quando elas me viam. Então caminhar no mercado de trabalho na minha experiência, e isso tudo eu era muito novo, né? Então, isso é uma reflexão que eu faço hoje, mas que na época eu tentava dar pouco espaço pra isso. Então, pra mim, foi essa experiência dual, de estar quebrando barreiras e ao mesmo tempo agora eu tenho que lidar com problemas que nem todo mundo tinha que lidar, sabe?

P – E você me disse que já teve experiências nos Estados Unidos com a polícia e no Brasil, no Rio de Janeiro, você já sofreu alguma discriminação por ser negro?

E7 – Nossa, eu já sofri várias, mas nunca tive experiências com a polícia diretamente. Já tive vários momentos em que o meu tratamento foi claramente diferente por eu ser negro. Acho que, eu lembro de momentos... mas é isso, assim, acho que a partir de um determinado momento na minha vida, eu acho que todas essas situações ocorreram em lugares de privilégio. Eu acho que essa é uma outra questão dual, a minha experiência não é uma experiência do homem negro que cresceu na favela e que tem que lidar com levar dura da polícia, que eu acho que é um pouco da experiência que os meus irmãos tiveram por exemplo. A minha experiência é, talvez, falando de um lugar muito mais confortável, o que não a torna menos nociva. Só que às vezes acho que pra algumas pessoas ela é lida como menos importante, mas sei lá... eu tive muitas experiências ruins, por exemplo, o lugar do meu lado no ônibus sempre é o último a ser ocupado e isso toda vez que eu volto no Rio, eu volto no Rio tipo, no meio do ano ou no final do ano, e eu sou lembrado disso, porque nos Estados Unidos, isso é uma coisa que não acontece muito. Mas toda vez que eu volto pro Rio eu lembro disso, que as pessoas não sentam ao meu lado no ônibus, ou sentam quando é a última opção. Já aconteceu de... por exemplo, na “(nome da instituição onde fez o mestrado)” acontecia muito das pessoas virem falar comigo em inglês, assumindo que na verdade eu era gringo, quer dizer, a possibilidade de eu ser negro brasileiro naquele espaço provavelmente era próxima a zero... acho que questão de tratamento mesmo, das pessoas... acho que tem coisas mais de cotidiano, assim, ir numa loja e ninguém nem dar atenção pra você na loja. Mas repara que todas essas vivências não foram vivências que agrediram o meu corpo, não foram vivências que

colocaram diretamente em risco a minha vida, e eu acho que isso me coloca em lugar de privilégio, não porque eu não possa viver essas coisas, porque eu moro em “(nome do bairro periférico)”, então posso... pode acontecer de que no primeiro dia que eu voltar pra visitar a minha família, mas mais porque eu acho que elas me marcam de uma forma diferente. Porque eu acho que, pelo que eu converso com amigos e pelo que eu leio, a sensação de que eu não tô autorizado ao meu próprio corpo, sabe? De que, tipo, eu posso cuidar do meu corpo, eu posso fazer exercício, eu posso me alimentar bem, mas eu posso perder o meu corpo levando um tiro na rua porque a polícia achou que eu era suspeito. Essa ideia pra mim é mais distante, não impossível, pelo contrário, muito possível, mas quando eu penso nas minhas experiências de homem negro no Rio, em específico, eu penso muito mais sobre experiências que não necessariamente colocam a minha vida em risco. E quando a experiência coloca a minha vida em risco, acho que não é necessariamente por eu ser um homem negro, mas é porque eu moro em “(nome do bairro periférico)”, minha família toda mora em “(nome do bairro periférico)” também, então todas estas questões da violência estão postas, mas é menos o vetor da negritude sabe, e da masculinidade. Acho que é isso.

P – E você acha que os brasileiros acreditam que existe racismo no Brasil?

E7 – Eu acho que nos últimos anos a gente tem tido uma mudança muito grande de percepção do que significa racismo, do que significa raça, e muito mais porque as pessoas... eu gosto de atribuir isso à questão das políticas de ação afirmativa, que deram um espaço muito grande nas discussões de mesas de bar. E eu acho que o que aconteceu foi que as pessoas foram postas a pensar sobre raça, e antes eu poderia justificar que não era racismo, alguma coisa acontecia porque era classe, alguma coisa acontecia porque não tava bem vestido, ou porque não tinha documento. Outra experiência também é sempre sair de casa com documento, a minha mãe sempre falou e eu nunca saí, mas, enfim, eu acho que as pessoas poderiam ter outras justificativas que não fosse o racismo, e aí eu acho que hoje as pessoas são meio que forçadas a engolir a ideia de que existe racismo. Então é menos porque as pessoas estão de repente sendo mais conscientes de que raça existe, de que as nossas experiências são de certa forma entrecortadas por qual é o nosso grupo racial, acho que menos por essa percepção nova, e mais porque agora estão me jogando isso, agora eu tenho que falar da questão da mulher negra, agora eu tenho que falar do genocídio da juventude negra. Tipo: “o que é isso? Eu nunca nem ouvi falar disso!” E são coisas que pra quem é negro... não pra quem é negro, mas pra quem tá de certa forma... é negro e tá de certa forma refletindo sobre essas coisas ou vivendo isso no dia a dia, essas coisas não são nenhuma novidade, nada disso é novidade. Eu acho que o que é novidade é o fato de que algumas pessoas hoje estão sendo forçadas a pensar sobre isso sem que elas quisessem. Então, se você me perguntar: “Ah, as pessoas hoje acreditam que existe racismo no Brasil?” Talvez muitos ainda queiram dizer que não, mas elas têm menos evidências dessa hipótese de que não existe racismo.

P – Certo. E qual é a sua relação com o trabalho? É importante pra você trabalhar?

E7 – É, então, hoje a minha relação com o trabalho é falada de um lugar muito de privilégio, porque o meu trabalho é muito o meu prazer. Não é que eu trabalhe porque eu tenho uma família pra sustentar ou porque eu tenho uma necessidade de sobrevivência. É óbvio que eu tenho, se não der a minha bolsa aqui do doutorado eu não sobrevivo, mas eu ganho pra estudar, então acho que pra mim é falar de... e pra estudar raça e ler esses textos que refletem sobre essas questões, pra mim é muito prazeroso estar nesse lugar. Então, a minha relação com o trabalho é uma relação muito... muito amistosa porque eu acho que o trabalho tem uma conotação meio negativa, e pra

mim, é uma conotação bem positiva. É o que me move, sabe? Mas isso eu acho que é um privilégio. Sem dúvida é um privilégio.

P – E você começou a trabalhar com quantos anos?

E7 – Então, trabalhar mesmo, talvez quando eu comecei a estagiar com uns 18 anos. Isso é outra questão também, que eu tava falando sobre isso na semana passada. Quando eu tava bem novo, sei lá, uns 12 ou 13 anos, eu lembro que eu tinha uma vizinha que tinha uma lojinha, e ela convidou a gente que brincava na rua, pra ajudar ela nessa loja. E os meus amigos, as mães deles deixaram eles irem, e aí eles ganhavam um dinheirinho e podiam fazer coisas etc. e a minha mãe nunca deixou eu trabalhar, porque ela falava que ela iria trabalhar, enfim, ela iria fazer o que fosse preciso, mas que eu não precisasse trabalhar, que eu só estudasse. E eu achava um saco aquilo, porque eu queria ganhar um dinheiro pra comprar as coisas pra mim. Mas hoje, quando eu reencontro esses amigos, outro dia eu reencontrei um deles e ele tava trabalhando como segurança de um banco. Às vezes eu fico pensando assim: “cara, essa perspectiva que a minha mãe teve, de valorizar a minha educação na medida do possível, foi também o que possibilitou que eu tivesse onde eu tô hoje”, sabe? Porque se a minha relação com o trabalho tivesse começado muito antes por necessidade, talvez eu poderia ter ajudado a minha família se eu tivesse começado antes, poderia ter contribuído até para os gastos de casa e etc., mas a minha mãe não quis isso, e eu acho que isso foi o que me possibilitou ter acesso a várias oportunidades de educação que me fazem estar aqui hoje. Então foi um privilégio também. Eu acho que de todos os privilégios que eu tive acesso, pra mim o maior deles foi ter uma família que me apoiou. É muito doido assim, que num cenário de tanta desigualdade, você ter uma família minimamente estruturada se torne um grande privilégio. Mas eu acho que isso é muito real no contexto que a gente vive. Eu sei quem é o meu o meu pai, eu cresci tendo sempre o meu pai presente, ele não era uma pessoa super presente do ponto de vista de saber o que tava passando pela minha vida ou de conversar, mas eu sempre soube quem era o meu pai ele sempre teve andando comigo, e eu acho que isso é um puta privilégio. Quando eu penso na questão de masculinidade negra, isso pra mim é o maior privilégio que eu tive, de ter uma família que é minimamente estruturada pra conseguir me apoiar.

P – E como é, em média, a educação pra um jovem negro no Brasil?

E7 – A minha percepção é de que, em média, um jovem negro no Brasil não vai conseguir terminar nem a educação básica. Então, a gente vive num cenário de muita, muita, muita desigualdade. E eu acho que, mais uma vez, as pessoas insistem em falar que são questões de classe apenas, mas eu acho que as questões de raça entrecortam classe de uma forma muito drástica, não dá pra pensar que é só classe e imaginar que você consegue resolver todos esses abismos sociais que a gente tem. Então acho que o nível de educação de um jovem negro é um nível médio muito baixo, e não só muito baixo porque ele não tem acesso a uma escola, mas porque quando ele tem acesso a uma escola, a escola é de uma qualidade muito baixa. Então, o nível de aprendizagem desse jovem é muito baixo e é zero de preparação.

P – Certo. E o que você acha do sistema de cotas?

E7 – Eu acho que quando a gente pensa sobre cotas raciais, a gente pensa... pelo menos a percepção que eu tenho, é de que primeiro é preciso entender que a gente não chegou onde a gente chegou por acaso. Acho que foram políticas públicas muito específicas que fizeram com que a gente tivesse essas assimetrias raciais que a gente tem hoje. Enfim, dá pra fazer uma lista gigantesca, desde a própria instituição da escravidão, até a gente pensar nas políticas que permitiram que

algumas pessoas ganhassem acesso ao mercado de trabalho ou ganhassem acesso às terras e outras não, ou a ideia de vadiagem que era totalmente... influenciava pessoas negras e em particular homens negros. Então, não é possível a gente pensar, na minha concepção, em tudo que foi construído ao longo do tempo por meio de políticas específicas consiga de fato desaparecer por meio de políticas generalistas. Então acho que quando a gente pensa sobre a política de cotas, a gente pensa sobre uma política específica, pra tentar, de certa forma, reduzir os abismos que foram criados a partir de políticas específicas também. Agora, eu não acho que as políticas de cotas deveriam esgotar os esforços da nossa sociedade pra conseguir reduzir esses abismos, eu acho que isso é um pouco... da minha agenda de pesquisas, de ver quais são os próximos passos que a gente pode dar pra conseguir continuar reduzindo esses abismos e pra uma população maior, porque se a gente for bem objetivo, a política de cotas atinge uma parcela bem pequena da população, que consegue chegar até a possibilidade de tentar o ensino superior, e aí eu acho que a gente tem que pensar políticas específicas que toquem a vida das pessoas, até as pessoas que nunca vão nem terminar o ensino médio. Pensar em política de saúde da população negra, política de educação básica, enfim, eu acho que também são questões superimportantes. Mas eu sou super a favor da política de cotas, e não porque eu acho que ela beneficia os negros, mas é só porque eu acho que ela tenta de certa forma reduzir um abismo que foi criado por políticas específicas também.

P – O que representa estar desempregado pra você?

E7 – Estar desempregado? Acho que o emprego tem um papel social muito importante de inclusão, acho que as pessoas pensam em políticas de inclusão como se fosse uma coisa muito distante, e eu acho que pra mim, emprego é umas melhores políticas de inclusão que a gente pode fazer. Então, estar desempregado, pra mim, é realmente a impossibilidade de conseguir se incluir na sociedade. Se você procura um emprego, que é a definição do desemprego, né, você procurar um emprego, mas não consegue encontrar. Isso significa que você não consegue ter acesso a um básico de recursos... enfim, de benefícios, simplesmente porque essa oportunidade de acesso ao mercado de trabalho não tá posta. Eu acho que, pra mim, desemprego é a limitação, quase que a limitação da minha cidadania. Mas na minha experiência pessoal, quando eu penso na minha vivência, eu não sei o que é estar em desemprego, mas eu sei o que é o meu pai estar em desemprego, isso eu vivi, e foi um período muito difícil, da gente não conseguir fazer... a gente nunca passou fome, mas da gente passar muita dificuldade e meu pai já era um homem mais velho, isso foi há alguns anos, e de realmente não conseguir... acho que eu ainda tava no ensino médio... de não conseguir virar o jogo. E eu acho que isso envolve a saúde mental, envolve o bem-estar, envolve a saúde física. Então acho que o desemprego é realmente talvez mais do que o não-acesso à cidadania, o não-acesso à própria existência, na sociedade que a gente vive hoje.

P – E você acha que há divisão racial do trabalho? Que há trabalho de brancos e trabalho de negros?

E7 – Sim. Mas que são de certa forma disfarçados com divisões sociais. Eu acho que esse é o grande desafio do Brasil, a gente conseguir, de certa forma, superar a compreensão de que esses abismos não são puramente sociais, mas raciais também. Eu acho que existem empregos, e não porque pessoas negras não possam fazer, mas é porque estruturalmente elas não conseguem ter acesso a esses empregos. Então, por exemplo, quando eu penso nas pessoas que trabalham no mercado financeiro, e aí, eu acho que não é assim, fazer políticas para que mais negros tenham acesso ao mercado financeiro, não é isso, mas é porque a gente tá pensando sobre um setor da nossa sociedade que produz muita riqueza, e reproduz muita riqueza, esse é o motivo porque pessoas negras nunca vão ter acesso a esse... se a gente não quebra a barreira de alguma forma pra

que as pessoas tenham acesso, a gente não consegue garantir que elas também façam parte dessa produção de riqueza. Isso pra falar de um, numa dimensão. Eu acho que tem outras dimensões muito mais profundas, tipo, por exemplo, culturas, que eu acho que ainda é predominantemente branca e quem detém o poder de tomada decisão ainda são pessoas brancas. Quer dizer, pessoas negras conseguiram tomar mais espaço, mas ainda são um grupo pequeno, minoritário, e aí é muito pior, porque essas pessoas conseguem criar narrativas do que significa ser um ser humano, do que significa ser brasileiro, enfim, do que significa ser negro. E isso é muito perigoso, que isso fique na mão só de determinadas pessoas. Então acho que existe uma divisão racial do trabalho, só que as pessoas não necessariamente reconhecem essa divisão dessa forma.

P – E você já sofreu alguma discriminação no ambiente de trabalho?

E7 – Eu já sofri... é isso, assim, eu acho que as experiências que eu tive antes do final do “(nome da instituição em que fez a graduação)”, eu provavelmente sofria, mas eu não era consciente. Eu sou muito descrente da possibilidade de que eu não tenha sofrido experiências de racismo, acho bem improvável. Mas eu acho que tem uma diferença entre não sofrer experiências de racismo e não perceber essas experiências. Eu acho que talvez quando eu tava ainda na minha graduação eu não percebia isso, mas, por exemplo, quando eu tava no Banco Mundial, em vários momentos as pessoas não... sei lá, perguntavam onde... eu trabalhava lá, todo dia eu ia pra lá, todo dia. E se perguntasse: “onde vai ser tal reunião?” E aí o sujeito perguntava: “Mas quem é você?” E eu tenho certeza que ninguém perguntaria isso pra outra pessoa que tá ali naquele contexto. E onde... sei lá, eu lembro muito que a gente tava trabalhando pra desenhar políticas públicas que pensassem a educação em nível estadual no Brasil inteiro, e aí se falava muito da questão de se pensar políticas específicas de gênero, porque existem as desigualdades, enfim, pautadas em gênero e etc., da aprendizagem e etc. E eu falava: “Gente, mas existem desigualdades também, e eu não tô desconsiderando a hipótese das políticas específicas de gênero, mas acho que a gente também precisa pensar em políticas específicas de raça.” Esse era um assunto que nunca ganhou muita popularidade, enfim, acho que até hoje não ganha. Mas era interessante que eu me tornei quase um porta voz disso, então, sei lá, quando isso era posto em discussão, o meu chefe sempre falava: “Ah, como como o ‘(nome do entrevistado)’ diz, é importante a gente falar sobre a questão de raça” e tal. E teve uma vez que eu falei assim: “Cara, não é o ‘(nome do entrevistado)’ que diz isso. Isso é uma realidade no país, são dados etc., não é uma coisa que eu acho importante, é uma coisa que todo mundo aqui deveria achar importante, porque eu não tô tentando convencer ninguém disso, é um fato.” E isso de ter que ser o porta voz de um grupo, em vários momentos eu também acho que de certa forma é um dos efeitos nocivos, assim, de ser negro nesses espaços, sabe? Mas enfim, eu acho que todas essas experiências que eu falo, mais uma vez, elas são experiências que vem de um lugar de muito privilégio. Então, eu não vivi experiências extremas, ou de tratamento, ou de... enfim, não vivenciei. E eu sei de pessoas que têm o mesmo nível de formação e que têm acesso a posições parecidas com as que eu tive, e que já vivenciaram. Já vivenciaram coisas muito difíceis, desde um tratamento com o chefe que era abertamente racista, até de não conseguir acesso a promoção, ou de ter que arrumar o cabelo, enfim, todas as coisas que afetam o nosso corpo e a nossa mente, em diferentes níveis. Mas eu tive pouco dessas experiências que foram mais... vamos dizer assim, nocivas, sabe? Sempre muito mais sutis, eu acho.

P – E qual era a proporção de pessoas negras na gerência das empresas que você trabalhou? Gerência ou diretoria.

E7 – Então, quando eu trabalhei no mercado financeiro, eu era o único negro, gerência não tinha... nem as pessoas da limpeza eram negras. Que normalmente as pessoas da limpeza são os representantes da negritude, mas lá nem isso. Então essa foi a minha experiência no banco. No BNDES foi uma loucura, porque eu fiquei numa divisão, numa área em específico, que tinha 5 pessoas, e dessas 5 pessoas, 3 eram negras. E enfim, tinha as pessoas que eram da minha diretoria, o meu gerente era um homem negro, então foi uma experiência... mas também todos os negros do BNDES estavam concentrados nessa diretoria, éramos os únicos. Mas, enfim, também uma representatividade baixa, mas no espaço específico que eu tava, tinha esse surto aí, de representatividade. Quando eu penso no Pará, quando eu trabalhei na Secretaria de Educação, nenhuma representatividade nos cargos de gerência, mas lá tem uma outra questão, que a compreensão de raça é muito diferente também. Então lá eu nunca fui chamado de negro, sempre fui chamado de moreno. As pessoas não utilizavam a palavra negro, eu acho que isso tem um outro fator também de compreensão local. E no banco Mundial, bom, nesse eu era o único negro mesmo, assim, não tinha ninguém, alta gerência, técnico, ninguém, não tinha negro. Mal tinha mulheres também, acho que mulheres eram pouquíssimo representadas, era um espaço de homens brancos.

P – Agora é um pouco diferente, é um pouco sobre a sua família, masculinidades e a primeira pergunta é: quem foi ou é sua maior referência de masculinidade?

E7 – Na minha família? Nossa, eu acho que o meu irmão. Eu acho que é a minha maior referência porque eu acho que ele, talvez, foi o irmão com quem eu mais tive contato, é o irmão que mais demonstra sentimentos. Eu acho que a gente, como homem negro, em vários momentos é negado a demonstrar a nossa própria humanidade por meio de sentimentos, ele sempre foi um pai muito presente, que acabava fazendo de tudo, pra de certa forma, garantir que os filhos tivessem acesso básico, assim. Então acho que se eu tivesse uma referência específica de masculinidade, sem dúvida seria ele.

P – E alguma pessoa negra de fora da sua família que você tinha como referência?

E7 – Eu teria que pensar mais... fora da minha família, que eu tinha como referência direta, acho que o meu ex-chefe no BNDES, foi uma referência muito grande. Enfim, tem figuras públicas, mas eu acho que fui muito mais influenciado pelas pessoas que estavam próximas, eu acho que o meu chefe no BNDES foi um homem negro que não só tava na condição de gerência no BNDES, mas que também tinha habilidades assim que eu achava muito... como profissional, assim, eu passei a admirar muito ele como profissional, então acho que ele também seria uma referência.

P – E quais eram as habilidades do seu chefe que você admirava?

E7 – Acho que uma era a habilidade de gerenciar mesmo uma equipe, que eu acho que ele fazia super bem. Acho que outra habilidade era de ter um comando muito grande de pensar de forma estratégica os projetos que a gente ia executar. Outra habilidade era realmente a habilidade com análises de programação, o que eu aprendi muito com ele, assim, programar. Enfim, acho que a visão de mundo também, de negociar com as pessoas, ainda que tivesse muita discordância, era um ambiente muito politizado, eu acho que isso teve de certa forma... são coisas que me fazem pensar também como habilidade muito importantes.

P – E quais características você acha que um homem ideal deve possuir? Fora a parte profissional.

E7 – Eu não sei o que é um homem ideal. (risos).

P – Um homem que você admira. Quais as características ele deve possuir?

E7 – Ah, eu acho que... acho que talvez conseguir ter a capacidade de ter acesso aos próprios sentimentos, acho que hoje é uma coisa que eu admiro muito. Essa é a minha visão de mundo hoje, assim, de ter problematizado, de fazer terapia, que eu acho que é um mecanismo de autocuidado que... enquanto alguém negro, enfim, do contexto de onde eu vim, acho que é uma coisa muito distante, mas que hoje eu acho que faz muita diferença e me ajuda a ter acesso aos meus sentimentos, e por isso eu acho que ter acesso aos sentimentos é uma coisa importante pro homem. Eu acho que ter a compreensão de que é um homem, que isso implica em privilégios também, mas acho que as características que eu tô dando são bem distantes do que se pensa que é um homem ideal, mas eu não sei nem o que é um homem ideal, na verdade.

P – E como foi a sua relação com seu pai? Você disse que era boa mas que ele não era tão presente emocionalmente, mas que ele tava presente...

E7 – Eu acho que, enfim, o meu pai ele foi um pouco resultado dessa coisa de não conseguir falar, de não conseguir compartilhar os sentimentos. Eu nunca vi o meu pai chorando, eu nunca ouvi o meu pai falando que tava se sentindo mal. Acho que também é um pouco do resultado do nível educacional dele, de não ter conseguido ter acesso a oportunidades básicas, educação. Então acho que tiveram vários fatores que influenciaram, mas... a gente teve uma relação amigável. A minha mãe faleceu tem 11 anos, e eu acho que depois que a minha mãe faleceu que eu tive que aprender a ter uma relação mais profunda com o meu pai. Acho que a relação que a gente tem hoje é muito melhor em função, um, da minha maturidade mesmo, de entender a vida de uma forma diferente, mas dois, de ter perdido a minha mãe, de ter tido contato com o meu pai. Porque eu lembro, que na minha infância, minha mãe sempre ultrapassou, assim, o meu pai, e eu acho que isso é uma coisa das mulheres negras. Sempre são os alvos fortes da família, e não porque queiram, mas porque são forçadas a isso. Sempre são elas quem tomam as decisões, sempre são as que trabalham, às vezes, e pra mim não foi muito diferente. Então, quando eu perdi a minha mãe, eu fui forçado a estabelecer essa relação com o meu pai, que no início foi muito difícil, mas hoje eu acho que a gente tem uma relação muito boa.

P – E quando criança, quem era o provedor na sua família?

E7 – Os dois, minha mãe e meu pai. Mas mais a minha mãe.

P – Mais a sua mãe?

E7 – É.

P – E você acha que cabe ao homem o papel de provedor?

E7 – Não. Não necessariamente.

P – E se o papel de provedor é negado ao homem, que outras formas você acha que o homem negro encontra pra exercer a sua masculinidade?

E7 – Ah, eu acho que é alcoolismo, drogas, enfim, coisas que infringem o corpo de uma forma direta. Eu acho que esse é muito mais um sintoma do quanto a saúde mental é afetada, porque a gente é forçado a ocupar esse espaço, sabe? E se a gente não consegue ocupar esse espaço, a gente não consegue lidar com essa frustração de outra forma que não sejam formas que afetam o nosso corpo de uma forma direta, então eu acho que é tudo isso influencia.

P – A próxima... é se você tem vontade de casar e ter filhos.

E7 – Eu tenho, tenho vontade de casar, tenho vontade de ter filhos. Eu não sei quando isso vai acontecer, mas... porque acho que tenho uma coisa de pensar que eu tenho que estar mais financeiramente estável pra conseguir tomar essa decisão, mas no que tá no meu controle, sim.

P – Beleza. E você acha que o desemprego influencia na vontade de se casar e formar uma família?

E7 – Na minha decisão específica ou de uma forma geral?

P – De uma forma geral e na sua.

E7 – Ah, acho que de uma forma geral, existe um... existe a decisão de ter filhos e construir uma família talvez seja menos uma decisão, eu acho que é uma coisa das circunstâncias da vida. Eu acho que algumas pessoas têm esse privilégio de tomar essa decisão, e de fato terem filhos no momento em que se acham mais preparados, mas eu acho que na maior parte dos casos, quando a gente tá falando, talvez, do brasileiro médio, isso não é uma decisão que é planejada com tanta antecedência. Logo, o fato de estar num emprego bom, ou ter um emprego estável, ou ter um emprego, acho que é um fator, talvez, meio separado dessa decisão de ter um filho ou não, porque eu acho que num mundo em que a gente tem controle sobre tudo, eu acredito que ninguém... ou sei lá, talvez eu esteja errado nisso, mas eu acho que ninguém gostaria de tomar a decisão de ter um filho no momento em que não tem um emprego. Então acho que isso acontece, mas, porque é isso, assim, são mais circunstâncias da vida do que uma decisão.

P – E você acha que as famílias negras no geral possuem mais equidade entre gêneros do que as famílias brancas?

E7 – Então, eu acho que a gente pensar sobre a questão do homem negro, assim, é pensar muito sobre essa experiência. Por isso que eu sou um pouco contra... eu acho que a gente precisa falar da questão da mulher negra, eu acho que a gente precisa falar do quanto que ela também se encontra na interseção de vários vetores, que meio que potencializa essa marginalização desse sujeito, que é a mulher negra. Mas eu acho que eu sou um pouco contra também silenciar todas as pressões e vetores de marginalização que... infringem homens negros, sabe? Porque eu acho que quando a gente pensa na história, assim, desde a escravidão, mas também depois do período do fim da escravidão, e, enfim, a continuidade de todo esse processo, eu acho que teve muito essa coisa de ser pressionado... ao mesmo tempo que a gente é pressionado pelos padrões pra ser o provedor e pra ser o homem de casa etc., teve a combinação de não conseguir, são várias combinações, né? Teve a combinação do mercado de trabalho não aceitar a entrada desse homem, teve a questão dele não ter um apoio psicológico pra conseguir lidar com essas questões, e acabar, por ser homem, acabar descontando isso também em coisas também como álcool, como drogas e etc., eu acho que tem a questão da violência, que pega o homem negro assim, numa questão muito específica, e tem a questão da hiperssexualização também, que eu acho que precisa ser falado, do quanto que o homem negro tem que transmitir essa coisa de virilidade muito maior do que os outros homens teriam, do que os homens brancos teriam, por exemplo. Então, acho que todos esses fatores colocam o homem negro quase que sufocado por todas essas coisas que marginalizam ele. Então acho que falar sobre a diferença de papéis, quando a gente fala de homens negros, não é a mesma coisa que falar sobre diferença de papéis de homens brancos. Porque é menos a coisa de “ah, o homem vai trabalhar e a mulher fica em casa”. É mais sobre quais são esses vários vetores que só incluem sobre corpos masculinos e negros, sabe? Então acho que existe uma diferença, mas é uma diferença muito mais macro, assim, e que tem muitas camadas também. Eu acho que isso faz com

que, em vários momentos, a mulher negra assumia o papel de liderança, que em alguns outros espaços era quase que monopólio dos homens. Então, a mulher negra, de certa forma, vai ter o papel de gênero sim, porque ela vai continuar sendo a pessoa que cuida da casa, ela vai continuar sendo a pessoa que cuida das crianças etc., mas ela também vai assumir o papel de provedora. Muito interessante porque ela assume o papel de provedora num espaço que ela trabalha de uma forma mais abrangente assumindo esse lugar de cuidado e de... cuidar da casa na casa de alguém, né? Que eu acho que é um pouco do que eu vivi, de ver a minha mãe... ela tinha uma mulher, que ela trabalhou a vida inteira, que era a Dra. “(nome da patroa)” e ela falava muito da Dra. “(nome da patroa)”, falava do filho da Dra. (nome da patroa), que era super mimado etc. e hoje eu fico pensando assim: “gente, será que a Dra.(nome da patroa) tinha doutorado? Ou será que a Dra.(nome da patroa) era uma médica? Por que minha mãe chamava ela de Dra.(nome da patroa)? E qual era essa relação que a minha mãe tinha com a Dra.(nome da patroa) que possibilitava que ela tivesse uma carreira, que ela pudesse trabalhar, que ela pudesse ser a mãe que dá conta de cuidar de tantos filhos e ter uma carreira estável, enfim, dar conta disso tudo ao custo do labor da minha mãe?”, sabe? Então acho que também é muito sufocante o espaço da mulher negra, sabe? Enfim, não sei se respondi a sua pergunta, mas acho que tem muitas camadas, pra dizer que são só papéis de gênero.

P – E você acha que tem alguma diferença sobre o que é esperado socialmente de um homem branco e de um homem negro?

E7 – Sim. Acho que tem a questão da hiperssexualização, que é um fator muito relevante, não só pro que se espera de um homem negro, mas porque o homem negro se projeta pra si mesmo assim. Então o homem negro ele também se vê mais, eu diria mais que o homem, assim, de ter que ser viril, ter que ser bom de cama, ter que... enfim, todas essas coisas que eu acho que colocam a gente num papel muito animalesco, a gente é comparado ao animal, sabe? E aí tem os instintos, tem essa coisa carnal, que eu acho que não perpassam a vivência de um homem branco. Então... eu acho que tem muita diferença.

P – Alguma outra questão além da hiperssexualização?

E7 – Pra diferenciar homens brancos de homens negros?

P – É, sobre o que é esperado e diferente.

E7 – É, eu acho que tem uma expectativa também do que vai acontecer com o corpo de um homem negro em termos de violência, em termos do que pode acontecer com o corpo dele, e dele ter que sempre estar, de certa forma, atento a isso. Então acho que eu cresci com essa coisa de vigilância da minha mãe, sempre tendo cuidado pra eu estar bem arrumado, pra eu estar... pra eu ter o meu documento, pra saber exatamente onde que eu tô indo, pra eu ter algum dinheirinho comigo. Sabe, essas várias coisas que eu falava assim: “Cara, por que eu tenho que fazer isso tudo?” Mas é porque eu tenho que estar sempre vigilante, quer dizer, então a violência eu acho que adiciona um outro nível de complexidade de ser um homem negro versus ser um homem branco. Eu acho que também a expectativa do mercado de trabalho também, do homem negro ser visto, na média, como alguém que ocupa espaços de trabalho mais braçal. Mas aí eu acho que tem um recorte muito maior com classe também, que eu acho que não perpassam homens negros que tenham um nível educacional maior. Enfim, são essas algumas coisas que me vem em mente.

P – Beleza. E você acha que é fácil ser um homem negro?

E7 – Acho que existir é bem difícil, como ser humano. Mas acho que existem questões que são muito específicas do homem negro, que tornam esse existir mais difícil, e hoje, na minha compreensão de mundo, uma das coisas mais difíceis, pra além do que é estrutural, né? Porque eu acho que tem coisas que são estruturais que definem como que o racismo afeta a gente. Mas hoje, na minha cabeça o que afeta, pra mim, a maior evidência do quanto os homens negros são afetados, é a questão da saúde mental, porque eu acho que a gente não tem espaço... nem é nem tanto que a gente não tenha espaço, é que a gente não se vê como alguém que precisa ter esse cuidado. Tem uma questão também de acesso à terapia que é uma questão de classe, assim: “Ah, eu tenho um terapeuta.” Mas eu acho que é menos isso e mais refletir, por exemplo, sobre os momentos em que eu possa querer chorar, os momentos em que eu possa me sentir mal, os momentos em que, quando eu sinto raiva, que eu acho que é uma coisa muito, de certa forma, encravada na nossa vivência, e que a gente acaba tendo que expressar isso de uma forma raivosa. Acho que essa raiva é uma característica muito grande desse nosso lugar, e acho que não saber como canalizar isso ou não ter oportunidade de pensar que em alguns momentos, tudo bem não estar bem. Acho que todas essas coisas são negadas na gente de uma forma muito sistemática, eu acho que isso também influencia a nossa vivência. Então acho que é difícil ser um homem negro por vários motivos, mas hoje, na minha cabeça, acho que isso é uma coisa central, a questão de como é negado à gente quase que a humanidade em si, pra existir enquanto alguém que tem emoções, que nem sempre tá bem, que às vezes, de fato, tem problemas, ou tem questões muito específicas pra lidar, mas que não consegue saber como lidar com essas questões e que acaba, enfim, quando acaba encontrando uma forma de lidar com isso, lida com formas que são muito nocivas ao próprio corpo. Eu acho que é aí que a gente chega no alcoolismo, aí que a gente chega no uso de drogas, enfim, em várias outras formas de violência ao nosso próprio corpo, sabe?

P – E o que dizem sobre homens negros na cultura brasileira?

E7 – Eu acho que o que dizem sobre o homem negro é que ele é da cor do pecado, que é bom de cama, que é... enfim, ou é isso, ou é o homem negro sendo... acho que são dois lados: ou é a hiperssexualização ou é a violência, o homem é o traficante, o homem que representa um risco, “a pessoa que eu tenho que segurar a minha bolsa e guardar quando ele aparecer”. Enfim, ou é a pessoa que apresenta o risco ou é o corpo que eu desejo pra me dar prazer. E aí, quer dizer, se a gente como ser humano é reduzido a isso, então a gente deixa de ser humano quase, né?

P – E você acha que existe algum tipo de diagnóstico prescritivo de como os homens negros devem se comportar na sociedade?

E7 – Sim, eu acho que realmente é reproduzindo todas essas estruturas, todos esses estereótipos de hiperssexualidade, ou de que tem que ser raivoso mesmo, ou de briga. Eu lembro muito, desde criança isso foi posto, a briga como quase uma constante, assim, é louco isso, mesmo nos momentos em que eu não tinha nenhum conflito pra brigar, a minha brincadeira era de lutinha. Então eu acho que eu sempre fui posto a expressar a minha raiva. Não expressar, mas externalizar e alimentar a minha raiva, e eu acho que isso é outra coisa que é meio que esperado assim de mim enquanto homem negro. Eu realmente não sei dizer se nessas dimensões são coisas que são esperadas exclusivamente do homem negro, é difícil, é uma coisa pra se pensar. Mas talvez tenha mais a ver com masculinidade do que com masculinidade negra. Mas de uma forma geral, eu acho que tudo isso é muito nocivo pra construção da nossa identidade e subjetividade também.

P – Como você acha que tá a discussão sobre racismo, masculinidades negras e feminismo no Brasil?

E7 – Então, eu acho que a questão do feminismo... acho que a questão do racismo, mais uma vez, ela ganha mais espaço, mas não porque as pessoas estão querendo assim, é mais porque a gente tá conseguindo ter números um pouco mais democráticos de diálogo, e as pessoas são meio que forçadas a ouvir o que a gente tem pra falar. Então, acho que a questão sobre racismo ganha mais espaço, e eu acho que é muito errado falar que as pessoas, agora, os movimentos negros e enfim, estão falando mais. Eu acho que as pessoas sempre falaram, mas agora elas estão sendo ouvidas com mais frequência porque tem canais que realmente democratizaram o acesso à voz. Não o acesso à voz, mas o acesso à ouvidos talvez, pra que a voz fosse ouvida. Racismo, de uma forma geral, acho que se expandiu. Eu acho que a questão do feminismo... você fala do feminismo negro em específico?

P – Feminismo no geral, mas se você quiser pode fazer o recorte...

E7 – Eu acho que a coisa do feminismo negro ganha muito mais espaço cada vez mais, eu acho que junto com essa ida do racismo ganhar mais espaço... mas isso é porque o movimento negro nunca teve... ou enfim, os movimentos negros nunca tiveram desconexos da questão da mulher negra. Então acho que essas duas coisas sempre caminharam juntas porque os homens negros também quando estavam lá discutindo o que era racismo e o que sofriam, eles iam e pediam pra mulher trazer a comida, entendeu? Então acho que essa divisão de gênero, de tipo, não ouvir o que as mulheres tinham, ou de marginalizar as mulheres dentro da margem, acho que isso sempre teve posto, mas mais uma vez, ganhou espaço, tem um nome, o feminismo negro. Sempre teve, eu acho, mas acho que as pessoas sempre têm uma tendência a encobrir isso e achar que isso é questão racial de uma forma mais abrangente. Eu acho que hoje as pessoas estão tendo um acesso maior à existência de pensamentos específicos, de mulheres negras que sempre falaram e sempre foram na verdade precursoras assim, mas é... de certa forma ganhou mais visibilidade, eu acho. E aí na questão das masculinidades negras, eu acho que é um assunto que eu, pelo menos, tenho ouvido com mais frequência nos últimos 2 anos. Tenho ouvido com mais frequência porque eu particularmente não tava tão inserido nesse debate, mas uma crítica que eu tenho a esse debate é que eu ainda acho que é um debate que tá muito distante da margem, das experiências médias de um homem negro mediano. Eu acho que quem tem acesso, na média, são pessoas um pouco mais escolarizadas, são pessoas um pouco mais... enfim, tiveram um pouco mais de acesso às oportunidades. E acho que essa preocupação em trazer essas discussões pra pessoas que... e pessoas mais jovens também, porque eu acho que também tem esses vetores, de pensar a masculinidade negra a partir da perspectiva de pessoas que não tiveram acesso a oportunidades educacionais, ou pensar a masculinidade negra a partir de pessoas que já estão mais velhas e já viveram mais e, enfim, já sabem o que é ser um homem negro por experiência própria, há mais tempo. Acho que essas coisas, de certa forma, precisam também ganhar mais espaço. Então acho que ainda que a gente tenha tido um avanço em todos esses 3 vetores, vamos dizer assim, acho que ainda é muito tímido, acho que a gente tem que falar muito mais, se a gente tá falando de metade da população brasileira, essas questões não são questões marginais. Acho que um dia a gente consegue lidar bem com isso se a gente falar sobre isso da mesma forma que a gente fala sobre desenvolvimento econômico, sabe? Da mesma forma que a gente fala sobre... sei lá, corrupção, que são assuntos que parecem que não tem muita divergência assim, se é um problema do país, se é um problema da sociedade brasileira e hoje parece que ainda tem divergência sobre, tipo... existe racismo mesmo?

P – Acha que o feminismo e/ou o feminismo negro são importantes? Por quê?

E7 – Sim, eu acho que, na verdade, todas as formas de feminismo são muito importantes, porque elas trazem perspectivas que expandem qualquer expressão acadêmica ou forma de compreensão de mundo que a gente consiga desenvolver sem trazer essas perspectivas. Porque eu acho que quando a gente fala de feminismo ou de feminismo negro, a gente não tá falando necessariamente sobre as experiências sociais de um grupo social específico, mas eu acho que é sobre ver o mundo como um todo, e aí, todas as experiências sociais, a partir de uma nova ótica. Então, por isso que eu acho que é tão importante que a gente considere essas duas... não o feminismo, não existe um feminismo, eu acho que existem vários feminismos, e entre um deles a ideia do feminismo negro. Mas eu acho que todos eles são importantes pra que a gente consiga de fato ter um olhar mais completo pra entender os problemas sociais.

P – Qual a sua relação com a branquitude?

E7 – Eu acho que, de certa forma, a branquitude tem que se responsabilizar por... da mesma forma que eu, e na verdade, essa é uma frase da Erica Malunguinho, que eu acho muito, muito válida. Ela diz que da mesma forma que eu, enquanto negro, sou responsável e tenho que incorrer nos custos de ter um passado escravo, escravizado, a branquitude também tem que responsabilizar pelo fato de ter um passado escravocrata. Então, eu acho que a minha relação com a branquitude, ela se dá muito de conseguir, de certa forma, fazer com que essas pessoas entendam que o próprio fato de elas se enxergarem como universais e não enxergarem o quanto elas pertencem a um grupo social específico, esse próprio fato se dá pela posição de privilégio que elas têm. Então, a minha relação é, assim, eu vivo em sociedade (risos), e eu tenho muito contato com pessoas que vivem a experiência da negritude, e eu acho que eu tenho uma abertura muito grande pra conseguir de fato ouvir essas pessoas e aos poucos ser bem didático pra que várias das questões que eu discuto e que tão ligadas à minha vivência se tornem um pouco mais nítidas pra essas pessoas.

P - Quais caminhos enxerga para resolver os problemas dos quais tratamos nesta conversa?

E7 – Olha, eu acho que a gente tem alguns pontos principais. Se a gente pensar nos problemas do racismo, do ponto de vista do racismo estrutural, eu sou muito da ótica de que a gente não consegue reverter um cenário que foi resultado de uma presença ativa de políticas sociais, de políticas públicas que geraram o cenário que a gente vê hoje, a gente não consegue reverter esse cenário sem que a gente tenha políticas públicas específicas pra, de certa forma, contrabalancear os efeitos dessas políticas anteriores. Então, a melhor forma que eu vejo, é por meio de políticas públicas específicas, políticas públicas que são raciais, e conscientemente raciais. Então, a gente falar, de por exemplo, de políticas de ações afirmativas quando pensa em cotas, eu acho que é uma dimensão, mas, enfim, a gente pensar em programas de formação de professores que consigam trazer a perspectiva específica da negritude, a questão de vieses inconscientes, pra que as pessoas consigam entender, de certa forma, como que elas reproduzem esses sistemas em várias dimensões, treinamentos pra policiais, transferência de renda, eu acho que tem vários caminhos. Mas, de uma forma geral, são caminhos por meio de políticas públicas específicas, sabe? Acho que essa é a única forma possível.

P - Como se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca? Acha que seria diferente, melhor ou pior se fosse entrevistado por um homem negro? Se sentiria mais à vontade? E se fosse por um homem branco? Alguma recomendação para a pesquisadora?

E7 – Eu acho que na complexidade de ser quem a gente é, existem várias dimensões diferentes, né? E eu acho que gênero e raça poderiam ter feito uma diferença muito grande, assim, se eu tivesse falado com uma mulher negra, eu acho que, talvez, a minha abertura seria muito diferente do que seria pra um homem branco, do que seria pra um homem negro, do que eu acho que foi pra uma mulher branca. Então, eu acho que sim, eu acho que seria diferente. Não sei se as respostas seriam diferentes, mas eu acho que a experiência como um todo seria diferente. Não sei se eu me sentiria mais à vontade, acho que depende... eu acho que se forem as mesmas perguntas, dado que eu conhecia as pessoas tanto quanto a gente se conhece, não sei se mudaria muita coisa. Eu acho que existe uma relação de empatia que é posta quando eu tô falando com outra pessoa que é negra, ou quando eu tô falando com um outro homem negro sobre essas questões, acho que isso é inerente, não tem como negar a existência desse nível de empatia. Mas ao mesmo tempo, eu acho que as minhas respostas foram muito sinceras, então eu não tenho muita ressalva. Agora, sobre recomendação, olha... não sei se eu tenho uma recomendação direta, porque eu acho que foi bem conduzido, não sei se eu tenho uma recomendação direta, eu acho que não. Mas, enfim... se alguma coisa me vier à mente, eu compartilho com você.

Agradecimentos.

TRANSCRIÇÃO OITAVA ENTREVISTA

Entrevistado 8: Marcelo, 36 anos, Pós-Graduação, Engenheiro de Projetos, Solteiro, Budista, Barra da Tijuca, Classe A, Heterossexual, Negro, Gênero Masculino.

P - Pesquisadora

E8 - Entrevistado 8

P - Como é ser um homem negro no mercado de trabalho brasileiro?

E8 – Olha, eu tenho uma filosofia de vida que ela marca a condição sempre do ser humano, da dignidade do ser humano. Então, se eu falar pra você que não há dificuldade nesse processo eu estaria mentindo, até porque eu vivenciei durante a minha trajetória de vida alguns momentos que foram bem complicados. Dentro do mercado de trabalho, principalmente, o segmento que eu segui pra atuar, a meritocracia, ela é bem atuante, ela é bem vivenciada. Então, eu sabia que eu tinha essa condição de desvantagem, de todos os históricos que me foram transmitidos e passados... a gente acabava carregando isso, mas eu, particularmente, eu não vivenciei nenhum tipo de dificuldade. Eu realmente me propus aos desafios que nos foram apresentados, eu me dediquei a isso, e eu não vi dificuldade que fosse diferenciada de qualquer outra pessoa de qualquer outra etnia, entendeu? Mas eu vejo que existem em outros segmentos, ainda um tabu muito grande pra isso. Entendo que a gente tá num processo de mudança e também, assim, essa é a minha percepção pessoal, que aquele a qual passa por essa agressão é lógico que ele tem que ser amparado e todo esse cenário tem que ser desenvolvido, tem que ser identificado, mapeado, mas o problema é que a gente não pode parar pra esperar isso, entendeu? Então, eu tinha plena ciência de algumas condições que se praticava no mercado, esse mercado se apresentou pra mim e também foi um encontro, porque foi uma busca, então, eu não esperei que esse cenário fosse mudado. Eu realmente senti que tinha que despendar o dobro ou o triplo de energia, para que eu não tivesse esse tipo de problema, sempre procurei focar em resoluções e soluções que pudessem me trazer algum benefício, e desfocar um pouco dessas questões que poderiam acabar me desconcentrando, me tirando o foco. Então hoje, assim, eu vejo um mercado de trabalho na minha área para as pessoas que tenham a etnia negra, ela tá realmente relacionada à quantidade de energia que você põe pra realizar aquilo que você deseja, entendeu? Eu vejo dessa forma. Então pela minha experiência e pela minha trajetória, eu tive... como falei pra você, eu nasci e fui criado dentro de comunidade, nenhum dos meus pais tem ensino superior... na verdade, na família, eu fui o segundo, a minha sobrinha foi a primeira que se formou em advocacia e eu fui o segundo. E a minha sobrinha sempre teve mais vantagens em termos de... conquistar empregos porque... uma que ela realmente tem uma capacidade técnica muito boa e outra que ela é uma pessoa muito bem-apeçoada e assim, não é demagogia, isso realmente traz uma facilidade. Hoje eu vejo em diversas empresas que eu tenho contato: existe essa facilidade. E eu acho que é isso, é você empregar uma energia que realmente vá suplementar todas essas questões, todas essas mazelas que a gente realmente vê no nosso país. E claro, quando a gente vive numa posição que nos permite um certo conforto, a gente assessorar e também lutar pra que a gente consiga criar uma equalização sob todas essas condições. Hoje um rapaz me mandou um negócio no grupo que a gente tem na prática, que tinha um rapaz que era especializado em empreendedorismo de pessoas negras. Cara, o que é isso? Eu acho que às vezes se cria muito rótulo para as coisas, entendeu? Então acho que hoje toda essa amplitude que se tem de mercado, você realmente tem chance de a sua ideia estar na frente, independente da sua opção, independente da sua etnia, independente das suas escolhas. Então, acho que hoje a gente tem essa

condição, embora o mundo hoje... o mundo hoje tá muito complexo, a gente tem diversidade de opiniões, diversidade de escolhas cada vez maior. Eu acho que o lance é a gente se adaptar, tirar o foco disso e botar a energia no que realmente quer realizar. Então eu vejo dessa forma hoje.

P - E você já sofreu alguma discriminação por ser negro?

E8 – Já. Eu tive... principalmente quando mais novo. Eu não sei se a questão do desenvolvimento de todo esse tema acaba causando uma desconstrução, ou uma construção benéfica na população, e a gente acaba vivenciando menos isso, ou se essa imposição de repente de um meio de mídia, as pessoas se tornam um pouco mais contidas em praticar isso, entendeu? Mas eu sofri e vejo isso hoje, então desde pequeno, sempre vivenciei, principalmente na parte sul do país, entendeu? Já tive cenas do cara virar e falar pra mim: “olha, não tomo café preto pra não dar confiança a preto.” Entendeu? Então, foram cenas que eu posso passar aqui horas narrando situações que eu vivenciei que foram desconfortáveis, em elevadores de prédio que tem um *glamour* maior, entendeu? Então eu acho que quando você realmente alicerça uma postura, alicerça uma condição, assim, de vida, que isso não seja uma fragilidade sua, eu vejo que você acaba se tornando um pouco mais respeitado, entendeu? E eu acho que isso aconteceu comigo, foi justamente o que eu foquei, isso não é uma condição que me fragiliza, isso não é uma condição que me coloca numa situação diminuta, entendeu? Então eu não posso focar nisso. Eu acho que isso é uma fragilidade das pessoas que veem dessa forma, então eu não vou focar nisso, que isso vai tirar da minha energia, do que eu tenho realmente tenho como propósito de vida. E de lá pra cá eu não tive mais problema com isso, embora a gente vê algumas situações que não tem jeito. Acho que todo ser humano carrega dentro de si um certo preconceito, e isso tá ligado realmente ao sentimento que ele dá a algumas situações que são vividas, que chamam de trauma. Agora, é uma coisa que eu procuro não absorver, uma coisa que eu procuro... cara, jogo pra fora, e vida que segue. Não me incomoda, não tenho nenhum problema com isso, nada que me afete, ou nada... hoje que me seja trava diretamente. Pelo contrário, hoje só tenho que agradecer às pessoas que passam pela minha vida ou que estão no meu caminho, eu realmente consegui, assim, estar num lugar onde eu tenho voz. Acredito que isso é fruto de trabalho, de todo aporte que recebi de pessoas que eu cruzei durante toda a minha vida e que me ajudaram a construir alguma coisa aí, em termos de educação, em termos de conhecimento, para eu continuar trilhando e passando para as pessoas também.

P - E você acha que as pessoas acreditam que existe racismo no Brasil?

E8 – Não tenho dúvida que sim, até hoje isso é de fato uma prática, basta que algum evento crítico, social que seja um pouco mais relevante, aconteça, você já vê essa oportunidade das pessoas expuserem isso pra fora é grande. Então é o que eu falei, existe um movimento hoje que contém as pessoas, e é até engraçado, né? Se você entrar de metrô, tem um coletivo que você tem uma vivência ali, muito intensa, tá sempre cheio e aí por vezes as pessoas tomam uma condição de vida muito baixa e acabam evidenciando coisas que tá dentro dela. É o que você mais vê, eu ouvi uma senhora gritando tanto questão social, foi até na Cidade Nova. Ela gritando: “como essa porcaria chegou até a Pavuna, pra esses pobres começarem a frequentar o metrô? Que essa merda ficou cheia pra caramba.” Cara, tu vê que assim, o trauma que ela carrega é grande. “E como se não bastasse, ainda esses crioulos fedorentos!” (Risos). Então, assim, cara... não me afeta, porque eu acho que isso é como um presente, você aceita se você quiser porque não é a sua vida que tá numa vibração dessa, é a dela que tá numa vibração ruim, entendeu? Mas de fato a gente vê que é uma coisa fatídica, existe, tá lá. Então, eu não tenho dúvida.

P – E como é sua relação com o seu trabalho? Ele é importante pra você? Como você enxerga?

E8 – Eu... a minha relação de trabalho, eu demorei muito na minha vida, assim, a me encontrar. Então, eu sempre notei que eu tinha uma boa aproximação com o outro, eu sempre tive uma boa gestão para poder gerenciar crises e tal. E aí foi onde, depois de uma certa idade... e eu acho até que eu já tinha passado daquela idade média pra você realmente poder tomar uma decisão e seguir trilhar um caminho mais certo. Eu comecei a ver que eu tinha facilidade com isso, então eu comecei a prisma um pouco por essa parte de gerenciamento. Eu já tinha um aporte com a parte de tecnologia, consegui me especializar, então, assim, hoje, no meu trabalho, na minha posição, pra mim é uma coisa que é muito relevante na minha vida porque eu... é uma coisa que eu aprendo com ela, ela me dá essa oportunidade de eu conseguir gerenciar uma quantidade significativa de pessoas, de conseguir aprender com elas a todo momento, entendeu? De conseguir entender qual é a dor, qual é o problema delas e poder atuar nisso, de ter a oportunidade de estar desenvolvendo pessoas, de estar incentivando pessoas, e, assim, é a oportunidade que eu tenho também de estar sempre realizando alguma coisa que seja de maneira benéfica pra que eu me torne uma inspiração como liderança, porque eu acho que é dessa forma que você conduz, entendeu? É claro que a gente tem momentos onde a gente tem que ser um pouco mais rigoroso, mas eu acho que tudo isso faz parte do desenvolvimento, né? O rigor, a responsabilidade, e toda parte de frustração, tristeza, decepção que a gente passa, então eu tenho tudo isso no meu trabalho, entendeu? Eu tenho plena ciência que isso tudo é uma fase de crescimento, é uma oportunidade de crescimento. Então, hoje eu vejo como vital na minha vida, porque é uma coisa que me agrega, no meu desenvolvimento tanto profissional quanto pessoal. Acredito que daqui a alguns anos vou ter uma outra maturidade, uma outra visão, vou poder estar agregando mais na minha relação interpessoal e conseguir desenvolver um negócio próprio, ou alguma coisa que eu possa ajudar as pessoas. Então, é uma relação muito importante.

P – E com que idade você começou a trabalhar?

E8 – Olha, o meu primeiro trabalho formal, de fato, aconteceu na idade das Forças Armadas, no quartel. Foi no serviço obrigatório, então foi a minha primeira experiência. Eu tive outras oportunidades, mas era informal, e estava alinhada a certas coisas que eu gostava de fazer, entendeu? Então, eu tive a oportunidade, de embora a minha família ter poucos recursos, de acessar alguns esportes que normalmente as pessoas da minha localidade não acessaram. Então eu fui apadrinhado por algumas pessoas que me deram oportunidade de fazer montanhismo, de fazer rapel, de praticar *rafting*, totalmente fora da minha realidade. Antes dessas pessoas entrarem na minha, eu não sabia nem o que significava isso. Aí tomei gosto, tomei apreço, desenvolvi bem, e aí através do esporte foram surgindo oportunidades de trabalho.

P – De ser instrutor?

E8 – É. Eu trabalhei como instrutor, eu tinha um amigo, que na verdade a gente era muito parceiro, então toda essa construção até lá nós fizemos juntos. Então, eu trabalhei como instrutor no “(festival de música)”, se não me engano, de 2001, eles ainda não tinham essa condição, então nós que fizemos a montagem de palco do “(festival de música)”. Então tinham locais de acesso, onde a gente tinha que colocar *banners*, ou então tinha que agregar algumas estruturas, que fossem benéficas tanto com projeto civil ou então projeto de marketing. E a gente tava lá porque a gente tinha realmente, tinha esse destaque com a habilidade que a gente adquiriu nesse esporte e eles

contrataram a gente pra fazer. Então, eu não posso nem dizer que era trabalho pra você, era uma coisa que eu gostava de fazer, era muito legal.

P – Sei, mas você recebia?

E8 – Recebia, nós éramos remunerados pra isso. Éramos até... digo que bem remunerados, só que naquela época eu não tinha maturidade com dinheiro...

P – Você tinha quantos anos mais ou menos?

E8 – Ah, acho que 14 ou 16.

P – Com 14 ou 16 anos então você já estava montando... se divertindo, mas ganhando dinheiro?

E8 – Eu não sei dizer pra você nem... eu sei dizer que o dinheiro acabava rápido, eu não tinha maturidade não. Eu tive pouca oportunidade nessa parte financeira. E a minha mãe também não, então, assim, gastava com besteira, entendeu? E a outra oportunidade veio de um curso que eu fiz de primeiros socorros, e aí depois nós evoluímos para o que eles chamam de BTL que é *Basic Trauma Life* e a partir daí a gente teve a oportunidade de trabalhar no “(organização de primeiros socorros)”, que eles estavam precisando logo no início. Cara, e aquilo, assim, socorrer vítimas de acidente pra mim foi o maior barato, sabe? Era uma coisa assim que também... coisas que vão agregando na tua vida sem tu perceber, então ali eu aprendi a ter sangue frio em situações que eram diversas e limítrofes, e hoje isso me ajuda muito na parte de planejamento, entendeu? É uma loucura, mas nós éramos remunerados como voluntário ali, era voluntário, mas tinha uma remuneração, e ao mesmo tempo eu tava me divertindo ali. Então, na época a estrutura era inicial, então eu era até muito novo, depois que a estrutura se estabeleceu de fato e tal, a gente teve que sair porque a gente não tinha nem idade pra estar ali. Embora a gente desenvolvesse o trabalho bem, era bem comprometido com aquilo. Então foi uma fase que foi o maior barato, a gente... eu realmente encontrei essa concepção de... a hora que você achar que se identifica, você para de trabalhar, e ali eu realmente não tinha essa concepção de trabalho. A gente dobrava escala, a gente trabalhava além do horário, eu não sabia o que era hora-extra, eu não sabia nada disso, tanto é que nem percebia..., mas foi muito legal, foi uma fase muito gostosa.

P – E isso antes das Forças Armadas? Tudo isso.

E8 – Isso, antes das Forças Armadas.

P – E quando você saiu das Forças Armadas, qual foi a sua trajetória até chegar nesse emprego?

E8 – Nas Forças Armadas, eu segui carreira lá, e eu sempre gostei dessa coisa, sempre fui meio vibrador, então fiz parte do quadro das Forças Especiais na época, fiquei durante 8 anos, até que surgiu uma oportunidade. Na verdade, um colega... a gente saindo pra jantar, um colega que era bancário ele me narrou uma oportunidade de trabalhar como mergulhador profissional. Cara, o que é isso? Ele: “Não, é um cara que solda, e esses caras ganham muito dinheiro e tal.” E aí eu comecei a investigar isso. E aí eu investiguei, investiguei, investiguei e achei um curso. Primeiro fiz um módulo na Marinha, depois fui fazer um módulo que na época era o “(nome do curso)” que dava. Externo. Acabou que eu fui, ele não foi, e eu descobri que não era nada daquilo, que o cara não ganhava muito, eu fui totalmente enganado, mas segui ali. Então, quando eu saí das Forças Armadas, eu tive a boa sorte também de esbarrar com alguns comandantes que conseguiram me creditar essa questão de eu ter dispensa pra fazer curso e tal, então eles acharam que eu pudesse ter desenvolvido alguma coisa e isso que eles estavam me dando era uma compensação. Então

aquilo lá pra mim foi uma mão na roda, eu consegui desenvolver algumas qualificações ainda dentro quartel, e quando eu saí, já saí diretamente empregado. Então eu passei a atuar no quadro de mergulhadores profissionais. Então a gente realizava trabalhos em estruturas submersas, principalmente pra “(empresa petroleira)”, nas unidades de plataforma. Fiquei um tempo no “(nome da empresa)” dando aula também, fazendo a formação de mergulhadores e tal, entendeu? E aí segui essa carreira aí por cerca de uns 6 anos, até eu sair, daí eu precisei sair pra concluir a minha formação acadêmica, porque eu não tinha tempo, como é um trabalho que você não tem uma rotina, tá sempre embarcado, sempre deslocado, sempre viajando, você não tem uma rotina, e você acaba... abrindo mão de algumas coisas. Então eu preferi dar um passo pra trás, pra mais pra frente dar um maior. Aí foi aonde eu saí, fiz acordo com uma empresa pra pagar a minha graduação em troca da minha mão de obra, aí então passei toda parte da minha formação acadêmica e engenharia trabalhando pra essa empresa.

P – Você não ganhava nada a mais?

E8 – Ganhava uma bolsa. Foi uma época da minha vida que foi terrível, porque com meu elo profissional, é uma atividade que você trabalha embarcado. Na época a remuneração era muito diferenciada, e eu ainda procurei me qualificar, então isso potencializava muito a minha renda. E assim cara, solteiro... fui um cara assim, que tive a sorte de ter uma filosofia de vida que me guiou e não me deixou assim... dentro de toda a conjectura de onde eu nasci e fui criado, não deixou ser guiado pra outros caminhos. Mas a minha mãe nunca teve uma formação, uma instrução assim que pudesse me guiar, então assim, eu conseguia a boa sorte de adquirir trabalho, que às vezes me davam uma renda razoável, mas o que eu ia fazer com isso? Juntar os amigos, gastar..., mas eu ainda tinha uns amigos dentro da profissão que... “cara, faz isso, faz aquilo” e eu sempre gostei de estar me desenvolvendo. Nessa parte de estudo eu nunca gostei de ficar parado, tenho sempre que ficar estudando. Eu tenho que estar trabalhando e estudando. E aí eu consegui me qualificar e tal e isso trouxe uma renda, que me trouxe um certo conforto. Eu não tinha dinheiro, nunca tive, mas me trazia um certo conforto. Na minha idade, eu conseguia pagar minhas contas, conseguia ter o meu carrinho, conseguia ter um apartamento, que era uma coisa diferenciada pra galera daquela faixa etária. E aí quando eu decidi fazer essa coisa, dei: “vou fazer uma graduação, eu preciso desenvolver alguma coisa.” Porque eu já tava atingindo o teto da profissão, aí encontrei um colega que também, novamente, eles sempre com ideias: “cara eu vou largar isso tudo, eu vou virar engenheiro.” E eu: “é?” “É.” Hoje em dia esse colega tem até um quiosque hoje na Ilha do Governador, um barato o cara. O cara virou empreendedor, muito bem, obrigado. E eu falei: “poxa, acho que tá na hora de eu fazer uma graduação.” Porque quando eu saí do meu segundo grau, eu não sabia o que era, de tão desleixado que eu era. E na primeira oportunidade que eu tive no quartel, eu fiz sistema de informação, mas não consegui ir até o final, eu era muito indisciplinado, então achei que esse era o momento. E aí eu falei: “cara, eu vou sair, vou procurar um trabalho, alguma coisa que me remunere, pra eu poder fazer isso.” E tem aquela coisa que... eu não acredito que seja vaidade, ou seja, a minha família não tinha. E aí eu fui atrás, e todos os trabalhos, assim, não conseguia chegar num patamar no qual eu recebia... e eu também não tava procurando isso, porque eu sempre soube que salário é uma construção, entendeu? Então você não entra ganhando $X+Y$, você vai ganhar o X e soma o Y de acordo com o seu desenvolvimento. E os salários estavam muito, muito, muito abaixo do que realmente a minha área contemplava. Falei: “cara, vou ter que abrir mão, não vai ter jeito.” E aí eu fiz um acordo com na época o “(nome da empresa)”, e aí os caras pagavam a minha formação acadêmica, que na época eu achava que era um valor que era significativo, em torno de R\$3.400,00 e me davam mais um... não chamo de salário aquilo, chamo

de auxílio. Chamava de auxílio aquilo... (risos). E foi uma época muito difícil, primeiro a adaptação, eu passei... dentro da condição de sair até de fato eu sair, foi cerca de 1 ano e pouco, que eu passei me preparando, eu nem digo 1 ano e pouco, acho que alguns meses eu passei tomando coragem. Acho que esses meses foram os finais. Então eu comecei a liquidar algumas coisas, a fazer um... um *save*, porque eu sabia que ia rentabilizar muito menos, e ia ter que tirar alguns costumes que eu tinha, algumas rotinas que eu tinha, e tinha certeza que aquilo ia agregar sofrimento, e aí não deu outra. Só que assim, por mais que você faça o planejamento de alguma coisa, existem imprevistos, existem uma série de coisas que você não consegue planejar. Isso realmente aconteceu e muitas coisas viram... faleceu a minha mãe, etc. e tal, dívidas que eu tive que arcar, e não estavam de maneira alguma no meu planejamento. Enfim, o dinheiro acabou muito antes do que eu imaginava, e aí, cara, eu tive que me virar. Foi uma fase que doeu muito, por muitas vezes eu contei com os meus amigos pra pagar a minha janta, por muitas vezes eu não sabia se eu pagava a luz, se eu comprava a minha comida ou se eu comprava um livro da faculdade, e aí por muitas vezes as questões foram essas e é aquela coisa, você... desculpa a expressão, mas é na íntegra uma coisa que eu aprendi no quartel: “foca naquilo que te fortalece e não naquilo que te fode.” E foi o que me manteve assim, à duras penas, assim, no meu desenvolvimento, sem perder. Muitos dos meus colegas passaram por dificuldades similares, nenhum deles conseguiu voltar hoje pra finalizar essa graduação, que é uma graduação que é trabalhosa, não digo que é difícil, eu acho que dá trabalho e aí se você contemplar isso tudo você consegue chegar até o final. E aí eu consegui levar, consegui passar. Eu não lembro de fato quando foi que clareou, acho que eu tava bem focado em conseguir trabalho, conseguir me formar, e foi muito dificultoso. Ainda formado eu permaneci um tempo, um espaço de tempo, nesse mesmo emprego, e aí eles não precisavam pagar mais a minha graduação, mas o meu salário permanecia o mesmo. (Risos). E era engraçado que às vezes, eu ia, assim, em confraternização de amigos, que era bem reduzida, eu tinha que escolher em qual eu ia, e aí eu narrava a minha situação numa terceira pessoa. E as pessoas falavam: “é impossível sobreviver assim.” Eu falava: “não, eu acho que dá sim” e tal. “Impossível, não tem como.” Eu: “não, tem sim.” (Risos). Entendeu? Mas ao mesmo tempo, tudo eu aprendi a conservar, pra que eu pudesse ter uma disponibilidade maior: roupa, sapato, móvel, tudo. Eu tinha o meu imóvel estruturado, eu tinha as minhas coisas e tal, tudo direitinho. Só que eu não podia adquirir mais. Então, aquilo tinha que ter uma disponibilidade maior. Então, você vai se adaptando. E era engraçado, assim, você só vai percebendo isso conforme os teus amigos vão falando, então se você fosse lá em casa e botasse essa garrafinha aqui na mesa, ela começava a condensar, aí eu já vinha, limpava, botava alguma coisa, sabe? No meio da conversa. Isso são práticas de sobrevivência que você vai fazendo inconscientemente. Então, depois a galera me zoava pra cacete por causa disso, e, assim, era impressionante, eu pegava o Facebook assim, e os colegas que continuaram na profissão, naturalmente foram adquirindo mais experiência e foram sendo mais valorizados com isso, e eles viajando pro exterior, comprando coisas, cara e aquilo afetava de eu chorar. Eu falava: “cara, que merda eu fiz?” E eu fiz de uma forma que eu falei assim: “eu vou sair de uma forma que eu não possa voltar.” Então eu inviabilizei todas as minhas condições de inspeção pra eu não fazer mais. Então as pessoas não podiam me contratar, porque realmente eu não queria... porque eu sabia que se eu voltasse eu ia abandonar esse projeto, entendeu? E eu sabia que pra continuar nele não podia ter opção. E aí eu mantive, mas foi uma fase muito dolorosa, mas acho que foi uma fase que me fortaleceu muito. Tanto é que eu lembro hoje dela com carinho, não lembro hoje dela com pesar, entendeu? E assim, é inegável que as pessoas que passaram na minha vida, elas foram... eu não digo fundamentais, foram essenciais. Eu credito todo sucesso nelas. Foram elas que me deram força, foram elas que me deram aporte para que eu conseguisse chegar em algum lugar, pra

que eu conseguisse me achar na minha vida. Acho que o mais importante, se eu consegui emprego na realidade hoje que o nosso país se encontra, se eu consegui algum salário hoje, que me dê uma condição um pouco mais confortável, acho que independente disso é assim, é você se encontrar, você saber o que você tá fazendo, saber pra que você tá fazendo, é poder influenciar no que você tá fazendo, você poder desenvolver o que você tá fazendo, e as pessoas verem isso e reconhecer o teu trabalho. Então isso não tem preço, independente do que eu possa prosperar, do que eu possa projetar dentro da minha profissão. E essas pessoas assim me ajudaram muito, foram elas que fizeram acontecer, foram elas. Eu realmente fui um cara abençoado, tive sorte de encontrar pessoas que me dessem essa condição de realizar o que eu precisava fazer, e é isso.

P – Beleza. E a sua família precisava da sua ajuda pra manter a casa?

E8 – Não. Na verdade, nunca foi necessário. Houve um momento em que eu me separei, que eu fui casado e me separei e aí eu me vi na necessidade de voltar pra casa da minha mãe e aí eu ajudei ela, mas nunca foi necessário que eu ajudasse. Na verdade, a minha família, ela é bem distante. Apesar de a gente, numa necessidade, a gente sempre tá ali pra um acolher o outro, mas ela é bem distante. Então a gente sempre teve essa independência. Então, desde os 18 anos que eu saí de casa, não foi necessário um aporte dos meus pais, salvo nesse momento da faculdade, o meu pai me ajudou, me ajudou bastante ali, mas da minha parte pra eles, nunca foi necessário. Quando foi necessário foi quando eu era mais novo, eu não tinha condição, realmente era a minha fase de criança, a gente teve vários episódios da minha mãe... porque a minha mãe trabalhava como diarista, era faxineira, e por diversas vezes não tinha trabalho. Então a gente passava necessidade mesmo, mas aí eu não tinha como ajudar. Pelo menos eu não me via na condição de ajudar, não sabia nem o que tava acontecendo, ela chorava e eu chorava também. Mas necessidade de ajudar eles eu nunca tive não, só de bom grado mesmo, só como forma de retribuição.

P – E como você acha que é em média a educação pra um jovem negro no Brasil?

E8 – Eu diria não só com jovem negro, como no geral, ela é muito deficitária. Eu vejo isso pelos níveis de profissionais que adentram no mercado e não conseguem se manter, eu vi isso durante a minha graduação, entendeu? No momento final na apresentação de TCC, onde realmente você já deveria ter consolidado todo um conhecimento e defender um projeto que poderia ser um projeto que seria um marco na sua vida, eu via a deficiência das pessoas, não só na articulação, mas de construir alguma coisa. E essa deficiência, ela vem de lá de baixo. Então eu sempre tive envolvido numa questão social que foi difícil, e não tinham só pessoas negras, tinham pessoas brancas, pardas, índias, etc. e tal e sempre foi dificultoso, né? De uns tempos pra cá eu vejo isso com uma intensidade maior ainda, e um descaso maior ainda e quando eu tô nesses ambientes de comunidade... porque você faz amizades lá, né... são amizades às vezes de infância. E assim, não é hoje mais o que eles prismam pra desenvolver, a parte da educação, então hoje eu tô nesse ambiente de comunidade e tal e vejo que a galera tá muito mais engajada em realmente ganhar dinheiro a curto prazo, isso acaba tirando totalmente o foco de você desenvolver. Então o pessoal hoje quer ter antes de ser, entendeu? E infelizmente é uma cultura que já vem de um sistema financeiro, de um sistema capitalista que a gente possui e mais todos os descasos que acontecem em relação aos nossos governantes, e a nossa inércia como população mais bem preparada em também intervir em minimizar isso. Eu vejo que hoje é muito deficitário e acaba criando também nessa questão da população negra, uma deficiência maior. Porque eles vão enfrentar uma dificuldade diferenciada na hora de entrar nesse mercado. Então acredito que é isso aí, ineficiência hoje, ela realmente existe.

P – E o que você acha do sistema de cotas? Nas universidades pra negros, nas empresas.

E8 – Eu acho que é um primeiro momento pra você equalizar todo um histórico desfavorável que ocorreu, eu acho vantagem. Não acho que ela deveria ser destinada... acho que ela deveria ser destinada a uma condição social e não a uma condição de raça, porque de onde eu vim, tinha loiros de olhos azuis e tinha uma situação muito mais precária do que a minha, então eu acho que isso deva corrigir sim uma questão social, entendeu? Isso tem que existir, mas como uma medida paliativa, pra que haja um readequamento, um reajustamento, na parte educacional, pra que a gente possa ter um envolvimento não só social, mas também, digamos, um desenvolvimento da população, pra que a gente passe a evoluir a nível de país. Então acho que só conseguem através da educação, então eu sou a favor, mas como uma medida paliativa, não como uma medida definitiva. Eu acho que a questão racial poderia ser trazida mais pra questão social, entendeu? Eu acho que sofri mais por pobre do que por ser negro. Acho que é isso.

P – Você já sofreu discriminação no ambiente de trabalho?

E8 – Olha, no meu ambiente de trabalho, não tive ainda esse desgosto, não. Desde as Forças Armadas até aqui, a pluralidades de pessoas ali dentro era muito grande. Então eu acho assim, é o que eu falei, eu sou um pouco fechado pra esse lado, eu gosto de trabalhar no meu desenvolvimento, então acho que muito pelo contrário, eu fui até muito bem recebido em todas as profissões, tanto nas Forças Armadas, tanto quanto nas minhas mudanças de profissões, assim, eu sempre primei em estar encabeçando assim, em estar sempre sendo um dos primeiros e tal, e eu acho que isso acaba trazendo uma concepção favorável pra você, uma percepção das pessoas de forma favorável. Então, acho que muitas pessoas se aproximavam de mim buscando algum tipo de troca e desenvolvimento, e isso era bacana. Pode ser que algumas pessoas não se aproximaram por uma questão racial ou não, mas é o que eu falei, eu só não pude identificar porque eu tinha uma quantidade de pessoas onde eu tinha uma troca muito bacana, muito justa e isso por si só já me trazia uma satisfação muito grande, né? Então eu sempre primei pra isso. Então do início do trabalho até agora, eu não tive esse desprazer. Não tive.

P – Você acha que a divisão racial do trabalho? Que há trabalhos de brancos e trabalhos de negros?

E8 – Na minha área não, na minha área, na verdade a meritocracia impera. Então diferença de raça, diferença de qualquer opção sexual... é a capacidade da pessoa em resolver problema que faz total diferença. Então hoje eu vejo também muitas questões dessas voltadas pra mulheres, em termos de diferenciação de pagamentos, e assim, eu não consigo ter uma amplitude pra poder dialogar sobre o caso, porque na minha área se você realmente consegue desenvolver bem o trabalho, resolver a quantidade de problema que é demandada, você vai ser valorizado pra isso e não interessa quem você seja. Então, é uma coisa bem gostosa de fazer como desafio, né? Então... não vejo isso não.

P – E qual é a proporção de pessoas negras na empresa que você trabalha? Pode ser uma coisa mais... é difícil né, ter esse número na cabeça.

E8 – A gente tem um ditado: “passou de branco, preto é, né?” Assim, vamos lá... se eu colocar... eu diria que uns 40%. É isso aí, uns 40%.

P – E na gerência? Em cargos de gerência, ou de diretoria.

E8 – No caso da minha empresa, 50%.

P – 50%?

E8 – É, 50%. Não são muitas pessoas também, na parte de gerência não são muitas pessoas. Não tem essa... agora eu tenho experiência com gerência de outras empresas que você... e aí nessa parte gerencial, eu não vejo muito. Se colocasse, assim, o mercado em geral, o meu mercado, na área que eu atuo, a gente fica aí com cerca de 15%, a maioria das pessoas que ocupam posições de diretorias ou gerenciais, a nível *offshore*, óleo e gás, elas são normalmente brancas e muito bem formadas, você vê que não é uma coisa que foi... é uma coisa que eles tiveram um aporte pra chegar naquela condição, pelo nível de instrução que eles frequentaram, pelo tempo que eles se dispuseram a só ter a preocupação de uma universidade, ou desenvolver um curso, a oportunidade que eles tiveram de vivenciar um bom tempo no exterior pra aprimorar língua, são coisas que não é a minha realidade, quem é da minha realidade hoje tá tendo isso, hoje tá conseguindo desenvolver isso, hoje tá conseguindo conquistar isso e eu... num total aí se for uns 15% seria muito.

P – Certo. E o que representa estar desempregado pra você?

E8 – Hoje eu ainda não tive o desprazer de vivenciar essa questão, mas eu recentemente estava num relacionamento, e essa pessoa ocupava uma posição muito simbólica numa farmacêutica, e aí eu acompanhei toda essa trajetória dela ficar um tempo fora do mercado, e vi, assim, o quanto isso... depois pude refletir o quanto isso afeta na capacidade cognitiva, né? O quanto isso ofende a sua mente, principalmente se você já consegue se relacionar, já consegue se envolver, já consegue criar aquele sentimento de comprometimento, aquele sentimento de apreço pelo que você faz, então acho que isso te coloca numa situação ao âmbito que você começa a se questionar muito sobre sua capacidade, sobre realmente toda a sua posição e isso aí... acaba te afetando mentalmente naquela questão existencial. Será que realmente eu sou uma pessoa capacitada? Eu consigo ajudar alguém? Eu consigo produzir alguma coisa? Então tudo o que você concebeu acaba sendo colocado em xeque. Então eu acho que a questão de estar desempregado hoje, ela é uma questão primordialmente psíquica, onde tudo que você construiu você tem que... gerar entendeu? Gerar esse alicerce pra você nunca perder aquilo que você construiu, você tem que ficar sempre retornando a essa questão, pra poder te impulsionar, pra você continuar caminhando, até você realmente reencontrar o seu caminho. Então acho que é isso hoje, hoje a sua empregabilidade ou a não empregabilidade, ela também contribui muito pra sua saúde mental. Acho que é uma coisa que a gente tem que estar preparado aí, sobre todas as condições, todas as circunstâncias. Seja num momento adverso ou não, você tá sujeito. A iniciativa privada, ela tem isso, ela tem a capacidade de te jogar lá em cima, como ela tem a capacidade de te jogar lá embaixo, diferente de uma iniciativa pública, onde normalmente você tem que manter a máquina pública girando, então nesses espaços, é difícil você conceber realização em termos de trabalho, em termos de projeto, que a iniciativa privada já te dá, mas com um risco muito maior, onde você consegue implementar projeto, onde você consegue implementar seu nome, onde você consegue implementar status, entendeu? De uma maneira que depende muito mais do seu nível de interesse, e essa seriedade vai acompanhar isso. Mas essa saúde mental, quando você não tem isso, essa fortaleza, é uma coisa que você tem que buscar. Hoje eu vejo os meus colegas que estão fora do mercado, que muitos foram afetados, outros tiveram essa questão, a questão filosófica que manteve eles dentro de uma zona de equilíbrio espiritual, onde eles tiveram condições de se manter, de continuar firme, de continuar convictos, e hoje já estão voltando pro mercado. E eu acredito que isso tudo é uma fase de vida, nada acontece por acaso. Acho que é uma fase de aprendizado, mas desde que você tenha um equilíbrio mental pra entender e não deixar isso te afetar.

P – E quem é ou foi a sua maior referência de masculinidade?

E8 – De masculinidade? Eu tive duas referências, assim, uma foi o meu pai, mas a referência do meu pai foi pela gana e garra de vida que ele tem. É uma pessoa que tem uma resiliência assim, que eu... eu sendo imparcial na análise, não por ser meu parente, é uma coisa que eu nunca vi. Eu vi meu pai passar por situações e nunca perder o humor dele, e eu sempre achei isso fascinante, então ele foi essa referência. E eu tive um sogro, que ele foi um cara pra mim, assim, que foi diferenciado, porque ele me ensinou, acho que tudo que eu procurava na minha vida, que foi desenvolver projetos, trabalhos manuais, ele me fez enxergar que eu tinha capacidade pra fazer isso. Então eu sempre referenciei muito essas duas pessoas, eles foram assim... claro que o meu pai foi o cara que eu tive um convívio maior e ele tá no topo disso aí, mas o “(nome do sogro)”, que foi esse sogro que eu tive, ele foi pra mim... ele faleceu de câncer, né, mas ele fez eu subir um degrau na minha vida, em termos de reconhecimento, e de capacidade de realização. Então pra mim foi uma descoberta bem interessante, ele me proporcionou isso, e eu sou muito grato por ele, tanto é que nas minhas orações eu tenho ele até hoje. Foi muito bacana ter tido a oportunidade de ter cruzado com ele na minha vida nessa existência, achei muito legal.

P - E quais características um exemplo de homem ideal deve possuir? Quando você pensa num exemplo de homem.

E8 – Eu não tenho um assim desenhado, mas eu acho que primeiro é um cara que seja digno, acho que a dignidade é tudo. Acho que toda questão depois é o respeito e... acho que eu ficaria um elemento que... são elementos que eu procuro trabalhar na minha vida, que são difíceis, a integridade, a disposição, a determinação. Acho que são ingredientes que fazem... independente de homem ou mulher, fazem da pessoa uma... não uma pessoa, uma característica forte pra que ela realmente exerça uma liderança, um protagonismo de vida, que consiga conduzir pessoas que precisam, que consiga liderar pessoas que precisam, no sentido de liderar e não de mandar, mas de inspirar as pessoas a encontrarem essa condição também. Eu acredito que essa seja uma construção que eu penso em ser ideal, que eu prismo pra minha vida, então eu tô nesse processo. Claro que muitas vezes subindo, muitas vezes descendo, mas sempre focado em tentar lá no final ter tudo isso bem conseguido na minha vida.

P – E ser bem-sucedido profissionalmente, tá dentro dessas características, você acha?

E8 – Ah, com certeza. Eu acho que o ser bem-sucedido profissionalmente significa que você tá feliz, realizando seja lá o que você tiver que realizar. E eu acho que o conceito de felicidade pra mim, principalmente no trabalho, ele tá ligado a você ser forte, entendeu? A você realmente ultrapassar as dificuldades, a você realmente saber que a tristeza, a alegria, a frustração isso faz parte. E aí quando você entende isso, você já não se sucede mais como um problema na sua vida e aí você encontra realmente uma paz muito distinta da qual a gente tá acostumado a ter. E aí essa paz é que traz realmente toda essa concepção de felicidade, onde você é pleno. Você consegue desenvolver as coisas sem ter, toda uma questão de arrependimento, decepção, e sim, só realmente entendimento e prosperidade.

P – Mas não tem a ver com dinheiro, ou tem?

E8 – Dinheiro é consequência... eu seria hipócrita pra você se eu dissesse que eu nunca persegui isso. Mas é... eu sempre esbarrei nessa questão como consequência, então eu sou aquele cara que observo onde vou entrar, eu observo as oportunidades, e a partir daí eu sei que eu tenho que

desenvolver, tenho que trabalhar. É claro que tem alguns lugares que você tem que... meu diretor por exemplo, eu tive que cobrar ele: “vem cá meu irmão, como que é essa parada aí? Vamos lá, eu consigo te dar esse retorno aqui, e você não consegue me prestigiar com nada?” Então isso também foi muito legal, que eu nunca precisei fazer isso, foi um desafio pra mim. Então essas oportunidades, eu acredito que sejam consequências, isso não deixou de ser uma ação minha, isso foi o desenvolvimento do meu trabalho, porque eu tive que trabalhar a minha pessoa pra poder gerar uma situação dessas, sabe? Uma abordagem dessas... e entender o momento que você tá trazendo resultado e não tá tendo reconhecimento, então, tudo eu acredito que seja consequência. Claro que você ter dinheiro traz muita facilidade, você pode realizar algumas coisas, que dentro de uma relação, seja familiar, seja amorosa, seja de amigos, ela te traz um conforto maior, te traz momentos que são bons. Então ter dinheiro é legal. Eu nunca tive dinheiro, mas toda vez que eu tive uma ascensão em termos salariais, isso sempre me agregou benefícios na minha vida. Então fico imaginando quem dinheiro mesmo... deve ser muito bacana. Hoje eu tava com uns acionistas dessa empresa e eles trouxeram o pessoal de helicóptero e eu achei: nossa, que bacana, né? E aí você poder preparar um espaço totalmente diferenciado, mostrar para as pessoas o que você desenvolve, o que você faz, você tá ali compartilhando, né? É você estar com eles e mostrando uma coisa totalmente atípica da rotina deles, com uma coisa bem tematizada. Eu falei: “caraca, que legal.” Fiquei imaginando eu fazendo aquilo para os meus amigos. Então é uma coisa que a gente, sem demagogia, tem que ir atrás mesmo, acho que a gente tem que ter essa primazia, pra ter essa prosperidade, mas assim, cara, nunca associar isso à tua felicidade não. Hoje o que mais a gente vê aí, a galera aí, cheia da grana, passando por situações e que são muito infelizes. Por eu ter essa questão da filosofia do budismo, a gente faz muito essa visita às pessoas, o budismo que eu pratico tem essa coisa, que o coração é o coração, que você tem que entender a pessoa. E aqui na Barra, é impressionante, o nível de sofrimento que as pessoas passam é muito grande. E aqui a questão do *status* faz a pessoa se isolar. Porque depois dessa crise muitas delas sofreram um baque muito grande e o *status* é tudo que elas têm, em muitas famílias aqui o *status* é tudo. Então elas se fecham pra não mostrar que houve um rompimento, uma coisa que é o alicerce delas. E aí é onde a gente consegue criar essa relação de confiança que você dá. Cara, parece que é uma relação proporcional, quanto maior a casa que eu vou, maior é o grau de sofrimento da pessoa. Eu vi sofrimentos tão intensos, que se falasse pra trocar, você não trocaria. São momentos que você tem a concepção assim: “caramba, eu sou o cara rico aqui, porque a paz que eu tenho, a saúde que eu tenho, a condição que eu tenho, mental, de encarar o meu dia, gerar um equilíbrio pra que eu possa conduzir os meus planos...” Essas pessoas têm todo esse aporte financeiro, e cara, é surreal eu não sei nem se eu conseguiria carregar toda aquela carga, é uma coisa assim, que eu exerço muita reflexão, muita reconstrução. Então é isso, dinheiro é consequência, mas faça sempre bem feito com certeza, e você não terá problemas com isso. Pode não ganhar rios de dinheiro, mas o suficiente pra você viver e continuar se divertindo e entretido com aquilo que você gosta de fazer. Acredito nisso.

P – Como que foi a sua relação com o seu pai?

E8 – Os meus pais se separaram cedo e... eu lembro que desde pequeno, que isso foi muito traumático pra mim, lembro que eu chorava bastante, sofri bastante com essa situação, quando meu pai vinha me visitar... E a relação dele com a minha mãe sempre foi muito conflituosa, então eles brigavam, o meu pai chegou a me sequestrar e tal. Então foi uma coisa muito turbulenta e... meu pai também teve uma trajetória muito difícil, muito difícil mesmo, uma família muito humilde e aí... depois que eu criei uma certa maturidade que eu fui entender isso, porque ele prismava tanto

pela condição de realizar as coisas pra ele, porque ele não tinha tanto apreço em realizar as coisas para os filhos e tal, mas depois de um tempo isso ficou entendido. Mas durante algum tempo a gente se engalfinhou um pouco, eu não conseguia construir isso, às vezes a gente tava bem, às vezes a gente tava mal. Mas hoje eu entendo que dentro da concepção dele, dentro daquele momento, ele fez o melhor que ele podia. E assim, às vezes a gente acha que é pouco, mas se você conseguir entender o universo da outra pessoa, às vezes é um esforço surreal. Então até hoje ele... eu vejo com a minha irmã, que ele ainda tem uma relação um pouco difícil e isso afeta muito ela, então eu fico muito próximo dela. E ele já é um pouco mais difícil, ele criou muitas camadas, então, pra você dialogar em torno de mudar totalmente o comportamento dele, é um pouco mais difícil, mas ele consegue mudar muito. Então a gente consegue, assim, ter uma relação muito saudável, com mais entendimento, com mais respeito e com mais gratidão um pelo outro, porque acho que no... no fechar das cortinas o que interessa mesmo é essa intensidade com que você vive, com a qualidade, com aquela que vai te proporcionar. Foi uma relação traumática no início, mas hoje bem resolvida.

P – E ele trabalhava?

E8 – Sim, o meu pai foi funcionário público, mas ele foi funcionário público que conseguiu essa condição antes da Constituição, então, basicamente ele foi selecionado, e a partir daí, foi um cara que teve boa sorte, foi privilegiado. Dentro da família dele, ele foi o único que conseguiu ter essa questão do segundo grau e ele teve que lutar muito pra isso, ele basicamente, ele sozinho se inscreveu na escola, então... assim, foi isso. Foi uma relação muito complexa pra ele.

P – E quem era o provedor na sua família quando você era criança?

E8 – Como os meus pais eram separados, no início o provedor era a minha mãe. A minha mãe era diarista, faxineira né, então ela que provia a condição pra dentro de casa. Logo em seguida, a minha mãe, por questões de maus tratos dos meus tios e minhas tias, ela teve que assimilar a minha avó também, e aí, a nossa situação ficou muito complicada. E aí por uma questão de boa sorte, o meu avô que era separado da minha avó, que ela descobriu que ele tinha outra família e tal, um negócio de traição, ele veio a falecer e ele era um militar reformado de guerra, e a gente passou a ser pensionista. A gente recebeu uma grana que... eu não posso dizer que caiu do céu, porque a minha mãe trabalhava pra caramba, acho que ela merecia isso, e aí as coisas melhoraram um pouco. E a partir daí eu diria que por mais que a minha mãe administrasse o dinheiro, a minha avó que era a recebedora disso e aí ela passou a prover a família. Então, até aí, as nossas condições básicas depois de um tempo, elas passaram a ser atendidas e foi uma fase que foi muito bacana, você acordar sabendo que tem comida no outro dia é muito legal, muito legal mesmo. E eu diria que aí a gente... depois houve até uns reajustes, e a gente passou até a fazer extravagâncias, né? E aí a gente passou de uma condição de vida que não chegava nem perto de eu falar que era uma classe média, mas era uma coisa muito diferenciada pra mim. Então foi uma fase também que foi muito legal.

P – E o seu pai ajudava na época que... vocês passavam dificuldade?

E8 – Não, meu pai é o que eu falei, ele é uma pessoa que teve uma trajetória muito humilde e como ele conseguiu um trabalho que conseguia dar uma rentabilidade que pra ele era confortável, ele foi viver a vida dele, não se preocupou muito.

P – Entendi.

E8 – Entendeu? Então eu ficava naquela... “que cara egoísta” e tal, depois fui ver e na verdade ele é um cara que não teve oportunidades e ele queria isso, queria vivenciar isso, tudo aquilo que foi suprimido e negado a ele durante toda a infância, adolescência, vida adulta dele, ele queria viver isso. E depois quando você entende isso, fica muito mais fácil de lidar com o outro. E depois houve problemas de pensão e etc. e tal, e aí ele se propôs a pagar e tal, e aí a gente começou a caminhar bem, as amizades voltaram, ele passou a lidar com a minha mãe, e começou a estabelecer uma questão mais saudável. Foi uma desconstrução que eu tive, porque dinheiro sempre era problema pra mim, então eu cresci com essa concepção, de que dinheiro era problema. Aí eu tive que virar a chave, não tinha solução e eu ficava impressionado como isso influenciava nas minhas ações e atitudes. Então quando eu tinha dinheiro, eu me livrava do dinheiro, de fazer isso inconscientemente, é impressionante. E aí, através de literatura e através das pessoas com as pessoas quais você vai se deparando, elas têm essa capacidade de entender e te mostrar, né, que você vai construindo isso. E na verdade, pra mim foi uma desconstrução pra uma reconstrução, eu consigo lidar com todas as questões de uma maneira diferente, que me traz mais benefícios do que tristeza. Então, às vezes eu tinha até dinheiro junto, mas aquilo me incomodava, sabe? Eu tive uma infância que foi problema com isso... então, complicado. Acho que foi isso.

P – Beleza. Você acha que cabe ao homem o papel de provedor?

E8 – Ah, hoje não. Hoje não acredito nisso não. Acho que como o homem tem... como pessoa, você quer ser realizado e aí você não pode suprimir essa condição da mulher ou de um outro parceiro teu, então acho que os dois hoje... o casal tem essa condição, o mundo hoje tem uma complexidade muito grande pra você exigir isso. Acho que hoje pro homem ser provedor é uma questão de cavalheirismo, entendeu? Pra mim passou a ser isso, e não mais uma função de responsabilidade. E até quando você coloca isso, acho que você tira a oportunidade do outro, de crescer, ou a oportunidade do outro de criar essa condição de ajudar ou de criar uma condição de responsabilidade, entendeu? Então acho que hoje o homem pode ser, assim como a mulher pode ser, assim como os dois devem ser, e acho que se a questão for embasada em termos de o homem, hoje, pelo menos pra mim, ser provedor é uma questão de cavalheirismo, eu tenho essa concepção.

P – E se o papel de provedor é negado, se o homem não tá empregado, quais caminhos você acha que esse homem encontra pra exercer a sua masculinidade?

E8 – Depende muito realmente do nível educacional. Todas essas mazelas, elas vem junto, então por exemplo, eu me relacionei com uma pessoa que ela tinha um salário assim, muito alto... e era engraçado, porque a gente saía para os lugares, e nesse momento eu não tava muito bem colocado no mercado e tal, e aí a gente saía, e ela tinha essa questão de “eu pago, eu pago.” E aí, naquilo é que você começa a ver o quanto internamente ainda existe algumas questões em você, porque aquilo me incomodava. E assim, mesmo que eu quisesse pagar, eu não podia. E eu me sentia incomodado com aquilo, me sentia incomodado, entendeu? Então, em algum momento, eu exerci algumas colocações, assim, que eram meio imperativas, né? Mas aí eu calhei de ter essa reflexão logo cedo, e me coloquei na questão mais de ajudar no que era possível. Então, essa pessoa tinha a condição realmente de prover umas condições que eu não tinha, eu tinha condição de prover algumas condições de trabalho manual, que me colocavam numa condição que eu me sentia útil também em ajudar. Então ali acho que foi o casamento perfeito, entendeu? Eu concentrei a minha energia primeiramente numa posição errada, porque aquilo estava me ofendendo, eu tentava suprimir aquilo, mas de alguma maneira aquilo uma hora transbordava, e foi a hora que eu vi que existia um preconceito dentro de mim. E aí, logo depois daquilo, eu identifiquei, consegui trabalhar

e canalizar isso pra uma coisa que agregou bastante na relação. Mas eu vejo que de uma maneira geral, eu vejo que o homem tenta se impor por uma questão de força pra poder equalizar isso. E isso é uma construção que não é dele, mas às vezes ele consegue entender. Então eu vejo muitos casais sofrendo, não só em níveis afetivos, como em níveis de amizade familiar, em virtude ainda de uma construção errada, então eu vejo, e isso pra mim é uma coisa muito visível, uma coisa muito palpável que eu me dou em relação a quem não tem. Inclusive eu tenho um colega agora, eu narrei essa experiência que eu tive pra ele, porque eu vi que se tornava um comportamento agressivo, entendeu? De a pessoa ter uma condição diferenciada, mas eu procurar ali um meio, uma fragilidade pra diminuir ela, pra colocar ela num patamar que eu julgasse ser o adequado. Eu sei identificar isso e “tá, isso não é legal, não vai agregar nem pra você, não vai agregar pra ela”, só que é difícil você ter essa concepção quando o problema tá consigo, é difícil. Você tem que ter uma regularidade de autorreflexão, que é uma coisa rara que eu vejo hoje... legal é a dos outros, né? A dos outros é legal pra caramba, mas a nossa é um pouco complexa. E aí a gente acaba atropelando sentimentos, e na verdade é um problema interno. Eu tive esse problema, consegui identificar de uma maneira, eu diria até que rápida, né? E também contei com orientações que foram bem bacanas, pra eu direcionar a minha energia e tornou um negócio muito frutífero, uma troca muito boa. Mas incomoda no início e aí você vê o quanto você traz, o quanto você carrega, então é a minha concepção sobre isso.

P – Você acha que as famílias negras no geral possuem mais equidade entre os gêneros, do que uma família branca? E por quê?

E8 – Todo parâmetro que existe, assim, principalmente nessas questões entre a etnia negra e branca, existe uma defasagem grande, então eu realmente não acredito nessa equidade não. Mas também não sou a pessoa mais indicada pra falar no assunto. Tem temas que você procura e consegue criar uma relação com ele e se aprofunda, mas tem temas que não. Eu não seria a pessoa mais apropriada pra falar sobre isso, mas eu acredito que hoje há muitos movimentos buscando isso. Eu acredito que não tá, mas eu acredito que a gente uma hora vai chegar, a equalização de uma diversidade de temas, e principalmente essa.

P – E você acha que tem alguma diferença do que é esperado socialmente de um homem branco e de um homem negro?

E8 – Toda a minha concepção de vida, quando as pessoas olhavam pra mim, nitidamente elas esperavam o fracasso. E isso aí sempre foi bem claro, e por mais que você não se preocupe, por mais que você tente não despendar energia pra algumas coisas, algumas leituras você faz, independentemente de onde você esteja apontando. Então você vê que existe um teto de expectativa e assim, toda a minha base familiar, que são negros, eles mesmo acabaram vestindo isso também. E eu também. Tipo, eu falei com você, eu lido com empreendedores e hoje eu vejo facilmente como eu poderia estar ocupando ali, mas eu mesmo me sabotei muitas vezes por acreditar numa questão que me impuseram, com toda construção de raça e tal, que eu não ia chegar em algum lugar. E hoje você vê nas escolas de formação, nos cursos de preparação, nos cursos de qualificação, a espera de que essas pessoas que não sejam pessoas negras, é que elas realmente vão ocupar posições aqui, elas realmente têm uma condição de longevidade profissional maior, entendeu? Agora também muito dessas construções... de fato, por muitas vezes eu vi coisas, na verdade eu não vi, eu refleti coisas. E aí hoje em dia eu vejo perfeitamente que é uma coisa que eu tenho que trabalhar também, pra continuar assim, superando os meus limites. E eu tenho certeza que isso é uma questão de muita limitação pra muitas pessoas, muitas mesmo. Hoje os meus

auxiliares, por exemplo, são pessoas que não precisam de formação e tal, e... digamos que 70% deles são negros. E se você conversar com eles, são pessoas altamente capacitadas, são pessoas que tem um bom discernimento, são pessoas que tem uma boa argumentação, e aí você não entende o porquê que não... porque faltou isso, faltou aquilo, faltou aquilo outro e tal. E a oportunidade realmente não é plena, às vezes ela não é clara, mas você vê o quanto essas pessoas... essa questão de limitação imposta, o quanto elas abraçaram essa ideia e se mantiveram estagnadas no mesmo lugar, entendeu? O mais engraçado é se você perguntar: “quem criou? Quem falou?” A coisa vem de forma tão indireta, a coisa é absorvida de forma tão involuntária, que você nem sabe. “Mas quem falou isso pra você?” Eu não sei. Nunca chegou diretamente. Então não sei até onde tá o problema, entre social e pessoal, mas que de fato existe, existe. Uma projeção muito maior para as pessoas que tem uma condição assim de etnia branca, isso aí é perceptível.

P – E você acha que é fácil ser um homem negro?

E8 – Hoje eu não tenho problemas com isso. É engraçado, lugares que eu fui no passado que eu tive problemas com a minha estadia lá, hoje eu volto lá e tenho outro *status*, outra conjectura. Então eu acho que a sociedade, ela evoluiu num todo, acho que toda essa disseminação de humanização, ela por mais que seja um pouco, ela tá permeando as pessoas, e hoje eu não vejo problema nisso. Na verdade, eu vejo até *status*, né? Então... é uma coisa que hoje eu tenho orgulho de ser, não só pela questão de cor, mas pela questão social que teve que ser desafiada e que ainda ela foi potencializada porque abrangia a questão da raça. Hoje você sente orgulho, que você sustentou tudo isso, abraçou tudo isso, e a gente vive um outro momento social, que as pessoas reconhecem, valorizam e aceitam. Então hoje eu digo que não é a questão que seja fácil, mas hoje você tem uma outra estrutura pra lidar na sociedade com esse tema e com essas questões. Então hoje eu não vejo problema em ser um homem negro na sociedade, pelo contrário, acho que a gente pode agregar muito pela experiência de ter vivido, é só a gente saber transformar isso e não poetizar muito, é toda uma questão que seja assim, bem palpável pra falar para as pessoas, pra que as pessoas entendam, que elas reflitam certos atos que no passado pudessem ter trazido problemas pra outras pessoas. Eu acho legal.

P - E o que dizem sobre homens negros na cultura brasileira?

E8 – Você tem dois aspectos aí, você tem aquele... você tem o aspecto pejorativo, que ainda eu vejo, que as pessoas ainda trazem aquela associação do que é mal feito. “Pô, isso é coisa de preto.” E tal e não sei o quê. E você tem toda essa questão dessa vivência, dessa trajetória dificultosa, que as pessoas acabam reconhecendo né, acabam valorizando isso, e aí fica um sentimento de gratidão muito grande, sentimento de troca, de valorização, que é muito bacana que você se sente muito acolhido. Então hoje se eu tivesse que contextualizar, eu diria que hoje a gente tá em ascensão no mercado, então acho muito bacana, vejo com bons olhos pelo menos assim, a minha rotina, a minha vivência, e não é só por uma questão da localidade de onde eu vim não, da localidade de onde eu vim também. Hoje a gente tem um bom reconhecimento em relação a isso e assim, uma boa equiparação em relação a um todo.

P – Certo. E... como você acha... é um pouco mais do que você falou né? Como que você acha que tá a discussão sobre racismo, sobre masculinidades negras e sobre feminismo no Brasil?

E8 – É... então, sobre o racismo, eu vejo que a gente chegou num ponto muito bacana, que é ponto até importante, que a gente não pode se perder, um ponto que já deflagra, assim, ações que vão impactar futuramente. Essas ações elas têm que ser muito bem pensadas, eu acho que tudo é trazer

essa estrutura, porque coisa ainda de vitimismo já não é mais interessante. Cara, é claro que um monte de gente que ainda não tem uma construção legal vai acabar trazendo tudo isso, você vai ver opiniões de pessoas preconceituosas, isso vai existir, entendeu? A grande realidade é que a gente não vai mudar todo mundo, mas a gente pode mudar uma estrutura que seja significativa pra manutenção e a transformação de toda essa condição. Então acho que a gente chegou num momento muito legal. Essa parte de masculinização, eu acho que também tá sendo muito bem desenvolvida, porque realmente eu acho que há de haver uma conscientização de que todos os atos praticados até hoje, de certa forma eles oprimem o sexo feminino, e também as pessoas que optam por outro gênero, então acho que tem que haver essa conscientização, mas a conscientização é como eu te falei, eu acho que tem que estar num nível da dignidade humana, porque quando você respeita o nível de dignidade da pessoa humana, isso tá muito antes da opção dela ou da qualificação dela. E aí você não fica tendenciando se é isso ou se é aquilo. Que é a mesma construção do feminismo, acho que se luta tudo é a construção igualitária, onde não tem que reprimir uma pessoa, lançar um olhar fulminante ou pagar um salário diferenciado por ela exercer a mesma função ou ela ter que se tornar submissa dentro de um relacionamento, ou porque existe uma construção pra isso, entendeu? Uma construção onde o tempo já tá lavando isso. Então acho que toda parte de masculinidade, a parte de feminismo tem que ser batida em cima da dignidade. Se a gente respeitar essa condição do ser humano, então, se antes eu olhar você como ser humano, em vez de olhar você com a sua opção ou seu gênero, é aí que a gente vai começar a construir coisas que são muito valorosas, acredito nisso. Então acho que todos esses desmembramentos devem ser voltados pra isso, entendeu? Pra questão do ser humano que é a questão essencial, acho que se a gente vai construir alguma coisa que tem que ser justa e igual, a gente tem que reduzir todo mundo ao que todo mundo realmente é, seres humanos. Eu acredito nisso.

P – E qual a sua relação com a branquitude?

E8 – Branquitude? Eu nunca parei pra pensar nisso. O que seria uma branquitude?

P – Conjunto de pessoas brancas, valores que elas representam, o modo como elas se organizam.

E8 – Eu não sei se isso é um grupo ou se é um...

P – Com pessoas brancas.

E8 – Ah, eu não tenho problema nenhum. Como falei pra você anteriormente, eu enxergo as pessoas como seres humanos. Então, independente de condição social, independente de raça, independente de gênero, eu acho que você... as pessoas vão lembrar de você, não pelo que você tem, ou pelo que você é, mas pela maneira que você as trata. Então assim, eu sempre procuro me relacionar com as pessoas bem, sempre procuro ter intensidade, porque eu acho que é a única coisa que a gente vai levar desse lugar, entendeu? Essa troca que nós estamos tendo aqui, essa troca que eu tenho com um novo membro da minha equipe, essa troca que eu tenho quando eu vou lá pra fora e conheço pessoas de outro grupo, então, sempre procuro ter intensidade na relação. Eu acho que é só dessa maneira que o outro desenvolve, não tem como você desenvolver sua vida se não interagir com o outro. Agora se você começar a tornar isso seletivo, eu acredito que o seu desenvolvimento é limitado. Então “ah, eu só vou me envolver com negro, só vou me envolver com branco, só vou me envolver com isso.” Eu acho que não, o mundo é de uma complexidade muito grande e você é obrigado a viver nele, eu acho que você não deve ser recluso, acho que você tem que aproveitar toda essa oportunidade. Então, independente de qualquer coisa, eu me dou muito bem com pessoas, não é que eu me dou, procuro. Nem sempre a gente vai agradecer, nem

sempre a gente vai criar a questão da empatia, a questão da simpatia, mas de uma maneira geral a gente procura ser sempre respeitoso com todo mundo. Não agrada, a gente já afasta um pouquinho, procura absorver o que há de qualidade naquilo. Eu tô numa fase que já passei do tempo de criticar, acho que tô na fase que tenho que entender aquilo, e então se existem pessoas praticando alguma coisa que eu não vejo com bons olhos, eu tento entender como que ela chegou àquela concepção... pra saber também se tem algum respaldo, se tem alguma coisa ali que justifique o comportamento. Se não, acho que assim, o mundo é grande, né? Pô, você pode ficar no teu espaço e eu posso ficar no meu, seguir caminhos distintos e ser bem-sucedido aí.

SEGUNDA PARTE

P – Por que você acha que na sua área é diferente do resto das empresas? É mais meritocrático e tem mais pessoas negras em gerência?

E8 – Não porque eles são conscientes, é porque eles tem problema e precisam de gente que tenha criatividade pra resolver, e se essa pessoa for negra, branca, se essa pessoa for trans, se essa pessoa for homossexual, eles não estão nem aí, porque o que eles querem mesmo é ganhar dinheiro, eles querem rentabilizar. E então não existe nenhum cunho social, nenhum cunho humano nisso. Existe realmente um cunho de interesse em envolver, monetizar, e aí eles precisam de personagens que tenham essa capacidade, dar resultados a eles. Pra mim, na minha concepção, é só essa questão e mais nenhuma. Isso fez com que eles abrangessem mais toda essa questão relacional. Então você não vê, assim, muito preconceito com isso, você vê preconceito quando você vai nas funções que são mais executoras. Nessa eu vejo muito machismo na minha área, vejo machismo muito acentuado, e um pouco de preconceito também, mas mais também com regionalidade, com coisas... parte racial um pouco, mas assim, nas esferas mais gerenciais e de diretoria, eles estão interessados no que você pode entregar pra eles. De resto eles não estão nem aí.

P – E a sua área no caso, você coordena que tipo de profissionais?

E8 – Eu coordeno desde auxiliares de mergulho, mergulhadores, supervisores, coordenadores de manutenção, chefes de manutenção, e a parte de gerência dos outros segmentos. Então gerencia... toda essa parte. A minha é a gerência operacional, então toda parte operacional tem que se reportar a mim, entendeu? Toda parte de planejamento, toda parte de execução, a gente desmembra junto, então hoje eu consigo desde o momento em que a assimilação desse profissional, da entrevista desse profissional, até a parte de concepção dos equipamentos, até a parte de planejamento e engenharia do trabalho, eu consigo acompanhar e executar junto com eles, entendeu?

P – E são em plataformas?

E8 – É, a gente trabalha tanto em plataforma, com toda estrutura naval e toda estrutura que for do ramo civil, mas que tiver disposta de maneira *offshore*, entendeu? Então, lá na empresa, nós somos habilitados à engenharia de estrutura submersa, então se você quiser construir uma casa no fundo do mar, a gente tem competência técnica pra realizar isso. E aí os profissionais são habilitados e qualificados, nós temos um programa de qualificação pra poder atender as necessidades dos nossos clientes. Então a gente desenvolve esse trabalho lá. Comigo é só a parte operacional, equipamento e gente é comigo.

P – Você diz na primeira entrevista que se incomodava quando a sua companheira pagava certas coisas pra você. E hoje, é um problema se a mulher ganha mais do que você?

E8 – Não, hoje pra mim é uma solução. (Risos). Eu vou ficar muito feliz... porque você vê, por exemplo, se você tá com uma parceira, uma companheira, e isso tem que estar associado também a um ambiente de trabalho bom, onde a pessoa consiga resplandecer isso: “eu tô ganhando bem, porque eu tô trabalhando bem, porque eu tô feliz.” Isso é legal, positivo e isso acaba afetando a qualidade da tua relação, na qualidade do ambiente de lá. E assim, acaba amenizando problemas também, porque aí você tem condição de fazer uma gestão financeira que te dá um... que você fique melhor assessorado, que você... em momento que você tenha adversidade, você consiga lançar mão, você tem muita preocupação, isso contribui pra saúde do casal, não é um fator primordial, mas é uma coisa que facilita muito. Se a pessoa que tiver comigo hoje ganhar mais do que eu, eu tô rindo à toa, se tiver feliz e realizada, excelente. Não tem coisa melhor do que uma mulher feliz, entendeu? É o avesso de uma TPM, eu acho que isso é sinônimo de prosperidade de um relacionamento interpessoal. Pô, isso é bacana, né? Porque aí você vai longe, você acaba trazendo paz interior. Queira ou não, a relação, principalmente pro homem, ela é o porto seguro, ela é o aporte. Uma coisa que eu sempre digo, às vezes calha de ter uma interpretação errada ou não, eu nunca vi um homem fiel a uma mulher. Eu acredito sempre nas minhas observações e na observação da minha própria vida, o homem é fiel ao relacionamento dele. Então se aquele relacionamento tem cumplicidade, tem sinceridade e entrega, eu acredito que não vai haver traição, não vai haver qualquer tipo de problema que não possa ser superado, entendeu? E claro que uma pessoa realizada financeiramente, profissionalmente, afetivamente, ela só tem que o que contribuir com toda a conjectura dessa relação.

P – E quais os caminhos que você enxerga pra resolver os problemas que a gente tratou nessa conversa?

E8 – Eu acho que o ser humano precisa de uma filosofia de vida. Uma filosofia de vida, eu acho que é o que te direciona à questão de um propósito, então quando você trabalha em torno de um propósito, você tem alguma coisa que te mantém nesse caminho, você começa a enxergar que você tem qualidades, que você tem potencial. Eu acho que muito dos problemas que nós temos é a falta de confiança do ser humano em si mesmo. Eu acho que se todo mundo acreditasse que tem a capacidade, ninguém precisaria estar ofendendo ninguém, ninguém precisaria estar criando grupos pra se favorecer ou pra se privilegiar. Então eu acredito que muito desses problemas seriam resolvidos com uma filosofia de vida, entendeu? Que tá aí ligado num propósito também. Então eu acredito que os nossos problemas sociais, governamentais, eles vão ser resolvidos do povo pra lá, e não de lá pra cá. Um sistema de conscientização eficaz que consiga fazer com que o ser humano enxergue a própria essência, a própria condição de vida dele, de uma maneira plena, eu acredito que isso é o suficiente. Ninguém que é feliz, desculpe o termo, fode a vida do outro. Ele só trilha o caminho e dissemina aquilo. É o que eu vejo nas pessoas felizes. Então, a pessoa feliz é aquela plenamente satisfeita e plenamente integrada da capacidade dela. Então ela só tende a trilhar esse caminho aí, ajudando e fazendo o bem. Então eu acredito que se a gente chegar no maior número de pessoas possíveis e conseguir fazer com que elas enxerguem o próprio potencial, eu tenho certeza que a maior parte do nosso problema vai estar resolvido: social, psíquico, sentimental e por aí é um reconhecimento meu, e a gente não vai mais precisar ter discussões... condições polarizadas ou separatistas.

P – Agora chegamos na última pergunta. A última pergunta é sobre mim: como você se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca? Se você acha que seria diferente, melhor ou pior, se você fosse entrevistado por um homem negro, por exemplo. Se você se sentiria mais à vontade ou não e se você tem alguma recomendação pra mim.

E8 – Na verdade, eu não... pra mim não tem nenhuma diferenciação, né? Não sentiria... não me vejo sentindo mais à vontade ou não, eu acho que quando você se abre pra um diálogo, acho que você tem que ser verdadeiro, não importa quem esteja aí. Acho que a proposta foi essa, né, então... pra mim é sem problema algum. E, assim, em relação a sugestão eu... eu não vejo uma assim no primeiro momento com facilidade. Acho que foi bem conduzida, as perguntas estão... acredito que estejam bem pertinentes, pelo menos ao escopo ao qual você me narrou, né? Eu não sei quais são as outras pessoas, mas acredito que essa questão da trajetória de vida também possa ser uma coisa que possa agregar muito no seu trabalho, porque independente da questão da etnia ou não, as pessoas que tem etnia negra e vivenciaram uma condição de vida social um pouco mais difícil, elas vão ter uma intensidade muito maior pra narrar pra você em relação ao desafio, em relação a toda essa vivência em torno de tudo aquilo que você perguntou. Claro que nem todo mundo da mesma classe social vai ter os mesmos problemas e as mesmas oportunidades, vão ter coisas diferentes, mas eu acredito que quando você vivência, uma trajetória, na qual realmente você tenha um pouco mais de adversidade, o teu nível de percepção e todos os seus sentimentos se aguçam. E isso causa uma interpretação muito maior na sua vida, tanto pra sua projeção, quanto pra toda aquela estrutura passada que você pega referência em se apoiar e ajudar o outro. É uma questão legal... eu só tenho te parabenizar aí, em relação ao trabalho que tá desenvolvendo.

Agradecimentos.

TRANSCRIÇÃO NONA ENTREVISTA

Entrevistado 9: Nilton, 25 anos, Ensino Superior em Relações Internacionais, Assistente de Comércio Exterior, Solteiro, Agnóstico, Nova Iguaçu, Classe C, Heterossexual, Negro, Gênero Masculino.

P - Pesquisadora

E9 - Entrevistado 9

P – A primeira pergunta é bem geral, gostaria que você me falasse como você considera ser a sua experiência enquanto homem negro no mercado de trabalho do Rio de Janeiro. Eu vou ouvir a sua história sem te interromper.

E9 – Tá, beleza. Então... assim, desde antes de entrar no mercado de trabalho a gente... convivendo nessa sociedade a gente sabe mais ou menos como as coisas são diferentes dependendo de quem você é, entendeu? Só que assim, pra mim, eu até me considero bem privilegiado, porque a minha jornada no mercado de trabalho sempre foi muito boa, eu sempre consegui... eu estagio desde o quarto período da faculdade, depois eu já fui passando por várias empresas, então, assim, eu tenho uma certa experiência, até pra alguém da minha idade mesmo, e eu nunca senti que a cor da minha pele me atrapalhou diretamente nessa jornada, entendeu? Assim, nunca me senti discriminado, sei que eu sou a minoria nesse caso, tenho essa consciência, mas particularmente eu me sinto privilegiado por conta disso, não me sinto muito afetado por conta disso diretamente, mas as diferenças a gente vê, né? Por inúmeras empresas eu era o único negro do escritório, na própria faculdade, na época da faculdade também eu era o único da sala, por aí a gente vai vendo. Mas, enfim, diretamente a minha resposta é mais ou menos essa.

P – Certo. Então você nunca sofreu nenhuma discriminação por ser negro?

E9 – Não. Não que eu tenha percebido, não que eu saiba.

P – Nem dentro do mercado de trabalho e nem fora dele?

E9 – Não.

P – Certo. E você acha que no Brasil, as pessoas acham que existe racismo?

E9 – É, a maioria das pessoas acredita que ainda existe o racismo, mas elas não entendem como ele funciona na real, entendeu? Elas acham que muita coisa é mimimi, elas não têm noção daquele racismo estrutural, social, que não é tão explícito assim, elas acham que racismo é só você cometer uma injúria, você falar que uma pessoa é negra, ou você fazer algum outro tipo de racismo, discriminado com alguma outra forma de raça, mas é aquilo, o racismo também é estruturado na sociedade. Eu acho que esse racismo, a maioria da população brasileira não tem consciência que existe de fato.

P – E como que é a sua relação com o seu trabalho? Ele é importante pra você?

E9 – Sim bastante, é uma empresa legal, uma empresa que eu quis trabalhar e... eu sou assistente hoje em dia, mas assim, lá tem um plano de carreira, eu gosto muito do que eu faço, já me deram uma nova função, eu também faço parte da logística nacional agora, tô desenvolvendo um projeto importante. Então pra mim, assim, tá nas coisas mais importantes da minha vida, e é uma coisa que eu gosto muito.

P – E com que idade você começou a trabalhar?

E9 – Ah, com 18 anos eu já tava trabalhando. Com 18 anos fiz meu primeiro estágio.

P – E aí você tinha que conciliar trabalho e faculdade? Estágio e faculdade.

E9 – Sim.

P – E a sua família precisava da sua ajuda pra manter a casa?

E9 – Não.

P – E como você acha que é em média a educação pra um jovem negro no Brasil?

E9 – Bem ruim, a qualidade bem baixa. É uma educação que não faz ele ser alguém competitivo no mercado de trabalho, se você pensar nos bons empregos, empregos em grandes empresas, ou mesmo que seja no setor público, em grandes órgãos públicos, e por aí vai. Eu acho que não... não é uma competição pau a pau com a educação privada e de maior qualidade.

P – E como que foi o seu caminho pra chegar até à universidade?

E9 – Então, eu sempre estudei em escola particular, e na época eu prestei vestibular pro Enem, mas na época que eu prestei vestibular, era o primeiro ano que o Enem tava nesse novo modelo, então foi bastante complicado. Eu queria UFRJ na época, mas não consegui pontuação, e eu já conhecia o “(nome da faculdade privada)” através de amigos e quando eu passei a procurar mais sobre a universidade, até tava preferindo lá do que a UFRJ. Eu fiz um financiamento, os meus pais não tinham grana pra pagar a mensalidade inteira e mais os custos da faculdade, então eu financiei a faculdade, mas meus pais me deram todo apoio, não só com as escolas boas, pra eu conseguir acompanhar o ritmo daquela faculdade mas, por exemplo, moradia, eu morei bastante tempo perto da faculdade, e o meu pai praticamente custeou isso, entendeu? Então esse, basicamente, foi o meu caminho.

P – E o que você acha do sistema de cotas?

E9 – Então, o sistema de cotas, ele funciona, mas na minha concepção é pra ser uma coisa transitória, entendeu? Até pelo que a gente tem de exemplo do sistema de cota em outros países, em outras sociedades, a coisa funciona, você só não pode deixar uma coisa *ad eternum*. E o sistema de cotas, ele serve simplesmente pra você tampar, né, achar uma paridade com uma certa parcela da população que está fora desse lugar onde tá sendo aplicado o sistema, entendeu? Então por exemplo, a gente há alguns anos, se você pegasse as universidades do Brasil, pode ser tanto a pública, quanto a privada. Você vai ver que, assim, claro, eu tô chutando, né, mas era 1 negro pra cada 10 estudantes, vamos colocar assim, eu não tô me baseando em nada, é um chute, mas a gente sabe que a proporção era muito discrepante, né? Então o sistema de cotas, ele equipara, porque de certa forma, ele faz mais negros estarem nas universidades, ou para concurso público, ele faz mais negros estarem participando dos concursos com uma chance, entre aspas assim, igual de brancos que estudaram em universidades boas ou colégios bons, e negros também, que tiveram essa oportunidade, como eu. O sistema de cotas, eu acho que ele equaliza, mas não tô dizendo que o nosso sistema de cotas é perfeito também, não adianta você colocar uma pessoa na universidade e ela não ter dinheiro pra custear a vida de universitário, ou ter a capacidade de acompanhar, porque algumas universidades são puxadas, então acho que é uma coisa que precisa ser melhor trabalhada aqui no Brasil, acho que funciona, mas, assim, agora que a gente já tá caminhando pra uma igualdade, eu acho que é a primeira vez que a gente tem mais negros em universidades federais do

que brancos, e isso já é um resultado também do sistema de cotas, então acho que agora a gente tem que dar o próximo passo, pra começar a tentar tirar isso, e, sabe, ir melhorando a educação dessa parcela mais esquecida de outras formas, entendeu?

P – E agora você trabalha, né? Como você conseguiu esse trabalho?

E9 – Então, na época que eu comecei a trabalhar lá eu tava desempregado, eu tinha acabado um trabalho meu, que era um contato temporário, e eu sempre mantive o contato com as pessoas da minha turma, com as pessoas dos meus trabalhos anteriores, e uma amiga minha, de longa data trabalhava na “(nome da empresa)”, que é essa empresa que eu trabalho, que é uma indústria francesa de aromas e fragrâncias. Ela trabalhava no setor de exportação e ela ia se mudar, ela se mudou, na realidade, pra fora do Brasil, e abriu essa vaga, e aí eu fiz o processo seletivo. Foram 3 fases de processo seletivo, e eu consegui ser aprovado. Isso já vai fazer 2 anos agora, foi em janeiro de 2018, e eu já tô lá vai completar 2 anos.

P – E como que é o ambiente organizacional lá?

E9 – Bom, é um *mainstream* de empresa, assim, você tem a divisão de setores, você tem tudo muito bem dividido, você tem plano de carreira, você tem a hierarquia muito bem dividida, a gente tem um setor de recursos humanos que tá sempre tentando agregar o máximo possível, fazendo políticas de boas práticas...é mais ou menos isso.

P – E você se sente confortável lá? É tranquilo?

E9 – Sim. É um lugar que... gosto muito de trabalhar, poucas coisas me incomodam lá.

P – E você já foi promovido ou acha que tem chance de ser?

E9 – Então, eu recebi uma semi-promoção em maio desse ano, e eles me botaram pra desenvolver um novo projeto, que se der certo eu posso colher frutos, entendeu? Mas paralelo a isso, na parte da exportação, que era o que eu comecei a fazer lá desde o início, eu acho que talvez eu possa ser promovido ano que vem, vai ter uma análise de metas e tudo mais, e eu acho que com o trabalho que eu fiz até agora, é uma coisa a se considerar.

P – E o que você pensa da importância de se possuir *networking*?

E9 – Eu acho que é uma das coisas mais importantes que qualquer um, em qualquer área, possa ter, porque as pessoas podem não perceber, mas basicamente tudo que você consegue também envolve um pouco de *networking*, é você estar no lugar certo, na hora certa, e é muito importante você olhar para as pessoas, assim, para as pessoas da sua universidade, para as pessoas do seu convívio, do seu círculo social, porque a gente não sabe o dia de amanhã, entendeu? Então é aquela coisa, “você nunca sabe quando vai precisar” é a tradução do *networking*, e principalmente quando você trabalha no mercado, você sabe que o *networking* é muito importante, principalmente se você é uma pessoa que deseja crescer e tudo mais. E o *networking* não é só aquela coisa de você estar perto de pessoas que possam te beneficiar, não é isso. É com boas relações também e por aí vai.

P – E como que funciona essa rede pra pessoas negras, você acha?

E9 – Eu acho bem mais difícil, na verdade eu não acho, eu tenho certeza, entendeu? E por exemplo, eu sempre andei, assim, em grupos de pessoas brancas, desde sempre, desde a época da escola e tudo mais, então, de certa forma, eu tinha que ter meio que isso intrínseco na minha cabeça, que eu deveria agir de uma forma X pra estar andando com aquelas pessoas, porque, se não, eu poderia

ser tratado de uma forma diferente, entendeu? E isso é muito claro, e isso vai desde a época do colégio, como o jeito que eu tenho que me vestir no trabalho, se eu quero interagir com pessoas com cargos mais altos que eu, pessoas mais velhas que eu, pessoas mais experientes, entendeu? Não é o certo, mas é o jeito que o mundo é.

P – E qual seria a forma que você tinha que agir com as pessoas do grupo? Seu grupo de amigos, as pessoas brancas.

E9 – Vamos, lá por exemplo, a gente quando é adolescente, a gente é muito esporrento, a gente é muito espalhafatoso, quando a gente anda em grupo, a gente sempre grita muito, faz algazarra, todo mundo já foi assim, mas eu, por ter, assim, isso na cabeça, de: “caramba, você não pode... entre aspas, fazer algo que as pessoas vão te julgar”, eu sempre fui muito comedido, sempre pensei muito nos meus atos, principalmente em público, tipo, “cara, não usa esse tipo de roupa nesse lugar porque podem achar que você é um bandido” ou “não faz um tipo de coisa nesse lugar porque podem achar que você tá fazendo alguma coisa”, entendeu? E por aí vai.

P – E isso veio de casa? Por exemplo, a sua mãe falava alguma coisa nesse sentido ou você que desenvolveu esse tipo de pensamento sozinho?

E9 – Foi uma coisa que eu desenvolvi basicamente sozinho, a gente aqui em casa nunca teve... claro, a minha mãe sempre fez questão que a gente se comportasse bem, se arrumasse bem e tudo mais, até por conta da educação, da etiqueta, mas nada que exacerbasse, ao ponto dela falar: “Olha filho, se você for em tais lugares, se comporta...” Não, é uma coisa que eu acabei construindo mesmo.

P – E como você acha que você foi percebendo essas coisas? De que você tinha que se comportar de uma forma diferente?

E9 – Eu acho que não foi por algo que aconteceu, eu sempre fui muito perceptivo e tudo mais, então, assim, por exemplo, eu via amigos meus correndo no shopping, amigos brancos meus e tudo mais, e eu sabia que se eu corresse no shopping poderia não ser interpretado da mesma forma por seguranças ou alguma coisa assim. E por ser muito perceptivo, eu sempre tive muito isso pra mim.

P – Entendi. E você acha que há divisão racial do trabalho? Que há trabalho de pessoas brancas e trabalho de pessoas negras?

E9 – Olha, na prática sim. Na teoria não, mas na prática sim. Mais por conta da carga histórica da coisa, entendeu? Uma família de negros que, por exemplo, há 80 ou 100 anos atrás tinha um subemprego, que não teve uma ascensão social por quaisquer motivos que sejam, é muito difícil que os filhos, netos, e bisnetos tenham uma vida diferente, entendeu? Claro que quanto maior o intervalo, mais variável isso fica mas, por exemplo, dificilmente um pai, negro, faxineiro, dificilmente, sem que certas coisas aconteçam e mudem esse contexto social, dificilmente o filho dele vai ser o que o filho de um médico branco seria, entendeu? Então você acaba tendo uma gama de profissões e de cargos que acabam sendo cargos de negros, é só você entrar por exemplo numa empresa grande da vida, você vê a quantidade de faxineiros que são negros e a quantidade de executivos que são negros.

P – E na sua empresa, por exemplo, qual é a proporção de pessoas negras na gerência ou em diretoria?

E9 – Nenhum. Talvez o primeiro seja eu daqui a pouco.

P – Tomara. E de quantas pessoas? É muito grande a sua empresa?

E9 – Ela é multinacional, ela é francesa, então... ela tá em 36 países e tem mais de 7 mil funcionários espalhados pelo mundo, fora os terceirizados. Aqui no Brasil a gente não é tão grande quanto nos outros países, mas é uma empresa razoavelmente grande também. A gente tem... 6 diretores divididos entre dadas hierarquias, 6 ou mais, talvez uns 7 ou 8, nenhum deles é negro, e... gerente a gente tem dezenas, e nenhum deles é negro.

P – E você acha que há discriminação racial na contratação e na promoção de candidatos?

E9 – Sim, com certeza.

P – Você já viu isso acontecendo? Porque com você, você disse que nunca passou, né? Mas tem algum amigo...?

E9 – Não não, nunca vi. Como eu disse né, comigo nunca aconteceu, mas, assim, quando a gente vai chegando a cargos mais altos você acaba ficando dependente das decisões de pessoas que são mais velhas, pessoas que não tem um pensamento tão moderno quanto a gente, pessoas com muito dinheiro, pessoas de fora do Brasil, aí eu acho que o preconceito vai aumentando conforme passa essas etapas que eu acabei de comentar, e por conta disso eu acho que o fato de, por exemplo, na minha empresa você não ter praticamente ninguém, você não ter uma pessoa negra em nenhuma posição de gerência ou diretoria, pode ser reflexo disso. Eu não duvido que possa ter havido algum caso aí, com o passar dos anos, que chegou numa hora de tomada de decisão e isso fez diferença pra alguém, nos cargos acima. Provavelmente aconteceu, a não ser que essa pessoa se portasse de uma forma que não faria diferença pra quem tá promovendo, ou pra quem tá contratando.

P – E por que você acha que esse tipo de coisa nunca te aconteceu?

E9 – Assim, sendo bem franco, eu acho que é porque eu me comporto como branco, provavelmente é isso, quase certeza que é isso. Com certeza é isso.

P – E se comportar como branco...

E9 – Cara, se comportar como branco é você basicamente, assim, se comportar da maneira de pessoas com um certo nível social, na visão de quem pensa isso. Pessoas com um certo status, pessoas que não vieram de um lugar mais humilde, que não vieram de uma periferia, onde realmente você tem uma grande maioria de negros, se portaria, entendeu? Então é tudo que eu comentei contigo, é eu saber falar, eu saber me expressar, eu saber me vestir, eu saber conversar com qualquer pessoa que seja. Isso seria um comportamento que tipo... aquela coisa que até mesmo a gente ouve, assim, em roda de amigos: “Cara, às vezes a gente até esquece que o ‘(nome do entrevistado)’ é preto.” Não deixa de ser um preconceito também.

P – E você já ouviu isso?

E9 – Já, direto. Todo fim de semana praticamente. Praticamente todo fim de semana... e é claro que a gente releva como brincadeira, porque são amigos e tudo mais, mas não deixa de ser uma forma de preconceito, claro.

P – E o que representaria estar desempregado pra você?

E9 – Pra mim... olha, hoje em dia eu não tenho tanto medo do desemprego, não. Assim, posso falar isso até com certa tranquilidade, e até talvez por conta do meu *networking*, e porque eu tenho

projetos meus também, então eu acho que fome eu não passo, entendeu? Mas assim, em questão de emprego, pra mim, isso não é um problema. Sei que não falo pela maioria aí, não só dos negros, mas dos jovens do Brasil, mas pra mim não seria um problema muito grande.

P – Agora muda um pouco o assunto, é mais sobre masculinidades. Eu queria saber quem é ou foi a sua maior referência de masculinidade.

E9 – Tem meio que uma divisão entre duas pessoas, porque eu treino Muay Thai há muito tempo, e sempre tive isso como atividade minha desde os 12 anos. Eu tenho 25 hoje, então metade da minha vida. E eu tenho um mestre de Muay Thai que sempre foi a minha referência como adulto, assim como o meu pai também, por eu passar muito tempo com ele, por ser esse meio “masculino” da luta... então acabou que por muito tempo, foi. Mas depois de um tempo você acaba fazendo uma certa divisão, e eu diria que muita coisa eu me referenciei com o meu pai e muita coisa eu me referenciei com ele.

P – E como que foi a sua relação com o seu pai?

E9 – Sempre foi muito tranquila, a gente tem uma relação muito boa, ele sempre me apoiou em tudo, qualquer escolha que eu pudesse fazer. Acho que eu tô muito... assim, se tem uma coisa que eu dei sorte, essa de ter um pai como ele, foi uma sorte tremenda. Eu não poderia pensar em muitos defeitos não.

P – E ele trabalhava? Trabalha?

E9 – Trabalha, ele é aposentado do Tribunal de Justiça, ele foi escrivão do Tribunal de Justiça por muitos anos e ele se aposentou há pouco tempo.

P – E qual é a escolaridade dele?

E9 – É ensino superior.

P – E quando você era criança, quem era o provedor na sua família?

E9 – Majoritariamente ele, a minha mãe sempre trabalhou também, mas ele por conta de ter a maior renda, ele provia mais.

P – E você acha que cabe ao homem o papel de provedor?

E9 – Não. Eu acho que depende da família, se por acaso você tem uma família onde você tem uma mulher que tem uma renda maior e ela tem o desejo de ser provedora e o homem apenas complementar, eu não vejo problema nenhum nisso.

P – E se o papel de provedor é negado ao homem por exemplo, que outras formas você acha que o homem negro encontra pra exercer a sua masculinidade?

E9 – Essa eu não saberia responder.

P – Certo. Você é solteiro, né? Mas você tem desejo de casar e ter filhos ou não?

E9 – Tenho.

P – E você acha que o desemprego influencia na vontade de se casar e formar uma família?

E9 – Sim. Porque uma vez que você tá desempregado, não tem um sustento fixo, mesmo que não seja fixo, que seja variável, mas, vamos lá, você tem um emprego, então você sabe que, não tão

bem quanto se você ganhasse muito bem, mas pelo menos você consegue ter um casamento, e depois eventualmente uma família. Eu acho que quando as pessoas estão desempregadas, a tendência é que as pessoas não pensem, tomando decisões racionais, claro, não pensem em constituir família e filhos até que as coisas se estabeleçam, mas nem sempre as pessoas tomam decisões racionais.

P – Você acha que as famílias negras no geral possuem mais equidade entre os gêneros do que as famílias brancas?

E9 – Não. A desigualdade é maior.

P – Você acha que é maior?

E9 – Na minha opinião, acho que é maior. Não, deixa eu pensar. Não, na verdade... é, na verdade eu acho que é maior mesmo, acho que tem mais equidade entre casais brancos.

P – Por quê?

E9 – Por conta de tudo aquilo que a gente já falou, normalmente, a maioria dos casais brancos tendem a ter uma qualidade de vida melhor porque a renda é mais alta e tudo mais. Por você ter uma qualidade de vida melhor e uma renda mais alta, isso te leva, na maioria dos casos, a ser mais instruído, a ser mais desconstruído, a estar aberto a ideias mais modernas, e a questão da equidade entre gêneros é um pensamento, que a não ser que você tenha um certo esclarecimento, que você tenha acesso a meios sociais que te permitiram não ter preconceito... Eu acho que é uma coisa alcançada por quem tem acesso a uma educação melhor, pra quem tem uma renda mais alta, e por questões estatísticas os brancos são maioria nisso, então, eles tendem a ter uma equidade maior, assim. Até em pensamento mesmo.

P – Quais características você acha que um exemplo de homem ideal deve possuir?

E9 – Ah, eu não acho que tenha certas características que um homem ideal deva possuir. Eu acho que, assim, algumas coisas são meio que essenciais pra você viver em sociedade, tanto pra homem quanto pra mulher, entendeu? Senso de comunidade, respeito ao próximo, empatia deveria ser, e por aí vai, mas eu não acho que tenham características que todo homem deva ter. Eu não concordo com essas construções sociais, entendeu?

P – Ser bem-sucedido por exemplo, profissionalmente, ou financeiramente, você acha que é um exemplo de um homem que você admira?

E9 – Sim. Com certeza. Mesmo que a gente tente lutar contra, tem certas coisas que a gente já não... são coisas que estão na nossa cabeça há muito tempo. Então, é muito difícil pra mim pensar no exemplo de alguém muito bem-sucedido e que isso não envolva uma parte profissional. Eu consigo achar exemplos também, mas como a pergunta foi direcionada pra mim, um exemplo de sucesso na vida com certeza seria atrelado a uma profissão boa que não necessariamente precisa ser uma profissão, pode ser um estilo de vida, um propósito.

P – E você acha que tem alguma diferença entre o que é esperado socialmente de um homem branco e de um homem negro?

E9 – Deixa eu refletir um pouquinho... Não. Eu acho que a diferença tá mais em ter renda, nesse caso. O que é esperado de uma criança rica e de uma criança pobre são coisas diferentes, sendo ela negra ou branca.

P – E o que é esperado de diferente dessas crianças?

E9 – Eu acho que assim... uma criança negra e pobre, eu acho que já é esperado que ele continue sendo negro e pobre. E uma criança branca e rica, é esperado que ela continue sendo branca e rica. Então, assim, você pega uma família de alta renda, uma família brasileira branca de alta renda, onde você tem um filho que vamos supor, que aos olhos da sociedade ele não seja tão produtivo. Então, a visão, na minha opinião, é que vai ser o filho de uma família de sucesso que não deu certo, que é a ovelha negra da família. Então se você levar isso pra uma esfera mais humilde, levar pra uma família pobre e negra e tiver um filho que vai continuar sendo pobre e negro, pouco esperavam dele. Não vão esperar que ele fosse alguém de sucesso, assim como o caso do exemplo branco que eu falei.

P – É fácil ser um homem negro?

E9 – Pra mim ou no geral?

P – Pode ser a pergunta dividida numa primeira parte pra você e na segunda no geral, se você quiser.

E9 – Pra mim, sim, mas foi uma coisa que eu tive que lutar por isso, entendeu? Hoje em dia, se é fácil pra mim foi porque eu construí meio que uma reputação pra ter esse respaldo, mas na maioria das vezes não, com certeza.

P – E por quê?

E9 – Por conta do preconceito, por conta da discriminação. Você pega... assim, vamos pegar um shopping de classe alta do Rio de Janeiro, vamos pegar um Village Mall por exemplo, é um lugar que eu ando relativamente tranquilo, entendeu? Mas se você pegar a grande parte da população negra e jovem do Brasil e pedir pra eles darem um passeio naquele mesmo shopping por uma hora, eles não vão se sentir tão confortáveis. Se você botar uma câmera, você vai ver que eles vão ter vários olhares por onde quer que eles passem. Por isso que, pra maioria, não é uma coisa tão fácil assim.

P – E essa reputação que você construiu você acha que é percebida até por pessoas que não te conhecem, por exemplo num shopping?

E9 – Sim.

P – E como? De que forma?

E9 – Assim, as pessoas não olham tanto da forma que eles olhariam pra alguém que tá, sei lá, com roupas humildes, uma aparência mais humilde, e quando olham, assim, quando a gente tá falando em ambientes até mais, mais, mais preconceituosos, eles olham assim, com surpresa, tipo: “nossa, tem um negro bem vestido aqui”.

P – E você acha que existe algum tipo de diagnóstico prescritivo de como os homens negros devem se comportar?

E9 – Eu acho que não, porque isso pode gerar... isso não é a forma que a gente deveria combater essa discriminação. Foi uma coisa que eu apliquei em mim por puro instinto de sobrevivência mesmo, entendeu? No particular, foi uma coisa que eu desenvolvi pra mim e tudo mais, mas não é a melhor forma de você curar o preconceito. Tipo assim, alguém de *dread*, com uma camisa sem

manga, largado, porque é o estilo que a pessoa escolheu, deveria ser capaz de entrar em qualquer lugar do Brasil sem ser malvisto, sendo negro. Então eu acho que você dar uma cartilha de *how to behave* não seria a solução.

P – Mas você acha que existe hoje?

E9 – Existe.

P – E você acha que você atende a essas normas, por exemplo?

E9 – Sim. Com certeza.

P – O que você acha que dizem, ou você vê dizendo sobre homens negros na cultura brasileira?

E9 – Então, a gente tem certas referências, principalmente no meio artístico, né? Mas ainda há uma falta de representação em alguns campos e em algumas esferas da sociedade. Se pensar em futebol, eu posso pensar em 10 aqui em 10 segundos, mas se você pensar por exemplo, na política, já começa a faltar referência, no meio acadêmico, no meio intelectual... e quando há uma referência, eles tentam esbranquiçar a pessoa, Machado de Assis e várias outras personalidades, que foram pessoas negras, e que foram meio que esbranquiçadas aí, pela sociedade.

P – Como você acha que tá a discussão sobre racismo, masculinidades negras e feminismo no Brasil?

E9 – Vamos por parte: sobre o racismo, ela tá evoluindo, já esta melhor do que sempre foi, mas está longe do ideal. Sobre masculinidade eu acho que tá muito atrasada, muito atrasada, e sobre o feminismo, tá tão atrasada quanto a parte da masculinidade, mas tem mais gente falando sobre o assunto.

P – Você acha que o feminismo e ou o feminismo negro são importantes?

E9 – Sim, com certeza, muito importantes, até mesmo por questões de representatividade. Você ter exemplos de mulheres negras em posição de poder, em posição de sucesso, é importante para meninas negras que procuram, mesmo que do subconsciente, alguma referência.

P – Acho que você já falou um pouquinho sobre isso, mas eu queria saber mais especificamente. Qual a sua relação com a branquitude?

E9 – Minha relação com a branquitude, como assim?

P – Ah, com pessoas branca, com o sistema de valores das pessoas brancas, com a sociedade branca em si.

E9 – Então, eu aprendi a me acostumar, eu nem faço mais muita essa diferenciação. 90% dos meus amigos são brancos e, assim, eu sou supertranquilo com isso, eu costumo não fazer essa divisão entre pessoas brancas e pessoas negras, entendeu? Assim, a minha relação com a branquitude é da mesma forma que é com a negritude, entendeu? Quando tem alguma coisa da cultura negra que eu quero usar, eu vou lá e uso, com um certo cuidado por causa da minha profissão. E a mesma coisa funciona pro lado branco depois. Hoje em dia que eu sou mais bem resolvido.

P – Antes era um pouco diferente?

E9 – É, quando você é criança a tua autoestima é no pé, então eu tinha mais cuidado com algumas coisas, e hoje em dia não.

P – Certo. E quais caminhos você enxerga pra resolver os problemas que a gente tratou nessa conversa?

E9 – Bom, é difícil... eu acho que é uma coisa que vai levar gerações, não serão anos, não serão décadas, serão gerações pra que chegue num nível aceitável. Aceitável que eu digo é preconceito beirando ao zero, porque não existe nada absoluto, né? É uma coisa que vai levar gerações e assim como tudo que acontece hoje é construção social, foram pessoas com idéias pré-concebidas passando isso de gerações e gerações, a forma de você mudar é a mesma, não tem segredo. Você educar as pessoas melhores, desde a base até à vida adulta, você fazer as pessoas entenderem que causas de minorias, o feminismo, o preconceito racial, o preconceito étnico, o preconceito religioso, são coisas imbecis, entendeu? São coisas extremamente imbecis. Então você tem que construir isso na mente de uma nova sociedade, que essa nova sociedade serão adultos mais conscientes, adultos que pensarão como a gente, e que os prováveis filhos deles, filhas e netos também já virão com esse pensamento, até porque ninguém nasce racista, ninguém nasce homofóbico, ninguém nasce machista, é tudo questão de construção social. Então assim, a forma de resolver realmente é pela educação, não tem outra.

P – A ultima pergunta é sobre mim. Como você se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca? Se você acha que seria diferente, melhor ou pior se fosse entrevistado por um homem negro, se você se sentiria mais à vontade ou não. E se fosse por um homem branco, teria alguma diferença? E se você tem alguma recomendação pra mim enquanto pesquisadora.

E9 – Não, Isadora, eu me senti 98% à vontade. A gente nunca fica à vontade com ninguém porque é uma coisa muito sensível e tudo mais, mas assim, me senti muito à vontade com você, acho que não faria diferença nenhuma se fosse um homem branco. Na verdade, acho que na verdade eu me sentiria até menos à vontade... normalmente caras brancos não tem um pensamento tão aberto em relação a essas coisas e tudo mais. Em relação a ser um homem negro, provavelmente não me sentiria mais à vontade do que com você também, entendeu? Até por conta do jeito que você leva a entrevista, você deixa a gente bem à vontade e tudo mais, eu não sinto que me sentiria mais à vontade com qualquer outro perfil aí.

P – Certo. E você tem alguma recomendação pra mim enquanto pesquisadora? Alguma coisa que você acha que eu deveria melhorar, que eu deveria abordar, que eu não deveria abordar?

E9 – Deixa eu pensar um pouquinho. Bom, eu acho que pra essas futuras entrevistas que você vai conduzir, até por conta do seu trabalho como pesquisadora, eu acho que você pode tenta forçar que as pessoas entrevistadas compartilhem mais experiências, eu acho que vai ser mais rico pra tua pesquisa. Não que eu não compartilhei experiência, eu compartilhei também, mas acho que você pedir experiencias, como por exemplo, essa do shopping, “cita uma experiência que você acha que possa ter rolado uma situação x ou y”, eu acho que possa ser mais enriquecedora pra sua pesquisa.

Agradecimentos.

TRANSCRIÇÃO DÉCIMA ENTREVISTA

Entrevistado 10: Deoclides, 34 anos, cursando Ensino Superior em Publicidade, Analista Financeiro, Campo Grande, Casado, Sem religião, Classe C, Heterossexual, Negro, Gênero Masculino.

P - Pesquisadora

E10 – Entrevistado 9

P – A primeira pergunta é bem abrangente, só quero ouvir mesmo a sua experiência. Gostaria que você me falasse como você considera ser a sua experiência quanto homem negro no mercado de trabalho brasileiro e eu vou ouvir a sua história e não vou te interromper.

E10 – Tá. Não é muito diferente dos demais pontos, né? O homem negro, o negro, não consegue se desvencilhar da cor de jeito nenhum, né? É no ensino médio, é na escola, a gente não consegue se livrar muito desse lance de ser negro, sempre a pessoa pega a gente de alguma maneira... e no mercado de trabalho não é diferente, né? A gente tem sempre que se mostrar bem melhor do que as outras pessoas porque foi criado um padrão... ainda mais no meu caso, que trabalho com o mercado financeiro, se você não for dentro do que eles querem, que é o branquinho ali, o homem também, porque pra mulher é muito difícil, né? O homem negro no mercado tem que ser bom, sempre ser bom e não pode deixar dúvida. Esses dias eu tive até um problema, problema não, eu tive uma experiência com relação a ser negro, porque eu sou amigo... antes dessa pessoa ser a minha gerente, ela era minha amiga, aí ela foi e chegou a ser gerente geral, beleza. Aí eu tenho uma admiração muito grande por ela, ou tinha, não sei se eu tenho ainda, porque me contaram umas coisas que eu achei muito desnecessárias que ela falou, que eu achei horrível na verdade, não foi nem desnecessária. Vou até dizer, porque alguma pessoa pode ouvir e deixar de brincar, e talvez seja experiência pra algumas pessoas. Na minha empresa são várias repartições e todas elas são divididas com esse drywall, essas paredes de gesso que são bem fininhas, aí ela... numa situação ela se referiu a uma menina negra também como... eu achei horrível, achei lamentável, eu nem ouvi, umas 3 pessoas vieram me contar porque a gente que tá vivendo isso daí, a gente tá sempre militando, tentando falar com as pessoas, aí me contaram isso sabendo que eu ia repudiar e tudo mais, aí essa pessoa chamou a minha amiga, que não tá mais na empresa hoje, de negrinha do pastoreio. Falei: “porra, que ridículo”, fiquei super chateado, depois daquele dia eu passei a não olhar mais aquela pessoa com aquela admiração toda que eu e tinha, e eu vi que ela se mostrou uma inimiga minha, porque se ela leu aquela menina daquela maneira, ela também me lê daquela maneira e vai esperar uma parada minha pra me chamar de uma outra coisa parecida, né? Nesses últimos 3 meses eu passei por uma situação vindo dela também, mas não foi ofensivo... não diretamente ofensivo, né? Ela tá me prometendo uma coisa que ela sabe que eu quero, tipo, tá me... “vamos fazer isso, vai acontecer isso, preciso de você”, me incentivando, me prometendo o lugar que eu quero chegar e tá nessa... e como as paredes de lá são bem finas, é inevitável que você ouça algumas coisas. Tava passando pelo corredor e ouvi ela falando... falou meu nome, né, “acho que ele não tá preparado ainda”. Pô, mas ela tem total abertura comigo pra falar onde eu posso melhorar ou não, sabe? Aí eu achei que ela poderia ter falado pra mim... e isso na minha cabeça, só me vem que todas as pessoas que chegam ou que querem chegar, as nossas peles têm contraste, né? Aí eu sempre me... me bato nisso aí, eu quero até desvencilhar a minha cabeça disso aí, mas sempre que eu penso e jogo meus olhos em cima dessas coisas, me deparo com isso, e eu tenho a absoluta certeza que isso é uma das coisas que não me deixaram chegar ainda onde eu quero chegar, sacou?

E ela podia chegar pra mim e falar, ou ela podia não me prometer, inúmeras coisas... Teve outro lance também, que foi quando eu vi que ela tinha um problema comigo. As pessoas lá me chamam de rei, mas é porque é carinho, admiração pelo trabalho que eu faço, e aí ela se se sentiu incomodada com isso. E ela pediu pra que não me chamassem mais disso. Pensei: “pô, que bobeira”, né? Aí não sei se ela esperou que eu respondesse, era só pra ver a minha cara: “ele tem nome, não chama ele de rei não.” Só que todas as outras pessoas lá são chamadas por apelidos e tudo mais, só que o problema dela foi só comigo, sacou? Aí eu ignorei e segui, mantive, aí... tem um artista que eu gosto muito e até botei no Instagram esses dias aí, que tem duas músicas que ele fala pra gente não bater de frente, que a nossa emergência incomoda muito, e é isso, né? Eu falei: “quer saber? Eu vou mostrar pra ela que eu sou rei fazendo o que eu sei fazer”. Nêgo continua me chamando... eu não bati de frente com ela. E não fui eu que me rotulei assim, mas as pessoas continuam me chamando assim... é, o mercado de trabalho pro homem negro é bem difícil. Por N coisas, não só pela aceitação, é pela necessidade de não errar, é pela necessidade de não falhar... se você for ver aí nas pontas das cadeiras, nos cargos altos de empresas, você vai ver que o negro é escasso. Esse curso de publicidade que eu faço, vira e mexe a gente tá visitando algumas agências de publicidade, e você vê que as diretorias são tomadas por pessoas brancas, é unânime, praticamente. Praticamente não, eu nunca fui numa agência de publicidade que tinha uma pessoa negra lá sendo diretor de alguma coisa. Quer dizer, é isso que a gente se depara pela frente aí, pra gente chegar, cara, é muito difícil. Uma pessoa branca pode ocupar uma cadeira ali, como por exemplo, pode herdar do pai, da mãe, da avó, e estar ali por consideração. Agora, o cara que é negro e tá sentado naquela cadeira de destaque ali, pode crer que o cara derramou muito sangue pra estar ali, sacou? Porque do avô dele, do pai dele, do bisavô dele... ele herdou o quê? Ele herdou só o tronco, a chibata, o pai do cara não tinha nada, sacou? Pra ele chegar ali, pode ter certeza que ele trabalhou muito pra tá ali onde ele tá agora. E é isso que a gente enfrenta no dia a dia. Eu falei que não tinha negro nas agências de publicidade, as pessoas que serviam eram todas negras. Todas as pessoas que serviam café, todas as vezes que entravam na sala pra oferecer coisas pra gente, as pessoas eram negras. Aí tá a representatividade do negro no mercado de trabalho. Eu falei muito do homem negro porque você pediu, mas a mulher negra acho é pior ainda, é muito pior. E é isso Isadora, falei pra caramba, tô com a boca seca aqui.

P – (risos). Obrigada pela colaboração. Segunda pergunta é se você já sofreu alguma discriminação por ser negro.

E10 – Eu sofro diariamente, cara. Diariamente. Tem vários tipos de discriminação, tem a física, que a pessoa demonstra algum medo, e aí se contrai, abre os olhos... quando tu entra numa fila de caixa eletrônico por exemplo, quando a pessoa vai lá sacar a grana dela, ela olha pra trás, e eu to atrás dela, a pessoa fica... ela sai já. Inúmeras vezes as pessoas já saíram porque me viram atrás delas, ou então atravessaram a rua porque eu tava na mesma calçada, ou então aquele segurança idiota no mercado tá te acompanhando. Isso é uma forma de discriminação, né? Tem várias, cara. Quando a gente apanha muito a gente cria muita casca, né? E aí tem coisas que a pessoa do lado te mostra. Tenho um amigo branco, por exemplo, que o cara tem empatia comigo. Outro dia ele falou: “tu viu? O cara te olhou estranhão”. E eu falei: “pô, nem me liguei”. A gente cria essa casca, né? Quando a gente tá lá no busão sentado, tem um cara em pé, uma mulher em pé, não tem mais lugar, mas a pessoa prefere ficar em pé do que sentar do teu lado e isso aí é... eu só consigo ver dessa maneira. Aí levanta alguém lá na frente e a pessoa vai lá e senta, mas tinha um lugar do teu lado e a pessoa não quis sentar. O preconceito é muito vivo, a gente vive, a gente sente, e é isso.

P – Certo. E você acha que no Brasil, as pessoas acreditam que existe racismo?

E10 – Não, não acreditam não. O pior é que eles não acreditam, cara. Eu não sei se eu vou saber te explicar, mas foi feito um estudo em que a primeira pergunta era: “Você se considera uma pessoa racista?” e a pessoa dizia que não. E “Você acredita que o Brasil é um país racista?” e a pessoa dizia que sim. Vamos lá: 100% das pessoas não eram racistas, mas 100% das pessoas diziam que o Brasil era um país racista. Cadê? Essa matemática não tá batendo. As pessoas não se vêem como racistas, mas as atitudes dela demonstram que elas são. Cara, é desconstrutivo, às vezes uma pessoa que tá do teu lado, a tua mãe, no caso a minha, ela vai ser racista e tu tem que convencer ela que ela tá sendo racista, sacou? Foi criado isso, tá enraizado isso, a pessoa é racista sem saber que tá sendo. A gente vive num país... a gente não, você não mora mais no Brasil, né? Mas eu vivo num país extremamente racista, só que é velado né, cara? O pessoal diz que não é... “Eu não sou racista não porque a minha mulher é preta. Eu tenho um amigo negro”. A pessoa até se escora num negro pra mostrar que não é racista, mas no dia a dia dela, ela é racista, ela tem preconceito, ela olha pra sua cor e atravessa a rua, ela se mostra uma pessoa racista no dia a dia dela.

P – E como é a sua relação com o seu trabalho? Ele é importante pra você?

E10 – Muito, pô, eu sou apaixonado pelo que eu faço, eu gosto muito do que eu faço mesmo, eu me entrego muito, é o que eu gosto de fazer. Eu acho que não faria tão bem se eu não gostasse do que eu faço, sou apaixonado pelo meu trabalho. Eu gosto de pessoas, eu gosto de me comunicar, e o meu trabalho é isso, né? Às vezes eu converso com as pessoas, pergunto: “como é que foi teu dia?”, e elas: “ah, foi igual a ontem”. Ah, não, eu não gosto disso não. Nenhum dia meu é igual ao outro, todo dia tem uma parada diferente, e eu gosto.

P – Com que idade você começou a trabalhar?

E10 – Poxa Isa, eu comecei a trabalhar bem cedo, bem cedo. Não era nem por necessidade não, o meu pai sempre trabalhou e a minha mãe sempre trabalhou também, era mais pra eu ter uma graninha pra eu sair, fazer alguma coisa, por necessidade não foi. Eu já fiz muita coisa, com 12 ou 13 anos eu ia viajar pra casa dos meus avós, que eles são da região dos Lagos, lá eu vendia lata. O meu avô tinha um sítio, e aí boi, tinha um monte de coisa, e a gente vendia esterco. Esterco é adubo, né? A gente enchia o carrinho, comprava uns saquinho pequeninhos, pouca coisa maior que sacolé, sabe sacolé? A gente enchia de esterco e vendia de casa em casa. Às vezes as pessoas compravam mais porque viam um menino com 12 anos vendendo bosta de vaca, desculpa falar assim. Aí fazia um dinheiro de esterco, aí comprava espuminha pra vender no carnaval, comecei a trabalhar bem cedo, um tio meu também comprava mercadoria pra vender na praia, e eu, molecão lá, com os meus primos lá, vendendo mercadoria na praia, refrigerante no sinal. Não era nem por necessidade, era porque eu sempre gostei muito de grana, eu tinha a minha necessidade, vestimenta meus pais me davam, mas às vezes eu queria uma coisa que ia além disso, e eu tinha a minha graninha ali. Mas a minha mãe sempre trabalhou, o que ela pôde fazer por mim, nas limitações dela e do meu pai, eles fizeram. Mas sempre que eu queria algo a mais, eu tinha que correr atrás pra isso.

P – E isso foi por volta dos seus 12 anos?

E10 – É 12, 13 anos. Eu tenho um primo, ele é branco, né, e ele sempre pensou igual a mim, assim, de ter a sua grana, né, de correr atrás. Teve um dia que a gente chutou uma caixa de... em Madureira ali, tinha um monte de caixa de mercadoria assim, e a gente chutou uma caixa que tava cheia de amendoim, muito amendoim mesmo, sabe, de saquinho? Aí guardamos a caixa e no outro dia

vendemos aqueles amendoins todinhos, isso acho que eu tinha menos de 12 anos. Antigamente era menos perigoso, hoje eu não deixo a minha filha sair com 12 anos. Mas antigamente era mais tranquilo de se andar com 12 anos, nós pegamos aquele amendoim e entramos nos ônibus vendendo, abordava taxista em ponto de taxista, era isso.

P – Certo. E você falou que a sua família não precisava da sua ajuda pra manter a casa, né?

E10 – Sim.

P – Era mais pro seu conforto e tal.

E10 – Era mais pra eu ter a minha graninha, pra eu beber meu refrigerante. Pra poder comer um pão de queijo no shopping, que eu sempre gostei e tudo mais.

P – E como você acha que é em média a educação pra um jovem negro no Brasil?

E10 – Pô, cara, é bem ruim, porque a educação pública é bem ruim. A educação pública é voltada pra pessoa que não tem grana, e consequentemente quando você fala de uma pessoa que não tem grana, você vai falar do negro, né? Porque o negro ele foi largado, assim... Ah, acabou a escravidão, agora dane-se. Aí tudo foi voltado de ruim pro negro, por exemplo, o salário mínimo que na época nem tinha, mas era a forma de pagar as pessoas, era... “o cara que ontem trabalhava pra mim de graça, eu vou ter que pagar ele hoje? Eu vou pagar de qualquer jeito”. Pagava de qualquer jeito. Moradia, o cara invadiu a favela pra fazer moradia, e a educação não é diferente, quando a gente tem ideia de educação assim, a gente tem a ideia de educação pública pro negro e é horrível, né? É lógico que tem pessoas brancas também dentro do colégio público. Sim, mas as pessoas brancas que estão ali dentro, cara, se elas não forem imigrantes, é porque os parentes brancos que elas tinham perderam o dinheiro em algum momento, e o negro, não. O negro tá ali porque o destino levou ele pra ali, entendeu?

P – E como foi o seu caminho pra chegar até à universidade?

E10 – Foi bem difícil, cara. Porque a minha mãe se formou, o meu padrasto se formou, o meu pai não se formou, meus pais são separados, e o meu pai veio a falecer, tem uns 2 anos isso... mas foi bem difícil, por quê? Porque eu sempre gostei de trabalhar e é muito difícil você conciliar trabalho e estudo, né? É muito difícil você conciliar esses dois aí e... tipo assim, não consegui passar na pública e tive que pagar pra estudar, e o curso que eu escolhi é um curso um pouco caro, e ainda assim eu consegui pagar metade, que são 600 reais. Quer dizer, dentro de um salário mínimo de 1.000 reais, você separar 600 pra estudar é complicado. É complicado você fazer isso tendo filho, sendo um pai de família, é bem difícil. Aí você tem que fazer essa escolha, aí. Eu fui fazer essa escolha depois que eu vi que se eu não tiver um estudo, não tiver uma faculdade, eu vou estar sempre dentro disso aí, eu não vou sair disso. Se eu não me capacitar e tiver uma condição diferente eu vou ficar sempre dentro disso aí, eu não vou sair disso, eu não vou melhorar. Eu tive que fazer uma escolha. Na real eu tenho que fazer uma escolha todo mês. Todo mês que eu recebo eu tenho que fazer uma escolha... e é isso, é bem complicado, porque assim, a minha mãe se formou porque ela sempre gostou de estudar desde cedo, desde nova, a minha avó fala: “A tua mãe sempre gostou de estudar.” Mas outras pessoas, quer dizer, o meu pai, a minha avó por parte de pai, minha família por parte de pai é toda negra, né? E educação pra eles é trabalho, é suor, não tem isso de estudar. Aí eles não viam prestígio nisso. Eu falava pro meu pai: “Tô apertado pra ir pra faculdade, como é que você pode me ajudar, pai?” Ele falava: “Poxa, larga isso cara. Agora depois de velho, tu vai estudar?” Ele não via valor em educação. Não foi vendido pra ele que educação era importante,

foi vendido que o importante era o dinheiro. O Mv Bill fala numa entrevista dele, que quando ele chegava com dinheiro, porque ele guardava carro na rua, a mãe dele tinha um sorriso melhor do que quando ele chegava com uma nota azul no boletim. A mãe dele ficava muito mais feliz quando ele chegava com dinheiro em casa do que com uma nota azul, e eu via muito isso com o meu pai, que apesar de ter tido a profissão dele e tudo mais, suou pra cacete pra chegar aonde ele chegou, ele não via muito interesse em estudar, se viu, foi depois de muito velho, e aí já tava no final da vida, depois veio a falecer... e é isso, entendeu?

P – E o que você acha do sistema de cotas?

E10 – Acho interessante demais, acho necessário, na verdade. Acho que tem que existir, porque como eu te falei, a cota sempre existiu, mas não foi dentro de lei, dentro de nada... sempre que era feito um estudo nas faculdades, você via que a maioria era branco, a maioria esmagadora era branca, e a minoria era negra, né? Acho que na época era 20%... de 100 pessoas, 20 eram negras. E isso é uma cota, né? Já fizeram sem estar estipulada pelo governo, sem nada. Parecia que tinham limitado: “oh, só pode entrar até determinado número”. Tem curso que você não vê praticamente negro fazer, tipo medicina, engenharia, você não vê. Parece uma cota, parece que essa turma aqui é só pra branco, não pode entrar negro aqui. E se não for a cota isso não vai mudar nunca, a elite sempre vai ser branca, as pontas das cadeiras vão estar sempre ocupadas por pessoas brancas, e assim vai rodar... aliás, não vai rodar, vão estar sempre nas mesmas mãos, nas mesmas peles, e tem que existir, a pessoa tem que chegar, pô. Pouquíssimas vezes eu cheguei num hospital e fui atendido por um médico negro, pouquíssimas vezes um advogado negro pegou uma causa minha, pouquíssimas vezes um engenheiro assinou com a mão preta dele... e isso tem que mudar, não é possível, a nossa população é muito dividida em relação a negros e brancos e pardos, né? É muito dividido mesmo, é 50% de cada, de negros e pardos e de brancos, mas cadê os negros? Os negros estão representados nas cadeias, nas favelas. Enquanto nessas empresas aí, você vai ver só branco. E não é pra ser assim, quando você leva esse número pro Leblon, parece que lá é 100% branco, agora quando tu vem pro Complexo do Alemão tu vai ver que é 70 ou 80% negro. Quer dizer, nos bons lugares o branco é predominância, agora, nos lugares ruins, o negro é predominância. Tem que existir, cara. Tem que existir pra mudar esse quadro. É muita hipocrisia da pessoa que é contra isso aí, falar isso, ou a pessoa é mal-intencionada. Desculpa, eu não sei nem se você é a favor ou contra, mas eu vou dar a minha opinião... ou a pessoa é mal-intencionada, ou a pessoa é gado, tá falando por alguém falou, porque não é possível olhar pra uma turma de engenharia dessas aí, da USP, da UFRJ, da UFF, só tem branco, pô. Não é possível que a pessoa não esteja vendo isso... ou então medicina, enfim... aí tu vê uma formação de uma turma de garis, com todo mérito à galera que dá o sangue pra manter nossa cidade limpa, mas aí tu vê, a maioria tudo negão, pô. A pessoa que não tá enxergando dessa maneira, ou é uma pessoa mal-intencionada demais, ou é uma pessoa totalmente idiota, só quer ser contra mesmo, entendeu? Eu acho que a cota é necessária, eu acho que não tinha nem que ter essa pergunta, acho que a pessoa que é contra tinha que visitar uma UFF dessa aí e ver que a galera é toda branca em determinados cursos, e perguntar: “Por que você acha que tá acontecendo isso?” Aí queria saber a resposta dessa pessoa que é contra. Ou então pegar uma empresa dessas multinacionais aí e perguntar por que a gestão é toda branca. E é isso, eu acho que é necessário.

P – E o que você acha que o sistema de cotas representou na vida dos jovens negros?

E10 – Representou esperança, né, cara? Representou esperança, porque a partir do momento que o cara viu que o amigo dele foi, ele falou: “pô, também posso”, o cara foi também. O cara se viu representado ali, porque a gente não se via, né? Vai pegar um moleque desses no Jacarezinho aí, a

referência dele é o amigo dele que entrou pra boca, e o cara virou poderoso, ficou com grana e tá com as melhores mulheres, as melhores roupas, com jóia, essa era a referência dele. Hoje pô, o cara pode olhar pro cara do lado, o vizinho dele que tá fazendo a educação física dele, pô, maneiro, o cara tá ali fazendo nutrição, enfim, odontologia... é uma referência, pô. Eu acho que foi assim, a importância de o cara ver que o amigo dele chegou, que o brother dele também conseguiu, eu acho que é isso, tava faltando referência. É igual a minha avó, como eu falei, de falar de educação: “pô, mas o fulano conseguiu através do estudo”, o cara não tinha isso. Mas estudar pra quê? O cara não sabia responder... Agora você pode falar: “Passei igual ao Júlio, o Júlio tá fazendo o intercâmbio dele lá fora, passei igual a Isadora, fazendo o mestrado dela lá fora”. A gente precisa disso aí, o caminho é só esse, Isadora. O caminho é só esse, pra molecada ver alguém, pra se espelhar, pra abraçar, pra ter aquilo como referência, ali. Pô, olha que barato, é um em um milhão o cara que virou jogador, que fez dinheiro. Mas pela educação, a galera na favela não tinha. Hoje em dia eu tenho vários amigos que moram em favela e estão fazendo a faculdade deles amarradão, através de várias ações, de várias paradas aí que o governo abraçou: Prouni, várias paradas. Engenharia, tem uma prima minha que tá fazendo engenharia, olha que loucura, de uma família super humilde. Gastronomia, tem um amigo meu também, que tá fazendo gastronomia, negão, que tá se amarrando pra caramba. E é isso, tava faltando um pouco disso aí, antes tava meio que perdido. Em determinadas partes também, em determinados bairros, porque às vezes tu passa do túnel, chega na zona sul, e é só isso, né, moleque que pega onda de manhã, à noite vai pra faculdade dele, e a vida dele é essa, já tá encaminhado pra isso, o pai fala assim: “Só estuda, se forma, que você vai herdar meu consultório, você vai herdar a minha clínica, você vai herdar...”, né? E o moleque da favela tá o dia inteiro no Mcdonalds e à noite ele tava indo pra casa descansar. Hoje ele quer dialogar com o moleque lá da zona sul, o moleque tá se vendo aí no mesmo patamar, eu digo assim, nas mesmas condições, por mais que seja difícil. Porque quando a gente fala de cota parece até que a gente pegou qualquer negro por aí e botou pra estudar no colégio. Não. O moleque estudou, o moleque é bom, o moleque é um talento negro. Não pegou qualquer negro que não queria nada e colocou lá dentro não, o moleque se matriculou, foi lá, fez a prova, diferenciou que ele é negro e pô, beleza, vem, você é bom. Tem um estudo dentro disso aí, né? “Ah, porque eu sou contra a cota pra negro, tem que ter cota pra pobre”. Mas tem, a cota pra negro é dentro da cota pro pobre, só que a pessoa fala que não quer, que não é a favor, mas não tem nem o interesse de pesquisar, de querer saber como é que foi. E é isso.

P – Você já foi promovido no seu trabalho?

E10 – Tô na promessa ainda, Isadora. Eu tô na promessa ainda.

P – E como que é o ambiente organizacional lá na sua empresa?

E10 – Com relação a quê? Não entendi.

P – Você acha que é um ambiente saudável, você fica tranquilo? Você gosta do ambiente?

E10 – Eu gosto, eu gosto. A galera gosta muito de mim, sabe? Gosta muito de mim porque eu sou um cara alto astral, brinco, né. O pessoal gosta muito de mim, a não ser que eles estejam me enganando muito bem, mas o pessoal me curte, todos eles. Talvez até essa pessoa que tenha me enrolado, ela me engula porque ela vê que eu sou necessário ali, de certa forma. Eu trabalhei com esse meu chefe de hoje, ele é um maluco que é fora da caixinha, ele foi analista junto comigo, só que ele é de família... ó que doideira, de família boa, ele apresentou o projeto pro pai e o pai abriu uma empresa pra ele, olha que loucura, eu nunca nem tinha pensado nisso. Pra ele tudo vai ser

mais fácil, e eu vou ter que estar ali, me reportando pra ele, né? Olha que loucura..., mas ele é meu brother, vira e mexe ele me liga, a gente conversa e tudo mais, mas a parte assim, de gestão, de gerir as pessoas ali, ele não interfere. O que a supervisão e gerência fizer, tá feito. Ele não se envolve. Mas eu acho que a galera é legal ali, todo mundo me trata muito bem... e é isso. Tem coisas que me incomodam sim, mas a gente contorna, a gente vê que não é que a pessoa seja mal-intencionada, é que a pessoa foi criada assim. Aí, às vezes a gente fala alguma coisa, eu tô sempre falando, eu acho que eu tenho como obrigação, não é aliciar ninguém, é de querer mostrar pra pessoa... tinha uma amiga minha que eu coloquei pra trabalhar, era uma vizinha minha, só que ela é muito... tudo ela vê como loucura, sabe? É uma forma de querer desabonar a tua militância, o teu viés... “ah, lá vem, tu! Tu é maluco com isso!” E eu falava: “pô, não sou maluco não, é só tu prestar atenção”. Aí uma vez a gente tava indo pra um cliente lá no Recreio, aí ela me esperou numa praça onde tava cheio de carrinhos de crianças sendo empurrados por babás negras. Só que quando ela chegou, só tinha uma mulher, uma babá, aí eu falei: “ali a cor da babá, depois tu fala que é viagem minha”. E ela: “ai, que nada, que babá o quê? Vestida dessa forma?” Aí, daqui a pouco, foi abaixando o sol, e aí foi chegando um monte das babás, né? Aí eu falei assim: “aí, todo mundo bem vestido, todo mundo com os seus bebês loiros lá, com o cabelinho de lado” E ela falou: “é verdade.” Aí dentro do trabalho, ela queria me desabonar, só que eu já tive... eu conheço, sei como que ela faz, sei como ela trabalha, sei como ela age, e aí não sei o que houve, qual foi o assunto, eu sei que tem coisas fazem pra botar o negro como coisa ruim, né? Não lembro qual foi a palavra que a menina falou. Ah não, foi inveja negra e inveja branca. Era uma coisa tão boba, só que eu falei: “pô, é bobeira falar isso. Tenta não falar isso. Por que a inveja branca é boa e a inveja negra é ruim?” E ela: “pô, é verdade”. E aí a menina que era minha amiga falou: “pô, lá vem o (nome do entrevistado), ele é maluco com isso”. Aí a menina que eu chamei a atenção falou: “não, ele tá certo, é verdade, tem que fazer”. Aí eu falei com ela: “pô, tem um monte de coisa que a gente fala e que a gente não sabe, mulata por exemplo”. Aí ela: “mulata? Mulata não é não”. Falei: “joga na internet aí”. Ela foi lá e jogou no computador e viu que mulata era de mula, denegrir, um monte de coisa que a gente fala sem estar ligado, né? Aí eu tenho essa imagem lá, de militar, de falar, mas eu quero ter essa imagem realmente, porque tem que ter naquele mercado financeiro... eu acho que tem que ter uma mulher também... pô, e até tem, cara, tem uma menina lá que eu sou apaixonado por ela, pô, abraça, fala, se tiver que tomar porrada, ela toma. Eu acho que tem que ter pessoas assim pra abrir os campos para as pessoas que estão ali vendo, aliás, sem ver, cegas ali, pra elas começarem a ver, prestar atenção e moldar, isso é necessário.

P – E o que você pensa da importância de possuir *networking*?

E10 – Como assim? Não entendi.

P – De... você sabe o que é *networking*?

E10 – *Networking* é um trabalho externo, é isso?

P – Não, não. *Networking* é quando você tem uma rede de contatos geralmente essas pessoas podem te indicar pra uma vaga, podem... de repente uma pessoa é contratada porque conhece alguém dentro da empresa. Nesse sentido.

E10 – É, tem isso. Tem isso. Lá na empresa não tem isso por quê? Porque eles preferem promover quem tá lá dentro. Independente se tivesse chegado ontem, por exemplo, antes de eu chegar teve um caso desse, que o rapaz sentou na cadeira lá, mas acho que carta marcada também... sentou, na outra semana foi promovido, semana mesmo. Mas já tinha sido acordado que ele ia entrar como

analista e... ninguém entra lá como... aconteceu de novo, agora. Eu vou pensando nas coisas e vou vendo como as pessoas são maldosas, aconteceu de novo e foi até... engoli barriga de novo num lance desse aí... verdade. É complicado, cara, verdade, falei que lá na empresa não tinha isso, olha só como eu sou inocente, sou bobo, né? É horrível pô, porque você faz, por eu ser antigo, eu dou treinamento, por eu ser antigo eu sou referência, às vezes eu perco o meu tempo pra ensinar pros outros, às vezes eu perco o meu tempo pra ir lá, ensinar as pessoas, né? Dou treinamento... porque lá a gente tá abrindo uma outra empresa, e a gente está treinando as pessoas, e acaba que eu divido o meu tempo dando treinamento, me preocupando... é complicado. Aí tu vê, como é que eu fui ingênuo, né? Tem. Teve. Duas vezes. Uma vez eu não tava na empresa, mas a outra vez agora passaram por cima de mim. É horrível cara, é horrível. Tu tava lá? Até parece que tu tava lá pra falar um negócio desses. Eu não percebi, mas rolou.

P – E você já sofreu discriminação no ambiente de trabalho?

E10 – Ah, devo ter passado, com certeza. Agora eu não tô de *dread*, mas quando eu tava com *dread* chamava muito mais a atenção, né? E as pessoas brincavam, só que quando eu me sentia... não aconteceu de eu me incomodar, de ter sido muito forte assim, mas eualaria. Mas não chegou a ser não. Não sei se foi porque eu sou muito assim de boa com todo mundo, confio demais na galera, ou então não existiu de fato, mesmo. Mas eu acredito, tenho quase certeza que rolou, né? Talvez não explicitamente na minha cara, mas rolou em algum momento, sim. Em determinada hora tive até que cortar o cabelo, porque foi assim, um rapaz lá que diz que... eu acho muito engraçado quando um branco fala assim: “Eu queria ser preto, nasci na cor errada.” Acho o maior barato isso, hoje é mais fácil falar, né? Ele sempre falava, metia a mão no meu cabelo, tocava assim, né. Tocava e ficava: “poxa eu queria ser negro, queria ser negro”. Só que comecei a ver aquilo pô, que cara chato, aí arrumava assim, em vez de ficar olhando pros meus olhos, ficava olhando pro meu cabelo. Aí teve um dia que a gente tava no trabalho e ele mandou um vídeo de 10 minutos quase, de coisas que a gente podia fazer com o *dread* pra ficar com menos cheio, e no vídeo só tinha gente branca, as pessoas que estavam de *dread* eram brancos. Aí ele: “pô, te mandei um vídeo aí, depois tu assiste”. Falei: “tá, beleza”. Não assisti, já achei aquilo uma afronta, o cara querer me ensinar como eu trato do meu cabelo, e botar os modelos ali, tudo gente branca, aí não assisti, achei aquilo muito chato e aquilo tomou a minha cabeça, cara. Aquilo tomou a minha cabeça como se tivesse...como se não tivesse legal, por mais que eu gostasse. Aí teve um dia que eu tava em casa, eu vi uma tesoura e taquei no primeiro *dread* da frente, não tinha mais o que fazer e tirei o resto. Aí a minha esposa: “o que é isso cara, tirou?” Falei: “pô, tirei”. Quer dizer, foi uma coisa que... aquela bobeira dele acarretou eu fazer aquilo, eu fui induzido a fazer aquilo, ele não falou diretamente. Mas quando ele me viu com o cabelo curto: “Tá muito melhor assim.” Pensei: “Pô, mas tu não queria ser preto? Não achava legal?” Eu não falei aquilo porque eu não queria causar uma situação, mas ele inconscientemente pediu pra que eu fizesse aquilo. No máximo né, provavelmente eu tava incomodando ele. O cara queria ser preto.

P – E você acha que há divisão racial do trabalho? Você já falou um pouco sobre isso, que há trabalhos de branco e trabalhos de negro.

E10 – Trabalho de negro geralmente é braçal né, cara. Mas isso aí é reflexo da escravidão, né? Trabalho de negro geralmente é braçal, porque o branco não queria pegar peso na época dos engenhos, não queria pegar peso, não queria carregar nada. Ele tinha um negro pra fazer aquilo pra ele, e isso foi... tá se espelhando nos dias de hoje. O trabalho do negro é o braçal mesmo, carregar peso, é construção, é servir... é servir o branco, né? Mudaram pouquíssimas coisas, hoje

tem a escravidão moderna, né? Antigamente o negro trabalhava em troca de moradia e comida. Hoje é a mesma coisa. Hoje o negro trabalha em troca de moradia e comida, porque moradia é o aluguel dele, e a compra do mês toma o dinheiro dele todo. O cara ganha mil reais aí, o cara paga aí, sei lá, numa casa, 500 reais, o resto é comida, luz, essas paradas. É a escravidão moderna, só mudou a chibata, porque antigamente o cara apanhava explicitamente no tronco, e hoje em dia o cara apanha lá na salinha do chefe, da direção. Toma um tapa sem mão que a gente chama, o cara fica submetido àquilo ali porque tem uma família que depende dele, e se o cara não quiser, é mandado embora, né, e no outro dia tem outro negro lá pra ocupar o lugar dele. É isso.

P – Essa é a primeira empresa que você trabalha?

E10 – Não. Já trabalhei em outros lugares também.

P – Nas empresas que você trabalhou e nessa, qual era a proporção de pessoas negras na gerência ou na diretoria?

E10 – Nunca teve, pô, nunca teve. Nunca teve. Nunca teve. Eu tive na outra empresa que eu trabalhei, no mesmo segmento financeiro, o dono da empresa era negro, mas o cara morreu por aquela empresa, o cara teve uma ideia e botou aquela ideia pra frente, o cara é praticamente pioneiro nisso que a gente faz hoje. Ele é praticamente pioneiro nisso que a gente faz hoje e ele botou... ele também teve essa visão, é um cara muito humilde também, teve a ideia, arrumou um dinheiro e colocou pra frente, mas ele também não tem esse cuidado com um cara igual a ele, porque a gestão dele é toda branca. Branca que eu digo é albina mesmo, galera toda muito branca, porque lidar com cliente com grana, possíveis investidores que talvez façam aporte alto... É porque esse cara não enxerga dessa maneira mesmo... teve um dia que eu até brinquei com ele, que ele postou uma foto nos *stories* dele com os analistas dele, todos muito brancos, aquela galera lá que parece até o elenco da Malhação. Tinha um cara lá que é um amigo meu também, que ele é de RH, que é amigo de infância do dono da empresa, aí eu falei: “Pô, até que enfim botou um preto pra vender aí, né?” Aí ele riu assim, mas não entendeu, pô. Eu quis brincar com ele porque talvez ele: “pô, é mesmo, tá faltando gente preta aqui”, mas ele não vai entender. A galera que olhava e via ele como preto antigamente já não vê mais, porque o cara chega no carretão dele, o cara chegou. Ele vai sofrer preconceito dependendo do lugar que ele frequente, mas como ele não frequenta lugar que não exija tanto da cor dele, vai exigir muito mais do bolso dele, ele não vai sofrer consequência nenhuma. Mas também se ele chegar num lugar que exija mais da cor dele, ele vai entender um pouco do que eu quero falar pra ele, e é até complicado porque não é abordagem pra uma conversa dessa em 2 minutos, é muito complicado tu falar de 300 anos de escravidão em 10 minutos pra uma pessoa. É brabo.

P – E você acha que há discriminação racial na contratação de candidatos?

E10 – Tem muito. Porque uns meses atrás... a gente faz um processo seletivo muito grande, né? “Tu conhece alguém que tem esse perfil? Traz”. Só que vai 50 pessoas pra ficarem 10, 3, 4, quer dizer, enche a empresa...o último requisito deles foi assim: “eu quero gente bonita”. E dependendo da pessoa que vai analisar, se a pessoa que tá analisando é cega disso que eu tô te falando, a pessoa vai pelo padrão que foi criado aí, do branco, do nariz fino, do cabelo liso, e foi o que aconteceu. Ninguém ficou das 50 pessoas que foram, porque dentro daquilo que ele queria, e as que ele escolheu, ninguém ficou, porque em vez de ele pegar pessoas aptas, pessoas competentes, pessoas que podiam dar resultados, ele foi pela beleza, e ele tem um padrão de beleza estipulado na cabeça dele... Dentro desse padrão que apresentaram pra ele, né, ele não vai ver o negro como bonito, não

vai, pô. Porque ele não tem isso, não tem esse cuidado, não apresentaram isso pra ele. Eu falo tanto com a minha irmã... Vou sair um pouco do que estamos falando, a gente tava falando de bebê, aí ela falou: “tava vendo no Instagram, viu o filho de fulano? Da Karina Bacchi, do Luciano Huck? Muito lindos!” Ela falou uns 10 bebês e nenhum deles eram negros. Aí ela falou que o da Karina Bacchi parece um anjo. Aí eu falei: “ué, tu tá viu um anjo? Como assim anjo? O anjo que te apresentaram, né. O anjo padrão europeu que eles querem que você tenha incutido na tua mente.” Então, já foi vendido pra ela que criança branca é criança anjo, né? Ela não consegue sair disso, aliás, ela não conseguia, eu tô tentando... tô nesse trabalho aí. Igual a ela que é negra, tem um monte de gente branca que o padrão é esse, tá vendido ali na Barbie, na Malhação, tá vendido. Em novela principalmente, na televisão principalmente, a gente vê essas meninas aí, todas elas brancas... aí quando vê uma negra linda, ela tem o nariz fininho, tipo, elas tem que trabalhar também, eu acho legal ter uma negra assim pra representar, mas tu vê a Iza com nariz fininho, não tem traço nenhum de negra, parece que ela foi pintada de negra. Todas essas meninas, tipo a Sheron Menezes, a Thaís Araújo, todas elas são negras e têm os traços fininhos, boquinha... nenhuma delas é negra assim, com aquele bocão de negra, não tem isso. Aí padroniza. Até o negro que é o bonito, ele tem o traço europeu, o traço branco. Ou então chega uma negra dos olhos azuis: “nossa, meu Deus, que negra linda!” Aqueles olhos foram um acidente, esses olhos azuis não são negros, entendeu? Dentro desse padrão que a gente cria, é muito complicado sair, porque é muito bem vendido, se você for pegar aí... eu brinco muito com a minha esposa, a gente fala assim: “Tu vai descrever a pessoa, a pessoa é linda, né? Tem tudo pra ser linda ali na descrição”. “Ah, como que ela é?” “Ah loirinha, dos olhos azuis”. Automaticamente a pessoa é linda na cabeça dela, assim como o ao contrário também: “Como ela é?” “Ah, é uma negra, do cabelo cheio, com os lábios carnudos, o nariz largo.” A pessoa já vai ter aquela resistência, isso é o padrão que a gente botou na nossa cabeça, que é vendido pra gente e não é de hoje né, tem bastante tempo isso. E os caras parecem que não tem nenhum interesse em reverter esse quadro aí, parece não, não querem, porque o cara que contrata é branco. O cara que contrata não quer descer do pedestal, ele colocou uma branca lá pra ser a mocinha. Aí ele perde se virar moda. E a indústria é tão nojenta que ela se aproveita disso, ela se aproveita, cara. Ela coloca ali o preto pra ser referência, pra fazer a propaganda da família negra e tudo mais, mas se você for ver é tudo mentira, tem um monte de loja que teve processo, que teve denúncia, porque por trás dos bastidores não era isso, era racismo, homofobia, um monte de coisas aí. Mas o comércio, a indústria, não quer saber, o capitalismo não quer saber. Tá vendendo o negro? Cabelo cacheado? Transição? Vambora, é o que tá vendendo. Ser negro hoje tá um pouco mais fácil, tá bem mais fácil de tu aceitar o teu cabelo... Graças a Deus, eu até agradeço isso, porque... eu tenho 2 meninas, e eu acho o maior barato elas com o *black* delas, a outra colocou as tranças. Acho o maior barato porque há um tempo atrás não iam querer, iam querer meter prancha no cabelo, alisar, progressiva, ficar dependente de chapinha. Eu acho muito bom isso pra elas, muito bom mesmo. E é isso.

P – E você acha que há discriminação também na promoção dos funcionários?

E10 – Tem, mas vai falar que não tem. Eles não conseguem enxergar, eles não conseguem ver isso, sacou? No meu trabalho eu trato direto com as pessoas que tem dinheiro pra investir, na maioria das vezes as pessoas têm grana, têm dinheiro, e eles têm esse receio. Só que como eu faço o meu, como eu não importo com os outros, eu entrego. Eu faço, aí, tá aí. Só que em determinada hora eu escolhi ir pra briga, porque tiveram algumas situações que eu resolvi o que a gestão não conseguia resolver e eu falei: “eu não vou ficar quieto não, eu vou falar.” E falava: “se tiver alguma coisa que vocês não tão conseguindo resolver, vocês me dão, que eu resolvo”. E eles não gostaram

disso. Aí junta tudo né, cara, junta tudo. Tem uma menina que é tão boa quanto eu lá, muito boa, mas tá na mesma situação que eu... Quando a gente para pra conversar ela fala: “Por que promete, né?” Aí ela me mostra as conversas no WhatsApp, as mesmas palavras que as pessoas usam pra me convencer. Aí quer dizer, é ruim né. Existe, Isadora, existe. Não é possível que seja coincidência, não existe isso. Nesse mercado existe e em todos os outros. Quando põe... o pessoal vai te olhar, isso aí a gente vê... as escolhas, as tendências, desde o ginásio, desde o colégio quando tem aquela listinha dos mais bonitos da escola e o mais feio da escola. A pessoa que tá escolhendo, que tá escrevendo, ela tá afetada e de alguma maneira ela nem vê. Quando a gente vai atender esse tipo de cliente assim, do Leblon, tem que ser, porque às vezes eu vou subir pelo elevador e o porteiro manda eu subir pela escada de serviço, eu tenho que esperar porque o porteiro não acredita que eu vou na casa do cara. Todas essas coisas assim influenciam. E isso do lado de fora, do lado de dentro, mais ainda. Tudo influencia. Foram 300 anos, né? E não vai se espelhar hoje? 1888, tem pouquíssimo tempo.

P – E o que representa estar desempregado pra você?

E10 – Não, eu tô trabalhando. Mas se porventura eu tivesse desempregado, pra mim ia ser muito ruim, porque na minha casa só eu trabalho, a minha esposa cuida das crianças. Eu não me vejo ficar desempregado, não me vejo real, porque eu não tenho nem pra onde recorrer, o Brasil vive um problema muito ruim de desemprego, são 13 milhões e acho que o último número que saiu foram 12, até diminuiu o índice, né? Mas pra mim, eu não posso me dar ao luxo de ficar desempregado, aos 34 anos com 3 crianças dentro de casa, eu tendo que fazer as coisas dentro de casa. Eu não posso me dar esse luxo. Não posso.

P – Agora é um pouco diferente as perguntas, mais sobre masculinidades. A primeira é quem é ou foi a sua maior referência de masculinidade?

E10 – Eu acho que é meu sogro. Eu li um livro de educação quando tive filho, “Como Educar os Meninos”, e nesse livro diz que no... não sei se vou conseguir te dizer, porque tem um tempinho que eu li, mas ele diz que de 1 a 7 anos, o homem tem a referência da mãe ali, e de 7 aos 13 anos, ele tem o pai de masculinidade: “quero ser igual ao meu pai”. E dos 13 em diante, a pessoa procura um mentor pra ele, e eu conheci minha esposa, tô há 10 anos com ela... Há 10 anos conheci a minha esposa, e o meu sogro acho que foi em torno disso aí, e eu tenho ele como mentor, acho que ele nem sabe disso, mas tem vezes que tomo as minhas decisões em cima das dele: “pô, o que meu sofrô faria nessa hora?” Aí vou lá e faço. Pô, um cara negro, professor de história, um cara sensacional, maravilhoso. Meu sogro.

P – E quais características um exemplo de homem ideal deve possuir pra você admirar?

E10 – Caráter, primeiramente. O caráter engloba tudo o que eu vou falar... caráter, dignidade, hombridade, o cara ser homem de verdade, independente da opção sexual, porque o cara tem que ter a palavra dele, ele sendo gay, ele sendo... enfim, é a palavra de homem. Não é porque o cara... é porque o cara tem palavra mesmo, eu acho que é isso. Acho que a primeira coisa que a pessoa tem que ter é caráter, né? Caráter primeiramente, dentro do caráter engloba tudo, palavra... caráter é a palavra mesmo.

P – E por que que você tem o seu sogro como referência?

E10 – Ele tem tudo o que eu acho legal né, cara? As coisas que eu procurei, assim, pra me espelhar, eu encontro nele. Não sei se é porque a gente se parece em determinadas partes, assim, mas ele é

um excelente esposo, um excelente amigo, excelente pai, excelente avô. Eu acho que é isso, eu gosto muito de conversar com ele, tem coisas que ele vai falar e eu já falo, e é o maior barato... tem coisas que eu penso e que ele pensa parecido. E eu tenho muito mais que pensar como ele, que é um exemplo a ser seguido em relação a tudo, coração bom, uma pessoa boa. É isso.

P – E você acha que um exemplo ideal de masculinidade é um homem bem-sucedido profissionalmente?

E10 – Não, não. Lógico que não. Vai muito além disso, porque ele teve oportunidades demais na vida dele, é um cara que sempre quis estar onde ele mora hoje: “eu gosto de onde eu moro”, é um cara que mora perto da família, no seio da família, um cara que cuidou da mãe, teve oportunidades pra estar melhor de vida, só que ele não quis se corromper, é um cara que teve a oportunidade de entrar em política, mas nunca quis se envolver, é um cara que é querido pra caramba, mas se ele ver que pode deixar de ser quem ele é por qualquer outra coisa, ele prefere não fazer. E não tem nada a ver a condição, a grana do cara, pro cara ser referência de qualquer outra coisa. Você pode ter uma referência de um cara que tem uma vida financeira muito boa e pode ter referência de um cara que tenha... pra tem um equilíbrio também, às vezes você vai focar num cara, você vai ter como herói um cara que emergiu financeiramente, e por trás do cara tem um monte de falcatura que ninguém sabe, né? E do outro lado você vai ter um cara que não teve uma história financeira tão boa, mas o cara se manteve equilibrado ali, foi humano esse tempo todo, enquanto o outro lá que fez dinheiro, pisou na cabeça de um monte de gente. É bom ter sempre esse equilíbrio e seguir.

P – E como que foi a sua relação com o seu pai?

E10 – Cara, a minha relação com meu pai foi muito louca, porque eu fui entender meu pai muito velho né, porque meu pai... Eu vou contar da minha avó. Minha avó veio da Bahia, ela teve uma relação com o filho do dono da fazenda e aí ela engravidou dele, e quando a família soube, expulsou ela da casa e da cidade. Minha avó veio grávida com a roupa do corpo lá da Bahia pro Rio, grávida do meu pai no caso, e aí, perambulando pelo Rio de Janeiro conheceu um nordestino, que é o meu avô, e... acolheu ela, deu casa e tudo mais, só que era um cara ignorante, batia no meu pai depois que ele nasceu, sempre deixou claro que o meu pai não era filho dele, e batia e aquilo outro e minha avó não tinha opção. Até tinha, mas na ignorância dela não podia sair dali, e aí meu pai cresceu naquela situação, meu pai sempre ajudou a minha avó com os afazeres domésticos, a minha avó teve dois filhos depois do meu pai, e meu pai cresceu cheio de trauma. Minha mãe diz que a gente não consegue dar o que a gente não tem, e ele não teve amor, daí meu pai sempre foi um cara muito fechado, também me batia muito, porque ele apanhava também, e eu não entendia aquilo, demorei muito pra dizer que eu amava meu pai, demorei muito, mas tinha um respeito muito grande. Só que eu não conseguia dar amor porque ele não me dava amor. Aí no final de tudo, quando ele adoeceu, eu que tomei conta dele, fiquei internado com ele, dava banho, trocava fralda, fazia tudo por ele. Na época eu tinha um negócio, e aí fechei, fechei não, deixei as pessoas olhando pra mim enquanto eu fazia meu trabalho de filho. Cuidei, dizia que amava todo dia, cuidei, levei pra casa. Aí depois de um ano ele adoeceu de novo e faleceu, mas os momentos que eu tive junto com ele parece que foram pra eu me redimir, e tentar enxergar dessa forma, que tudo é o desgraçado do preconceito. Porque a minha avó foi expulsa da casa lá da Bahia porque ela era negra e a família não aceitou que o filho lá, dono da terra, tivesse filho de uma negra... e o meu pai sofreu a consequência disso tudo, se espelhou no dia a dia dele. Talvez tivesse se espelhado em mim também, eu podia tratar os meus filhos do jeito que o meu pai me tratou, né? Só que eu acho

que eu consegui ler isso aí a tempo, e... acho que tranquei essa porta aí, pro reflexo que meu pai passou lá anos atrás.

P – E ele trabalhava?

E10 – Trabalhava, o meu pai era... não sei se você conhece, meu pai era encarregado da “(nome da empresa)”. Era a maior doideira, porque meu pai... sabe esses jornais impressos de empresa? Aí tinha espaço pro funcionário falar, aí meu pai era sempre retratado como muito grosso, muito estúpido. E eu ficava assim: “Caraca, por que o meu pai faz isso?” Mas tudo decorrente do que ele passou na infância... o meu pai era o capitão do mato da empresa dele, que o branco contratou pra deixar ele lá de frente, e ele batia na galera. Ele ganhava a culpa do branco pra ser o capitão do mato. Tadinho, não sabia. Aí depois que uma empresa foi comprada por outra, ele precisava de uma testemunha pro desenrolar o arrolamento judicial dele, e ninguém quis depor a favor dele. Quer dizer, ele criou isso. Ele não sabia, mas acabou que ele passou por isso aí.

P – E seu pai tinha graduação também?

E10 – Não. Meu pai terminou o segundo grau dele trabalhando, depois de velho, eu lembro que eu ia assistir aula com meu pai, depois de velho. Acho que quem deu importância à escola foi a minha mãe, e mesmo assim sem ter condições, porque a minha mãe é branca, mas porque meus avós, meus ancestrais, eram portugueses, e se relacionaram, não sei se de forma forçada ou não, porque a minha mãe não me conta isso, eu pergunto pra ela e ela não me conta, mas eles eram portugueses e espanhóis e a minha mãe é muito branca mesmo. Ela estudou, fez enfermagem, fez pós, fez doutorado, enfim, ela sempre quis fazer aquilo ali, porque os meios em que ela vivia, por ser muito branca, aí pinta o cabelo de loiro... tinha uma aceitação da galera mais instruída, e ela queria aquilo pra ela, entendeu? Ela: “Pô, o pessoal aqui estuda, o pessoal não para de estudar nunca.” Ela tinha as facilidades dela, por ser funcionária pública, pagava menos, se formou e até hoje ela estuda. Se formou agora em libras, ela pensa em fazer psicologia, minha mãe é sinistra.

P – E quando criança, quem era o provedor na sua família?

E10 – Era muito doido cara, porque meu pai era muito farrista. Por ele ter tido muita responsabilidade quando novo, quando ele ficou mais velho, ele queria farra. Meus pais se conheceram num samba que tem aqui, não sei você conhece, eu acho que não, no Cacique de Ramos.

P – Conheço.

E10 – Então, eles se conheceram ali. E o meu pai era muito farrista e tinha uma condição razoável dentro daquilo que eles estavam acostumados a viver, minha mãe morava no Manguinhos, o meu pai morava no Complexo do Lins, que são comunidades ali, aí colocou um dinheirinho a mais no bolso e queria farra, né? Aí ele era muito farrista, a minha mãe conta que o meu pai já chegou em casa bêbado, sem nada, só de cueca, voltando da rua bêbado e nêgo roubou, tirou a roupa dele, ele andava muito bem vestido... e acabou que chegou numa determinada hora que a minha mãe falou: “chega, não vou depender desse cara mais não”. Foi aí que ela estudou, fez os cursos dela, e colocou pra frente, fez os concursos dela. E foi a época que a gente viveu melhorzinho, foi quando a minha mãe assumiu a situação lá em casa financeiramente, que ela passou nos concursos, aí ela pôde pagar um curso de inglês pra mim, não terminei, não concluí, mas fiz uns cursinhos. Quando ficou por conta do meu pai a gente vivia muito limitado com relação a grana, quando a minha mãe assumiu que eu pude estudar mais, ler mais, ser mais exigente e sair um pouco mais daquilo que

eu vivia também. A gente morava perto do Morro do Urubu ali, em Pilares. Aí quando a minha mãe passou nesse concurso, a gente foi morar em Del Castilho, não era muito melhor, mas era melhor, a galera mais instruída. No Morro do Urubu era tiro direto, teve uma vez que eu vi um cara sendo morto muito perto de mim, tenho até hoje a imagem do cara rolando na escada pra trás. E quando a minha mãe assumiu as rédeas do financeiro, as coisas começaram a ficar mais... menos ruins, vamos dizer assim.

P – Aí nessa época seus pais se separaram?

E10 – É, quando eu tinha 18 anos. Eles viveram... até eu fazer 18 anos, a minha mãe não queria sair de casa, mas ela dormia comigo, no meu quarto, desde os meus 16 anos, não dormia mais com o meu pai. Meu pai às vezes dormia pela rua, aí quando eu fiz 18 anos, minha mãe falou: “Eu tô me separando do teu pai”. E eu aceitei, porque eu já não via eles mais como marido e mulher, via como duas pessoas que não tinham coragem de sair. Mas quando a minha mãe abriu o jogo pra mim, eu entendi que ela não saía porque eu não era de maior ainda. Aí minha mãe perguntou: “Você quer ficar onde?” Eu queria morar com a minha mãe né, lógico. Mas aí eu tinha uma namorada em Del Castilho, de anos, que eu era apaixonado, aí eu falei: “Vou ficar aqui em Del Castilho com meu pai”. E aí eu fiquei, fiquei por lá e aí... eu ia muito na minha mãe, minha mãe foi morar no Valqueire. Eu ficava muito lá pra minha mãe, eu conhecia todo mundo praticamente, e a galera lá era mais exigente assim com vocabulário e eu queria aquilo, achava o maior barato, tanto é que hoje os moleques estão bem de vida, e eu queria aquilo pra mim. Aí eu fui morar com ela, mesmo namorando a menina de Del Castilho. Acho que a distância abalou um pouco a gente e depois eu terminei, e foi isso, e aí fui morar no Valqueire com a minha mãe. 18 anos eu tinha quando eles se separaram.

P – E você acha que cabe ao homem o papel de provedor?

E10 – Isso é tão louco, né? Essa ideia de caber ao homem o papel de provedor... tudo isso vem da bíblia, né? Não tem um lance na bíblia que fala que o homem é o provedor da casa? Acho que tem. Outro assunto, vamos lá. Acho que não, tanto é que eu tenho a minha mãe como exemplo, quando o meu pai administrava a nossa casa, a gente vivia mal e porcamente pra caramba, muito na linha, muito nas limitações, de chegar dia 20 e não ter mais grana, muito mal que a gente vivia. Quando a minha mãe assumiu ali que eu te falei, né? Que a gente vivia um pouco melhor. Isso não tem que ser assim, não tem que ser o homem não, porque é um lado administrativo, né? Se a mulher administrar melhor a grana e tudo mais, não tem problema nenhum. Acho que a mulher é tão apta a suprir necessidades quanto o homem.

P – E o que você ia falar da bíblia?

E10 – É porque a bíblia às vezes fala umas paradas, né, que a pessoa pega pra ela e cita. Só que a bíblia fala várias paradas que a igreja não cita, né? Só quer citar o que interessa pra ela. Cada um pega um pedacinho dela e monta a bíblia que quer, né? Acho que o homem ser o provedor é um pouco isso. E a mulher hoje é tão apta quanto o homem, acho que tá até mais, porque foi tanto tempo que a mulher ficou submissa, que eu acho que ela tem e deve se libertar disso aí, e assumir as rédeas da situação.

P – Você é casado e tem duas filhas, né?

E10 – Eu conheci a minha esposa, ela tinha uma filhinha de 3 anos. Aí depois a gente casou e tivemos uma menina e agora em 2018, um menino. Nós temos 3 filhos.

P – E você acha que o desemprego na vida do homem negro influencia na vontade de se casar e formar uma família?

E10 – Ele tem que postergar, não é que ele vai não. Por que como é que faz isso sem ter um porto seguro, sem ter a sustentação? Não tem como fazer isso. Não tem como real. Não existe a possibilidade de o cara, sem trabalhar, querer ter filho, né, querer casar. É um sonho que o cara tem, mas infelizmente ele vai bater nesse lance de desemprego aí. A gente fala sempre de falta de grana, eu pelo menos, eu sempre atrelo isso ao homem negro, porque infelizmente a pobreza tá ligada ao negro, porque tudo foi direcionado pra gente assim. A favela foi criada pelo homem negro. A comunidade foi criada pelo homem negro. A favela que é o retrato da desigualdade hoje, da pobreza, é o reflexo da escravidão. Quando libertaram os negros do engenho, que eles subiram ali a Providência no centro da cidade e pegaram aquele morro pra eles, então, aquilo ali... aí tem muita gente que fala assim: “ah, mas tem branco que não tem dinheiro também”. Real. Tem branco. Mas procura na árvore genealógica quem perdeu esse dinheiro dele, porque alguém perdeu esse dinheiro. A não ser que você seja um descendente de imigrante italiano que veio lá da Europa ferrado, fugindo dos outros, aí sim. Mas em algum momento da tua realidade a tua família perdeu dinheiro. O negro, não. O negro é condicionado a isso desde sempre. O negro que tem dinheiro hoje, mermão, ou o cara deu uma de esperto, ou então o cara suou demais, demais mesmo. Quando tu vê um negro sentado naquela... tipo um Joaquim Barbosa da vida... é fogo, né, maior barato quando nêgo fala assim: “ah, mas é muito difícil tu ver um negro num cargo de destaque desse”. “Ah, mas e o Joaquim Barbosa?” Parece até que as outras pessoas não querem, né? De todos os negros no Brasil, foi só o Joaquim Barbosa que quis? O resto não quis? É porque é difícil chegar, tanto é que só chegou o cara, pô. Agora tu vê o restante da galera aí, é toda ela branca, toda ela branca, vai ter um cara, olha que loucura, esse tempo todo aí de magistério, dessa infinidade aí de cargos grandiosos, só teve praticamente esse cara aí. Aí que a gente vê, que é complicado o negro chegar. E o cara hoje que quer casar e não tem nem emprego, ele tá realmente apaixonado real (risos). Tá muito apaixonado, o cara esqueceu de tudo, né? Porque é complicado, foi como eu te falei, hoje a gente vive uma escravidão moderna, que a gente tem que... não tô falando todo mundo, mas a maioria dos assalariados hoje, pô, o cara ganha um salário mínimo desse aí, o cara não tem uma casa própria, com mil reais, eu acredito que não tenha. Aí o cara paga um aluguel dentro de uma favela, aí submete o filho dele a se esconder embaixo da cama em tiroteio e o caramba, aí o cara paga 500 de aluguel ali, aí tem mais 500 ali pro cara... quer dizer, o cara não vive. O cara é escravo daquele trabalho ali e não pode nem sair, porque se o cara sair, no outro dia tem um outro pra ocupar o lugar dele. Aí o cara fica desempregado aí... É bem difícil, o cara que hoje tem o sonho de casar e não tem emprego, ele tá realmente apaixonadíssimo, eu falaria pra essa mulher nem largar esse cara. Ou larga, olha que loucura, ou larga, né?

P – E você acha que teria problema se a sua esposa ganhasse mais que você?

E10 – Pô, adoraria. Adoraria. Problema nenhum. Adoraria demais. Pô, às vezes eu fico triste, sabe? Porque ela é muito vaidosa, e às vezes eu não consigo chegar na vaidade dela, saca? Poxa, eu fico arrasado, sabe? Eu fico bem triste. O meu filho jogou o telefone dela no chão, quebrou, ela tá arrasada. E eu fico assim: “pô, eu não tenho grana pra suprir essas coisas dela”. Poxa, eu queria muito, muito, ia ser maravilhoso se ela ganhasse mais que eu. Eu não vejo problema nisso, cara. É difícil eu estar falando de uma coisa que eu não vivi ainda, pode ser que eu veja, mas eu acredito que não, sabe? Eu acho ela super competente, eu acho ela uma pessoa sensacional. E se ela tá

ganhando, é porque realmente ela merece ganhar aquilo que ela tá ganhando. Eu não tenho essas coisas não, cara.

P – Se o papel do provedor é negado ao homem negro, que outras formas que você acha que ele encontra pra exercer a masculinidade dele?

E10 – Me dá um exemplo aí, porque eu não entendi.

P – Por exemplo, hoje, no mundo que a gente vive, capitalista, um dos pilares da masculinidade, do que vendem, é que o homem tem que bancar a casa, tem que ter dinheiro e tal, pra ser “homem de verdade”. E se ele não consegue fazer isso, o que você acha que ele faz pra conseguir mostrar que ele é homem?

E10 – Ah, ele bate na mulher né, cara, aí ele quer se impor de outra maneira, né? Já que ele não tá sendo homem suficiente pra gerir a casa dele por exemplo, ele vai diminuir a mulher dele pra se sentir melhor que ela, né? Às vezes não vai bater, mas vai ofender, vai querer ser homem na rua, vai arrumar uma mulher fora de casa, uma série de coisas que vão massagear o ego dele... se ele não se sentir tão homem assim dentro dele, ele vai querer expor isso pra alguém. Isso tudo é um problema de educação, né, porque o cara, em algum momento, viu isso como referência de alguém, às vezes veio do pai, às vezes do amigo, do irmão, do sobrinho, do tio. E ele viu a solução naquilo ali, né? “Pô, se eu fizer aquilo ali eu vou ser homem. Se eu buzinar pra uma mulher aqui de carro, eu vou ser homem”. Eu vivi isso, cara, de certa forma. Graças a Deus eu tive uma mãe muito boa pra me ensinar... eu amo o meu pai, sabe? Mas ele deixou... tudo isso que eu te falei, ele só não bateu na minha mãe, né, mas ele fez muito isso e eu vi, saca? E hoje eu acho que eu não faço, né. E quando eu acho que eu tô fazendo próximo a isso, já me incomoda pra caramba. Quando a minha esposa fala assim: “pô, tu tá sendo muito machista”. “Ué, tô sendo?” Eu não questiono de que não estou, não. É porque todo homem, às vezes até mulher é machista, né? O homem, ou ele tá em decomposição ou ele tá em construção. Eu prefiro estar em construção, se ela falou que eu tô sendo, por mais que eu não enxergue meu machismo eu tenho que ouvir, pô, é igual se o negro falar: “pô, tu tá sendo racista” pra um branco, e o branco falar que não tá. Se ela falou que eu tô sendo machista, eu tô sendo machista, e eu tenho que procurar não ser, né? Pô, isso é muito o que a pessoa viveu a vida toda, tá muito enraizado nela... graças a Deus a gente tá mudando essa percepção, essa leitura que a gente tem feito, aí. Mas nisso tá incomodando muita gente, esse “mimimi”. Pô, não sei de onde veio esse termo, “mimimi”, mas eu sei que quando eu ouço isso, dá vontade de socar a cara da pessoa. “Que mimimi o quê, cara? Isso tá doendo, pô! Respeita a dor do cara, tu não tá sentindo, pô”. É complicado, cara. E isso tem incomodado muita gente, né? Em relação a tudo, feminismo, racismo, homofobia, a galera tá furiosa que a mulher tá ganhando a sua força, o negro tá ganhando a sua força, os gays estão ganhando a sua força, o seu espaço, né? E nêgo tá se incomodando demais com isso. Doideira. É complicado, cara. Eu batia muito de frente, discutia muito, só que eu perdia muito o meu tempo, então eu preferi não perder mais. Aí eu me afastava, saía de grupo, apaguei meu Facebook, tô só com o meu Instagram. E teve uma conversa lá que foi numa segunda de manhã, sobre uma menina que eu vi crescer: “pô, ela tava doidona no posto, com um monte de homem, dançando, brincando”. E eu falei: “deixa a garota, rapaz. A garota tá se divertindo, pô, se fosse um outro homem lá, tu não ia se importar”. Aí o outro garoto falou: “ah, deixa de ser hipócrita, se fosse a tua filha, tu ia gostar?” “Sabe por que eu não ia gostar? Porque eu sei que ia ter um monte de babaca comentando no outro dia, isso que eu não ia gostar”. Aí saí do grupo e não falei mais. Sei lá se os caras refletiram sobre o que eu falei ali, mas eu acho que é cabível, a gente tem que parar um pouco pra pensar, né? Ter empatia, se colocar no lugar

dos outros. Eu acho que a gente tá numa... o complicado é que daqui a pouco para, né? O tradicional reina de novo... mas eu acho que tem que pegar essa onda aí e espalhar, né? Semear aí, tentar sentar com alguém, dialogar. Sei é que tem que acontecer, né? A galera que faz não pode deixar de fazer, e quem não tá fazendo tem que começar a fazer.

P – Você acha que nas famílias negras existe mais igualdade entre homem e mulher do que nas famílias brancas?

E10 – Pô, eu não posso falar da família branca porque eu nunca vivi numa família branca, mas eu acho que a família negra pelo menos pensa igual. Depende também... eu vou falar da minha, tá? Eu e a minha esposa a gente pensa muito igual, em relação a tudo, sabe? Hora e outra que a gente vai divergir, porque somos duas cabeças, né? A gente vai divergir em algumas coisas, mas a gente pensa muito parecido. Quando a gente vê uma atitude dos outros assim, quando a gente comenta: “pô, desnecessário” e tudo mais. Eu acho que tem mais empatia né, cara? Se eu fosse casado com uma mulher branca hoje, eu teria um assunto que pra ela é indiferente. Ser um homem negro é muito duro né, e ser uma mulher negra é muito solitário, e a pessoa branca não sabe o que é isso. Talvez, se eu fosse casado com uma mulher branca, a gente ia ter uma divergência maior, por eu ter um assunto que ela não conhece, e quando eu for falar com ela, ela vai desconhecer e achar que aquilo é viagem da minha cabeça. Mas como eu tenho... a solidão da mulher negra, né, da minha esposa no caso, eu consigo ser empático porque eu também tive a minha solidão. Quando todo mundo tinha os seus namoradinhos, a gente tava sozinho, com os nossos cabelos duros pra cima, eu raspando a cabeça e ela alisando, pra tentar se enquadrar naquilo ali que a gente não era aceito. Talvez se eu tivesse uma mulher branca, eu não iria conseguir dialogar sobre certos assuntos. Com a minha esposa, a gente dialoga sobre os assuntos, e a gente até alcança determinados lugares da mesma forma. Falando de leitura, a gente lê as coisas de forma parecida. Eu gosto disso. Eu acho que eu não conviveria com uma pessoa... é complicado, porque a gente tá falando de sentimento, mas eu acho que eu não teria a... eu falo por hoje, eu já tenho 34 anos, eu não tenho mais saco, sabe? Pra ficar tentando convencer os outros de uma coisa que eu tenho certeza. Eu vou ouvir, pô, se você tiver uma opinião diferente da minha eu vou te ouvir até o final, mas se eu achar que aquilo ali pra mim não teve cabimento, eu continuo com o meu... mas eu vou te ouvir de coração mesmo, vou te ouvir, se tu tiver um argumento bom: “pô, legal, me convenceu”, mas eu não tenho mais... eu tô muito feliz no relacionamento que eu tenho hoje, eu só me relacionaria com outra pessoa se tivesse alguma coisa similar, assim como eu tenho com a minha esposa hoje. Nosso *feeling*, militância, viés político, a gente se parece muito.

P – Você acha que tem alguma diferença entre o que é esperado socialmente de um homem branco e de um homem negro?

E10 – Tem, pô. Tem, claro. A sociedade espera que o homem negro falhe, pô. A sociedade espera que o homem negro falhe pra falar assim: “aí, não falei? Ele é assim, pô”. Eles querem falar mal da gente. Se a gente fizer o bonitinho, pra eles não é interessante. Tem uma música do Emicida, Inácio da Catingueira, que ele fala assim: “se você revidar um soco com outro soco, eles só vão ver o teu soco, se você revidar um palavrão com outro palavrão, eles só vão ouvir o teu palavrão”. Eles querem que a gente se rebele, que a gente bata, que a gente xingue, que a gente faça o desaprovado, pra falar assim: “aí, não falei?” Agora do homem branco, eles vão esperar coisa boa, eles vão esperar o que eles vivem há 500 anos aí, a hegemonia, a soberania, e até as mães, as avós compram, né. Eu digo avós, porque a avó da minha esposa tem 96 anos, pô, eu com 34 anos, eu sofro reflexo, minha filha com 12 sofre, imagina uma pessoa com 96 anos? Quer dizer, e ela... ela

abraçou muito isso. Tanto é que ela fala: “poxa, ele é muito preto”. Não fala de mim, sabe? Ela até me curte muito, quando eu botei o dread ela se amarrou: “ficou tão lindo”, porque eu trato ela muito bem também e ela tem o maior carinho comigo. Mas, quer dizer? Venderam aquela ideia pra ela, né? Ela é uma pessoa extremamente racista, porque ela tem 96 anos e quando ela tinha a minha idade, foram racistas com ela, e ela só reflete isso. Mas a sociedade espera as piores coisas do homem negro. A sociedade espera uma matéria no jornal, a sociedade espera que um pai de família esteja armado ali e tome 80 tiros, aqueles garotos ali da pedreira tomaram 111 tiros... a sociedade falou no ouvido daqueles policiais ali. “Ih, esses caras tão armados! Eles são pretos, eles tão armados”. Mermão, como é que dão 111 tiros num carro? Como é que dão 80 tiros num carro? É a sociedade que fala no ouvido desses caras, pô. Os caras são da segurança pública, pública é da sociedade, né? E os caras são reflexo disso. Eles vão fazer o que a sociedade tá falando no ouvido deles. E a sociedade espera isso da gente. Marginalidade, né? É isso o que a sociedade espera da gente. O negro é isso aí, o negro é o fujão, o negro é o malandro, capoeirista, né? Tudo que é do negro é ruim, cara. Tudo que parte da gente é ruim. É a religião do negro, de matriz africana, que é do demônio. A música do negro é música de bandido. A arte do negro é vandalismo. Tudo que parte do negro é ruim.

P – Você acha que é fácil ser um homem negro?

E10 – Poxa, queria eu. Não é não, cara. Não é não. Não é mesmo. É muito difícil, muito, muito difícil mesmo. Eu não sei nem se eu vou estar falando besteira aqui Isadora, mas eu queria ser branco. Um diazinho só, só pra eu saber: “nossa, que delícia, que facilidade”. Um dia não, eu queria ser uns 2 anos, pra eu sentir mesmo. Porque ser preto é muito difícil, cara. Muito complicado. Muito. Dentro da tua casa, dentro do teu trabalho, na condução, o cara não consegue se desvencilhar da cor dele, não consegue. Porque o gay consegue, se quiser, passar batido, o gordo pode emagrecer, mas o negro não tem como, não vai passar uma pasta no corpo pra ficar branco. O negro não consegue se desvencilhar disso. E é 24 horas, a não ser quando o cara tá dormindo. Porque o cara acorda com a responsabilidade da família dele, o cara vai trabalhar, entra no ônibus, aí todo mundo já te olha segurando a bolsa, todo mundo já fica assustado, e olha que eu trabalho de terno e gravata, todo... e nêgo fica grilado... o assento do meu lado vazio. E tudo isso te faz pensar, né? Aí tu chega no trabalho, vai falar com o cliente, quer dizer... são N coisas né, cara? Aí tu entra no elevador, porque tu tá de terno e gravata no elevador já acham que você é o ascensorista. Canso de entrar no elevador, ficar naquele cantinho ali, perto do painel: “décimo quinto, por favor”. A pessoa achando que eu sou o ascensorista ali. Aperto de boa. Quando eu chego no andar vou lá, desço. Tem gente que pede desculpas, tem gente que não. A gente não consegue se desvencilhar... eu gostaria de ser um homem branco, eu gostaria de saber se tem os mesmos... eu tenho certeza que não. Porque eu tenho amigos, tenho primos, os caras que vieram da mesma realidade que eu, hoje tão com as vidas melhores do que a minha... escolhas, ou não. Mas eu tenho certeza que a vida do negro é muito mais difícil do que a do homem branco.

P – O que dizem sobre homens negros na cultura brasileira? Seja em novela, em livro, em música?

E10 – Cara, eu sou muito difícil de ver novela, mas querendo ou não a gente vai e assiste, né, a gente passa ali na frente da TV e vê que o negro geralmente é o serviçal, né. Tá ali servindo, tá ali sendo escravo na novela das 6, que muitas das vezes retrata a antiguidade ali, os engenhos. Motorista, jardineiro, até que agora eles tão forçando mais pra pegar essa onda do negro, da moda, aí. Eles tão tacando, né. Graças a Deus a gente tem muito artista bom, né? Acho que a música tá crescendo muito também. A gente tem falado muito também disso que a gente tá vivendo né, dessa

liberdade... acho que a gente tem mais liberdade pra falar. Depois dessas eleições aí que a gente teve, eu acho que ficou mais forte pra gente falar, né? A cultura brasileira, ela é carente do negro, né? Antigamente era só o samba, que era coisa de marginal, se pegasse a pessoa com um violão na rua era preso... e hoje o negro tá falando mais, cara, graças a Deus. Escrevendo, compondo, atuando, tem peças... hoje a gente tá mais participativo. Tá carente pra caramba ainda, né? Porque eu acho que a arte não tem muito esse lance de pele, né? Eu acho que a arte deixa falar mais. Ainda mais uma arte assim que foge um pouco da mídia, da televisão. Hoje a gente tem vários veículos que não precisa passar pela aprovação de ninguém. Por exemplo, se tu tiver uma letra boa e emplacar, tu vai falar com alguém e tu não vai precisar de um Faustão pra te ceder um horário. Eu acho que isso é bom pra gente, com a internet tão sendo descobertas algumas coisas boas aí pra gente. Graças a Deus. Mas a cultura quer esconder a gente, a gente depende da aprovação dos outros. É complicado, cara, porque o rei do futebol é negro e a gente faz de tudo pra desabonar o Pelé, cara. Mas tudo isso porque queriam porque queriam que o rei fosse o Senna. Eu sou apaixonado pelo Senna, escrevi até um gibi sobre ele quando ele faleceu, mas nêgo queria porque queria que o rei do esporte brasileiro fosse Ayrton Senna. E a gente luta com isso aí até hoje. E é isso... graças a Deus a gente tem plataformas aí que permitem o cara se comunicar, e quem gosta compartilha e fala com o outro, e fala com o outro. E é isso. E assim vai acontecer, e assim vai ficar legal. Quem quiser, quem tiver o interesse de conhecer o artista vai lá e busca, procura. Antigamente era só Gugu Liberato, Faustão. Hoje não. Hoje a pessoa tem mais liberdade pra encontrar artistas que falem com ela.

P – E você acha que existe algum tipo de diagnóstico prescritivo de como os homens negros devem se comportar?

E10 – Difícil hein, cara? Se eu pudesse dar um conselho de como o negro deveria se comportar, é pra se comportar da melhor maneira possível, cara. Pra se comportar como se fosse um príncipe, entendeu? Porque eles não esperam isso da gente. Eles esperam que a gente seja todo doido mesmo, que a gente revide, que a gente agrida, que a gente xingue. E se eu tivesse que dar um conselho, eu diria pro negro se comportar como se fosse um príncipe. Andasse sempre muito bem arrumado, tivesse sempre todo alinhado, não é dentro de padrões de beleza, de estética física não, é andar arrumadinho, estiloso, todo bonitinho ali. Porque eles querem bater na gente, pô. Se a gente der um motivo pra eles baterem na gente, eles vão bater firme. Eles só querem o motivo. Se a gente puder sair dos motivos ali que eles querem bater, legal.

P – E como você acha que tá a discussão sobre racismo, masculinidades negras e feminismo no Brasil?

E10 – Pô, eu acho que tá no caminho certo, cara. Eu acho que tá num caminho muito bom. Porque toda essa galera, a mulher, o negro, o gay, a gente viveu muito oprimido esse tempo todo né, cara? A gente viveu sempre ali disputando... o negro e a mulher não tinham como se esconder, agora o gay tinha como se esconder. Mas agora ele tá aí vendo os artistas, as discussões, tudo que tá acontecendo, e isso fortalece ele a sair de onde colocaram ele. Isso fez com que ele pudesse sair do armário, como diz a galera, e assumir pra família. A família talvez tenha tido mais compreensão... e a mulher também. Tem gente que é contra o termo feminicídio, pô. Eu já tive discussão com mulher, ela falando: “pô, homicídio é homicídio, agressão é agressão”. A pessoa não sabe que aquela mulher ali que foi agredida, que se ela fosse homem, ela não ia ser agredida. O cara não ia ter coragem de bater. A mulher tá apanhando porque é mulher, pô. A mulher tá tomando facada porque é mulher, porque o cara não aceita o fim do relacionamento. “Ah,

homicídio é homicídio”, mas aquilo não ia acontecer se fossem duas pessoas do sexo masculino. E o negro hoje também tá muito mais à vontade, em relação a tudo. Hoje o negro joga um *blackão* pro alto, eu acho isso maravilhoso, acho isso muito legal, cara. Joga um cabelão pro alto e dane-se, sacou? Mete a roupa que bem entender... acho que tá bem legal poder discutir, poder conversar sobre, e as pessoas tão ouvindo mais, né? Eu acho que isso também toma uma proporção maior devido às redes sociais, né? Tanto pro bem quanto pro ruim, porque às vezes tem um racista aqui no Rio e tem um racista lá em Rondônia, aí já são 2, que tão longe, mas tão perto, aí os caras podem se unir pra fazer uma maldade, ofender alguém com um perfil fake... mas tem o lado oposto disso também, que às vezes tem um negão aqui que é militante brabo, que quer que ele é tão bom quanto o outro aqui, e tem outro lá em Rondônia. Aí os caras se unem, fazem uma frente revolucionária e vão aí, educar as pessoas aí. Acho que as redes sociais são importantíssimas com relação a isso aí. Eu acho isso bacana. O que fomenta esse calor todo desse debate, eu acho que é a rede social. Porque esse debate talvez já tenha tido outras vezes. Certamente. Tiveram vários líderes negros aí, Malcolm X, Martin Luther King... mas talvez não tenha tido essa repercussão toda, né? Mas aí tem os dois lados, né, tem o radical, idiota, imbecil lá que acha que é “mimimi”, que o racismo foi há 500 anos e hoje não tem mais, e tem o cara que sofre o racismo até hoje, então isso tem que acontecer. E hoje graças a Deus tem a mídia, tem a internet, a mídia que eu digo é o *streaming* mesmo, é a internet, tá? Porque a mídia não quer saber disso não. A mídia quer é que p circo pegue fogo, quer audiência. Igual a Jovem Pan, colocou um comediante do Rio, o Yuri Marçal, tu viu isso?

P – Vi, vi.

E10 – Pô, o cara tirou muita onda, o Yuri Marçal. Pô, ele jogou demais ali. Ele viu, ele sentiu que a intenção era que a porrada comesse. Só que o Yuri Marçal tirou onda, no meu ponto de vista. A mídia quer isso, quer ibope, né? A internet não tem esse interesse. Hoje tu pode fazer o teu “(nome da conta no Instagram)”, e quem gostar, quem te achar, te curtir, vai lá, e você tem a opção de não seguir também, isso é legal. A pessoa que tá ali é porque quer estar. A não ser os imbecis, desavisados que vão lá só pra te ofender, mas beleza. Eu acho que tudo isso aí, eu acho que é rede social, cara. Eu acho que fomenta isso, que fortalece. Eu acho que é a rede social, e isso é bom. Isso é bom.

P – O que você acha daquele cara que colocaram pra discutir com o Yuri Marçal no programa da Jovem Pan?

E10 – Pô, eu não sei o nome dele não. O que eu sei é que tem uma galera, Isadora, que se a pessoa for só preta e militar a favor do negro, ele vai ser só mais um, né? Mas se o cara tomar esse caminho contrário, ele vai ser o abraço pelo lado opositor, né? É tipo o gay que apoia o nosso presidente de hoje. Se o gay for contra, ele vai ser só mais um. Mas se ele for a favor, ele vai ter um destaque. Ele vai ser oportunista e vai fazer isso. A gente tem um deputado federal de São Paulo que foi o mais votado, um negão que fica ali de papagaio do Bolsonaro. O cara não fala nada, mas ele é o negro que apoia o Bolsonaro. O cara entrou como o deputado federal mais votado de São Paulo. Igual aquela menina que tomou porrada lá no quiosque da Barra, se ela fosse contra o Bolsonaro ia ser só mais uma, mas como ela apoia, ela é a LGBT que não se vitimiza. “Tá vendo? Só vocês reclamam! Ela não reclama”. O gay card, o negro card, é a pessoa que eles usam pra serem aceitos, sacou? E isso é pra tudo, tem o gay, tem o índio, tem um índio também que apoia o Governo Federal. Se você for contra, tu vai ser só mais um. Se você for contra, vai ter destaque. Esse cara pra mim é um oportunista, pô. Ele vende uns cursos online aí, falando da história do negro... eu

acho que deve ser um monte de branco, que quer contar a história... porque não é possível, a pessoa é a favor da escravidão? Acho que não tem uma pessoa que é a favor disso. A pessoa que é a favor do holocausto. Não tem. Mas como a história do negro é contada por branco, os caras contam de forma muito rasa, né? Eu acho que tem 14 ou 15 anos, uma lei que manda as escolas públicas ensinar a história da África. Porque na minha época não tinha. Foi muito raso: “ah, em 1500 chegaram ao Brasil, os negros chegaram, foram escravizados, pra construir, pra trabalhar na lavoura, café, açúcar”, mas foi muito raso. Não disseram que tinha ali o navio negreiro, que matavam os caras, não disseram isso, foi muito raso. O cara pra mim é um aproveitador, pô. É tipo essa galera, essa minoria que fica atrás do presidente aí, um cara que fala que prefere que o filho morra do que ter um filho gay. Pô, imagina um gay que ouve isso? Esse cara que foi escolhido pra ser presidente dos Palmares aí, o cara é totalmente contra, o cara ia ser presidente de uma parada que ele não acredita. Então não precisa ter, pô. Então acaba com a parada. Tem um vídeo do Morgan Freeman que todo novembro ele surge, né? Ele falando... pô, mas o Morgan Freeman nem sabe mais que ele é preto, pô. Onde ele chega, ele é branco. É igual o Ronaldo Fenômeno, Neymar... Tem que ter sim, pô. Tá maluco? Tem que ter um dia da Consciência Negra sim, pra gente refletir tudo que aconteceu. Ele não sabe, pô. Ele não apanha. Ele é rico, pô. Ele tem grana, ele tem fama. Ele nem sabe mais que ele é negro. Por isso que ele pensa dessa maneira. O negro que se opõe ao movimento negro hoje, ele tem mais destaque do que o cara que fala bem do movimento negro, entendeu? É o diferentão. É isso... pra mim é um aproveitador. É um fantoche, é um boneco. É um coitado.

P – Você acha que o feminismo ou o feminismo negro são importantes?

E10 – Eu sou a favor de toda luta, eu sou só contra a quem é contra a luta de alguém. Se o cara tá lutando pela causa dele, pô, mermão, vou respeitar. Eu só sou contra à pessoa que é contra a luta de alguém. Eu vejo dessa maneira. Tem muita gente que é contra a luta dos outros, só porque ela não tem uma, não tem uma causa... pô, eu esqueci a tua pergunta.

P – Se você acha que o feminismo ou o feminismo negro são importantes.

E10 – Ah, sim. São necessários demais, cara. Cara, pra mim, o feminismo era um só, só que eu sentei pra conversar com um amigo meu e ele me falou que o feminismo é um movimento europeu que não tinha muito interesse na mulher negra. E tem que ter, cara. Mulher é uma raça que já sofreu tanto, é um povo que já sofreu tanto... que não votava, que era submissa, não trabalhava, não podia usar uma saia, tem países que a mulher anda de burkha ainda, pra tampar o corpo. Tem países que a mulher é rebaixada a porcária nenhuma, praticamente. Isso longe. Mas aqui perto mesmo, a mulher teve que fazer um carnaval pra poder tomar conta do seu próprio corpo. O Estado querendo se meter em relação ao aborto, é foda né, cara, sempre o Estado querendo tomar conta do corpo de alguém. Querendo ditar as regras em cima de alguém. E hoje a mulher pode falar, a mulher trabalha, tem uma discrepância salarial considerável ainda, mas a mulher tá buscando o seu lugar ao sol. Mas pô, olha quanto tempo de humanidade a gente já tem, né? Pra gente ter essas divisões ainda, pra existir essas coisas tão mesquinhas, tão da Idade Média, né? Era pra ter sido resolvido isso há muito tempo, mas o ser humano não evoluiu, né? Daqui a pouco tem carro voando e tem gente acreditando em bobeira ainda. Tudo evoluindo e o ser humano na mesma, né? Tem ser humano que tá regredindo, né, querendo dar pedrada nos outros aí. Ah, tem que existir, cara, tem que dar força, tem que dar voz. Se tá brabo assim deixando as mulheres à vontade, imagina se as mulheres se calarem? Graças a Deus a mulher hoje tá conseguindo um espaço no mercado de trabalho, a mulher tá conseguindo equiparar o peso do homem. Tem mulher que já tá conseguindo

a sua independência. Coisa que se você for olhar pra trás aí, era praticamente impossível... a mãe solteira ter vida aí, a mãe solteira era a mãe solteira. Era visto como... depreciando a mulher, né? “Não, essa é uma mãe solteira”. “Vai ficar pra tia”. A mulher era criada pra ser dona de casa, mãe, hoje não, hoje a mulher quer chegar, a mulher quer ser igual. Ela é igual, na verdade. E isso tem que acontecer, isso é importantíssimo, Isadora. Eu acho um absurdo a pessoa que é contra isso aí. Acho que isso tem que acontecer, cara. Se a gente quiser chegar em algum lugar, isso tem que acontecer. É isso o que eu acho.

P – E qual é a sua relação com a branquitude?

E10 – Quando você diz branquitude, é o quê? Com as pessoas brancas, ou...?

P – É, com as pessoas brancas, com o conjunto de valores das pessoas brancas, sistema de crenças das pessoas brancas, tudo que representa as pessoas brancas e seus valores.

E10 – A branquitude é... a gente vive dentro dela, né. Quando a gente quer sair de dentro dela, a gente tá sendo rebelde, né? A parte de tudo, né, você é condicionado a se batizar numa igreja católica, sem ter nem opção, né? Aí nêgo te pergunta quando você faz 10 anos: “você fez catequese?”, “não”, “como assim tu não fez?” E isso é a cultura branca, né. Aí chega numa determinada idade da tua juventude que você quer meter uma lente verde, tu quer alisar o cabelo, dentro de tudo aquilo de reflexo que o branco tem na tua vida. Tu quer ouvir música de branco, tu tem a religião do preto como do diabo, tudo que reflete o negro ali é ruim pra caramba, né? O branco já não. O branco não. Você tem que viver a realidade dos caras. Não pode querer sair disso. Tem uma entrevista do Gilberto Gil que ele conta que foi pra Moçambique e se sentiu muito em casa, que ninguém olhava pra ele diferente, que todo mundo era igual a ele. E isso deve ser bom demais né, cara? Tu olhar assim e não sentir um olhar de discriminação, tu passar o teu dia... tu entrar no mercado e tu saber que o segurança não tá te olhando porque tu é preto. A gente vive dentro da condição desses caras, né? A gente vai numa igreja e tem lá o Jesus brancão, né? Com aquela barba dele, Jesus surfista, né? Todos os santos ali, brancos, né? É isso, pô. A gente vive na condição dos caras. E quando tu sai um pouco disso aí, tu é rebelde. “Ih, como é que o fulano tá? Fulano tá meio doido, tá rebelde, falando mal da igreja, botou na internet lá do pastor, do padre, do catolicismo...” Quer dizer, é fogo né, cara? A minha irmã é umbandista e ela é lésbica também, casada com uma mulher. Quer dizer, é mulher, gay, negra, de religião africana. Olha que loucura, cara? E tem resenha que a gente tá assim, que a pessoa solta: “alá, o viado. Ih, alá, acho que aquela mulher é sapatão, hein? Macumbeira, vai pro inferno!”. Só que ela tá do lado ali, e a pessoa que falou, ela tá tão acostumada a falar essas coisas, que não tem nem o cuidado. Mas isso aí é tudo branquitude, isso aí é tudo que é pregado pra gente. Eu acho que ter fé é muito bom, a religião que enfraquece um pouco. Aí vem o fanático, vem o fanatismo. Aí a pessoa acha que só a religião dela que salva, que ela vai pro paraíso, enfim, é bem complicado, cara. O que não é branco, sofre com a branquitude. Porque tu não pode ser você, pô. Na minha época, na minha adolescência, todo mundo tinha que raspar a cabeça ou então meter uma guanidina, queimar a cabeça toda pra ter um cabelo macio, sacou? Eu, por exemplo, eu pegava os cabelos dos meus primos, que eu falei pra tu, a família da minha mãe é toda branca, eu pegava os cabelos dos meus primos assim e botava na minha cabeça, falava que era meu cabelo. Pegava a camisa assim e colocava, falava que era o meu cabelo. Tudo que me colocava como negro, eu queria fugir. Era isso, eu ouvia os meus colegas brancos se dando bem com as garotinhas... eu não tinha essa leitura, saca? Pensava: “pô, tem algum motivo”. Mas a pessoa que não me via como atrativo era porque eu tenho o nariz grande, tenho o cabelo duro, tenho a pele negra, e aquele cara lá é parecido com aquele cara da Malhação, com o

Maurício Mattar na época. Pô, e é isso, né. Tá faltando representatividade. Quando botar um negão ali, que é boa gente, não precisa ser bonitão não, pô. O maluco é referência como um cara que se veste bem, estudioso, nêgo vai se ver, pô. Por isso que eu digo que é legal esse bagulho de internet. Pô, tem muita gente bacana, cara. Tem esse Yuri Marçal, tem o Raymundo que é um professor de história que faz ali o Wakanda Madureira, tem o Ad Junior, tem muita gente que fala assim sobre negritude e que dá aula. Às vezes eu fico assim: “pô, esse cara esclareceu um bagulho pra mim que eu tava na maior dúvida”. Isso é falta de representatividade, quem representa a gente hoje é a branquitude, pô. Entendeu? E é isso.

P – Quais caminhos que você enxerga pra resolver os problemas que a gente tratou nessa conversa?

E10 – Eu acho que é só o livro mesmo, cara. Eu acho que é só educação mesmo. E isso é a longo prazo. Longo, longo, longo prazo. Não existe uma outra forma, a não ser pela educação mesmo. Não existe. Ou então bota uma guerra armada, mas a gente não quer isso. Tem que ser pela educação mesmo, o caminho mais viável é pela educação mesmo. Acho que nem com a guerra armada... vai morrer 10 e vai vir 30 com mais raiva, mais ódio ainda. Os caras têm o dinheiro, vão vir com as armas mais pesadas. Tem que ser então pela educação mesmo. Só pela educação. Pago as minhas paradas e ainda me ferro pra pagar uma educação melhor pra minha filha, porque é a única coisa que eu acredito. A pessoa ter senso crítico. Só através da educação mesmo, porque se a pessoa não tiver educação, qualquer coisa pra ela vai ser justificativa. Quando a gente olhar um pro lado do outro e tiver todo mundo na mesma condição, todo mundo igual, aí muda. De outra forma, não existe.

P – A última pergunta é sobre mim, sobre como você se sentiu sendo entrevistado por uma mulher branca, se você acha que seria diferente, seria melhor ou não se você fosse entrevistado por um homem negro, por exemplo. E se fosse um homem branco, como seria? Você tem alguma recomendação pra mim?

E10 – Se fosse um homem branco eu nem daria essa entrevista. Eu tenho certeza. Eu te via a maior patricinha, mano, eu falei: “pô, essa garota quer me pegar, mané”. Quer me pegar, que eu digo, é me pegar numa falácia minha, quer me contradizer, sei lá. Por isso que eu falei: “pô, manda as perguntas que você quer fazer pra mim”. Pensei: “ela quer me deixar em contradição”. Mas assim, eu achei legal, como eu te disse, eu nem te vi como uma mulher branca não. Eu pensei: “nossa, essa menina é a maior patricinha, cara, olha onde essa menina tá”. Mas foi bom, foi legal, pô. Eu nem te vi como uma mulher branca, mas não sei se é porque a gente tava trocando ideia e você foi mudando a minha concepção, não sei. Mas foi legal, gostei. Acho que se fosse um garoto branco eu nem daria, saca? Porque talvez eu fosse querer ser mais radical com ele, ia até me exceder talvez, dependendo dele, aí eu iria evitar.

P – E se fosse um homem negro, por exemplo? Você acha que seria melhor? Você ficaria mais à vontade?

E10 – Claro, a gente ia rir muito, pô. A gente ia rir demais. Ele ia se ver nas paradas que eu ia contar pra ele, ele ia falar: “pô, é mesmo, aconteceu a mesma coisa comigo”. Sempre quando tem... não sei se tu já viu, na GNT tem o Papo de Segunda, que tem o Porchat, o Emicida, tem o Chico Bosco... aí eles trocam uma ideia e chamam um convidado. Eu não curto muito esse programa porque... eu até gosto, mas não gosto muito, porque é meio Esquenta às avessas. O Esquenta botava um monte de pobre junto com os ricos, né? E aí nesse bota os ricos e o Emicida ali de pobre... era pobre né, ele já foi pobre. Aí teve uma vez que chamaram o Baco, né? Quando botaram os dois no

programa ali, cara, foi o maior barato, eles riam quando, tipo: “ah, quando é que você viu que tava adulto?” Aí um falou que é quando teve que começar a trabalhar, quando a mãe dele cortou a mesada. Aí eles riam, o Baco e o Emicida. Tipo assim, é outra realidade. Aí o cara falou assim: “eu tive que deixar a minha banca”. Aí o Emicida falou assim: “a tua realidade é tão diferente da minha que quando tu falou ‘deixar a minha banca’ eu achei que tu era camelô”. Então, se eu tivesse falando com um cara preto ele ia saber exatamente o que eu tô falando, sacou? Mas foi bom, gostei de ter trocado essa ideia contigo. Foi maneiro. Foi bacana.

P – E você tem alguma recomendação pra mim?

E10 – Baco, BK, Emicida, Djonga, só preto. Chico, Caetano... isso aí tu deve ouvir já. Enfim... não, tô brincando, fora de música, é pra tu seguir, maneiro, pô. Muito bacana, cara. E queria que você falasse mais pelas mulheres, pô. Quando tu tiver oportunidade... não sei se tu fala, acredito até que tu fale sim. Mas quando tu tiver oportunidade de falar no meio dessa tua galera aí, que não deve ser a mesma galera que a minha, tu fala, pô. Mesmo que não seja a tua prioridade. Seja empática: “Pô, não, não é assim não, isso aqui que a gente tá vivendo não é a realidade de muita gente não.” Saca? Eu ainda passei um ano novo bacana, com a minha família, na medida do possível, mas teve gente que se quebrou todo aí pra botar um frango na mesa pra família. E não é todo mundo que consegue fazer as coisas que você faz, talvez as coisas que eu faço... Quando tu tiver a oportunidade de falar, fala, mesmo que não seja a tua realidade. Mas seja empática. Muita gente que sofre pra caraca pra botar um rango na mesa. E mesmo assim não coloca. Tu tá estudando fora, né? Tem gente que quer colocar o filho pra estudar mas a creche tá em greve porque o tráfico não deixou ter aula, a polícia invadiu... entendeu? Você tá tendo uma oportunidade maravilhosa, que talvez muitas crianças não vão ter. Mas quando tu tiver oportunidade de falar tu fala, pô. Fala, fala, fala, fala. Se não, vai passar batido. Onde tu tiver, não vai ter esse assunto. Eles vão achar que a realidade é essa. Mas não é essa. É a tua realidade. Eu sei que é bacana pra caramba tu tá onde tu tá, tu poder trocar a tua ideia, brincar, rir, mas quando tu tiver a oportunidade de expor a galera que não tem, né? Quando tu puder botar o pé da galera no lugar, no chão, tu fala, pô. Tu fala. É isso. É isso, Isadora.

Agradecimentos.